

AS CORREÇÕES

JONATHAN FRANZEN

COMPANHIA DAS LETRAS





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JONATHAN FRANZEN

As correções

Tradução
Sergio Flaksman

2ª edição

Para David Means e Genève Patterson

A LOUCURA de uma frente fria de outono avançando pela pradaria. Dava para sentir: alguma coisa terrível a ponto de acontecer. O sol baixo no céu, um tom de luz menor, uma estrela que esfria. Rajadas e mais rajadas de desordem. Árvores inquietas, temperaturas em queda, toda a religião setentrional das coisas chegando ao fim. Por aqui, nenhuma criança nos quintais. Sombras alongadas sobre a grama japonesa que começava a amarelar. Carvalhos-vermelhos, carvalhos-brancos e carvalhos-do-pântano despejavam suas bolotas sobre casas sem hipoteca. As janelas de proteção contra tempestades estremeciam nos quartos vazios. O zumbido e os soluços da máquina de secar roupas, a alteração nasal do soprador de folhas, as maçãs locais amadurecendo num saco de papel, o cheiro da gasolina com que Alfred Lambert limpava o pincel depois de passar a manhã pintando o sofá de vime.

Três da tarde era uma hora perigosa naqueles subúrbios gerontocráticos de Saint Jude. Alfred despertara na grande poltrona azul em que havia adormecido depois do almoço. Já tinha feito a sua sesta, e o noticiário local só começaria às cinco. Aquelas duas horas vazias eram uma fístula em que fermentam infecções. Pôs-se de pé com esforço, e aproximou-se da mesa de pingue-pongue, tentando em vão escutar onde Enid estaria.

Por toda a casa ressoava o toque de uma campainha de alarme que só Alfred e Enid conseguiam ouvir claramente. Era o alarme da ansiedade. Era como um daqueles imensos discos de ferro fundido percutidos por um malho elétrico que fazem as crianças saírem das escolas nas simulações de incêndio. Àquela altura, já vinha tocando havia tantas horas que os Lambert não ouviam mais a mensagem “sineta tocando” e sim, como com qualquer som que persista o suficiente para nos dar o tempo de perceber de que sons é composto (como com qualquer palavra que fitemos até ela se definir como uma simples seqüência de letras mortas), um malho que feria rapidamente uma superfície metálica ressonante, não um som puro mas uma seqüência granular de percussões cercada de uma aura penetrante de tons secundários; tocando havia tantos dias que já se confundia simplesmente com os demais ruídos de fundo, exceto em certas horas da madrugada, quando um dos dois acordava coberto de suor e percebia que uma campainha vinha tocando em suas cabeças até onde a memória deles alcançava; tocando havia tantos meses que o som já dera lugar a uma espécie de metassom, que aumentava ou diminuía não por efeito de ondas de compressão, mas de acordo com um vaivém muito mais lento do que a *consciência* que tinham daquele som. A qual ficava particularmente aguda quando o próprio clima exibia uma disposição ansiosa. E então Enid e Alfred — ela de joelhos na sala de jantar abrindo gavetas, ele no porão inspecionando a desastrosa mesa de pingue-pongue — sentiam-se os dois a ponto de explodir de ansiedade.

A ansiedade dos cupons de desconto, numa gaveta contendo velas nas cores

outonais da moda. Pilhas de cupons amarradas com elástico, e Enid acabara de perceber que as datas de expiração de sua validade (muitas vezes assinaladas com um círculo vermelho pelo fabricante) já tinham ficado meses e mesmo anos no passado: que aqueles mais de cem cupons, cujo valor total de face ultrapassava sessenta dólares (um potencial de cento e vinte dólares no supermercado de Chittsville, que dobrava o valor dos cupons), estavam todos perdidos. Tilex, sessenta cents de desconto. Excedrin PM, um dólar de desconto. E as datas não eram nem mesmo *próximas*. Eram datas *históricas*. A campanha de alarme vinha tocando havia *anos*.

Enfiou os cupons de volta no meio das velas e fechou a gaveta. Procurava uma carta registrada que chegara alguns dias antes. Alfred ouvira o carteiro batendo na porta e gritara, “Enid! Enid!” tão alto que não conseguira ouvi-la gritar em resposta “Al, já estou atendendo!”. E ele continuou gritando o nome dela, cada vez mais perto de onde ela estava, e uma vez que o remetente da carta era a Axon Corporation, com endereço no 24 East Industrial Serpentine, Schwenksville, Pensilvânia, e uma vez que havia certos aspectos da situação da Axon de que Enid tinha ouvido falar mas esperava que Alfred não, ela escondera depressa a carta em algum lugar que devia ficar a uns cinco metros da porta da frente. Alfred emergira da porta do sótão berrando como um equipamento de escavação, “Tem alguém batendo na porta!”, e ela gritara de volta, “O carteiro! É o carteiro!”, enquanto ele sacudia a cabeça desalentado ante a complexidade daquilo tudo.

Enid tinha certeza de que sua cabeça ficaria mais clara se ela não precisasse perguntar-se, a cada cinco minutos, o que Alfred estaria aprontando. Por mais que tentasse, porém, não conseguia fazê-lo interessar-se pela vida. Quando o incentivara a retomar suas experiências na oficina, ele a fitara como se ela tivesse enlouquecido. Quando ela perguntara se não havia algum trabalho que ele pudesse fazer no quintal da casa, ele respondeu que sentia dores nas pernas. Quando ela lembrara que todos os maridos de suas amigas tinham seus hobbies (Dave Schumpert tinha os vitrais, Kirby Roots suas intrincadas casinhas para pássaros, Chuck Meisner controlava de hora em hora sua carteira de investimentos), Alfred reagira como se ela estivesse tentando desviá-lo de alguma tarefa importante. E o que seria aquela tarefa? Repintar os móveis da varanda? Ele vinha pintando o sofá de vime desde o Dia do Trabalho, no começo de setembro. Ela tinha a impressão de que, na última vez, Alfred só precisara de umas duas horas para a tarefa de refazer a pintura daquele sofá de vime. Agora, ele vinha descendo para a oficina todas as manhãs, e quando ao cabo de um mês ela fez uma incursão para ver como iam as coisas descobriu que ele só tinha conseguido pintar as pernas do sofá.

Ele dava a impressão de estar ansioso para que ela fosse embora. Disse que o pincel tinha secado, que era por isso que o serviço estava demorando tanto. Disse

que lixar a tinta velha do vime era tão difícil como descascar um morango. Disse que era tudo culpa dos grilos. Ela sentiu uma certa falta de fôlego, mas talvez fosse apenas o cheiro de gasolina e a umidade daquela oficina, lembrando o cheiro de urina (mas não podia ser urina). E fugiu para cima, decidida a encontrar a carta da Axon.

Seis dias por semana, quilos de correspondência entravam pela fenda da porta da frente, e já que não se podia deixar que nada de incidental se empilhasse no andar de baixo — já que a ficção de viver naquela casa era a de que ninguém vivia lá —, Enid via-se diante de um considerável desafio tático. Não se imaginava como uma guerrilheira, mas é isto que era, uma guerrilheira. De dia, carregava equipamento e material de um depósito para outro, muitas vezes um passo apenas à frente da autoridade dominante. À noite, à luz de uma arandela elegante mas muito pouco luminosa, sentada a uma mesa pequena demais na copa, desencadeava diversas ações: pagava contas, revisava os canhotos do talão de cheques, tentava decifrar os recibos de pagamento do Medicare e compreender um ameaçador Terceiro Aviso de um laboratório médico exigindo o pagamento imediato de vinte e dois cents ao mesmo tempo em que registrava o transporte de um saldo de US\$ 0,00 em sua conta, indicando assim que ela não devia nada, e ainda por cima sem informar em qual endereço o pagamento poderia ser enviado. Ocorria que o Primeiro e o Segundo Avisos estavam lá embaixo em algum lugar e, devido às limitações que cercavam a batalha de Enid, ela só tinha uma idéia muito vaga de onde esses outros Avisos poderiam estar numa determinada noite. Podia suspeitar, talvez, do armário na sala de estar, mas a autoridade dominante, na pessoa de Alfred, estaria àquela altura assistindo a algum telejornal a um volume que trovejasse o suficiente para mantê-lo acordado, e todas as luzes da sala estariam ligadas, além da possibilidade nada desprezível de que, caso ela abrisse a porta do armário, uma cascata de catálogos, *House Beautifuls* e extratos variados da Merrill Lynch escorreria para fora, suscitando a ira de Alfred. Havia também a possibilidade de que os Avisos não estivessem lá, pois a autoridade dominante também promovia ataques de surpresa a seus depósitos, ameaçando “dar cabo” de tudo aquilo caso ela não tomasse alguma providência, mas ela estava ocupada demais desviando-se daqueles ataques para ter qualquer condição de tomar uma providência, e na sucessão de migrações e deportações a que se via forçada qualquer aparência de ordem se perdia, de maneira que uma sacola de compras aleatória da Nordstrom acampada atrás de um espanador com o cabo semi-arrancado podia conter toda a carga emocional heterogênea de uma vida de refugiado — números esparsos de uma *Good Housekeeping*, instantâneos em preto-e-branco de Enid na década de 1940, receitas amareladas em papel muito ácido que lembrava alface murcha, as contas de telefone e gás do mês em curso, o Primeiro Aviso do laboratório médico, explicando detalhadamente aos clientes que deveriam

ignorar todas as cobranças subseqüentes num montante inferior a cinquenta cents, uma foto de cortesia de Alfred e Enid num navio de cruzeiro usando colares de flores havaianos e tomando alguma bebida contida num coco, e os únicos exemplares existentes das certidões de nascimento de dois de seus filhos, por exemplo.

Embora o inimigo aparente de Enid fosse Alfred, o que a transformava numa guerrilheira era a casa que ocupava a ambos. Sua decoração era do tipo que não tolerava a desordem. Cadeiras e mesas da Ethan Allen. Spode e Waterford no aparador. Os ficus obrigatórios, e mais os obrigatórios pinheiros de Norfolk. Exemplares amarelados de *Architectural Digest* numa mesinha de centro de tampo de vidro. O butim do turista — objetos de esmalte da China, uma caixa de música vienense que Enid por sentido do dever e compaixão volta e meia acionava abrindo a tampa. A melodia era *Strangers in the night*.

Infelizmente, a Enid faltava o temperamento para administrar uma casa como aquela, e a Alfred faltavam as condições neurológicas. Os gritos de raiva de Alfred cada vez que descobria indícios da atividade guerrilheira — uma sacola plástica da Nordstrom surpreendida à luz do dia nas escadas do porão, quase provocando um tropeção — eram os gritos de um governo que não conseguia mais governar. Ultimamente, ele desenvolvera um talento especial para fazer sua calculadora-impressora vomitar colunas e mais colunas de números de oito algarismos sem sentido. Depois de dedicar a melhor parte de toda uma tarde a calcular cinco vezes a contribuição da faxineira à previdência social, chegando a quatro números diferentes e finalmente decidindo aceitar o único número (US\$ 635,78) que conseguira produzir duas vezes (o valor correto era setenta dólares), Enid promoveu um ataque noturno a seu arquivo, subtraindo tudo que dizia respeito ao pagamento de impostos, o que poderia ter melhorado bastante a eficiência doméstica não tivesse o material encontrado alguma forma de ir parar dentro de uma sacola de plástico da Nordstrom onde alguns números antigos da revista *Good Housekeeping* serviam de disfarce e ocultavam os documentos mais relevantes, baixa de guerra que levou a faxineira a preencher ela mesma os formulários, limitando-se Enid a preencher os cheques e Alfred a sacudir a cabeça diante da complexidade daquilo tudo.

É sina da maioria das mesas de pingue-pongue dos porões das casas acabar servindo para outros jogos mais desesperados. Depois de aposentar-se, Alfred apropriou-se da extremidade oriental da mesa para sua correspondência e suas operações bancárias. Na ponta ocidental ficavam a tevê colorida portátil em que pretendia assistir ao noticiário local sentado em sua imensa poltrona azul mas que fora desde então completamente engolida por exemplares de *Good Housekeeping* e as latas sazonais de chocolates e os candelabros barrocos mas de feitura barata que Enid nunca conseguia encontrar tempo para transportar até o brechó onde os deixaria em consignação. A mesa de pingue-pongue era o único

campo em que a guerra civil grassava abertamente. Na extremidade oriental, a calculadora de Alfred via-se emboscada por cachepôs com motivos florais, porta-copos de lembrança do Epcot Center e um instrumento para remover caroços de cereja que Enid possuía havia trinta anos sem nunca ter usado, enquanto ele, por sua vez, na banda ocidental, por nenhuma razão com que Enid jamais pudesse atinar, fizera em pedaços uma grinalda feita de pinhas, avelãs e castanhas-do-pará pintadas com spray.

A leste da mesa de pingue-pongue ficava a oficina que abrigava a oficina metalúrgica de Alfred. A oficina virara a casa de uma colônia de grilos mudos, cor de poeira, que, quando assustados, espalhavam-se por todo o porão como um punhado de bolas de gude caídas no chão, alguns deles falhando em seus pulos em ângulos doidos, outros virando de barriga para cima ao peso de seu próprio e copioso protoplasma. Precisavam de pouco para rebentar, e um único lenço de papel não bastava para a limpeza. Enid e Alfred eram atormentados por muitas atribuições que julgavam extraordinárias, despropositadas — vergonhosas — e os grilos eram uma delas.

Uma espessa camada da poeira cinzenta dos feitiços malignos e das teias de aranha do encantamento cobriam a antiga fornalha de arco voltaico, as jarras contendo o exótico ródio, o sinistro cádmio e o decidido bismuto, os rótulos impressos à mão escurecidos pelo vapor de um frasco de água-régia com rola de vidro, e o caderno quadriculado em que a última anotação com a letra de Alfred datava de muito tempo, quinze anos antes, antes que as traições tivessem começado. Um objeto cotidiano e amigável, um lápis, ainda ocupava o lugar aleatório na bancada onde Alfred o deixara numa outra década; a passagem de tantos anos imbuíra o lápis de uma certa animosidade. Luvas de amianto pendiam de um prego por trás de dois certificados de registro de patentes, com as molduras deformadas e retorcidas pela umidade. Na capa de um microscópio binocular viam-se grandes flocos de tinta descascada do teto. Os únicos objetos livres de poeira naquele aposento eram o sofá de vime, uma lata de zarcão, alguns pincéis, e algumas latas de café Yuban que, apesar dos indícios olfativos cada vez mais fortes, Enid obstinava-se a não acreditar que viessem sendo preenchidos com a urina de seu esposo: que razão ele poderia ter, dispondo de um lavabo completo a uns cinco metros dali, para mijar numa lata de café Yuban?

A oeste da mesa de pingue-pongue ficava a grande poltrona azul de Alfred. Era uma poltrona estofada demais, um tanto presidencial. Era de couro, mas cheirava como o interior de um Lexus. Como alguma coisa moderna, hospitalar e impermeável de que fosse possível remover facilmente o cheiro de morte, com um pano úmido, antes que chegasse a próxima pessoa para sentar-se nela até morrer.

A poltrona era a única compra importante que Alfred fizera sem a aprovação

de Enid. Quando ele viajara para a China a fim de reunir-se com engenheiros ferroviários chineses, Enid tinha ido junto e os dois visitaram uma fábrica de tapetes, dispostos a comprar um tapete para a sala de estar. Estavam desacostumados a gastar dinheiro consigo mesmos, e escolheram um dos mais baratos, com um desenho azul simples do *Livro das mutações* sobre um fundo bege liso. Alguns anos mais tarde, quando Alfred aposentou-se da ferrovia Midland Pacific, resolveu que iria substituir a antiga poltrona de couro que cheirava a vaca onde assistia televisão e tirava suas sestas. Queria alguma coisa muito confortável, é claro, mas ao final de toda uma vida comprando tudo para os outros ele precisava de mais do que apenas conforto: precisava de um monumento às suas necessidades. E assim foi sozinho a uma loja de móveis que não vendia com desconto e escolheu uma poltrona que desse uma idéia de estabilidade. Uma poltrona de engenheiro. Uma poltrona tão grande que mesmo um sujeito grande se perdia nela; uma poltrona projetada para suportar sem abalo as maiores pressões. E como o azul de seu couro combinava vagamente com o azul do tapete chinês, Enid não teve opção senão suportar sua instalação em plena sala de estar.

Pouco depois, porém, as mãos de Alfred já começaram a despejar café descafeinado nas extensões bege do tapete, netos selvagens deixavam frutinhas e lápis de cera para serem pisoteados, e Enid começou a achar que o tapete fora um erro. Ela tinha a impressão de que, ao tentar economizar dinheiro na vida, cometera muitos erros daquele tipo. Chegou a ponto de pensar que teria sido melhor não ter comprado tapete algum do que ter comprado aquele tapete. Finalmente, à medida que as sestas de Alfred iam se aprofundando e aproximando-se de um estado de encantamento, ela tomou coragem. Sua mãe lhe deixara uma pequena herança anos antes. Os juros tinham se somado ao capital principal, certas ações tinham tido um bom desempenho, e agora ela dispunha de uma renda própria. Reconcebeu a sala de estar em verdes e amarelos. Encomendou tecidos. Vieram colar o novo papel de parede, e Alfred, que tirava sua sesta temporariamente na sala de jantar, acordou de um salto sentindo-se vítima de um pesadelo.

“Você vai redecorar *de novo*?”

“O dinheiro é meu”, disse Enid. “E é assim que eu quero gastar.”

“E o dinheiro que *eu* ganhei? E o trabalho que *eu* tive?”

Esse argumento funcionara bem no passado — era, por assim dizer, a base constitucional para a legitimidade da tirania — mas não funcionou dessa vez. “O tapete já está com quase dez anos de idade, e as manchas de café nunca mais vão sair”, respondeu Enid.

Alfred fez um gesto na direção da poltrona azul, que coberta pelo plástico protetor estendido pelos homens que colavam o papel de parede parecia alguma coisa pronta para ser entregue numa usina de força por uma carreta de reboque.

Tremia de incredulidade, incapaz de crer que Enid pudesse ter esquecido aquela refutação esmagadora aos argumentos que usava, aquele impedimento irresistível aos planos que ela tinha feito. Era como se todas as limitações que ele sofrera em suas sete décadas de vida estivessem corporificadas naquela poltrona de seis anos de idade, mas na essência nova em folha. Ele sorria, o rosto iluminado pela terrível perfeição de sua lógica.

“E a poltrona, então?”, perguntou. “*E a poltrona?*”

Enid olhou para a poltrona. Sua expressão era somente de dor, nada mais. “Jamais gostei desta poltrona.”

Aquela era provavelmente a coisa mais terrível que ela poderia dizer a Alfred. A poltrona era o único sinal que ele havia dado de uma visão própria do futuro. As palavras de Enid o deixaram tomado por tamanho sofrimento — sentiu tanta pena da poltrona, tanta solidariedade por ela, tanta dor inesperada diante do fato de ela ser assim traída — que arrancou o plástico que a cobria, mergulhou em seus braços e adormeceu.

(Era um modo de reconhecer os lugares encantados: as pessoas dormem instantaneamente.)

Quando ficou claro que tanto o tapete quanto a poltrona de Alfred estavam condenados, foi fácil livrar-se do tapete. Enid anunciou sua venda no jornal de anúncios gratuitos e em sua rede caiu uma senhora que era um pássaro nervoso, ainda cometia erros e cujas notas de cinquenta emergiam da bolsa num rolo desordenado que ela ia despetalando e alisando com os dedos trêmulos.

Mas e a poltrona? A poltrona era um monumento e um símbolo, e não havia jeito de fazê-la separar-se de Alfred. Só poderia ser deslocada, e foi mandada para o porão, seguida por Alfred. E foi assim que na casa dos Lamberts, como em Saint Jude, como no país como um todo, a vida passou a ser vivida debaixo da terra.

Agora Enid ouvia Alfred no andar de cima, abrindo e fechando gavetas. Ele ficava agitado sempre que iam visitar os filhos. Visitar os filhos era, aparentemente, a única coisa a que ele ainda parecia dar importância.

Nas janelas imaculadamente limpas da sala de jantar havia o caos. O vento enlouquecido, as sombras que a tudo anulam. Enid tinha procurado a carta da Axon Corporation por toda parte, sem encontrar.

Alfred estava no quarto do casal perguntando-se por que as gavetas de sua cômoda estavam abertas, quem as abrira, e se ele próprio as teria aberto. Não tinha como deixar de pôr em Enid a culpa por sua confusão. Porque ela a testemunhava, admitindo assim sua existência. Por existir, ela mesma, como uma pessoa que poderia ter aberto aquelas gavetas.

“Al? O que é que você está fazendo?”

Ele se virou para a porta de onde ela aparecera. Balbuciou uma resposta, “Estou...”, mas quando ele era surpreendido, todas as suas frases viravam

aventuras na floresta; assim que deixava de ver a luz da clareira por onde entrara, percebia que as migalhas que deixara cair tinham sido comidas pelos passarinhos, animaizinhos rápidos hábeis e silenciosos que ele sequer conseguia distinguir na penumbra mas que eram tão numerosos e enxameantes em sua fome que davam a impressão de serem eles próprios a escuridão, como se a escuridão não fosse uniforme, não uma ausência de luz mas uma abundância de componentes; e na verdade, quando, ainda adolescente estudioso, encontrara a palavra “crepuscular” na antologia de poesia de língua inglesa de McKay, os corpúsculos da biologia se combinaram com seu entendimento da palavra de maneira que, em toda a vida adulta, via no lusco-fusco do fim da tarde uma certa corpuscularidade, como a granulação dos filmes de alta velocidade necessária para a fotografia em condições de pouca luz ambiente, como uma espécie de deterioração sinistra; e daí o pânico de um homem traído no fundo da floresta cuja escuridão era a escuridão de estorninhos tapando a luz do sol ou de formigas negras tomando de assalto um gambá morto, uma escuridão que não se limitava a existir mas *consumia* ativamente os marcos que ele tivera o cuidado de dispor a fim de não se perder; mas no mesmo instante em que percebia estar perdido, o tempo sofria uma desaceleração maravilhosa e ele descobria eternidades até então insuspeitas no espaço entre uma palavra e a seguinte, ou melhor, via-se capturado naquele espaço entre as palavras, e tudo que conseguia fazer era ficar ali parado observando enquanto o tempo passava correndo sem ele, a parte infantil e impensada dele correndo às cegas e aos esbarrões pelos bosques até perder-se de vista enquanto ele, o Al adulto, preso na armadilha, ficava olhando num suspense estranhamente impessoal para ver se o menino tomado pelo pânico ainda assim conseguiria, embora não soubesse mais onde estava ou em que ponto entrara na floresta daquela frase, chegar de algum modo até a clareira onde Enid o esperava, sem perceber floresta alguma — “arrumando minha mala”, ele ouviu-se dizer. Soava bem. Lá estava aquela mala diante dele, uma confirmação importante. Ele não traía nada.

Mas Enid tornara a falar. O audiólogo bem que tinha dito que ele tinha uma certa dificuldade. E ele franziu as sobrancelhas para ela, sem ter entendido.

“Hoje é *quinta-feira*”, repetiu ela, mais alto. “E nós só vamos no *sábado*.”

“Sábado!”, ecoou ele.

Foi então que ela ralhou com ele, e por algum tempo os passarinhos crepusculares bateram em retirada, mas do lado de fora o vento soprara até apagar o sol, e estava ficando muito frio.

LÁ VINHAM ELES com pouca firmeza, descendo o longo corredor do aeroporto, Enid tentando não forçar o quadril prejudicado, Alfred empurrando o ar como se suas mãos de juntas frouxas fossem remos e batendo no carpete com os pés mal controlados, os dois carregando bolsas a tiracolo da Nordic Pleasurelines e concentrados no piso à frente, medindo a distância incerta três passos de cada vez. Para qualquer pessoa que os observasse desviando os olhos dos nova-iorquinos de cabelos escuros que passavam por eles às pressas, para qualquer pessoa que visse de relance o chapéu de palha de Alfred equilibrado no alto daquele milho de Iowa na época da colheita, ou a lã amarela das calças que se esticavam por cima do quadril deslocado de Enid, era óbvio que eram americanos do Meio-Oeste e estavam intimidados. Mas para Chip Lambert, que esperava os dois logo depois do ponto de revista da segurança, eram assassinos.

Chip cruzara os braços numa reação defensiva, e ergueu uma das mãos para mexer no rebite de ferro batido que trazia na orelha. Tinha medo de arrancar o rebite do lóbulo — medo de que a dor máxima que os nervos de sua orelha fossem capazes de gerar fosse menor do que ele precisava naquele momento para se estabilizar. De seu posto de observação, ao lado dos detectores de metal, viu uma moça de cabelos azuis ultrapassar seus pais, uma moça de cabelos azuis de idade universitária, uma desconhecida muito desejável com os lábios e os supercílios perfurados. Ocorreu-lhe que, se pudesse fazer sexo com aquela moça por um segundo, seria capaz de enfrentar seus pais com confiança, e que se conseguisse continuar fazendo sexo com ela uma vez por minuto enquanto seus pais estivessem de visita seria capaz de sobreviver a toda a temporada. Chip era um homem alto e modelado pela ginástica, com rugas em torno dos olhos e cabelos ralos cor de manteiga; se a moça tivesse reparado nele, poderia ter achado que era um pouco velho demais para as roupas de couro que usava. Quando ela passou apressada, ele puxou com mais força seu rebite para sentir uma dor maior do que a que lhe causava ela partir para sempre de sua vida e poder concentrar a atenção em seu pai, cujo rosto se iluminou ao descobrir o filho em meio a tantos estranhos. Aos passos hesitantes de um homem que chapinha em água rasa, Alfred caiu em cima de Chip e agarrou sua mão e seu pulso como se fosse uma corda que lhe tivessem atirado. “Muito bem!”, disse ele. “Muito bem!”

Enid chegou logo depois, mancando. “Chip”, gritou, “o que aconteceu com as suas orelhas?”

“Papai, mamãe”, murmurou Chip entredentes, torcendo para que a moça de cabelos azuis estivesse bem fora do alcance de sua voz. “Que bom ver vocês.”

Teve tempo para um pensamento subversivo acerca das sacolas a tiracolo das Nordic Pleasurelines que seus pais traziam no ombro — ou bem as Nordic Pleasurelines enviavam aquelas sacolas para todos que reservavam lugares em seus cruzeiros marítimos como um meio cínico de obter publicidade ambulante a

baixo custo, ou como uma forma prática de identificar os participantes de seus cruzeiros para maior facilidade de manejo em pontos de embarque, ou como um meio benigno de promover um certo espírito de corpo; ou então Enid e Alfred tinham guardado as sacolas de algum cruzeiro anterior das Nordic Pleasurelines e, por um senso de lealdade indevido, decidiram levá-las também em seu próximo cruzeiro; em qualquer dos dois casos, Chip estava pasmo diante da disposição de seus pais para servirem de vetores de publicidade de uma empresa — antes de pendurar as sacolas em seu próprio ombro e aceitar o fardo de olhar o Aeroporto La Guardia, Nova York, sua vida, suas roupas e seu corpo através dos olhos decepcionados de seus pais.

Percebeu, como se fosse a primeira vez, o linóleo sujo, os motoristas com expressão assassina segurando cartazes com os nomes de outras pessoas, a ameaça de fios pendendo de um buraco no teto. Ouviu claramente alguém dizer “filho-da-puta”. Do lado de fora das imensas vidraças, no nível em que as bagagens eram recolhidas, dois nativos de Bangladesh empurravam um táxi enguaiado em meio à chuva e a um furioso buzinação.

“Precisamos chegar ao cais em torno das quatro horas”, disse Enid a Chip. “E acho que o seu pai estava querendo ir conhecer a sua sala no *Wall Street Journal*.” Aumentou a voz. “Al? Al?”

Embora agora tivesse o pescoço curvado, Alfred ainda era uma figura imponente. Seus cabelos eram brancos, espessos e lisos, como os pêlos de um urso- polar, e os músculos fortes e compridos de seus ombros, de que Chip se lembrava trabalhando no espancamento de alguma criança, geralmente o próprio Chip, ainda enchiam as ombreiras de *tweed* cinzento de seu paletó esporte.

“Al, você não disse que queria ir ver onde Chip trabalha?”, gritou Enid.

Alfred balançou a cabeça. “Não vai dar tempo.”

A esteira das bagagens circulava sozinha.

“Você tomou o seu remédio?”, perguntou Enid.

“Tomei”, respondeu Alfred. Fechou os olhos e repetiu devagar. “Tomei o meu remédio. Tomei o meu remédio. Tomei o meu remédio.”

“O doutor Hedgpeth receitou um remédio novo para ele”, explicou Enid a Chip, o qual estava convencido de que o pai na verdade não manifestara qualquer interesse em conhecer seu escritório. E uma vez que Chip não tinha qualquer ligação com o *Wall Street Journal* — a publicação que aceitava suas contribuições não remuneradas era o *Warren Street Journal*, subtítulo *Jornal Mensal de Artes Transgressivas*; também tinha acabado recentemente de escrever um roteiro de cinema, e vinha trabalhando em meio expediente como revisor de textos legais no escritório Bragg, Knuter & Speigh havia quase dois anos desde que perdera o posto de professor assistente de Suportes Textuais no D... College, em Connecticut, devido a um problema envolvendo uma estudante,

problema quase suficiente para dar início a um procedimento legal mas que, muito embora os pais dele jamais tivessem sabido, tinha interrompido o desfile de sucessos de que sua mãe podia se gabar em Saint Jude: ele contara aos pais que tinha abandonado a atividade de professor em favor da carreira de escritor, e quando, em tempos mais recentes, sua mãe o pressionara pedindo mais detalhes, ele mencionara o *Warren Street Journal*, nome que sua mãe escutara mal e imediatamente começara a trombetear para suas amigas Esther Root, Bea Meisner e Mary Beth Schumpert, e embora Chip em seus telefonemas mensais para casa tivesse tido inúmeras oportunidades de corrigi-la, em lugar disso ela fizera o possível para cultivar o mal-entendido; e aqui as coisas ficavam bastante complexas, não só porque o *Wall Street Journal* podia ser adquirido em Saint Jude e sua mãe jamais tivesse feito menção ao fato de ter procurado seus artigos sem encontrá-los (o que significava que parte dela sabia perfeitamente bem que ele não escrevia para aquele jornal), como também porque o autor de artigos como “O Adultério Criativo” e “Saudemos os Motéis Infectos” vinha conspirando para preservar, em sua mãe, justamente o tipo de ilusão que o *Warren Street Journal* se dedicava a demolir, e ele tinha trinta e nove anos, e culpava seus pais pela pessoa em que se transformara — ficou satisfeito quando sua mãe mudou de assunto.

“Os tremores melhoraram muito”, acrescentou Enid numa voz inaudível para Alfred. “O único efeito colateral é que ele *pode* ter alucinações.”

“Efeito colateral e tanto”, disse Chip.

“O doutor Hedgpeth disse que o caso dele é muito brando, e quase totalmente controlável com essa medicação.”

Alfred examinava a caverna de onde saíam as bagagens, enquanto os viajantes pálidos disputavam boas posições em torno da esteira. Havia uma confusão de traçados de pegadas no linóleo, cinzentos devido aos poluentes que a chuva precipitava. A luz era da cor da náusea que se sente em viagens de carro. “Nova York!”, disse Alfred.

Enid franziu o cenho para as calças de Chip. “Não são de *couro*, são?”

“São.”

“E como você faz para lavar?”

“São de couro. São como uma segunda pele.”

“Precisamos chegar ao porto no máximo às quatro”, disse Enid.

A esteira tossiu algumas malas.

“Chip, me ajude aqui”, disse seu pai.

Dali a pouco Chip já oscilava sob a chuva de vento, carregando todas as quatro malas de seus pais. Alfred avançava arrastando os pés, com os movimentos bruscos de um homem consciente de que teria problemas caso decidisse parar e começar de novo. Enid vinha atrás, muito consciente da dor em seu quadril. Ganhara peso e perdera talvez um pouco da altura desde a última vez

em que Chip estivera com ela. Sempre tinha sido uma mulher bonita, mas para Chip era mais uma personalidade do que qualquer outra coisa, mesmo olhando direta e fixamente para ela, não tinha a menor idéia de qual era sua verdadeira aparência.

“O que é isso, ferro batido?”, perguntou-lhe Alfred enquanto a fila dos táxis avançava devagar.

“É”, respondeu Chip, tocando a orelha.

“Parece um antigo rebite de um quarto de polegada.”

“Isso mesmo.”

“E como é que fazem, torneiam? Martelam?”

“É martelado”, respondeu Chip.

Alfred fez uma careta e emitiu um assobio baixo e aspirado.

“Vamos fazer um Cruzeiro de Luxo das Cores do Outono”, disse Enid quando os três já estavam acomodados num táxi amarelo, atravessando o Queens em velocidade. “Subimos até Quebec e depois descemos de volta apreciando a mudança da cor das folhas até o fim. Seu pai gostou tanto do último cruzeiro que nós fizemos. Não foi, Al? Não gostou do cruzeiro?”

As muralhas de tijolo das margens do East River estavam tomando uma surra furiosa da chuva. Chip podia ter desejado um dia de sol, uma visão clara dos panoramas e da água azul, sem nada a esconder. As únicas cores do caminho naquela manhã eram os vermelhos borrados das luzes de freio.

“Esta é uma das maiores cidades do mundo”, disse Alfred sem emoção.

“E como é que você está se sentindo ultimamente, papai?”, Chip conseguiu perguntar.

“Melhor que isso estaria no céu, pior, estaria no inferno.”

“Ficamos animados com o seu novo emprego”, disse Enid.

“Um dos maiores jornais do país”, disse Alfred. “*O Wall Street Journal*.”

“Alguém mais está sentindo cheiro de peixe?”

“Estamos perto do mar”, disse Chip.

“Não, é você.” Enid inclinou-se para a frente e mergulhou o rosto na manga de couro de Chip. “O seu casaco está com um cheiro *bem forte* de peixe.”

Ele desvencilhou-se dela. “Mamãe, por favor.”

O problema de Chip era uma certa perda de confiança. Lá se iam os dias em que podia dar-se ao luxo de *épater les bourgeois*. Além de seu apartamento em Manhattan e de sua bela namorada, Julia Vrais, não tinha quase mais nada para se convencer de que era um adulto funcional do sexo masculino, nenhum feito que pudesse comparar com os de seu irmão Gary, banqueiro e pai de três filhos, ou de sua irmã Denise, que aos trinta e dois anos era a chef de cozinha de um novo restaurante de luxo na Filadélfia. Chip esperava já ter vendido seu roteiro, mas só conseguira terminar a primeira versão depois da meia-noite de terça-feira, além do que precisara trabalhar por três turnos de catorze horas no

escritório Bragg, Knuter & Speigh a fim de levantar dinheiro para pagar o aluguel de agosto e tranquilizar o proprietário de seu apartamento (Chip era sublocatário) quanto aos de setembro e outubro, e depois precisara fazer as compras do almoço e limpar o apartamento e, finalmente, em algum momento antes do amanhecer de hoje, tinha engolido um Alprazolam há muito entesourado. Enquanto isso, quase uma semana se passara sem que ele visse Julia ou falasse com ela diretamente. Em resposta às muitas mensagens nervosas que ele deixara em sua caixa postal nas últimas quarenta e oito horas, pedindo-lhe que se encontrasse com ele, os pais e Denise em seu apartamento ao meio-dia de sábado e também, por favor, se possível, para não contar aos pais dele que era casada com outra pessoa, Julia guardara um silêncio total tanto telefônico quanto eletrônico, do qual até mesmo um homem mais estável do que Chip poderia ter extraído conclusões perturbadoras.

Chovia tanto em Manhattan que a água escorria pelas fachadas e espumava nas bocas dos bueiros. Do lado de fora de seu prédio, do lado leste da rua Nove, Chip pegou o dinheiro da mão de Enid e o entregou, através da abertura na divisória do táxi, e no mesmo momento em que o motorista de turbante agradeceu ele percebeu que a gorjeta estava pequena demais. De sua própria carteira, tirou duas notas de um dólar e as exibiu perto do ombro do motorista.

“Já chega, já chega”, guinchou Enid, agarrando o pulso de Chip. “Ele já disse obrigado.”

Mas o dinheiro já tinha ido embora. Alfred tentava abrir a porta girando a manivela do vidro. “Aqui, papai, é esta outra”, disse Chip e inclinou-se por cima do pai para abrir a porta.

“Que gorjeta foi essa?”, Enid perguntou a Chip na calçada, debaixo da marquise de seu prédio, enquanto o motorista tirava a bagagem do porta-malas.

“Mais ou menos quinze por cento”, respondeu Chip.

“Mais para vinte, pelo que eu vi”, retrucou Enid.

“Então vamos brigar por causa disso, que ótimo.”

“Vinte por cento é demais, Chip”, sentenciou Alfred com voz trovejante. “Além do razoável.”

“Um bom dia para todos”, disse o motorista do táxi, sem ironia aparente.

“A gorjeta é dada pelo serviço e pelo comportamento”, disse Enid. “Se o serviço e o comportamento forem especialmente bons, eu posso até dar quinze por cento. Mas se você começar a calcular *automaticamente* as gorjetas em...”

“A depressão marcou toda a minha vida”, disse Alfred, ou deu a impressão de dizer.

“O quê?”, perguntou Chip.

“Os anos da depressão marcaram a minha vida. Mudaram o significado de cada dólar.”

“Estamos falando da depressão econômica.”

“Então, quando o serviço for especialmente bom ou especialmente ruim”, prosseguiu Enid, “você não vai ter como manifestar monetariamente essa diferença.”

“Um dólar ainda é muito dinheiro”, disse Alfred.

“Quinze por cento se o serviço for excepcional, excepcional mesmo.”

“Não sei por que estamos tendo esta conversa”, disse Chip à sua mãe. “Por que esta e não qualquer outra conversa.”

“Estamos os dois muito ansiosos”, respondeu Enid, “para ver onde você trabalha.”

O porteiro de Chip, Zoroaster, apareceu correndo para ajudar com as malas, e instalou os Lambert no caprichoso elevador do prédio. E Enid disse, “Encontrei o seu velho amigo Dean Driblett no banco dia desses. Nunca me encontrei com Dean sem que ele me perguntasse sobre você. Ele ficou impressionado com o seu novo emprego.”

“Dean Driblett era meu colega de turma, e não meu amigo”, disse Chip.

“Ele e a mulher acabam de ter o quarto filho. Eu já contei, não foi, que eles construíram uma casa *enorme* em Paradise Valley. Al, não eram oito quartos?”

Alfred a encarou, sem piscar. Chip apertou o botão de fechar a porta.

“Papai e eu fomos à inauguração da casa em junho”, continuou Enid. “Foi espetacular. Contratarem um bufê e serviram verdadeiras *pirâmides* de camarão. Só camarões, formando pirâmides. Nunca tinha visto coisa igual.”

“Pirâmides de camarão”, disse Chip. A porta do elevador finalmente se fechara.

“De qualquer maneira, a casa é linda”, disse Enid. “São pelo menos seis quartos, e pelo jeito parece que vão encher todos. Dean é muito bem-sucedido. Começou aquela firma de jardinagem quando achou que o negócio das funerárias não convinha a ele, você sabe, Dale Driblett é o padastro dele, da Capela Driblett, e agora espalhou cartazes pela cidade toda e criou um desses planos de saúde complementares. Eu vi no jornal que é o plano que cresce mais depressa em Saint Jude, chama-se DeeDeeCare, o mesmo nome da firma de jardinagem, e agora espalhou cartazes também do plano de saúde. Ele é muito empreendedor.”

“Que elevador mais le-e-e-e-ento”, disse Alfred.

“É um edifício de antes da guerra”, explicou Chip numa voz tensa. “Um edifício muito disputado.”

“E sabe o que ele vai fazer no aniversário da mãe? Ela ainda não sabe de nada, mas eu vou contar. Vai levar a mãe para passar oito dias em Paris. Passagens de primeira classe, oito noites no Ritz. Dean é esse tipo de pessoa, muito voltado para a família. Você acredita num presente de aniversário desses? Al, você não disse que a casa deve ter custado um milhão de dólares? Al?”

“A casa é grande mas a construção é barata”, disse Alfred com um súbito

vigor. “As paredes parecem de papel.”

“Todas as casas novas são assim”, disse Enid.

“As pessoas ficam muito impressionadas com essas coisas”, disse Alfred. “Passam meses falando das pirâmides de camarão. Como você pode ver”, disse ele a Chip, como se este fosse um espectador neutro. “Sua mãe ainda está falando delas.”

Por um instante, Chip teve a impressão de que seu pai se transformara num velho desconhecido de quem poderia gostar; mas ele sabia que Alfred, no fundo, gostava de gritar e castigar. Da última vez que Chip visitara seus pais em Saint Jude, quatro anos antes, levava com ele sua então namorada Ruthie, uma jovem marxista oxigenada do norte da Inglaterra, a qual, depois de cometer uma infinidade de ofensas contra a sensibilidade de Enid (acendeu um cigarro dentro de casa, riu alto de uma das aquarelas favoritas de Enid representando o Palácio de Buckingham, desceu para jantar sem sutiã e deixou de experimentar a “salada” de castanhas e ervilhas com cubos de queijo *cheddar* num molho grosso à base de maionese que Enid sempre preparava em ocasiões festivas), tinha alfinetado e provocado Alfred até ele declarar que “os pretos” acabariam sendo a ruína deste país, que “os pretos” eram incapazes de coexistir com os brancos, que queriam que o governo tomasse conta deles, que não sabiam o que era trabalho pesado, que o que faltava a eles era acima de tudo *disciplina*, que aquilo ia acabar em massacres nas ruas, *massacres nas ruas*, e que pouco lhe importava o que Ruthie pensasse dele, ela era visita na casa *dele* e no país *dele*, e não tinha direito de criticar coisas que não entendia; ao que Chip, que já tinha avisado a Ruthie que os pais dele eram as pessoas mais caretas dos Estados Unidos, sorria para ela como se dissesse, *Está vendo? Exatamente como eu disse*. Quando Ruthie o deixou, três semanas mais tarde, comentou que ele era mais parecido com o pai do que ele pensava.

“Al”, disse Enid quando o elevador deu um tranco e parou, “você tem de admitir que a festa estava muito boa, e que foi *muito* gentileza de Dean convidar a nós dois.”

Alfred não deu sinal de ter ouvido o que ela dissera.

Encostado do lado de fora da porta do apartamento de Chip havia um guarda-chuva de plástico transparente que Chip reconheceu, com alívio, pertencer a Julia Vrais. Estava tocando a bagagem dos pais para fora do elevador quando a porta de seu apartamento se abriu e Julia em pessoa saiu para o corredor. “Oh, oh!”, disse ela, como que surpresa. “Chegaram cedo!”

Pelo relógio de Chip eram 11h35. Julia usava uma capa de chuva larga de cor lavanda e tinha nas mãos uma sacola de pano da DreamWorks. Seus cabelos, que eram compridos e da cor de chocolate amargo, estavam ainda mais longos devido à umidade e à chuva. No tom de alguém preocupado em demonstrar uma disposição amistosa para com animais de porte grande, disse “Olá” para Alfred e

“Olá”, em separado, para Enid. Alfred e Enid ladraram seus nomes e lhe estenderam as mãos com força, impelindo-a de volta ao apartamento, onde Enid começou a alvejá-la com perguntas nas quais Chip, seguindo o grupo com a bagagem, era capaz de perceber subtextos e segundas intenções.

“Você mora na cidade?”, perguntou Enid. (*Não está coabitando com meu filho, ou está?*) “E também trabalha na cidade?” (*Têm um emprego assalariado? Não é de alguma família estranha, esnobe e endinheirada do Leste?*) “Cresceu aqui mesmo?” (*Ou vem de algum estado do outro lado dos Apalaches, onde as pessoas têm um coração generoso, os pés no chão e muito pouca probabilidade de serem judias?*) “Ah, e a sua família ainda mora em Ohio?” (*Será que os seus pais por acaso deram este passo dubio e moderno de se divorciarem?*) “Tem irmãos e irmãs?” (*É filha única mimada ou será católica, com milhões de irmãos?*)

Tendo aprovado Julia neste exame inicial, Enid voltou sua atenção para o apartamento. Chip, numa tardia crise de insegurança, tentara deixá-lo apresentável. Comprara um kit para remover manchas e tinha conseguido eliminar a imensa mancha de sêmen da *chaise longue* vermelha, tinha desmanchado a muralha de rolhas de vinho com que vinha revestindo a parede acima de sua lareira ao ritmo de meia dúzia de merlots e pinots grígiros por semana, tirara da parede do banheiro as fotografias ampliadas da genitália feminina e masculina que eram a flor de sua coleção de obras de arte e as substituíra pelos três diplomas que Enid há muito insistira em mandar emoldurar para ele.

No início da manhã, sentindo que talvez estivesse abrindo mão de uma parte importante demais de sua identidade, reajustara sua apresentação escolhendo roupas de couro para usar no aeroporto.

“Esta sala é mais ou menos do tamanho do banheiro de Dean Driblett”, disse Enid. “Não é mais ou menos isso, Al?”

Alfred girou as mãos trêmulas e examinou as costas delas.

“Nunca vi um banheiro tão grande.”

“Enid, você não tem nenhum tato”, disse Alfred.

Pode ter ocorrido a Chip que esta frase também era desprovida de tato, pois trazia implícito que seu pai concordava com a crítica que a mãe fizera do apartamento, objetando apenas à sua manifestação. Mas Chip sentia-se incapaz de concentrar-se em qualquer coisa além do secador de cabelo que saía da sacola de pano de Julia. Era o secador de cabelo que ela guardava no banheiro dele. Na verdade, ela dava a impressão de estar deixando o apartamento.

“Dean e Trish têm uma banheira de hidromassagem, e um boxe e uma banheira comum, cada um no seu lugar”, continuou Enid. “E pias duplas na bancada.”

“Chip, me desculpe”, disse Julia.

Ele ergueu uma das mãos para deixá-la em modo de espera. “Vamos almoçar aqui assim que Denise chegar”, anunciou para seus pais. “Um almoço bem simples. Fiquem à vontade.”

“Foi um prazer conhecer os dois”, disse Julia a Enid e Alfred. E para Chip, numa voz muito baixa, disse: “Denise já vai chegar. Vai dar tudo certo”.

Abriu a porta.

“Mamãe, papai”, disse Chip, “só um minutinho.”

Saiu do apartamento atrás de Julia e deixou a porta bater atrás de si.

“Que escolha de hora mais infeliz”, disse ele. “Muito infeliz, muito mesmo.”

Julia sacudiu a cabeça para afastar o cabelo das têmporas. “Estou achando bom porque é a primeira vez na minha vida em que eu estou agindo numa relação pensando só em mim mesma.”

“Que beleza. Grande passo.” Chip esforçou-se para sorrir. “Mas e o roteiro? Eden está lendo?”

“Acho que vai ler no fim de semana, quando tiver um tempinho.”

“E você?”

“Eu li...”, Julia desviou os olhos. “Quase tudo.”

“Minha idéia”, disse Chip, “era inventar essa espécie de ‘calombo’ que o espectador precisa ultrapassar. Botar uma coisa desconcertante no início, a estratégia modernista clássica. E o suspense fica intenso perto do final.”

Julia virou-se para o elevador e não respondeu.

“Você *chegou* até o fim?”, perguntou Chip.

“Ah, Chip”, explodiu ela, infeliz, “o seu roteiro começa com uma conferência de seis páginas sobre a angústia do falo no teatro Tudor!”

Ele sabia. De fato, já havia várias semanas, vinha acordando quase toda noite antes do amanhecer, com o estômago agitado e os dentes cerrados com força, engalfinhado a uma convicção agourenta de que um longo monólogo acadêmico sobre o teatro Tudor não tinha cabimento no primeiro ato de um roteiro comercial. Muitas vezes precisava de horas — o tempo de sair da cama, andar de um lado para o outro, tomar um pouco de merlot ou pinot grigio — para readquirir sua convicção de que um monólogo de abertura de fundo teórico não só não era um erro como era o atrativo comercial mais forte do roteiro; e agora, com um simples olhar na direção de Julia, percebeu que estava errado.

Com um movimento de cabeça aquiesceu com a crítica que ela fizera, abriu a porta do apartamento e disse alto aos pais, “Um minuto só, mamãe, papai. Só um minuto”. Mas quando tornou a fechar a porta, os velhos argumentos voltaram a lhe ocorrer. “Mas você não está vendo”, disse ele, “que toda a história se prefigura naquele monólogo. Todos os temas aparecem ali numa forma encapsulada — as diferenças entre os sexos, o poder, a identidade, a autenticidade — e o que acontece justamente... Espere. Espere. Julia?”

De cabeça baixa como uma ovelha, como se até então esperasse que de

algum modo ele não percebesse que estava partindo, Julia desviou a atenção do elevador e voltou-se para ele.

“O que acontece”, disse ele, “é que a moça está sentada na primeira fila da sala de aula *escutando* a conferência. É uma imagem crucial. O fato de que *ele* está controlando o discurso...”

“E também é meio esquisito”, disse Julia, “a maneira como você não pára de falar dos seios dela.”

Também era verdade. Mas o fato de que era verdade parecia injusto e cruel a Chip, que jamais teria tido a coragem de sequer começar a escrever o roteiro sem o estímulo de imaginar os seios da jovem estrela do filme. “Acho que você tem razão”, disse ele. “Mas uma parte dessa ênfase no físico é intencional. Porque é aí que está a ironia, ela sentir-se atraída pelo intelecto dele e ele pelos...”

“Mas para uma mulher”, insistiu Julia obstinada, “parece a seção de carne de frango. Peito, peito, peito, coxa, coxa.”

“Posso tirar parte dessas referências”, disse Chip em voz baixa. “E também posso encurtar a conferência da abertura. Mas de qualquer modo, eu queria que o filme tivesse um ‘calombo’...”

“Entendi, para o espectador ter de ultrapassar. A idéia é boa.”

“Por favor, fique para almoçar. Por favor. Julia?”

A porta do elevador estava aberta.

“O que eu estou dizendo é que de alguma forma ofende as pessoas.”

“Mas não é você. Não é nem baseado em você.”

“Ah, então melhorou. São os peitos de outra mulher.”

“Meu Deus. Por favor. Um minuto.” Chip virou-se e abriu a porta do apartamento, e dessa vez tomou um susto ao ver-se face a face com seu pai. As mãos de Alfred tremiam violentamente.

“Papai, oi, só mais um minutinho.”

“Chip”, disse Alfred, “peça a ela para ficar! Diga a ela que queremos que ela fique!”

Chip assentiu com a cabeça e bateu a porta na cara do velho; mas nos poucos segundos em que estivera de costas o elevador tinha engolido Julia. Esmurrou o botão, mas sem qualquer efeito, depois abriu a porta de incêndio e desceu correndo a espiral das escadas de serviço. *Ao cabo de uma série de conferências fulgurantes celebrando a busca incessante do prazer como estratégia para subverter a burocracia do racionalismo, BILL QUAINTECE, atraente jovem professor de Suportes Textuais, é seduzido por sua linda e apaixonada aluna MONA. A ligação entre eles, marcada por um intenso erotismo, mal tinha começado quando são surpreendidos pela ex-mulher de Bill, HILLAIRES. Num tenso confronto em que se materializa o choque entre as visões Terapêutica e Transgressiva do mundo, Bill e Hillaire lutam pela alma da jovem Mona, estendida*

nua entre os dois em lençóis amarranhados. Hillaire consegue seduzir Mona com sua retórica cripto-repressiva, e Mona denuncia Bill publicamente. Bill perde o emprego, mas logo encontra arquivos de e-mail provando que Hillaire tinha pago a Mona para esta arruinar sua carreira. Quando Bill sai em seu carro para ir ver o advogado, levando um disquete contendo as provas, seu carro sai da estrada e cai no impetuoso rio D... e o disquete sai flutuando do carro, que afunda e é arrastado pela correnteza sem fim e indomável até um mar aberto voraz, erótico/caótico. O acidente é interpretado como suicídio, e nas cenas finais do filme Hillaire é contratada para substituir Bill como professora e é vista proferindo uma conferência sobre os males do prazer sem amarras numa sala de aula em que aparece sentada sua diabólica amante lésbica Mona. Este era o sumário de uma página que Chip tinha conseguido compor com a ajuda de vários manuais de roteiro e que tinha mandado por fax, numa certa manhã de inverno, a uma produtora cinematográfica de Nova York chamada Eden Procuero. Cinco minutos mais tarde tinha atendido o telefone e ouvira a voz elegante e neutra de uma jovem dizendo, “Um minuto, por favor, Eden Procuero vai falar”, seguida pela própria Eden Procuero, aos gritos, “Adorei, adorei, adorei, adorei, *adorei!*”. Mas um ano e meio já tinha se passado. O resumo tinha se transformado num roteiro de 124 páginas chamado “A Púrpura da Academia”, e Julia Vrais, a dona daquela voz elegante e neutra de assistente, com seus cabelos cor de chocolate, estava indo embora, e enquanto ele descia as escadas às pressas para interceptá-la, apoiando seus pés de lado para descer três ou quatro degraus de uma vez só, agarrando o balaústre em cada patamar e mudando sua trajetória com um tranco, só conseguia ver ou pensar numa entrada incriminatória em seu índice mental quase fotográfico daquelas 124 páginas:

- 3: lábios cheios, **seios** altos e redondos, quadris estreitos e
- 3: O suéter de cashmere que destaca o contorno dos seus **seios**
- 4: para a frente, os perfeitos **seios** adolescentes dela ansiosos
- 8: (olhando para os **seios** dela)
- 9: (olhando para os **seios** dela)
- 9: (os olhos inapelavelmente atraídos por seus **seios** perfeitos)
- 11: (olhando para os **seios** dela)
- 12: (acariciando mentalmente seus **seios** perfeitos)
- 13: (olhando para os **seios** dela)
- 15: (olhando e olhando para seus perfeitos **seios** adolescentes)
- 23: abraço, seus **seios** perfeitos colando-se no peito dele
- 24: a repressão do sutiã para desatar seus **seios** subversivos.)
- 28: com a língua rosada um **seios** brilhante de suor.)
- 29: o mamilo falicamente ereto de seus **seios** molhados de suor
- 29: eu gosto dos seus **seios**.
- 30: adoro os seus **seios** pesados e com gosto de mel.

33: (os **seios** de HILLAIRE, como duas balas da Gestapo, podem ser
36: olhar farpado como que para perfurar e esvaziar seus **seios**
44: **seios** arcádicos com um simples tecido puritano de algodão e
45: encolhida, com vergonha, a toalha cobrindo seus **seios**.)
76: seus **seios** sem subterfúgios agora cobertos por um militarista
83: sinto falta de seu corpo, de seus **seios** perfeitos. E eu
117: faróis afogados sumindo como dois **seios** brancos e leitosos

E devia haver ainda mais! Mais do que conseguia lembrar. E os dois únicos leitores que contavam agora eram mulheres! Parecia a Chip que Julia estava indo embora porque “A Púrpura da Academia” tinha um excesso de referências a seios e um início arrastado, e que se ele pudesse corrigir esses problemas óbvios, tanto no exemplar de Julia quanto, o que era bem mais importante, no exemplar que ele imprimira a laser em papel especial marmorizado de 180 gramas para Eden Procuero, ainda havia esperança não só para suas finanças como também para suas chances de tornar a libertar e acariciar os seios sem malícia, brancos e leitosos da própria Julia. Atividade que, àquela altura do dia, assim como no fim da manhã de quase todos os dias nos últimos meses, era uma das últimas em que ainda podia esperar encontrar algum alívio para seus fracassos.

Chegando ao saguão no fim das escadas, encontrou o elevador esperando um novo passageiro para atormentar. Pela porta aberta que dava para a rua, conseguiu ver um táxi apagar a luz do teto e se afastar. Zoroaster estava enxugando a água que respingara no mármore quadriculado do saguão. “Até logo, senhor Chip!”, brincou ele, decerto não pela primeira vez, quando Chip saiu correndo do prédio.

As gotas grossas de chuva caindo na calçada levantavam uma névoa fria de pura umidade. Através da cortina de contas da chuva caindo da marquise, Chip viu o táxi de Julia frear no sinal amarelo. Bem do outro lado da rua, outro táxi tinha parado para desembarcar um passageiro, e ocorreu a Chip que ele poderia tomar este outro táxi e pedir ao motorista que seguisse Julia. A idéia era tentadora, mas havia dificuldades.

Uma delas é que, seguindo Julia, ele estaria teoricamente cometendo a pior das ofensas pela qual, no passado, o conselho do D... College, numa carta exaltada e moralista de advogado, tinha ameaçado processá-lo ou abrir denúncia contra ele. Entre as ofensas apontadas incluíam-se fraude, quebra de contrato, seqüestro, assédio sexual, servir bebida alcoólica a estudante de menor idade, e posse e venda de substância controlada; mas era a acusação de *perseguição* — de dar telefonemas “obscenos”, “ameaçadores” e “abusivos” e de invadir propriedade com a intenção de violar a privacidade de uma jovem — que tinha deixado Chip realmente assustado, e ainda o assustava.

Uma dificuldade mais imediata era de que só tinha quatro dólares na carteira, menos de dez dólares em sua conta bancária, nenhum crédito digno de menção em qualquer de seus cartões e nenhuma perspectiva de novos trabalhos de revisão de texto antes da tarde de segunda-feira. Considerando que, na última vez que vira Julia, seis dias antes, ela se queixara especificamente de que ele “sempre” queria ficar em casa e comer massas e “sempre” beijá-la e fazer sexo (ela disse que tinha a impressão de que ele usava o sexo como uma espécie de remédio, e que talvez a única razão para ele não automedicar-se de vez com crackou heroína era que o sexo não custava nada e ele estava ficando muito sovina; e que, agora que ela mesma vinha tomando remédios de verdade, às vezes sentia que estava tomando pelos dois, e isso lhe parecia duplamente injusto, pois era ela quem pagava pelo remédio e o remédio a deixava um pouco menos interessada em sexo do que antes; e disse ainda, se dependesse de Chip, talvez eles nunca mais fossem ao cinema, passando o fim de semana inteiro a rolar na cama com as cortinas fechadas e comendo pratos de massas requentados), ele suspeitava que o preço mínimo para uma retomada das conversas com ela seria um almoço excessivamente caro de legumes de outono assados no forno a lenha e uma garrafa de Sancerre, que ele não tinha meios concebíveis de pagar.

De maneira que ficou parado, sem fazer nada, enquanto o sinal abria e o táxi de Julia se afastava até desaparecer. A chuva fustigava o asfalto com gotas leitosas que pareciam infeccionadas. Do outro lado da rua, uma mulher de pernas compridas usando jeans apertados e esplêndidas botas pretas tinha descido de outro táxi.

O fato de aquela mulher ser a irmã mais nova de Chip, Denise — isto é, a única jovem mulher atraente do planeta que ele não tinha a permissão nem o desejo de despir com os olhos e tampouco com quem podia imaginar-se fazendo sexo — pareceu-lhe apenas a mais recente das injustiças numa longa manhã de injustiças.

Denise trazia um guarda-chuva preto, um buquê de flores e uma caixa de doces amarrada com barbante. Evitando as poças e as corredeiras da calçada, encontrou-se com Chip debaixo da marquise.

“Escute aqui”, disse-lhe Chip com um sorriso nervoso, sem olhar para ela, “preciso te pedir um grande favor. Queria que você segurasse as pontas aqui para mim enquanto eu vou procurar Eden e pegar meu roteiro de volta. Preciso fazer umas correções importantes e bem rápidas.”

Como se ele fosse um carregador de tacos de golfe ou um empregado, Denise entregou-lhe o guarda-chuva e espanou a água e a lama da batinha dos seus jeans. Denise tinha os cabelos escuros e a pele clara da mãe, e o ar intimidador de autoridade moral do pai. Tinha sido ela quem instruíra Chip a convidar os pais para ficarem hoje em Nova York para o almoço. Tinha usado o tom do Banco Mundial ditando termos para um país devedor da América Latina,

porque, infelizmente, Chip lhe devia dinheiro. Devia a soma de dez mil dólares, com mais cinco mil e quinhentos, e quatro mil, e mais mil.

“É o seguinte”, explicou ele. “Eden quer ler o roteiro hoje à tarde, e do ponto de vista financeiro, é claro, é fundamental que eu...”

“Agora você não pode ir”, disse Denise.

“É só uma hora”, disse Chip. “No máximo uma hora e meia.”

“Julia está aqui?”

“Não, foi embora. Só cumprimentou todo mundo e foi embora.”

“Vocês terminaram?”

“Não sei. Ela está tomando esses remédios, e eu não confio...”

“Um minuto. Um minuto. Você está querendo ir à casa de Eden ou correr atrás de Julia?”

Chip mexeu no rebite enfiado em sua orelha esquerda. “Noventa por cento ir à casa de Eden.”

“Ah, Chip.”

“Não, escute aqui”, disse ele, “ela agora está usando a palavra ‘saúde’ como se tivesse um significado absoluto, atemporal!”

“Julia?”

“Toma essas pílulas por três meses, fica incrivelmente obtusa por causa delas, e aí passa a achar que a obtusidade é que é a saúde mental! É como se a cegueira se definisse como visão. ‘Agora que fiquei cego, estou vendo que não há nada para ver.’”

Denise suspirou e virou seu buquê de flores para baixo. “O que você está dizendo? Quer ir atrás dela e tirar os remédios que ela está tomando?”

“O que estou dizendo é que toda a estrutura da cultura é equivocada”, disse Chip. “Estou dizendo que a burocracia se arrogou o direito de definir que certos estados mentais são ‘doentes’. A falta de vontade de gastar dinheiro se transforma no sintoma de uma doença que exige remédios caros. Remédios que destroem a libido, ou em outras palavras destroem o apetite pelo único prazer da vida que é gratuito, o que significa que a pessoa precisa gastar *mais dinheiro ainda* em prazeres compensatórios. A própria definição de ‘saúde’ mental é a capacidade de participar da economia de consumo. Quando você compra a idéia da terapia, compra a idéia de comprar. E o que eu estou dizendo é que eu, pelo meu lado, neste momento, estou perdendo a batalha contra uma modernidade comercializada, medicalizada e totalitária.”

Denise fechou um olho e abriu muito o outro. Seu olho aberto parecia uma poça de aceto balsâmico quase negro formando uma gota sobre um fundo de porcelana branca. “Se eu admitir que essas questões são interessantes”, perguntou ela, “você pára de falar nelas e sobe para o apartamento comigo?”

Chip sacudiu a cabeça. “Tem salmão cozido na geladeira. Creme de leite com azedinhas. Salada com vagem e avelãs. E mais vinho, uma *baguette* e

manteiga. Manteiga fresca, de Vermont.”

“Já lhe ocorreu que papai está doente?”

“Só vai levar uma horinha. Uma hora e meia no máximo.”

“Eu perguntei se já lhe ocorreu que papai está doente?”

Chip teve uma visão do pai, trêmulo e suplicante na porta. Para bloqueá-la, tentou invocar uma imagem de sexo com Julie, com a desconhecida do cabelo azul, com Ruthie, com qualquer pessoa, mas só conseguiu visualizar uma horda vingativa de seios sem corpo, semelhante às Fúrias.

“Quanto mais depressa eu for para a casa de Eden e fizer as minhas correções”, disse ele, “mais depressa eu volto. Se você quiser me ajudar de verdade.”

Um táxi disponível vinha descendo a rua. Ele cometeu o erro de olhar para o carro, e foi mal interpretado por Denise.

“Não posso lhe dar mais dinheiro”, disse ela.

Ele reagiu recuando, como se ela tivesse cuspido nele. “Meu Deus, Denise...”

“Bem que eu gostaria, mas não posso.”

“Eu não estava pedindo dinheiro.”

“Porque assim essa história não acabaria nunca.”

Ele deu meia-volta e saiu debaixo da chuva, marchando em direção a University Place, sorrindo de raiva. Afundou até o tornozelo num lago cinzento fervilhante em forma de calçada. Levava o guarda-chuva de Denise na mão sem abri-lo, e ainda assim lhe parecia injusto, achava que *não era culpa dele*, estar se encharcando.

Até pouco tempo atrás, e sem nunca ter dado muita atenção ao problema, Chip acreditava que era possível alcançar o sucesso nos Estados Unidos sem ganhar muito dinheiro. Sempre fora bom aluno, e desde muito cedo demonstrara sua inaptidão para qualquer forma de atividade econômica exceto comprar coisas (isso ele sabia fazer), por isso tinha decidido levar uma vida sobretudo intelectual.

Desde que Alfred tinha afirmado certa vez, de passagem mas infelizmente, que não entendia para que servia a teoria literária, e Enid, nas floreadas cartas quinzenais que lhe valiam a economia de muitos dólares em ligações interurbanas, suplicara regularmente a Chip que abandonasse seu empenho em obter um doutorado “sem efeito prático” na área das humanidades (“Olho para os seus antigos troféus nas feiras de ciências”, escreveu ela, “e penso no que um jovem competente como você poderia estar devolvendo à sociedade como médico, porque seu pai e eu sempre tivemos a esperança de que nossos filhos iriam pensar nos outros, e não só em si próprios”), Chip tivera muitos incentivos para se aplicar e provar que seus pais estavam errados. Acordando de manhã muito mais cedo que seus colegas de turma na universidade, que precisavam dormir até meio-dia ou uma da tarde para curar suas ressacas de Gauloises, ele

conquistara os prêmios, as bolsas e os incentivos que eram a moeda corrente do reino da academia.

Durante os primeiros quinze anos de sua vida adulta, sua única experiência de fracasso lhe chegara de segunda mão. Tori Timmelman, sua namorada na época em que estudava no *college* e ainda por um bom tempo depois, era uma teórica do feminismo que ficara a tal ponto enraivecida com o sistema patriarcal de aculturação e seus padrões falométricos de avaliação que se recusava a (ou era incapaz de) terminar sua dissertação. Chip crescera ouvindo seu pai pontificar sobre o tópico do Trabalho dos Homens e o Trabalho das Mulheres, e a importância de se conservar a distinção entre um e outro; num espírito de correção, ficou com Tori por quase uma década. Lavava toda a roupa, fazia quase toda a limpeza, cozinhava e cuidava do gato no pequeno apartamento que dividia com ela. Lia parte da bibliografia dela e a ajudava a esboçar e reesboçar os capítulos da tese que ela se sentia enraivecida demais para escrever. Foi só quando o D... College lhe ofereceu um contrato de cinco anos com a possibilidade de tornar-se professor titular (enquanto Tori, ainda sem conseguir o doutorado, aceitava um contrato não renovável de dois anos para lecionar numa escola de agricultura no Texas) que ele finalmente esgotou seu estoque de culpa masculina e pôde seguir em frente.

Chegou a D..., então, como um candidato qualificado e bem publicado de trinta e três anos a quem o diretor do *college*, Jim Leviton, praticamente prometeu um emprego vitalício. Ao final de um semestre, estava dormindo com a jovem historiadora Ruthie Hamilton e formara com Leviton uma dupla de tênis que lhes valeu o campeonato de duplas do corpo docente, que Jim vinha perseguindo havia vinte anos.

A sobrevivência do D... College, que tinha uma reputação de elite mas uma dotação orçamentária mediana, dependia dos alunos cujos pais podiam pagar anuidades integrais. Para atrair esses alunos, o *college* construiu um centro recreativo de trinta milhões de dólares, três cafês, e dois “centros de residência” que mais pareciam convincentes premonições dos hotéis em que os estudantes haveriam de fazer suas reservas em seus futuros bem remunerados do que dormitórios. Havia verdadeiros rebanhos de sofás de couro e uma quantidade de computadores suficiente para assegurar que nenhum candidato a aluno ou pai em visita jamais entrasse em qualquer aposento sem ver pelo menos um teclado disponível, nem mesmo no refeitório ou no ginásio de esportes.

Os professores iniciantes viviam num regime de semiprivação. Chip teve a sorte de conseguir uma unidade de dois andares num úmido condomínio em Tilton Ledge Lane, no limite ocidental do campus. Seu pátio dava para um curso d'água conhecido pelos administradores do *college* como córrego do Kuyper, mas por todos os demais como córrego da Sucata. Do outro lado do riacho ficava um pantanoso cemitério de automóveis pertencente ao Departamento

Correcional do Estado de Connecticut. O *college* abria consecutivos processos em tribunais tanto do estado quanto federais havia vinte anos para preservar aquelas terras pantanosas do “ecodesastre” da drenagem e de seu uso para a construção de um presídio de segurança intermediária.

A cada mês ou a cada dois meses, enquanto as coisas iam bem com Ruthie, Chip convidava os colegas e vizinhos, além de um ocasional aluno precoce, para jantar em Tilton Ledge, e surpreendia a todos com lagostins, ou costeletas de carneiro, ou carne de caça com frutos de junípero, e sobremesas de gosto retrô como fondue de chocolate. Às vezes tarde da noite, presidindo uma mesa em que garrafas vazias de vinho da Califórnia empilhavam-se como os arranha-céus de Manhattan, Chip sentia-se seguro o bastante para rir de si mesmo, abrir-se um pouco e contar histórias constrangedoras sobre sua infância no Meio-Oeste. Como a de que seu pai não só trabalhava muitíssimo na ferrovia Midland Pacific, lia em voz alta para os filhos, cuidava do jardim, consertava tudo na casa e dava conta de uma pasta cheia de papéis por noite como ainda encontrava tempo de operar uma impressionante oficina de metalurgia no porão da casa, ficando de pé até depois de meia-noite para submeter ligas estranhas a testes químicos e elétricos. E de como Chip, aos treze anos, ficara apaixonado pelos metais alcalinos de bateria que seu pai conservava imersos em querosene, pelo recatado cobalto cristalino, pelo viçoso mercúrio pesado, pelas rolhas de vidro polido e pelo ácido acético glacial, e montara seu próprio laboratório juvenil à sombra do de seu pai. E de como esse novo interesse pela ciência tinha deixado Alfred e Enid encantados e como, com o estímulo deles, ele cultivara em seu jovem coração a intenção de conquistar um troféu na feira regional de ciências de Saint Jude. E como, na biblioteca da cidade de Saint Jude, ele desencavara um estudo sobre fisiologia vegetal que era obscuro o suficiente e ao mesmo tempo simples o bastante para ser aceito como produto de um aluno brilhante de oitava série. Como ele tinha construído um ambiente controlado, feito de compensado, para cultivar cevada e fotografara as jovens mudas meticulosamente e depois as ignorara por semanas, e como, quando ele voltara para pesar as mudas e determinar os efeitos do *ácido giberélico* em combinação com um *fator químico não-identificado*, os pés de cevada tinham se transformado num limo seco e enegrecido. Como ele tinha ido adiante de qualquer modo e transformado em gráfico os resultados “corretos” da experiência em papel quadriculado, trabalhando retroativamente de maneira a fabricar uma lista de pesos de mudas com alguns desvios cuidadosamente criados e depois a partir daqueles valores garantir que os dados fictícios produziram os resultados “corretos”. E como, ao conquistar o primeiro prêmio na feira de ciências, tinha ganho uma taça da Vitória Alada folheada de prata com quase um metro de altura e a admiração do pai. E como, um ano mais tarde, mais ou menos na mesma época em que seu pai estava registrando a primeira de suas duas patentes (apesar de suas muitas

queixas de Alfred, Chip sempre tomava o cuidado de impressionar seus convidados contando-lhes como, a seu modo, o velho era um gigante), Chip fingira estudar as populações de aves migratórias num parque perto de umas lojinhas de bugigangas, de uma livraria e da casa de um amigo que tinha uma mesa de pebolim e outra de sinuca. E como numa ravina do parque ele descobrira um esconderijo de revistas pornográficas usadas, em cujas páginas inchadas de umidade inspirava-se, no laboratório do porão de casa onde, à diferença do pai, nunca tinha feito uma experiência de verdade ou sentido o menor sinal de curiosidade científica, assava infinitamente a cabeça de seu pau sem jamais descobrir que aquela dolorosa fricção perpendicular estava suprimindo ativamente o orgasmo (seus convidados, muitos dos quais eram versados em teorias homossexuais, apreciaram especialmente este detalhe) e como, a título de recompensa por sua mendacidade e autoflagelação e preguiça generalizada, ganhara uma segunda Vitória Alada.

No noveiro da fumaça do jantar, enquanto recebia seus simpáticos colegas, Chip tinha a certeza de que seus pais não poderiam estar mais enganados a respeito de quem ele era e de que tipo de carreira estava capacitado a seguir. Por dois anos e meio, até o fracasso do Dia de Ação de Graças em Saint Jude, ele não teve qualquer problema no D... College. Mas então Ruthie o abandonou e uma aluna do primeiro ano entrou correndo em sua vida, por assim dizer, para preencher o vácuo que Ruthie deixara.

Melissa Paquette era a aluna mais inteligente das aulas de teoria introdutória — Narrativas e Sedução —, que ele dava naquela sua terceira primavera em D... Melissa era uma pessoa teatral e imperiosa, e seus colegas evitavam abertamente sentar-se ao seu lado, em parte porque não gostavam dela e em parte porque ela sempre se instalava na primeira fila de carteiras, bem em frente a Chip. Tinha o pescoço longo e os ombros largos, não era exatamente uma beldade, mas era dotada de um esplêndido físico. Seus cabelos eram muito lisos e tinham aquela cor da madeira de cerejeira que tem o óleo novo antes de ser posto no motor. Usava roupas de brechó que tendiam a não valorizar sua silhueta — um paletó masculino quadriculado de poliéster, um vestido trapézio em tecido multicolor, macacões cinzentos com o nome *Randy* bordado no bolso esquerdo da frente.

Melissa não tinha paciência com gente que ela considerava estúpida. Na segunda aula de Narrativas e Sedução, quando um afável rapaz com os cabelos trançados em *dreadlocks* chamado Chad (todas as turmas em D... tinham pelo menos um rapaz afável com cabelos em *dreadlocks*) resolveu tentar resumir as teorias de Thorsten “Webern”, Melissa começou a fazer caretas de cumplicidade para Chip. Rolou os olhos, disse “Veblen” sem emitir som e ficou mexendo nos cabelos. Dali a pouco Chip estava dando mais atenção ao desconforto dela que ao discurso de Chad.

“Chad, desculpe”, interrompeu ela finalmente. “Mas o nome não é Veblen?”

“Vebern, Veblern. É o que eu estou dizendo.

“Não, você disse Webern. É Veblen.”

“Veblern. Tá bom. Obrigado, Melissa.”

Melissa atirou os cabelos para o lado e tornou a olhar para Chip, com a missão cumprida. Não deu atenção aos olhares hostis que os amigos e simpatizantes de Chad lhe lançaram. Mas Chip deslocou-se para um canto da sala a fim de dissociar-se dela, e pediu a Chad que continuasse seu resumo.

Naquela mesma noite, na porta do cinema dos estudantes em Hillard Worth Hall, Melissa apareceu abrindo caminho em meio a uma multidão e disse a Chip que estava adorando Walter Benjamin. Colocou-se, pensou ele, perto demais dele. E ficou perto demais dele numa festinha para Marjorie Garber alguns dias mais tarde. Atravessou galopando o Gramado Lucent Technologies (antes conhecido como Gramado Sul) para enfiar nas mãos dele um dos trabalhos breves que Narrativas e Sedução exigia dos alunos. Materializou-se ao lado dele num estacionamento que trinta centímetros de neve tinham sepultado, e com suas mãos protegidas por luvas sem divisões de dedos e os braços impermeabilizados ajudou-o a desatolar seu carro. Abriu um caminho com suas botas debruadas de pêlo. Só parou de quebrar a camada de gelo formada no pára-brisa quando ele a agarrou pelo pulso e arrancou o raspador de sua mão.

Chip fora co-diretor do comitê que formulara as novas e rigorosas medidas de controle dos contatos entre os corpos docente e discente do *college*. Elas não impediam uma aluna de ajudar o professor a limpar a neve do carro; e como ele também tinha certeza de seu autocontrole, não tinha nada a temer. Todavia, dentro de pouco tempo, ele já estava se escondendo cada vez que via Melissa no campus. Não queria que ela se aproximasse a galope e ficasse perto demais dele. E quando ele se surpreendeu intrigado se aquela cor do cabelo dela seria produzida por algum produto, obrigou-se a parar de pensar naquilo. Nunca perguntou se tinha sido ela quem deixara as rosas que encontrou na porta de sua sala no Dia dos Namorados, ou a estatueta de Michael Jackson de chocolate que recebeu no fim de semana da Páscoa.

Em aula, chamava Melissa um pouco menos frequentemente do que os outros alunos; e dedicava uma atenção especial à nêmesis dela, Chad. Sentia, sem olhar, que Melissa balançava a cabeça em compreensão e solidariedade sempre que ele destrinchava um trecho difícil de Marcuse ou Baudrillard. Ela geralmente ignorava os colegas, exceto para virar-se em súbita discórdância acalorada ou em fria correção; os colegas, por sua vez, bocejavam de forma audível toda vez que ela levantava a mão.

Numa certa noite quente de sexta-feira, Chip chegou em casa, de suas compras semanais, e descobriu que alguém promovera um atentado contra sua porta da frente. Três das quatro luzes externas de Tilton Ledge estavam

queimadas, e tudo indicava que a administração do *college* estava esperando a quarta queimar antes de decidir-se a investir na substituição. À luz fraca, Chip viu que alguém enfiara flores e folhagens — tulipas, hera — pelos furos de sua estragada porta de tela. “O que é isso?”, disse ele. “Melissa, você está ferrada.”

É possível que ele tenha dito outras coisas antes de perceber que a varandinha da entrada estava coberta de tulipas despedaçadas e de hera, um vandalismo em pleno curso, e que não estava só. A moita de azevinho junto à sua porta gerou dois jovens que não conseguiam conter o riso. “Desculpe, desculpe!”, disse Melissa. “Você estava falando sozinho!”

Chip queria acreditar que ela não ouvira o que ele disse, mas a moita ficava a menos de um metro de distância. Levou as compras para dentro de casa e acendeu a luz. Ao lado de Melissa estava Chad, com seus *dreadlocks*.

“Professor Lambert, olá”, disse Chad com ar sério. Estava usando o macacão de mecânico de Melissa, e Melissa usava uma camiseta com as palavras *Libertem Mumia* que devia pertencer a Chad. Ela passara um braço pelo pescoço de Chad e encaixara o quadril no dele. Estava corada, suada e muito animada por alguma razão.

“Estávamos decorando a sua porta”, disse ela.

“Na verdade, Melissa, ficou horrível”, disse Chad examinando o estrago no claro. Tulipas quebradas pendiam em todos os ângulos. E os talos de hera tinham torrões de terra presos a seus pés peludos. “Acho meio forçado você falar de ‘decoração’.”

“Também, não dava para ver nada”, disse ela. “Onde fica a luz?”

“Não temos luz”, disse Chip. “Aqui é o Gueto da Floresta, onde moram os seus professores.”

“Cara, a hera ficou horrível.”

“Essas tulipas são de quem?”, perguntou Chip.

“Do *college*”, disse Melissa.

“Cara, eu nem sei por que a gente foi fazer isso.” Chad virou-se para permitir a Melissa enfiar o nariz dele na boca e chupá-lo, o que não parece tê-lo incomodado, embora ele tenha puxado a cabeça. “Você não diria que isso foi um pouco mais idêia sua do que minha?”

“São as nossas anuidades que pagam as tulipas”, disse Melissa, girando para pressionar o corpo de Chad com o seu de maneira mais frontal. Ela não tinha olhado para Chip desde que ele acendera a luz da entrada.

“Quer dizer que João e Maria vieram e encontraram minha porta de tela.”

“A gente limpa”, disse Chad.

“Podem deixar”, disse Chip. “Vejo vocês terça-feira.” E entrou, fechou a porta e pôs para tocar alguma música enraivecida do seu tempo de estudante.

Na última aula de Narrativa de Consumo, o clima estava quente. O sol ardia num céu cheio de pólen, todas as angiospermas no recém-rebatizado Arboreto

Viacom floresciam o mais intensamente que podiam. Chip achava que o ar estava desagradavelmente íntimo, um jato de água quente numa piscina. Já tinha ligado o aparelho de vídeo e fechado as cortinas da sala quando Melissa e Chad entraram e sentaram-se num dos cantos do fundo. Chip lembrou aos alunos que queria que se sentassem apertadamente, como críticos ativos, em vez de consumidores passivos, e os alunos se empertigaram o suficiente para dar conta de sua recomendação sem na verdade atender a ela. Melissa, quase sempre a única crítica totalmente apurada, dessa vez estava especialmente afundada na cadeira, com um braço apoiado nas pernas de Chad.

Para testar o domínio que os alunos tinham adquirido das perspectivas críticas que lhes apresentara, Chip exibiu o vídeo de uma campanha publicitária em seis partes intitulada “É a sua vez, Menina”. A campanha fora produzida por uma agência, Psicologia Beat, que também criara “Urrando de Raiva” para a G... Electric, “Jogo Sujo” para os jeans C..., “Anarquia Total, P*rra!” para a Rede W..., “Underground Psicodélico Radical” para a E... .com, e “Amor & Trabalho” para o Laboratório farmacêutico M... “É a sua vez, Menina” fora exibido pela primeira vez no outono anterior, um episódio por semana, nos intervalos de um seriado de drama hospitalar em horário nobre. O estilo era tipo *cinéma-vérité* em preto-e-branco; o conteúdo, segundo as análises do *Times* e do *Wall Street Journal*, era “revolucionário”.

O enredo era o seguinte: quatro mulheres num escritório pequeno — uma doce e jovem afro-americana, uma loura tecnofóbica de meia-idade, uma beldade durona e antenada chamada Chelsea e a chefe grisalha, radiosamente benévola — ralam juntas, trocam alfinetadas juntas e, ao final de algum tempo, recebem juntas o surpreendente anúncio feito por Chelsea ao final do segundo episódio, de que tem há um ano um caroço no seio que lhe dá tanto medo que resolveu não ir ver médico algum. No terceiro episódio, a chefe e a doce jovem afro-americana ofuscam a loura tecnofóbica usando o Sistema Operacional Global da W... Corporation Versão 5.0 para obter informações sobre o câncer atualizadas em tempo real e conectar Chelsea a redes de apoio e aos melhores fornecedores locais de tratamentos de saúde. A loura, que está aprendendo depressa a amar a tecnologia, fica maravilhada, mas objeta: “Chelsea não vai poder pagar isso tudo”. Ao que a chefe angelical responde: “Vou pagar tudo, até o último centavo”. Lá pelo meio do quinto episódio, porém — e foi esta a inspiração revolucionária da campanha — fica claro que Chelsea não vai sobreviver a seu câncer de mama. Seguem-se várias cenas de arrancar lágrimas, mostrando tiradas corajosas e abraços apertados. No episódio final, a ação volta ao escritório, onde a chefe está escaneando uma foto da finada Chelsea, e a loura agora furiosamente tecnófila utiliza com maestria o Sistema Operacional Global da W... Corporation Versão 5.0, e por todo o planeta, em rápida montagem, mulheres de todas as raças e idades sorriem e colhem suas

lágrimas com lençinhos de papel diante da imagem de Chelsea que aparece em seus próprios Sistemas Operacionais Globais. A espectral Chelsea, num clipe de vídeo digital, implora: “Ajude na Luta pela Cura”. O episódio termina com a informação, apresentada numa tipologia sóbria, de que a W... Corporation doou mais de dez milhões de dólares à American Cancer Society para ajudá-la a Lutar pela Cura...

O blablablá de uma produção como a da campanha “É com você, Garota” podia seduzir alunos de primeiro ano antes que eles adquirissem os instrumentos críticos de resistência e análise. Chip estava curioso, e com um pouco de medo, para ver o quanto seus alunos tinham progredido. Com a exceção de Melissa, cujos trabalhos eram escritos com força e clareza, nenhum deles o convencera de estar fazendo mais do que simplesmente papaguear o jargão semanal. A cada ano, parecia que os calouros que chegavam eram um pouco mais resistentes à teoria mais substancial do que no ano anterior. A cada ano, o momento de iluminação, de massa crítica, chegava um pouco mais tarde. O fim do semestre já estava próximo, e Chip ainda não sabia ao certo se alguém mais além de Melissa tinha de fato *sacado* como se criticava a cultura de massas.

E o clima não estava ajudando. Levantou as persianas e uma luz de praia invadiu a sala. E uma lascívia de verão emanava dos braços e pernas descobertos tanto das moças como dos rapazes.

Uma jovem baixinha chamada Hilton, que lembrava um chihuahua, arriscou que era “corajoso” e “muito interessante” Chelsea morrer de câncer em vez de sobreviver como se esperava num comercial.

Chip esperou que alguém observasse que tinha sido exatamente este desdobramento deliberadamente “revolucionário” do enredo que tornara aquela campanha notória. Normalmente, Melissa, de sua carteira na primeira fila, teria com certeza feito um comentário nessa linha. Mas hoje estava sentada ao lado de Chad, com o rosto encostado na carteira. Geralmente, quando os alunos cochilavam na aula, Chip lhes fazia alguma pergunta imediatamente. Mas hoje relutava em dizer o nome de Melissa. Estava com medo de ficar com a voz trêmula.

Finalmente, com um sorriso tenso, ele disse, “No caso de vocês terem saído de visita a algum outro planeta no início do ano, vamos passar em revista o que aconteceu nos últimos tempos. Lembrem-se que o Instituto Nielsen tomou a iniciativa ‘revolucionária’ de medir a audiência do sexto episódio, isoladamente. Foi a primeira vez que uma campanha teve sua audiência medida. E depois de ter sido medida, uma audiência enorme foi praticamente assegurada para ela quando foi reprisada durante o vale-a-pena-ver-de-novo de novembro. E também é bom lembrar que a medição da audiência foi feita depois de uma semana inteira em que a imprensa escrita e televisada falou sem parar sobre a surpresa ‘revolucionária’ do enredo, com a morte de Chelsea, além do boato

espalhado pela internet de que Chelsea era uma pessoa de verdade que tinha morrido de verdade. Coisa em que, inacreditavelmente, centenas de milhares de pessoas acreditaram. A agência Psicologia Beat, é bom lembrar, criou uma ficha médica para ela e a divulgou na Rede. Assim, a minha pergunta para Hilton seria, o quanto é *corajoso* engendrar um golpe publicitário de resultado garantido para a sua campanha?”

“Ainda assim era um risco”, disse Hilton. “Quer dizer, a morte é sempre uma coisa deprimente. O tiro poderia ter saído pela culatra.”

Mais uma vez, Chip esperou para ver se alguém, qualquer um, assumia o seu lado da discussão. Nada. “Quer dizer que toda uma estratégia cínica”, perguntou ele, “pelo simples fato de representar algum risco financeiro, se converte num gesto de coragem artística?”

Uma brigada de cortadores de grama invadiu o jardim do lado de fora da sala, abafando a discussão com um cobertor de ruído. O sol brilhava com força.

Chip persistiu no combate. Parecia realista que a proprietária de um pequeno negócio empenhasse seu dinheiro em opções especiais de tratamento de saúde para uma de suas empregadas?

Um aluno testemunhou que tinha tido um patrão generoso e maravilhoso no emprego de verão do ano passado.

Melissa fazia cócegas em Chad, que, lutando em silêncio, com uma mão se defendia e, com a outra, contra-atacava a pele nua da cintura dela.

“Chad?”, disse Chip.

Chad, num desempenho impressionante, foi capaz de responder sem que a pergunta precisasse ser repetida. “Era só um escritório”, disse ele. “Pode ser que outra patroa não fosse tão legal. Mas essa aí *era*. Quer dizer, não é um escritório igual aos escritórios normais, ou é?”

Aqui Chip tentou levantar a questão da responsabilidade da arte em relação ao que é Típico; mas essa discussão também já começou morta.

“Então, no fim das contas”, disse ele, “todo mundo aqui gostou da campanha. Todo mundo acha que uma publicidade assim é boa para a cultura e boa para o país. É isso?”

Ombros se encolheram e cabeças assentiram por toda a sala aquecida pelo sol.

“Melissa”, disse Chip, “você não se manifestou.”

Melissa levantou a cabeça da carteira, deslocou sua atenção de Chad, e olhou para Chip franzindo as sobrancelhas. “É”, disse ela.

“É o quê?”

“É, a publicidade é boa para a cultura e boa para o país.”

Chip respirou fundo, porque aquilo doeu. “Muito bom, ótimo”, disse ele. “Obrigado pela sua opinião.”

“Até parece que a minha opinião tem importância”, disse Melissa.

“Como disse?”

“Até parece que a opinião de qualquer um aqui tem importância, se for diferente da sua.”

“Não estamos falando de opinião”, disse Chip. “A questão é aprender a aplicar métodos de crítica a suportes textuais. O que estou tentando ensinar para vocês.”

“Pois eu acho que não”, disse Melissa. “Acho que você está tentando nos ensinar a detestar as mesmas coisas que você detesta. Ou vai me dizer que não detesta essa publicidade? Dá para perceber em cada coisa que você diz. Você odeia essa publicidade.”

Agora os outros alunos estavam ouvindo com toda a atenção. A ligação entre Melissa e Chad pode ter derrubado a cotação de Chad mais do que elevado a dela, mas ela estava atacando Chip, enraivecida, de igual para igual, e não como aluna, e a turma estava adorando.

“É verdade que eu detesto essa publicidade”, admitiu Chip. “Mas não é este...”

“É sim”, disse Melissa.

“Por que você detesta a publicidade?”, pressionou Chad.

“Conte para nós por que detesta a publicidade”, latiu agudo a diminuta Hilton.

Chip olhou para o relógio na parede. Faltavam seis minutos para o fim do semestre. Passou uma das mãos pelos cabelos e percorreu a sala com os olhos, como se pudesse encontrar algum aliado em algum lugar, mas os alunos tinham-no acuado numa posição defensiva, e sabiam disso.

“A W... Corporation”, disse ele, “está se defendendo de três processos por violação da lei antitruste. No ano passado, teve um faturamento maior que o Produto Nacional Bruto da Itália. E então, para arrancar mais alguns dólares do segmento demográfico que ainda não domina, criou uma campanha que explora o medo que as mulheres têm do câncer de mama e a compaixão que sentem pelas vítimas da doença. Melissa, pode falar.”

“Não é cinismo.”

“Se não é cinismo, é o quê?”

“É uma homenagem às mulheres que trabalham”, disse Melissa. “É uma forma de angariar dinheiro para a pesquisa contra o câncer. É um estímulo para nós todas fazermos o nosso auto-exame e procurarmos o médico quando necessário. É uma ajuda para as mulheres se sentirem donas dessa tecnologia, dizendo que não é uma coisa só para homens.”

“Muito bem”, disse Chip. “Mas a questão aqui não é se cada um de nós se importa ou não com o câncer de mama, mas de saber o que é que o câncer de mama tem a ver com a venda de equipamentos de escritório.”

Chad saiu em defesa de Melissa. “Mas não é só isso que o anúncio diz. Se você tem acesso à informação, isto pode salvar a sua vida.”

“Quer dizer que se a Pizza Hut puser um pequeno anúncio falando da importância do auto-exame testicular para a prevenção do câncer, junto à pimenta-malagueta em flocos, ela pode se vangloriar de fazer parte da gloriosa e tenaz luta contra o câncer?”

“Por que não?”, perguntou Chad.

“Ninguém aqui vê nada de errado nisso?”

Nenhum dos alunos via. Melissa estava afundada na cadeira com os braços cruzados e uma infeliz expressão divertida no rosto. Com justiça ou não, Chip teve a sensação de que ela destruíra em cinco minutos todo um semestre de meticuloso ensino.

“Pensem bem”, disse ele, “que ‘É com você, Garota’ não teria sido produzida se a W... não tivesse um produto para vender. E que o objetivo das pessoas que trabalham na W... é exercer suas opções de compra de ações e aposentar-se aos trinta e dois anos, e que o objetivo das pessoas que possuem ações da W...” (o irmão e a cunhada de Chip, Gary e Caroline, possuíam uma grande quantidade de ações da W...) “é construir casas maiores, comprar camionetes maiores e consumir uma parte ainda maior dos recursos não-renováveis do planeta.”

“Qual é o problema de ganhar dinheiro?”, disse Melissa. “Por que ganhar dinheiro é *inerentemente* mau?”

“Baudrillard poderia responder”, disse Chip, “que o mal de uma campanha como esta consiste na separação entre o significante e o significado. Que uma mulher que chora já não significa mais só tristeza. Hoje também significa: ‘desejo de equipamento de escritório’. E significa: ‘Nossos patrões importam-se conosco. Profundamente’.”

O relógio da parede marcava duas e meia. Chip fez uma pausa, esperando a sineta tocar e o semestre chegar ao fim.

“Desculpe”, disse Melissa, “mas tudo isso é só cascata.”

“O que que é cascata?”, perguntou Chip.

“Este curso todo”, respondeu ela. “É cascata uma semana atrás da outra. Um crítico depois do outro lamentando o atual estado da crítica. E ninguém consegue dizer exatamente qual é o problema. Mas todo mundo sabe o que está errado. Todos sabem que ‘empresa’ é um palavrão. E se alguém se diverte ou fica rico — que horror! É o mal! E é sempre a morte disso ou a morte daquilo. E as pessoas que acham que são livres não são livres ‘de verdade’. E as pessoas que acham que são felizes não são felizes ‘de verdade’. E ficou impossível criticar radicalmente a sociedade, mas ninguém consegue dizer exatamente qual é o defeito tão radical da sociedade para precisarmos de uma crítica tão radical. *É tão típico você detestar esses anúncios!*”, disse ela a Chip como se, em todo Wroth Hall, os sinos finalmente tivessem tocado. “As coisas estão ficando cada vez melhores para as mulheres e as pessoas de cor; e os gays e as lésbicas, cada vez mais integrados e abertos, e você só consegue pensar num problema imbecil

e mal explicado entre significados e significantes. A única maneira de transformar esse anúncio, que é bom para as mulheres, numa coisa ruim — e você precisa transformar, porque tudo precisa ter um lado ruim — é dizer que é errado ser rico e trabalhar para uma grande empresa, e está bem, eu sei que o sinal tocou.” E fechou seu caderno.

“Muito bem”, disse Chip. “E com isto. Vocês cumpriram o crédito obrigatório de Estudos Culturais. Desejo a todos um bom verão.”

Não conseguiu evitar a amargura em sua voz. Debruçou-se por sobre o aparelho de vídeo e dedicou toda a sua atenção à rebobinagem de “É com você, Garota” e a apertar botões só por apertar. Sentia a presença de alguns alunos por trás dele, como se quisessem agradecer-lhe por ensinar com tanto empenho ou dizer que tinham gostado da aula, mas ele não levantou os olhos do aparelho de vídeo até a sala ficar vazia. Então foi para casa em Tilton Ledge e começou a beber.

As acusações de Melissa o deixaram em carne viva. Ele nunca tinha percebido o quanto levava a sério a injunção paterna de dedicar-se a um trabalho que fosse “útil” para a sociedade. Criticar uma cultura doente, mesmo que essas críticas não tivessem qualquer efeito, sempre lhe parecera um trabalho útil. Mas se a suposta doença simplesmente não fosse doença alguma — se a grande Ordem Materialista da tecnologia e do apetite consumista e da ciência médica estava de fato contribuindo para melhorar as vidas dos que antes eram oprimidos; se eram apenas os homens brancos heterossexuais como Chip que se sentiam incomodados com essa ordem — então sua crítica não tinha nem de longe a menor utilidade, ainda que apenas abstrata. Era tudo, nas palavras de Melissa, pura cascata.

Sem ânimo para trabalhar em seu novo livro, como tinha planejado fazer durante o verão, Chip pagou caro por uma passagem a Londres, viajou de carona até Edimburgo e abusou da hospitalidade de uma artista performática escocesa que tinha feito uma apresentação e uma conferência em D... no inverno anterior. Até que o namorado da moça lhe disse: “É hora de se mandar, garoto”, e Chip caiu na estrada com uma mochila cheia de Heidegger e Wittgenstein, mas estava solitário demais para ler. Detestava admitir que era um homem incapaz de viver sem mulher, mas não trepava desde que Ruthie o deixara. Era o único professor homem da história de D... que tinha lecionado Teoria do Feminismo e compreendia o quanto era importante para as mulheres não identificar o “sucesso” com “encontrar um homem” e nem o “fracasso” com a “falta de homem”, mas era um homem hétero solitário, e um homem hétero solitário não tinha uma equivalente e escusatória Teoria do Masculinismo para ajudá-lo a sair daquele nó, daquela chave de todas as misoginias:

¶ Sentir-se incapaz de sobreviver sem mulher fazia o homem sentir-se fraco;

¶ No entanto, sem uma mulher em sua vida, o homem perdia o sentido de

força e diferença que, fosse como fosse, era o fundamento de sua masculinidade.

Em muitas manhãs, em verdes lugares da Escócia ensopados de chuva, Chip chegou perto de escapar desse falso dilema, recuperando um sentido de sua identidade própria e de sua finalidade, mas sempre terminava tomando cerveja às quatro da tarde em alguma estação de trem, comendo batatas fritas com maionese e dando em cima de estudantes americanas. Como sedutor, era prejudicado pela ambivalência e por não ter aquele sotaque de Glasgow que deixava as meninas americanas de joelhos bambos. Só conseguiu sucesso uma única vez, com uma jovem hippiedo Oregon com a camisa manchada de ketchup e um cheiro de couro cabeludo tão penetrante que ele passou boa parte da noite respirando pela boca.

Seus fracassos, no entanto, tornaram-se mais engraçados que deprimentes quando ele voltou a Connecticut e regalou seus amigos desajustados com histórias protagonizadas por ele. Perguntava-se se de algum modo sua depressão escocesa não fora produzida por uma dieta rica demais em gorduras. Seu estômago ficava revirado quando se lembrava das postas reluzentes de peixe chamuscado, dos arcos glaucos de batatas engorduradas, do cheiro de couro cabeludo e fritura no óleo, ou mesmo apenas das palavras “Firth of Forth”.

Na feira semanal dos agricultores perto de D..., ele se abarrotara de tomates cultivados há gerações, berinjelas brancas e ameixas douradas de casca finíssima. Comia uma rúcula (“ruchetta”, como era chamada pelos velhos fazendeiros) tão forte que trazia lágrimas aos olhos, como um parágrafo de Thoreau. Lembrando-se do Bom e do Saudável, começou a recobrar sua disciplina interior. Desmamou-se do álcool, começou a dormir melhor, passou a tomar menos café e a frequentar a academia de ginástica do *college* duas vezes por semana. Lia o maldito Heidegger e fazia abdominais todo dia de manhã. Outras peças do quebra-cabeça do aperfeiçoamento pessoal foram se encaixando, e por algum tempo, à medida que o clima mais fresco de trabalho retornava ao vale do Sucata, experimentava um bem-estar quase thoreauviano. Em meio aos setsna quadra de tênis, Jim Leviton assegurou-lhe que a audiência para renovar seu contrato seria uma simples formalidade — que ele não devia ficar nem um pouco preocupado com a competição entre ele e a outra jovem teórica do departamento, Vendla O’Fallon. A carga horária de Chip para o outono consistia nos cursos de Poesia Renascentista e Shakespeare, nenhum dos quais requeria que ele passasse em revista suas perspectivas críticas. À medida que ele se preparava para a última fase da ascensão ao Monte Cátedra, sentia-se aliviado por precisar de pouca bagagem; quase feliz, afinal, por não haver mulher alguma em sua vida.

Estava em casa numa sexta-feira de setembro, cozinhando brócolis, abóbora e hadoque fresco para o jantar, preparando-se para uma noite corrigindo

trabalhos, quando um par de pernas passou ondulando pela janela da cozinha. Ele conhecia aquele ondulado. Conhecia o andar de Melissa. Ela era incapaz de passar ao lado de uma cerca sem deixar as pontas dos dedos correrem por ela. Parava no meio dos corredores para dar passos de dança ou pulos de amarelinha. Ia para trás ou para os lados, ou saltitava, ou dava passos enormes.

A batida na porta de tela não era em tom de desculpas. Através da tela ele viu que ela trazia uma bandeja de biscoitinhos cobertos com glacê cor-de-rosa.

“Oi, o que houve?”, disse ele.

Melissa ergueu a bandeja apoiada nas palmas voltadas para cima. “Biscoitinhos”, disse ela. “Achei que você podia estar precisando de uns biscoitinhos nesse momento da sua vida.”

Não tendo dotes histriônicos, Chip sentia-se em desvantagem perto de quem os tinha. “Por que você está me trazendo biscoitinhos?”

Melissa ajoelhou-se e acomodou a bandeja no capacho da entrada, em meio aos restos pulverizados de hera e tulipas mortas. “Vou deixar aqui”, disse ela, “e você faz o quiser. Até logo!”. Abriu os braços, deu uma pirueta e saiu correndo na ponta dos pés pelo caminho de pedras.

Chip voltou a engalfinhar-se com o filé de hadoque, pelo centro do qual corria uma cartilagem com uma falha sanguinolenta que ele estava determinado a remover com a faca. Mas o peixe tinha uma consistência escorregadia e era difícil de segurar. “Vá à merda, menina”, disse ele atirando a faca na pia.

Os biscoitos eram cheios de manteiga e recobertos com um glacê de manteiga. Depois de lavar as mãos e abrir uma garrafa de Chardonnay, comeu quatro deles e guardou o peixe cru na geladeira. As cascas da abóbora assada além do ponto pareciam borracha de câmara de ar. *Cent ans de cinéma érotique*, um vídeo edificante que passara meses na prateleira sem dar um pio, exigiu subitamente sua atenção imediata e integral. Baixou as cortinas e tomou o vinho, masturbou-se várias vezes, e comeu mais dois biscoitos, detectando hortelã neles, uma hortelã tênue e amanteigada, antes de adormecer.

Na manhã seguinte estava de pé às sete e fez quatrocentas abdominais. Mergulhou *Cent ans de cinéma érotique* na água da pia e tornou-o, por assim dizer, incombustível. (Fizera o mesmo com muitos maços de cigarro quando tentava parar de fumar.) Não tinha idéia do que tinha querido dizer quando jogara a faca na pia. Sua voz soara totalmente estranha a ele.

Foi até sua sala em Wroth Hall e corrigiu trabalhos. Escreveu numa das margens: *O personagem Cressida pode até ter servido de base para a escolha do nome de um produto pela Toyota. Que o Cressida da Toyota possa ter servido de base para o texto de Shakespeare pede mais argumentos do que você apresenta aqui.* Acrescentou um ponto de exclamação para suavizar sua crítica. Às vezes, quando demolia trabalhos especialmente fracos de seus alunos, ele desenhava rostinhos sorridentes.

Verifique a ortografia!, exortou um aluno que tinha escrito “Trolius” no lugar de “Troilus” ao longo de todo um trabalho de oito páginas.

É um ponto de interrogação, sempre bom para amenizar. Ao lado da frase “Aqui Shakespeare demonstra que Foucault tinha toda razão quanto à historicidade da moral”, Chip escreveu: *Reformular? Talvez: “Aqui o texto de Shakespeare parece quase antecipar Foucault (melhor: Nietzsche?)...”*?

Ainda estava corrigindo trabalhos cinco semanas mais tarde, dez ou quinze mil erros discentes depois, numa noite em que ventava muito, logo depois do Halloween, quando ouviu o som de alguém que andava às apalpadelas do lado de fora de seu escritório. Abrindo a porta, encontrou uma sacola de lojinha barata para gostosuras-ou-travessuras pendurada na maçaneta da porta. E a pessoa que deixara o presente, Melissa Paquette, recuava pelo corredor.

“O que você está fazendo?”, perguntou ele.

“Tentando ser sua amiga”, disse ela.

“Obrigado”, disse ele. “Mas eu não entendi.”

Melissa voltou pelo corredor. Estava usando um macacão branco de pintor, por baixo uma camiseta de mangas compridas e tecido térmico, e meias cor-de-rosa choque. “Estava pedindo doces”, disse ela. “Isso aí é mais ou menos um quinto do que eu consegui.”

Ela se aproximou de Chip e ele deu um passo atrás. Ela o seguiu para dentro do seu escritório e fez toda a volta do aposento nas pontas dos pés, lendo os títulos dos livros nas prateleiras. Chip encostou-se na mesa e dobrou os braços com rigidez.

“Vou fazer Teoria do Feminismo com Vendla”, disse Melissa.

“É o próximo passo lógico. Agora que rejeitou a tradição patriarcal nostálgica da teoria crítica.”

“Exatamente como eu penso”, disse Melissa. “Infelizmente, as aulas dela são tão ruins. Gente que fez o mesmo curso com você no ano passado me disse que era ótimo. Mas a idéia de Vendla é que nós precisamos nos sentar em círculo e falar dos nossos sentimentos. Porque a Velha Teoria falava da cabeça, entendeu? E portanto a Nova Teoria Verdadeira precisa ser sobre o coração. Não acredito que ela tenha sequer lido as coisas todas que manda a gente ler.”

Através de sua porta aberta, Chip podia ver a porta da sala de Vendla O’Fallon. Era coberta de adágios, imagens saudáveis — Betty Friedan em 1965, camponesas guatemaltecas sorridentes, uma triunfante jogadora de futebol, um cartaz da Bass Ale com Virginia Woolf, SUBVERTA O PARADIGMA DOMINANTE —, o que lembrava a ele, de maneira triste, sua ex-namorada Tori Timmelman. E, sempre que via a porta decorada daquela maneira, ele se perguntava se achavam que ainda eram estudantes ginásianos e aquela, a porta de seu dormitório.

“Quer dizer que basicamente”, disse ele, “embora você achasse que as

minhas aulas eram pura cascata, agora está achando que eram uma cascata de tipo superior porque está frequentando outras aulas.”

Melissa corou. “Basicamente isso! Salvo que você ensina muito melhor. Quer dizer, aprendi muito com você. É isso que eu queria dizer.”

“Pronto, já disse.”

“Meu pai e minha mãe se separaram em abril”, Melissa atirou-se no sofá de couro que o *college* dava a cada um dos professores e assumiu a típica posição terapêutica. “Passei um tempo achando ótimo você ser tão contra as grandes empresas, mas de repente isso começou a me irritar muito. Meus pais têm muito dinheiro, sabe, e não são más pessoas, embora meu pai tenha acabado de começar a morar com essa pessoa chamada Vicki, uns quatro anos só mais velha do que eu. Mas ele ainda gosta da minha mãe. Eu sei que gosta. Assim que eu saí de casa as coisas se deterioraram um pouco, mas eu sei que ele ainda gosta dela.”

“O *college* tem pessoal especializado”, disse Chip, de braços cruzados, “para alunos nesse tipo de situação.”

“Obrigada. No geral estou me saindo muito bem, tirando aquela vez em que fui tão grossa com você na sala de aula.” Melissa prendeu os calcanhares no braço do sofá, arrancou os sapatos e deixou-os cair no chão. Curvas macias envoltas em malha térmica revelaram-se dos dois lados da parte superior de seu macacão, reparou Chip.

“Tive uma infância maravilhosa”, disse ela. “Meus pais sempre foram meus melhores amigos. Me ensinaram tudo em casa até a sétima série. Minha mãe cursava medicina em New Haven, e meu pai tinha um conjunto punk, os Nomatics, que estava em turnê, e logo na primeira vez que ela foi a um show punksaiu com o meu pai e acabou no quarto de hotel dele. Ela largou a faculdade, ele largou os Nomatics, e nunca mais se separaram depois disso. Uma coisa totalmente romântica. O meu pai tinha algum dinheiro que ganhara de herança, num fundo de investimento, e foi genial o que eles fizeram. Era a época das novas empresas entrando no mercado, e minha mãe entendia muito de biotecnologia e vivia lendo uma revista de medicina, *JAMA*, e Tom — meu pai — entendia da parte de números. Fizeram ótimos investimentos. Clair — minha mãe — ficava em casa comigo e nós passávamos o tempo todo juntos, e eu aprendi a organizar os meus horários, etc., e éramos nós três o tempo todo. Eles estavam tão apaixonados. E havia festa todo fim de semana. E finalmente nos ocorreu, nós *conhecemos* todo mundo, somos ótimos *investidores*, por que não criar um fundo mútuo de investimentos? E foi assim. E foi incrível. O fundo ainda é ótimo. Se chama Westportfolio Biofund Forty. Criamos outros fundos também, quando o clima ficou mais competitivo. A gente tem que oferecer um leque mais amplo de serviços. Pelo menos foi o que os investidores institucionais disseram a Tom. E criamos outros fundos, que infelizmente não deram nada certo. Acho que

foi esse o problema entre ele e Clair. Porque o fundo dela, o Biofund Forty, onde é *ela* quem toma as decisões, continua a ir muito bem. E agora ela anda muito deprimida. Fica enfurnada na nossa casa e nunca sai. Enquanto isso, Tom quer que eu vá conhecer essa Vicki, que ele diz ser ‘muito divertida’, e ser patinadora. Mas acontece que todo mundo sabe que minha mãe e meu pai foram *feitos* um para o outro. Eles se complementam perfeitamente. E eu acho que se você soubesse como é legal criar uma empresa, e como é bom quando o dinheiro começa a entrar, como pode ser uma coisa romântica, não ia ser tão rigoroso.”

“Pode ser”, disse Chip.

“De qualquer maneira, achei que podia vir falar com você. No geral estou lidando muito bem com isso tudo, mas às vezes me dá vontade de ter com quem conversar.”

“E Chad, como vai?”, perguntou Chip.

“Um bom garoto. Para mais ou menos três fins de semana.” Melissa estendeu uma das pernas e plantou um pé cor-de-rosa choque na perna de Chip, perto de seu quadril. “É difícil imaginar duas pessoas menos compatíveis a longo prazo do que ele e eu.”

Através do tecido dos seus jeans, Chip sentia a flexão deliberada dos dedos do pé dela. Estava acossado entre a parede e a mesa e assim, para escapar, precisou segurar o tornozelo dela e devolver a perna ao sofá. Os pés cor-de-rosa imediatamente agarraram seu pulso e o puxaram na direção dela. Tudo em forma de brincadeira, mas a porta dele estava escancarada, as luzes acesas, as cortinas abertas e havia alguém no corredor. “Código”, disse ele, desvencilhando-se. “Existe um código.”

Melissa rolou para fora do sofá, pôs-se de pé e aproximou-se dele. “Um código idiota”, disse ela. “Quando você gosta da pessoa.”

Chip recuou para a porta. No corredor, perto da sala do departamento, uma mulher miúda de uniforme azul com um rosto tolteca estava passando o aspirador. “Existem boas razões para ele existir”, disse Chip.

“Quer dizer que eu não posso nem lhe dar um abraço.”

“Isso mesmo.”

“É uma estupidez.” Melissa calçou os sapatos e se aproximou de Chip na porta. E beijou-o no rosto, perto da orelha. “Pronto.”

Ele a viu afastar-se, deslizando e dando piruetas pelo corredor até perder-se de vista. E ouviu uma porta de incêndio bater com estrondo. Passou minuciosamente em revista cada palavra que dissera, e deu-se nota dez pelo comportamento impecável. Mas quando voltou a Tilton Ledge, onde a última das lâmpadas do lado de fora tinha se queimado, atolou-se na solidão. Para apagar a memória tátil do beijo de Melissa e de seus pés quentes e lêpidos, ligou para uma antiga colega de faculdade em Nova York e marcou um encontro para almoçar no dia seguinte. Tirou *Cent ans de cinéma érotique* do armário onde, prevendo

uma noite como essa, tinha enfiado a fita depois de mergulhá-la na água. Ainda dava para passar, apesar de algum chuvisco. Mas no primeiro trecho quente, num quarto de hotel com uma camareira devassa, o chuvisco foi ficando mais denso até transformar-se numa tempestade, e a tela ficou azul. O aparelho de vídeo produziu um som seco de tosse aguda. *Ar, preciso de ar*, era o que parecia dizer. A fita tinha vazado, enrolando-se em torno do endoesqueleto da máquina. Chip extraiu o cassete e uma boa extensão de poliéster, mas nesse momento alguma coisa partiu-se e a máquina cuspiu um carretel de plástico. O que, certo, são coisas que acontecem. Mas a viagem à Escócia tinha sido uma Waterloo financeira, e ele não tinha como comprar um videocassete novo.

E nem Nova York, num sábado frio e chuvoso, foi o deleite de que ele precisava. Todas as calçadas da parte sul de Manhattan estavam salpicadas de quadradinhos metálicos de adesivos antifurto. Os adesivos estavam colados nas calçadas molhadas com a cola mais forte do mundo, e depois de Chip ter comprado alguns queijos importados (o que fazia sempre que ia a Nova York a fim de ter a certeza de que fizera pelo menos alguma coisa antes de voltar para Connecticut, embora fosse um tanto melancólico comprar sempre o mesmo mini-Gruyère e o mesmo Fourme d'Ambert na mesma loja; aquilo o punha em nível superior ao fracasso mais geral do consumismo como tática para a felicidade humana), e depois de almoçar com sua ex-colega (que pouco antes tinha parado de lecionar antropologia e se empregara numa empresa de informática como “psicóloga de marketing” e que aconselhou Chip a acordar e fazer a mesma coisa), voltou para seu carro e descobriu que cada um dos seus queijos embalados em plástico estava protegido por seu próprio adesivo antifurto e que, na verdade, um fragmento de adesivo antifurto colara na sola do pé esquerdo dos seus sapatos.

Tilton Ledge estava coberta de gelo e muito escura. Na caixa de correio, Chip encontrou um envelope contendo um curto bilhete de Enid deplorando os fracassos morais de Alfred (“ele passa o *dia inteiro, todo dia*, naquela poltrona”) e um longo perfil de Denise, recortado da revista *Philadelphia*, com uma elogiosíssima crítica do seu restaurante, o Mare Scuro, e uma produzida foto de página inteira da jovem chef de cozinha. Na foto Denise aparecia de jeans e camiseta sem mangas, toda ombros musculosos e top de cetim (“Muito jovem e muito competente: Lambert na cozinha”, dizia a legenda), e era esse tipo de baboseira de mulher-objeto, pensou Chip com amargor, que vendia revistas. Alguns anos antes, as cartas de Enid continham sistematicamente um parágrafo desesperado sobre Denise e o casamento fracassado de Denise, com frases como *ele é VELHO demais para ela!* duplamente sublinhadas, e um outro parágrafo com *emocionada e orgulhosa* a respeito da contratação de Chip pelo D... College, e embora ele soubesse que Enid era uma fina cultora da arte de jogar um filho contra o outro e que seus elogios tinham geralmente dois gumes,

ficou chocado ao ver uma mulher tão cheia de inteligência e princípios como Denise usar o corpo com finalidades publicitárias. Jogou o recorte no lixo. Abriu o suplemento de sábado do *Sunday Times* e — sim, estava sendo contraditório, e sim, estava consciente disto — folheou a revista em busca de anúncios de roupas de banho ou de baixo para neles repousar os olhos cansados. Não tendo encontrado nenhum, começou a ler o suplemento literário, em que um livro de memórias chamado *Filhinha do papai*, de Vendla O'Fallon, era considerado “extraordinário”, “corajoso” e “profundamente satisfatório” na página 11. O nome Vendla O'Fallon era muito incomum, mas Chip ignorava tão completamente que Vendla estava publicando um livro que recusou-se a acreditar que ela tivesse escrito *Filhinha do papai* até encontrar, perto do final da resenha, uma frase que começava: “O'Fallon, que leciona no D... College...”.

Fechou o suplemento literário e abriu uma garrafa.

Teoricamente, tanto ele quanto Vendla eram candidatos à renovação de contrato como professores de Suportes Textuais, mas na prática o departamento já tinha um excesso de contratados. O fato de Vendla vir de Nova York todo dia para trabalhar (escarnecendo assim da regra informal do *college* que esperava que os docentes morassem ali mesmo), de faltar a certas reuniões importantes e de sempre procurar dar aulas nos cursos mais gerais, sempre haviam sido fontes de consolo para Chip. Ele ainda tinha algumas vantagens em termos de artigos acadêmicos publicados, da avaliação dos alunos e do apoio de Jim Leviton; mas descobriu que dois copos de vinho não surtiam nenhum efeito sobre ele.

Servia o quarto copo quando o telefone tocou. Era Jackie, a mulher de Jim Leviton. “Eu queria que você soubesse”, disse Jackie, “que Jim vai ficar bom.”

“Algum problema?”, perguntou Chip.

“Agora ele está descansando muito bem. Estamos aqui no Hospital Saint Mary.”

“O que aconteceu?”

“Chip, eu perguntei se ele achava que podia jogar tênis, e sabe o que ele fez? Fez que sim com a cabeça! Eu disse que ia ligar para você, e ele tornou a fazer que sim, que estava pronto para jogar tênis. As capacidades motoras dele parecem todas normais. Totalmente normais. E ele está lúcido, o que é o mais importante. É esta a boa notícia daqui, Chip. Os olhos dele estão brilhando. É o mesmo Jim de sempre.”

“Jackie, ele teve um derrame?”

“Vai precisar de reabilitação”, disse Jackie. “É claro que hoje passou a ser a data da aposentadoria dele, o que, Chip, se quer saber a minha opinião, é uma verdadeira bênção. Vamos poder fazer algumas mudanças, e daqui a três anos — bem, não sei se vão ser só três anos de reabilitação. Mas daqui a um tempo, no fim de tudo, nós vamos ganhar este jogo. Ele está com os olhos tão brilhantes, Chip. É o mesmo Jim de sempre!”

Chip encostou a testa na janela da cozinha e virou a cabeça de um jeito que pudesse abrir um dos olhos diretamente em contato com o vidro frio e úmido. Sabia o que ia fazer.

“O mesmo Jim adorável de sempre!”, disse Jackie.

Na quinta-feira seguinte, Chip preparou um jantar para Melissa e fez sexo com ela em sua *chaise longue* vermelha. Tinha-se encantado com aquela *chaise longue* nos tempos em que o impulso de gastar oitocentos dólares num antiquário era um pouco menos suicida do ponto de vista financeiro. O encosto da *chaise longue* tinha um ângulo eroticamente muito convidativo, os ombros estofados atirados para trás, sua espinha arqueada; o veludo de seu peito e de sua barriga parecia a ponto de estourar os botões forrados que a cobriam. No meio do primeiro abraço com Melissa, Chip desculpou-se por um segundo para apagar as luzes da cozinha e ir ao banheiro. Quando voltou para a sala, encontrou-a estendida na *chaise longue* usando apenas a metade inferior de seu conjunto de poliéster xadrez. Àquela luz fraca, ela poderia ser vista como um homem sem pêlos e de seios grandes. Chip, que de longe preferia a teoria homossexual à qualquer prática do gênero, detestava aquele terninho e preferia que ela estivesse usando outra coisa. Mesmo depois que ela tirou as calças, um certo resíduo de confusão de sexos permaneceu em seu corpo, para não falar de um cecê um tanto rançoso que era a maldição dos tecidos sintéticos. Mas de suas calcinhas, que para seu grande alívio eram delicadas e lisas — claramente femininas — saiu pulando no coelhinho cáldo e afetuoso, um animalzinho vivaz, úmido e autônomo. Era quase demais para ele. Tinha dormido menos de duas horas nas duas noites anteriores, estava com a cabeça cheia de vinho e as tripas cheias de gás (não se lembrava da razão de ter decidido preparar um *cassoulet* no jantar; possivelmente, não havia razão nenhuma), e preocupado porque a porta da frente não estava trancada — havia um buraco em algum ponto das cortinas, um dos vizinhos podia chegar e tentar abrir a porta e descobrir que estava destrancada ou dar uma espiada pela janela e ver que ele estava em flagrante violação dos artigos I, II e VI de um código que ele próprio tinha ajudado a redigir. No fim das contas, foi para ele uma noite de ansiedade e esforço concentrado, pontuada por pequenas pontadas de prazer estrangulado, mas pelo menos Melissa deu a impressão de achar a noite excitante e romântica. Corriam as horas e ela continuava apresentando um grande sorriso em forma de um U sinuoso.

Foi Chip quem propôs, depois de um segundo encontro extremamente tenso em Tilton Ledge, que ele e Melissa deixassem o campus na semana de férias do Dia de Ação de Graças e alugassem uma casinha em Cape Cod, onde não se sentiriam observados e julgados; e foi Melissa quem propôs, no momento em que partiram de D... pelo pouco usado portão leste e protegidos pela escuridão, que parassem em Middletown para comprar drogas de um antigo colega dela da Wesleyan. Chip ficou esperando em frente da impressionante Casa da Ecologia

da Wesleyan, totalmente à prova de mau tempo, e batucava no volante de seu Nissan com tanta força que seus dedos começaram a latejar, porque era importante não pensar no que estava fazendo. Tinha deixado em casa montanhas de trabalhos e provas por corrigir, e ainda não visitara Jim Leviton no centro de reabilitação do hospital. O fato de Jim ter perdido a capacidade da fala e tentar em vão mover o queixo e os lábios para formar palavras — o fato de ter se transformado, segundo o relato de colegas que tinham ido visitá-lo, num homem irritado — deixava Chip mais relutante em visitá-lo. Vinha vivendo num estilo que evitava qualquer coisa que lhe pudesse despertar emoções. Continuou batucando no volante até seus dedos ficarem duros e ardendo, e Melissa saiu da Casa da Ecologia. Trouxe para dentro do carro um cheiro de fumaça de lenha queimada e de canteiros congelados de flores, o cheiro de um caso amoroso de fim de outono. Pôs na palma de Chip uma cápsula dourada marcada com o que parecia o antigo logotipo da ferrovia Midland Pacific, mas sem o texto. “Pode tomar”, disse ela, fechando a porta.



“E isto é...? Algum tipo de Ecstasy?”

“Não. Chama-se Mexican A.”

Chip sentiu uma profunda ansiedade cultural. Até pouco tempo antes, não havia droga de que não tivesse ouvido falar. “E faz o quê?”

“Nada e tudo”, disse ela, tomando uma cápsula idêntica. “Você vai ver.”

“E quanto eu devo a você?”

“Imagine.”

Por algum tempo, a droga deu a impressão de, de acordo com o prometido, não causar efeito algum. Mas na altura dos arredores industriais de Norwich, a duas ou três horas ainda de Cape Cod, ele desligou o *trip hop* que Melissa tinha botado no cd-player e disse, “A gente precisa parar imediatamente para trepar.”

Ela riu. “Acho que sim.”

“Eu vou parar aqui”, disse ele.

Ela riu de novo. “Não, vamos arrumar um quarto.”

Pararam numa Comfort Inn que perdera a franquia e agora se chamava

Comfort Valley Lodge. A gerente da noite era obesa e o computador dela estava travado. Ela registrou Chip manualmente, com a respiração ofegante de quem tivera um problema no sistema no meio da noite. Chip pôs a mão na barriga de Melissa, e estava a ponto de enfiá-la dentro das calças dela quando lhe ocorreu que era impróprio apalpar uma mulher em público daquele jeito, o que poderia lhe trazer problemas. Por razões semelhantes e puramente racionais, ele conseguiu suprimir o impulso de pôr o pau para fora das calças e mostrá-lo à funcionária suada e ofegante. Mas ainda assim pensou que a funcionária estaria muito interessada em vê-lo.

Ele rolou com Melissa no tapete esburacado por cigarros do quarto 23 sem sequer fechar a porta.

“É tão melhor assim!”, disse Melissa, fechando a porta com um pontapé. Baixou as calças num arranco, e praticamente ululava de prazer. “Tão melhor assim!”

Ele passou todo o fim de semana nu. A toalha que usava quando recebeu a entrega de uma pizza soltou-se antes que o entregador tivesse tempo de se virar. “Oi, amor, sou eu”, disse Melissa no telefone celular enquanto Chip se deitava por trás dela e a penetrava. Ela mantinha o braço do telefone desocupado e produzia sons de solidariedade filial. “Ahn han... ahn han... Claro, claro.... É duro, mamãe, eu sei... Não, você tem razão, é duro mesmo... Claro... Claro... Ahn han... Claro... É duro, muito duro mesmo”, disse ela, com uma piscadela na voz, enquanto Chip procurava apoio para um delicioso centímetro extra de penetração enquanto gozava. Segunda e terça-feira ele passou ditando trechos imensos de um trabalho de fim de ano sobre Carol Gilligan porque Melissa estava aborrecida demais com Vendla O’Fallon para terminar sozinha. A memória quase fotográfica que ele tinha dos argumentos de Gilligan, seu domínio total da teoria, o deixaram tão excitado que ele começou a acariciar os cabelos de Melissa com seu pau ereto. Passou a cabeça do pau pelo teclado do computador dela e deixou uma gota brilhante colada na tela de cristal líquido. “Meu amor”, disse ela, “não venha esporrar no meu computador.” Ele deu estocadas em suas bochechas e ouvidos, fez cócegas em suas axilas, até finalmente conseguir encostá-la na porta do banheiro enquanto ela o banhava com seu sorriso vermelho-cereja.

A cada noite, em torno da hora do jantar, por quatro noites seguidas, ela abria sua bagagem e trazia mais duas cápsulas douradas. Na quarta-feira Chip a levou a um Multiplex e viram um filme e meio a mais pelo preço reduzido da matinê. De volta ao Comfort Valley Lodge, depois de um jantar tardio de panquecas, Melissa ligou para a mãe e falou tanto que Chip adormeceu sem tomar sua cápsula.

Acordou no Dia de Ação de Graças à luz cinzenta de sua mente livre de drogas. Por algum tempo, enquanto ficou deitado ouvindo o tráfego escasso da Route 2 no feriado, não conseguiu identificar o que estava diferente. Alguma

coisa relacionada àquele corpo deitado a seu lado o estava deixando desconfortável. Pensou na hipótese de virar-se e enterrar o rosto nas costas de Melissa, mas pareceu-lhe que ela devia estar enjoada dele. Ele mal podia acreditar que ela não tivesse se incomodado que ele a atacasse, a sovasse, a penetrasse. Que não se sentisse como um pedaço de carne que ele vinha usando.

Em questão de segundos, como num mercado de ações tomado por uma onda de venda descontrolada, ele se viu mergulhado em vergonha e embaraço. Não podia suportar passar sequer um segundo a mais na cama. Vestiu a cueca, agarrou a *nécessaire* de Melissa e trancou-se no banheiro.

Seu problema consistia num desejo ardente de não ter feito as coisas que fizera. E seu corpo, sua química interna, tinha uma compreensão clara do que ele precisava fazer para acabar com aquele desejo ardente. Precisava tomar mais um Mexican A.

Vasculhou exaustivamente a *nécessaire*. Jamais acharia possível sentir-se dependente de uma droga sem efeito hedônico, uma droga que ao anoitecer da quinta e última dose ele nem sequer a desejava mais. Destampou o batom de Melissa, tirou dois absorventes internos de sua embalagem de plástico rosado, e sondou um pote de creme de limpeza com um grampo. Nada.

Levou a bolsinha de volta ao quarto, que agora estava totalmente claro, e sussurrou o nome de Melissa. Não obtendo resposta, caiu de joelhos e revistou sua bolsa de viagem de lona. Percorreu com os dedos as taças vazias de seus sutiãs. Apertou as bolas de suas meias. Apalpou vários compartimentos e bolsos da sacola. Esta nova e diferente violação de Melissa era-lhe impressionantemente dolorosa. À luz alaranjada de sua vergonha, sentia-se como se estivesse violando os órgãos internos dela. Sentia-se como um cirurgião acariciando atrozmente seus jovens pulmões, profanando seus rins, enfiando o dedo em seu perfeito e tenro pâncreas. A doçura daquelas meinhas, e a imagem da meias ainda menores da meninice dela, ainda tão próxima, e a imagem de uma promissora, brilhante e romântica aluna de segundo ano fazendo a mala para uma viagem com seu estimado professor — cada associação sentimental alimentava a chama de sua vergonha, cada imagem lembrava-lhe a comédia crua e sem graça do que ele fizera com ela. Os grunhidos ao esporrar na bunda dela. As bolas batendo frenéticas.

A essa altura, sua vergonha fervia tão furiosa que seu cérebro estava a ponto de explodir. Ainda assim, enquanto não perdia de vista a forma adormecida de Melissa, deu um jeito de apalpar as roupas dela pela segunda vez. Só depois de ter reapertado e remanipulado cada peça, ele concluiu que o Mexican A estava na bolsa externa de sua sacola, fechada com zíper. O fecho éclair, ele o abriu bem devagar dente a dente, enquanto cerrava os próprios dentes para sobreviver ao rumor. Já abria o compartimento o suficiente para enfiar nele a sua mão (e a tensão dessa última de suas penetrações despertou novas rajadas de memórias

inflamáveis; sentiu-se mortificado por cada uma das liberdades manuais a que se entregara com Melissa ali no quarto 23, pela avidez lasciva e insaciável de seus dedos; *queria ter ficado longe dela*) quando o telefone celular, no recarregador, emitiu um tinido e ela despertou, com um gemido.

Ele arrancou a mão do lugar proibido, correu para o banheiro e tomou um longo banho de chuveiro. Quando saiu, Melissa estava vestida e tinha tornado a arrumar a mala. Tinha um ar nada carnal à luz da manhã. Assobiava uma alegre melodia.

“Querido, mudança de planos”, disse ela. “Meu pai, que é no fundo um homem adorável, está vindo passar o dia em Westport. E eu quero ir encontrar com eles.”

Chip queria deixar de sentir a vergonha que Melissa não sentia; mas suplicar por outra daquelas pílulas era extremamente constrangedor. “E o nosso jantar?”, disse ele.

“Sinto muito, mas é muito importante eu estar lá.”

“Quer dizer que não basta passar horas no telefone com eles todo dia.”

“Chip, desculpe. Mas estamos falando dos meus melhores amigos.”

Chip nunca tinha gostado das histórias sobre Tom Paquette: um roqueiro dileitante e inventor de fundos de investimento que tinha trocado a família por uma patinadora. E nos últimos dias a capacidade infinita de Clair de tagarelar sobre si mesma no ouvido de Melissa também tinha atraído a má vontade de Chip.

“Ótimo”, disse ele. “Eu levo você até Westport.”

Melissa jogou o cabelo para trás, fazendo-o espalhar-se nas costas como um leque aberto. “Querido? Não fique chateado.”

“Se você não quer ir para Cape Cod, não quer ir para Cape Cod. Eu levo você a Westport.”

“Ótimo. Você vai se vestir?”

“É só que, Melissa, sabe como é, é um pouco doentio você ser assim tão próxima dos seus pais.”

Ela não deu sinal de tê-lo escutado. Foi até o espelho e passou rímel e batom. Chip ficou de pé no meio do quarto com uma toalha enrolada na cintura. Sentia-se verrugoso e repulsivo. Sentia que Melissa tinha razão de sentir nojo dele. E ainda assim queria ser claro.

“Você entendeu o que eu disse?”

“Querido. Chip”, disse enquanto pressionava os lábios recém-pintados. “Vá se vestir.”

“Estou dizendo, Melissa, que os filhos não deviam se dar bem com os pais. Os seus pais não deviam ser os seus melhores amigos. Devia haver algum elemento de rebeldia. É assim que as pessoas se definem como indivíduos.”

“Talvez seja assim que *você* se define”, disse ela. “Mas você não é

exatamente um modelo de adulto feliz.”

Ele sorriu e suportou bem aquelas palavras.

“Eu gosto de mim mesma”, disse ela. “Mas você não parece gostar muito de você mesmo.”

“Os seus pais também parecem gostar muito de si mesmos”, disse ele. “Vocês parecem gostar muito de vocês mesmos como uma família.”

Ele nunca tinha visto Melissa furiosa de verdade. “Eu me adoro”, disse ela. “Qual é o problema?”

E ele foi incapaz de dizer qual era. Foi incapaz de dizer o que havia de errado com Melissa em qualquer sentido — seus pais reciprocamente enamorados, sua teatralidade e sua confiança, sua paixão pelo capitalismo, a carência de bons amigos de sua idade. A sensação que ele tivera no último dia do curso de Narrativas de Consumo, a sensação de que estava enganado a respeito de tudo, de que não havia nada de errado com o mundo e nem com estar feliz no mundo, que o problema era apenas dele e só dele, voltou com tanta força que ele precisou sentar-se na cama.

“Qual é a nossa situação em matéria de drogas?”

“Acabou tudo”, respondeu Melissa.

“Sei.”

“Eu tinha seis, e você tomou cinco.”

“O quê?”

“E foi um erro de cálculo não ter dado logo as seis para você.”

“E você estava tomando o quê?”

“Advil, querido.” Seu tom ao usar esta forma de tratamento tinha ultrapassado um certo limiar, e agora ficara declaradamente irônico. “Para as assaduras...”

“Eu não pedi a você para comprar aquela droga”, disse ele.

“Não com todas as letras”, ela respondeu.

“O que você quer dizer?”

“Que sem ela a gente não ia se divertir muito.”

Chip não lhe pediu para ela explicar melhor. Temia que ela dissesse que ele tinha sido um amante péssimo e ansioso antes de tomar o Mexican A. É claro que ele tinha sido um amante péssimo e ansioso; mas tinha a esperança de que ela não tivesse percebido. Arcado ao peso de mais esta vergonha, e sem mais drogas no quarto para aliviar seu desconforto, baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. A vergonha estava cedendo e a raiva aumentando.

“Você vai me levar até Westport?”, disse Melissa.

Ele fez que sim com a cabeça, mas ela não devia estar olhando para ele, pois ouviu-a virando as páginas de um caderno de telefones. E ouviu a voz dela dizendo a uma telefonista que precisava de um carro para levá-la até New London. E ouviu-a dizer: “Comfort Valley Lodge. Quarto vinte e três”.

“Eu levo você até Westport”, disse ele.

Ela bateu o telefone. “Não, melhor assim.”

“Melissa, pode cancelar o táxi. Eu vou levar você.”

Ela abriu as cortinas de trás do quarto, expondo um panorama com cercas contra ciclones, bordos eretos e os fundos de uma fábrica de reciclagem. Oito ou dez flocos de neve flutuavam tristemente à deriva. No céu a leste havia uma mancha em carne viva onde a cobertura de nuvens sofrera uma abrasão, deixando passar a luz branca do sol. Chip vestiu-se depressa enquanto Melissa lhe dava as costas. Se não estivesse tão estranhamente dominado pela vergonha, poderia ter ido até a janela, tocá-la com suas mãos, e ela poderia ter-se virado e perdoado. Mas suas próprias mãos lhe pareciam as garras de um predador. Imaginou-a encolhendo-se ao seu toque, e não estava totalmente convencido de que alguma porção obscura de seu ser não estivesse realmente desejosa de violentá-la, de fazê-la pagar por gostar de si mesma de um modo como ele jamais gostaria de si. Como ele detestava e adorava a cadência da voz dela, a animação de seus passos, a serenidade de seu amor-próprio! Ela conseguia ser ela mesma, e ele não. E ele podia ver que estava acabado — que não gostava dela, mas que sentiria sua falta miseravelmente.

Ela digitou outro número de telefone. “Oi, querida”, disse ao celular. “Estou indo para Nova Inglaterra. Vou pegar o primeiro trem... Não, eu só quero me encontrar com vocês dois... Sem a menor dúvida... É, sem dúvida... Está bom, beijinho, eu chego aí quando puder... É.”

Um carro buzinou lá fora.

“É o meu táxi”, disse ela à mãe. “Certo. Pode deixar. Beijinho. Tchau.”

Encolheu-se para enfiar o casaco, pegou a sacola e saiu valsando pelo quarto. Chegando à porta, anunciou de maneira geral que estava indo embora. “Até mais”, disse ela, quase olhando para Chip.

Ele não conseguiu decidir se ela era imensamente bem ajustada ou seriamente confusa. Ouviu a porta do táxi bater e o motor roncar. Foi até a janela da frente e viu de relance seus cabelos cor de madeira de cerejeira pela janela traseira de um táxi vermelho e branco. E resolveu, depois de cinco anos de abstinência, que tinha chegado a hora de comprar cigarros.

Vestiu um casaco, atravessou vastas distâncias de asfalto gelado indiferente aos pedestres. Enfiou dinheiro numa fenda no vidro à prova de balas de um mercadinho.

Era a manhã do Dia de Ação de Graças. As nevascas tinham parado, e o sol estava quase todo à mostra. As asas de uma gaivota bateram e estalaram. O vento tinha uma qualidade encapelada e parecia não tocar o chão. Chip sentou-se num balaústre congelado, fumando, e consolou-se com a robusta mediocridade do comércio americano, o metal e o plástico despretensiosos do equipamento à beira de estrada. O baque do bico de uma bomba de gasolina estacando quando o

tanque ficava cheio, a humildade e a velocidade do frentista. E uma faixa em que se lia 99c *Chope Gigante*, inchando-se com o vento mas sem velejar para lugar algum, suas cordas de náilon batendo e zunindo no emblema galvanizado. E os números pretos sem serifa dos algarismos dos preços da gasolina, um batalhão de números nove. E os quatro-portas americanos entrando pelo desvio de acesso a velocidades quase estacionárias, uns cinquenta por hora. E estandartes de plástico amarelo e laranja estremecendo no alto, presos em suas cordas.

“Seu pai caiu novamente das escadas do porão”, disse Enid enquanto a chuva caía em Nova York “Estava carregando um caixote cheio de nozes para o porão, não segurou no corrimão e caiu. Você pode imaginar quantas nozes cabem num caixote de cinco quilos. Saíram rolando para todo lado. Denise, passei metade do dia de quatro. E ainda não acabei de catar todas elas. São da mesma cor dos grilos que a gente não consegue eliminar. Eu me abaixo para pegar uma noz e ela pula na minha cara.”

Denise estava aparando os talos dos girassóis que tinha trazido. “E por que papai estava descendo as escadas para o porão com cinco quilos de nozes?”

“Querida alguma coisa que pudesse fazer sentado na poltrona. Ia tirar todas das cascas.” Enid não se afastava dos ombros de Denise. “Alguma coisa que eu possa fazer por aqui?”

“Pode me encontrar um vaso.”

O primeiro armário que Enid abriu continha um caixote de papelão cheio de rolhas de vinho e nada mais. “Não entendi por que Chip nos convidou para vir aqui se nem ia almoçar com a gente.”

“É provável”, disse Denise, “que ele não tenha planejado ser abandonado pela namorada justamente hoje de manhã.”

O tom de voz de Denise estava sempre informando Enid de que ela era uma besta. Denise não era, no entender de Enid, uma pessoa muito cálida e nem dádiosa. De qualquer modo, era sua filha, e poucas semanas antes Enid tinha feito uma coisa vergonhosa que agora precisava seriamente confessar para alguém, e esperava que Denise pudesse ser esta pessoa.

“Gary quer que a gente venda a casa e se mude para a Filadélfia”, disse ela. “Gary acha que a Filadélfia é melhor porque ele mora lá e você também, e Chip está em Nova York. Eu disse a ele que eu adoro meus filhos, mas que Saint Jude é onde eu me sinto confortável. Denise, sou do Meio-Oeste. Ia me sentir totalmente *perdida* na Filadélfia. Gary quer que a gente se inscreva para conseguir uma casa de repouso. Ele não entende que já é tarde demais. Esses lugares não aceitam pessoas que têm o tipo de problema do seu pai.”

“Mas se o papai vive caindo das escadas.”

“Denise, ele não segura no corrimão! Ele se recusa a admitir que não devia carregar nada nas escadas.”

Debaixo da pia, Enid encontrou um vaso por trás de uma pilha de fotos

emolduradas, quatro fotos de coisas rosadas e peludas, obras de arte meio pervertida ou fotografias de médico. Tentou estender a mão para além delas, como se nada fosse, mas derrubou uma panela para aspargos ao vapor que dera a Chip num certo Natal. Assim que Denise olhou em sua direção, Enid não teve como fingir que não tinha visto as fotos. “Que diabo?”, disse ela, franzindo o rosto. “Denise, o que são essas coisas?”

“Como assim, ‘o que são essas coisas?’”

“Alguma mania pervertida do Chip, deve ser.”

Denise adotou uma expressão “divertida” que levava Enid à loucura. “Mas é claro que você sabe o que são.”

“Não. Não sei.”

“Não sabe?”

Enid pegou o vaso e fechou o armário. “Eu não *quero* saber”, disse ela.

“Bem, aí já é uma coisa muito diferente.”

Na sala, Alfred estava reunindo coragem para sentar-se na *chaise longue* de Chip. Menos de dez minutos atrás, sentara-se nela sem incidentes. Mas agora, em vez de simplesmente tornar a fazê-lo, tinha parado para pensar. Fazia pouco tempo que tinha percebido que, no meio do ato de sentar-se, havia uma perda de controle, uma queda livre de costas às cegas. Sua excelente poltrona azul em Saint Jude era como uma luva do defensor da primeira base, aparando com toda a delicadeza qualquer corpo atirado em sua direção, em qualquer ângulo e com qualquer violência; tinha imensos braços ursinos, muito úteis para dar-lhe apoio enquanto ele se entregava àquele crucial tombo às cegas. Mas a *chaise longue* de Chip era uma peça de antiquário muito baixa e incômoda. Alfred postou-se de costas para ela e hesitou, os joelhos dobrados o pouco que suas pernas neuropáticas permitiam, as mãos percorrendo em vão o vazio por trás dele. Estava com medo de pular no vazio. Ainda assim, havia algo de obsceno naquele homem ali meio acorado e oscilante, alguma associação com o banheiro dos homens, alguma vulnerabilidade essencial que lhe pareceu ao mesmo tempo tão pungente e degradada que, simplesmente para pôr-lhe fim, fechou os olhos e deixou-se cair. Pousou pesadamente sobre o traseiro e continuou a deitar as costas, parando afinal com os joelhos no ar acima do corpo.

“Al, tudo bem com você?”, perguntou Enid.

“Não entendo esta mobília”, disse ele, lutando para reerguer-se um pouco e produzir uma voz mais forte. “Isto aqui é um sofá?”

Denise entrou na sala e pôs um vaso com três girassóis na mesa claudicante perto da *chaise longue*. “É parecido com um sofá”, disse ela. “Você pode pôr as pernas para cima e posar de filósofo francês. E pode falar de Schopenhauer.”

Alfred sacudiu a cabeça.

Enid enunciou da porta da cozinha. “O doutor Hedgpeth disse que você só devia se sentar em cadeiras *altas*, de *encosto reto*.”

Já que Alfred não demonstrou qualquer interesse por suas instruções, Enid repetiu-as para Denise quando ela voltou para a cozinha. “Só cadeiras *altas e de encosto reto*”, disse ela. “Mas seu pai não escuta. Teima em sentar naquela poltrona de couro. Depois fica gritando para eu ir até lá ajudá-lo a se levantar. Mas e se eu der um jeito nas costas, como é que a gente fica? Eu pus uma dessas belas cadeiras antigas de encosto parecido com uma escada do lado da televisão lá embaixo, e disse a ele para sentar nela. Mas ele prefere ficar sentado na poltrona de couro, e depois, para se levantar, escorrega pela almofada até cair sentado no chão. Aí vai se arrastando pelo chão até a mesa de pingue-pongue e se apóia nela para se levantar.”

“Não deixa de ser criativo”, disse Denise enquanto tirava um tanto de comida da geladeira.

“Denise, ele *se arrasta pelo chão*. Em vez de se instalar numa cadeira bem confortável, de encosto reto, como o médico dele disse que era importante ele se sentar, *ele se arrasta pelo chão*. Para começo de conversa, já não devia passar tanto tempo assim sentado. O doutor Hedgpeth disse que o caso dele não é tão sério, se pelo menos ele sair um pouco e *fizer* alguma coisa. Se não usar, atrofia, é o que todos os médicos dizem. Dave Schumpert teve dez vezes mais problemas de saúde do que o seu pai, fez colostomia há quinze anos, só tem um pulmão e um marca-passos, mas olhe todas as coisas que ele faz com Mary Beth. Acabaram de voltar de uma viagem para as ilhas Fiji, onde estavam mergulhando! Dave *nunca* se queixa, *nunca*. Acho que você não vai se lembrar de Gene Grillo, velho amigo de seu pai da Hephaestus, mas ele tem Parkinson bem grave — muito, muito pior do que seu pai. Ainda está em casa, em Fort Wayne, mas de cadeira de rodas. Está bem mal, na verdade, mas Denise, ele se *interessa* pelas coisas. Não consegue mais escrever, mas nos mandou uma ‘audiocarta’ em fita cassete, muito gentil, falando detalhadamente sobre cada um dos netos, interessado por eles, e como começou a aprender cambojano, que ele chama de khmer, ouvindo umas fitas e assistindo ao canal cambojano (ou khmer, deve ser) da TV em Fort Wayne, porque o filho mais novo deles se casou com uma cambojana, ou khmer, sei lá, e os pais dela não sabem falar inglês e Gene quer poder dizer algumas coisas para eles. Você acredita? Gene em casa, numa cadeira de rodas, completamente inválido, mas ainda pensando no que pode fazer pelos outros. Enquanto seu pai, que ainda consegue andar, e escrever, e se vestir sozinho, não faz nada o dia inteiro, só fica sentado naquela poltrona.”

“Mamãe, ele está deprimido”, disse Denise em voz baixa, cortando o pão em fatias.

“É o que Gary e Caroline também me disseram. Que ele está deprimido e devia tomar algum remédio. Que ele era maniaco por trabalho, e que o trabalho era feito uma droga que quando ele não pôde mais tomar ficou deprimido.”

“Aí você lhe dá um remédio e esquece dele. Uma teoria muito conveniente.”

“Você está sendo injusta com Gary.”

“Não vamos começar a discutir sobre Gary e Caroline.”

“Meu *Deus*, Denise, do jeito que você mexe com essa faca de um lado para o outro, não sei como ainda não perdeu um dedo.”

Da ponta de uma baguete, Denise tinha feito três veículos de fundo de casca. No primeiro, instalou lâminas de manteiga curvas como velas inchadas de vento, noutra lascas de parmesão culminando numa elevação de rúcula picada, e a terceira ela forrou de azeitona moída com azeite, coberta com uma espessa capa vermelha de pimentão.

Enid falou — “Hummm, está uma beleza” —, enquanto estendia a mão, com a velocidade de um carro, para a travessa em que Denise arrumara os petiscos. Mas o prato desviou-se dela.

“São para o papai.”

“Só o cantinho de um deles.”

“Eu faço mais para você.”

“Não, eu só quero um pedacinho do dele.”

Mas Denise saiu da cozinha e levou a travessa para Alfred, para quem o problema da existência era o seguinte: à maneira de uma semente que ia subindo até sair de debaixo da terra, o mundo deslocava-se para diante no tempo, acrescentando célula após célula à sua proa, empilhando momento sobre momento, mas compreender o mundo até mesmo em seu momento mais jovem ou inicial não dava a ninguém a garantia de que voltaria a ser capaz de compreendê-lo no momento seguinte. No momento em que conseguiu perceber que sua filha Denise estava lhe entregando uma travessa de antepasto na sala de seu filho Chip, o momento seguinte do tempo já adquiria uma existência primeva e incompreendida na qual ele absolutamente não tinha como excluir a possibilidade, por exemplo, de que sua mulher, Enid, estivesse lhe entregando uma travessa de fezes na sala de espera de um bordel; e assim que ele reconfirmou que eram Denise, e petiscos e a sala de Chip, a proa do tempo adquiriu uma nova camada de células novas, de maneira que tornou a ver-se frente a um mundo novo e ainda incompreendido; e era por isso que, em vez de esgotar-se naquela eterna brincadeira de pegador, ele preferia cada vez mais passar os dias no porão em meio às imutáveis raízes históricas das coisas.

“Uma coisa para você ir beliscando enquanto eu arrumo o almoço”, disse-lhe Denise.

Alfred olhou com gratidão para os petiscos, que conseguiam passar uns noventa por cento do tempo firmes na condição de comida, transformando-se apenas ocasionalmente em objetos de forma e tamanho semelhantes.

“Será que você quer um copo de vinho?”

“Não precisa”, disse ele. À medida que a gratidão se irradiava de seu

coração — pois ficara comovido — suas mãos e punhos começaram a tremer mais intensamente em seu colo. Tentou encontrar alguma coisa na sala que não o deixasse comovido, alguma coisa em que pudesse repousar os olhos com segurança; mas como a sala era de Chip e como Denise estava nela, todos os móveis e objetos, e todas as superfícies — até mesmo o comando do aquecedor, até mesmo um trecho da parede um tanto manchado — lembrava os mundos distantes, orientais, onde seus filhos viviam suas vidas e portanto as várias vastas distâncias que o separavam deles; o que fazia suas mãos tremerem ainda mais.

O fato de sua filha, cujas atenções agravavam mais sua aflição, ser a pessoa que ele menos queria deixar vê-lo nas garras dessa mesma aflição era o tipo de lógica diabólica que só faz confirmar o pessimismo de um homem.

“Vou deixar você aqui sozinho um instante”, disse Denise, “enquanto começo a preparar o almoço.”

Ele fechou os olhos e agradeceu a ela. Como se esperasse a tempestade amainar um pouco para poder sair correndo do carro e entrar no mercado, esperou que seu tremor se aquietasse para poder estender a mão e comer calmamente o que ela lhe trouxera.

Aquele seu mal ofendia seu sentido de compostura. Aquelas mãos trêmulas pertenciam a ele e a mais ninguém, e no entanto recusavam-se a obedecê-lo. Como crianças malcriadas. Crianças impossíveis de dois anos, entregues a um ataque de voluntarismo. Quanto mais severas eram as ordens que lhes transmitia, menos elas lhe davam ouvidos e mais escapavam a seu controle. Ele sempre tinha sido vulnerável à recalcitrância infantil, e à sua recusa de comportarem-se como adultos. A irresponsabilidade e a indisciplina eram a maldição de sua existência, e ali estava mais um exemplo de lógica diabólica: que seu mal consistisse justamente na recusa de seu corpo em obedecê-lo.

Se tua mão direita te ofender, disse Jesus, corta-a fora.

Enquanto esperava o temor amainar — enquanto contemplava impotente os movimentos espasmódicos de remador de suas mãos, como se estivesse preso num quarto de brincar com pequenas crianças malcriadas que berravam, mas tivesse perdido a voz e não tivesse como fazê-las calar-se — Alfred deu-se ao prazer de imaginar-se amputando sua mão com uma machadinha: o prazer de transmitir ao membro transgressor a noção de como era profunda a raiva que dele sentia, de como ele o amaria pouco, caso ele insistisse em desobedecê-lo. Dava-lhe uma espécie de êxtase imaginar o primeiro ataque profundo da lâmina da machadinha no osso e nos músculos de seu pulso recalcitrante; mas juntamente com o êxtase, bem ao lado dele, vinha a tendência a chorar por aquela mão que era dele, que ele amava e para a qual desejava o melhor, que ele conhecera a vida toda.

Sem perceber, viu-se novamente pensando em Chip.

Perguntava-se aonde Chip teria ido. E como ele fizera Chip afastar-se mais

uma vez.

A voz de Denise e a voz de Enid na cozinha eram como uma abelha maior e outra menor presas por trás de uma tela de janela. E seu momento chegou, a calmaria pela qual vinha esperando. Inclinando-se para a frente e firmando a mão estendida com o apoio da outra mão, pegou a escuna carregada de manteiga e a tirou do prato, conseguiu carregá-la pelo ar sem virá-la de borco, e então, enquanto ela flutuava e jogava, abriu a boca, empurrou-a para dentro dela e pegou. Pegou. Pegou. A casca cortou suas gengivas, mas ele manteve a coisa toda dentro de sua boca e mastigou com cuidado, dando amplo curso à sua língua preguiçosa. A manteiga se derretendo, a maciez feminina do trigo fermentado e assado. Havia capítulos nos livretos de Hedgpeth que nem mesmo Alfred, fatalista e disciplinado como era, conseguira ler. Capítulos dedicados a problemas de deglutição; aos tormentos adiantados da língua; ao colapso final do sistema de sinais...

A traição começara no Departamento de Sinais.

A ferrovia Midland Pacific, onde na última década de sua carreira dirigia o Departamento de Engenharia (e onde, quando dava uma ordem, ela era imediatamente cumprida, imediatamente, senhor Lambert, sim, senhor), servia centenas de cidades de um silo só no oeste do Kansas e oeste e centro de Nebraska, cidades do tipo daquelas em que ou perto das quais Alfred e os outros executivos da empresa tinham crescido, cidades que em sua velhice pareciam ainda mais doentes diante da saúde excelente dos trilhos da Midland Pacific que as atravessavam. Embora a responsabilidade fundamental da empresa fosse para com seus acionistas, seus funcionários superiores de Kansas e Missouri (entre os quais Mark Jamborets, advogado da empresa) convenceram o Conselho de Administração que, sendo a ferrovia um monopólio absoluto em muitas cidades do interior, tinha o dever cívico de manter o serviço em todos os ramais, mesmo os menores. Pessoalmente, Alfred não tinha ilusões sobre o futuro econômico das cidadezinhas da pradaria onde a idade mediana era cinquenta e tantos, mas acreditava no transporte ferroviário e detestava caminhões, e sabia por experiência própria o que um serviço regular significava para o orgulho cívico de uma cidade, como o apito do trem podia reanimar o espírito numa manhã de fevereiro em 41o de latitude norte e 101o de longitude oeste; e em suas batalhas com a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos e com vários departamentos de transportes, aprendera a valorizar os legisladores rurais dos estados, capazes de interceder em seu favor quando você precisava de mais tempo para limpar os tanques de óleo usado nos pátios de manobras de Kansas City ou quando algum maldito burocrata insistia que você precisava pagar quarenta por cento de um projeto totalmente desnecessário de modificação de nível do leito da ferrovia no cruzamento com uma estrada vicinal. Anos depois da Soo Line, da Great Northern e da Rock Island terem abandonado cidades mortas

e moribundas ao longo de todo o norte das Grandes Planícies, a Midland Pacific persistia em manter linhas curtas duas vezes por semana ou até uma vez a cada duas semanas passando por lugares como Alvin e Pisgah Creek, New Chartres e West Centerville.

Infelizmente, esse programa atraiu predadores. No início da década de 1980, momento em que Alfred se aproximava da aposentadoria, a Midland Pacific era conhecida como uma ferrovia regional que, apesar de uma administração impecável e de belas margens de lucro em suas linhas de transporte a longa distância, apresentava lucros medíocres. Já repelira um pretendente indesejado quando caíra sob os olhos aquisitivos de Hillard e Chauncy Wroth, gêmeos fraternos de Oak Ridge, Tennessee, que haviam transformado uma empresa familiar de empacotamento de carne num império do dólar. Seu grupo de empresas, o Orfic Group, controlava uma rede de hotéis, um banco em Atlanta, uma companhia petrolífera e a Arkansas Southern Railroad. Os Wroth tinham o rosto assimétrico, cabelos sujos e nenhum interesse ou desejo perceptível além de ganhar dinheiro; *os cavaleiros de Oak Ridge*, era como a imprensa financeira os chamava. Numa reunião exploratória preliminar a que Alfred compareceu, Chauncy Wroth insistiu em chamar de “meu velho” o presidente da Midland Pacific: *Eu entendi perfeitamente que você não acha isso “justo”, MEU VELHO... Se é assim, MEU VELHO, você e os seus advogados deviam sair e ter uma conversinha agora mesmo... Caramba, MEU VELHO, Hillard e eu achávamos que você estava dirigindo uma empresa, e não uma organização de caridade...* Este tipo de antipaternalismo foi bem recebido pela força de trabalho sindicalizada da empresa, que ao final de meses de árduas negociações decidiu em votação oferecer aos Wroth um pacote de concessões de pagamentos e regras contratuais no valor de quase duzentos milhões de dólares; com esta economia futura em vista, e mais vinte e sete por cento das ações da ferrovia, e mais um ilimitado financiamento na forma de papéis de valor duvidoso, os Wroth fizeram uma oferta irresistível pelo controle e compraram a ferrovia à vista. Um antigo comissário de estradas do Tennessee, Fenton Creel, foi contratado para comandar a fusão da ferrovia com a Arkansas Southern. Creel fechou o quartel-general da Midland Pacific em Saint Jude, demitiu ou aposentou um terço de seus empregados e transferiu os demais para Little Rock.

Alfred aposentou-se dois meses antes de completar sessenta e cinco anos. Estava em casa vendo o noticiário *Good Morning America* sentado em sua nova poltrona azul quando Mark Jamborets, que se aposentara do cargo de advogado da Midland Pacific, ligou para dar a notícia de que um xerife de New Chartres (pronunciada “Charters”), no Kansas, tinha sido preso por ter dado um tiro num empregado da Orfic Midland. “O xerife se chama Bruce Halstrom”, disse Jamborets. “Recebeu uma ligação dizendo que alguns desordeiros estavam roubando cabos de sinalização da Midland Pacific. Foi até o desvio e encontrou

três sujeitos arrancando os fios, arrebetando as caixas dos sinais, recolhendo tudo que era de cobre. Um deles levou uma bala no quadril antes que os outros tivessem tempo de explicar a Halstrom que estavam trabalhando para a própria Midland Pacific. Contratados para recuperar cobre, a sessenta cents por libra.”

“Mas o sistema é novo e está em perfeito estado”, disse Alfred. “Não faz nem três anos que modernizamos todo o ramal de New Chartres.”

“Os Wroth estão transformando tudo em ferro-velho, menos as linhas-tronco”, disse Jamborets. “Estão sucateando o atalho de Glendora! Você não acha que a Atchison, Topeka não iria querer comprar?”

“Bem”, disse Alfred.

“É uma lição moral evangélica virada do avesso”, disse Jamborets. “Os Wroth não toleram que a empresa admita qualquer princípio além da busca impiedosa do lucro. Estou dizendo: eles detestam o que não conseguem entender. E agora estão salgando os campos. Fecharam o escritório central em Saint Jude, quando somos duas vezes maiores que a Arkansas Southern? Estão se vingando de Saint Jude por ser a sede da Midland Pacific. E Creel está castigando as cidades como New Chartres por serem cidades da Midland Pacific. Está salgando os campos dos financeiramente iníquos.”

“Bem”, disse novamente Alfred, os olhos atraídos por sua poltrona azul nova e por seu delicioso potencial como local de sono. “Não é mais meu problema.”

Mas ele trabalhara por trinta anos para transformar a Midland Pacific num sistema forte, e Jamborets continuava ligando para ele e a dando-lhe notícias de novos absurdos cometidos no Kansas, e tudo aquilo o deixava com muito sono. Em pouco tempo, mal restavam ramais em operação no distrito oeste da Midland Pacific, mas tudo indicava que Fenton Creel estava satisfeito e ia parar de arrancar os fios de sinalização e as entranhas das caixas de sinais. Cinco anos depois da transferência do controle, os trilhos ainda estavam no lugar, e a concessão ainda não fora vendida. Só o sistema nervoso de cobre, num gesto de autovandalismo empresarial, tinha sido desmantelado.

“E agora estou preocupada com nosso seguro de saúde”, disse Enid a Denise. “A Orfic Midland está mudando o sistema de todos os antigos empregados da Midland Pacific até o final de abril. Preciso encontrar algum desses planos de saúde parciais que tenha alguns dos médicos meus e do seu pai na lista. Estou *me afogando* em prospectos, todos iguais, menos nas cláusulas em letra miúda, e para falar a verdade, Denise, acho que não vou dar conta disso.”

Como para evitar desde logo ser chamada para ajudar, Denise emendou depressa: “Quais são os planos que Hedgpeth aceita?”

“Além dos antigos pacientes, que ainda pagam as consultas, como Papai, ele agora é exclusivo do serviço Dean Driblett”, disse Enid. “Eu já contei da festa enorme na casa nova, *linda, enorme*, de Dean. Ele e Trish são de fato um dos casais jovens mais agradáveis que eu conheço, mas meu Deus, Denise, eu liguei

para a companhia dele no ano passado, depois que seu pai caiu do cortador de grama, e você sabe quanto eles me pediram para cortar o nosso gramadinho? Cinquenta e cinco dólares por semana! Eu não tenho nada contra o lucro, acho o sucesso de Dean uma *beleza*, contei para você a viagem dele para Paris levando Honey, não tenho nada contra ele. Mas cinquenta e cinco dólares por semana!”

Denise provou a salada de ervilha de Chip e estendeu a mão para o azeite. “Quanto custaria um plano para pagar as consultas do papai?”

“Denise, centenas de dólares a mais por mês. Nenhum dos nossos amigos tem esse tipo de plano, todo mundo paga as consultas, mas eu não sei como a gente vai conseguir pagar. Seu pai era tão conservador nos investimentos dele, é uma sorte ter sobrado uma certa margem para emergências. E mais uma coisa que me deixa muito, muito, muito preocupada.” Enid abaixou a voz. “Uma das velhas patentes do seu pai está finalmente dando algum resultado, e eu preciso do seu conselho.”

Saiu da cozinha e foi certificar-se de que Alfred não tinha como ouvir. “Al, como está indo?”, gritou.

Ele estava alongando seu segundo bocado, o pequeno vagonete verde, por baixo do queixo. Como se tivesse capturado um animalzinho que pudesse fugir, sacudiu a cabeça sem levantar os olhos.

Enid voltou para a cozinha com sua bolsa. “Finalmente uma chance de ele ganhar algum dinheiro, mas ele não está interessado. Gary conversou com ele no telefone mês passado e tentou convencê-lo a ser um pouco mais agressivo, mas seu pai perdeu a cabeça.”

Denise enrijeceu o corpo. “O que Gary queria que vocês fizessem?”

“Só ser um pouco mais agressivos. Espere aí, vou lhe mostrar a carta.”

“Mamãe, essas patentes são do papai. É ele quem tem de decidir o que vai fazer com elas.”

Enid esperava que o envelope no fundo de sua bolsa fosse a carta registrada perdida da Axon Corporation. Em sua bolsa, assim como em sua casa, objetos perdidos às vezes ressurgiam prodigiosamente na superfície. Mas o envelope que ela encontrou era a carta original protocolada, que nunca se perdera.

“Leia”, disse ela, “e veja se não concorda com Gary.”

Denise largou a lata de pimenta-malagueta com que acabara de polvilhar a salada de Chip. Enid ficou de pé junto ao seu ombro, e releu a carta para assegurar-se de que ainda dizia o que recordava.

Prezado Dr. Lambert:

Em nome da Axon Corporation, com sede em 24 East Industrial Serpentine, Schwenksville, Pensilvânia, escrevo para oferecer-lhe um pagamento à vista no montante de cinco mil dólares (US\$ 5.000,00) pelo direito pleno, exclusivo e irrevogável sobre a patente número 4934417 do

Departamento de Patentes dos Estados Unidos (ELETROPOLIMERIZAÇÃO TERAPÊUTICA DE GEL DE FERROACETATO), de cuja licença o senhor é o detentor único e original.

A administração da Axon lastima não poder oferecer-lhe remuneração maior. O produto da empresa está em fase inicial de testes, e ainda não temos garantia de que o investimento vá produzir frutos.

Se aceitar os termos esboçados no Acordo de Licenciamento que lhe enviamos anexo, favor assinar e reconhecer as três cópias, antes de nos devolvê-las até dia 30 de setembro próximo, no máximo.

Cordialmente,

Joseph K. Prager

Bragg Knuter & Speigh, advogados

Quando esta carta chegara no correio em agosto, e Enid acordara Alfred no porão, ele tinha encolhido os ombros e dito: “Cinco mil dólares não vão mudar a maneira como a gente vive”. Enid sugerira que escrevessem em resposta à Axon pedindo um pagamento maior, mas Alfred sacudiu a cabeça. “Daqui a pouco, vamos ter gasto cinco mil dólares de advogado, e aí vamos ter ganhado o quê?” Mas não custava nada perguntar, disse Enid. “Não vou perguntar nada”, disse Alfred. Mas se ele pelo menos respondesse, disse Enid, e pedisse dez mil dólares... Mas se calou quando Alfred a atravessou com um olhar. Era tão chocante quanto ela lhe propor que fossem fazer amor.

Denise tirara uma garrafa de vinho da geladeira, como para sublinhar sua indiferença àquele assunto tão importante para Enid. Às vezes Enid achava que Denise desprezava todas as coisas que ela achava boas. Os jeans sensualmente apertados de Denise, tão em evidência quando ela fechou a gaveta com um empurrão dos quadris, transmitiam essa mensagem. A segurança com que ela enfiou o saca-rolhas na rolha transmitia essa mensagem. “Quer um pouco de vinho?”

Enid estremeceu. “Mas é tão cedo ainda.”

Denise tomou seu vinho como se fosse água. “Conhecendo Gary”, disse ela, “aposto que ele disse que vocês deviam arrancar o máximo deles.”

“Não, sabe...”, Enid estendeu as duas mãos para a garrafa. “Só uma gota, só um fundinho de copo, eu juro, nunca bebo de manhã, nunca... mas é o seguinte, Gary quer saber por que a companhia está interessada na patente se ainda estão começando as pesquisas com o produto. O normal seria simplesmente desrespeitar a patente enquanto isso — É muito! Denise, eu não gosto de tanto vinho assim! Porque o caso é que a patente vai expirar dentro de seis anos, e por isso Gary acha que a companhia deve estar esperando ganhar muito dinheiro dentro de pouco tempo.”

“E papai assinou o acordo?”

“Assinou. Foi à casa dos Schumpert, pediu a Dave que fosse testemunha e reconhecesse a assinatura.”

“Então você tem de respeitar a decisão dele.”

“Denise, ele está sendo teimoso e irracional. Eu não posso...”

“Você está querendo dizer que ele não está sendo capaz?”

“Não. Não. É mesmo do feitio dele. É só que eu não...”

“Se ele *já assinou* o acordo”, disse Denise, “o que Gary imagina que vocês vão fazer?”

“Acho que nada.”

“Então qual é o problema?”

“Nenhum. Tem razão”, disse Enid. “Nada mais a fazer”, embora na verdade não fosse assim. Se Denise tivesse sido um pouco menos parcial em seu apoio a Alfred, Enid poderia ter confessado que, depois de Alfred entregar-lhe o acordo devidamente reconhecido para que o pusesse no correio a caminho do banco, ela escondera o papel no porta-luvas do carro e deixara o envelope ali, irradiando culpa, por vários dias, e que mais tarde, enquanto Alfred cochilava, escondera o envelope em lugar mais seguro, no fundo do armário da lavanderia, ao lado de potes de geléias e doces indesejáveis que encaneciam de velhice (uvas chinesas, abóbora ao conhaque, framboesas coreanas) e vasos e cestas e cubos de argila para arranjos florais, bons demais para serem jogados fora mas não o suficiente para serem usados; e que, em decorrência daquele ato desonesto, ela e Alfred ainda poderiam extorquir um preço melhor da Axon pelo licenciamento, e que era portanto crucial localizar a segunda carta da Axon, a carta registrada, e escondê-la antes que Alfred descobrisse que ela o enganara e desobedecera as suas ordens. “Ah, mas isto me lembra”, disse ela, esvaziando o copo, “que preciso muito da sua ajuda com outra coisa.”

Denise hesitou antes de responder com um “Sim?” educado e cordial. E a hesitação confirmou a convicção formada há muito por Enid de que ela e Alfred haviam errado em algum ponto na criação de Denise, e que deixaram de instilar na filha caçula o espírito adequado de generosidade e alegria de servir.

“Como você sabe”, disse Enid, “passamos todos os últimos oito natais na Filadélfia, mas agora os filhos de Gary já estão crescidos e talvez já queiram ter a lembrança de um Natal na casa dos avós, e aí eu pensei...”

“Merda!”, o grito veio da sala.

Enid pousou seu copo e saiu correndo da cozinha. Alfred estava sentado na beira da *chaise longue*, numa postura um tanto quanto penitente, os joelhos bem altos e as costas um tanto curvas, contemplando o local onde caíra seu terceiro bocado. A gôndola de pão tinha escapado de seus dedos a caminho da boca, e mergulhado em seu joelho, espalhando destroços, capotando até o chão e finalmente indo parar debaixo da *chaise longue*. Uma camada úmida de pimentão vermelho assado aderira a um dos flancos da *chaise longue*. Sombras

de pingos de azeite formavam-se em torno de cada aglomerado de pedacinhos de azeitona no estofamento. A gôndola vazia estava tombada de lado, mostrando o interior ensofado de amarelo, manchado de marrom.

Denise esgueirou-se para ultrapassar Enid com uma esponja úmida e ajoelhou-se ao lado de Alfred. “Ah, papai”, disse ela, “fiz umas coisas difíceis de segurar, devia ter pensado melhor.”

“Pegue um pano que eu limpo tudo.”

“Não, pode deixar”, disse Denise. Formando uma concha com uma das mãos para servir de receptáculo, varreu os restos de azeitona de seus joelhos e de suas pernas. As mãos dele tremiam no ar perto da cabeça dela, como se ele estivesse a ponto de empurrá-la para longe, mas ela trabalhou depressa, e logo já tinha removido todos os pedacinhos de azeitona do chão e carregado a comida suja de volta para a cozinha, onde Enid sentira vontade de mais um pouco de vinho e, em sua pressa de não ser notada, servira-se de um fundinho bastante substancial e tomara tudo depressa.

“De qualquer maneira”, disse ela, “pensei que, se você e Chip se interessassem, podíamos passar um último Natal juntos em Saint Jude. O que você acha da idéia?”

“Eu passo o Natal onde você e papai quiserem”, disse Denise.

“Não, mas eu estou perguntando a *você*. Queria saber se é uma coisa que você tem interesse especial em fazer. Se você iria achar bom passar um último Natal na casa em que você cresceu. Acha a idéia interessante?”

“Mas eu vou avisando desde já”, disse Denise, “que Caroline não vai sair da Filadélfia de jeito nenhum. É uma fantasia achar que pode ser diferente. Se você quiser ver os netos, vai precisar ir até lá.”

“Denise, eu estou perguntando o que *você* quer. Gary me disse que ele e Caroline não rejeitam a idéia. Eu preciso saber se o Natal em Saint Jude é uma coisa que *você* quer, porque se todos concordarem que é importante reunir a família em Saint Jude pela última vez...”

“Mamãe, por mim tudo bem, se você acha que dá conta.”

“Só vou precisar de um pouco de ajuda na cozinha.”

“Eu ajudo na cozinha. Mas só posso passar poucos dias.”

“Não dá para ser uma semana?”

“Não.”

“Mas por quê?”

“Mamãe.”

“*Merda!*”, Alfred tornou a gritar da sala quando alguma coisa vítrea, talvez um vaso contendo girassóis, caiu no chão como algo que se espatifa, um fragor de destruição. “*Merda! Merda!*”

Os nervos de Enid estavam também tão quebradiços que ela quase deixou cair seu copo de vinho, mas ao mesmo tempo uma parte dela sentiu-se grata por

aquele segundo acidente, fosse qual fosse, porque serviu para dar a Denise uma ligeira idéia do que era preciso enfrentar no dia-a-dia, vinte e quatro horas por dia, em casa, em Saint Jude.

A noite do septuagésimo quinto aniversário de Alfred encontrara Chip sozinho em Tilton Ledge, empenhado um colóquio sexual com sua *chaise longue* vermelha.

Era o início de janeiro, e os bosques em torno do Córrego Sucata estavam encharcados de neve derretida. Só o céu de shopping center que cobria o centro de Connecticut e as leituras digitais dos aparelhos eletrônicos de sua casa lançavam alguma luz sobre aqueles embates carnis. Estava ajoelhado ao pé da *chaise longue*, e farejava seu estofamento minuciosamente, centímetro por centímetro, na esperança de que algum travo de aroma vaginal ainda pudesse permanecer ativo oito semanas depois de Melissa Paquette ter se deitado ali. De tempos em tempos, os odores distintos e identificáveis — poeira, suor, urina, o fedor acumulado de fumaça de cigarro, o fugidio rastro aromático de boceta — tornavam-se abstratos e indistinguíveis de tanto que ele insistia em farejá-los, e ele precisava fazer pausas frequentes para refrescar as narinas. Correu com os lábios os umbigos abotoados da cadeira, beijando os fiapos, os grãos, as migalhas e os pêlos que neles se acumularam. Nenhum dos três pontos onde ele julgou ter sentido o cheiro de Melissa tinha o inequívoco aroma pronunciado, mas ao final de comparações exaustivas ele conseguiu escolher o menos questionável dos três pontos, perto de um botão logo abaixo do encosto, e dedicar-lhe sua plena atenção nasal. Dedilhou outros botões com as duas mãos, o veludo irritando suas partes íntimas numa aproximação muito insuficiente da pele de Melissa, até finalmente conquistar suficiente crença na realidade daquele aroma — fé suficiente na idéia de que ainda possuía alguma relíquia de Melissa — para consumir o ato. Depois, rolou de sua complacente antigüidade e desabou no chão com as calças abertas e a cabeça no encosto, uma hora mais perto de se omitir de ligar para seu pai em seu aniversário.

Fumou dois cigarros, acendendo o segundo no primeiro. Ligou a televisão num canal a cabo que passava uma maratona de antigos desenhos animados da Warner. À beira da poça de brilho azul do tubo, podia ver a correspondência que havia quase uma semana vinha deixando cair, ainda fechada, no chão. Três cartas do novo reitor em exercício do College estavam na pilha, bem como alguma coisa ameaçadora do fundo de pensão dos professores, além de uma carta da coordenação de residência do Colleeecom as palavras AVISO DE EXPULSÃO do lado de fora do envelope.

Mais cedo, enquanto passava algumas horas circundando com tinta esferográfica azul todos os M maiúsculos da primeira página de um *New York Times* do mês anterior, Chip tinha chegado à conclusão de que estava tendo um comportamento de pessoa deprimida. Agora, quando seu telefone começou a

tocar, ocorreu-lhe que uma pessoa deprimida continuaria olhando fixo para a TV, ignorando o telefone — acenderia outro cigarro e, sem qualquer vestígio de variação emocional, assistiria a mais um desenho enquanto a secretária gravava o recado de quem quer que fosse.

Ter em vez disso o impulso de pôr-se de pé num salto e atender o telefone — trair de maneira tão impensada todo o árduo desperdício de um dia inteiro — lançou sérias dúvidas sobre a autenticidade de seu sofrimento. Sentia-se como se lhe faltasse a capacidade de perder toda a vontade e conexão com a realidade, da maneira como ocorria com as pessoas deprimidas dos livros e filmes. Teve a impressão, enquanto tirava o som da TV e corria para a cozinha, de que estava fracassando até mesmo na infeliz tarefa de destruir-se da maneira certa.

Fechou as calças, acendeu uma luz e tirou o fone do gancho. “Alô?”

“O que está havendo com você, Chip?”, perguntou Denise sem preâmbulo. “Acabei de falar com papai e ele disse que você não ligou.”

“Denise! Denise! Por que você está gritando?”

“Estou gritando”, respondeu ela, “porque estou nervosa porque hoje papai faz setenta e cinco anos e você não ligou para ele e nem mandou um cartão. Estou nervosa porque estou trabalhando há doze horas, acabei de ligar para lá e ele está preocupado com você. O que está acontecendo aí?”

Chip surpreendeu-se ao rir. “O que está acontecendo é que eu perdi o emprego.”

“O contrato não foi renovado?”

“Não, fui demitido”, disse ele. “Não me deixaram nem dar as duas últimas semanas de aula. Outra pessoa aplicou as minhas provas finais. E só posso apelar da decisão convocando uma testemunha. E se eu tentar falar com a testemunha, isto só faz provar o meu crime.”

“Que testemunha? Testemunha de quê?”

Chip pegou uma garrafa do latão de lixo reciclável, sacudiu-a novamente para verificar se estava vazia, e devolveu-a à lixeira. “Uma ex-aluna minha está dizendo que fiquei obcecado por ela. Disse que tivemos um relacionamento e que eu escrevi um trabalho de fim de ano para ela num quarto de motel. E se eu não contratar um advogado, que eu não tenho como pagar porque cortaram o meu salário, nem posso falar com essa aluna. Se eu tentar me encontrar com ela, vai ser considerado perseguição.”

“É mentira dela?”, perguntou Denise.

“Não há razão para que papai e mamãe saibam disso.”

“Chip, ela está mentindo?”

Aberta na bancada da cozinha de Chip estava a página do *Times* em que ele circulara todos os M maiúsculos. Redescobrir aquele texto agora, horas mais tarde, teria sido como lembrar-se de um sonho, só que os sonhos lembrados não tinham o poder de puxar a pessoa desperta de volta para dentro deles, enquanto a

visão daquela matéria toda rasurada, sobre os novos cortes de benefícios do sistema de Medicare e Medicaid, tornou a induzir em Chip o mesmo sentimento de desconforto e desejo irrealizado que o conduziu para a *chaise longue* para farejar e apalpar. Precisou de alguma luta interna para lembrar-se de que já *tinha ido* até a *chaise longue*, de que já *tinha tomado* aquele caminho para o consolo e o esquecimento.

Dobrou o *Times* e jogou-o no topo de sua lata de lixo transbordante.

“Nunca tive relações sexuais com essa mulher”, disse ele.

“Você sabe que eu sou muito intolerante em muitas coisas”, disse Denise, “mas não coisas desse tipo.”

“Já disse que nunca dormi com ela.”

“Mas eu só estou deixando claro”, disse Denise, “que nesta área qualquer coisa que você possa me dizer vai sempre cair em ouvidos compreensivos.” E pigarreou significativamente.

Se Chip tivesse o impulso de confessar para alguém da família, a irmã mais nova seria a escolha mais indicada. Tendo abandonado a faculdade e feito um mau casamento, Denise tinha pelo menos alguma idéia do que eram a melancolia e a decepção. Mas ninguém além de Enid jamais formara a opinião errada de que Denise era um fracasso. A faculdade que abandonara era muito melhor que aquela em que Chip se formara, e seu casamento precoce, com o divórcio mais recente, lhe dera um grau de maturidade emocional que Chip sabia claramente o quanto lhe faltava, e desconfiava que, embora Denise trabalhasse oitenta horas por semana, ainda assim conseguia ler mais livros do que ele. No último mês, desde que ele embarcara em projetos como o de escanear digitalmente o rosto de Melissa Paquette a partir do álbum de calouros do *college* e colar sua cabeça em imagens obscenas baixadas da internet, e manipular essas imagens *pixel a pixel* (e as horas voam quando se mexe com *pixels*), ele não conseguia ler livro algum.

“Foi um mal-entendido”, disse ele a Denise em tom pastoso. “E depois foi como se eles estivessem doidos para me despedir. E agora estão me negando o direito de defesa.”

“Francamente”, disse Denise, “é difícil ver a sua demissão como uma coisa ruim. Os *colleges* são um lugar muito desagradável.”

“Achei que esse era o lugar no mundo onde eu me encaixava.”

“Estou dizendo que o fato de você não se encaixar até conta a seu favor. Mas do que você está sobrevivendo, em matéria de dinheiro?”

“E quem disse que eu estou sobrevivendo?”

“Precisa de dinheiro emprestado?”

“Denise, você não tem dinheiro.”

“Tenho sim. E também acho que você devia conversar com a minha amiga Julia. Ela trabalha com projetos de cinema. Conte para ela a idéia que você tinha

para um filme baseado em *Troilo e Cressida* e passado no East Village. Ela disse para você ligar para ela se ficasse interessado em escrever.”

Chip sacudiu a cabeça como se Denise estivesse perto dele na cozinha e pudesse vê-lo. Tinham conversado ao telefone, meses antes, sobre a adaptação moderna de algumas das peças menos conhecidas de Shakespeare, e ele não suportava a idéia de que Denise tivesse levado aquela conversa a sério; que ela ainda acreditasse nele.

“E o papai?”, disse ela. “Esqueceu que hoje era aniversário dele?”

“Perdi a noção de tempo.”

“Eu só estou lembrando”, disse Denise, “porque fui eu a pessoa que abriu a sua caixa de Natal.”

“O Natal foi mal, sem dúvida.”

“Foi um jogo de adivinhação saber para quem eram os presentes.”

Do lado de fora, um vento do sul intensificava-se, um vento de degelo que aumentou o tropel do derretimento da neve no pátio de trás. A sensação que Chip tivera quando o telefone tocou — de que o seu sofrimento era opcional — tornou a deixá-lo.

“Então você vai ligar para ele?”, perguntou Denise.

Ele pôs o fone de volta no gancho sem responder a ela, desligou a campainha e apoiou o rosto na moldura da porta. Tinha resolvido o problema dos presentes de Natal para a família no último dia possível para usar o correio, quando, numa grande pressa, tinha escolhido velhas pechinchas e restos em suas prateleiras, embrulhando tudo em papel de alumínio amarrado com fitas vermelhas, recusando-se a imaginar como seu sobrinho Caleb, de nove anos, por exemplo, poderia reagir a uma edição anotada da Oxford de *Ivanhoé*, cuja principal qualificação como presente era ainda encontrar-se envolta no celofane original. Os cantos dos livros tinham imediatamente perfurado o papel de alumínio, e o papel de alumínio que ele acrescentou para cobrir os buracos não aderiu bem às camadas de baixo, e o resultado fora um efeito mole e em processo de esfolamento, como cascas de cebola ou massa folheada, que ele tentara mitigar fechando cada pacote com adesivos da Liga Nacional de Ação pelo Direito ao Aborto que ele recebera na resposta à sua renovação anual de filiação. O resultado de seus esforços tinha uma aparência tão desajeitada e infantil, na verdade tão mentalmente desequilibrada, que ele jogou os pacotes num velho caixote de papelão de *grapefruits* só para não olhar mais para eles. Depois tinha despachado o caixote pelo Federal Express para a casa de Gary na Filadélfia. Sentia-se como se tivesse dado uma enorme cagada, como se, por mais que fosse uma coisa porca e desagradável, pelo menos ele tinha ficado livre dela, e por algum tempo aquela situação não se repetiria. Mas três dias mais tarde, ao voltar para casa tarde na noite de Natal depois de uma vigília de doze horas na Dunkin’ Donuts de Norwalk, Connecticut, viu-se diante do problema de abrir os

presentes que sua família lhe enviara: duas caixas de Saint Jude, um envelope acolchoado de Denise e uma caixa de Gary. Decidiu que iria abrir os presentes na cama e que a maneira de levá-los até seu quarto, no segundo andar, seria chutá-los escada acima. O que demonstrou ser um desafio e tanto, porque objetos ovais tinham uma tendência a não rolar subindo escadas, mas ficar presos nos degraus e rolar de volta para baixo. E mais, se o conteúdo de um envelope acolchoado fosse leve demais para oferecer resistência inercial, era difícil fazê-lo levantar vôo quando chutado. Mas Chip tivera um Natal tão frustrante e desmoralizante — deixara um recado na caixa postal para Melissa, pedindo-lhe que ligasse para ele no telefone público que ficava no Dunkin' Donuts ou, melhor ainda, que viesse pessoalmente, da casa dos pais em Westport, e foi só à meia-noite que a exaustão o compeliu a aceitar que Melissa provavelmente não iria ligar, e que certamente não viria vê-lo — que agora sentia-se fisicamente incapaz de quebrar as regras do jogo que inventara, ou de desistir do jogo antes de chegar a seu objetivo. E estava claro que as regras só permitiam chutes legítimos, de bico (proibindo especialmente enfiar o pé por baixo do envelope acolchoado e fazê-lo avançar por meio de algum movimento em arco), de maneira que viu-se obrigado a chutar o pacote de Natal que ganhara de Denise com selvageria cada vez maior até ele rasgar-se e despejar seu recheio de jornal picado, conseguindo prender o envoltório rasgado com o bico da bota e impelir o presente num arco longo e bem traçado que o fez pousar a um degrau apenas do segundo piso. De lá, porém, o envelope recusou-se a ser mandado por cima da beirada do degrau derradeiro. Chip tentou, chutou e despedaçou o envelope com os calcanhares. Dentro dele, havia um bolo de papel vermelho e seda verde. Desrespeitou sua regra, recolheu o pacote com as mãos, jogou-o no chão depois do último degrau, foi chutando tudo corredor afora e deixou-o junto à cama, descendo para pegar as outras caixas. Que também conseguiu praticamente destruir antes de chegar a desenvolver um método de fazê-las erguer-se um pouco com um chute suave e depois, quando já estavam no ar, dar-lhes um chute violento que as mandava até o andar de cima. Quando deu esse chute na caixa de Gary, ela explodiu numa nuvem de discos de isopor branco. Uma garrafa embrulhada em plástico de bolha saiu da caixa e veio rolando escada abaixo. Era uma garrafa de excelente vinho do porto californiano. Chip levou a garrafa para a cama e aplicou-se em mover-se num ritmo tal que tomava um grande gole de vinho do porto para cada presente que conseguia desembulhar. De sua mãe, que vivia sob a impressão de que ele ainda pendurava meias na lareira, recebeu uma caixa denominada “Recheio para Meias”, contendo pequenos itens embrulhados um a um: um pacotinho de pastilhas para a garganta, uma foto em miniatura dele mesmo na segunda série numa moldura de latão manchado, frascos plásticos de xampu, condicionador e creme para as mãos de um hotel de Hong Kong onde Enid e Alfred tinham

passado uma noite a caminho da China onze anos antes, e dois elfos esculpidos em madeira com sorrisos sentimentalmente exagerados e laçadas de cordão prateado que penetravam em seus craniozinhos, permitindo que fossem pendurados numa árvore. E para exibição sob esta suposta árvore, Enid mandou uma segunda caixa de presentes maiores, embrulhados em papel vermelho decorado com caras de Papai Noel: uma panela para cozer aspargos no vapor, três pares de cuecas Jockey brancas, uma bengala gigante de açúcar-cândi e dois almofadões de chita. De Gary e senhora, além da garrafa de porto, Chip recebeu um engenhoso sistema de bomba a vácuo para preservar restos de vinho da oxidação, como se algum dia restos de vinho tivessem sido um problema para Chip. De Denise, a quem ele enviara a *Correspondência selecionada de André Gide* depois de apagar da folha de rosto os indícios de que só pagara um dólar por aquela tradução especialmente infeliz, recebeu uma linda camisa de seda verde-limão, e de seu pai um cheque de cem dólares com a recomendação por escrito de comprar alguma coisa de que gostava com aquele dinheiro.

A não ser pela camisa, que tinha usado, pelo cheque, que tinha descontado, e pela garrafa de vinho do porto, que matou na cama mesmo em plena noite de Natal, os presentes que recebera da família ainda estavam espalhados pelo chão de seu quarto. O recheio do envelope de Denise tinha ido parar na cozinha, misturando-se com a água e o sabão caídos da pia para formar uma lama que ele terminara espalhando pela casa inteira. Rebanhos de seixos de isopor brancos como carneiros tinham-se refugiado em recantos protegidos.

Eram quase dez e meia no Meio-Oeste.

Alô, papai. Parabéns pelos setenta e cinco. Tudo bem por aqui. Como vão as coisas em Saint Jude?

Chip achava que não conseguiria dar aquele telefonema sem a ajuda de algum tipo de estimulante. Alguma coisa energizante. Mas a TV lhe causava tamanha angústia crítica e política que ele não conseguia mais ver nem desenhos animados sem fumar cigarros, e agora sentia uma região do tamanho do pulmão doendo no peito, e não tinha nada de intoxicante na casa, nem mesmo conhaque vagabundo, nem mesmo xarope para tosse, e depois do árduo esforço para obter prazer com sua *chaise longue* suas endorfinas tinham migrado de volta para os quatro cantos do cérebro como soldados exaustos da batalha, tão esgotadas pelas exigências que fizera delas nas últimas cinco semanas que nada, salvo talvez Melissa em carne e osso, tinha como tornar a convocá-las. Precisava de algum estímulo para o moral, de algum estimulante, mas não tinha nada além do *Times* de um mês atrás, e achava que já tinha circundado uma quantidade mais que suficiente de M maiúsculos para um dia de trabalho, não dava para contornar mais nenhum.

Foi até a mesa de jantar e confirmou que não havia mais uma gota sequer de vinho no fundo das garrafas que lá restavam. Tinha usado os últimos duzentos e

vinde dólares de crédito em seu cartão Visa para comprar oito garrafas de um Fronsac bastante saboroso, e na noite de sábado dera um último jantar reunindo seus simpatizantes entre o corpo docente. Poucos anos antes, depois que o departamento de teatro de D... tinha demitido uma jovem professora muito popular, Cali Lopez, que tinha afirmado possuir um grau que não possuía, estudantes e jovens professores indignados tinham organizado boicotes e vigílias à luz de velas que forçaram a direção não só a tornar a contratar Lopez como ainda a promovê-la a professora em tempo integral. É bem verdade que Chip não era nem lésbica nem filipina como Lopez, mas ensinava Teoria do Feminismo, tinha cem por cento de apoio da ala gay, recheava o roteiro de seus cursos com autores não-ocidentais, e tudo que ele afinal fizera no quarto 23 do Comfort Valley Lodge tinha sido pôr em prática certas teorias (o mito da autoria; o consumo persistente de certos [contr]atos sexuais transgressivos) que o *college* o contratara para lecionar. Infelizmente, as teorias soavam um tanto capengas quando sua audiência não era composta de adolescentes impressionáveis. Dos oito colegas que aceitaram seu convite para jantar no sábado só quatro apareceram. E a despeito dos esforços que ele fez para conduzir a conversa para os seus problemas, a única ação coletiva que seus colegas adotaram em seu benefício foi fazer-lhe uma serenata, enquanto terminavam a oitava garrafa de vinho, com uma interpretação *a capella* de *Non, je ne regrette rien*.

Ele sequer tivera forças para tirar a mesa nos dias que se seguiram. Examinava as folhas enegrecidas de alface roxo, a película de gordura congelada que cobria uma costeleta de carneiro desprezada, a mistura de rolhas e cinzas. A vergonha e a desordem de sua casa eram a vergonha e a desordem de sua cabeça. Cali Lopez era a atual reitora em exercício do *college*, a substituta de Jim Leviton.

Fale de sua relação com sua aluna Melissa Paquette.

Minha ex-aluna?

Sua ex-aluna.

Sou amigo dela. Jantamos juntos. Passei algum tempo com ela no início dos feriados de Ação de Graças. É uma aluna brilhante.

O senhor deu alguma ajuda a uma Melissa num trabalho que ela escreveu semana passada para Vendla O'Fallon?

Conversamos sobre o trabalho de maneira geral. Ela sentia dificuldade em algumas áreas, e eu pude ajudá-la a ficar menos confusa.

Sua relação com ela é de natureza sexual?

Não.

Chip, acho que vamos suspender seu salário até fazermos uma audiência completa. É o que vamos fazer. Vamos promover uma audiência completa semana que vem, e enquanto isso você deveria procurar um advogado e conversar com algum representante do sindicato. E vou insistir em recomendar que não procure

Melissa Paquette.

O que ela disse? Que eu escrevi o trabalho?

Melissa violou o código de honra, entregando um trabalho que não foi escrito por ela. Está sujeita à suspensão por um semestre, mas a nossa impressão é de que existem fatores atenuantes. Por exemplo, a sua relação sexual com ela, grosseiramente inadequada.

É o que ela diz?

Meu conselho pessoal, Chip, é que você peça demissão já.

É o que ela diz?

Você não tem a menor chance.

A água da neve derretida escorria com muita força no pátio. Acendeu um cigarro numa boca do fogão, deu duas tragadas dolorosas e enfiou a brasa na palma da mão. Grunhiu por entre os dentes cerrados, abriu o congelador, apoiou a palma no piso coberto de gelo e ficou ali um minuto, sentindo o cheiro de carne fumegante. Depois, segurando um cubo de gelo, foi até o telefone e discou o antigo código de área, o antigo número.

Enquanto o telefone tocava em Saint Jude, apoiou um pé na parte do *Times* que saía da lata de lixo e afundou-a mais, escondendo-a para sempre.

“Ah, Chip”, exclamou Enid, “ele já foi para a cama!”

“Não precisa acordá-lo”, disse Chip. “Só diga a ele...”

Mas Enid apoiou o fone na mesa e saiu gritando *Al! Al!*, num volume que ia diminuindo à medida que ela se afastava do telefone e ia subindo as escadas para o quarto. Chip ouviu-a gritar *É o Chip!* Ouviu o estalo da extensão do andar de cima entrando em ação. E ouviu Enid instruindo Alfred, “Não é só para dizer alô e depois desligar. *Converse* com ele um pouco”.

Ouviu-se um rumor de transferência do fone.

“Sim”, disse Alfred.

“Oi, papai, parabéns”, disse Chip.

“Sim”, disse Alfred, exatamente com a mesma voz inexpressiva.

“Desculpe-me ligar tão tarde.”

“Eu não estava dormindo”, disse Alfred.

“Eu não queria acordá-lo.”

“Sim.”

“Então, parabéns pelos setenta e cinco.”

“Sim.”

Chip esperava que Enid estivesse descendo de volta para a cozinha o mais depressa que podia, apesar do quadril dolorido, para tirá-lo daquele aperto. “Você deve estar cansado e está tarde”, disse ele. “A gente não precisa conversar.”

“Obrigado por ligar”, disse Alfred.

E Enid estava de volta na linha. “Vou terminar de lavar esses pratos”, disse

ela. “Veio muita gente aqui hoje! Al, conte a Chip como foi a festa! Eu vou desligar aqui.”

E desligou. “Quer dizer que teve uma festa”, disse Chip.

“Foi. Os Rook vieram aqui, jantar e jogar bridge.”

“E teve bolo?”

“Sua mãe fez um bolo.”

O cigarro fizera um furo no corpo de Chip pelo qual, achava ele, males dolorosos podiam entrar e fatores vitais escapar dolorosamente. O gelo derretido pingava de seus dedos. “E o jogo, foi bom?”

“As cartas péssimas que eu sempre pego.”

“É uma injustiça, logo no dia do seu aniversário.”

“Imagino”, disse Alfred, “que você esteja se preparando para mais um semestre.”

“Isso mesmo. Isso mesmo. Na verdade, não. Na verdade, estou resolvendo que não vou ensinar no próximo semestre.”

“Não ouvi.”

Chip levantou a voz. “Eu disse que resolvi que não vou ensinar no próximo semestre. Vou tirar férias, e trabalhar nas minhas coisas.”

“Pelo que eu me lembre, a sua renovação de contrato é daqui a pouco.”

“Isso mesmo. Em abril.”

“E que eu saiba a pessoa que espera que renovem o contrato dela deveria continuar ensinando.”

“Isso.”

“Se você estiver trabalhando muito, não vão ter motivo para não renovar o seu contrato.”

“Eu sei, eu sei”, Chip assentiu com a cabeça. “Ao mesmo tempo, eu preciso me preparar para a possibilidade de não ter o contrato renovado. E eu recebi, ahn... uma proposta muito interessante de uma produtora de Hollywood. Uma antiga colega de Denise que trabalha em produção de cinema. Potencialmente muito lucrativa.”

“É praticamente impossível demitir um bom trabalhador”, disse Alfred.

“Mas às vezes o processo é muito político. Preciso de alternativas.”

“Como você achar melhor”, disse Alfred. “Na minha experiência, o melhor é escolher um plano e ficar nele. Se você não der certo aqui, sempre pode fazer outra coisa. Mas você trabalhou vários anos para chegar a este ponto. Mais um semestre de trabalho não vai fazer mal.”

“Está certo.”

“Você pode ficar mais descansado quando tiver o contrato renovado. Aí já vai estar garantido.”

“Certo.”

“Obrigado por me ligar.”

“Certo. Parabéns, papai.”

Chip deixou cair o fone, saiu da cozinha, pegou uma garrafa de Fronsac pelo gargalo e bateu com força com ela contra a beira da mesa de jantar. Quebrou uma segunda garrafa. As seis restantes ele espatifou duas de cada vez, uma em cada mão.

A raiva o sustentou pelas semanas difíceis que se seguiram. Tomou dez mil dólares emprestados de Denise e contratou um advogado para ameaçar D... com um processo por rescisão indevida do contrato. Foi dinheiro jogado fora, mas se sentiu melhor. Foi a Nova York e pagou quatro mil dólares em taxas e depósito por uma sublocação na rua Nove. Comprou roupas de couro e mandou furar as orelhas. Pegou mais dinheiro emprestado com Denise e restabeleceu a ligação com um antigo colega que editava o *Warren Street Journal*. Concebeu a vingança na forma de um roteiro destinado a desmascarar o narcisismo e o caráter traiçoeiro de Melissa Paquette, além da hipocrisia dos demais professores; queria que as pessoas que o feriram vissem o filme e se reconhecessem, e que isso as fizesse sofrer. Flertou com Julia Vrais e chamou-a para sair, e em pouco tempo estava gastando duzentos a trezentos dólares por semana com sua alimentação e entretenimento. Pegou mais dinheiro emprestado com Denise. Mantinha cigarros pendendo do lábio inferior, e produziu um esboço de roteiro. Julia, nos bancos traseiros dos táxis, apertava o rosto contra seu peito e se agarrava ao seu colarinho. Ele dava trinta, quarenta por cento de gorjeta a garçons e motoristas de táxi. Citava Shakespeare e Byron nos contextos mais inesperados. Pegou mais dinheiro emprestado com Denise e decidiu que ela tinha razão, que ter sido demitido foi a melhor coisa que jamais lhe acontecera na vida.

Ele não teve a ingenuidade, é claro, de interpretar literalmente as efusões profissionais de entusiasmo produzidas por Eden Procuero. Quanto mais se encontrava socialmente com Eden, porém, mais ficava seguro de que seu roteiro seria lido com simpatia. Eden era, no mínimo, uma verdadeira mãe para Julia. Era só quatro anos mais velha, mas promovera uma total recalibragem para aperfeiçoar sua assistente pessoal. Embora Chip nunca tenha perdido a sensação de que Eden ainda esperava escalar outra pessoa no papel de par amoroso de Julia (ela geralmente se referia a Chip como o “acompanhante” de Julia, e não seu “namorado”, e quando falava do “potencial inaproveitado” e da “falta de segurança” de Julia, ele desconfiava que a escolha de parceiro era a área principal em que ela esperava ver mudanças em Julia), e esta sempre garantia que Eden o achava “um amor” e “extremamente inteligente”. Não havia dúvida de que o marido de Eden, Doug O’Brien, estava do lado dele. Doug era especialista em fusões e aquisições no escritório de Bragg, Knuter & Speigh. Arranjara para Chip um emprego de revisão de textos em horário flexível, e cuidara para que ele recebesse o melhor pagamento por hora do mercado. Sempre que Chip tentava agradecer-lhe o favor, Doug fazia gestos de

impaciência com as mãos. “Você tem um Ph.D.”, dizia ele. “Aquele seu livro é tão inteligente que mete medo.” Chip logo se transformou num convidado frequente nos jantares dos O’Brien-Procuvo em Tribeca, e em seus fins de semana na casa de Quogue. Tomando a bebida deles e comendo a comida que encomendavam pronta, ele conheceu o prenúncio de um sucesso cem vezes mais compensador que a renovação de seu contrato para lecionar. Aquilo sim é que era vida.

E então, uma bela noite, Julia o acomodou numa cadeira e disse que havia um fato importante que ela nunca tinha mencionado, será que ele prometia que não ia ficar furioso demais com ela? O fato importante é que ela era mais ou menos casada com outro. O vice-primeiro-ministro da Lituânia — um pequeno país báltico — era um sujeito que se chamava Gitanas Misevičius. E o caso é que Julia se casara com ele alguns anos atrás e esperava que Chip não ficasse furioso com ela.

O problema dela com os homens, disse Julia, é que ela tinha crescido longe deles. Seu pai era um vendedor de barcos maníaco-depressivo com quem ela se lembrava de ter se encontrado uma vez, o bastante para que desejasse jamais tê-lo conhecido. Sua mãe, executiva de uma indústria de cosméticos, costumava elogiar para Julia a própria mãe, que a tinha matriculado numa escola feminina católica. A primeira experiência significativa de Julia com os homens só ocorreu no *college*. Depois ela se mudou para Nova York e embarcou no longo processo de dormir com todo sujeito bonito mas desonesto, ocasionalmente sádico ou terminalmente descomprometido de toda a área de Manhattan. Aos vinte e oito anos, pouca coisa lhe fazia sentir-se bem além de sua beleza, seu apartamento e seu emprego (que contudo consistia basicamente em atender o telefone). Assim, quando conheceu Gitanas numa boate e ele a levou a sério, exibindo após certo tempo um diamante não muito pequeno, encastado em ouro branco, e deu a impressão de amá-la (e ele era, no fim das contas, um legítimo embaixador da ONU; ela fora vê-lo emitir um trovejante discurso báltico na Assembléia Geral), ela fez o melhor possível para corresponder àquela generosidade. Foi tão Cordata quanto Possível para um Ser Humano. Recusou-se a decepcionar Gitanas muito embora, em retrospecto, tivesse sido provavelmente muito melhor decepcioná-lo. Gitanas era bastante mais velho e razoavelmente atencioso na cama (não tanto quanto Chip, apressou-se Julia a acrescentar, mas nem por isso, sabe como é, ruim), dava a impressão de que sabia o que fazia em relação àquela história de casamento, e assim um dia ela foi até a prefeitura com ele. Podia até ter usado o nome de “Sra. Misevičius”, se não soasse tão idiota. Depois de casar-se, ela percebeu que os exageros dos pisos de mármore, da mobília de laca preta e das modernas divisórias em espesso vidro fumê do apartamento do embaixador à beira do East River não eram tão divertidos quanto ela antes achava. Na verdade, eram intoleravelmente deprimentes. Fez Gitanas vender o apartamento (o chefe

da delegação paraguaia ficou encantado com a oportunidade de ficar com ele) e comprar outro, menor e mais agradável, na Hudson Street, perto de alguns bons clubes noturnos. Encontrou um cabeleireiro competente para mudar o estilo de Gitanas e ensinou-lhe a escolher roupas de fibras naturais. As coisas pareciam ir muito bem. Mas em algum ponto ela e Gitanas devem ter entendido mal um ao outro, porque quando o partido dele (o VIPPAKJRIINPB17: o Único Partido Verdadeiro Inabalavelmente Dedicado aos Ideais Revanchistas de Kazimieras Jaramaitis e do Plebiscito “Independente” de Dezesete de Abril) perdeu as eleições de setembro e o convocou a Vilna para juntar-se à oposição parlamentar, ele não teve dúvida de que Julia iria com ele. Julia entendia de fato o conceito de uma só carne, de mulher soldada ao marido e assim por diante; mas Gitanas, em suas descrições da Vilna pós-soviética, tinha pintado um quadro de escassez crônica de carvão e eletricidade, chuvas geladas, carros que passavam atirando e uma profunda dependência alimentar de carne de cavalo. E por isso ela fez uma coisa terrível com Gitanas, definitivamente a pior coisa que ela jamais fizera com qualquer pessoa. Concordeu que iria morar com ele em Vilna, chegou a entrar no avião com Gitanas e sentar-se na primeira classe, depois saiu do avião, trocou o número do telefone de casa e pediu a Eden que dissesse a Gitanas, quando ele ligasse, que ela tinha desaparecido. Seis meses depois, Gitanas voltou a Nova York para passar um fim de semana e fez Julia sentir-se muito, muito culpada. E é verdade, ela nem discutiu que tinha sido uma coisa desonrosa. Mas Gitanas, além disso, chamou-a de coisas muito rudes e ainda esbofeteou-a com bastante força. E como consequência disso tudo eles não podiam mais ficar juntos, mas ela continuava a morar no apartamento deles na Hudson Street em troca de permanecer casada com ele, para o caso de Gitanas precisar de um asilo rápido nos Estados Unidos, porque tudo indicava que as coisas na Lituânia estavam indo de mal a pior.

De qualquer maneira, era essa a história dela com Gitanas, e esperava que Chip não ficasse muito furioso com ela.

E Chip não ficou. Na verdade, num primeiro momento ele não se incomodou com o fato de Julia ser casada; adorou a novidade. Ficou fascinado com seus anéis, e convenceu-a a usá-los na cama. Na sede do *Warren Street Journal*, onde às vezes se sentia insuficientemente transgressor, como se por dentro ainda fosse um bom rapaz do Meio-Oeste, gostava de aludir ao estadista europeu que estava “fazendo de corno”. Em sua tese de doutoramento (“Rigidez em dúvida: a angústia do falo no drama da Era Tudor”) escrevera bastante sobre maridos enganados e, sob o manto de sua reprobatória atitude acadêmica moderna, ficara animado com a idéia de um casamento como direito de propriedade, ou do adultério como roubo.

Em pouco tempo, porém, a emoção de estar praticando a pesca clandestina no território reservado do diplomata deu lugar a fantasias burguesas nas quais o

próprio Chip era o marido de Julia — seu amo e senhor. Passou a sentir ciúmes espasmódicos de Gitanas Misevičius que, embora lituano e esbofeteador de mulheres, era um político de sucesso cujo nome Julia só pronunciava com culpa e melancolia. Na véspera do Ano-Novo, Chip perguntou-lhe à queima-roupa se ela já tinha cogitado de divorciar-se. Ela respondeu que gostava do apartamento onde morava (“Não ia achar um aluguel menor!”) e que não estava disposta a procurar um outro.

Depois do Ano-Novo, Chip voltou à sua sinopse de “A Púrpura da Academia”, que completou num eufórico arroubo de vinte páginas à base de teclas percutidas com força, e descobriu que o roteiro tinha muitos problemas. Na verdade, dava a impressão de um trabalho mal-acabado e um tanto incoerente. Durante o mês que passou comemorando, de maneira bem cara, o término do texto, imaginara que poderia remover certos elementos mais triviais do enredo — a conspiração, o acidente de automóvel, as lésbicas do mal — e ainda assim ficar com uma boa história. Sem aqueles elementos triviais, porém, não lhe restava história alguma.

A fim de restaurar suas ambições artísticas e intelectuais, acrescentou um longo monólogo teórico na abertura do filme. Mas o monólogo era tão ilegível que cada vez que ligava o computador via-se obrigado a mexer nele. Pouco depois, estava passando o grosso do tempo de cada sessão de trabalho reeditando compulsivamente o monólogo inicial. E quando perdeu a esperança de encurtá-lo sem sacrificar importantes alusões temáticas, começou a fazer alterações nas medidas das margens e na hifenização para fazer o monólogo terminar ao final da página 6 em vez de seguir até o início da 7. Substituiu a palavra “continuar” por “seguir” para economizar três espaços, permitindo assim que a palavra “(contr)atos” fosse hifenizada depois do segundo *a*, o que desencadeou toda uma cascata de linhas mais compridas e hifenizações mais eficientes. Aí decidiu que “seguir” tinha a cadência errada, e que “(contr)atos” não poderia ser separada por hífen em nenhuma hipótese, de maneira que saiu esquadrinhando o texto em busca de outras palavras mais compridas que pudesse substituir por sinônimos mais curtos, esforçando-se ao máximo o tempo todo para acreditar que os astros e estrelas e produtores, com suas roupas Prada, poderiam apreciar a leitura de seis páginas (mas nunca sete!) de um empolado discurso acadêmico.

Certa vez, quando era menino, tinha havido um eclipse total do sol visível do Meio-Oeste, e uma menina de uma das cidades insignificantes do outro lado do rio de Saint Jude tinha ficado do lado de fora e, desafiando milhares de advertências, fitado o crescente cada vez menor do sol até suas retinas entrarem em combustão.

“Não doeu nada”, disse a menina que ficara cega ao *Saint Jude Chronicle*. “Não senti nada.”

Cada dia que Chip passava maquiando o cadáver daquele monólogo

dramaticamente morto era mais um dia em que suas despesas com aluguel, comida e diversão eram pagas, em grande parte, com o dinheiro de sua irmã mais nova. No entanto, enquanto o dinheiro não acabava, sua dor não era aguda. Um dia puxava o outro. Raramente deixava a cama antes do meio-dia. Apreciava sua comida e seu vinho, vestia-se bem o bastante para convencer-se de que não fora reduzido a uma massa trêmula e gelatinosa e conseguia, em quatro de cada cinco noites, esconder a maior parte de sua ansiedade e preocupação, e divertir-se com Julia. Uma vez que a quantia que devia a Denise era grande em comparação com o que ganhava por seu trabalho de revisão mas muito pequena pelos padrões hollywoodianos, trabalhava cada vez menos em Bragg, Knuter & Speigh. Só se queixava mesmo da saúde. Num dia de verão, quando sua jornada de trabalho compôs-se da releitura do Primeiro Ato, que mais uma vez o impressionou pelo quanto era ruim, e de uma corrida até a rua para pegar um pouco de ar fresco, ele podia descer a Broadway, sentar-se num banco no Battery Park e deixar o vento que vinha do Hudson entrar pelo colarinho, e ficar ouvindo o resfolegar incessante do tráfego de helicópteros e os gritos distantes dos bebês milionários de Tribeca, e deixar-se tomar de assalto pela culpa. Ver-se tão vigoroso e saudável e ao mesmo tempo tão *nada*: nem tirar vantagem de sua boa noite de sono e do fato de não estar resfriado para concluir algum trabalho, e nem entrar totalmente no espírito de férias e sair flertando com as mulheres desconhecidas e tomando algumas *margaritas*. Melhor seria, pensou ele, ficar logo doente e morrer, agora que estava fracassando, e economizar a boa saúde e aquela vitalidade para algum momento futuro em que, por mais inimaginável que a imagem lhe parecesse, talvez tivesse deixado de fracassar. De tudo que ele estava desperdiçando — o dinheiro de Denise, a boa vontade de Julia, sua própria capacidade e formação, as oportunidades que lhe eram apresentadas pelo mais duradouro surto de prosperidade jamais registrado na história americana — seu bem-estar físico, ali ao sol, na margem do rio, era o que mais doía.

Ficou sem dinheiro numa sexta-feira de julho. Na iminência de um fim de semana com Julia, capaz de gastar até quinze dólares no balcão de lanches do cinema, expurgou todos os marxistas de suas prateleiras e levou-os até o sebo Strand, em duas sacolas extremamente pesadas. Os livros estavam com suas sobrecapas originais, e somavam, de acordo com o preço de catálogo, três mil e novecentos dólares. Um dos compradores da Strand avaliou o lote às pressas e emitiu o veredito: “Sessenta e cinco”.

Chip deu um sorriso sem graça, esforçando-se para não discutir; mas sua edição inglesa de *A crise de legitimação no capitalismo tardio*, de Jürgen Habermas, que ele achara difícil demais para ler, quanto mais anotar, encontrava-se em ótimo estado e lhe custara noventa e cinco libras esterlinas. E não conseguiu deixar de lembrar este fato, como exemplo.

“Pode ir tentar alguma outra loja”, disse o comprador, com a mão hesitando por sobre a gaveta do caixa.

“Não, não, tudo bem”, disse Chip. “Sessenta e cinco está ótimo.”

Ficou pateticamente óbvio que tinha pensado que seus livros pudessem lhe render centenas de dólares. Afastou-se das lombadas acusadoras, lembrando como cada uma delas tinha acenado para ele numa livraria com a promessa de uma crítica radical da sociedade capitalista avançada, e o quanto ele ficara feliz em levá-las para casa. Mas Jürgen Habermas não tinha as pernas longas e elegantes de Julia, lembrando uma pereira, Theodor Adorno não tinha o cheiro de vinho lascivo e maleável de Julia, Fred Jameson não tinha a língua habilidosa de Julia. Em torno do começo de outubro, quando Chip enviou seu roteiro acabado para Eden Procurow, já tinha vendido suas feministas, seus formalistas, seus estruturalistas, seus pós-estruturalistas, seus freudianos e seus gays. Quando precisou levantar dinheiro para o almoço com seus pais e Denise, tudo que lhe restava eram seus amados historiadores da cultura e sua obra completa de Shakespeare da Arden, encadernada; mas como uma certa mágica residia em Shakespeare — os volumes uniformes, em suas sobrecapas azul-claras, eram como um arquipélago de refúgios —, empilhou seus Foucault e seus Greenblatt e Poovey em sacolas de compras, e vendeu todos por cento e quinze dólares.

Gastou sessenta num corte de cabelo, e mais balas e chocolate, num kittiramanchas e em duas bebidas na Cedar Tavern. Em agosto, quando tinha convidado seus pais, esperava que Eden Procurow já tivesse lido seu roteiro e adiantado algum dinheiro antes da chegada deles, mas agora o único triunfo e o único presente que tinha a oferecer era uma refeição feita em casa. Foi até uma delicatessen do East Village que vendia *tortellini* e um pão de casca grossa sempre excelentes. Tinha em mente um almoço italiano rústico e razoavelmente barato. Mas a delicatessen devia ter fechado, e ele não estava disposto a andar dez quarteirões até uma padaria que ele tinha certeza de vender um pão bom, de modo que saiu vagando pelo East Village ao acaso, entrando e saindo de enganosas lojas de alimentação, sopesando queijos, rejeitando pães, examinando *tortellini* de qualidade inferior. Finalmente, abandonou por completo a idéia de comida italiana e fixou-se no único outro tipo de almoço que conseguia imaginar — salada de arroz selvagem, abacate e peito de peru defumado. O problema era encontrar abacates maduros. Loja após loja, não encontrou abacates, ou então só abacates duros como nozes. Encontrou abacates maduros do tamanho de limões, custando três dólares e oitenta e nove centavos cada. Segurou cinco deles nas mãos e ficou pensando o que faria. Pousou os abacates no balcão, tornou a pegá-los e pousá-los e não conseguia puxar o gatilho. Resistiu a um ataque de ódio em relação a Denise, que o fizera sentir-se culpado ao ponto de convidar os pais para almoçar. Tinha a sensação de que nunca tinha comido mais nada na vida além de salada de arroz selvagem ou *tortellini*, tão estéril estava sua imaginação

culinária.

Em torno das oito, estava do lado de fora do novo Pesadelo do Consumo (“Pelo Melhor Preço!”) na Grand Street. Uma umidade se espalhara cobrindo o céu, um vento desconfortável e sulfuroso vindo de Rahway e Bayonne. Os bacanas do SoHo e de Tribeca entravam aos borbotões pelos portais de aço escovado do Pesadelo. Os homens vinham em formas e tamanhos variados, mas todas as mulheres eram esbeltas e tinham trinta e seis anos; muitas, além de esbeltas, também estavam grávidas. Chip sentia uma violenta coceira no colarinho por causa do corte de cabelo, e achava que não estava pronto para ser visto por tantas mulheres perfeitas. Mas logo do lado de dentro da porta do Pesadelo percebeu uma caixa de verduras com uma tabuleta, AZEDINHAS de Belize, U\$0,99.

Entrou no Pesadelo, agarrou uma cesta de compras e pôs nela um maço de azedinhas. Noventa e nove cents. Instalada acima do balcão de café do Pesadelo, uma tela informava ironicamente as cifras de FATURAMENTO BRUTO DE HOJE E LUCROS DE HOJE E DIVIDENDO TRIMESTRAL PROJETADO POR AÇÃO (Estimativa Extra-Oficial e Sem Compromisso Baseada em Desempenhos Trimestrais Anteriores/Informação Com Finalidade Exclusiva de Diversão), e VENDAS DE CAFÉ NESTA ÁREA. Chip avançou trançando em meio a carrinhos de bebê e antenas de celular até o balcão de peixe onde, como num sonho, encontrou SALMÃO NORUEGUÊS PESCADO VIVO à venda a um preço razoável. Apontou para um filé de tamanho médio, e à pergunta do peixeiro, “E o que mais?”, respondeu num tom seco, quase satisfeito consigo mesmo, “É só isso”.

O preço escrito no filé embrulhado em ótimo papel era U\$78,40. Por sorte, esta descoberta o deixou sem fôlego, ou então ele poderia ter ido fazer uma reclamação antes de perceber, como agora via, que os preços no Pesadelo eram por quarto de libra, pouco mais de cem gramas. Dois anos antes, dois meses antes, ele teria cometido o erro.

“Ha, ha!” disse ele, empalmando o filé de setenta e oito dólares como se fosse uma luva de jogador de beisebol. Apoiou-se num dos joelhos, passou os dedos pelos cordões da bota e enfiou o salmão dentro da jaqueta de couro, por baixo do casaco, enfiou o casaco nas calças e tornou a ficar ereto.

“Papai, quero peixe-espada”, disse uma voz fina atrás dele.

Chip deu dois passos, e o salmão, que era bem pesado, escapou de seu casaco e cobriu sua virilha, por um momento instável, como uma antiga braguilha.

“Papai! Peixe-espada!”

Chip pôs a mão no baixo-ventre. O filé de peixe pendurado dava a sensação de uma fralda fria e cheia. Tornou a ajeitá-lo contra seus músculos abdominais e enfiou o casaco com mais firmeza nas calças, puxou o fecho da jaqueta até o pescoço e saiu andando em passos decididos na direção fosse lá do que fosse. A

geladeira dos laticínios. Encontrou ali uma seleção de *crèmes fraîches* franceses a preços que davam a entender que tinham sido trazidos cada um por um portador internacional próprio. O *crème fraîche* nacional que custava menos estava bloqueado por um homem de boné dos Yankees que berrava no celular enquanto uma criança, aparentemente filha dele, ia levantando as tampas de papel de alumínio de frascos de meio litro de iogurte francês. Já tinha aberto uns cinco ou seis. Chip inclinou-se para alcançar o creme por trás do sujeito, mas sua barriga de peixe pendeu em destaque. “Com licença”, disse ele.

Como um sonâmbulo, o sujeito ao telefone afastou-se de lado. “Eu quero que se foda. Que se foda! É um babaca! A gente não fechou. Ninguém assinou nada! Eu vou fazer esse babaca pagar mais trinta, pode contar com isso. Meu bem, não abre essas tampas, se não a gente tem de pagar. Estou dizendo que as portas estão abertas para os compradores desde ontem. A gente não fecha nada até esse coisa ficar com o preço definido. Nada! Nada! Nada! Nada!”

Chip estava se aproximando das filas dos caixas com quatro artigos plausíveis na cesta quando avistou uma cabeleira tão relutantemente nova que só podia pertencer a Eden Procurow. Ela também tinha trinta e seis anos, era esbelta e ardorosa. O filhinho de Eden, Anthony, estava sentado no nível mais alto de um carrinho de compras, de costas para uma avalanche de moluscos, queijos, carnes e caviars no valor de milhares de dólares. Eden estava inclinada junto a Anthony e deixava o menino puxar as lapelas de camurça de seu casaco italiano e sugar sua blusa enquanto, por trás das costas dele, virava as páginas de um roteiro que Chip só podia rezar para não ser o seu. O salmão pescado a linha estava encharcando o embrulho à medida que o calor de seu corpo derretia as gorduras que conferiam ao filé algum grau de rigidez. Ele queria fugir do Pesadelo, mas não estava preparado para discutir “A Púrpura da Academia” naquelas circunstâncias. Esgueirou-se para um gélido corredor onde os sorvetes vinham em copos de papel encerado branco com o sabor indicado em pequenas letras pretas. Um homem de terno estava acorocado ao lado de uma menina com cabelos que lembravam a cor do cobre à luz do sol. A menina era a filha de Eden, April. E o homem era o marido de Eden, Doug O’Brien.

“Chip Lambert, o que há de novo?”, perguntou Doug.

Chip se sentia uma garotinha que, com uma mão segurava sua tremulante cesta de compras e, com a outra, apertava a mão quadrada de Doug.

“April está escolhendo a sobremesa para depois do jantar”, disse Doug.

“Três sobremesas”, disse April.

“Três, isso mesmo.”

“Aquele é de quê?”, perguntou ela, apontando.

“*Sorbet* de romã com nastúrcio, meu benzinho.”

“Eu gosto disso?”

“Não sei dizer.”

Doug, que era mais jovem e mais baixo do que Chip, afirmava com tamanha persistência sua admiração pelo intelecto de Chip, e tantas vezes demonstrava fazê-lo sem qualquer ironia ou condescendência, que Chip finalmente decidira aceitar que Doug o admirava de fato. E esta admiração era mais desagradável do que o menosprezo.

"Eden me contou que você terminou de escrever seu roteiro", disse Doug, tornando a empilhar alguns sorvetes que April tinha deslocado. "Estou muito animado. Me parece um projeto *fenomenal*."

April estava abraçando três copos de papel encerado cobertos de gelo fino, equilibrados contra seu macacão de veludo.

"Que sorvetes você pegou?", perguntou Chip.

April encolheu muito os ombros, um gesto de principiante.

"Meu bem, vá levar os sorvetes até a mamãe. Vou conversar um pouco com Chip."

Enquanto April saía correndo pelo corredor, Chip perguntou-se como seria ser pai de uma criança, ser sempre necessário em vez de necessitar o tempo todo.

"Eu queria te perguntar uma coisa", disse Doug. "Tem um minuto? Vamos dizer que alguém te oferecesse uma personalidade nova; você aceitaria? Vamos supor que alguém diga, *Vou mudar permanentemente os seus circuitos mentais, da maneira que você quiser*. Você pagaria por isso?"

O papel do salmão estava colado pelo suor à pele de Chip, e começava a abrir no fundo. Não era o momento ideal para brindar Doug com o tipo de companhia intelectual que ele parecia estar querendo, mas Chip queria que Doug mantivesse uma opinião favorável a seu respeito e encorajasse Eden a comprar seu roteiro. E perguntou por que Doug estava perguntando aquilo.

"Passa muita coisa louca pela minha mesa", disse Doug. "Sobretudo, com tanta grana que chega do exterior. As empresas ponto-com, é claro. Ainda estamos nos esforçando ao máximo para convencer o americano médio a construir alegremente sua ruína financeira. Mas a área biotecnológica é fascinante. Acabei de ler prospectos inteiros sobre abóboras geneticamente modificadas. Parece que as pessoas estão comendo muito mais abóbora neste país do que eu pensava, e as abóboras estão sujeitas a muito mais doenças do que o aspecto exterior delas, tão robusto, aparenta. Ou é isso ou então... esta empresa, a Southern Cucumtech, está violentamente supervalorizada, a trinta e cinco por ação. Pouco importa. Mas Chip, essa história do cérebro, meu amigo, não consigo tirar da cabeça. O fato estranho número um é que eu posso falar a respeito. É tudo do conhecimento geral. Não é gozado?"

Chip estava tentando manter os olhos focados em Doug de maneira interessada, mas seus olhos eram como crianças, queriam sair pulando pelos corredores. Na verdade, ele estava a ponto de saltar para fora de sua própria

pele. "É, muito estranho."

"A idéia", disse Doug, "é de uma reforma cerebral completa. Deixa a estrutura e o teto, troca todas as paredes, a fiação e o encanamento. Muda toda a planta. Instala disjuntores modernos."

"Há-há."

"Conserva a fachada bonita", disse Doug. "Por fora, continua com um ar sério e intelectual, um pouco nórdico. Sóbrio, leitor ávido. Mas por dentro fica mais confortável. Uma sala grande com um videogame. Uma cozinha maior e mais prática. Um triturador na pia, um forno de convecção. Uma saída para cubos de gelo na porta da geladeira."

"E eu ainda me reconheço?"

"Você quer? Todo mundo vai continuar reconhecendo — pelo menos a parte de fora."

A soma do FATURAMENTO BRUTO DE HOJE, em grandes algarismos brilhantes, parou por um instante em US\$ 444.447,41, depois continuou crescendo.

"A minha arrumação interna é a minha personalidade", disse Chip.

"Digamos que seja uma reforma gradual. Digamos que com operários muito organizados. O cérebro está limpo toda noite quando você chega em casa do trabalho, e ninguém pode incomodá-lo nos fins de semana, em respeito aos regulamentos locais e às restrições costumeiras da convenção do condomínio. Tudo acontece em estágios — e você vai se adaptando aos poucos. Ou a coisa vai sendo adaptada a você, por assim dizer. Ninguém obriga você a comprar móveis novos."

"Você está perguntando em hipótese."

Doug levantou um dedo. "A única coisa é que pode implicar o uso de um pouco de metal. É possível que você faça disparar os alarmes no aeroporto. Imagino que talvez também passe a receber transmissões de rádio indesejadas, em certas frequências. Gatorade, e outras bebidas com muitos eletrólitos, podem causar problemas. Mas o que você me diz?"

"Você está brincando, não é?"

"Vá verificar o site. Vou lhe dar o endereço. *'As implicações são perturbadoras, mas não há como deter esta poderosa tecnologia inédita.'* Podia ser o slogan desta época em que vivemos, você não acha?"

O fato de haver um filé de salmão se insinuando nas cuecas de Chip como uma lesma larga e quente tinha sim tudo a ver com seu cérebro e com uma série de decisões infelizes que seu cérebro tinha tomado. Racionalmente, Chip sabia que Doug o deixaria ir embora logo, e que com algum tempo ele poderia até escapar do Pesadelo do Consumo e encontrar algum banheiro de restaurante onde poderia tirar o filé de salmão de dentro das calças e readquirir a plenitude de suas faculdades críticas — sabia que acabaria chegando o momento em que ele não estaria mais perdido em meio a sorvetes caríssimos com um peixe

morno dentro das calças, e que este instante futuro seria um momento de alívio extraordinário — mas por enquanto ele ainda vivia num momento anterior e muito menos agradável, de cujo ponto de vista um cérebro novo parecia uma idéia perfeita.

"As sobremesas tinham quase meio metro de altura!", disse Enid, pois seus instintos lhe diziam que Denise não iria ficar impressionada com pirâmides de camarão. "Era uma coisa muito muito elegante. Você já viu alguma coisa assim?"

"Devia ser mesmo uma beleza", disse Denise.

"Tudo que os Driblett fazem é superlucioso. Eu nunca tinha visto uma sobremesa desta altura. Você já viu?"

Os sinais sutis de que Denise estava exercitando sua paciência — a inspiração mais profunda, a maneira silenciosa como pousou o garfo no prato, tomou um gole de vinho e tornou a apoiar o copo na mesa — eram mais dolorosos para Enid do que uma explosão violenta.

"Já vi sobremesas altas", disse Denise.

"E são muito difíceis de fazer?"

Denise cruzou as mãos no colo e expirou lentamente. "A festa deve ter sido ótima. Que bom que vocês se divertiram."

E é verdade que Enid tinha se divertido muito na festa de Dean e Trish, e que tinha desejado que Denise estivesse lá para ver por si mesma como era elegante. Ao mesmo tempo, temia que Denise não achasse a festa nada elegante, que Denise fosse demolir cada coisa que a tornava especial, até restar só seu caráter mais ordinário. O gosto de sua filha era um ponto negro na visão de Enid, um buraco em sua experiência através do qual seus prazeres sempre corriam o risco de vazarem e dissolver-se.

"Acho que não existe explicação para o gosto das pessoas", disse ela.

"É verdade", disse Denise. "Mas existe o bom gosto e outros que não são tão bons assim."

Alfred se inclinara sobre seu prato para assegurar-se de que qualquer pedaço de salmão ou vagem que caísse de seu garfo iria pousar na louça. Mas estava escutando. E disse, "Chega."

"É o que todo mundo acha", disse Enid. "Todo mundo acha que tem mais bom gosto do que os outros."

"Mas a maioria das pessoas está enganada", disse Denise.

"Todo mundo tem direito ao seu próprio gosto", disse Enid. "Todo mundo tem direito a voto neste país."

"Infelizmente!"

"Chega", disse Alfred a Denise. "Você não vai ganhar nunca."

"Você é tão esnobe", disse Enid.

"Mamãe, você está sempre me dizendo o quanto gosta de comida feita em

casa. É disso que eu gosto também. Acho que uma sobremesa de meio metro de altura é de uma vulgaridade assim meio Disney. *Você* cozinha melhor do que..."

"Ah, não. Não." Enid sacudiu a cabeça. "Eu não cozinho nada."

"Não é verdade mesmo! Onde é que você acha que eu..."

"Comigo é que não foi", interrompeu Enid. "Não sei de onde os meus filhos tiraram os talentos. De mim é que não foi. Eu não cozinho nada. Nada." (Estranhamente, como era boa a sensação de dizer aquilo! Era como despejar água fervente numa queimadura por urtiga.)

Denise endireitou as costas e ergueu seu copo. Enid, que durante a vida toda não tivera outro jeito senão observar tudo que acontecia nos pratos dos outros, tinha visto Denise servir-se de uma porção de salmão equivalente a três garfadas, um pouco de salada e uma casca de pão. Um prato cujo tamanho era uma censura ao tamanho do de Enid. E agora o prato de Denise estava vazio, e ela não voltou a servir-se de mais nada.

"Você só vai comer isso?", perguntou Enid.

"Sim. Foi o meu almoço."

"Você perdeu peso."

"Na verdade, não."

"De qualquer modo, não devia perder mais", disse Enid com a risada acanhada que usava para esconder sentimentos mais vastos.

Alfred estava levando à boca uma garfada de salmão com molho de azeitona. A comida caiu do garfo e fragmentou-se em formas abruptas.

"Acho que Chip preparou bem essa comida", disse Enid. "Você não acha? O salmão está bem macio e gostoso."

"Chip sempre cozinhou bem", disse Denise.

"Al, você está gostando da comida? Al?"

A firmeza com que Alfred segurava o garfo não tinha durado. Via-se um arqueamento para baixo de seu lábio inferior, uma desconfiança emburrada em seus olhos.

"Está gostando do almoço?", perguntou Enid.

Ele pegou a mão esquerda com a direita e apertou-a. As mãos acasaladas continuaram juntas em sua oscilação, enquanto ele fitava os girassóis no centro da mesa. Parecia estar *engolindo* aquele jeito amargo da boca, para sufocar a paranoia.

"Foi Chip quem fez tudo isso?", disse ele.

"Foi."

Ele sacudiu a cabeça como se o fato de Chip ter cozinhado e a atual ausência de Chip o deixassem atônito. "Estou cada vez mais aborrecido com esse meu problema", disse ele.

"O seu problema é leve", disse Enid. "Só precisamos ajustar melhor a medicação."

Ele sacudiu a cabeça. "Hedgpeth disse que é imprevisível."

"O importante é não parar de fazer as coisas", disse Enid, "continuar ativo, estar sempre indo."

"Não. Você não está ouvindo. Hedgpeth tomou o máximo de cuidado para não prometer nada."

"Segundo o que eu li..."

"Eu pouco estou ligando para o que dizia no artigo da sua revista. Eu não estou bem, e Hedgpeth disse que era isso mesmo."

Denise pousou o copo de vinho com o braço rígido e esticado.

"O que você acha desse novo emprego de Chip?", perguntou-lhe Enid em tom animado.

"O quê...?"

"Ora, no *Wall Street Journal*."

Denise estudou o tampo da mesa. "Não tenho opinião a respeito."

"É animador, você não acha?"

"Não tenho opinião."

"Você acha que ele trabalha lá em tempo integral?"

"Não."

"Eu não entendi qual é o cargo dele."

"Mamãe, eu não sei nada a respeito."

"Ele ainda está trabalhando em direito?"

"Corrigindo os textos do escritório? Está."

"Então ele continua na firma."

"Mamãe, ele não é advogado."

"Eu sei que ele não é advogado."

"Mas quando você diz que ele 'trabalha em direito', ou 'continua na firma'... é assim que você fala com as suas amigas?"

"Eu digo que ele trabalha num escritório de advocacia. Só isso. Um escritório de Nova York. É verdade. Ele trabalha lá."

"Mas você engana as pessoas, e sabe muito bem", disse Alfred.

"Acho que eu não devia dizer nunca nada."

"Diga só coisas que são verdade", recomendou Denise.

"Eu tenho certeza de que ele *devia* ter virado advogado", disse Enid. "O direito teria sido a profissão perfeita para Chip. Ele precisa de uma profissão estável. Precisa de uma vida estruturada. Seu pai sempre achou que ele daria um ótimo advogado. Eu, médico, porque ele se interessava por ciência, mas seu pai sempre viu Chip como advogado. Não é, Al? Você não achava que Chip poderia ser um excelente advogado? Ele é tão rápido com as palavras."

"Enid, tarde demais."

"Achei que trabalhando para uma firma, talvez ele pudesse se interessar e voltar para a faculdade."

"Tarde demais."

"O que acontece, Denise, é que quem se forma em direito pode fazer tantas coisas. Pode ser presidente de empresa. Pode ser juiz! Pode ensinar. Pode ser jornalista. Tantas direções que Chip podia ter seguido."

"Chip vai fazer o que ele quer fazer", disse Alfred. "Eu nunca entendi o que era, mas não é agora que ele vai mudar."

Ele caminhou dois quarteirões na chuva antes de conseguir linha. No primeiro bloco com dois telefones públicos que encontrou, um dos instrumentos estava castrado, com uma borla colorida na ponta do fio, e tudo o que havia do segundo eram os quatro furos dos parafusos. O telefone da esquina seguinte estava cheio de chiclete na fenda da moeda, e o outro não dava sinal. A maneira habitual para um homem na posição de Chip dar vazão à sua fúria era espatifar o fone contra o aparelho e jogar os fragmentos de plástico na sarjeta, mas Chip estava apressado demais. Na esquina da Quinta Avenida, tentou um telefone que dava sinal mas não respondia quando ele apertava as teclas, não devolveu sua moeda de vinte e cinco cents quando ele desligou com todo o cuidado e nem quando pegou o fone e bateu com ele no aparelho. O outro telefone dava sinal, aceitou seu dinheiro, mas uma vozinha de bebê afirmou que não tinha entendido o que ele discara e não devolveu o dinheiro. Tentou mais uma vez e perdeu sua última moeda de vinte e cinco cents.

Sorriu para as camionetes 4x4 que passavam lentas como carros prontos para frear no mau tempo. Os porteiros daquela área davam banhos de mangueira na calçada duas vezes por dia, caminhões de limpeza com escovas imensas varriam as ruas três vezes por semana, mas em Nova York nunca era preciso ir muito longe para encontrar sujeira e desespero. Uma placa de rua ali perto parecia dizer *Quinta Avenida*. Coisas celulares estavam matando os telefones públicos. Mas à diferença de Denise, que considerava os celulares acessórios vulgares de gente vulgar, e à diferença de Gary, que não só tinha um celular como comprava um para cada um de seus três filhos, a razão principal de Chip para odiar os telefones celulares era não possuir um deles.

Sob a escassa proteção do guarda-chuva de Denise, atravessou de volta até uma delicatessena University Place. Pedacos de papelão pardo tinham sido espalhados por cima do tapete da entrada para evitar escorregões, mas o papelão estava encharcado e pisoteado, soltando fragmentos que lembravam algas desmilingüidas. As manchetes da véspera nas cestas de lixo junto à porta falavam da falência de mais duas economias da América do Sul, e de mais quedas nos mercados-chave do Extremo Oriente. Por baixo da caixa registradora havia um cartaz de loteria: *Não é só para ganhar. Também é divertido.*"

Com dois dos quatro dólares da sua carteira Chip comprou algumas barrinhas do alcaçuz natural de que gostava. O terceiro dólar o caixa da delicatessentroucou por quatro moedas de vinte e cinco cents. "E também quero um Leprechaun da

Sorte", disse Chip.

O trevo de três folhas, a harpa de madeira e o pote de ouro que ele descobriu ao raspar o bilhete não eram uma combinação vencedora, e nem mesmo divertida.

"Algum telefone público por aqui funciona?"

"Telefone público? Não", respondeu o caixa.

"Algum telefone público perto daqui, funcionando?"

"Telefone público, não!" O caixa enfiou o braço por baixo do balcão e mostrou um telefone celular. "Tem esse aqui!"

"Posso fazer uma ligação rápida?"

"A corretora já fechou. Devia ter ligado ontem. Devia ter comprado papéis americanos."

O caixa riu de um modo que era ainda mais ofensivo por ser bem-humorado. Mas Chip tinha razão para estar suscetível. Desde que fora demitido pelo D... College, a capitalização das empresas americanas de capital aberto no mercado tinha crescido trinta e cinco por cento. Naqueles mesmos vinte e dois meses, Chip tinha liquidado um fundo de aposentadoria, vendido um carro em bom estado, trabalhado em meio expediente a oitenta por cento da remuneração habitual e, ainda assim, estava à beira da concordata. Eram anos, nos Estados Unidos, em que era quase impossível deixar de ganhar dinheiro, anos em que recepcionistas preenchiam cheques de MasterCard para seus corretores a juros anuais de 13,9% e ainda assim ganhavam dinheiro, anos de Compra, anos de Ligação, e Chip tinha perdido o barco. Uma sensação em seus ossos lhe dizia que, se tivesse conseguido vender "A Púrpura da Academia", os mercados teriam chegado ao ponto máximo na semana anterior, e ele teria perdido todo dinheiro que tivesse investido.

A julgar pela reação negativa de Julia ao seu roteiro, a economia americana ainda estava a salvo.

Rua acima, na Cedar Tavern, encontrou um telefone público funcionando. Parecia que anos tinham se passado desde que ele tomara duas bebidas ali na noite anterior. Ligou para o escritório de Eden Procuero e desligou quando o correio de voz atendeu, mas sua moeda já tinha sido engolida. O auxílio à lista tinha um número residencial de Doug O'Brien, e o próprio Doug atendeu, mas estava trocando uma fralda. Vários minutos se passaram antes que Chip pudesse perguntar-lhe se Eden já tinha lido o roteiro.

"Fenomenal. Um projeto fenomenal", disse Doug. "Acho que ela levou o roteiro quando saiu."

"E você sabe aonde ela foi?"

"Chip, você sabe que eu não posso dizer a ninguém aonde ela vai. Você sabe."

"Mas eu acho que a situação pode ser classificada de urgente."

Favor depositar — oitenta cents — pelos próximos — dois minutos —

"Meu Deus, um telefone público", disse Doug. "Está falando de um telefone público?"

Chip alimentou o telefone com suas duas últimas moedas de vinte e cinco cents. "Eu preciso pegar o roteiro de volta antes que ela leia. Tem uma correção que eu..."

"Não é aquela história dos peitos, é? Eden disse que Julia estava reclamando, dizendo que tinha peitos demais. Mas não precisa se preocupar. Em matéria de peitos, nunca é demais. Julia está tendo uma semana muito intensa."

Favor depositar — um acréscimo — de trinta cents — agora —

"você o quê", disse Doug.

pelos próximos — dois minutos — agora —

"O lugar mais óbvio onde você —"

ou sua ligação — vai ser encerrada — agora —

"Doug?", disse Chip. "Doug? Não escutei."

Infelizmente —

"Estou aqui. Só estava dizendo, por que você não..."

Até logo, disse a voz da companhia, e o telefone desligou, as moedas desperdiçadas chacoalhando em suas entranhas. O texto colado ao aparelho era da cor da Baby Bell, mas dizia: ORFIC TELECOM, 3 MINUTOS 25¢, CADA MIN. ADIC. 40¢.

O lugar mais óbvio para procurar por Eden era seu escritório em Tribeca. Chip aproximou-se do balcão perguntando-se se a nova atendente do bar, uma loura mechada com a aparência de quem poderia cantar num conjunto de animação de bailes de formatura, lembrava-se o suficiente dele da noite anterior para aceitar sua carteira de motorista como garantia para um empréstimo de vinte dólares. Ela e dois fregueses sem nenhuma relação entre si estavam assistindo a um enlameado jogo de futebol americano que ocorria em algum lugar, os Nittany Lions em ação, figuras castanhas chafurdando numa poça esbranquiçada. E perto do braço de Chip, ah, a menos de quinze centímetros, havia um ninho de notas de um. Ali, bem assim. Ele ponderou se uma transação tácita (enfiar o dinheiro no bolso, nunca mais aparecer naquele lugar, enviar mais tarde o reembolso pelo correio para a mulher) não seria mais segura que um pedido de empréstimo: quem sabe não seria a transgressão, na verdade, o que preservaria sua sanidade mental. Amassou o dinheiro e aproximou-se da atendente bonitona, mas os sujeitos marrons de cabeça redonda continuavam a absorver a atenção dela, de maneira que ele se virou e deixou a taverna.

No banco traseiro de um táxi, observando as úmidas lojas que passavam, enfiou uma barra de alcaçuz na boca. Se não conseguisse Julia de volta, queria, no pior dos casos, fazer sexo com aquela mulher do bar. Que parecia ter uns trinta e nove anos. Queria encher as mãos com os enfumaçados cabelos dela. Imaginou que ela devia morar num prédio recuperado da rua Cinco leste,

imaginou que ela sempre tomava uma cerveja antes de dormir, e que adormecia usando uma camiseta desbotada sem mangas e shorts de ginástica, que sua postura era cansada, que seu umbigo tinha um *piercing* modesto, que sua boceta lembrava uma luva de beisebol usada, as unhas dos dedos dos pés pintadas de um vermelho básico bem comum. Queria sentir as pernas dela cruzadas atrás de suas costas, queria ouvir a história de seus quarenta e poucos anos. Perguntou-se se ela não cantaria mesmo rock-and-rol em casamentos e bar mitzvas.

Pela janela do táxi, ele leu GAL PATHETIC em vez de GAP ATHLETIC. Leu *Vampire Reality* em vez de *Empire Realty*.

Estava meio apaixonado por uma pessoa que jamais poderia ver novamente. Tinha roubado nove dólares de uma trabalhadora que gostava de assistir a jogos de futebol universitário. Mesmo que voltasse lá mais tarde, devolvesse o dinheiro e pedisse desculpas, sempre continuaria a ser o sujeito que tinha roubado o dinheiro quando ela estava de costas. Ela tinha deixado a vida dele para sempre, ele jamais poderia passar os dedos em seus cabelos, e não era um bom sinal que sua perda mais recente o fizesse hiperventilar. Que ele estivesse tão arrasado pela dor que não conseguisse sequer engolir um pouco mais de alcaçuz.

Leu *Grosso Pênis* em vez de *Cross Pens*, e leu ALTERCAÇÕES em lugar de ALTERAÇÕES.

Na vitrine de uma ótica, a oferta: EXAME DE VILÃO.

O problema era o dinheiro, e as indignidades da vida sem ele. Cada carrinho, cada telefone celular, cada boné dos Yankees ou cada camionete 4x4 que via era um tormento. Não sentia cobiça, não era invejoso. Mas sem dinheiro praticamente não era um homem.

Como tinha mudado depois de ser demitido pelo D... College! Já não queria mais viver num mundo diferente; só queria ser um homem com alguma dignidade neste mundo aqui. E talvez Doug tivesse razão, talvez a quantidade de seios em seu roteiro não tivesse a menor importância. Mas ele finalmente compreendeu — finalmente lhe ocorreu — que podia simplesmente cortar o monólogo teórico da abertura *por inteiro*. Uma correção que lhe tomaria apenas dez minutos no escritório de Eden.

Na frente do prédio dela, Chip entregou os nove dólares roubados ao motorista do táxi. Na esquina, uma equipe em seis trailers estava filmando numa rua de paralelepípedos, os refletores ardendo, os geradores na chuva cheirando mal. Chip sabia o código de segurança para entrar no edifício de Eden, e o elevador estava destrancado. Rezava para que Eden ainda não tivesse lido o roteiro. A nova versão corrigida em sua cabeça era o verdadeiro roteiro; mas o antigo monólogo de abertura ainda existia, triste, no papel-marfim da cópia que estava nas mãos de Eden.

Através da porta externa de vidro do quinto andar ele viu luzes no escritório de Eden. O fato de suas meias estarem ensopadas, de seu casaco cheirar como

uma vaca molhada à beira-mar e de não ter meios de enxugar as mãos ou os cabelos era sem dúvida desagradável, mas ainda sentia o alívio de não mais levar um quilo de salmão norueguês enfiado nas calças. Comparando, até que agora se sentia muito bem.

Bateu no vidro até Eden emergir de sua sala e vir ver quem era. Eden tinha os zigomas altos, grandes olhos azuis aquosos e uma pele fina e translúcida. Todas as calorias a mais que ela comia nos almoços de Los Angeles ou tomava em Manhattan sob a forma de martinis eram queimadas na esteira que tinha em casa ou em seu clube de natação ou na loucura generalizada de ser Eden Procurow. Habitualmente, era elétrica e flamejante, um emaranhado de fios de cobre quente, mas a expressão que exibia ao aproximar-se da porta era hesitante ou agitada. Não parava de olhar de volta para a sua sala.

Chip gesticulou que queria entrar.

"Ela não está aqui", disse Eden através do vidro.

Chip tornou a gesticular. Eden abriu a porta e pôs a mão no coração. "Chip, fiquei *tão* triste quando soube de você e Julia..."

"Estou procurando o meu roteiro. Você já leu?"

"Eu...? Muito às pressas. Preciso ler novamente. Preciso fazer umas anotações!" Eden fez um movimento como quem escreve algo, perto da têmpora e riu.

"O monólogo da abertura", disse Chip. "Eu cortei."

"Ah, ótimo, adoro quando o autor se dispõe a cortar. Adoro." Tornou a olhar na direção de sua sala.

"E você acha que sem o monólogo..."

"Chip, você está precisando de dinheiro?"

Eden sorria para ele com uma franqueza tão estranhamente alegre que sentiu-se como se a tivesse surpreendido bêbada, ou com as calças abaixadas.

"Bem, não estou totalmente duro", disse ele.

"Não, não, claro que não. Mas precisa?"

"Por quê?"

"E como você é em matéria de navegação na rede?," perguntou ela. "Sabe Java? HTML?"

"Meu Deus, não."

"Bem, então, venha até a minha sala um minuto. Se incomoda? Venha aqui."

Chip seguiu Eden, passando pela mesa de Julia, onde o único penduricalho juliano visível era um sapo de pelúcia em cima do monitor.

"Agora que vocês dois terminaram", disse Eden, "não vejo razão para você não..."

"Eden, nós não terminamos."

"Não, não, pode acreditar, acabou sim", disse Eden. "Acabou mesmo. E eu estava achando que uma mudança de cenário poderia lhe fazer bem, para você

começar a superar esta..."

"Eden, escute, Julia e eu estamos passando por uma coisa de momento..."

"Não, Chip, sinto muito, mas não é de momento: é permanente." Eden tornou a rir. "Julia pode não dizer as coisas com todas as letras, mas eu digo. E por isso, pensando bem, não vejo razão para você não ser apresentado a..." Entrou com Chip em seu escritório. "Gitanas? Que sorte incrível a nossa. Este aqui é o homem que estávamos procurando."

Reclinado numa poltrona ao lado da mesa de Eden estava um homem mais ou menos da idade de Chip, usando uma jaqueta de couro debruada de vermelho e jeansbrancos apertados. Tinha o rosto largo e bochechas de bebê, e seus cabelos eram uma concha loura esculpida.

Eden estava quase gozando de entusiasmo. "Eu estava aqui quebrando a cabeça, Gitanas, sem me ocorrer ninguém que pudesse lhe ajudar, e a pessoa talvez mais qualificada de Nova York bate justamente à minha porta! Chip Lambert, você conhece minha assistente Julia?" Piscou o olho para Chip. "E este é o marido de Julia, Gitanas Misevičius."

Em quase todos os pontos — coloração, forma da cabeça, altura e tamanho, e especialmente no sorriso cauteloso e envergonhado que exibia — Gitanas era mais parecido com Chip do que qualquer outra pessoa que Chip já tivesse visto. Era um Chip com má postura e dentes tortos. Acenou nervosamente com a cabeça, sem levantar-se ou estender a mão. "Como vai", disse ele.

Podia-se dizer, pensou Chip, que Julia realmente preferia um tipo bem definido de homem.

Eden deu tapinhas no assento da cadeira desocupada. "Sente, sente, sente", disse ela a Chip.

A filha de Eden, April, estava acomodada no sofá de couro junto à janela, com uma pilha de lápis de cera e uma pilha de folhas de papel.

"Oi, April", disse Chip. "Que tal aquelas sobremesas?"

A pergunta pareceu não ser do agrado de April.

"Ela vai experimentar hoje à noite", disse Eden. "Ontem à noite alguém andou testando os limites."

"Eu não estava testando os limites", disse April.

O papel no colo de April era cor de marfim, e estava escrito do outro lado.

"Sente!, Sente!", exortou Eden enquanto batia em retirada para sua mesa folheada de madeira de bétula. A janela grande por trás dela estava coberta por uma película de chuva. Havia um nevoeiro sobre o Hudson. Manchas escuras sugeriam Nova Jersey. Os troféus de Eden, nas paredes, eram imagens de anúncios de filme mostrando Kevin Kline, Chloë Sevigny, Matt Damon, Winona Ryder.

"Chip Lambert", disse ela a Gitanas, "é um escritor brilhante, autor de um roteiro que está em desenvolvimento comigo, e tem um doutorado em Inglês e

passou os últimos dois anos trabalhando com meu marido em fusões e aquisições, e é brilhante em tudo que diz respeito à internet, estávamos agora mesmo falando de Java e HTML, e, como você pode ver, tem uma aparência muito, ahn..." E aqui Eden pela primeira vez dedicou de fato alguma atenção à aparência de Chip. E arregalou os olhos. "Deve estar chovendo *muito* lá fora. Normalmente, Chip não costuma, bem, estar tão molhado. (Meu querido, você está encharcado.) Honestamente, Gitanas, você não vai conseguir encontrar um homem mais indicado. E Chip, estou... encantada... de você ter vindo até aqui. (Apesar de estar muito molhado.)"

Um homem sozinho poderia ter enfrentado o entusiasmo de Eden, mas dois homens juntos só podiam baixar os olhos para o assoalho a fim de preservar a dignidade diante daquilo.

"Infelizmente", disse Eden, "estou com muito pouco tempo. Gitanas apareceu aqui inesperadamente. O que eu acharia ótimo era vocês dois usarem minha sala de reuniões para combinar tudo, e podem levar o tempo que quiserem."

Gitanas cruzou os braços no estilo tenso europeu, com os punhos enfiados nas axilas. Não olhou para Chip, mas perguntou: "Você é ator?"

"Não."

"Ora, Chip", disse Eden, "não é totalmente verdade."

"É sim. Nunca representei na minha vida."

"Ha, ha, ha!", escarneceu Eden. "Está sendo modesto."

Gitanas sacudiu a cabeça e olhou para o teto.

A folha de papel de April era sem dúvida alguma um roteiro.

"Do que é que estamos falando?", perguntou Chip.

"Gitanas está procurando alguém para contratar..."

"Um ator americano", disse Gitanas com asco.

"Para funcionar como, ahn, relações públicas das empresas dele. E já faz mais de *uma hora*" — Eden olhou para o relógio e escancarou os olhos e a boca aparentando estar muito chocada — "que eu venho tentando explicar que os atores com quem trabalho estão mais interessados em cinema e teatro do que em, digamos, esquemas de investimentos internacionais. E também costumam ser bem mais ignorantes do que parecem. E o que estou tentando explicar a Gitanas é que você, Chip, além de ter um pleno domínio da linguagem e do jargão, nem precisa fingir que é um especialista em investimentos. Você *é* um especialista em investimentos."

"Sou revisor de textos legais em meio expediente", disse Chip.

"Um especialista no uso da língua. Um roteirista de talento."

Chip e Gitanas trocaram olhares de relance. Alguma coisa na pessoa de Chip, talvez os traços físicos em comum, parecia despertar o interesse do lituano. "Você está procurando trabalho?", disse Gitanas.

"É possível."

"É viciado em drogas?"

"Não."

"Eu *preciso* ir ao banheiro", disse Eden. "April, meu bem, venha comigo. E traga os seus desenhos."

Obediente, April desceu do sofá e foi ao encontro de Eden.

"Mas traga os desenhos, querida. Isso." Eden recolheu as folhas cor de marfim e conduziu April na direção da porta. "Vocês podem ter sua conversa de homens."

Gitanas levou uma das mãos ao rosto e apertou suas bochechas redondas, depois coçou a barba loura por fazer. Olhou pela janela.

"Você trabalha no governo", disse Chip.

Gitanas inclinou a cabeça. "Sim e não. Passei muitos anos no governo. Mas o meu partido perdeu, e agora sou empresário. Uma espécie de empresário governamental, digamos."

Um dos desenhos de April tinha caído no chão entre a janela e o sofá. Chip esticou os dedos do pé e puxou a página em sua direção.

"Temos tantas eleições", disse Gitanas, "que a imprensa internacional nem as noticia mais. Temos três ou quatro eleições por ano. As eleições são a maior indústria do meu país. Temos a maior produção anual per capita de eleições de todos o mundo, maior até mesmo que a da Itália."

April tinha desenhado um homem com um corpo normal usando traços, bolas e ovais, mas a cabeça era um vórtice de traços azuis e negros, um novelo de linhas, uma confusão. Através do acabamento em tom de marfim, Chip conseguia ver tênues blocos de diálogo do outro lado do papel.

"Você acredita na América?", perguntou Gitanas.

"Meu Deus, que começo", disse Chip.

"O seu país, que nos salvou, também nos arruinou."

Com a ponta do pé, Chip levantou um canto do desenho de April e identificou as palavras —

MONA

(segurando o revólver junto ao peito)

E qual é o problema de estar apaixonada
por mim mesma? Por que isto é errado?

— mas a página tinha ficado muito pesada, ou a ponta de seu pé muito fraca. Deixou a folha cair de novo. Empurrou-a para baixo do sofá. Suas extremidades tinham ficado frias, e um pouco dormentes. Não estava enxergando muito bem.

"A Rússia faliu em agosto", dizia Gitanas. "Você deve ter ouvido falar. Ao

contrário das nossas eleições, toda a imprensa noticiou. Era uma notícia de *economia*. Era do interesse dos investidores. E também afetava a Lituânia. Nosso principal parceiro comercial está coberto de dívidas em moeda forte, e o rublo não vale mais nada. Adivinhe o que eles usam, dólares ou rublos, para comprar os ovos das nossas galinhas? E para comprar os chassis de caminhão da nossa fábrica, a única fábrica de chassis decente que existe no nosso país: claro, rublos. Mas o resto do caminhão é fabricado em Volgogrado, e a fábrica fechou. E assim nem rublos o meu país consegue."

Chip não conseguia se sentir decepcionado com "A Púrpura da Academia". Nunca mais tornar a olhar para o roteiro, nunca mais mostrá-lo a viva- alma: podia ser um alívio ainda maior do que sentira no banheiro masculino do Fanelli's, onde finalmente tinha tirado o salmão de dentro das calças.

Sentiu que despertava daquele encantamento de **seios** e hifens e margens de uma polegada, vislumbrando um mundo rico e variado para o qual estivera morto por sabe-se lá quanto tempo. Anos.

"Estou interessado na sua história", disse ele a Gitanas.

"É interessante. É interessante", concordou Gitanas abraçando-se com grande tensão. "Brodsky disse, 'o peixe fresco sempre fede, o congelado só fede quando descongela'. Assim, depois do grande degelo, quando todos os peixinhos menores saíram do congelador, ficamos apaixonados por quase tudo. Eu fiz parte disso. Muito. Mas a administração da economia era um desastre. Eu me diverti bastante em Nova York, mas no meu país — veio uma depressão. E depois, tarde demais, em 1995, atrelamos o litas ao dólar e começamos a privatizar, depressa demais. Não fui eu quem decidiu, mas eu teria feito a mesma coisa. O Banco Mundial tinha o dinheiro que nós queríamos, e o Banco Mundial disse que era para privatizar. Então pronto, vendemos o porto. Vendemos a companhia de aviação, vendemos o sistema de telefonia. Quem dava mais quase sempre eram os americanos, às vezes a Europa Ocidental. Não devia ter acontecido assim, mas aconteceu. Ninguém em Vilna tinha dinheiro. E a companhia telefônica disse que tudo bem, que os donos iam ser estrangeiros cheios de dinheiro, mas o porto e a companhia de aviação iam continuar sendo cem por cento lituanos. E o porto e a companhia de aviação estavam achando a mesma coisa. Mas mesmo assim tudo bem. O capital estava entrando, carnes de primeira no açougue, menos cortes de luz. Até o tempo deu a impressão de ficar mais ameno. A maior parte do dinheiro ia parar nas mãos dos criminosos, mas é esta a realidade pós-soviética. Depois do degelo vem a podridão. Brodsky morreu antes disso. Então foi assim, mas aí todas as economias do mundo começaram a entrar em colapso, a Tailândia, o Brasil, a Coréia, e era um problema, porque o capital correu todo de volta para casa, para os Estados Unidos. Descobrimos, por exemplo, que sessenta e quatro por cento da nossa companhia nacional de aviação pertenciam ao Quad Cities Fund. Que vem a ser? Um fundo de crescimento livre de comissão,

administrado por um jovem chamado Dale Meyers. Você nunca ouviu falar de Dale Meyers, mas todo cidadão adulto da Lituânia conhece bem este nome."

Gitanas parecia achar aquela história de fracasso muito divertida. Fazia muito tempo que Chip não tinha uma sensação tão forte de *gostar* de alguém. Seus amigos gays do D... College e do *Warren Street Journal* eram tão francos e reveladores em suas confidências que isto excluía uma verdadeira aproximação, e suas reações aos homens heterossexuais havia muito numa destas duas categorias já tinham caído: medo e ressentimento dos bem-sucedidos e distância dos fracassados, para evitar o contágio. Mas no tom de Gitanas havia algo que o atraía.

"Dale Meyers vive no oeste de Iowa", disse Gitanas. "Dale Meyers tem dois assistentes, um computador enorme e uma carteira de três bilhões de dólares. Dale Meyers diz que não tinha a intenção de adquirir o controle de nossa companhia nacional de aviação. Diz que o negócio foi feito por programa. Contou que um dos assistentes dele errou na entrada de dados, e isto fez o computador ficar aumentando a posição nas Linhas Aéreas Lituanas, sem levar em conta o tamanho da posição que já acumulara. Tudo bem, Dale pediu desculpas a todos os lituanos pela falha. Diz que entende a importância de uma companhia aérea para a economia e a auto-estima do país. Mas diante da crise na Rússia e no Báltico, ninguém mais quer comprar passagens das Linhas Aéreas Lituanas. Pronto, os investidores americanos começaram então a tirar o dinheiro da Quad Cities. A única maneira de Dale cumprir suas obrigações é liquidar o principal bem das Linhas Aéreas Lituanas. A sua frota. Vai vender três YAK40s para uma companhia de carga aérea sediada em Miami. Vai vender seis turboélices da Aerospatiale para uma companhia local nova em Nova Scotia. Na verdade, já vendeu. Ontem. E assim, opa!, acabou-se a companhia aérea."

"Ai", disse Chip.

Gitanas assentiu vigorosamente com a cabeça. "Isso! Isso! Ai! É pena que não dê para voar num chassi de caminhão! E tem mais. Um conglomerado americano chamado Orfic Midland liquida o porto de Kaunas. Novamente, do dia para a noite. Epa! Ai! E aí sessenta por cento do Banco da Lituânia são devorados por um banco suburbano de Atlanta, na Geórgia. E então o seu banco suburbano decide liquidar as reservas em moeda forte do nosso banco. O seu banco dobra de um dia para o outro as taxas de juros comerciais do nosso país — para quê? Para cobrir as perdas violentas que teve em sua linha fracassada de MasterCards de afinidade com Dilbert. Ai! Ai! Mas é interessante, hein? A Lituânia não está fazendo muito sucesso, não é? A Lituânia armou realmente a maior merda!"

"Como vai a conversa dos nossos homens?", perguntou Eden, de volta à sua sala rebocando April. "Não preferem usar a sala de reunião?"

Gitanas pôs uma pasta no colo e a abriu. "Estou explicando a Chip os meus

problemas com a América."

"Abril, queridinha, sente-se aqui", disse Eden. Tinha trazido um bloco imenso de papel-jornal que abriu no chão perto da porta. "Este papel é melhor para você. Agora você pode fazer uns desenhos bem *grandes*. Pensar grande, como eu. Como a mamãe. Um desenho *bem grande*."

Abril acocorou-se no meio do papel-jornal e desenhou um círculo verde ao seu redor.

"Já pedimos ajuda ao FMI e ao Banco Mundial", disse Gitanas. "Uma vez que eles nos estimularam a privatizar, talvez estejam interessados em saber que nossa nação-Estado privatizada virou uma zona de semi-anarquia, quadrilhas e agricultura de subsistência. Infelizmente, o FMI está lidando com as queixas dos países-clientes arruinados numa ordem proporcional ao tamanho dos respectivos PIBs. A Lituânia era a vigésima sexta da lista até segunda-feira passada. Agora estamos em vigésimo oitavo. O Paraguai acaba de nos ultrapassar. Sempre o Paraguai."

"Ai", disse Chip.

"O Paraguai, por alguma razão, sempre foi a perdição da minha existência."

"Gitanas, eu já disse, Chip é perfeito", disse Eden, "mas escutem..."

"O FMI disse que precisamos esperar até trinta e seis meses para que comecem a nos socorrer!"

Eden desabou em sua cadeira. "Vocês acham que a gente pode dar esta conversa por encerrada daqui a pouco?"

Gitanas mostrou a Chip uma folha impressa que tirou da pasta. "Está vendo aqui, esta página da web? 'Um serviço do Departamento de Estado dos EUA, Escritório de Assuntos Europeus e Canadenses'. Diz aqui: a economia da Lituânia em grave depressão, desemprego de quase vinte por cento, eletricidade e água corrente intermitentes em Vilna, escassos noutras localidades. Que tipo de empresário vai querer investir o dinheiro dele num país assim?"

"Um empresário lituano?", sugeriu Chip.

"Isso, engraçado." Gitanas dirigiu-lhe um olhar de admiração. "Mas e se eu precisar de alguma coisa diferente nesta página da web e em outras semelhantes? E se eu precisar apagar o que está aqui e escrever, em bom inglês americano, que o nosso país escapou da peste financeira russa? Por exemplo: a Lituânia tem hoje uma taxa anual de inflação de menos de seis por cento, uma reserva *per capita* de dólares equivalente à da Alemanha e um superávit comercial de quase cem milhões de dólares, graças à demanda contínua e forte dos recursos naturais da Lituânia!"

"Chip, você é o homem perfeito para isso", disse Eden.

Chip tinha decidido, em silêncio e com firmeza, nunca mais olhar para Eden ou dirigir-lhe a palavra enquanto ela vivesse.

"Quais são os recursos naturais da Lituânia?", perguntou ele a Gitanas.

"Basicamente areia e cascalho", respondeu Gitanas.

"Imensas reservas estratégicas de areia e cascalho. Ótimo."

"Areia e cascalho em abundância." Gitanas fechou sua pasta. "No entanto, agora, um problema para você. Por que a demanda sem precedentes logo por esses recursos?"

"Um surto de construção em dois países vizinhos, a Letônia e a Finlândia? Na Letônia desprovida de areia? Na Finlândia onde não há cascalho?"

"E como foi que esses dois países escaparam ao contágio do colapso financeiro global?"

"A Letônia tem instituições democráticas fortes e estáveis", disse Chip. "É o centro nervoso das finanças dos países bálticos. A Finlândia impôs limites estritos ao fluxo de saída dos capitais estrangeiros de curto prazo e conseguiu salvar sua indústria de mobiliário de categoria internacional."

O lituano assentiu com a cabeça, evidentemente satisfeito. Eden esmurrou a mesa com os punhos. "Meu Deus, Gitanas, Chip é maravilhoso! Merece um bônus especial na assinatura do contrato. Além de acomodações de primeira classe em Vilna e uma diária em dólares."

"Vilna?", perguntou Chip.

"É, vamos vender o país", disse Gitanas. "Precisamos de um freguês americano satisfeito *in loco*. E também é muito mais seguro trabalhar na web a partir de lá."

Chip riu. "Você está esperando mesmo que investidores americanos lhe mandem dinheiro? Com base no que mesmo... na escassez de areia da Letônia?"

"Já estão me mandando dinheiro", disse Gitanas, "com base numa pequena peça que eu preguei. Nem mesmo areia e cascalho, só uma peça perversa que eu inventei. Já são dezenas de milhares de dólares. Mas eu quero que mandem milhões."

"Gitanas", disse Eden. "Meu querido. Este é o momento de falar de incentivo por produção. Não há situação melhor do que esta para falar em gratificações escalonadas. A cada vez que Chip dobrar seus recebimentos, você dá mais um ponto percentual do resultado para ele. Que tal?"

"Se houver um aumento de cem vezes nos recebimentos, pode confiar que Cheep vai ficar rico."

"Mas estou dizendo para pormos isto tudo por escrito."

Gitanas capturou o olhar de Chip e, em silêncio, transmitiu-lhe sua opinião sobre a anfitriã de ambos. "Eden, este documento", disse ele. "Como vamos descrever o trabalho de Cheep? Consultor Internacional de Fraude Eletrônica? Vice-cúmplice na conspiração?"

"Vice-Presidente de Distorções Interpretativas Deliberadas", sugeriu Chip.

Eden deu um grito de prazer, "Adorei!".

"Mamãe, olhe aqui", disse April.

"Nosso acordo é estritamente oral", disse Gitanas.

"Mas é claro que não existe nada de ilegal no que você está fazendo", disse Eden.

Gitanas respondeu àquela pergunta olhando pela janela por bastante tempo. Em sua jaqueta debruada de vermelho, parecia um piloto de motocross. "Claro que não", disse ele.

"Então não é fraude eletrônica", disse Eden.

"Não, não. Fraude eletrônica? Não."

"Porque, eu não quero me fazer de assustada aqui, mas isto soa quase como fraude eletrônica."

"A totalidade dos bens fungíveis do meu país desapareceu no seu, sem produzir qualquer perturbação", disse Gitanas. "Um país rico e poderoso criou as regras que determinam a morte de nós, os lituanos. Por que deveríamos respeitar essas regras?"

"Essencialmente uma pergunta foucaultiana", disse Chip.

"E também uma pergunta de Robin Hood", disse Eden. "Que não me deixa exatamente tranqüila do ponto de vista legal."

"Estou oferecendo a Cheep quinhentos dólares americanos por semana. E mais os bônus que eu achar cabíveis. Cheep, está interessado?"

"Posso ganhar mais aqui mesmo", disse Chip.

"Ofereça no mínimo mil *por dia*", disse Eden.

"Um dólar vale muito em Vilna."

"Certamente", disse Eden. "Também vale muito na Lua. Para comprar o quê?"

"Cheep", disse Gitanas. "Diga a Eden o que se pode comprar com dólar num país pobre."

"Imagino que deve dar para comer e beber muito", disse Chip.

"Um país em que a nova geração cresceu num estado de anarquia moral, e passa fome."

"Não deve ser difícil encontrar uma moça bonita para sair, se é disso que está falando."

"Se o seu coração não se partir", disse Gitanas, "ver uma linda menina do interior cair de joelhos e..."

"Ai, Gitanas", disse Eden, "tem uma criança presente."

"Estou numa ilha", disse April. "Mamãe, olha a minha ilha."

"Estou falando de crianças", disse Gitanas. "Meninas de quinze anos. Tem dólares? Treze. Doze."

"A idade de doze anos não é um argumento que me convença", disse Chip.

"Prefere dezenove? Dezenove sai mais barato."

"Francamente, ahn", disse Eden, abanando as mãos.

"Eu quero que Cheep entenda por que um dólar é muito dinheiro. Por que a

minha oferta é válida."

"O meu problema", disse Chip, "é que eu precisaria pagar dívidas americanas com esses mesmos dólares."

"Pode acreditar que conhecemos bem esse problema na Lituânia."

"Chip quer um salário básico de mil dólares por dia, e mais incentivos por desempenho", disse Eden.

"Mil por semana", disse Gitanas. "Para dar legitimidade ao meu projeto. Pelo trabalho de criação e por tranquilizar os visitantes."

"Um por cento do bruto", disse Eden. "Um ponto menos o salário mensal de vinte mil dólares."

Gitanas, ignorando Eden, tirou da jaqueta um envelope grosso e, com suas mãos que eram gordinhas e não manicuradas, começou a contar notas de cem dólares. April estava acocorada numa mancha de papel-jornal branco cercada por monstros de dentes imensos e desenhos cruéis em várias cores. Gitanas atirou uma pilha de notas de cem na mesa de Eden. "Três mil", disse ele, "pelas primeiras três semanas."

"Passagens de avião em classe executiva, é claro", disse Eden.

"Está bem."

"E acomodações de primeira classe em Vilna."

"Tenho um quarto na minha casa, não há problema."

"E também, quem é que vai protegê-lo das quadrilhas?"

"Talvez eu próprio seja o chefe de uma quadrilha, de certa forma", disse Gitanas com um sorriso cauteloso e envergonhado.

Chip examinou a pilha verde na mesa de Eden. Alguma coisa o estava deixando com tesão, talvez o dinheiro vivo, talvez a visão de meninas de dezenove anos corruptas e pervertidas, ou talvez apenas a perspectiva de pegar um avião e deixar quase dez mil quilômetros entre ele e o pesadelo de sua vida em Nova York. O que fazia das drogas uma coisa perpetuamente tão excitante era a oportunidade de ser outra pessoa. Anos depois de perceber que a maconha só o deixava paranóico e sem sono, ainda ficava com tesão quando pensava em fumar. Ainda desejava ardentemente aquela evasão.

Tocou nas notas de cem.

"Que tal eu me conectar e reservar as passagens para vocês dois?", disse Eden. "Podem ir logo!"

"Quer dizer que você aceita?", perguntou Gitanas. "É muito trabalho, mas divertido. E com algum risco. Como sempre acontece quando há dinheiro em jogo."

"Eu entendo", disse Chip, manuseando as notas de cem.

No fausto dos casamentos, Enid sempre vivenciava aquele amor paroxístico pelo *lugar* — o Meio-Oeste em geral e os arredores de Saint Jude em particular — que para ela era o único patriotismo verdadeiro e a única espiritualidade

viável. Sob o governo de presidentes tão desonestos quanto Nixon, tão estúpidos quanto Reagan e tão repulsivos quanto Clinton, perdera o interesse em acenar com a bandeira americana, e nenhum dos milagres pelos quais tinha rezado a Deus jamais se realizara; mas num casamento de sábado em plena estação dos lilases, de um banco da Igreja Presbiteriana de Paradise Valley, ela podia olhar em volta e ver duzentas pessoas de bem, e nenhuma que fosse má. Todos os seus amigos eram bons e tinham bons amigos, e já que as pessoas de bem tendiam a ter bons filhos, o mundo de Enid lembrava um gramado em que a relva crescia tão compacta que o mal era simplesmente sufocado: um milagre de bondade. Se, por exemplo, fosse uma das filhas de Esther e Kirby Root a avançar pelo corredor presbiteriano de braço com o pai, Enid lembrava-se de como a pequena Root tinha aparecido pedindo balas em sua porta num dia de Halloween vestida de bailarina, como lhe vendera biscoitos das bandeirantes, e como tomara conta de Denise quando era bebê, e de como, mesmo depois de as meninas Root terem ido cursar boas faculdades do Meio-Oeste, ainda faziam questão, sempre que vinham passar algum feriado em casa, de bater nas portas dos fundos de Enid e de pô-la a par do que vinha acontecendo *chez* Root, muitas vezes entrando, instalando-se e passando *uma hora ou mais até* (e não, Enid sabia, porque Esther lhes tivesse dito que deviam ir, mas só porque eram boas filhas de Saint Jude que se interessavam naturalmente pelos outros), e o coração de Enid ficava inchado diante da visão de mais uma das doces e caridosas jovens Root recebendo, como recompensa, os votos de algum rapaz com um belo corte de cabelo, do tipo que se via nos anúncios de roupas masculinas, algum jovem excelente com uma atitude positiva e muito respeito pelos mais velhos, que não acreditava em sexo pré-marital e tinha uma profissão que contribuía para a sociedade, como engenheiro eletricitista ou biólogo especializado em meio ambiente, e que vinha de uma família estável, amorosa e tradicional ele também. A menos que Enid estivesse sendo muito enganada pelas aparências, os rapazes daquele calibre continuavam, mesmo em pleno apagar das luzes do século XX, a ser *a norma* nos arredores de Saint Jude. Todos os jovens que ela conhecera ainda lobinhos, usuários de seu banheiro de baixo e removedores da neve de sua calçada, os muitos meninos Driblett, os vários Person, os jovens gêmeos Schumpert, todos aqueles rapazes bem-apresentados e *bonitos* (que Denise, na adolescência, para a irritação silenciosa de Enid, desqualificara com seu ar de "ironia"), tinham marchado ou logo marchariam por corredores protestantes do interior, trocando votos com moças boas e normais e se instalando para viver, se não na própria Saint Jude, pelo menos sob o mesmo fuso horário. No mais íntimo do seu coração, onde era menos diferente de sua filha do que gostava de admitir, Enid sabia que havia cores melhores para um smokingdo que azul-real e que os vestidos das damas de honra podiam ser cortados em tecidos mais interessantes do que crepe de seda malva, mas mesmo assim, embora a honestidade a

obrigasse a poupar o uso do adjetivo "elegante" nos casamentos desse estilo, havia uma parte mais eloquente e mais feliz do seu coração que adorava esse tipo de casamento acima de tudo, porque a falta de sofisticação indicava aos convidados reunidos que, para as duas famílias que se uniam, havia valores mais importantes que o estilo. Enid acreditava em combinações de cores, e ficava mais feliz nos casamentos em que as damas de honra suprimiam seus desejos egoístas de invidualidade e usavam vestidos que combinavam com os ramalhetes de flores, os guardanapos, o glacê do bolo e as fitas da decoração da festa. Gostava quando a cerimônia na Igreja Metodista de Chittsville era seguida de uma recepção modesta no Chittsville Sheraton. Gostava quando os casamentos mais elegantes na Igreja Presbiteriana de Paradise Valley culminavam na sede do Deepmire Country Club, onde até mesmo as caixas de fósforos dadas como brinde (*Dean & Trish* ? 13 de junho de 1987) combinavam com o esquema cromático. O mais importante de tudo era que a noiva e o noivo também combinassem: tivessem origens, idades e níveis de instrução semelhantes. Às vezes, em casamentos organizados por amigas menos próximas de Enid, a noiva era mais pesada ou significativamente mais velha que o noivo, ou a família do noivo podia provir de alguma cidadezinha rural do norte do estado e mostrar-se obviamente embasbacada diante da elegância do Deepmire. Enid sempre sentia pena das pessoas em questão nas recepções assim. De algum modo, *sabia* que aquele casamento iria ser uma luta desde o primeiro dia. O mais típico, porém, é que a única nota discordante no Deepmire fosse um brinde mais picante proposto por algum amigo do noivo, quase sempre seu ex-colega, muitas vezes de bigode ou com um queixo fino, invariavelmente corado pela bebida, que transpirava como se não viesse do Meio-Oeste, mas de algum lugar mais urbano e mais a leste, e que tentava exibir-se fazendo alguma "piada" referente ao sexo pré-marital, fazendo tanto o noivo como a noiva corar ou rir de olhos fechados (não, julgava Enid, porque estivessem achando graça, mas porque tinham muito tato e não queriam que o autor da ofensa percebesse o quanto sua observação era ofensiva), enquanto Alfred a cabeça como um surdo e Enid corria o salão com os olhos até encontrar uma amiga com quem pudesse trocar uma careta tranqüilizadora.

Alfred também adorava casamentos. Pareciam-lhe o tipo de festa que tinha um sentido. Sob o encanto dos casamentos, autorizava despesas (um vestido novo para Enid, um novo terno para si mesmo, um excelente conjunto de saladeira em madeira de teca para dar de presente) que normalmente vetaria como despropositadas.

Enid esperara, quando Denise ficasse mais velha e tivesse terminado o *college*, organizar um casamento e uma recepção realmente elegantes (embora não, infelizmente, no Country Club, porque, à diferença de quase todos os seus melhores amigos, os Lambert não tinham como pagar os preços exorbitantes do

Deepmire) para Denise e algum rapaz alto e de ombros largos, possivelmente escandinavo, cujos cabelos claros compensariam o defeito dos cabelos escuros e encaracolados demais que Denise herdara de Enid mas que, nos outros aspectos, combinaria perfeitamente com ela. E assim, o coração de Enid quase se partiu quando, numa noite de outubro, menos de três semanas depois de Chuck Meisner dar à sua filha Cindy a recepção mais luxuosa jamais realizada no Deepmire, com todos os homens de casaca, uma fonte de champanhe, um helicóptero pousado perto do décimo oitavo buraco e um octeto de metais tocando fanfarras, Denise ligou para casa com a notícia de que ela e seu patrão tinham ido de carro até Atlantic City e se casado num cartório. Enid, que tinha um estômago muito forte (nunca enjoava, nunca), precisou entregar o telefone a Alfred, ajoelhar-se no banheiro e respirar fundo muitas vezes.

Na primavera anterior, na Filadélfia, ela e Alfred tinham almoçado tarde no restaurante *extremamente* barulhento onde Denise vinha estragando as mãos e desperdiçando a juventude. Depois do almoço, que foi muito bom mas gorduroso demais, Denise fez questão de apresentar-lhes o "chef" com quem ela tinha estudado e para quem estava trabalhando. Este "chef", Emile Berger, era um judeu de meia-idade de Montreal, baixo e incapaz de sorrir, cuja maneira de vestir-se adequadamente para o trabalho era usar uma velha camiseta branca (como um *cozinheiro* e não um chef, pensou Enid; sem jaqueta, sem *toque*) e cuja maneira de barbear-se era simplesmente não barbear-se. Enid teria detestado Emile mesmo se não tivesse percebido, pela maneira como Denise bebia cada uma das palavras dele, que ele tinha um grau insalubre de influência sobre a filha dela. "Os croquetes de siri estavam *tão* gordurosos", acusou ela na cozinha. "*Uma mordida* e eu já não agüentava mais." Ao que, em vez de desculpar-se e procurar algum modo de diminuir-se, como qualquer habitante bem-educado de Saint Jude faria, Emile respondeu concordando que, claro, se fosse possível e o sabor fosse bom, um croquete de siri light seria uma beleza, mas a questão, sra. Lambert, era como conseguir? Hein? Qual é o modo de fazer um croquete de siri light? Denise acompanhava faminta aquele diálogo, como se tivesse sido sua autora ou o conhecesse de cor. Do lado de fora do restaurante, antes que ela voltasse a seu expediente de catorze horas, Enid certificou-se de dizer a ela: "É um homem bem baixinho! E tem *muita* cara de judeu". O tom foi menos controlado do que ela poderia ter desejado, um pouco mais esganiçado e agudo, e ela viu no olhar distante de Denise, e pela expressão amarga que a boca da filha assumiu, que tinha ferido os sentimentos dela. Mas, afinal de contas, só tinha dito a verdade. E nunca, nem por um segundo, imaginou que Denise — que, por mais imatura e romântica que fosse, e por mais que seus planos de carreira fossem pouco práticos, acabara de completar vinte e três anos, tinha um rosto e um corpo lindos e toda a vida pela frente — pudesse *sair* com uma pessoa como Emile. Quanto ao que, exatamente, cada jovem devia fazer com seus encantos

físicos enquanto esperava que os anos da maturidade passassem, agora que as moças já não se casavam mais tão jovens, Enid era, é claro, um tanto vaga. De maneira geral, acreditava na socialização, em grupos de três ou mais; acreditava, para resumir, em festas! A única coisa que ela sabia categoricamente, o princípio que ela abraçava tanto mais apaixonadamente quanto mais era ridicularizado pelos meios de informação e pelas artes populares, era que o sexo antes do casamento era imoral.

E ainda assim, naquela noite de outubro, ajoelhada no piso do banheiro, Enid teve o pensamento herético de que talvez tivesse sido mais sensato, em suas homilias maternas, ter dado menos ênfase ao casamento. Ocorreu-lhe que aquela atitude precipitada de Denise podia até ter sido provocada, em pequeníssima parte, por um desejo de fazer a coisa moralmente certa e agradar a mãe. Como uma escova de dentes na privada, como um grilo morto na salada, como uma fralda usada na mesa de jantar, uma charada nauseante colocava-se diante de Enid: talvez tivesse sido preferível que Denise tivesse cometido adultério, que ficasse manchada por um prazer egoísta e passageiro, que desperdiçasse a pureza que todo rapaz decente tinha o direito de esperar da noiva em perspectiva, do que casar-se com Emile. Só que nesse caso Denise jamais sentiria atração por Emile! Era o mesmo problema que Enid tinha com Chip e até mesmo Gary: seus filhos não combinavam com o ambiente. Não queriam as coisas que ela, as amigas dela e todos os filhos das amigas dela queriam. Os filhos dela queriam outras coisas — radicalmente, vergonhosamente outras.

Enquanto observava perifericamente que o tapete do banheiro estava bem mais manchado do que ela tinha percebido e precisava ser substituído antes das festas de fim de ano, Enid ouviu Alfred oferecendo-se para enviar a Denise um par de passagens de avião. Ficou chocada diante da calma aparente com que Alfred recebeu a notícia de que sua única filha tinha tomado a maior decisão de sua vida sem consultá-lo. Mas depois que ele desligou o telefone e ela saiu do banheiro, e ele comentou, singelamente, que a vida era cheia de surpresas, ela reparou o quão estranhamente as mãos dele tremiam. O tremor era ao mesmo tempo mais amplo e mais intenso do que o que às vezes o acometia depois de tomar muito café. E durante a semana que se seguiu, enquanto Enid tentava sair da melhor forma possível da posição mortificante em que Denise a pusera, tomando as providências de (1) ligar para suas melhores amigas e anunciar num tom emocionado que Denise ia se casar em breve! Com um canadense ótimo, sim, mas ela só queria os *parentes mais próximos* na cerimônia, e ia apresentar o marido numa festa simples e informal perto do Natal (nenhuma das amigas de Enid acreditou que ela estivesse animada, mas reconheceram seu esforço para ocultar o sofrimento; algumas chegaram a ter a sensibilidade de nem mesmo perguntar onde Denise tinha deixado a lista de presentes) e (2) encomendar, sem a permissão de Denise, duzentos convites impressos, não só para dar ao

casamento uma aparência mais convencional como também para sacudir um pouco a árvore dos presentes, na esperança de receber alguma compensação para as dúzias e dúzias de conjuntos de saladeiras de teca que ela e Alfred tinham dado de presente nos últimos vinte anos: durante aquela longa semana, Enid estava tão continuamente consciente do estranho novo tremor de Alfred que, depois de algum tempo, quando ele acabou concordando em ir ver seu médico, que o recomendou ao dr. Hedgpeth e teve o diagnóstico de mal de Parkinson, um ramo clandestino da inteligência dela persistia em conectar aquela doença com o anúncio de Denise e, assim, em responsabilizar sua filha pela queda subsequente de sua qualidade de vida, muito embora o dr. Hedgpeth tenha enfatizado que o mal de Parkinson tinha origem somática, e se instalava gradualmente. Quando os feriados finalmente passaram e o dr. Hedgpeth forneceu-lhes folhetos e livretos cujo jogo de cores insípido como os dos consultórios médicos, cujas tristes ilustrações a traço e cujas assustadoras fotos médicas pressagiavam um futuro ameaçador, triste e monótono, Enid estava convencida de que Denise e Emile tinham arruinado sua vida. Viu-se sob ordens estritas de Alfred, porém, no sentido de procurar fazer Emile sentir-se bem-vindo na família. Assim, na festa que organizou para os recém-casados, pintou um sorriso no rosto e aceitou, vezes sem conta, os parabéns sinceros de velhos amigos da família que adoravam Denise e achavam que ela era uma graça (porque Enid, ao educá-la, tinha enfatizado a importância de ser gentil com os mais velhos) (e o que era aquele seu casamento, se não um exemplo de gentileza excessiva para com os mais velhos?), embora ela sem dúvida preferisse receber os pêsames. O esforço que fez para demonstrar espírito esportivo e uma disposição de chefe de torcida, para obedecer a Alfred e receber cordialmente seu genro de meia-idade sem dizer *nada* sobre a sua religião, só fez aumentar a vergonha e a raiva que sentiu cinco anos mais tarde, quando Denise e Emile se divorciaram e Enid teve que transmitir mais essa notícia para todas as suas amigas. Tendo dado tanta importância ao casamento, tendo lutado tanto para aceitá-lo, achava que o mínimo que Denise poderia ter feito era ficar casada.

“Você ainda tem notícias de Emile?”, perguntou Enid.

Denise estava enxugando os pratos na cozinha de Chip. “De vez em quando.”

Enid estacionara na mesa de jantar para recortar os cupons das revistas que tirara de sua bolsa a tiracolo da Nordic Pleasurelines. A chuva caía irregular, em rajadas que esbofeteavam e embaçavam as vidraças. Alfred estava sentado na *chaise longue* de Chip, com os olhos fechados.

“Eu estava pensando”, disse Enid, “que mesmo que as coisas tivessem dado certo, e vocês tivessem ficado casados, sabe, Denise, Emile daqui a poucos anos já será um velho. E eles dão tanto trabalho. Você não imagina a responsabilidade.”

“Daqui a vinte e cinco anos ainda vai estar mais jovem do que papai é hoje”,

disse Denise.

“Não sei se eu já lhe contei”, disse Enid, “a história de minha colega de ginásio, Norma Greene.”

“Você me conta a história de Norma Greene tntim por tntim cada vez que me encontra.”

“Então você conhece a história. Norma conheceu esse homem, Floyd Voinovich, que era um perfeito cavalheiro, muitos anos mais velho, com um emprego muito bem remunerado, e perdeu a cabeça por ele! Ele estava sempre levando Norma para sair, para o Morelli's, para o Steamer, e para o Bazelon Room, e o único problema...”

“Mamãe.”

“O único problema”, insistiu Enid, “é que ele era casado. Mas Norma que não se preocupasse. Floyd dizia que o arranjo era temporário. Que tinha cometido um baita erro, que seu casamento era horrível, que nunca tinha amado a mulher...”

“Mamãe.”

“E que ia se divorciar.” Enid deixou seus olhos se fecharem ao saber da narrativa. Sabia que Denise não gostava daquela história, mas muitas coisas da vida de Denise também não agradavam a ela, Enid, de maneira que... “E essa história durou anos. Floyd era muito gentil e encantador, e tinha meios para levar Norma a fazer coisas que, com um homem da idade dela, jamais poderia. Norma adquiriu gosto por artigos de luxo, e também, tinha conhecido Floyd numa idade em que as moças se apaixonam e perdem as estribeiras, e Floyd tinha jurado mil vezes que ia divorciar-se da mulher e casar-se com ela, Norma. A essa altura, eu e seu pai já estávamos casados e já tínhamos Gary. Eu me lembro de uma visita que Norma me fez quando Gary era bebê, e tudo que ela queria era ficar com ele no colo o tempo todo. Ela adorava crianças pequenas, adorava ficar com Gary no colo, e eu me senti muito mal por ela, porque àquela altura ela já vinha saindo com Floyd havia muitos anos, e ele continuava casado. Eu disse, Norma, você não pode ficar esperando a vida toda. Ela disse que tinha tentado parar de ver Floyd. Tinha saído com outros homens, mas eles eram mais jovens e ela não os achava *maduros* — Floyd era quinze anos mais velho e muito maduro, e eu entendo que um homem mais velho pode ter uma maturidade que o torna atraente para uma mulher mais jovem...”

“Mamãe.”

“É claro que os homens mais jovens nem sempre podiam levar Norma aos lugares mais elegantes, ou comprar-lhe flores e presentes como Floyd comprava (porque sempre que ela ficava impaciente com ele, ele sabia ser charmoso), e por outro lado muitos desses homens mais jovens estavam interessados em começar suas famílias, e Norma...”

“Já não era mais tão jovem”, disse Denise. “Eu comprei umas sobremesas.

Vocês querem sobremesa?”

“E aí você sabe o que aconteceu.”

“Sei.”

“É uma história muito triste, porque Norma...”

“Eu sei. Conheço a história.”

“Norma descobriu...”

“Mamãe: *eu conheço a história*. E você acha que tem a ver com a minha situação.”

“Eu não, Denise. Você nunca me contou qual é a sua *situação*.”

“Então por que você nunca pára de me contar a história de Norma Greene?”

“Não sei por que ela deixa você nervosa, se não tem nada a ver com a sua situação.”

“O que me deixa nervosa é você achar que ela tem a ver. Você acha que estou envolvida com algum homem casado?”

Enid não só achava como ficou de repente com tanta raiva por isso, tão obstruída pela reprovação, que mal conseguia respirar.

“Finalmente, *finalmente*, vou me livrar dessas revistas”, disse ela, recortando as páginas brilhantes.

“Mamãe?”

“É melhor nem falar nisso. É como na Marinha, ninguém pergunta e ninguém responde.”

Denise estava de pé na porta da cozinha, com os braços cruzados e um pano de prato enrolado na mão. “De onde você tirou a idéia de que estou envolvida com um homem casado?”

Enid arrancou mais uma página.

“Gary disse alguma coisa que lhe deu esta idéia?”

Enid fez um esforço para negar com a cabeça. Denise ficaria furiosa se descobrisse que Gary tinha traído sua confiança, e embora Enid passasse boa parte de sua própria vida furiosa com Gary por uma ou outra razão, orgulhava-se de ser capaz de guardar segredos, e não queria criar problemas para ele. É verdade que ela vinha cismando sobre a situação de Denise havia muitos meses, e que tinha acumulado estoques consideráveis de raiva. Tinha passado a ferro, limpado os canteiros de hera e ficado acordada à noite ensaiando os julgamentos — *É o tipo de comportamento terrivelmente egoísta que eu nunca vou compreender e jamais serei capaz de perdoar*, e *Sinto vergonha de ser mãe de uma pessoa que viva assim*, e *Numa situação como esta, Denise, minha solidariedade está mil por cento com a mulher traída, mil por cento* — que ansiava por emitir acerca do estilo de vida imoral de Denise. E agora tinha a oportunidade de emitir aqueles julgamentos. No entanto, se Denise negasse as acusações, toda a raiva de Enid, todo seu trabalho para refinar e ensaiar aqueles

julgamentos seria desperdiçado. E se, por outro lado, Denise admitisse tudo, podia ser ainda mais recomendável que Enid engolissem seus julgamentos represados em vez de correr o risco de uma briga. Enid precisava de Denise como aliada na batalha do Natal, e não queria partir para um cruzeiro de luxo com um filho inexplicavelmente desaparecido, outro que a considerasse culpada de trair sua confiança e a filha talvez confirmando seus piores medos.

Com um grande e humilhante esforço, ela negou. “Não, não, não. Gary não me disse nada.”

Denise a encarou. “Não disse nada sobre o quê?”

“Denise”, disse Alfred. “Deixe sua mãe em paz.”

E Denise, que não obedecia Enid em nada, prontamente deu meia-volta e retornou para a cozinha.

Enid encontrou um cupom que oferecia sessenta cents de desconto na compra de “I Can’t Believe It’s not Butter!” junto com qualquer compra de “Thomas’ English Muffins”. Sua tesoura cortou o papel e com ele o silêncio que tinha caído.

“Se há uma coisa que eu vou fazer neste cruzeiro”, disse ela, “é recortar até a última dessas revistas.”

“Nem sinal de Chip”, disse Alfred.

Denise trouxe para a mesa várias fatias de torta em pratos de sobremesa. “Acho que corremos o risco de não tornar a ver Chip por hoje.”

“Muito estranho”, disse Enid. “Eu não entendo por que ele pelo menos não liga.”

“Já agüentei coisa pior”, disse Alfred.

“Papai, sobremesa. O confeitador do meu restaurante fez torta de pêra. Quer vir comer na mesa?”

“Ah, mas este pedaço é grande demais para mim”, disse Enid.

“Papai?”

Alfred não respondeu. Sua boca tinha assumido a expressão frouxa e amarga que fazia Enid sentir que alguma coisa terrível ia acontecer. Ele se virou para as janelas que escureciam, manchadas de chuva, e ficou olhando fixo para elas, a cabeça pendente.

“Papai?”

“Al? Sobremesa.”

Alguma coisa deu a impressão de se dissolver dentro dele. Sempre olhando para a janela, ele ergueu a cabeça com uma alegria hesitante, como se julgasse ter reconhecido alguém do lado de fora, alguém que ele amava.

“Al, o que foi?”

“Papai?”

“São crianças”, disse ele, endireitando-se na cadeira. “Estão vendo?” Ergueu o dedo indicador trêmulo. “Ali.” Seu dedo deslocou-se lateralmente, acompanhando o movimento das crianças que via. “E ali. E ali.”

Virou-se para Enid e Denise como se esperasse que elas se mostrassem felicíssimas ao ouvirem aquela novidade, mas Enid não estava nem um pouco feliz. Estava a ponto de embarcar num elegantíssimo cruzeiro de outono, no qual seria de extrema importância que Alfred não cometesse aquele tipo de engano.

“Al, são girassóis”, disse ela, meio com raiva, meio implorando. “Você está vendo reflexos na janela.”

“Bem!” Ele sacudiu a cabeça com força e sem cerimônia. “Achei que estava vendo crianças.”

“Não, girassóis”, disse Enid. “Você estava vendo girassóis.”

Depois que seu partido perdeu o poder nas eleições e a crise da moeda russa dizimou a economia lituana, disse Gitanas, ele tinha passado alguns dias sozinho na antiga sede do VIPPPAKJRIINPB17, dedicando suas horas de folga à construção de um websitescujo nome, lithuania.com, ele comprara de um especulador da Prússia Oriental por um caminhão de mimeógrafos, impressoras de cabeça giratória, computadores Commodore de 64 kilobytes e outros equipamentos de escritório da era Gorbachev — os últimos vestígios físicos do partido. Para divulgar a provação das pequenas nações devedoras, Gitanas tinha criado uma página satírica na web anunciando DEMOCRACIA À VENDA: COMPRE UMA PARTE DA HISTÓRIA EUROPEIA, e tinha plantado linkse referências em vários grupos de notícias americanos, além de *chat rooms* destinados a investidores. Os visitantes do siteeram convidados a enviar dinheiro para o extinto VIPPPAKJRIINPB17 — “um dos mais veneráveis partidos políticos da Lituânia”, um “esteio” da coalizão governante do país por “três dos últimos sete anos”, o partido mais votado nas eleições gerais de abril de 1993 e hoje um “partido pró-capitalista de inclinação ocidental” reorganizado com o nome de “Partido do Livre Mercado e Companhia”. O websitede Gitanas prometia que, assim que o Partido do Livre Mercado e Companhia tivesse comprado votos suficientes para vencer eleições nacionais, seus investidores estrangeiros virariam não só “acionistas sem direito a dividendos” da Lithuania Incorporated (uma “nação-Estado com fins lucrativos”) como também seriam recompensados, proporcionalmente ao tamanho de seu investimento, com memoriais personalizados à sua “contribuição heróica” para a “libertação do país para o mercado”. Enviando apenas cem dólares, por exemplo, um investidor americano podia ter uma rua de Vilna (“com não menos de duzentos metros de extensão”) batizada com seu nome; por cinco mil, o Partido do Livre Mercado e Companhia penduraria um retrato do investidor (“no tamanho mínimo de 60 ¥ 80 cm; *moldura ornamental dourada incluída*”) na Galeria dos Heróis Nacionais no histórico Palácio ‘Slapeliai; por vinte e cinco mil, o investidor adquiriria título perpétuo a uma cidade epônima “de não menos de cinco mil almas” e a “uma forma moderna e higiênica de *droit de seigneur*” que atendia à “maioria” das diretrizes estabelecidas pela Terceira Conferência Internacional sobre os Direitos

Humanos.

“Foi uma piada maldosa”, disse Gitanas do canto do táxi no qual se enfiara. “Mas quem riu? Ninguém achou graça. Começaram a mandar dinheiro. Eu dei um endereço e os cheques administrativos começaram a chegar. Centenas de consultas por e-mail. Que produtos a Lithuania Inc. pretendia fabricar? Quem eram os dirigentes do Partido do Livre Mercado e Companhia, e tinham eles experiência sólida de administradores? Podia apresentar balanços de ganhos passados? Será que o investidor poderia ter a rua ou a cidade da Lituânia batizada não com o nome dele, mas com o de seus filhos, ou do personagem de Pokémon favorito de seus filhos? Todos queriam mais informações. Todos queriam folhetos. E prospectos! E certificados de compra de ações! E informações sobre os corretores! Estávamos cotados na bolsa de algum país, e assim por diante? Muita gente queria vir visitar-nos! *E ninguém achou graça.*”

Chip batia na janela com o nó dos dedos e examinava as mulheres da Sexta Avenida. A chuva estava ficando mais rala, os guarda-chuvas eram fechados. “Os lucros irão para você ou para o partido?”

“Bem, a minha filosofia a respeito está em transição”, disse Gitanas. Tirou da pasta uma garrafa de aquavitada qual já tinha servido algumas doses quando fecharam o acordo no escritório de Eden. Rolou de lado e entregou a garrafa a Chip, que tomou um vasto gole e devolveu-a.

“Você era professor de inglês”, disse Gitanas.

“Ensinava num *college*.”

“E de onde é a sua família? Da Escandinávia?”

“Meu pai é de origem escandinava”, disse Chip. “Minha mãe é uma espécie de mistura de raças da Europa Oriental.”

“Em Vilna, as pessoas vão olhar para você e achar que você é de lá.”

Chip estava com pressa de passar no apartamento antes que seus pais sassem. Agora que tinha dinheiro no bolso, um rolo com trinta notas de cem, já não se importava tanto com o que os pais achavam dele. Na verdade, tinha a impressão de lembrar-se de ter visto poucas horas antes seu pai tremendo e implorando numa porta. Bebendo aquavita e avaliando as mulheres da calçada, já não conseguia mais atinar com a razão de ter achado aquele velho tão perigoso.

É verdade que Alfred achava que a única coisa errada com a pena de morte é que não era usada com a devida frequência; verdade também que, nos jantares durante a infância de Chip, os homens para quem ele pedia a cadeira elétrica ou a câmara de gás eram geralmente negros das favelas da parte norte de Saint Jude. (“Oh, Al”, dizia Enid, porque o jantar era a “refeição familiar”, e ela não entendia por que precisavam usá-lo para falar de câmaras de gás e da mortandade nas ruas.) E numa certa manhã de domingo, depois de ter passado um tempo na janela contando esquilos e avaliando os danos a seus carvalhos e à

sua grama japonesa, da maneira como os brancos dos bairros periféricos avaliavam quantas casas tinham sido perdidas para “os negros”, Alfred tinha realizado uma experiência de genocídio. Furioso pelo fato de os esquilos em seu não-grande jardim serem desprovidos da disciplina que os fizesse parar de reproduzir-se ou limpar a sujeira que produziam, ele foi até o porão e encontrou uma ratoeira que fez Enid, quando ele subiu com ela, balançar a cabeça e emitir pequenos sons negativos. “Dezenove!”, disse Al. “Dezenove.” Apelos emocionais não eram páreo para a rigidez daquela cifra precisa e científica. Como isca, empregou um pedaço do mesmo pão integral que Chip tinha comido, depois de torrado, no café-da-manhã. E depois os cinco Lambert foram à igreja, e entre o *Gloria Patri* e a doxologia um jovem esquilo macho, adotando o comportamento de alto risco dos economicamente desesperados, decidiu comer o pedaço de pão e teve o crânio esmagado. Quando a família chegou em casa, encontrou moscas verdes banqueteadando-se com o sangue, a massa cerebral e fragmentos mastigados de pão integral que tinham jorrado dos maxilares despedaçados do jovem esquilo. A boca e o queixo de Alfred cerraram-se pela aversão que os exercícios especiais de disciplina — bater num filho, comer rutabaga — sempre lhe provocavam. (Não tinha consciência que deixava transparecer assim sua aversão pela disciplina.) Pegou uma pá na garagem e enfiou a ratoeira e o cadáver do esquilo no saco de papel que Enid enchera até a metade com ervas daninhas arrancadas na véspera. Chip acompanhava tudo a mais ou menos vinte passos de distância, e viu como, quando Alfred entrou no porão vindo da garagem, suas pernas cederam um pouco, de lado, e ele esbarrou na máquina de lavar, depois passou correndo pela mesa de pingue-pongue (Chip sempre sentira medo ao ver seu pai correndo, ele parecia velho demais, disciplinado demais para aquilo) e desapareceu no banheiro do porão, e depois disso os esquilos puderam fazer o que bem entendessem no jardim.

O táxi aproximava-se da University Place. Chip cogitou de voltar até a Cedar Tavern e devolver o dinheiro à atendente, e talvez dar-lhe cem dólares a mais para deixar tudo acertado, talvez pegar seu nome e endereço e escrever para ela da Lituânia. Estava inclinado para a frente, prestes a instruir o motorista a ir até a Cedar Tavern quando foi detido por um pensamento novo e radical: *roubei nove dólares, foi isso que eu fiz, eu sou assim, azar o dela.*

Encostou-se no banco e estendeu a mão para a garrafa.

Do lado de fora do seu prédio, o motorista sacudiu as mãos para não aceitar sua nota de cem — grande demais, grande demais. Gitanas desencavou uma nota menor de sua jaqueta vermelha de motocross.

“Por que você não me espera em seu hotel?”, perguntou Chip.

Gitanas achou graça. “Você está brincando, não é? Quer dizer, eu confio muito em você. Mas acho que vou esperar aqui. Arrume a mala, não precisa se apressar. Traga um casaco grosso e um chapéu. Ternos e gravatas. Pense no

mundo financeiro.”

O porteiro Zoroaster não estava ao alcance da vista. Chip precisou usar sua chave para entrar. No elevador, respirou fundo várias vezes para conter o nervosismo. Não sentia medo, sentia-se generoso, pronto para abraçar o pai.

Mas o apartamento estava vazio. Sua família devia ter saído minutos antes. Havia um calor corporal espalhado pelo ar, um odor fraco do perfume de Enid, White Shoulders, e alguma coisa um tanto sanitária, de gente velha. Nunca vira a cozinha tão limpa. Na sala, toda a limpeza e arrumação que ele fizera estava agora mais visível do que na noite da véspera. E suas prateleiras estavam despidas de livros. E Julia tinha levado seus xampus e seu secador do banheiro. E ele estava mais bêbado do que pensava. E ninguém tinha deixado um bilhete para ele. Não havia nada na mesa de jantar, além de uma fatia de torta e um vaso de girassóis. Ele precisava arrumar as malas, mas tudo à sua volta e dentro dele tinha ficado tão estranho que por um momento ele só foi capaz de ficar ali parado, olhando. As folhas dos girassóis tinham manchas pretas e uma orla de senescências brancas; as flores eram carnudas e esplêndidas, pesadas como *brownies*, espessas como palmas. No centro de um dos girassóis havia um botão sutilmente pálido, com uma auréola sutilmente mais escura. A natureza, pensou Chip, não poderia ter criado um leito mais convidativo para o pouso de um pequeno inseto voador. Tocou o veludo castanho, e o êxtase percorreu seu corpo.

O táxi que levava os três Lambert chegou ao pier na altura do centro da cidade onde um imenso edifício branco, o navio de cruzeiro *Gunnar Myrdal*, tapava a visão do rio, de Nova Jersey e de metade do céu. Uma verdadeira multidão quase toda de velhos convergia para o portão e tornava a rarefazer-se no longo e claro corredor do outro lado dele. Havia qualquer coisa de sobrenatural naquela migração determinada, alguma coisa de gelar o sangue na cordialidade e nos uniformes brancos do pessoal de terra da Nordic Pleasurelines no silêncio em que tudo ocorria, enquanto as nuvens de chuva se afastavam tarde demais para salvar o dia. Multidão ao crepúsculo à beira do Estige.

Denise pagou o táxi e entregou a bagagem na mão de carregadores.

“E agora, aonde é que você vai depois daqui?”, perguntou-lhe Enid.

“De volta para o trabalho na Filadélfia.”

“Você está muito bonita”, disse Enid espontaneamente. “Adoro o seu cabelo neste comprimento.”

Alfred agarrou as mãos de Denise e agradeceu.

“Eu só queria que tivesse sido um dia melhor para Chip”, disse Denise.

“Fale com Gary sobre o Natal”, disse Enid. “E pense bem na possibilidade de vir passar uma semana inteira conosco.”

Denise levantou um punho de couro e olhou as horas. “Eu vou passar cinco dias. Mas acho que Gary não vai. E vai saber o que está acontecendo com Chip.”

“Denise”, disse Alfred em tom impaciente, como se ela estivesse dizendo

bobagens, “por favor fale com Gary.”

“Está bem, eu falo. Eu falo.”

As mãos de Alfred agitaram-se no ar. “Eu não sei quanto tempo ainda tenho! Você e sua mãe precisam se entender melhor. Você e Gary precisam se entender melhor.”

“Al, você ainda tem muito...”

“Todos nós precisamos nos entender!”

Denise nunca tinha sido de chorar, mas sentia que seu rosto estava ficando amarelo. “Tudo bem, pai”, disse ela. “Eu falo com ele.”

“Sua mãe quer um Natal em Saint Jude.”

“Eu falo com ele. Juro.”

“Bem.” Ele virou-se abruptamente. “Já chega disso.”

Sua capa de chuva batia e chicoteava ao vento, mas ainda assim Enid conseguia esperar que o tempo fosse estar perfeito para um cruzeiro, que o mar fosse estar tranquilo.

De roupas secas, com uma mala de terno, uma sacola de lona e cigarros — Murattis elegantes e letais, a cinco dólares o maço — Chip seguiu para o Aeroporto Kennedy com Gitanas Misevičius e tomou o voo para Helsinque no qual, desrespeitando o contrato oral, Gitanas comprara passagens de classe turística, e não executiva. “Podemos beber hoje à noite e dormir amanhã”, disse ele.

Seus assentos eram corredor e janela. Quando se instalou na cadeira, Chip lembrou-se de como Julia havia deixado Gitanas. Imaginou-a saindo depressa do avião, depois correndo pelo aeroporto e atirando-se no banco traseiro de um bom e velho táxi amarelo. Sentiu um espasmo de saudades de casa — terror do outro; apego ao familiar — mas, ao contrário de Julia, não sentiu nenhum desejo de bater em retirada. Assim que afivelou o cinto de segurança, adormeceu. Acordou por um breve momento durante a decolagem e tornou a submergir até a população inteira do avião, em uníssono, acender seus cigarros.

Gitanas tirou um computador da mala e ligou. “Então, Julia”, disse ele.

Num sobressalto, toldado pelo sono, Chip achou que Gitanas estava dirigindo-se a ele como Julia.

“Minha mulher?”, disse Gitanas.

“Ah, sei.”

“Ela está tomando antidepressivos. Acho que foi idéia de Eden. Eden vem mais ou menos tomando conta da vida dela ultimamente. Você viu que ela não me queria lá no escritório dela hoje à tarde. Não me queria na cidade! Eu me tornei inconveniente. Então, pois é, Julia começou a tomar esses remédios, e de repente acordou e não queria mais ficar com homens com queimaduras de cigarro. Foi o que ela disse. Chega de homens com queimaduras de cigarro. Hora de mudar. Chega de homens com queimaduras.” Gitanas enfiou um CD no

drivede CD do computador. “Mas assim mesmo ela quer o apartamento. Pelo menos o advogado que está tratando do divórcio quer que ela queira. O advogado que Eden está pagando. Trocaram as fechaduras do meu apartamento, precisei dar dinheiro ao porteiro para me deixar entrar.”

Chip fechou a mão esquerda. “Queimaduras de cigarro?”

“É. Pois é, eu tenho uma ou outra.” Gitanas esticou o pescoço para ver se algum passageiro estava escutando, mas todos à volta deles, exceto duas crianças com os olhos bem fechados, estavam ocupados fumando. “Prisão militar soviética”, disse ele. “Vou mostrar minhas lembranças de minha agradável estada entre eles.” Tirou um dos braços da jaqueta de couro vermelha e arregaçou a manga da camiseta amarela que usava por baixo. Uma bexigosa constelação interligada de tecido cicatricial descia pela parte interna do seu braço, da axila ao cotovelo. “Foi em 1990”, disse ele. “Oito meses num quartel do Exército Vermelho, no Estado soberano da Lituânia.”

“Você era dissidente”, disse Chip.

“É! Isso mesmo! Dissidente!” Tornou a enfiar o braço no casaco. “Foi horrível, uma coisa. Muito cansativo, mas eu não me sentia cansado. O cansaço veio depois.”

As memórias que Chip tinha de 1990 eram de peças teatrais do período Tudor, intermináveis brigas fúteis com Tori Timmelman, um malsão envolvimento secreto com certos textos de Tori ilustrando a objetificação desumanizante da pornografia, e pouco mais.

“E então eu estou com um pouco de medo de ver isto aqui”, disse Gitanas. Em seu computador havia a escura imagem monocromática de uma cama, vista de cima, com um corpo debaixo das cobertas. “O zelador me disse que ela arranhou um namorado, e eu resolvi pegar alguns dados. Tinha um equipamento de vigilância que era do dono anterior. Detector de movimento, infravermelho, câmeras digitais. Pode olhar se quiser. Pode ser interessante. Pode ser excitante.”

Chip se lembrou do detector de fumaça no teto do quarto de Julia. Muitas vezes olhara para ele até os cantos de sua boca secarem e seus olhos rolares. Sempre lhe dera a impressão de ser um detector de fumaça muito complicado.

Endireitou-se em seu assento. “Talvez você não queira ver.”

Gitanas clicou e apontou de maneira complexa: “Vou mudar o ângulo da tela. Você não precisa ver.”

Nuvens ameaçadoras de fumaça de tabaco acumulavam-se nos corredores. Chip resolveu que precisava acender um Muratti; mas a diferença entre dar uma tragada e respirar tinha ficado desprezível.

“O que eu quis dizer”, disse ele, bloqueando a tela do computador com uma das mãos, “é que você talvez prefira ejetar o CD e não ver o que tem nele.”

Gitanas ficou genuinamente surpreso. “E por que eu não iria querer?”

“Bem, vamos pensar numa razão.”

“Talvez seja melhor você me contar.”

“Não, bem, vamos pensar.”

Por um instante, a atmosfera ficou furiosamente animada. Gitanas examinou os ombros, os joelhos e os pulsos de Chip, como se estivesse escolhendo onde iria mordê-lo. Depois ejetou o CD e o atirou no rosto de Chip. “Filho-da-puta!”

“Eu sei, eu sei.”

“Pode ficar com ele. Filho-da-puta. Não quero ver isso nunca mais. Pode ficar.”

Chip guardou o CD no bolso da camisa. Sentia-se bem. Sentia-se em ordem. O avião estava em velocidade de cruzeiro, e o barulho das turbinas tinha a ardência branca, vaga e constante da secura nos seios nasais, a cor das arranhadas janelas de plástico dos aviões, o gosto do café frio e fraco em xícaras plásticas reutilizáveis. A noite do Atlântico Norte era fria e solitária, mas ali, no avião, havia luzes no céu. Havia sociabilidade. Era bom estar acordado e sentir mais gente acordada à sua volta.

“Quer dizer que você também tem queimaduras de cigarro?”, perguntou Gitanas.

Chip mostrou a palma da mão. “Não é nada.”

“Você mesmo que fez. Americano patético.”

“Outro tipo de prisão”, disse Chip.

QUANTO MAIS PENSAVA NAQUILO,
MAIS LHE DAVA RAIVA

O LUCRATIVO envolvimento de Gary Lambert com a Axon Corporation começara três semanas antes, numa tarde de domingo em que ele tinha passado em seu novo laboratório fotográfico, tentando sentir prazer em produzir novas cópias de velhas fotografias de seus pais e, ao sentir prazer, tranquilizar-se acerca de sua saúde mental.

Gary andava muito preocupado com sua saúde mental, mas naquela tarde em especial, enquanto saía de sua grande casa revestida de xisto na Seminole Street e atravessava o grande jardim por trás dela para subir as escadas de sua vasta garagem, o clima em seu cérebro estava quente e claro, como o tempo no noroeste da Filadélfia. Um sol de setembro brilhava através de uma mistura de nevoeiro e nuvens miúdas em um fundo cinzento, e até onde Gary era capaz de compreender e rastrear sua neuroquímica (e lembremos que ele era vice-presidente do CenTrust Bank, e não um psiquiatra) seus principais indicadores lhe pareciam todos bastante saudáveis.

Embora Gary geralmente aplaudisse a tendência moderna à autogestão individual de fundos de aposentadoria, planos de ligações interurbanas e educação em escolas particulares, ficava um tanto menos animado ao ver-se investido da responsabilidade pela química de seu próprio cérebro, especialmente num momento em que certas pessoas de sua vida, principalmente seu pai, recusavam-se a assumir responsabilidade semelhante. Mas Gary era basicamente um sujeito consciencioso. No momento em que entrou em seu quarto escuro, julgou que seus níveis do Neurofator 3 (ou seja, a serotonina: um fator muito, muito importante) estavam chegando ao ponto máximo dos últimos sete dias, ou mesmo dos últimos trinta, que seus Fatores 2 e 7 também estavam superando as expectativas e que seu Fator 1 estava reagindo da queda que apresentara no início da manhã, em função do copo de Armagnac que tinha tomado ao deitar-se. Andava com passos saltitantes, estava agradavelmente consciente de sua altura acima da média e de seu bronzeado de fim de verão. O ressentimento que tinha da mulher, Caroline, estava moderado e bem contido. Havia progresso também no declínio de alguns índices-chave de paranóia (por exemplo, sua desconfiança persistente de que Caroline e seus filhos mais velhos zombavam dele), e sua avaliação da futilidade e da brevidade da vida, ajustada sazonalmente, mostrava-se coerente com a robustez de fundo de sua economia mental. Não estava nem um pouco clinicamente deprimido.

Puxou as cortinas pretas de veludo e fechou as persianas à prova de luz, tirou uma caixa de papel 18 ¥ 24 da grande geladeira de aço inoxidável e enfiou duas tiras de celulósido no limpador motorizado de negativos — um aparelhinho sensualmente pesado.

Estava revelando imagens da malfadada Década de Golfe Conjugal de seus pais. Uma delas mostrava Enid inclinada no meio de um *rough* profundo, fazendo uma careta com seus óculos escuros no calor obliterante do interior do

continente, a mão esquerda espremendo o cabo de um sofrível taco número cinco, de madeira, o braço direito desfocado pelo ato de atirar com a mão a bola (um borrão branco na margem da imagem) para a *fairway*. (Ela e Alfred só jogavam em campos públicos, planos, retos, pequenos e baratos.) Na outra foto, Alfred aparecia de short apertado e um boné da Midland Pacific, meias pretas e sapatos de golfe pré-históricos, visando um *tee-marker* branco do tamanho de um melão com seu pré-histórico driverde madeira e sorrindo para a câmera como se dissesse: *Uma bola desse tamanho até eu acertava!*

Depois de mergulhar as ampliações no banho ácido, Gary acendeu as luzes e descobriu que as duas fotos estavam cobertas por uma rede de estranhas manchas amarelas.

Xingou um pouco, nem tanto por dar muita importância às fotografias, mais porque queria manter sua boa disposição, aquela sensação de abundância de serotonina, o que exigia alguma cooperação do mundo dos objetos inanimados.

Do lado de fora, o tempo estava mudando. Um fio d'água começou a correr pelo meio-fio, um tamborilar começou a ser ouvido no telhado vindo das árvores que o cobriam. Através das paredes da garagem, enquanto preparava um segundo par de ampliações, Gary ouvia Caroline e os meninos jogando futebol no jardim de trás. Ouvia as passadas, o barulho de chutes, gritos menos frequentes, a colisão sísmica da bola contra a garagem.

Quando o segundo par de ampliações emergiu do fixador com as mesmas manchas amarelas, Gary percebeu que o melhor seria desistir. Mas ouviu uma batida na porta, e seu filho mais novo, Jonah, passou entre as cortinas pretas.

“Está ampliando fotos?”, perguntou Jonah.

Gary rapidamente dobrou em quatro as ampliações estragadas e as sepultou no lixo. “Só começando”, disse ele.

Tornou a misturar as soluções e abriu uma caixa nova de papel. Jonah sentou-se ao lado de uma luz vermelha e ficou murmurando enquanto virava as páginas de um dos livros de Nárnia, *O príncipe Cáspio*, que a irmã de Gary, Denise, lhe dera de presente. Jonah estava na segunda série mas já lia coisas do nível da quinta. Às vezes lia em voz alta com um murmúrio articulado que estava de perfeito acordo com o encanto narniano geral da sua pessoa. Tinha olhos escuros brilhantes, uma voz de oboé, cabelos macios como visom e podia ter uma aparência, até mesmo para Gary, mais de animal inteligente do que de menino.

Caroline não aprovava muito os livros de Nárnia — C. S. Lewis era sabidamente um propagandista católico, e o herói narniano, Aslan, era uma figura de Cristo com pêlo e quatro patas —, mas Gary tinha apreciado a leitura de *O leão, a feiticeira e o armário* quando era menino, e não tinha virado, pode-se dizer com certeza, um fanático religioso na idade adulta (na verdade, era estritamente materialista).

“E aí eles matam um urso”, contou Jonah, “mas o urso não é falante, e Aslan

volta, mas só quem consegue ver é Lucy e os outros não acreditam nela.”

Gary depositou com a pinça as ampliações no banho interruptor. “E por que ninguém acredita nela?”

“Porque ela é a *mais nova*”, disse Jonah.

Do lado de fora, na chuva, Caroline ria e gritava. Tinha o costume de se entregar até a exaustão àquelas brincadeiras a fim de manter-se em dia com os meninos. Nos primeiros anos do casamento, trabalhava em tempo integral como advogada, mas depois do nascimento de Caleb tinha entrado de posse de um bom dinheiro de família e agora trabalhava apenas em meio expediente, com um salário filantropicamente baixo, para o Fundo de Defesa das Crianças. Sua vida real era centrada nos meninos. Ela dizia que eram seus melhores amigos.

Seis meses antes, na véspera do quadragésimo terceiro aniversário de Gary, enquanto ele e Jonah faziam uma visita a seus pais em Saint Jude, uma dupla de construtores locais aparecera para trocar a fiação, o encanamento e o revestimento do segundo andar da garagem como um presente de aniversário de Caroline. Gary tinha falado uma vez ou outra em ampliar as fotos antigas de família que preferia e reuni-las num álbum encadernado de couro, *As Duzentas Melhores Fotos da Família Lambert de Todos os Tempos*. Mas a ampliação comercial seria o suficiente para isso, além disso os meninos estavam lhe ensinando a manipulação de *pixels* em computador, e se ele ainda precisasse de um laboratório poderia alugar um por hora. Seu impulso no dia do aniversário, portanto — depois que Caroline o levou até a garagem e o presenteou com um laboratório que ele não necessitava e não queria — foi o de cair em prantos. Em certos livros de psicologia popular que pegara na mesinha de cabeceira de Caroline, porém, tinha aprendido a reconhecer os Sinais de Alerta da depressão clínica, e um desses Sinais de Alerta, concordavam todos os especialistas, era uma tendência ao choro inoportuno, de maneira que engoliu o bolo em sua garganta, saltitou pelo caríssimo laboratório novo e exclamou para Caroline (que passava ao mesmo tempo pelo remorso de comprador e pela ansiedade de quem dá um presente) que estava absolutamente encantado com o presente! E então, para assegurar-se de que não estava clinicamente deprimido e para garantir que Caroline jamais suspeitaria de coisa parecida, decidira trabalhar duas vezes por semana no laboratório até completar o álbum das *Duzentas Melhores Fotos da Família Lambert de Todos os Tempos*.

A desconfiança de que Caroline, conscientemente ou não, tinha tentado exilá-lo da casa situando o laboratório em cima da garagem era outro indicador-chave de paranóia. Quando o timertocou, ele transferiu o terceiro conjunto de ampliações para o banho com fixador e tornou a acender as luzes.

“Que manchas brancas são essas?”, disse Jonah, espiando na bandeja.

“Eu não sei!”

“Parecem nuvens”, disse Jonah.

A bola de futebol atingiu com força a parede da garagem.

Gary largou Enid com o rosto franzido e Alfred sorrindo no fixador e abriu as persianas. Sua araucária do Chile, e a touceira de bambu ao lado dela, estavam reluzentes de chuva. No meio do jardim dos fundos, de casacos de malha encharcados e colados nos ombros, Caroline e Aaron sorviam o ar em grandes arquejos enquanto Caleb amarrava um pé de tênis. Caroline, aos quarenta e cinco anos, tinha as pernas de uma estudante. Seus cabelos ainda eram quase tão louros como quando Gary a conhecera, vinte anos antes, num concerto de Bob Seger no Spectrum. Gary ainda sentia uma atração substancial pela mulher, ainda atizado por sua beleza sem esforço e pelos sinais de sua ascendência quaker. Obedecendo a um antigo reflexo, estendeu a mão para a máquina fotográfica e encaixou nela a teleobjetiva.

A expressão do rosto de Caroline deixou-o aflito. Havia um franzido em sua testa, um sulco de desgosto em torno da boca. Mancava enquanto se punha mais uma vez a perseguir a bola.

Gary apontou a lente para seu filho mais velho, Aaron, que sempre saía melhor quando não percebia estar sendo fotografado, antes de posicionar a cabeça no ângulo deliberado que acreditava ser-lhe mais favorável. O rosto de Aaron estava corado e salpicado de lama, e Gary acionou o zoom para enquadrar um belo flagrante. Mas o ressentimento que Caroline lhe despertava estava superando suas defesas neuroquímicas.

O jogo de futebol tinha parado, e ela corria e manquitolava na direção da casa.

Lucy enterrou a cara na juba dele para esconder-se de seu rosto, murmurou Jonah.

Um grito partiu da casa.

Caleb e Aaron reagiram de imediato, saindo a galope pelo jardim como heróis de cinema e desaparecendo dentro da casa. Um instante depois, Aaron reemergiu e gritou, em sua nova voz à prova de rachaduras, “Pai! Pai! Pai! Pai!”.

A histeria alheia sempre deixava Gary metódico e calmo. Saiu do laboratório e desceu lentamente os degraus que a chuva deixara escorregadios. No espaço aberto acima dos trilhos do trem suburbano, atrás da garagem, uma espécie de auto-aperfeiçoamento da luz provida do chuvisco primaveril atravessava o ar úmido.

“Pai, é a vovó no telefone!”

Gary atravessou o jardim com passos deliberados, fazendo uma pausa para examinar e lamentar os danos que o futebol impusera ao gramado. A vizinhança em torno deles, Chestnut Hill, não era de todo não-narniana. Bordos, gingkos e sicômoros seculares, muitos deles mutilados para dar passagem a linhas de transmissão, cresciam num gigantesco tumulto por sobre ruas remendadas vezes

sem conta, batizadas com os nomes de tribos indígenas dizimadas. Seminole e Cherokee, Navajo e Shawnee. Por quilômetros em todas as direções, a despeito das altas densidades populacionais e das vultosas rendas familiares, não havia auto-estradas, e pouquíssimas lojas úteis. A Terra que o Tempo Esqueceu, como Gary a chamava. A maioria das casas dali, inclusive a sua, eram feitas de um xisto que lembrava estanho bruto e era exatamente da mesma cor do seu cabelo.

“Pai!”

“Obrigado, Aaron, já ouvi.”

“É a vovó no telefone!”

“Eu sei, Aaron. Você já disse.”

Na cozinha de piso de ardósia, encontrou Caroline desabada numa cadeira, as duas mãos pressionando a base das costas.

“Ela tinha ligado de manhã”, disse Caroline, “e eu esqueci de te dizer. O telefone está tocando a cada cinco minutos, e finalmente eu saí correndo...”

“Obrigado, Caroline.”

“Eu saí correndo...”

“Obrigado.” Gary pegou o telefone sem fio e o segurou com o braço estendido, como que para manter a mãe à distância, enquanto caminhava em direção à sala de jantar. Ali, foi abordado por Caleb, que tinha um dedo enfiado nas páginas reluzentes de um catálogo. “Pai, posso dizer uma coisinha só?”

“Agora não, Caleb, estou com a sua avó no telefone.”

“Eu só queria...”

“Agora não, já disse.”

Caleb sacudiu a cabeça e sorriu descrente, como um jogador focalizado pela televisão que não consegue marcar um pênalti.

Gary atravessou a entrada de piso de mármore até a vasta sala de estar e disse alô no pequeno telefone.

“Eu disse a Caroline”, disse Enid, “que eu ligava mais tarde se você não estivesse perto do telefone.”

“As suas ligações custam sete cents por minuto”, disse Gary.

“Ou então você podia me ligar de volta.”

“Mamãe, estamos falando de vinte e cinco cents.”

“Estou tentando falar com você o dia todo”, disse ela. “A agente de viagem precisa de uma resposta no máximo até amanhã de manhã. E, você sabe, ainda esperamos que você venha para um último Natal, como eu prometi a Jonah, e...”

“Espere um minuto”, disse Gary. “Vou falar com Caroline.”

“Gary, vocês tiveram *meses* para discutir esse assunto. Eu não quero ficar aqui sentada enquanto você...”

“Um segundo.”

Ele tapou o bocal do telefone com a mão e voltou para a cozinha, onde Jonah estava de pé numa cadeira com um pacote de Oreos. Caroline, ainda desabada

na mesa, respirava depressa. “Aconteceu alguma coisa terrível”, disse ela, “quando saí correndo para atender o telefone.”

“Você passou duas horas na chuva, do lado de fora, derrapando na lama”, disse Gary.

“Não, eu estava bem até atender o telefone.”

“Caroline, você já estava mancando bem antes de...”

“Eu estava *bem*”, disse ela, “até sair correndo para atender o *telefone*, que estava tocando pelo *quínquagésima* vez...”

“Bom, está certo”, disse Gary, “é culpa da minha mãe. Agora me diga o que quer que eu diga sobre o Natal.”

“O que você quiser. Que eles serão muito bem-vindos se quiserem vir.”

“Mas nós falamos da possibilidade de ir *até lá*.”

Caroline sacudiu a cabeça com força, como se apagasse alguma coisa. “Não. *Você* falou disso. Eu nunca falei sobre isso.”

“Caroline...”

“Não dá para discutir o assunto com ela no telefone. Peça para ela ligar de novo semana que vem.”

Jonah estava percebendo que podia pegar quantos biscoitos quisesse que seus pais não iam perceber.

“Mas ela precisa tomar providências agora”, disse Gary. “Estão tentando decidir se passam por aqui no mês que vem, depois do cruzeiro. Mas depende do Natal.”

“Parece que eu desloquei uma vértebra.”

“Se você não disser nada”, disse ele, “vou falar que estamos pensando na idéia de ir a Saint Jude.”

“De jeito nenhum! O acordo não foi este.”

“Estou propondo uma exceção ao acordo.”

“Não! Não!” Cachos molhados de cabelos louros foram sacudidos e açoítaram o ar enquanto Caroline manifestava sua recusa. “Você não pode mudar as regras assim.”

“Uma exceção, uma vez, não é mudança das regras.”

“Meu Deus, acho que eu preciso tirar uma radiografia”, disse Caroline.

Gary podia sentir o zumbido da voz de sua mãe contra seus dedos. “Então, é sim ou não?”

Erguendo-se na cadeira, Caroline apoiou-se nele e enterrou o rosto em seu casaco. Bateu de leve no esterno dele com um punho pequeno. “Por favor”, disse ela, esfregando o nariz na clavícula dele. “Diga a ela que vai ligar mais tarde. Oquei? Minhas costas estão doendo de verdade.”

Gary segurou o telefone de lado, com o braço rígido, quando ela fez pressão contra o corpo dele. “Caroline. Eles vieram aqui oito anos seguidos. Não é nenhum absurdo da minha parte propor uma exceção, só desta vez. Posso pelo

menos dizer que estamos pensando na idéia?”

Caroline sacudiu tristemente a cabeça e afundou na cadeira.

“Está certo”, disse Gary. “Então vou decidir sozinho.”

Voltou com passo decidido para a sala de jantar, onde Aaron, que tinha ouvido tudo, fitou-o como se ele fosse um monstro de crueldade marital.

“Papai”, disse Caleb, “se você não está falando com a vovó, posso pedir uma coisa?”

“Não, Caleb, estou falando com a vovó.”

“Então posso falar com você logo depois?”

“Ai, meu Deus, ai, meu Deus”, Caroline estava dizendo.

Na sala de estar, Jonah tinha se instalado no sofá maior de couro com sua torre de biscoitos e o *Príncipe Cáspio*.

“Mamãe?”

“Eu não consigo entender”, disse Enid. “Se é um mau momento para conversar, não há problema, você me liga depois, mas me deixar esperando *dez minutos...*”

“Pois é, mas estou aqui.”

“E então, o que vocês resolveram?”

Antes que Gary pudesse responder, explodiu na cozinha um lamentável e violento urro de dor felina, um grito como os que Caroline produzia durante as relações quinze anos antes, antes que houvesse meninos que pudessem ouvir.

“Mamãe, desculpe, um instante.”

“Não está direito”, disse Enid. “Não é educado.”

“Caroline”, gritou Gary para a cozinha, “você acha que vamos conseguir nos comportar como adultos por alguns instantes?”

“Ai, ai, ui! Ui!”, gritou Caroline.

“Ninguém jamais morreu de dor nas costas, Caroline.”

“Por favor”, gritou ela, “ligue para ela mais tarde. Eu tropecei no degrau de cima quando estava entrando na corrida, Gary, está *doendo...*”

Ele deu as costas para a cozinha. “Desculpe, mamãe.”

“O que é que está acontecendo aí?”

“Caroline está com dor nas costas de jogar futebol.”

“Você sabe que eu não gosto de falar disto”, disse Enid, “mas dores e desconfortos fazem parte do envelhecimento. Se eu quisesse, podia passar o dia inteiro falando de dor. Meu quadril dói o tempo todo. Mas quando você envelhece, geralmente fica um pouco mais maduro.”

“Oooh! Ai! Ai!”, gritou voluptuosamente Caroline.

“Esperemos que sim”, disse Gary.

“De qualquer maneira, o que foi que vocês resolveram?”

“Ainda não chegamos a uma conclusão sobre o Natal”, disse ele, “mas talvez você pudesse planejar passar por aqui...”

“Ai! Ai! Ai!”

“Está ficando tarde para fazer reservas para o Natal”, disse Enid em tom severo. “Você sabe, os Schumpert fizeram as reservas para o Havaí em abril, porque no ano passado esperaram até setembro, e quando foram ver não conseguiram os lugares que...”

Aaron veio correndo da cozinha. “Pai!”

“Estou no telefone, Aaron.”

“Pai!”

“Estou no telefone, Aaron, não está vendo?”

“Dave fez uma colostomia”, disse Enid.

“Você precisa fazer alguma coisa *agora*”, disse Aaron. “Mamãe está sentindo muita dor. Disse que você precisa levar ela no hospital!”

“E aí, pai”, disse Caleb, entrando de lado com um catálogo, “você também podia me deixar num lugar.”

“Não, Caleb.”

“É que tem uma loja onde eu preciso ir mesmo de verdade.”

“Os lugares mais baratos acabam logo”, disse Enid.

“Aaron?”, gritou Caroline da cozinha. “Aaron! Onde é que você está? E o seu pai? E Caleb?”

“Aqui faz muito barulho para uma pessoa se concentrar”, disse Jonah.

“Mamãe, desculpe”, disse Gary, “eu vou para um lugar mais sossegado.”

“Está ficando *tarde*”, disse Enid, na sua voz de pânico de uma mulher para quem cada dia, cada hora que passa, significava a venda de mais lugares nos vôos de final de dezembro e assim a desintegração, partícula a partícula, de qualquer esperança de que Gary e Caroline fossem trazer os meninos a Saint Jude para um último Natal.

“Pai”, suplicou Aaron, seguindo Gary quando este subiu as escadas para o andar de cima, “o que eu digo para ela?”

“Diga para ligar para a Emergência, 911. Use o seu celular, chame uma ambulância.” Gary levantou a voz: “Caroline? Ligue para 911!”

Nove anos antes, após uma viagem ao Meio-Oeste entre cujos tormentos particulares tinha havido tempestades de gelo tanto na Filadélfia quanto em Saint Jude, um atraso de quatro horas na decolagem com um menino de cinco anos que chorava e um de dois que não parava de berrar, uma noite de vômitos incontidos de Caleb em reação (segundo Caroline) à gordura de bacon manteiga da comida de Enid para os feriados e de um tombo feio que Caroline levou na calçada de seus sogros coberta de gelo (seus problemas nas costas datavam de seus dias de jogadora de hóquei de grama na faculdade, mas ela dizia que aquela queda na calçada tinha “reativado” a contusão), Gary prometera à mulher que nunca mais a convidaria para ir passar o Natal em Saint Jude. Mas agora seus pais tinham vindo à Filadélfia oito anos seguidos e, embora ele não aprovasse

aquela obsessão da mãe com o Natal — que lhe parecia um sintoma de algum mal-estar mais amplo, de um vazio doloroso na vida de Enid —, não podia criticar seus pais por quererem ficar em casa aquele ano. Gary também calculava que Enid estaria mais disposta a deixar Saint Jude e mudar-se para o Leste se pudesse comemorar o seu “último Natal”. Basicamente, estava disposto a fazer a viagem, e esperava um *mínimo de cooperação* da mulher: uma disposição madura levando em conta as circunstâncias especiais.

Fechou-se em seu escritório e trancou a porta, para defender-se dos gritos e gemidos de sua família, das pisadas nas escadas, da pseudo-emergência. Pegou o telefone do escritório e desligou o telefone sem fio.

“É ridículo”, disse Enid numa voz derrotada. “Por que você não me liga mais tarde?”

“Ainda não decidimos o que vamos fazer em dezembro”, disse ele, “mas pode ser que a gente vá até Saint Jude. E neste caso, acho que vocês deveriam passar aqui depois do cruzeiro.”

Enid respirava com força. “Não vamos fazer duas viagens à Filadélfia no mesmo outono”, disse ela. “E eu quero ver os meninos no Natal, e assim, no que me diz respeito, isto significa que vocês virão a Saint Jude.”

“Não, mamãe”, disse ele. “Não, não, não. Ainda não resolvemos nada.”

“Eu *prometi* a Jonah...”

“Não é Jonah quem vai comprar as passagens. Não é Jonah quem manda aqui. Assim, você faz os seus planos, nós fazemos os nossos, e se tudo correr bem tudo dará certo.”

Gary ouviu, com uma estranha clareza, o rumor de insatisfação produzido pelas narinas de Enid. Estava ouvindo a arrebentação de sua respiração, e de repente entendeu.

“Caroline?”, disse ele. “Caroline? *Você está na linha?*”

A respiração parou.

“Caroline, *você está bisbilhotando? Você está na linha?*”

Ouviu um fraco clique eletrônico, um momento de estática.

“Mamãe, desculpe...”

Enid: “Mas o que foi?”.

Inacreditável! Puta-que-pariu, é inacreditável! Gary deixou o fone apoiado na mesa, destrancou a porta e desceu apressado pelo corredor passando por um quarto onde Aaron estava de pé diante do espelho com a testa franzida e a cabeça no Ângulo Favorável, pelas escadas principais onde Caleb se agarrava a seu catálogo como uma testemunha-de-jeová a seus panfletos, até o quarto do casal, onde Caroline estava deitada em posição fetal num tapete persa, ainda com as roupas enlameadas, com um pacote de gel congelado aplicado na base das costas.

“*Você está bisbilhotando os meus telefonemas?*”

Caroline sacudiu a cabeça sem energia, esperando talvez sugerir que estava inválida demais para ter alcançado o telefone ao lado da cama.

“Quer dizer que não? Está dizendo que não? Que não estava escutando?”

“Não, Gary”, respondeu ela com voz fraca.

“Eu ouvi o clique, ouvi a respiração...”

“Não.”

“Caroline, só temos três extensões, duas delas estavam comigo no escritório, e a terceira fica aqui. Não é verdade?”

“Eu não estava bisbilhotando. Só peguei o telefone...” Ela inspirou através dos dentes cerrados. “Para ver se a linha estava desocupada. Só isso.”

“E aí ficou escutando! Bisbilhotando! E nós combinamos tantas vezes que isto nunca ia acontecer!”

“Gary”, disse ela numa voz lamentavelmente fraca, “eu juro que não. Minhas costas estão me matando. Durante um tempo, eu não agüentei botar o fone de volta no gancho. E deixei no chão. Não estava bisbilhotando. Por favor não me trate mal.”

O fato de ter um rosto lindo, e de a agonia que ele mostrava poder ser confundida com êxtase — da visão de seu corpo dobrado e enlameado e corado e vencido e despenteado no tapete persa deixá-lo excitado; de alguma parte dele acreditar nas negativas dela e sentir por ela uma imensa ternura —, só aprofundava sua sensação de ter sido traído. Ele subiu de volta para o escritório furioso, e bateu a porta. “Mãe, alô, desculpe.”

Mas o telefone estava mudo. Agora ele precisaria ligar para Saint Jude às suas próprias custas. Através da janela que dava para o jardim de trás, avistava nuvens de chuva iluminadas pelo sol, da cor da concha de mexilhão, o vapor subindo de sua araucária do Chile.

Já que não estava pagando a ligação, a voz de Enid soava mais alegre. Perguntou a Gary se ele já tinha ouvido falar de uma companhia chamada Axon. “Fica em Schwenksville, na Pensilvânia”, disse ela. “Querem comprar a patente de seu pai. Espere aí, vou ler a carta. Está me deixando um pouco nervosa.”

No CenTrust Bank, onde Gary dirigia o Departamento de Ações, ele tinha se especializado havia bastante tempo em títulos das grandes empresas, e não tinha o menor interesse pela arraia-miúda. O nome Axon não lhe era familiar. Mas enquanto ouvia a mãe ler a carta do sr. Joseph K. Prager, do escritório Bragg, Knuter & Speigh, percebeu qual era o jogo daquelas pessoas. Estava claro que o advogado, ao redigir aquela carta e enviá-la para um velho num endereço do Meio-Oeste, oferecera a Alfred apenas uma pequena percentagem do valor real da patente. Gary sabia como aqueles espertalhões operavam. Na posição da Axon, ele teria feito a mesma coisa.

“Acho que devíamos pedir dez mil, em vez de cinco”, disse Enid.

“A patente expira quando?”, perguntou Gary.

“Daqui a uns seis anos.”

“Eles devem estar esperando ganhar muito dinheiro. Se não, simplesmente desrespeitavam a patente.”

“A carta diz que é uma coisa experimental, ainda incerta.”

“Exatamente, mamãe. É exatamente o que eles querem que você pense. Mas se fosse tão experimental assim, por que eles estariam se incomodando com isso? Por que não esperariam simplesmente os seis anos?”

“Ah, estou entendendo.”

“Ainda bem que você me contou essa história, mamãe. Agora, vocês precisam escrever de volta para esses caras e pedir um adiantamento de duzentos mil dólares de vista pelo licenciamento.”

Enid arquejou de espanto, como sempre fazia nas viagens de carro da família, toda vez que Alfred arriscava-se a enfrentar o tráfego do sentido oposto para ultrapassar um caminhão. “*Duzentos mil!* Meu Deus, Gary...”

“E mais royalties de um por cento sobre a renda bruta do processo. E podem dizer a eles que estamos totalmente preparados a defender essas reivindicações legítimas nos tribunais.”

“Mas e se eles disserem que não?”

“Pode acreditar que eles não estão com a menor vontade de brigar. A esta altura, ser agressivo só pode dar bons resultados.”

“Bom, mas a patente é do seu pai, e você sabe como ele pensa.”

“Chame papai no telefone”, disse Gary.

Seus pais costumavam recuar diante de qualquer tipo de autoridade. Sempre que Gary sentia vontade de reassegurar-se que escapara do destino deles, sempre que sentia a necessidade de medir a distância que o separava de Saint Jude, levava em conta seu destemor em face da autoridade — inclusive a autoridade de seu pai.

“Alô”, disse Alfred.

“Papai”, disse ele. “Acho que você devia tomar a iniciativa com esses caras. Eles estão numa posição fraca e você podia ganhar um bom dinheiro.”

Em Saint Jude, o velho não disse nada.

“Não vai me dizer que está pensando em aceitar a proposta deles”, disse Gary. “Porque é uma péssima idéia. Papai. Você não devia nem levar isso em conta.”

“Já tomei a minha decisão”, disse Alfred. “O que eu faço não é da sua conta.”

“Mas é sim. Eu tenho um interesse legítimo nessa história.”

“Gary, não.”

“Um interesse legítimo”, insistiu Gary. Se Enid e Alfred ficassem sem dinheiro um dia, caberia a ele e a Caroline — e não à sua irmã subcapitalizada, e

nem a seu irmão sem nada — pagar pelo sustento dos dois. Mas ele tinha autocontrole suficiente para não dizê-lo a Alfred com todas as letras. “Você pode pelo menos me dizer o que vai fazer? Você me faz essa gentileza?”

“Você podia me fazer a gentileza de não perguntar”, disse Alfred. “Mas já que está perguntando, eu vou dizer. Vou aceitar o que eles ofereceram e dar metade do dinheiro para a Orfic Midland.”

O universo era mecanicista: o pai falou, o filho reagiu.

“Mas papai”, disse Gary na voz baixa e pausada que reservava para as situações em que sentia muita raiva e muita certeza de ter razão. “Você não pode fazer uma coisa dessas.”

“Posso e vou fazer”, disse Alfred.

“Não, papai, você tem de me escutar. Não existe nenhuma razão legal e nem moral para você dividir o dinheiro com a Orfic Midland.”

“Eu estava usando materiais e equipamentos da empresa”, disse Alfred. “Estava entendido que eu dividiria qualquer dinheiro que a patente produzisse. E foi Mark Jamborets quem me pôs em contato com o advogado de patentes. E eu acho que ele me cobrou um preço de cortesia.”

“Mas isso foi quinze anos atrás! A empresa nem *existe* mais. As pessoas com quem você tinha esse acordo *morreram*.”

“Nem todas. Mark Jamborets está vivo.”

“Papai, são belos sentimentos. Eu compreendo o que você acha, mas...”

“Duvido muito que entenda.”

“A ferrovia foi tomada e estripada pelos irmãos Wroth.”

“Não quero discutir mais.”

“É um absurdo! É um absurdo!”, disse Gary. “Você está sendo leal a uma empresa que ferrou com você e com a cidade de Saint Jude de todas as maneiras possíveis. E inclusive está ferrando você de novo, *agora mesmo*, com o seguro-saúde.”

“A minha opinião é diferente da sua.”

“E estou dizendo que você está sendo irresponsável. Está sendo egoísta. Se você quer ficar comendo manteiga de amendoim e catando tostões, problema seu, mas não é justo com mamãe e não é justo...”

“Não dou a mínima para o que você e sua mãe pensam.”

“Não é justo comigo! Quem vai pagar as suas contas se você tiver problemas? Quem é que garante a sua retaguarda?”

“Eu enfrento o que tiver de enfrentar”, disse Alfred. “E pode deixar que eu vou comer manteiga de amendoim se for preciso. Eu gosto de manteiga de amendoim. É nutritiva.”

“E se mamãe também tiver de comer, ela vai comer também. É isso? Pode comer ração de cachorro, se precisar! Quem liga para o que *ela* quer?”

“Gary, eu sei qual é a coisa certa a fazer. Você não precisa entender — eu

também não entendo as decisões que você toma —, mas eu sei o que é justo. Então vamos ficar por aqui.”

“Quer dizer, você pode dar os dois mil e quinhentos dólares para a Orfic Midland se acha absolutamente necessário”, disse Gary. “Mas a patente vale...”

“Vamos ficar por aqui, eu já disse. Sua mãe quer falar de novo com você.”

“Gary”, exclamou Enid, “a Sinfônica de Saint Jude vai apresentar o *Quebra-Nozes* em dezembro! É um espetáculo tão lindo, com o balé local, e as entradas vendem tão depressa, me diga, você acha que eu devia comprar nove ingressos para a véspera de Natal? Tem uma matinê às duas da tarde, ou podemos ir na noite do dia 23, se você achar melhor. Você é quem sabe.”

“Mamãe, preste atenção. Não deixe papai aceitar essa oferta. Não deixe ele fazer nada antes de eu ver a carta. Eu quero que você tire uma cópia e me mande pelo correio amanhã.”

“Pode deixar, mas para mim o mais importante agora é o *Quebra-Nozes*, conseguir nove lugares juntos, porque as entradas acabam *muito depressa*, Gary, que você nem acredita.”

Quando finalmente desligou o telefone, Gary esfregou os olhos com as mãos e viu, gravadas em cores falsas na escuridão de sua tela cinematográfica mental, duas imagens de golfe: Enid tentando melhorar a posição de sua bola no *rough* (o nome daquilo era *trapaça*) e Alfred fazendo graça com o quanto jogava mal.

O velho tinha feito outra manobra autodepreciativa daquele tipo catorze anos atrás, depois que os irmãos Wroth compraram a Midland Pacific. Alfred estava a poucos meses de seu sexagésimo quinto aniversário quando Fenton Creel, o novo presidente da empresa, levou-o para almoçar no Morelli's em Saint Jude. O nível mais alto dos executivos da Midpac tinha sido expurgado pelos Wroth por ter resistido à fusão, mas Alfred, na qualidade de engenheiro-chefe, não fazia parte daquela guarda palaciana. No caos do fechamento do escritório de Saint Jude e da mudança da sede para Little Rock, os Wroth precisavam de alguém para fazer a ferrovia continuar funcionando enquanto a nova equipe, chefiada por Creel, aprendia o caminho das pedras. Creel ofereceu a Alfred um aumento de cinquenta por cento e uma bela quantidade de ações da Orfic se ele continuasse na empresa por mais dois anos, supervisionando a mudança para Little Rock e mantendo-a em operação.

Alfred detestava os irmãos Wroth, e estava inclinado a dizer não, mas naquela noite, em casa, Enid lançou-se ao trabalho. Lembrou que só as ações da Orfic valiam setenta e oito mil dólares, que sua aposentadoria iria basear-se no salário dos últimos três anos de trabalho, e que aquilo era uma oportunidade de aumentar sua renda de aposentado em cinquenta por cento.

Esses argumentos irresistíveis deram a impressão de demover Alfred, mas três noites mais tarde ele chegou em casa e anunciou a Enid que tinha entregue sua carta de demissão naquela tarde, e que Creel aceitara. Naquele momento,

Alfred estava a sete semanas de completar um ano com seu último e maior salário; não fazia o menor sentido pedir demissão. Mas ele não deu qualquer explicação, nem na época e nem depois, para Enid ou qualquer outra pessoa, por aquela súbita reviravolta. Disse simplesmente: *tomei minha decisão*.

Na mesa de Natal aquele ano em Saint Jude, momentos depois de Enid ter contrabandeado para o prato do pequenino Aaron um bocado de recheio de ganso à base de avelã e de Caroline ter tirado o recheio do prato, se encaminhando até a cozinha e jogado a comida no lixo como se fosse um pedaço de cocô de ganso, dizendo, “Gordura pura — que nojo”, Gary perdeu a cabeça e gritou: *Mas você não podia ter esperado mais sete semanas? Não podia esperar até completar sessenta e cinco anos?*

Gary, trabalhei muito a vida toda. Minha aposentadoria é problema meu, e não seu.

E aquele homem, tão decidido a aposentar-se que não podia esperar aquelas sete últimas semanas, o que tinha feito com a sua aposentadoria? Ficou sentado em sua poltrona azul.

Gary não sabia nada sobre a Axon, mas a Orfic Midland era o tipo de conglomerado de cujos interesses e de cuja estrutura administrativa ele era pago para manter-se a par. E sabia que os irmãos Wroth tinham vendido o controle da empresa para compensar as perdas num empreendimento de mineração de ouro no Canadá. A Orfic Midland tinha entrado para o plantel das megaempresas indistintas e amenas cujas sedes salpicavam as regiões semi-rurais americanas; seus executivos tinham sido substituídos como as células de um organismo vivo ou como as letras num jogo de substituição em que MERDA se transformara em PERDA depois em PARDA, PRATA e PRATO, de tal maneira que, na ocasião em que Gary aprovara a compra em bloco da **OrficM** para a carteira do CenTrust, não havia qualquer vestígio de culpa humana na companhia que fechara o terceiro maior empregador de Saint Jude e eliminara o serviço de transporte ferroviário da maior parte da área rural de Kansas. Agora, a Orfic Midland já não tinha mais nada a ver com o ramo dos transportes. O que restara das linhas-tronco da MidPac tinha sido vendido, para permitir que a empresa se concentrasse na construção e administração de prisões, na venda de café especial e nos serviços financeiros; um novo sistema de cabo de fibra óptica de 144 canais estava hoje enterrado no antigo leito da ferrovia.

Era a esta companhia que Alfred se mantinha leal?

Quanto mais Gary pensava naquilo, mais lhe dava raiva. Ficou sentado só em seu gabinete, incapaz de controlar sua agitação crescente ou desacelerar a velocidade de locomotiva que sua respiração tinha assumido. Estava cego ao lindo pôr-do-sol cor de abóbora que se desenrolava em meio às tulipeiras do outro lado dos trilhos do trem suburbano. Não via nada além dos princípios em jogo.

Podia ter ficado ali sentado numa obsessão infinita, passando em revista as provas contra seu pai, não tivesse ouvido um farfalhar do lado de fora da porta. Levantou-se imediatamente e abriu a porta.

Caleb estava sentado no chão com as pernas cruzadas, estudando seu catálogo. “Podemos conversar agora?”

“Você estava aí sentado escutando a minha conversa?”

“Não”, disse Caleb. “Você disse que gente ia conversar quando acabasse de falar no telefone. Eu queria perguntar uma coisa. Estava pensando: qual é a parte da casa que eu podia vigiar?”

Mesmo de cabeça para baixo, Gary conseguia ver que os preços dos equipamentos no catálogo de Caleb — artigos com acabamento de alumínio escovado e telas de cristal líquido colorido — custavam centenas ou milhares de dólares.

“É o meu novo *hobby*”, disse Caleb. “Eu queria botar uma das partes da casa sob vigilância. Mamãe me disse que eu posso preparar a cozinha, se você deixar.”

“O seu hobby vai ser pôr a cozinha sob vigilância?”

“É!”

Gary sacudiu a cabeça. Tivera muitos hobbies quando rapaz, e por muito tempo achava doloroso que seus meninos não tivessem nenhum. Finalmente, Caleb percebera que, se usasse a palavra “hobby”, Gary daria carta branca para gastos que, de outro modo, proibiria Caroline de fazer. Assim, o hobby de Caleb tinha sido a fotografia até Caroline comprar para ele uma máquina autofocus, uma câmera reflex de lente única com uma zoom melhor que a da lente de Gary, e uma máquina digital do tipo que basta apontar e disparar. E seu hobby tinha sido computadores até Caroline comprar-lhe um palmtop e um notebook. Mas agora Caleb estava com quase doze anos, e Gary já estava naquele jogo havia muito tempo. Estava de guarda alta no que dizia respeito a hobbies. Extraíra de Caroline a promessa de não comprar mais equipamentos de qualquer tipo para Caleb sem consultá-lo antes.

“Vigilância não é um hobby”, disse ele.

“Papai, é sim! Foi a mamãe mesmo que sugeriu. Disse que eu podia começar pela cozinha.”

Gary teve a impressão de captar outro Sinal de Advertência da depressão ao pensar: *O armário de bebidas fica na cozinha.*

“Primeiro eu vou conversar com a sua mãe sobre isso, está bom?”

“Mas a loja só fica aberta até as seis”, disse Caleb.

“Você pode esperar mais uns dias. Não vai me dizer que não pode?”

“Mas eu já esperei a tarde toda. Você disse que ia conversar comigo, e agora já está quase de noite.”

E já estando quase de noite, Gary tinha pleno direito de beber. O armário das

bebidas ficava na cozinha. E ele deu um passo naquela direção. “Qual é exatamente o equipamento de que estamos falando?”

“Só uma câmera, microfones e os servocontroles.” Caleb atirou o catálogo para Gary. “Na verdade, eu nem preciso do tipo mais caro. Este aqui custa só seiscentos e cinquenta. Mamãe disse que tudo bem.”

Inúmeras vezes, Gary tinha a sensação de que havia alguma coisa desagradável que sua família se esforçava para esquecer, alguma coisa que ele insistia em se lembrar; alguma coisa que só precisava de um sinal dele, de uma aprovação sua, para ser esquecida. Esta sensação também era um Sinal de Advertência.

“Caleb”, disse ele, “isso está me parecendo uma coisa que logo você vai estar achando muito chata. Está me parecendo caro, e que você não vai ficar interessado por muito tempo.”

“Não! Não!”, disse Caleb, angustiado. “Estou interessado *demais*. Papai, é um hobby.”

“Mas você já ficou enjoado bem depressa com outras coisas que a gente comprou pra você. E na época você também disse que estava interessado *demais*.”

“É diferente”, argumentou Caleb. “Desta vez eu estou interessado mesmo, de verdade.”

Ficou claro que o garoto estava preparado para investir qualquer montante de moeda verbal sem valor na aquisição da anuência do pai.

“Mas você está entendendo o que eu quero dizer?”, perguntou Gary. “Está vendo que é um padrão? Que antes de você comprar as coisas elas parecem de um jeito, e ficam diferentes depois? Os sentimentos mudam depois que a gente compra as coisas. Você está entendendo?”

Caleb abriu a boca, mas antes que conseguisse emitir uma nova súplica ou queixa, um lampejo iluminou-lhe o rosto.

“Acho que sim”, disse ele com aparente humildade. “Acho que estou.”

“E você acha que vai acontecer com este novo equipamento?”, disse Gary.

Caleb deu toda a impressão de refletir seriamente sobre a pergunta. “Acho que desta vez é diferente”, declarou afinal.

“Então está bom”, disse Gary. “Mas eu quero que você não se esqueça desta conversa entre nós dois. Não quero ver isto se transformar em mais um brinquedo caro que você compra para brincar uma semana ou duas e depois o abandona. Daqui a pouco você já vai virar um adolescente, e eu queria começar a ver uma atenção mais concentrada...”

“Gary, que injustiça!”, disse Caroline em tom acalorado. Entrou claudicando pela porta do quarto, um dos ombros caído e a mão nas costas, aplicando pressão ao saco de gel que lhe dava algum alívio.

“Olá, Caroline. Não vi que você estava escutando.”

“Caleb não abandona nada.”

“Isso mesmo, não abandono”, disse Caleb.

“O que você não compreende”, disse Caroline a Gary, “é que todas as outras coisas também vão ser usadas neste novo hobby. Por isso é que é brilhante. Ele encontrou um modo de usar todo o equipamento ao mesmo tempo num só...”

“Ótimo, fico satisfeito de saber.”

“Ele teve uma idéia criativa, e você faz o garoto se sentir *culpado*.”

Certa vez, numa ocasião em que Gary se perguntara em voz alta se dar tantos aparelhos a Caleb não poderia sufocar sua imaginação, Caroline quase o tinha processado por calúnia contra o próprio filho. Entre os livros que ela mais apreciava sobre a educação dos filhos estava *A imaginação tecnológica: o que as crianças de hoje têm para ensinar aos pais*, em que Nancy Claymore, Ph.D., comparando o “paradigma ultrapassado” da Criança Bem-Dotada como Gênio Socialmente Isolado com o “paradigma atualizado” da Criança Bem-Dotada como Consumidor Criativamente Conectado, afirmava que os brinquedos eletrônicos logo se tornariam tão baratos e difundidos que a imaginação das crianças não se exerceria mais em desenhos a lápis de cera e em histórias inventadas, mas na síntese e na exploração das tecnologias existentes — uma idéia que Gary achava persuasiva, mas também muito deprimente. Quando ele era um garoto, não muito mais novo do que Caleb, seu hobby era a construção de modelos e maquetes com pauzinhos de picolé.

“Quer dizer que vamos até a loja?”, perguntou Caleb.

“Não, Caleb, hoje não, já são quase seis horas”, disse Caroline.

Caleb bateu o pé. “É sempre assim! Eu fico esperando horas, e aí fica tarde demais!”

“Vamos alugar um filme”, disse Caroline. “A gente pega qualquer filme que você quiser.”

“Não quero ver filme nenhum. Eu quero começar a ‘vigilância’.”

“Não vai adiantar”, disse Gary. “Melhor ir se conformando.”

Caleb foi para o seu quarto e bateu a porta com força. Gary foi atrás e escancarou a porta. “Já chega”, disse ele. “Ninguém bate a porta assim nesta casa.”

“Você bate as portas!”

“Não quero ouvir mais nem uma palavra dita por você.”

“Você bate as portas!”

“Quer passar a semana inteira fechado no seu quarto?”

Caleb respondeu fazendo-se de vesgo e escondendo os lábios: nem mais uma palavra.

Gary deixou o olhar correr pelos cantos do quarto do garoto que normalmente tomava o cuidado de não examinar. Abandonado em montes, como produtos de roubo no apartamento de um assaltante, havia equipamentos

novos de fotografia, informática e vídeo com um preço total no varejo provavelmente superior ao salário anual da secretária de Gary no CenTrust. Tamanha orgia de luxo no covil de um menino de onze anos! Várias substâncias químicas que certas comportas moleculares vinham contendo por toda a tarde libertaram-se e inundaram os trajetos neuronais de Gary. Uma cascata de reações desencadeada pelo Fator 6 relaxou suas válvulas lacrimais e enviou uma onda de náusea por seu nervo vago abaixo: a “sensação” de que sobrevivia dia a dia distraindo-se de verdades subterrâneas que tornavam-se cada dia mais compulsórias e decisivas. A verdade de que ia morrer. De que forrar sua tumba de tesouros não iria salvá-lo.

A luz na janela vinha caindo rapidamente.

“Você vai mesmo usar todo este equipamento?”, disse ele com um aperto no peito.

Caleb, com os lábios ainda voltados para dentro, encolheu os ombros.

“Ninguém deve bater as portas”, disse Gary. “Inclusive eu. Está certo?”

“Está, papai. Como quiser.”

Emergindo do quarto de Caleb para o corredor tomado pelas sombras, Gary quase colidiu com Caroline, que andava apressada na ponta dos pés, só de meias, de volta em direção ao quarto do casal.

“De novo? De novo? Eu peço para você não bisbilhotar, e o que você faz?”

“Eu não estava bisbilhotando. Eu só preciso me deitar.” E ela apertou o passo, mancando, e entrou no quarto.

“Você pode correr, mas não vai escapar de mim”, disse Gary, seguindo-a.

“Eu quero saber por que você está me espionando.”

“É a sua paranóia, não estou espionando nada.”

“Minha paranóia?”

Caroline desabou na cama *king size* de madeira de carvalho. Depois que ela e Gary se casaram, ela tinha feito cinco anos de terapia duas vezes por semana, que o terapeuta, na sessão final, definira como “um sucesso incondicional”, o que lhe dera uma vantagem para toda a vida sobre Gary na concorrência pela saúde mental.

“Você acha que todo mundo, *menos você*, tem problemas”, disse ela. “E é o que a sua mãe também acha. Sem nem mesmo...”

“Caroline. Me responda só uma pergunta. Me olhe nos olhos e responda. Hoje à tarde, quando você...”

“Meu Deus, Gary, não vai começar com essa história de novo. Você sabe o que está dizendo?”

“Quando você estava correndo na chuva, até ficar ensopada, tentando acompanhar o ritmo de um menino de catorze e outro de onze anos...”

“Você está obcecado! Obcecado com essa história!”

“Correndo, escorregando e chutando na lama...”

“Você conversa com os seus pais e depois vem descontentar a raiva em cima de mim.”

“*Você não estava mancando antes de entrar em casa?*” Gary sacudiu o dedo na cara da mulher. “Olhe nos meus olhos, Caroline, bem nos olhos. Diga! Fale! Olhe nos meus olhos e me diga que *já não estava mancando.*”

Caroline balançava o corpo de dor. “Você fica falando no telefone com eles quase uma hora...”

“Você não consegue!” Exultou Gary em amargo triunfo. “Está mentindo para mim mas não admite que está mentindo!”

“*Papai! Papai!*” Veio um grito do lado de fora da porta. Gary virou-se e viu Aaron sacudindo a cabeça descontroladamente, fora de si, o lindo rosto contorcido e pegajoso de lágrimas. “Pare de gritar com ela!”

O neurofator do remorso (Fator 26) alagou os pontos do cérebro de Gary especialmente projetados pela evolução para reagir a ele.

“Está bem, Aaron”, disse ele.

Aaron virou-se de costas, afastou-se e começou a marchar no mesmo lugar, dando passos largos para lugar nenhum, como se tentasse forçar as lágrimas vexatórias para fora dos olhos e para dentro do corpo, fazendo-as descer pelas pernas e pisoteando cada uma. “Meu Deus, por favor, papai, não... grite... com... ela.”

“Está certo, Aaron”, disse Gary. “Acabou a gritaria.”

Estendeu a mão para tocar no ombro do filho, mas Aaron fugiu às pressas pelo corredor. Gary deixou Caroline e seguiu o menino, sua sensação de isolamento reforçada por aquela demonstração de que sua mulher tinha aliados fortes na casa. Os filhos dela a protegeriam contra o marido. Um marido dado a gritos. Como o pai dele também tinha sido. Como o pai tinha sido antes de ser tomado pela depressão. Mas que, no auge do vigor, em seu gosto pelos gritos, enchia o jovem Gary de tanto medo que nunca lhe ocorrera interceder em defesa da mãe.

Aaron estava deitado de bruços na cama. No momento posterior ao vendaval de roupa suja e revistas que se espalhara pelo chão do quarto, os dois núcleos de ordem que tinham restado eram seu trompete Bundy (com a surdina e uma estante de música) e sua enorme coleção de CDs em ordem alfabética, entre eles caixas com as obras completas de Dizzy e Satchmo e Miles Davis, e ainda grandes quantidades de Chet Baker, Wynton Marsalis, Chuck Mangione, Herb Alpert e Al Hirt, todos presenteados por Gary a fim de estimular seu interesse pela música.

Gary equilibrou-se na beira da cama. “Desculpe ter deixado você nervoso”, disse ele. “Você sabe que eu às vezes viro um velho desgraçado e perseguidor. E que às vezes a sua mãe tem dificuldade de admitir que está errada. Especialmente quando...”

“As costas. Dela. Estão. Doendo”, veio a voz de Aaron, abafada por um edredom Ralph Lauren. “*Ela não está mentindo.*”

“Eu sei que as costas dela estão doendo, Aaron. Eu gosto muito da sua mãe.”

“Então não grite com ela.”

“Está bem. Acabou a gritaria. Vamos jantar.” Gary deu uma leve cutelada no ombro de Aaron. “O que você acha?”

Aaron não se mexeu. Novas palavras estimulantes pareciam necessárias, mas nenhuma ocorreu a Gary. Ele estava experimentando uma escassez crítica dos Fatores 1 e 3. Tivera a sensação, pouco antes, de que Caroline esteve a ponto de acusá-lo de estar “deprimido”, e temia que, caso a idéia de que ele estava deprimido ganhasse corpo, ele perdesse o direito às suas opiniões. Suas certezas morais seriam confiscadas; cada palavra que ele dissesse seria um sintoma de doença; nunca mais ganharia uma discussão.

Portanto, era muito importante resistir à depressão — combatê-la com a verdade.

“Escute”, disse ele. “Você estava lá fora com a sua mãe, jogando futebol. Então me diga se eu estou certo. Ela já não estava mancando antes de entrar em casa?”

Por um momento, quando Aaron ergueu-se na cama, Gary acreditou que a verdade iria prevalecer. Mas o rosto que Aaron lhe mostrou parecia uma passa alvirrubra de repulsa e descrédito.

“Você é uma pessoa horrível!”, disse ele. “*Horrível!*” E saiu correndo do quarto.

Normalmente, Gary não deixaria Aaron dizer tal coisa. Normalmente, ele teria travado uma batalha com o filho por toda a noite, se necessário, para extrair do menino um pedido de desculpas. Mas seus mercados mentais — glicêmico, endócrino, sináptico — estavam entrando em colapso. Sentia-se repugnante, e travar uma batalha com Aaron a essa altura só o deixaria mais repugnante ainda, e a sensação de ser repugnante era talvez o principal dos Sinais de Advertência.

Percebeu que tinha cometido dois erros fundamentais no passado. Jamais deveria ter prometido a Caroline que nunca mais passariam o Natal em Saint Jude. E hoje, no momento em que ela estava mancando e fazendo caretas de dor no quintal dos fundos, devia ter tirado pelo menos uma foto. Lamentou as vantagens morais que aqueles erros lhe tinham custado.

“Não estou clinicamente deprimido”, disse ele a seu reflexo na janela quase escura do quarto. Com um esforço imenso, que sobrecarregou sua medula, levantou-se da cama de Aaron e saiu com passos decididos, disposto a provar que ainda seria capaz de ter uma noite normal.

Jonah estava subindo as escadas com *O Príncipe Cáspio*. “Terminei o livro”, disse ele.

“E gostou?”

“Adorei”, disse Jonah. “Literatura infantil da melhor. Aslan criou uma porta no ar, as pessoas passavam por ela e desapareciam. Deixaram Nárnia e entraram no mundo real.”

Gary acocorou-se. “Me dê um abraço.”

Jonah envolveu-o com os braços. Gary sentiu a flexibilidade de suas juntas de jovem, a maleabilidade de filhote, o calor que se irradiava de seu couro cabeludo e de suas faces. Ele seria capaz de cortar o próprio pescoço se aquele menino precisasse de sangue; seu amor era imenso a esse ponto; no entanto, perguntou-se se era apenas amor que queria naquele momento, ou se não estaria ele também construindo uma coalizão. Conquistando um aliado tático para o seu lado.

O que esta economia ameaçada de estagnação precisa, pensou Gary R. Lambert, presidente do conselho de administração do Federal Reserve, *é de uma infusão substancial de gim Bombay Sapphire.*

Na cozinha, Caroline e Caleb estavam sentados à mesa com péssima postura, tomando coca-cola e comendo batatas chips. Caroline estava com os pés apoiados em outra cadeira, e tinha travesseiros debaixo dos joelhos.

“O que vamos fazer para o jantar?”, disse Gary.

Sua mulher e seu filho do meio trocaram olhares como se aquele fosse o tipo da pergunta imbecil pelas quais Gary era famoso. A partir da densidade de migalhas de batatas chipspalhadas, ele percebeu que estavam a bem mais de meio caminho de estragar o apetite.

“Pode ser um churrasco misto”, disse Caroline.

“Ah, é, papai, faça um churrasco!”, disse Caleb num tom que podia ser tomado tanto como ironia quanto como entusiasmo.

Gary perguntou se havia carne em casa.

Caroline enfiou um monte de batatas chips na boca e encolheu os ombros.

Jonah pediu permissão para acender o fogo.

Gary, tirando gelo do congelador, permitiu licença.

Uma noite normal. Uma noite normal.

“Se eu colocar a câmera bem em cima da mesa”, disse Caleb, “vai dar para pegar também uma parte da sala de jantar.”

“Mas não vai pegar a copa”, disse Caroline. “Se ficar em cima da porta de trás, pega dos dois lados.”

Gary protegeu-se com a porta do armário de bebidas enquanto vertia 120 mililitros de gim sobre pedras de gelo.

“Alt. oitenta e cinco?”, leu Caleb em seu catálogo.

“Quer dizer que a câmera é capaz de focalizar quase diretamente para baixo.”

Sempre encoberto pela porta do armário, Gary tomou um gole volumoso e meio morno da bebida. Depois, fechando a porta, levantou o copo para o caso de alguém querer ver a dose relativamente modesta que tinha servido.

“Não queria ser estraga-prazeres”, disse ele, “mas vigilância está fora de questão. Não é um hobby apropriado.”

“Papai, você disse que tudo bem se eu me interessasse.”

“Eu disse que ia pensar.”

Caleb sacudiu a cabeça com veemência. “Não! Não foi! Você disse que eu podia fazer, se eu não ficasse cansado da idéia.”

“Foi exatamente o que você disse”, confirmou Caroline com um sorriso desagradável.

“Sei, Caroline, tenho certeza de que você ouviu cada palavra. Mas nós não vamos instalar equipamentos de vigilância nesta cozinha. Caleb, você não tem a minha autorização para fazer essas compras.”

“Papai!”

“É a minha decisão final.”

“Mas Caleb, não tem importância”, disse Caroline. “Gary, não importa, porque ele tem o dinheiro dele. E pode gastar como quiser. Não é, Caleb?”

Fora das vistas de Gary, abaixo do nível da mesa, ela fez algum gesto com a mão para Caleb.

“É isso, eu tenho as minhas economias!”, o tom de Caleb novamente irônico ou entusiasmado ou, de algum modo, as duas coisas.

“Eu e você vamos conversar sobre isso mais tarde, Carol”, disse Gary. O calor, a perversão e a estupidez, todos derivados do gim, estavam descendo, passando pela parte de trás de suas orelhas e espalhando-se por seus braços e seu tronco.

Jonah voltou para dentro, cheirando a carvão.

Caroline abriu um segundo saco enorme de batatas chips.

“Não estraguem o apetite”, disse Gary com voz tensa, tirando comida de potes plásticos.

Novamente, mãe e filho trocaram olhares.

“É, isso mesmo”, disse Caleb. “Precisa deixar espaço para o churrasco.”

Gary, animadamente, cortou carnes e lavou legumes. Jonah pôs a mesa, distribuindo os talheres com a precisão de que tanto gostava. A chuva tinha parado, mas o deck ainda estava escorregadio quando Gary foi para fora.

Tinha começado como piada familiar: papai sempre pede o churrasco misto nos restaurantes, papai só gosta de ir a restaurantes que servem churrasco misto. De fato, para Gary, havia algo de infinitamente delicioso, irresistivelmente *lucroso*, num pedaço de carne de carneiro, um pedaço de carne de porco, um pouco de vitela, e uma ou duas linguiças magras e finas ao estilo moderno — em suma, a versão americana clássica do churrasco misto, o *mixed grill*. Gostava tanto que começou a preparar churrascos mistos em casa. Juntamente com pizza e comida chinesa entregues em casa, e macarronadas de uma panela só, o churrasco misto transformou-se no prato básico da família. Caroline ajudava

trazendo para casa múltiplas sacolas pesadas e úmidas de sangue com carnes e linguiças todo sábado, e em pouco tempo Gary estava preparando churrasco misto duas e até três vezes por semana, enfrentando qualquer tempo no deck, menos os dias mais frios e chuvosos, e adorando. Assava peito de faisão, fígado de galinha, filé-mignon, e linguiça de peru com tempero mexicano. Assava abobrinhas e pimentões vermelhos. Assava berinjelas, pimentões amarelos, costeletinhas de cordeiro, linguiças italianas. Inventou uma excelente combinação de chouriço com costeletas, contrafilé e repolho chinês. Ele adorava aquilo, adorava, adorava, mas de repente parou de adorar.

O termo clínico, ANEDONIA, tinha-se apresentado a ele num dos livros de cabeceira de Caroline chamado *Sentindo-se BEM!* (dra. Ashley Tralpis, Ph.D.). Lera a definição de ANEDONIA no dicionário com um frêmito de reconhecimento, uma espécie de concordância maligna: “condição psicológica caracterizada pela incapacidade de sentir prazer em situações normalmente agradáveis”. A ANEDONIA era mais que um Sinal de Advertência, era um sintoma, líquido e certo. Um apodrecimento que se transmitia de prazer a prazer, um fungo que decompunha o encanto com o luxo, a alegria com o ócio que por tantos anos haviam alimentado a resistência de Gary à estreiteza mental de seus pais.

Em março passado, em Saint Jude, Enid tinha observado que, para um vice-presidente de banco casado com uma mulher que só trabalhava meio expediente, cujo salário ia para o Fundo de Defesa das Crianças, Gary cozinhava *demais*. Gary tinha feito sua mãe calar-se com facilidade; ela era casada com um homem que nem um ovo quente sabia fazer, e era evidente que estava com ciúme. Mas no aniversário de Gary, depois de desembarcar do avião que o trouxera de Saint Jude com Jonah e receber a caríssima surpresa de um laboratório fotográfico, depois de ter conseguido reunir forças para exclamar *Um laboratório, que maravilha, adorei, adorei*, Caroline lhe entregara uma bandeja com camarões crus e postas brutais de peixe-espada para grelhar, e ele se perguntara se a mãe dele não teria afinal razão. No deck, exposto ao calor intenso, enquanto tostava os camarões e crestava as postas de peixe-espada, viu-se tomado pelo cansaço. Os aspectos de sua vida que não tinham relação com o ato de assar comida pareciam-lhe agora meros pontos de estranheza entre os momentos pesadamente recorrentes em que acendia o carvão e ficava andando de um lado para o outro pelo deck, evitando a fumaça. Fechando os olhos, viu tiras retorcidas de carnes que escureciam sobre uma grelha cromada e brasas infernais. Os condenados à danação eterna, a grelhar e grelhar eternamente. Os tormentos crestados da repetição compulsiva. Nas paredes internas da churrasqueira, um espesso tapete de negras gorduras fenólicas se acumulava. A terra por trás da garagem, onde ele despejava as cinzas, parecia uma paisagem lunar, ou o pátio de uma fábrica de cimento. Estava muito, muito farto de comer

churrasco misto, e na manhã seguinte dissera a Caroline: “Eu ando cozinhando demais”.

“Então cozinhe menos”, disse ela. “Podemos comer fora.”

“Quero comer em casa, mas queria cozinhar menos.”

“Então pode pedir comida pronta”, disse ela.

“Não é a mesma coisa.”

“Você é o único que faz questão desses jantares sentados. Os meninos não estão nem aí.”

“Mas eu quero. É importante para mim.”

“Certo, mas, Gary: não é importante para mim, não é importante para os meninos, e você quer que eu e eles cozinheemos para você?”

Ele não podia culpar Caroline totalmente. No tempo em que ela trabalhava em tempo integral, nunca tinha se queixado de comida congelada, de comida entregue em casa ou de refeições semiprontas. É possível que Caroline tivesse a impressão de que ele estava querendo mudar as regras depois que o jogo já tinha começado. Mas Gary achava que a natureza da própria vida em família estava mudando — de que o fato de estarem todos juntos, o amor filial, a fraternidade, não eram mais tão valorizados como quando ele era jovem.

E assim, lá estava ele, assando. Pela janela da cozinha, podia ver Caroline disputando queda-de-braço com Jonah. Pegando os fones de ouvido de Aaron para ouvir música, acompanhando o ritmo com a cabeça. Sem dúvida, aquilo tinha a *aparência* de vida em família. Haveria alguma outra coisa errada ali, além da depressão clínica do homem que olhava pela janela?

Caroline parecia ter esquecido de sua forte dor nas costas, mas tornou a lembrar-se assim que ele entrou na cozinha com a bandeja fervilhante e fumegante de proteína animal vulcanizada. Sentada de lado à mesa, cutucou a comida com a ponta do garfo e gemeu baixinho. Caleb e Aaron a olhavam com grave preocupação.

“Será que ninguém mais quer saber como termina *O Príncipe Cáspio*?”, perguntou Jonah. “Ninguém tem a menor curiosidade?”

As pálpebras de Caroline batiam, a boca aberta com expressão infeliz para deixar o ar entrar e sair aos pouquinhos. Gary esforçou-se para pensar em alguma coisa desdeprimida para dizer, alguma coisa razoavelmente despidida de hostilidade, mas já estava bastante embriagado.

“Pelo amor de Deus, Caroline”, disse ele, “já sabemos que você está com dor nas costas, que você está sofrendo, mas não pode pelo menos sentar com as costas retas...”

Sem dizer palavra, ela deixou a cadeira escorregando, manitolou até a pia com o prato, raspolu o jantar no triturador de lixo e saiu mancando escada acima. Caleb e Aaron pediram licença, trituraram seus jantares e seguiram a mãe. No total, foram uns trinta dólares de carne jogados no esgoto, mas Gary, tentando

manter seus níveis de Fator 3 acima do solo, conseguiu esquecer bastante bem os animais que haviam morrido para aquilo. Ficou sentado, no crepúsculo plúmbeo de seu alvoroço, comeu sem sentir o gosto de nada e ficou escutando a conversa invariavelmente animada de Jonah.

“A carne está muito boa, papai, e eu queria mais um pedaço da abobrinha grelhada, por favor.”

Da sala de televisão, no andar de cima, vinham os latidos surdos do horário nobre. Gary sentiu uma pena breve de Aaron e Caleb. Era um peso ter uma mãe que precisava dos filhos de maneira tão extrema, eles, responsáveis pela felicidade dela, Gary sabia bem. Compreendia também que Caroline estava mais sozinha no mundo do que ele. O pai dela era um antropólogo vistoso e carismático que morrera num acidente de avião no Mali quando ela tinha onze anos. Os pais do pai dela, antigos quakersque ainda usavam vez por outra palavras arcaicas, tinham-lhe deixado metade do que possuíam, inclusive um Andrew Wyeth bem valorizado, três aquarelas de Winslow Homer e dezesseis hectares de floresta perto de Kennett Square, pelos quais um construtor pagara uma soma inacreditável. A mãe de Caroline, hoje com setenta e seis anos e uma assustadora saúde de ferro, vivia com o segundo marido em Laguna Beach, e era um das principais contribuintes do Partido Democrata na Califórnia; vinha ao Leste todo mês de abril, e sempre se gabava de não ser “uma dessas velhas” obcecadas pelos netos. O único irmão de Caroline, de nome Philip, era um paternalista, solteiro bem protegido financeiramente e físico do estado sólido, a quem a mãe dedicava uma preferência quase aflitiva. Gary jamais conhecera aquele tipo de família em Saint Jude. Desde o início, tinha gostado e sentido pena de Caroline pela infelicidade e abandono que ela sofrera enquanto crescia. E fizera o possível para fornecer-lhe uma família melhor.

Mas depois do jantar, enquanto ele e Jonah punham a louça na máquina de lavar, começou a ouvir risadas femininas no segundo andar, gargalhadas de verdade, e decidiu que Caroline estava fazendo muito mal a ele. Teve a tentação de subir e estragar a festa. À medida que o zumbido do gim se dissipava em sua cabeça, porém, o clangor de uma ansiedade anterior se tornava audível. Uma ansiedade que tinha a ver com a Axon.

Perguntou-se por que uma pequena empresa com um processo altamente experimental estaria se dando ao trabalho de oferecer dinheiro ao seu pai.

O fato de a carta para Alfred ter vindo da Bragg, Knuter & Speigh, um escritório de advocacia que costumava trabalhar associado a banqueiros de investimento, sugeria que fazia parte das *devidas providências* — que sempre eram tomadas às vésperas de grandes acontecimentos.

“Quer ir ficar com seus irmãos?”, disse Gary a Jonah. “Parece que eles estão se divertindo lá em cima.”

“Não, obrigado”, disse Jonah. “Vou começar a ler o livro novo de Nárnia, e

pensei em ficar no porão, que é um lugar mais quieto. Você vem comigo?”

A antiga área de brincar do porão, ainda desumidificada, atapetada e com as paredes revestidas de lambris de pinho, ainda *arrumada*, estava assolada pela necrose do atravancamento que mais cedo ou mais tarde acaba matando todos os aposentos: caixas de aparelhos de som, sólidos geométricos de isopor para embalagem, equipamentos antiquados de esqui e de praia em disposição aleatória. Os brinquedos velhos de Aaron e Caleb ocupavam cinco caixas grandes e uma dúzia de caixas menores. Ninguém mais além de Jonah tocava nelas, e perante tamanha superabundância mesmo Jonah, sozinho ou com algum amiguinho que vinha brincar com ele, adotava uma abordagem essencialmente arqueológica. Podia passar uma tarde inteira retirando metade do conteúdo de uma das caixas grandes, separando pacientemente os bonecos, seus acessórios, os veículos e as miniaturas por escala e por fabricante (os brinquedos que não combinavam com nada ele jogava para trás do sofá), mas raramente conseguia chegar ao final de uma caixa sequer antes de chegar a hora de seu amiguinho partir ou do jantar, e então tornava a sepultar tudo que tinha escavado, e dessa maneira aqueles brinquedos cuja profusão deveria ser um verdadeiro paraíso para um menino de sete anos ficavam basicamente sem ser usados em brincadeiras, mais uma lição de ANEDONIA que Gary procurava ignorar o quanto podia.

Enquanto Jonah se acomodava para ler, Gary ligou o laptop “velho” de Caleb e conectou-se. Digitou as palavras “axon” e “schwenksville” no campo **Busca**. Um dos dois sites que apareceram no resultado era a home page da Axon Corporation, mas quando Gary tentou transferir-se para lá, o site estava EM REFORMA. O outro resultado levou-o a uma página aninhada nas profundezas do website da Westportfolio Biofunds, cuja lista de Empresas de Capital Fechado a Observar era um verdadeiro ciberlixo, com gráficos malfeitos e erros de ortografia. A página da Axon tinha sido atualizada um ano antes.

Axon Corporation, 24 East Industrial Serpentine, Schwenksville, PA, companhia limitada registrada no estado de Delaware, controla os direitos internacionais do Processo Eberle de Neuroquimiotaxia Direta. O Processo Eberle está protegido pelas Patentes 5.101.239, 5.101.599, 5.103.628, 5.103.629 e 5.105.996 dos Estados Unidos, para as quais a Axon Corporation é a única e exclusiva concedente de licenças. A Axon está envolvida com o aperfeiçoamento, a comercialização e as vendas do Processo Eberle a hospitais e clínicas de todo o mundo, e na pesquisa e desenvolvimento de tecnologias correlatas. Seu fundador e

presidente é o dr. Earl H. Eberle, ex-professor convidado de Neurologia Aplicada na Escola de Medicina Johns Hopkins.

O Processo Eberle de Neuroquimiotaxia Direta, também conhecido como Quimioterapia Reverso-Tomográfica de Eberle, revolucionou o tratamento de neuroblastomas inoperáveis e de uma série de outros defeitos morfológicos do cérebro.

O Processo Eberle utiliza ondas de radiofrequência controladas por computador para dirigir poderosos carcinóclidos, mutágenos e outros toxinas inespecíficas a tecidos cerebrais doentes, e ativá-los localmente sem fazer mal ao tecido saudável circundante.

No momento, devido a limitações de sua capacidade de computação, o Processo Eberle exige a sedação e imobilização do paciente num Cilindro Eberle por até trinta e seis horas, enquanto campos minuciosamente orquestrados dirigem ligantes terapeuticamente ativos e seus “portadores” inertes ao local da doença. Espera-se que a próxima geração de Cilindros Eberle reduza o tempo total de tratamento a menos de duas horas.

O Processo Eberle foi totalmente aprovado pela FDA como uma terapia “segura e eficiente” em outubro de 1996. O uso difundido pelo mundo todo desde então, detalhado nas inúmeras publicações relacionadas abaixo, só fez confirmar sua segurança e eficiência.

A esperança que Gary tinha de extrair uma fortuna rápida da Axon feneceu perante aquela falta de entusiasmo on-line. Sentindo-se um pouco e-cansado, combatendo uma dor de e-cabeça, pediu uma busca de “earl eberle”. Entre as várias centenas de respostas havia artigos como NOVAS ESPERANÇAS PARA O NEUROBLASTOMA, UM SALTO GIGANTESCO e ESTA CURA PODE SER DE FATO MILAGROSA . Eberle e seus colaboradores apareciam também em revistas especializadas com “Simulação Remota Assistida por Computador dos Pontos de Recepção 14, 16A e 21: Demonstração Prática”, “Quatro Complexos de Ferroacetatos que Cruzam o BBB”, “Estimulação *In Vitro* por Radiofrequência de Microtúbulos Coloidais”, e uma dúzia de outros artigos. A referência que mais deixou Gary interessado, porém, aparecera na revista *Forbes* seis meses antes:

Alguns destes desdobramentos, como o cateter de balão Fogarty e a cirurgia de córnea de Lasik, são fontes de imensos rendimentos para as empresas que detêm as respectivas patentes. Outros, com nomes esotéricos como o **Processo Eberle** de Neuroquimiotaxia Direta, enriquecem seus inventores à moda antiga: a fortuna vai para um homem só. Estima-se que o **Processo Eberle**, que em 1996 ainda não tinha sido aprovado mas hoje é reconhecido como o padrão ideal para o tratamento de uma ampla classe de tumores e lesões cerebrais, tenha proporcionado a seu inventor, o neurobiólogo da Johns Hopkins Earl H. (“Curly”) Eberle, pelo menos quarenta milhões de dólares por ano em honorários de licenciamento e em outros rendimentos por todo o mundo.

Quarenta milhões de dólares por ano faziam mais sentido. *Quarenta milhões de dólares por ano* restauraram as esperanças de Gary e o deixaram novamente furioso. Earl Eberle ganhava *quarenta milhões de dólares por ano* enquanto Alfred Lambert, também inventor mas (admitamos) um *perdedor* por temperamento — um dos humildes da terra —, recebia uma oferta de cinco mil dólares por seu trabalho. E ainda planejava dividir aquela ninharia com a Orfic Midland!

“Estou adorando este livro”, comentou Jonah. “Pode virar o meu livro favorito.”

Mas por que, perguntou-se Gary, por que toda essa correria para comprar a patente de meu pai, hein, Curly? Por que toda essa pressa? A intuição financeira, um formigamento quente na virilha, dizia que talvez, afinal, uma informação privilegiada tivesse caído em seu colo. Uma informação privilegiada vinda de uma fonte acidental (e portanto perfeitamente legal). Um pedaço suculento de carne privilegiada.

“Eles saem numa espécie de cruzeiro de luxo”, contou Jonah, “só que tentam chegar até o fim do mundo. É lá que Aslan mora, no fim do mundo.”

Na base de dados Edgar da SEC, a comissão de valores mobiliários americana, Gary encontrou um prospecto ainda não aprovado, um chamado prospecto experimental, para uma primeira oferta pública de ações da Axon. A oferta estava marcada para 15 de dezembro, dali a pouco mais de três meses. O principal subscritor era a Hevy & Hodapp, um dos bancos de investimento mais importantes do país. Gary conferiu certos sinais vitais — fluxo de caixa, tamanho do lançamento, montante do passivo — e, com as virilhas fervilhando, apertou o

botão **Fazer Download Mais Tarde**.

“Jonah, nove horas”, disse ele. “Suba correndo para tomar banho.”

“Eu adoraria fazer um cruzeiro de luxo, papai”, disse Jonah, subindo as escadas, “se um dia fosse possível.”

Num outro campo de **Busca**, com as mãos um tanto parkinsonianas, Gary entrou com as palavras linda, nua e loura.

“Feche a porta por favor, Jonah.”

Na tela, a imagem de uma linda loura nua apareceu. Gary apontou e clicou, e um homem nu moreno, fotografado principalmente de costas mas também num close-up dos joelhos ao umbigo, apareceu dedicando toda a sua túmida atenção àquela linda loura nua. Havia algo de linha de montagem industrial naquelas imagens. A linda loura nua seria a matéria-prima que o homem moreno nu estava extremamente interessado em processar com sua ferramenta. Primeiro ele removia a embalagem colorida da matéria-prima, depois ela era posta de joelhos e o trabalhador semi-especializado ajustava a ferramenta em sua boca, depois era estendida de costas enquanto o trabalhador a calibrava oralmente, depois o trabalhador deslocava a matéria-prima para uma série de posições horizontais e verticais, dobrando e ajustando a matéria-prima sempre que necessário, jamais deixando de processá-la vigorosamente com sua ferramenta...

Aquelas imagens amoleciam Gary, em vez de endurecê-lo. Perguntou-se se já teria chegado à idade em que o dinheiro o deixava mais excitado que uma linda loura nua praticando atos sexuais, ou se a ANEDONIA, a depressão solitária de um pai no porão, poderia estar-se infiltrando até mesmo ali.

Em cima, a campainha tocou. Pés adolescentes desceram as escadas com violência atender a porta.

Gary limpou às pressas a tela do computador, e subiu a tempo de ver Caleb voltando para o segundo andar com uma caixa de pizza grande. Gary o seguiu e ficou algum tempo de pé junto à porta da sala de televisão, sentindo o cheiro de linguiça calabresa e ouvindo a mastigação sem palavras de seus filhos e sua mulher. Na TV, alguma coisa militar, um tanque ou blindado, roncava ao acompanhamento de música de filme de guerra.

Com sotaque alemão: “Vamos aumentar a pressão, tenente. E agora, vai falar? Agora?”.

Em *Cuidar dos filhos sem mestre: um talento para o novo milênio*, a dra. Harriet L. Schachtman escreveu o seguinte: *Muitas vezes, os pais ansiosos de hoje “protegem” os filhos dos chamados “danos” provocados pela TV e os jogos de computador, expondo-os aos estragos muito mais profundos do ostracismo social a que então são condenados por seus pares.*

Para Gary, que na infância só podia assistir a meia hora de TV por dia e não se sentia ostracizado, a teoria de Schachtman parecia uma receita destinada a

permitir que os pais mais permissivos de uma certa comunidade fixassem os padrões que os outros pais eram então obrigados a seguir, enfraquecendo os seus próprios. Mas Caroline concordava plenamente com a teoria, e uma vez que ela era a única depositária da ambição de Gary de não ser igual a seu pai, e uma vez que ela acreditava que as crianças aprendiam mais interagindo com seus pares do que com a instrução dos pais, Gary aceitava seu julgamento e deixava que os meninos vissem TV quase ilimitadamente.

O que ele não tinha previsto é que ele próprio acabaria ostracizado.

Bateu em retirada para seu gabinete e tornou a ligar para Saint Jude. O telefone sem fio da cozinha ainda estava em sua mesa, recordando o incômodo de antes e outras brigas ainda por vir.

Sua intenção era falar com Enid, mas foi Alfred quem atendeu o telefone e disse que ela estava na casa dos Root, fazendo uma visita. “Hoje foi a reunião da associação dos moradores da nossa rua”, disse ele.

Gary pensou na possibilidade de tornar a ligar mais tarde, mas recusou-se a deixar-se intimidar pelo pai. “Papai”, disse ele, “eu fiz umas pesquisas sobre a Axon. É uma empresa que tem *muito* dinheiro.”

“Gary, eu lhe disse que não queria que você se metesse nessa história”, respondeu Alfred. “De qualquer maneira, agora já é uma discussão bizantina.”

“Como assim, ‘bizantina’?”

“Bizantina. Já foi tudo resolvido. Os documentos já foram reconhecidos. Vou economizar um bocado de dinheiro com advogados, e está resolvido.”

Gary apertou dois dedos contra a testa. “Meu Deus, Papai. Você reconheceu os documentos? Num domingo?”

“Vou dizer à sua mãe que você ligou.”

“*Não mande* esses documentos pelo correio. Está ouvindo?”

“Gary, já estou farto dessa história.”

“Que pena, porque eu estou só começando!”

“Eu pedi a você para não falar desse assunto. Se você não vai se comportar como uma pessoa decente e civilizada, a minha única escolha...”

“Esta sua decência é conversa fiada. A civilização é conversa fiada. É tudo fraqueza, porra! É medo, porra!”

“Não quero conversar a respeito.”

“Então deixe para lá.”

“É exatamente o que eu quero fazer. Não vamos mais tocar nesse assunto. Sua mãe e eu vamos passar dois dias na sua casa mês que vem, e esperamos que você venha nos visitar em dezembro. O que eu quero é que todo mundo se comporte com civilidade.”

“Não interessa o que está acontecendo, contanto que todo mundo se comporte com ‘civilidade’.”

“Justamente, é a essência da minha filosofia.”

“Mas não da minha”, disse Gary.

“Sei disso perfeitamente. E é por isso que só vamos passar quarenta e oito horas na sua casa, e nem um minuto a mais.”

Gary desligou mais furioso do que nunca. Tinha planejado que seus pais passariam uma semana inteira com ele em outubro. Queria levá-los para comer torta em Lancaster County, para ver um espetáculo no Annenberg Center, para fazer um passeio de carro pelos montes Poconos, para colher maçãs em West Chester, para ouvir Aaron tocar trumpet, para ver Caleb jogar futebol, para usufruir da companhia de Jonah, e para ver, em geral, como era boa a vida de Gary, o quanto era digna de admiração e respeito; e quarenta e oito horas não eram tempo suficiente.

Deixou o gabinete e deu beijo de boa-noite em Jonah. Depois tomou um banho de chuveiro, deitou-se na grande cama de carvalho e tentou interessar-se pelo último número da revista *Inc*. Mas não conseguia parar de discutir com Alfred dentro de sua cabeça.

Durante sua última visita à casa dos pais, em março, tinha ficado impressionado com a deterioração que o pai tinha sofrido nas poucas semanas transcorridas desde o Natal. Alfred parecia o tempo todo à beira de descarrilar, andando pelos corredores ou meio escorregando escadas abaixo ou devorando um sanduíche do qual chovia alface e pedaços de carne; conferindo incessantemente o relógio, os olhos tendendo a vagar sempre que uma conversa não o envolvesse diretamente, o velho cavalo de ferro estava rumando para uma colisão, e Gary mal conseguia suportar olhar aquilo. Porque quem mais, senão Gary, iria assumir a responsabilidade? Enid estava histérica, emitindo lições de moral permanentemente, Denise vivia num mundo de fantasia, e Chip não ia a Saint Jude havia três anos. Quem mais além de Gary estava capacitado a dizer: *este trem não devia estar correndo nesses trilhos?*

A questão mais urgente, na opinião de Gary, era a venda da casa. Conseguir o máximo por ela, fazer a mudança dos pais para um lugar menor, mais novo, mais seguro e mais barato, e aplicar a diferença em investimentos agressivos. A casa era o único bem importante de Enid e Alfred, e Gary dedicou uma manhã inteira à inspeção lenta de toda a propriedade, de cabo a rabo. Encontrou rachaduras no revestimento, marcas de ferrugem nos ralos do banheiro, e uma área mais mole no teto do quarto principal. Encontrou manchas de chuva na parede interna da varanda dos fundos, uma barba de restos secos de sujeira no queixo da velha máquina de lavar louça, um barulho assustador no exaustor da cozinha, pústulas e estrias no asfalto da entrada da garagem, cupins na pilha de lenha, um galho de carvalho em posição francamente damocleana acima de um dos dormitórios, rachaduras da largura de um dedo nas fundações, vazamentos nos muros de arrimo, paredes divisórias adernadas, uma floração de tinta branca descascada nas esquadrias das janelas, aranhas ousadas no porão, além de

cheiros desconhecidos, entéricos e fúngicos: em toda parte a marca da entropia. Mesmo num mercado em alta aquela casa começava a perder seu valor, e Gary pensou: Precisamos vender esta porra *agora mesmo*, não dá para esperar *nem mais um dia*.

No última dia de sua visita, de manhã, enquanto Jonah ajudava Enid a fazer um bolo de aniversário, Gary saiu com Alfred para levá-lo até a loja de ferragens. Assim que se viram na rua, Gary disse que tinha chegado a hora de pôr a casa à venda.

Alfred, no banco do carona do geriátrico Oldsmobile, olhava fixo para a frente. “Por quê?”

“Se você deixar passar a primavera”, disse Gary, “vai precisar esperar mais um ano. E não dá para esperar mais um ano. Você não pode ter certeza de estar com boa saúde, e a casa está perdendo o valor.”

Alfred balançou a cabeça. “Passei muito tempo insistindo. Nós só precisamos de um quarto e uma cozinha. Um lugar onde sua mãe possa cozinhar e a gente possa se sentar. Mas não adianta. Ela não quer ir embora.”

“Papai, se vocês não se mudarem para um lugar menos perigoso, você vai acabar se machucando. Vocês vão acabar num lar de velhos.”

“Não tenho a menor intenção de ir morar num lar de velhos. Assim...”

“Mas não é só por você não querer que não vai acontecer.”

Alfred olhou, de passagem, para a antiga escola primária de Gary. “Aonde é que nós estamos indo?”

“Se você cair na escada, ou escorregar no gelo e quebrar o fêmur, vai acabar num lar de velhos. A avó de Caroline...”

“Você não disse aonde estamos indo.”

“Nós vamos à loja de ferragens”, disse Gary. “Mamãe pediu um *dimmer* para a cozinha.”

Alfred balançou a cabeça. “Sempre com essa mania de iluminação romântica.”

“Ela gosta, isso dá prazer a ela”, disse Gary. “Do que você tira prazer?”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que ela está quase esgotada.”

As mãos ativas de Alfred, em seu colo, estavam juntando coisa alguma — recolhendo os ganhos de um jogo de pôquer inexistente. “Vou pedir de novo para você não se meter”, disse ele.

A luz do meio da manhã no degelo do fim do inverno, a imobilidade de uma não-hora num dia de semana em Saint Jude. Gary perguntou-se como seus pais faziam para agüentar aquilo. Os carvalhos eram da mesma cor negra que os corvos neles posados. O céu era da mesma cor que a pavimentação branca como sal das ruas sobre a qual os motoristas idosos de Saint Jude, obedecendo aos limites barbitúricos de velocidade, arrastavam-se rumo a seus destinos: aos *malls*

com lagos de água de degelo em seus telhados empapelados, à artéria que passava pelos pátios de manobras cheios de poças d'água e ainda pelo hospício estadual e as torres de transmissão que enviavam as novelas e os programas de jogos pelo éter; ao cinturão rodoviário da cidade e, além dele, aos milhões de hectares de terra em processo de degelo onde as camionetes atolavam no barro até os eixos, tiros de calibre 22 eram disparadas nos bosques, e nos rádios só se ouviam canções gospele guitarras havaianas; a conjuntos residenciais com o mesmo clarão pálido em cada janela, gramados amarelos abandonados aos esquilos com um ou dois brinquedos de plástico incrustados na terra, um carteiro assobiando alguma melodia céltica e batendo as portas das caixas de correio com mais força do que precisava, porque aquelas ruas, tão mortas àquela não-hora, numa não-estação como aquela, podiam honestamente matar uma pessoa.

“Você está satisfeito com a sua vida?”, disse Gary, esperando o sinal para dobrar à esquerda ficar verde. “Você pode dizer que está feliz?”

“Gary, eu tenho um problema...”

“Muita gente tem problemas. Se a sua desculpa é essa, tudo bem, se você quer ficar sentindo pena de si mesmo, tudo bem, mas por que arrastar a mamãe para baixo?”

“Bem. Você está indo embora amanhã.”

“E isto quer dizer o quê?”, perguntou Gary. “Que você vai ficar sentado na sua poltrona e mamãe cozinhando e arrumando a casa para você?”

“Na vida, é preciso suportar algumas coisas.”

“Mas por que se dar ao trabalho de continuar vivo, se é para ficar desse jeito? O que é que você quer?”

“Eu me faço a mesma pergunta todo dia.”

“Sei, e qual é a resposta?”, disse Gary.

“Qual é a *sua* resposta? O que *você* acha que eu devia fazer?”

“Viagens.”

“Já viajei bastante. Passei trinta anos viajando.”

“Passar mais tempo com a família. Com as pessoas de quem você gosta.”

“Sem comentários.”

“Como assim, ‘sem comentários’?”

“Isso mesmo: sem comentários.”

“Você ainda está zangado por causa do Natal.”

“Você pode interpretar como quiser.”

“Se ainda está zangado por causa do Natal, devia ao menos ter falado claramente...”

“Sem comentários.”

“Em vez de ficar fazendo insinuações.”

“Devíamos ter chegado dois dias depois e vindo embora dois dias antes”, disse Alfred. “É só o que eu tenho a dizer a respeito do Natal. Devíamos ter

ficado lá quarenta e oito horas.”

“É porque você anda deprimido, papai. Depressão clínica.”

“E você também.”

“E a atitude mais responsável seria ir se tratar.”

“Você me escutou? Eu disse que você também.”

“Que história é essa?”

“Pense um pouco.”

“Papai, sério, do que você está falando? Não sou *eu* que passo o dia inteiro dormindo sentado numa poltrona.”

“No fundo, no fundo, é sim”, sentenciou Alfred.

“Que absurdo.”

“Um dia você vai ver.”

“Não vou nada”, disse Gary. “A minha vida tem uma base completamente diferente da sua.”

“Preste atenção no que eu estou dizendo. Eu olho para o seu casamento, eu vejo o que eu vejo. Um dia você também vai ver.”

“Conversa fiada, e você sabe muito bem. Só está chateado comigo, e não tem outra maneira de lidar com isso.”

“Já disse que não quero falar no assunto.”

“E isso é uma coisa que eu não respeito.”

“E existem muitas coisas na sua vida que eu também não respeito.”

Não devia doer ouvir que Alfred, enganado a respeito de quase tudo, não tinha respeito por certas coisas da vida de Gary, mas ainda assim doeu.

Na loja de ferragens, ele deixou Alfred pagar o *dimmer*. A minuciosa escolha das notas na magra carteira e a ligeira hesitação do velho antes de entregá-las eram as marcas de seu respeito pelo dinheiro — de sua convicção enlouquecedora de que cada dólar era importante.

De volta à casa, enquanto Gary e Jonah chutavam uma bola de futebol, Alfred juntou as ferramentas, desligou a eletricidade da cozinha e dedicou-se à instalação do *dimmer*. Mesmo àquela avançada altura dos acontecimentos, não ocorreu a Gary impedir Alfred de mexer na fiação. Mas quando ele entrou para almoçar, descobriu que seu pai tinha se limitado a remover a placa do interruptor antigo. Segurava o *dimmer* como se fosse um detonador que o fizesse tremer de medo.

“Meu problema atrapalha muito neste caso”, explicou ele.

“Você precisa vender esta casa”, disse Gary.

Depois do almoço, levou a mãe e seu filho ao Museu dos Transportes de Saint Jude. Enquanto Jonah subia em antigas locomotivas, visitava o submarino e Enid ficava sentada para dar um alívio ao quadril dolorido, Gary compilou uma lista mental do que o museu expunha, na esperança de que aquilo lhe desse alguma sensação de dever cumprido. Não era capaz de se aprofundar no que o museu

exibia, aquela informatividade exaustiva, aquela animada prosa-para-as-massas. OS ANOS DE OURO DA MÁQUINA A VAPOR. O SURGIMENTO DO VÔO. UM SÉCULO DE SEGURANÇA NAS ESTRADAS. Parágrafo atrás de parágrafo de um texto terrível. O que Gary mais detestava no Meio-Oeste era o quanto se sentia desatendido e desprivilegiado sempre que lá estava. Saint Jude, com seu igualitarismo otimista, deixava de lhe prestar o respeito a que fazia jus por seus talentos e conquistas. Ah, a tristeza daquele lugar! Os compenetrados jecas locais à sua volta pareciam todos curiosos e nada deprimidos. Felizes de encher de fatos suas cabeças malformadas. Como se os fatos pudessem salvá-los! Nenhuma das mulheres chegava aos pés de Caroline em beleza ou elegância. Nenhum dos homens tinha um corte de cabelo decente ou uma barriga tão lisa como a de Gary. Mas como Alfred, e como Enid, todos eram extremamente gentis. Não empurravam Gary e nem cortavam a sua frente, mas esperavam até que ele passasse para a vitrine seguinte. Então se reuniam, liam e aprendiam. Meu Deus, ele detestava o Meio-Oeste! Mal conseguia respirar ou manter a cabeça em pé. Achava que podia ficar enjoado a qualquer momento. Refugiou-se na loja do museu e comprou uma fivela de cinto de prata, duas gravuras de antigas pontes da Midland Pacific, e um frasco de bolso de estanho (tudo para si mesmo), uma carteira de couro de antílope (para Aaron) e um jogo sobre a Guerra Civil em CD-ROM (para Caleb).

“Papai”, disse Jonah, “a vovó me disse que ela me dá dois livros que custem menos de dez dólares cada um ou um só que custe menos de vinte, tudo bem?”

Enid e Jonah eram um festival de amor. Enid sempre gostara mais de meninos menores, e o nicho adaptativo de Jonah no ecossistema familiar era o de neto perfeito, sempre ansioso para subir no colo, sem medo de legumes amargos, relativamente indiferente à televisão e aos jogos de computador e especializado em responder com alegria a perguntas do tipo “Você está gostando da escola?”. Em Saint Jude, refestelava-se na atenção concentrada de três adultos. Declarou que era o melhor lugar que ele conhecia. No banco de trás do velho Oldsmobile, com os olhos de elfo arregalados, maravilhava-se com tudo que Enid mostrava.

“É tão fácil estacionar aqui!”

“Não tem trânsito!”

“O Museu dos Transportes é melhor do que todos os museus da Filadélfia, papai, você não acha?”

“Eu adoro o banco de trás deste carro. Tanto espaço, é o melhor carro em que eu já andei.”

“Todas as lojas ficam tão perto, é tudo tão fácil!”

De noite, depois que voltaram do museu e Gary chegou em casa depois de ter saído para fazer mais compras, Enid serviu costeletas de porco recheadas e um bolo de aniversário de chocolate. Jonah tomava o sorvete com ar sonhador quando ela lhe perguntou se ele gostaria de vir passar o Natal em Saint Jude.

“Eu ia adorar”, disse Jonah, as pálpebras se fechando de saciedade.

“Eu posso fazer biscoitos de açúcar, e zabaione, e você pode me ajudar a decorar a árvore”, disse Enid. “Deve nevar, e você pode ir andar de trenó. E, Jonah, tem um espetáculo de luzes *maravilhoso* todo dia no Waindell Park, chamado Terra do Natal, o parque inteiro é iluminado...”

“Mamãe, estamos em março”, disse Gary.

“A gente pode vir no Natal?”, perguntou-lhe Jonah.

“A gente vai voltar dentro de pouco tempo”, disse Gary. “No Natal eu não sei.”

“Acho que Jonah ia adorar”, disse Enid.

“Ia adorar *mesmo*”, disse Jonah, servindo-se de mais uma concha de sorvete. “Pode acabar sendo o melhor Natal de toda a minha vida.”

“Também acho”, disse Enid.

“Ainda estamos em março”, disse Gary. “Não dá para falar do Natal em março. Vocês não acham? Nem em junho, ou em agosto. Vocês não acham?”

“Bem”, disse Alfred, levantando-se da mesa. “Eu vou para a cama.”

“Eu voto em Saint Jude para passar o Natal”, disse Jonah.

Recrutar Jonah diretamente para sua campanha, explorar um menino para conseguir uma posição melhor, parecia a Gary um golpe baixo da parte de Enid. Depois de pôr Jonah na cama, disse à mãe que o Natal devia ser a menor das preocupações dela.

“Papai não consegue mais nem instalar um interruptor”, disse ele. “E agora tem um vazamento no andar de cima, e a água está entrando pela chaminé da lareira...”

“Eu adoro esta casa”, disse Enid da pia da cozinha, onde esfregava a frigideira em que estavam as costeletas. “Seu pai só precisa melhorar um pouco de humor.”

“Ele precisa de um tratamento de choque ou de remédios”, disse Gary. “E se você está querendo dedicar a vida a ser a criada dele, problema seu. Se quer ficar vivendo numa casa velha cheia de problemas, tentando manter tudo da maneira como gosta, tudo bem, também. Se quer se acabar tentando fazer as duas coisas, pode ir em frente. Só não espere que eu vá fazer planos para o Natal desde março só para lhe dar uma razão de se sentir justificada.”

Enid pousou a frigideira das costeletas virada para baixo na bancada, ao lado do secador de pratos sobrecarregado. Gary sabia que devia pegar um pano de prato, mas a pilha de panelas e travessas e utensílios molhados de seu jantar de aniversário deixava-o exausto; secar aquilo tudo lhe parecia uma tarefa tão sisífeia quanto consertar as coisas quebradas da casa de seus pais. A única maneira de evitar o desespero era não se envolver de todo.

Serviu-se de uma pequena dose de conhaque enquanto Enid, com movimentos nervosos e desajeitados, raspava restos de comida encharcados do

ralo da pia.

“O que *você* acha que eu deveria fazer?”, perguntou ela.

“Vender a casa”, disse Gary. “Ligar amanhã mesmo para um corretor.”

“E mudar para um desses condomínios modernos e apertados?” Enid sacudiu das mãos os restos repulsivos em cima da cesta de lixo. “Quando eu preciso passar o dia fora, Dave e Mary Beth convidam seu pai para almoçar lá. Ele adora, e eu fico sossegada sabendo que ele está com eles. No outono passado ele estava do lado de fora plantando um teixo novo, mas não conseguia arrancar o toco antigo. Joe Person chegou com uma picareta e os dois passaram a tarde trabalhando juntos.”

“Ele não devia estar plantando teixos”, disse Gary, já arrependido da pequenez da dose que tinha servido para si mesmo. “E nem trabalhar com picareta. Ele mal se agüenta em pé.”

“Gary, eu sei que ele não vai ficar aqui para sempre. Mas eu queria fazer um último *belo* Natal em família aqui. E queria...”

“Você aceitaria se mudar se a gente organizasse o Natal que você quer?”

Uma esperança renovada adocicou a expressão de Enid. “Você e Caroline aceitariam vir?”

“Não prometo nada”, disse Gary. “Mas se assim você ficar mais tranqüila com a idéia de pôr a casa à venda, nós vamos pensar...”

“Eu iria adorar se vocês viessem. *Adorar.*”

“Mas mamãe, você precisa ser realista.”

“Vamos ver até o fim deste ano”, disse Enid, “vamos pensar na idéia de um Natal aqui, como Jonah quer, e depois veremos.”

A ANEDONIA de Gary ficara pior depois de sua volta a Chestnut Hill. Até então, seu projeto para o inverno vinha sendo destilar centenas de horas de vídeos domésticos numa compilação assistível, de duas horas, dos *Melhores Momentos Lambert*, de que ele pudesse tirar boas cópias e talvez enviar como “cartão de Natal em vídeo”. Na edição final, enquanto ele tornava a ver infinitas vezes suas cenas familiares favoritas e decidia novamente o ponto de entrada de suas canções prediletas (“Wild Horses, Time After Time”, etc.), começou a *odiar* aquelas cenas e a *odiar* aquelas canções. E quando, no laboratório novo, dedicava sua atenção às *Duzentas Melhores Fotos da Família Lambert de Todos os Tempos*, descobriu que também não gostava mais de ver fotografias. Tinha passado anos cultivando a idéia das *Duzentas Melhores Fotos da Família Lambert de Todos os Tempos*, como se o projeto fosse um fundo de investimento idealmente equilibrado, relacionando com grande satisfação as imagens que ele julgava ter certeza de incluir entre aquelas duzentas. Agora ele se perguntava quem mais, além de si mesmo, ele estaria tentando impressionar com aquelas fotos. Quem ele estava tentando convencer, e do quê? Teve um impulso bizarro de *queimar* as

suas velhas favoritas. Mas toda sua vida tinha a meta de ser uma correção da vida de seu pai, ele e Caroline haviam concordado havia muito que Alfred sofria de depressão clínica, e todo mundo sabia que a depressão clínica tem uma base genética e era substancialmente hereditária, de maneira que Gary não tinha escolha além de continuar resistindo à ANEDONIA, trincando os dentes, esforçando-se ao máximo para *se divertir*...

Despertou com o pau duro coçando e Caroline a seu lado nos lençóis.

O abajur de sua mesa de cabeceira ainda estava aceso, mas fora isso o quarto estava escuro. Caroline estava deitada em posição sarcófágica, as costas coladas ao colchão e um travesseiro por baixo dos joelhos. As telas das janelas do quarto deixavam entrar o ar úmido e fresco de um verão já cansado. Não havia vento agitando as folhas do sicômoro cujos ramos mais baixos ficavam junto à janela.

Na mesa-de-cabeceira de Caroline havia um exemplar encadernado de *A meio caminho: como poupar seu filho da adolescência que VOCÊ teve* (Caren Tamkin, Ph. D., 1998).

Ela parecia adormecida. Seu braço comprido, sem qualquer flacidez graças à natação três vezes por semana no Cricket Club, estava pousado ao lado dela. Gary contemplou seu nariz pequeno, sua boca larga e vermelha, a penugem dourada e o reflexo fosco do suor acima de seu lábio superior, a faixa estreita de pele loura exposta entre a bainha de sua camiseta e o elástico de seus antigos shorts de ginástica do Swarthmore College. Seu seio mais próximo fazia pressão contra a parte interna da camiseta, a definição carmesim de seu bico tenuamente visível através da textura esticada do pano...

Quando ele esticou o braço e alisou seu cabelo, todo o corpo dela teve um espasmo, como se ele fosse um disco desfibrilador.

“O que houve?”, perguntou ele.

“Estou morrendo de dor nas costas.”

“Uma hora atrás você estava rindo e achando tudo ótimo. Agora está com dor de novo?”

“O efeito do Motrin está passando.”

“O misterioso ressurgimento da dor.”

“Você não me disse nenhuma palavra gentil desde que eu comecei a sentir dor nas costas.”

“Porque você está mentindo sobre a origem dela”, disse Gary.

“Meu Deus. *De novo?*”

“Duas horas de futebol e correrias na lama, mas não. O problema foi o toque do telefone.”

“Foi”, disse Caroline. “Porque a sua mãe é incapaz de gastar dez cents para deixar um recado. Daí ela deixa o telefone tocar três vezes e desliga. Deixa tocar três vezes e desliga, deixa tocar três vezes e desliga...”

“A dor não tem nada a ver com nada que *você* tenha feito”, disse Gary. “É culpa da minha mãe! Por mágica, ela voou até aqui e deu um chute nas suas costas, porque ela quer que *você* sinta dor!”

“Depois de passar a tarde inteira ouvindo o telefone tocar e parar e tocar e parar, fiquei com os nervos em frangalhos.”

“Caroline, *eu vi você mancando quando você correu para dentro de casa*. Eu vi a expressão do seu rosto. Não vai me dizer que já não estava sentindo dor.”

Ela balançou a cabeça. “Você sabe o que está havendo?”

“E depois ainda bisbilhotando!”

“Sabe o que está havendo?”

“Você estava escutando no único outro telefone da casa, e ainda teve a coragem de me dizer...”

“Gary, *você está deprimido*. Não está percebendo?”

Ele riu. “Eu não acho.”

“Você está cismando com tudo, desconfiado, e obsessivo. Anda pela casa com uma expressão de ódio. Não dorme bem. Não parece ter prazer com nada.”

“Você está mudando de assunto”, disse ele. “Minha mãe ligou porque ela queria fazer uma proposta razoável em relação ao Natal.”

“Razoável?”, dessa vez Caroline riu. “Gary, ela está totalmente *pirada* com essa história de Natal. Ela é *doida*.”

“Ora, Caroline. Francamente.”

“É sério.”

“Francamente, Caroline. Eles vão vender a casa dentro de pouco tempo, e querem que todo mundo vá até lá pela última vez antes de eles *morrerem*, Caroline, antes de meus pais *morrerem*...”

“Nós sempre estivemos de acordo quanto a isso. Concordamos que cinco pessoas ocupadas não deviam ter de pegar um avião no auge dos feriados de fim de ano para que *duas pessoas sem nada o que fazer na vida* deixem de vir até aqui. E eu sempre fiquei muito feliz de receber os dois...”

“Mentira.”

“Mas de repente querem mudar as regras!”

“Você nunca ficou feliz de receber os dois aqui, Caroline. A coisa chegou a tal ponto que agora eles se recusam a ficar mais de quarenta e oito horas de cada vez.”

“E é culpa minha?” Ela estava dirigindo seus gestos e sua expressão facial, com um efeito um tanto assustador, para o teto. “O que *você* não entende, Gary, é que a nossa família é emocionalmente saudável. Eu sou uma mãe amorosa e profundamente envolvida com os meus três filhos, que são inteligentes, criativos e emocionalmente saudáveis. Se *você* acha que existe algum problema nesta casa, é melhor se olhar no espelho.”

“Estou fazendo uma proposta razoável”, disse Gary. “E você responde dizendo que eu estou deprimido.”

“Vai me dizer que isto não passou pela sua cabeça?”

“Assim que eu começo a falar do Natal, eu fico ‘deprimido’.”

“Sério, vai me dizer que nunca lhe ocorreu, nos últimos seis meses, que você podia estar com um problema clínico?”

“É muito agressivo, Caroline, dizer a uma pessoa que ela está louca.”

“Não se ela tiver potencialmente um problema clínico.”

“Estou propondo irmos a Saint Jude”, disse ele. “Se você não vai conversar sobre isso como uma adulta, eu tomo a decisão sozinho.”

“Ah, é?” Caroline produziu um som de desprezo. “Pode ser que Jonah queira ir com você. Mas quero ver você conseguir fazer Aaron e Caleb entrarem no avião com você. Pergunte a eles onde eles preferem passar o Natal.”

Pergunte a eles do lado de quem eles estão.

“Eu acreditava que isso aqui era uma família”, disse Gary, “e que nós fazíamos coisas juntos.”

“É você quem está decidindo unilateralmente.”

“Então me diga que este problema não vai acabar com o nosso casamento.”

“Foi você que mudou.”

“Porque, não, Caroline, quer dizer, não, é ridículo. Temos boas razões para abrir uma exceção desta vez.”

“Você está deprimido”, disse ela, “e eu quero você de volta. Estou cansada de viver com um velho deprimido.”

Gary, por sua vez, queria de volta a Caroline que poucas noites antes o agarrara na cama ao ouvir fortes trovoadas. A Caroline que vinha saltitante ao seu encontro sempre que ele entrava num aposento. A garota semi-órfã cujo desejo mais fervoroso era ficar ao lado *dele*.

Mas ele sempre também gostara do quanto ela era firme, diversa dos Lambert, fundamentalmente indiferente à família dele. Ao longo dos anos, ele reunira certas frases ditas por ela numa espécie de decálogo pessoal, uma coleção das *Dez Melhores de Caroline de Todos os Tempos*, a que ele recorria em segredo atrás de força e amparo:

1. Você não tem nada a ver com o seu pai.
2. Você não precisa se desculpar por comprar o BMW.
3. Seu pai maltrata emocionalmente sua mãe.
4. Adoro o gosto do seu esperma.
5. O trabalho foi a droga que arruinou a vida do seu pai.
6. Vamos comprar os dois!
7. Sua família tem uma relação doente com comida.
8. Você é um homem incrivelmente bonito.

9. Denise sente ciúme do que você tem.

10. O sofrimento não tem nada de útil.

Ele tinha aderido àquele credo por anos a fio — sentia-se profundamente grato a Caroline por cada uma daquelas frases — e agora se perguntava quantas delas eram verdadeiras. Nenhuma, talvez.

“Vou ligar para a agência de viagens amanhã de manhã”, disse ele.

“E eu estou dizendo”, respondeu de pronto Caroline, “que você devia ligar para o doutor Pierce. Precisa conversar com alguém.”

“Preciso de alguém que fale a verdade.”

“Você quer a verdade? Quer que eu lhe diga por que eu não vou?” Caroline sentou-se na cama e inclinou-se para a frente no ângulo estranho ditado por sua dor nas costas. “Quer mesmo saber?”

Os olhos de Gary se fecharam. O som dos grilos do lado de fora parecia água correndo interminavelmente nos canos. Ao longe ouvia-se um latido canino ritmado, lembrando os esforços de avanço de um serrote.

“A verdade”, disse Caroline, “é que eu acho quarenta e oito horas perfeito. Não quero que os meus filhos se lembrem do Natal como a ocasião em que todo mundo gritava uns com os outros. O que parece inevitável agora. Sua mãe entra pela porta carregando trezentos e sessenta dias de mania natalina acumulada, está obcecada com isso desde janeiro, e aí começa, é claro, *Onde está aquele bibelô de rena austriaco — você não gosta dele? Não usa? Cadê? Cadê? Cadê o bibelô austriaco de rena?* Ela tem as obsessões de comida, as obsessões de dinheiro, as obsessões de roupas, tem aquele conjunto de malas de dez peças que o meu marido *antes* concordava que é *mais ou menos* problemático, mas agora, de repente, ele resolveu ficar do lado *dela*. Vamos revirar a casa do avesso procurando uma peça totalmente kitschcomprada numa loja para turistas por uns treze dólares porque tem valor sentimental para a sua mãe...”

“Caroline.”

“E quando descobrimos que Caleb...”

“Esta versão não é honesta.”

“Por favor, Gary, eu quero terminar, quando descobrimos que Caleb fez o tipo de coisa que *qualquer criança normal* podia fazer com uma merda de suvenir que encontrou no porão...”

“Não vou ficar escutando.”

“Não, não, o problema não é que a sua mãe de olho de lince é obcecada com uma besteira austriaca, não, o problema não é este...”

“Custou cem dólares, era uma peça de artesanato esculpida à mão...”

“Nem que custasse mil dólares! Desde quando você castiga o *seu próprio filho* por causa das maluquices da sua mãe? De uma hora para outra, você

começa a nos tratar como se estivéssemos em 1964 e vivendo em Peoria. ‘Limpe o prato!’ ‘Vista uma gravata!’ ‘Nada de televisão hoje à noite!’ E você não sabe por que estamos brigando! E nem por que Aaron revira os olhos cada vez que a sua mãe entra na sala! Parece que você tem *vergonha* que sua mãe nos veja. Sempre que ela está aqui, parece que você tenta fingir que nós vivemos de um modo que ela vá aprovar. Mas vou lhe dizer uma coisa, Gary, não temos *nenhum* motivo para sentir vergonha. É a sua mãe quem devia ficar envergonhada. Ela fica me seguindo pela cozinha examinando tudo que eu faço, como se eu assasse um peru por semana, e se eu viro as costas um minuto ela joga um litro de óleo dentro do que eu estiver fazendo, assim que eu saio de lá ela *revira o lixo* feito um fiscal da Saúde Pública, tira comida do lixo e *dá para os meus filhos...*”

“A batata estava na pia, e não no lixo, Caroline.”

“E você ainda a defende! Ela vai lá fora revirar os latões de lixo para ver que outras porcarias ela ainda pode desencavar e achar malfeitas, e fica me perguntando, literalmente a cada dez minutos, ‘E as suas costas? E as suas costas? E as suas costas? Suas costas melhoraram? Como foi que começou? A dor nas costas melhorou? E as suas costas?’ Depois ela sai *procurando* coisas para achar ruins, e depois tenta dizer aos *meus* filhos que roupa eles precisam vestir para jantar na *minha* casa, e você não me dá apoio! Você não me dá apoio, Gary. Você começa a se desculpar, e eu não entendo, mas não quero isso de novo. No fundo, acho que quem teve a melhor idéia foi o seu irmão. Um sujeito carinhoso, inteligente e engraçado, suficientemente honesto para dizer o que ele tolera e não tolera em matéria de reunião familiar. E a sua mãe se comporta de tal modo que até parece que ele é uma vergonha, um fracassado! Bem, você queria a verdade. A verdade é que eu não agüento mais um Natal assim. Se tivermos de ver os seus pais, vai ser no nosso território. Como você prometeu que sempre haveria de ser.”

Uma almofada tenebrosamente triste ocupava o cérebro de Gary. Ele tinha chegado a um ponto na ladeira abaixo noturna pós-martini em que a sensação de complexidade pesava nas bochechas, na testa, nas pálpebras, na boca. Sabia o quanto sua mãe enfurecia Caroline, e ao mesmo tempo achava um absurdo quase tudo que Caroline dissera. A rena de madeira, por exemplo, era uma beleza, e fora guardada numa caixa perfeitamente identificada; Caleb quebrara duas pernas do animal e enfiara um prego imenso através de sua cabeça a marteladas; Enid tinha apanhado uma batata assada na pia, que ninguém tinha comido, cortara em fatias e fritara para Jonah; e Caroline nem se dera ao trabalho de esperar que os sogros fossem embora antes de jogar na lata de lixo o roupão de banho cor-de-rosa de poliéster que Enid lhe dera de Natal.

“Quando eu disse que queria a verdade”, disse ele, sem abrir os olhos, “quis

dizer que você já estava mancando antes de entrar correndo em casa.”

“Ah, meu Deus”, disse Caroline.

“Não foi minha mãe quem provocou a dor nas suas costas. Foi você mesma.”

“Por favor, Gary. Por favor, ligue para o doutor Pierce.”

“Se você admitir que está mentindo, eu falo sobre o que você quiser. Mas nada vai mudar se você não admitir.”

“Não estou nem reconhecendo a sua voz.”

“Cinco dias em Saint Jude. Você não pode fazer isto por uma mulher que, como você mesma diz, não tem mais nada na vida?”

“Por favor, volte para mim.”

Um espasmo de raiva forçou Gary a abrir os olhos. Ele afastou o lençol com os pés e pulou da cama. “É o fim deste casamento! Eu não acredito!”

“Gary, por favor...”

“Nós vamos nos separar por causa de uma viagem a Saint Jude!”

E então um visionário de avental palestrava para belas estudantes. Por trás do visionário, a uma meia distância pixelada, esterilizadores, cartuchos de cromatografia e lâminas com amostras de tecido em solução fraca, frascos médico-científicos com longos gargalos, fotos ampliadas de cromossomos nus totalmente expostos e diagramas de cérebros avermelhados como carne de atum fatiados como *sashimi*. O visionário era Earl “Curly” Eberle, um homem de cinquenta anos e boca pequena usando óculos de armação barata, que os criadores do vídeo promocional da Axon Corporation tinham feito o possível para tornar interessante. Os movimentos de câmera eram nervosos, o piso do laboratório jogava e oscilava. Zooms confusos fechavam no rosto reluzente de estudantes fascinadas. Uma atenção curiosamente obsessiva era dada à nuca do visionário (que tinha de fato o cabelo encaracolado, razão de seu apelido).

“É claro que a química, mesmo a química cerebral”, Eberle estava dizendo, “consiste basicamente na manipulação dos elétrons em suas conchas. Mas comparem isto com uma eletrônica que consiste em pequenos interruptores com dois ou três pólos. O diodo, o transistor. Já o cérebro tem várias dúzias de tipos de interruptor. O neurônio ou aciona ou não aciona o interruptor; mas esta decisão é regulada por pontos de recepção que muitas vezes apresentam vários matizes de situações intermediárias entre as posições claramente definidas de Ligado e Desligado. Mesmo que alguém consiga construir um neurônio artificial composto de transistores moleculares, a opinião geral é de que jamais conseguirá traduzir toda essa química numa linguagem binária de sim/não, devido a limitações de espaço. Se fizermos uma estimativa conservadora de vinte ligantes neuroativos, dos quais até oito podem operar simultaneamente, cada um desses oito interruptores com cinco ajustes diferentes — não quero aborrecer vocês com a análise combinatória, mas se o mundo não for habitado por sujeitos imensamente cabeçudos vamos produzir um andróide muito desproporcional.”

Close de um estudante com a cabeça em forma de nabo, rindo.

“Estes fatos são tão elementares”, disse Eberle, “que geralmente nem nos damos ao trabalho de mencioná-los. É assim que as coisas são e pronto. A única conexão praticável que podemos ter com a eletrofisiologia da cognição e da volição é química. É esta nossa sabedoria revelada, é este o evangelho da nossa ciência. Ninguém, em sã consciência, tentaria criar uma conexão entre o mundo dos neurônios e o mundo dos circuitos impressos.”

Eberle fez uma pausa dramática.

“A não ser, é claro, a Axon Corporation.”

Ondas de murmúrios cruzaram o mar de investidores institucionais que tinham comparecido ao Salão de Baile B do Four Seasons Hotel, no centro da Filadélfia, para a apresentação destinada a promover o lançamento inicial de ações da Axon ao público. Um gigantesco monitor de vídeo havia sido instalado no palco. Em cada uma das vinte mesas redondas espalhadas pelo salão semi-escuro havia travessas de pequenos *satays* e *sushis* com os molhos apropriados.

Gary estava sentado ao lado da irmã, Denise, a uma mesa próxima da porta. Tinha a expectativa de fazer negócios naquela apresentação e preferia ter vindo sozinho, mas Denise insistira em almoçar com ele, já que era segunda-feira e segunda-feira era o dia em que ela estava de folga, e convidara-se para vir junto. Gary imaginara que ela acabaria encontrando razões políticas ou morais ou estéticas para deplorar aquela apresentação, e, confirmando sua impressão, lá estava ela assistindo ao vídeo com os olhos semicerrados de desconfiança e os braços cruzados com força. Usava um traje amarelo com estampas florais vermelhas, sandálias pretas e um par de óculos de plástico redondos trotskóides; mas o que realmente a distinguia de todas as outras mulheres presentes ao Salão de Baile B era a nudez de suas pernas. Ninguém que lidava com dinheiro jamais deixava de usar meias.

O QUE É O PROCESSO CORRECTOR?

“O processo CorrecTor”, disse a imagem recortada de Curly Eberle, cuja jovem platéia dissolvera-se digitalmente num fundo uniforme de matéria cerebral da cor de carne de atum, “é uma terapia neurobiológica revolucionária!”

Eberle estava sentado numa cadeira de trabalho ergonômica, montado na qual, agora se revelava, podia flutuar e voar vertiginosamente através de um espaço gráfico que representava o oceânico mundo interior do intracrânio. Gânglios que lembravam algas, neurônios que lembravam lulas e capilares que lembravam enguias começaram a desfilar na tela.

“Concebido originalmente para pacientes atingidos por Parkinson, Alzheimer e outras doenças neurológicas degenerativas”, disse Eberle, “o processo CorrecTor revelou-se tão poderoso e versátil que deixou de ser apenas de uma terapia promissora para constituir-se numa promessa de *cura*, e cura não só

dessas terríveis enfermidades degenerativas, mas de uma verdadeira legião de males considerados tipicamente psiquiátricos ou até mesmo psicológicos. Em termos simples, pode-se dizer que o processo CorrecTor oferece, pela primeira vez, a possibilidade de renovar e *aperfeiçoar* as conexões de um cérebro humano adulto.”

“Eca”, disse Denise, franzindo o nariz.

Gary, àquela altura, já estava bastante familiarizado com o Processo CorrecTor. Tinha estudado a fundo o prospecto de lançamento da Axon e lido todas as análises da companhia que tinha conseguido encontrar na internet e através de serviços particulares que a CenTrust assinava. Analistas que acreditavam na baixa, conscientes das bruscas correções de rumo recentes no setor de biotecnologia, recomendavam evitar o investimento numa tecnologia médica ainda não testada que ainda estava a pelo menos seis anos de poder ser lançada no mercado. Com certeza um banco como o CenTrust, com seu dever fiduciário de atuar de forma conservadora, jamais investiria naquele primeiro lançamento. Mas os fundamentos da Axon eram muito mais saudáveis que os da maioria das empresas iniciantes de biotecnologia e, para Gary, o fato de a empresa ter-se dado o trabalho de comprar a patente de seu pai num estágio tão inicial do desenvolvimento do processo era um sinal de grande confiança empresarial. Via ali a oportunidade de ganhar algum dinheiro e vingar a vantagem que a Axon estava tirando de seu pai e, de maneira mais geral, de ser *ousado* onde Alfred fora *tímido*.

Ocorreu que em junho, quando começaram as crises das moedas estrangeiras, que passaram a cair como dominós, Gary tinha sacado a maior parte do dinheiro que aplicava em investimentos variados de fundos de crescimento europeu e asiático. O dinheiro estava disponível para um investimento na Axon; e já que o lançamento ao público só ocorreria dali a três meses, já que a pressão de compra ainda não tinha começado, e já que o prospecto continha algumas dubiedades que causariam dúvidas aos não-privilegiados, Gary não esperava ter qualquer problema para conseguir a reserva de cinco mil ações. Na verdade, porém, quase só encontrou problemas.

Seu corretor (com baixa comissão), que mal tinha ouvido falar da Axon, atrasou-se nas pesquisas e ligou de volta para Gary com a notícia de que o lote previsto para sua firma era, no total, de duas mil e quinhentas ações. Normalmente, uma corretora jamais destinaria mais do que cinco por cento de seu lote para um único cliente num momento tão inicial, mas como Gary tinha sido o primeiro a pedir, o corretor podia lhe reservar quinhentas ações. Gary fez pressão por mais, mas a triste realidade era que ele não chegava a ser um grande cliente. Geralmente investia na ordem de centenas de ações, e a fim de economizar em comissões fazia pequenas compras ele mesmo, pela internet.

Mas Caroline era uma grande investidora. Orientada por Gary, muitas vezes

comprava vários milhares de ações de cada vez. O corretor dela trabalhava para a maior corretora da Filadélfia, e não havia dúvida de que conseguiria encontrar quatro mil e quinhentas das futuras ações a serem lançadas pela Axon para uma cliente tão preciosa; era assim que a coisa funcionava. Infelizmente, desde a tarde de domingo em que ela começara a ter aquela dor nas costas, Gary e Caroline estavam o mais perto que um casal conseguia estar de não trocar palavra e ainda funcionar para os filhos. Gary estava decidido a conseguir todas as suas cinco mil ações da Axon, mas recusava-se a sacrificar seus princípios e voltar arrastando-se para a mulher, suplicando-lhe que investisse por ele.

Assim, em vez disso, telefonara a seu contato para a compra de ações de grandes empresas na Hevy & Hoddap, um sujeito chamado Pudgy Portleigh, e pedira uma reserva de cinco mil ações do lançamento em seu próprio nome. Ao longo dos anos, em seu papel fiduciário na CenTrust, Gary tinha comprado muitas ações de Portleigh, entre as quais alguns micos notórios. E Gary deu entender a Portleigh que a CenTrust poderia entregar-lhe uma proporção ainda maior de suas compras no futuro. Mas Portleigh, estranhamente evasivo, só tinha concordado em transmitir o pedido de Gary a Daffy Anderson, o encarregado do lançamento na Hevy & Hodapp.

Seguiram-se duas semanas enlouquecedoras, durante as quais Pudge Portleigh não retornava as ligações de Gary para confirmar a sua reserva. Os rumores em torno da Axon na internet estavam crescendo, transformando-se de murmúrio numa verdadeira trovoadas. Dois artigos importantes escritos pela equipe de Earl Eberle — “Estimulação Reverso-Tomográfica da Sinaptogênese em Trilhas Neurais Seleccionadas” e “Reforço Positivo Transitório em Circuitos Límbicos Privados de Dopamina: Progressos Clínicos Recentes” — foram publicados nas revistas *Nature* e *New England Journal of Medicine*, apenas com alguns dias de intervalo. Os dois artigos tiveram intensa repercussão na imprensa financeira, inclusive uma chamada de primeira página no *Wall Street Journal*. Um analista atrás do outro começou a emitir fortes sugestões de compra para a Axon, mas Portleigh continuava a não retornar as ligações de Gary, e Gary sentia as vantagens de sua informação privilegiada dissolverem-se a cada hora que passava...

1. TOME UM COQUETEL!

“... de ferrocitratos e ferroacetatos formulados especialmente para cruzar a barreira entre sangue e cérebro, e acumular-se nos interstícios celulares!”

Disse o vendedor invisível cuja voz se juntara à de Earl Eberle na trilha sonora do vídeo.

“Também misturamos um sedativo suave, que não cria dependência, e uma generosa porção de xarope de avelã Moccacino, cortesia da cadeia de cafés mais popular do país!”

Uma figurante da cena anterior da palestra, uma moça cujas funções

nerológicas não aparentavam apresentar qualquer problema, tomava com prazer manifesto e uma pulsação sensual dos músculos do pescoço um copo alto e suado de eletrólitos CorrecTor.

“Qual era a patente de papai?”, murmurou Denise para Gary. “O que de gel de ferroacetato?”

Gary confirmou com um aceno grave. “Eletropolimerização.”

De seus arquivos de correspondência em casa, que continham, entre outras coisas, todas as cartas que recebera tanto do pai quanto da mãe, Gary desencavara uma antiga cópia da patente de Alfred. Não tinha certeza de tê-la examinado, tão impressionado ficara com a descrição clara que o velho fizera da “anisotropia elétrica” em “certos tipos de gel ferro-orgânico” e com sua proposta de usar esses tipos de gel para “mapear minuciosamente” tecidos humanos vivos e criar um “contato elétrico direto” com “estruturas morfológicas finas”. Comparando os termos usados na patente com os da descrição do CorrecTor no websiterecém-reformado da Axon, Gary ficou chocado com o grau de semelhança. Era evidente que o processo de cinco mil de dólares patenteado por Alfred estava *no centro* de um processo com base no qual a Axon esperava levantar mais de duzentos milhões: como se ele já não tivesse razões de sobra para passar as noites em claro fumegando de raiva!

“Alô, Kelsey, é, Kelsey, quero doze mil Exxon por no máximo um zero quatro”, disse o jovem sentado à esquerda de Gary, de uma hora para outra e alto demais. O garoto tinha à sua frente um palmtopligado nas cotações, um fone no ouvido e o olhar esquizofrênico dos celularmente ocupados. “Doze mil Exxon, limite máximo um zero quatro”, disse ele.

Exxon, Axon, melhor tomar cuidado, pensou Gary.

2. PONHA OS FONES DE OUVIDO & LIGUE O RÁDIO!

“Você não vai ouvir nada — a menos que suas obturações captem a transmissão de algum jogo em AM”, brincou o vendedor enquanto a moça sorridente colocava em sua cabeça fotogênica um capacete de metal lembrando um secador de salão de beleza, “mas ondas de rádio estarão penetrando nos recessos mais distantes de seu crânio. Imagine uma espécie de GPS do cérebro: ondas de rádio que localizam e *estimulam seletivamente* as trilhas neuronais associadas a certas habilidades específicas. Como assinar seu nome. Subir escadas. Lembrar-se do seu aniversário de casamento. Pensar positivamente! Testado clinicamente em inúmeros hospitais de ponta a ponta dos Estados Unidos, os métodos reverso-tomográficos do dr. Eberle foram refinados mais ainda, de maneira a tornar esse estágio do Processo CorrecTor tão simples e indolor quanto uma visita ao cabeleireiro.”

“Até pouco tempo atrás”, intercedeu Eberle (ainda flutuando em sua cadeira num mar de sangue e matéria cinzenta virtuais), “meu processo precisava de uma noite de internação e da fixação física de um anel de aço calibrado no

crânio do paciente. Muitos pacientes achavam o procedimento inconveniente; outros sentiam algum desconforto. Agora, porém, os enormes avanços da tecnologia dos computadores tornou possível um processo que é *instantaneamente autocorretivo* quanto à localização de cada trilha neuronal submetida aos estímulos...”

“Kesley, você é o máximo!”, exclamou o jovem senhor Doze-Mil-Ações-da-Exxon.

Nas primeiras horas e nos primeiros dias que se seguiram à grande explosão dominical de Gary com Caroline, três semanas antes, os dois deram sinais de trégua. Bem tarde da noite daquele domingo, ela estendera o braço por sobre a zona desmilitarizada do colchão e tocara no quadril dele. Na noite seguinte, ele apresentara um pedido de desculpas quase completo no qual, embora se recusasse a ceder em relação à questão central, manifestava pesar e remorso pelos danos colaterais que causara, os sentimentos feridos, as distorções deliberadas e as acusações dolorosas, dando assim a Caroline uma amostra da torrente de ternura que a esperava caso ela apenas admitisse que, em relação à questão central, ele estava com a razão. Na manhã de terça-feira, ela chegara ao ponto de preparar o café de manhã para ele — torradas polvilhadas com canela, lingüiças e uma tigela de mingau de aveia coberto por passas formando um rosto com a boca comicamente voltada para baixo. Na manhã de quarta-feira ele lhe fizera um elogio, uma simples constatação de fato (“Você está linda”) que, embora não tenha chegado a constituir-se numa confissão clara de amor, servia como lembrança de uma base objetiva (a atração física) a partir da qual o amor poderia ser restaurado caso ela admitisse que, no que se referia à questão central, ele estava com a razão.

Mas nenhuma das tentativas cheias de esperança, nenhuma das investidas exploratórias, deu em nada. Quando ele apertou a mão que ela lhe oferecia e sussurrou que sentia muito pela dor que ela sentia nas costas, ela foi incapaz de dar o passo seguinte e admitir a possibilidade (bastaria uma simples “possibilidade”!) de as duas horas de futebol na chuva terem contribuído para a sua contusão. E quando ela agradeceu o elogio e perguntou-lhe se ele tinha dormido bem, ele foi incapaz de ignorar uma certa nota crítica e tendenciosa na voz dela, e entendeu que ela dizia que *Distúrbios do sono por períodos prolongados são um sintoma comum da depressão clínica, ah, e, aliás, você dormiu bem, querido?* e assim não se atreveu a admitir que, de fato, tinha dormido muito mal; disse apenas que tinha dormido muitíssimo bem, obrigado, Caroline, muitíssimo bem, *muitíssimo* bem.

Cada tentativa frustrada de negociação de paz diminuía as probabilidades de sucesso da abertura seguinte. Em pouco tempo, o que à primeira vista parecera a Gary uma possibilidade absurda — que o cofre do casamento deles não contivesse mais fundos suficientes de amor e boa vontade para cobrir os custos

emocionais que ir a Saint Jude acarretavam para Caroline ou que *deixar de ir* a Saint Jude acarretavam para ele — foi assumindo os contornos de um fato terrivelmente concreto. Ele começou a detestar Caroline simplesmente por continuar a brigar com ele. Detestava as reservas recém-descobertas de independência a que ela recorria a fim de resistir-lhe. E detestava especialmente o ódio devastador que ela sentia por *ele*. Poderia ter posto fim àquela crise num minuto, se para tanto fosse apenas necessário perdoá-la; mas ver refletido nos olhos dela o quanto ela o achava repugnante — aquilo o deixava louco, envenenava suas esperanças.

Felizmente, as sombras lançadas pela acusação de depressão, por mais extensas e escuras que fossem, ainda não tinham atingido sua sala de canto na CenTrust e o prazer que ele extraía de gerenciar seus gerentes, analistas e operadores. As quarenta horas que Gary passava no banco tinham-se transformado nas únicas horas que ele podia ter certeza de apreciar na semana. Começara até a brincar com a idéia de passar a trabalhar cinquenta horas por semana, o que porém não era tão fácil assim de fazer porque ao final de sua jornada de oito horas quase nunca restava literalmente qualquer trabalho por fazer em sua mesa, e ele estava bem consciente, além disso, de que passar horas demais no escritório para fugir da infelicidade doméstica era exatamente a armadilha em que seu pai tinha caído; tinha sido assim, sem dúvida, que Alfred começara a se automedicar.

Quando se casou com Caroline, Gary tinha jurado em segredo que jamais ficaria no trabalho além das cinco, e que jamais traria uma pasta cheia para casa à noite. Ao empregar-se num banco regional de tamanho médio, escolhera um dos caminhos de carreira menos ambiciosos que o detentor de um MBA da Wharton School poderia escolher. Num primeiro momento, sua intenção era simplesmente a de evitar os erros do pai — dar-se tempo de gozar a vida, de valorizar sua mulher, de brincar com os filhos — mas logo, ao mesmo tempo em que demonstrava ser um notável gerente de carteira, tornou-se mais especificamente alérgico à ambição. Colegas bem menos competentes do que ele estavam começando a trabalhar para fundos mútuos, tornando-se gerenciadores autônomos de dinheiro ou abrindo fundos próprios; mas também trabalhavam doze a catorze horas por dia, e todos tinham o estilo frenético e transpirante do competidor compulsivo. Gary, acolchoado pela herança de Caroline, tinha a liberdade de cultivar a desambição e de ser, como chefe, o pai perfeitamente severo e amoroso que em casa só conseguia ser pela metade. Exigia honestidade e excelência de seus subordinados. Em retribuição, oferecia instrução paciente, lealdade absoluta e a garantia de que jamais poria neles a culpa pelos erros que ele cometesse. Se sua gerente para aplicações em grandes empresas, Virginia Lin, recomendasse aumentar de seis para nove por cento a participação de ações de empresas de energia na carteira dos fundos de varejo

do banco, e Gary (como era de seu feitio) decidiu não mexer na composição atual, e se em seguida o setor de energia atravessasse uma série de trimestres excepcionais, ele envergava sua careta irônica de sou-uma-besta e pedia desculpas públicas a Lin. Felizmente, para cada uma de suas decisões erradas ele tomava duas ou três certas, e na história do universo nunca houve seis anos melhores para o mercado de ações do que os seis anos que ele passara dirigindo a Divisão de Mercado do CenTrust; só um perfeito idiota ou um bandido poderia fracassar. Com o sucesso garantido, Gary podia então dedicar-se a não sentir-se impressionado por seu chefe, Marvin Koster, e nem pelo chefe de Koster, Marty Breitenfeld, presidente do CenTrust. Gary nunca, jamais puxava o saco ou lisonjeava seus superiores. Na verdade, Koster e Breitenfeld tinham começado a mostrar-se deferentes para com *ele*, em questões de gosto e protocolo. Koster chegou quase a pedir a permissão de Gary para matricular sua filha mais velha em Abington Friends, em vez de Friends Select, e Breitenfeld abordara Gary na saída do mictório da diretoria para perguntar se ele e Caroline tinham a intenção de comparecer ao baile beneficente da Free Library ou se Gary tinha passado seus convites para alguma secretária...

3. RELAXE — ESTÁ TUDO NA SUA CABEÇA!

Curly Eberle reapareceu em sua cadeira de trabalho intracraniana, trazendo a maquete de plástico de uma molécula de eletrólito nas mãos. “Uma das propriedades notáveis dos géis de ferrocitrato/ferroacetato”, disse ele, “é que, submetidas ao estímulo de ondas de rádio de baixa frequência, suas moléculas podem transformar-se espontaneamente em polímeros. E o mais notável ainda é que esses polímeros podem revelar-se bons condutores de impulsos elétricos.”

O Eberle virtual continuava a exibir um sorriso benigno enquanto, no torvelinho sangrento à sua volta, ondas ansiosas se formavam e passavam. Como se essas ondas fossem as notas iniciais de um minueto ou de uma quadrilha, todas as moléculas ferrosas se dispuseram em longas fileiras gêmeas de pares.

“Estes microtúbulos condutores de duração efêmera”, disse Eberle, “tornam concebível o que antes era inconcebível: uma interface químico-digital direta, quase em tempo real.”

“Formidável”, Denise sussurrou para Gary. “É o que papai sempre quis.”

“O que, que lhe roubassem uma fortuna?”

“Ajudar os outros”, disse Denise. “Fazer a diferença.”

Gary poderia ter mencionado que, se o velho tivesse realmente vontade de ajudar alguém, podia ter começado pela própria mulher. Mas Denise tinha uma visão bizarra e inabalável de Alfred. Não valia a pena morder aquela isca.

4. OS RICOS FICAM AINDA MAIS RICOS!

“É verdade, algum canto ocioso do cérebro pode servir de oficina para o Diabo”, disse o vendedor, “mas as trilhas neuronais ociosas são ignoradas pelo processo CorrecTor. Já em todos os pontos onde alguma coisa está acontecendo,

o CorrecTor atua para fazê-la acontecer com mais intensidade! *Ajudando os ricos a ficarem ainda mais ricos!*”

De todos os pontos do Salão de Baile B ouviram-se risos, aplausos e gritos entusiasmados de aprovação. Gary sentiu que seu sorridente e ovacionante vizinho da esquerda, o senhor Doze-Mil-Ações-da-Exxon, olhava em sua direção. O sujeito devia estar-se perguntando por que Gary não aplaudia. Ou talvez estivesse intimidado pela elegância informal das roupas de Gary.

Para Gary, um elemento essencial de não ser um trabalhador competitivo e transpirante era vestir-se como se não precisasse de trabalhar: como se fosse um cavalheiro que só por acaso gostasse de passar pelo escritório e ajudar os outros. Por uma questão de *noblesse oblige*.

Estava usando um paletó esporte verde-alcaparra de seda mista, uma camisa de linho cru e calças pretas sem pregas; seu telefone celular estava desligado, surdo a todas as chamadas. Reclinou um pouco sua cadeira e passou o salão de baile em revista para confirmar que, de fato, ele era o único homem presente sem gravata, mas o contraste entre ele e a massa deixava muito a desejar. Poucos anos antes, aquele salão seria uma verdadeira floresta de ternos azuis de risca-de-giz, tipo uniforme mafioso, camisas bicolores e mocassins com pendentes de couro. Mas agora, nos anos tardios e maduros do longo surto de prosperidade, até os jovens suburbanos iniciantes de Nova Jersey já compravam ternos italianos feitos à mão, e óculos de primeira linha. Tanto dinheiro tinha inundado o sistema que jovens de vinte e seis anos para quem Andrew Wyeth era um fabricante de móveis e Winslow Homer um personagem de desenho animado vestiam-se como a aristocracia de Hollywood...

Oh, misantropia e amargura. Gary queria tirar prazer de ser um homem rico e ocioso, mas o país não lhe facilitava o projeto. À toda sua volta, milhões de milionários recém-cunhados também aspiravam a sentir-se extraordinários — a comprar a casa vitoriana perfeita, a descer esquiando a encosta virgem, a conhecer pessoalmente o chef, a saber onde ficava a praia sem pegadas. E havia ainda dezenas de milhões de jovens americanos que não tinham dinheiro mas ainda assim perseguiram a Perfeição. E enquanto isso, a triste verdade era que nem todo mundo podia ser fora do comum, que nem todo mundo podia ser perfeito; se fosse assim, quem sobraria para ser comum? Quem iria desempenhar o papel ingrato de ser comparativamente *im*perfeito?

Bem, ainda havia os habitantes do coração da América: os motoristas de camionete de Saint Jude, quinze a vinte quilos acima do peso e usando roupas de moletom em tons pastel, ostentando adesivos contrários ao aborto e cortes de cabelo prussianos. Mas nos anos recentes Gary vinha observando, com uma ansiedade cumulativa de placa tectônica, que a população continuava a deixar o Meio-Oeste rumo ao litoral. (Ele próprio fazia parte daquele êxodo, é claro, mas tinha-se exilado cedo e, no fim das contas, a antiguidade lhe valia algum

privilégio.) Ao mesmo tempo, todos os restaurantes de Saint Jude vinham se emparelhando aos carros-chefes europeus (de um momento para o outro, as faxineiras tinham passado a conhecer tomates secos, de um momento para o outro criadores de porcos conheciam *crème brûlée*), os compradores do shopping próximo à casa de seus pais exibiam um ar muito semelhante ao dele, de quem tinha direito àquilo sem esforço, e os artigos eletrônicos de consumo à venda em Saint Jude eram tão poderosos e elegantes quanto os de Chestnut Hill. Gary desejava que toda a migração adicional rumo à costa pudesse ser proibida, e que todos os nativos do Meio-Oeste fossem estimulados a retornar à comida doméstica, às roupas deselegantes e aos jogos caseiros, de maneira a preservar uma reserva nacional de ignorância, uma terra da falta de gosto que permitisse às pessoas privilegiadas, como ele, sentirem-se para sempre extremamente civilizadas...

Mas *basta*, disse ele a si mesmo. Um desejo de ser especial aniquilador demais, o desejo de reinar absoluto em sua superioridade, era mais um Sinal de Advertência da Depressão clínica.

E no fim das contas o senhor Doze-Mil-Ações-da-Exxon não estava olhando para ele, e sim para as pernas nuas de Denise.

“Os filamentos de polímero”, explicava Eberle, “associam-se quimiotaticamente às trilhas neuronais ativas e, assim, facilitam a descarga do potencial elétrico. Ainda não compreendemos plenamente o mecanismo, mas o efeito é tornar qualquer ação que o paciente precise desempenhar mais fácil e *mais prazerosa* de repetir e sustentar. A produção desse efeito, mesmo que passageiro, já seria um feito clínico extraordinário. Aqui na Axon, porém, encontramos um modo de tornar esse efeito *permanente*.”

“Vejam”, ronronou o vendedor.

5. AGORA É A SUA VEZ DE TRABALHAR UM POUCO!

Enquanto uma figura humana de desenho animado levava à boca uma xícara de chá, certas trêmulas trilhas neuronais acenderam-se dentro de sua cabeça desenhada. E então a figura tomou os eletrólitos CorrecTor, vestiu um capacete Eberle e tornou a erguer a xícara. Pequenos microtúbulos cintilantes apareceram em cor nas trilhas ativas, que começaram a brilhar intensamente com luz e força. Firme como uma rocha, a mão de desenho animado pousou a xícara de chá em seu pires.

“Precisamos inscrever papai para os testes”, sussurrou Denise.

“Como assim?”, disse Gary.

“Isso serve para o mal de Parkinson. Pode ajudar no caso dele.”

Gary suspirou, como um pneu que perde seu ar. Como é que aquela idéia incrivelmente óbvia não tinha ocorrido a ele? Sentiu-se envergonhado e, ao mesmo tempo, obscuramente ressentido com Denise. Dirigiu um sorriso ameno ao monitor de vídeo, como se não tivesse escutado o que ela dissera.

“Depois que as trilhas são identificadas e estimuladas”, disse Eberle, “fica faltando apenas um pequeno passo para a correção morfológica efetiva. E aqui, como em qualquer campo da medicina atual, *o segredo está nos genes.*”

6. LEMBRA-SE DAS PÍLULAS QUE VOCÊ TOMOU M S PASSADO?

Três dias antes, na tarde de sexta-feira, Gary finalmente conseguira falar com Pudge Portleigh, na Hevy & Hodapp. A voz de Portleigh parecia extremamente assustada.

“Gary, desculpe, a coisa aqui está delirante”, disse Portleigh, “mas escute aqui, meu amigo, eu falei com Daffy Anderson, conforme você me pediu. Daffy disse que não vê problema, que podemos sem dúvida nenhuma reservar quinhentas ações para um bom cliente do CenTrust. E então está tudo bem, meu amigo? Estamos de acordo?”

“Não”, respondeu Gary. “Nós falamos de cinco mil, e não quinhentas.”

Portleigh ficou em silêncio por alguns instantes. “Merda, Gary. Eu me confundi. Achei que você tinha dito quinhentas.”

“Você repetiu para mim. E disse cinco mil. E disse que estava anotando tudo.”

“Só para eu me lembrar — é na sua conta, ou na conta do CenTrust?”

“Na minha.”

“Escute, Gary, você precisa fazer o seguinte. Ligue para o Daffy, explique a situação, explique a confusão, e veja se ele consegue separar mais quinhentas. Até aí eu vou com você. Quer dizer, o erro foi meu, eu não tinha idéia de como isso ia ser. Mas você precisa entender que Daffy vai estar tirando comida da boca de outra pessoa para dar para você. É um documentário do Nature Channel, Gary. Os passarinhos todos de boca bem aberta. Eu! Eu! Eu! Posso ajudar você a conseguir mais quinhentas, mas você tem de fazer o seu barulho. Tudo bem, meu amigo? Estamos de acordo?”

“Não, Pudge, não estamos de acordo”, disse Gary. “Você se lembra que eu tirei das suas mãos vinte mil ações da Adelson Lee refinanciada? Nós também aceitamos...”

“Gary, Gary, não faça isto comigo”, disse Pudge. “Eu sei perfeitamente. Acha que eu esqueci da Adelson Lee? Deus do céu, por favor, ainda me tira o sono. O que estou tentando dizer a você é que quinhentas ações da Axon podem parecer uma sobra para você, mas não são uma sobra. É o máximo que o Daffy vai poder lhe arrumar.”

“Uma brisa refrescante de honestidade”, disse Gary. “Agora me diga de novo que você esqueceu que eu disse cinco mil.”

“Está bem, eu sou um escroto. Obrigado por me dizer. Mas não tenho como conseguir mais de mil para você no total sem precisar pedir lá em cima. Se você quiser cinco mil, Daffy vai precisar de uma ordem direta de Dick Hevy. E já que você falou da Adelson Lee, Dick vai me lembrar que o CoreStates ficou com

quarenta mil, o First Delaware trinta mil, a TIAA-CREF pegou cinquenta, e assim por diante. O cálculo aqui é cru assim, Gary. Você nos ajudou até vinte, nós vamos ajudar você até quinhentas. Quer dizer, posso tentar falar com Dick, se você quiser. E pode ser que eu consiga mais quinhentas com Daffy só dizendo a ele que, olhando para ele hoje, você jamais diria que ele já foi careca. Ah, o milagre do Rogaine. Mas esse é o tipo de negócio em que Daffy dá uma de Papai Noel. Ele sabe como foi o comportamento de cada um, bom ou mau. E ele sabe especialmente para quem cada um trabalha. Para falar a verdade, em troca do tipo de consideração que você está querendo, o que você precisa é triplicar o tamanho da conta da sua instituição.”

O tamanho, ah, como era importante. A menos que promettesse comprar alguns micos notórios com o dinheiro do CenTrust numa data futura (e isto poderia fazê-lo perder seu emprego), Gary não tinha mais qualquer poder sobre Pudge Portleigh. No entanto, ainda tinha um certo poder *moral*, diante do subpagamento da patente de Alfred pela Axon. Acordado até muito tarde na noite passada, ele tinha afiado as palavras da mensagem clara e bem medida que pretendia transmitir à direção da Axon naquela tarde: *Quero que me olhem nos olhos e me digam que a oferta que fizeram ao meu pai era razoável e justa. Meu pai tinha razões pessoais para aceitar essa oferta; mas eu sei o que vocês fizeram com ele. Estão entendendo? Não sou um velhinho do Meio-Oeste. Eu sei o que vocês fizeram. E eu acho que vocês entendem que eu não podia ir embora daqui hoje sem um compromisso firme de venda de cinco mil ações. E eu também poderia insistir num pedido de desculpas. Mas só estou propondo um negócio claro e direto entre adultos. E que, aliás, não vai lhes custar nada. Zero. Niente. Nothing.*

“Sinaptogênese!” , exclutou o vendedor da Axon.

7. NÃO É UM DOS LIVROS DA BÍBLIA!

Os investidores profissionais do Salão de Baile B riram e riram.

“Será que isso pode ser uma armação?”, perguntou Denise a Gary.

“E por que comprar a patente de papai para uma armação?”, disse Gary.

Ela balançou a cabeça. “Isso tudo me deixa com vontade, sei lá, de ir para a cama.”

Gary compreendia aquela sensação. Não dormia bem havia três semanas. Seu ciclo circadiano estava 180 graus defasado, passava as noites inteiras superexcitado e os dias inteiros com os olhos coçando, e achava cada vez mais difícil acreditar que seu problema não fosse neuroquímico, mas pessoal.

Como ele fizera bem, ao longo desses meses todos, em esconder de Caroline os muitos Sinais de Advertência! Como era precisa sua intuição de que um déficit putativo do Neurofator 3 iria abalar a legitimidade de seus argumentos de ordem moral! Caroline agora conseguia camuflar a animosidade que cultivava em relação a ele sob a forma de “preocupação” com a sua “saúde”. As volumosas forças convencionais com que ele contava para a guerra doméstica não eram

páreo para aquele armamento biológico. Cruelmente, ele atacava a *pessoa* dela; ela, heroicamente, atacava a *doença* dele.

A partir dessa vantagem estratégica, Caroline fizera então uma série de brilhantes movimentos táticos. Quando Gary traçou seus planos de batalha para o primeiro fim de semana de hostilidades, supôs que Caroline adotaria uma postura defensiva, como fizera no fim de semana anterior — entregar-se a jogos adolescentes com Aaron e Caleb e incitá-los a zombar do velho Papai Sabe Nada. Assim, na noite de quinta-feira, ele armou-lhe uma emboscada. Propôs-lhe, de supetão, ir andar de *mountain bike* com Aaron e Caleb nos Poconos no domingo, partindo ao amanhecer para um dia inteiro de confraternização entre machos mais velhos do qual Caroline não poderia participar *porque estava com dor nas costas*.

O movimento com que Caroline respondeu foi endossar a proposta dele com entusiasmo. Insistiu com Aaron e Caleb para irem *aproveitar aquele tempo com o pai deles*. Deu uma ênfase curiosa a esta frase, fazendo Aaron e Caleb entoar em resposta, quase em coro, “Andar de *mountain bike*, oba, papai, legal!”. E imediatamente Gary percebeu o que estava havendo. Entendeu por que, na noite de segunda-feira, Aaron tinha vindo falar com ele e desculpar-se unilateralmente por ter dito que ele era “horrível”, e por que, na terça-feira, Caleb, pela primeira vez em meses, tinha vindo convidá-lo para jogar pebolim, e por que Jonah, na quarta-feira, tinha trazido para ele, sem que ele tivesse dito nada, numa bandeja forrada de cortiça, um segundo martíni preparado por Caroline. E percebeu por que seus filhos vinham-se mostrando tão cordatos e solícitos: *porque Caroline lhes dissera que o pai deles estava lutando contra a depressão clínica*. Que jogada brilhante! E ele não duvidou nem por um segundo de que aquela jogada não passasse de uma jogada — de que a “preocupação” de Caroline fosse puro fingimento, uma tática de guerra, um modo de evitar passar o Natal em Saint Jude —, porque continuava a não ver nem calor nem afeto por ele, nem mesmo uma débil fagulha, nos olhos dela.

“Você disse aos meninos que eu estou deprimido?”, Gary perguntou a ela no escuro, do outro lado de sua cama de cem metros quadrados. “Caroline? Você mentiu para eles sobre o meu estado mental? É por isso que todo mundo está sendo tão gentil de repente?”

“Gary”, disse ela. “Eles estão sendo gentis porque querem ir andar de *mountain bike* com você no domingo.”

“Estou sentindo um cheiro esquisito nessa história.”

“Sabe, você está ficando seriamente paranóico.”

“Merda, merda, merda!”

“Gary, estou ficando com medo.”

“Você está fodendo com a minha cabeça! E não existe golpe mais baixo do

que este. Não existe truque mais sujo.”

“Por favor, escute o que você mesmo está dizendo.”

“Responda a minha pergunta”, insistiu ele. “Você disse a eles que eu estava ‘deprimido’? ‘Passando por um mau momento’?”

“Bem... e não está?”

“Responda o que eu perguntei!”

Mas ela não respondeu a pergunta do marido. Não disse nada mais naquela noite, embora ele repetisse a pergunta por meia hora, fazendo uma pausa de um ou dois minutos a cada vez para permitir que ela respondesse, mas nada.

Na manhã do passeio de bicicleta, ele estava tão destruído pela falta de sono que sua ambição era a de simplesmente funcionar do ponto de vista físico. Enfiou três bicicletas no imenso e seguríssimo Ford Stomper de Caroline e dirigiu duas horas, descarregou as bicicletas e pedalou muitas milhas por trilhas ocultas. Os meninos corriam na frente. No momento em que ele os alcançava, eles já tinham descansado e estavam prontos para seguir em frente. Não falaram nada, mas exibiram uma expressão de expectativa amistosa, como se Gary pudesse ter alguma confissão a fazer. A situação neuroquímica dele era um tanto periclitante, porém não encontrou nada para dizer além de “vamos comer os sanduíches” e “só mais uma subida, e depois vamos voltar”. Ao anoitecer, carregou as bicicletas novamente no Stomper, dirigiu duas horas e descarregou as bicicletas em meio a um acesso de ANEDONIA.

Caroline saiu da casa e contou aos filhos mais velhos como ela e Jonah tinham se divertido. Declarou-se convertida aos livros de Nárnia. Depois disso, ela e Jonah passaram a noite toda conversando sobre “Aslan” e “Cair Paravel” e “Reepicheep”, e sobre a sala de chat só para crianças sobre Nárnia que ela tinha localizado na internet, e sobre o site de C. S. Lewis que tinha uns jogos online bacanas para jogar e montes de produtos bacanas de Nárnia para encomendar.

“Existe um CD-ROM do *Príncipe Cáspio*”, contou Jonah a Gary, “que eu queria muito ter para poder jogar.”

“Parece mesmo um jogo interessante e bem concebido”, disse Caroline. “E eu mostrei a Jonah como ele podia encomendar.”

“Tem um Armário?”, disse Jonah. “E basta apontar e clicar para passar pelo Armário e entrar em Nárnia? E depois um monte de coisas bacanas do lado de dentro?”

Profundo foi o alívio de Gary na manhã seguinte quando ele conseguiu entrar batendo um pouco, como um iate maltratado pelo mau tempo, no porto seguro de sua semana de trabalho. Não havia nada a fazer além de tapar os buracos da melhor maneira possível, manter o rumo, e não ficar deprimido. Apesar das sérias perdas, continuava confiante na vitória. Desde a primeira briga que tivera com Caroline, vinte anos antes, quando ficara sentado sozinho em seu

apartamento assistindo a um jogo interminável de beisebol dos Phillies e ouvindo o telefone tocar a cada dez minutos, a cada cinco minutos, a cada dois minutos, ele entendera que no íntimo do coração pulsante de Caroline havia uma insegurança desesperada. Mais cedo ou mais tarde, se ele contivesse o seu amor, ela viria bater em seu peito com os punhos pequenos, e deixaria que as coisas corresse como ele queria.

No entanto, Caroline não dava sinal de enfraquecimento. Tarde da noite, quando Gary estava enlouquecido demais e furioso demais para sequer fechar os olhos, quanto mais dormir, ela se recusava, educadamente mas com firmeza, a brigar com ele. Mantinha-se particularmente irredutível em sua recusa a falar sobre o Natal; disse que ouvir Gary falar a respeito era como ficar vendo um alcoólatra beber.

“O que você quer de mim?”, perguntou-lhe Gary. “Diga o que quer que eu lhe diga.”

“Eu quero que você assuma a responsabilidade pela sua saúde mental.”

“Meu Deus, Caroline. Resposta errada, resposta errada.”

Enquanto isso, Discórdia, a deusa dos embates maritais, mexera seus pauzinhos junto à indústria do transporte aéreo. Um anúncio de página inteira na *Inquirer* falava de uma redução radical nos preços das passagens aéreas da Midland Airlines, entre elas uma tarifa de US\$198 para uma passagem de ida e volta entre a Filadélfia e Saint Jude. Só havia quatro datas lotadas no final de dezembro; ficando só mais um dia no Natal, Gary podia levar e trazer toda a família de Saint Jude (sem escalas!) por menos de mil dólares. Pediu à sua agência de viagens que lhe reservasse cinco passagens, renovando diariamente as opções. Finalmente, na manhã de sexta-feira, com a validade da oferta esgotando-se à meia-noite, ele avisou a Caroline que estava comprando os bilhetes. Seguindo sua política estrita de exclusão do Natal, Caroline virou-se para Aaron e perguntou-lhe se ele tinha estudado para a prova de espanhol. De seu escritório no CenTrust, no espírito da guerra de trincheiras, Gary ligou para a agência de viagens e autorizou a compra. Depois ligou para o seu médico e pediu-lhe um remédio para ajudá-lo a dormir, uma receita para pouco tempo, alguma coisa um pouco mais poderosa que as coisas que se podia comprar sem receita. O dr. Pierce respondeu que não achava muito boa idéia receitar-lhe um remédio para dormir. Caroline, disse Pierce, dissera de passagem que Gary podia estar deprimido, e não havia remédio para dormir que servisse para isto. Não seria bom Gary passar por lá para conversar um pouco sobre como vinha se sentindo?

Por algum tempo, depois de desligar, Gary permitiu-se imaginar como seria estar divorciado. Mas três retratos brilhantes e idealizados de seus filhos, mais a sombra de uma horda de medos financeiros a bater suas asas de morcego, expulsaram a idéia de sua mente.

Num jantar, no sábado, ele revirou o armário de remédios de seus amigos Drew e Jamie, na esperança de encontrar alguma coisa tipo Valium, mas não teve sorte.

Na véspera, Denise tinha ligado para ele e insistido, com uma frieza assustadora, que ele fosse almoçar com ela. Disse que tinha estado com Enid e Alfred em Nova York no sábado. Disse que Chip e a namorada tinham deixado os velhos com ela e desaparecido.

Gary, insone na noite anterior, havia se perguntado se episódios desse tipo eram o que Caroline tinha em mente quando descrevia Chip como um homem “com a honestidade” de dizer o que era ou não era capaz de “tolerar”.

“As células são geneticamente reprogramadas para liberar o fator de crescimento nervoso só quando forem localmente ativadas!” Disse alegremente o simulacro em vídeo de Earl Eberle.

Uma jovem modelo irresistível, com o crânio envolto por um Capacete Eberle, estava amarrada a um aparelho que reprogramava seu cérebro para que este dissesse a suas pernas que andassem.

Uma modelo com uma expressão invernal, uma expressão de misantropia e amargor, empurrou para cima os cantos dos lábios enquanto a inserção ampliada de uma animação revelava, no interior de seu cérebro, o florescimento de dendritos, a produção de novas ligações sinápticas. Em pouco tempo ela já era capaz de sorrir, hesitante, sem precisar dos dedos. Em mais alguns momentos, seu sorriso era arrebatador.

CORRECTOR: É O FUTURO!

“A Axon Corporation tem a felicidade de deter cinco patentes norte-americanas que protegem esta poderosa plataforma tecnológica”, disse Earl Eberle para a câmera. “Estas patentes, e mais outras oito em fase de registro, formam uma barreira intransponível para a salvaguarda dos cento e cinquenta milhões de dólares que gastamos até hoje em pesquisa e desenvolvimento. A Axon é a líder mundial reconhecida nesse campo. Temos uma trajetória de seis anos com fluxo de caixa positivo e um ingresso de receita que esperamos ver chegar a oitenta milhões de dólares no próximo ano. Os investidores potenciais podem ter a certeza de que cada centavo de cada dólar que vamos levantar em 15 de dezembro será aplicado no desenvolvimento deste produto maravilhoso, e potencialmente histórico.”

“CorrecTor: é o Futuro!”, disse Eberle.

“É o Futuro!”, ecoou o vendedor.

“É o Futuro!”, entoou em coro a turma de lindas alunas com seus óculos de estudiosas.

“Eu gostava mais do passado”, disse Denise, virando a garrafinha de meio litro de água mineral importada que cada convidado recebera.

Na opinião de Gary, havia gente demais respirando o ar do Salão de Baile B.

Alguns tipos de problema de ventilação. Quando as luzes se acenderam com força total, as pessoas silenciosas encarregadas do serviço espalharam-se por entre as mesas trazendo os pratos do almoço debaixo de tampas para mantê-los aquecidos.

“Quase certeza de que é salmão”, disse Denise. “Não, tenho certeza absoluta de que é salmão.”

Levantando-se de suas cadeiras de *talk-show* e dirigindo-se para a frente do palco havia três figuras que lembraram a Gary, estranhamente, sua lua-de-mel na Itália. Ele e Caroline tinham ido visitar uma catedral em algum lugar da Itália, talvez Siena, em cujo museu havia grandes estátuas medievais de santos que antes ficavam no telhado da catedral, todos com um braço levantado como um candidato presidencial acenando para os eleitores, e todos portando um sorriso santo de *certeza*.

O mais velho dos três beatíficos representantes, um homem de rosto rosado e óculos sem armação, estendeu uma das mãos como se quisesse abençoar os presentes.

“Muito bem!”, disse ele. “Muito bem! Meu nome é Joe Prager. Sou o advogado desta operação na Bragg Knuter. À minha esquerda está Merilee Finch, a presidente da Axon, e à minha direita Daffy Anderson, diretor de operações da Hevy & Hodapp. Tínhamos a esperança de que Curly fosse se dignar a estar aqui conosco hoje, mas ele é o homem do momento, e está sendo entrevistado pela CNN exatamente neste instante. Então eu vou fazer algumas advertências aqui — pisca-pisca-pisca — e depois passar a palavra para Daffy e Merilee.”

“Isso, Kelsey, fale comigo, meu bem, fale comigo”, gritou o jovem vizinho de Gary.

“A primeira advertência”, disse Prager, “é que todos devem fazer o favor de levar em conta que estou enfatizando que os resultados que Curly conseguiu são extremamente preliminares. Isto aqui é a Fase Um da pesquisa, meus amigos. Alguém não me ouviu? Alguém lá atrás?” Prager esticou o pescoço e acenou com os dois braços para as mesas mais distantes, entre elas a de Gary. “Com todas as letras: isto aqui é a *Fase Um* da pesquisa. A Axon ainda não tem, e não está tentando dar a entender que tem de maneira nenhuma, a aprovação da FDA para a Fase Dois de testes. E o que vem depois da Fase Dois? A Fase Três! E depois da Fase Três? Um processo de revisão em vários estágios que pode adiar o lançamento do produto por até mais três anos. Meus amigos, atenção, estamos falando de resultados clínicos que são *extremamente interessantes* mas *extremamente preliminares*. Por isso, muito cuidado. Certo? Pisca, pisca, pisca. Certo?”

Prager precisava de muito esforço para manter uma expressão séria. Merilee Finch e Daffy Anderson estavam contendo seus sorrisos como se eles também

cultivassem uma culpa ou uma religião secreta.

“Segunda advertência”, disse Prager. “Uma apresentação institucional em vídeo não é um prospecto de lançamento. As afirmações que Daffy fizer aqui hoje, da mesma forma que as afirmações de Merilee, serão de improviso e, mais uma vez, *não um prospecto...*”

O pessoal de serviço abordou a mesa de Gary e entregou-lhe um prato de salmão sobre um leito de lentilhas. Denise recusou seu prato com um gesto.

“Você não vai comer?”, sussurrou Gary.

Ela balançou a cabeça.

“Denise, francamente.” Ele sentiu-se inexplicavelmente ofendido. “Você bem que podia me acompanhar.”

Denise olhou-o no rosto com uma expressão ilegível. “Estou um pouco enjoada.”

“Quer ir embora?”

“Não. Só não quero comer.”

Aos trinta e dois anos, Denise ainda era linda, mas as longas horas ao pé do fogão tinham começado a cozinhar sua pele jovem, transformando-a numa espécie de máscara de terracota que deixava Gary um pouco mais ansioso cada vez que a via. Ela era sua irmãzinha mais nova, afinal. Seus anos de fertilidade e desposabilidade iam passando com uma rapidez que chamava a atenção dele e que ela, suspeitava ele, nem percebia. A carreira dela lhe parecia um encanto maligno sob cuja influência ela trabalhava dezesseis horas por dia e não tinha qualquer vida social. Gary temia — reivindicava, na qualidade de irmão mais velho, o *direito* de temer — que Denise só fosse despertar daquele feitiço quando já estivesse velha demais para criar uma família.

Ele comeu o salmão depressa, enquanto ela tomava a água importada.

No palco, a presidente da Axon, uma loura quarentona com a combativa inteligência de um reitor universitário, falava dos efeitos colaterais. “Além de dores de cabeça e náusea, que eram de se esperar”, disse Merilee Finch, “ainda não encontramos mais nada. Vale a pena lembrar que a nossa tecnologia de base vem sendo amplamente usada há vários anos, sem que ninguém tenha relatado qualquer efeito deletério significativo.” Finch apontou um dedo para o salão. “Pode falar. O Armani cinza.”

“CorrecTor não é o nome de um laxativo?”

“Bem”, disse Finch, concordando vigorosamente com a cabeça. “Com uma grafia diferente, mas é verdade. Curly e eu cogitamos de mais ou menos dez mil nomes diferentes antes de perceber que a marca não tinha a menor importância para um paciente com Alzheimer, ou com Parkinson, ou para um sujeito terrivelmente deprimido. Podemos até usar o nome de Carcino-Amianto que eles ainda assim vão fazer de tudo para conseguir o remédio. Mas a visão de Curly, e a razão pela qual ele decidiu correr o risco com as piadas de purgante e essas

coisas, é que daqui a vinte anos não vai mais existir nenhuma prisão nos Estados Unidos, graças a este método. Quer dizer, de maneira bem realista, estamos vivendo a era das grandes descobertas médicas. Não temos dúvidas de que vão existir outras terapias concorrentes para os pacientes de Alzheimer e Parkinson. E é possível que algumas dessas terapias sejam lançadas no mercado antes do CorrecTor. Assim, para a maioria dos distúrbios do cérebro, o nosso produto vai ser apenas mais uma arma do arsenal. É claro que vai ser *a melhor* das armas, mas ainda assim vai ser apenas mais uma dentre muitas. Por outro lado, no que diz respeito à doença social, ao cérebro do criminoso, não existe mais nenhuma opção em vista. Ou CorrecTor ou a prisão. E por isso é um nome voltado para o futuro. Estamos reivindicando a descoberta de todo um novo hemisfério. Estamos plantando a bandeira espanhola na praia.”

Ouviu-se um murmúrio numa mesa distante, à qual estava instalado um contingente desleigante e vestido em tweed, talvez administradores de algum fundo de pensão, talvez gente do departamento de bolsas das universidades de Temple ou da Pensilvânia. Uma senhora em forma de cegonha levantou-se da mesa e gritou: “E qual é a idéia, reprogramar o criminoso reincidente para que ele goste de limpar o chão?”

“É uma opção factível”, disse Finch. “É um uso potencial, embora talvez não seja o melhor.”

A senhora que contestara não acreditou no que estava ouvindo. “Não é o *melhor*? É um *absurdo*, do ponto de vista ético.”

“Tudo bem, o país é livre, sempre se pode investir em fontes alternativas de energia”, respondeu Finch, fazendo piada, porque a maioria dos ouvintes estava do lado dela. “Ações de empresas de pesquisa de energia geotérmica. Energia solar no mercado futuro, muito barata, muito correta. O seguinte, por favor? O senhor de camisa rosa?”

“Vocês estão sonhando”, persistiu a dissidente aos gritos, “se acham que o povo americano...”

“Querida”, interrompeu Finch, em vantagem por causa de seu microfone de lapela e do sistema de som, “o povo americano é a favor da pena de morte. Acha que ele vai se opor a uma alternativa socialmente construtiva como esta? Daqui a dez anos vamos ver quem está sonhando. Sua vez, camisa rosa da mesa três. Pode dizer.”

“Com licença”, insistiu a dissidente, “mas estou tentando lembrar aos seus investidores em potencial que a Oitava Emenda à Constituição...”

“Obrigada. Muito obrigada”, disse Finch, com um sorriso de mestre-de-cerimônias um pouco mais tenso. “Já que a senhora tocou no assunto do castigo cruel e incomum, posso lhe sugerir que saia caminhando alguns quarteirões para o norte, até a Avenida Fairmount. Pode ir olhar a Penitenciária Estadual do Leste, a primeira prisão moderna do mundo, inaugurada em 1829, isolamento em

solitária por até vinte anos, uma impressionante proporção de suicídios, efeito corretivo zero, e, só para que ninguém se esqueça, *ainda o modelo básico para as instalações correcionais de hoje nos Estados Unidos*. Curly não vai estar falando disso na CNN, meus amigos. Vai estar falando do milhão de americanos que têm mal de Parkinson e dos quatro milhões que têm o mal de Alzheimer. O que eu estou lhes dizendo aqui não é para consumo do público em geral. Mas é fato que uma alternativa cem por cento voluntária ao encarceramento pode ser tudo, menos cruel e incomum. De todas as aplicações potenciais do CorrecTor, esta é a mais humanitária. Atende à *visão liberal*: auto-aperfeiçoamento genuíno, permanente e voluntário.”

A dissidente, sacudindo a cabeça com a ênfase dos irredutíveis, já estava deixando o salão de baile. O senhor Doze-Mil-Ações-da-Exxon, junto ao ombro esquerdo de Gary, cobriu a boca com a mão e começou uma vaia.

Jovens em outras mesas seguiram seu exemplo, vaiando a mulher e rindo com ar superior, divertindo-se como espectadores esportivos e, temia Gary, acentuando o desprezo de Denise pelo mundo em que ele se movia. Denise se inclinara para a frente e fitava o Doze-Mil-Ações-da-Exxon francamente boquiaberta.

Daffy Anderson, um sujeito com o físico de um jogador de defesa de futebol americano, com grossas costeletas e um campo de fios curtos de textura diferente acima delas, tinha dado um passo à frente para responder a perguntas sobre o dinheiro. Declarou-se *bastante satisfeito com o alto número de subscritos*. Disse que aquele lançamento estava quente como um *Curry de Vindaloo* ou *Dallas em Julho*. Recusou-se a divulgar o preço que a Hevy & Hodapp planejava pedir por cada ação da Axon. Falou de *preço justo* e — pisca, pisca — *deixar o mercado decidir*.

Denise tocou no ombro de Gary e apontou para uma mesa por trás do palco, na qual era possível ver Merilee Finch sozinha, de pé, enchendo a boca de salmão. “Nossa presa está se alimentando. Hora de dar o bote.”

“Para quê?”, perguntou Gary.

“Inscrever papai para os testes.”

Não havia nada na idéia da participação de Alfred na segunda fase do estudo que agradasse a Gary, mas ocorreu-lhe que deixando Denise abordar a questão da doença de Alfred, deixando que ela despertasse alguma solidariedade pelos Lambert e lançasse a idéia de que tinham direito moral aos favores da Axon, ele poderia aumentar suas chances de conseguir as suas cinco mil ações.

"Você fala", disse ele, levantando-se. "E depois eu tenho uma pergunta para ela."

Enquanto ele e Denise se deslocavam na direção do palco, várias cabeças se viraram para admirar as pernas dela.

"Qual foi a parte que você não entendeu de 'sem comentários'?", perguntou Daffy a alguém da plateia, fazendo piada.

As bochechas da presidente da Axon estavam inchadas como as de um esquilo. Merilee Finch cobriu a boca com um guardanapo e, com ar desconfiado, encarou os Lambert que a abordavam. "Estou com *tanta* fome", disse ela. Era o pedido de desculpas de uma mulher magra por comportar-se como alguém que tem um corpo. "Vamos arrumar mais algumas mesas daqui a alguns minutos, se quiserem esperar."

"É uma questão semiparticular", disse Denise.

Finch engoliu com dificuldade — talvez constrangimento, talvez mastigação insuficiente. "Pois não?"

Denise e Gary apresentaram-se, e Denise mencionou a carta que Alfred recebera.

"Eu estava precisando *comer* alguma coisa", explicou Finch, enchendo a boca de lentilhas. "Acho que foi Joe quem escreveu para o seu pai. Estou supondo que esteja tudo acertado por lá. Ele pode conversar com vocês, se ainda tiverem alguma dúvida."

"A nossa pergunta é mais para a senhora", disse Denise.

"Me desculpem, só mais uma garfada." Finch mastigou seu salmão com movimentos laboriosos da mandíbula, engoliu novamente e deixou cair o guardanapo no prato. "Em relação à patente, vou ser franca; estamos pensando em simplesmente desrespeitá-la. É o que todo mundo faz. Mas Curly é inventor também. E quis fazer a coisa certa."

"Falando francamente", disse Gary, "a coisa certa teria sido oferecer mais."

A língua de Finch explorou a área por baixo de seu lábio superior como um gato debaixo do cobertor. "Pode ser que tenham uma idéia um pouco exagerada da importância do que seu pai fez", disse ela. "Muitos pesquisadores estavam estudando esse tipo de gel nos anos sessenta. A descoberta da anisotropia elétrica foi creditada de um modo geral, pelo que eu sei, a uma equipe de Cornell. E eu também entendi, pelo que Joe me disse, que a descrição da patente não é específica. Nem sequer se refere ao cérebro; fala só de 'tecidos do corpo humano'. A justiça é o direito do mais forte, em matéria de lei de patentes. Acho

que a nossa oferta foi bastante generosa."

Gary fez sua expressão de sou-uma-besta e olhou para o palco, onde Daffy Anderson estava cercado por uma verdadeira multidão de admiradores e suplicantes.

"O nosso pai estava de acordo com a oferta", disse Denise a Finch em tom tranquilizador. "E ele vai ficar satisfeito quando souber o que vocês estão fazendo."

A aliança das mulheres, aquele tom agradável, deixou Gary um tanto nauseado.

"Eu esqueci que hospital ele trabalha", disse Finch.

"Não trabalha em hospital", respondeu Denise. "Ele era engenheiro ferroviário. Tinha um laboratório no porão de casa."

Finch ficou surpresa. "Ele fez este trabalho amadoristicamente?"

Gary não sabia qual era a versão de Alfred que o deixava com mais raiva: o velho tirano mesquinho que tinha feito uma descoberta brilhante no porão e deixara escapar uma verdadeira fortuna, ou o amador errático de porão que, sem querer, tinha replicado o trabalho de químicos de verdade, gastara o escasso dinheiro da família para registrar e manter uma patente de descrição vaga e a quem, agora, ofereciam uma migalha caída da mesa de Earl Eberle. As duas versões o deixavam furioso.

Talvez tenha sido melhor, afinal, o velho ter ignorado o conselho de Gary e aceitado o dinheiro.

"Meu pai tem mal de Parkinson", disse Denise.

"Oh, sinto muitíssimo."

"Bem, e nós pensamos que talvez fosse possível incluí-lo nos testes do seu produto."

"É bem possível", disse Finch. "Precisamos falar com Curly. Gosto do lado humano dessa história. O seu pai mora aqui perto?"

"Em Saint Jude."

Finch franziu as sobrancelhas. "Só vai funcionar se ele puder vir a Schwenksville duas vezes por semana por pelo menos seis meses."

"Nenhum problema", disse Denise, virando-se para Gary. "Não é?"

Gary estava detestando cada palavra daquela conversa. Saúde saúde, mulher mulher, gentil gentil, fácil fácil. Não respondeu.

"Como ele está mentalmente?", perguntou Finch.

Denise abriu a boca, mas num primeiro momento nenhuma palavra saiu.

"Está bem", disse ela, recuperando-se. "Está... bem."

"Alguma demência?"

Denise franziu os lábios e balançou a cabeça. "Não. Às vezes ele fica um pouco confuso, mas ..., não."

"A confusão pode ser da medicação", disse Finch, "e neste caso podemos

resolver. Mas a demência com corpos de Lewy está além do alcance dos testes da segunda fase. O mal de Alzheimer também."

"A cabeça dele funciona bastante bem", disse Denise.

"Bem, se ele for capaz de seguir instruções simples e estiver disposto a viajar em janeiro, Curly pode fazer uma força para incluir seu pai entre os voluntários. Isso pode dar uma boa história."

Finch estendeu um cartão de visitas, apertou calorosamente a mão de Denise, menos calorosamente a mão de Gary, e caminhou para a multidão que cercava Daffy Anderson.

Gary seguiu-a e pegou-a pelo cotovelo. Ela se virou, assustada.

"Escute, Merilee", disse ele em voz baixa, como se dissesse *Agora vamos ser realistas, entre adultos podemos dispensar essa baboseira de gentilezas*. "Fico feliz de saber que você acha que o meu pai pode 'dar uma boa história'. E é muita generosidade de vocês terem oferecido cinco mil dólares a ele. Mas eu acho que vocês precisam de nós mais do que nós precisamos de vocês."

Finch acenou para alguém e levantou um dedo; daqui a um minuto estariam lá. "Na verdade", disse ela a Gary, "nós não precisamos de vocês nem um pouco. Não sei do que o senhor está falando."

"Minha família quer comprar cinco mil ações do seu lançamento."

Finch riu como se fosse uma executiva que trabalhasse oitenta horas por semana. "E todo mundo neste salão também", disse ela. "É por isso que existem os bancos de investimento. Se me dá licença..."

Ela se libertou e afastou-se. Gary, no aperto de tantos corpos, tinha dificuldade para respirar. Estava furioso consigo mesmo por ter *pedido*, furioso por ter deixado Denise vir à apresentação, furioso por ser um Lambert. Tomou o rumo da saída mais próxima sem esperar por Denise, que veio correndo atrás dele.

Entre o Four Seasons e o prédio de escritórios próximo ficava um jardim empresarial tão luxuosamente plantado e impecavelmente conservado que podia ser apenas uma imagem virtual num paraíso de cybercompras. Os dois Lambert cruzavam o parque quando a raiva de Gary encontrou uma brecha pela qual podia dar vazão. E ele disse, "Não sei onde você acha que papai vai ficar hospedado se tiver de vir aqui."

"Parte do tempo comigo, parte com você", disse Denise.

"Você nunca está em casa", disse ele. "E todo mundo sabe que papai não quer passar mais de quarenta e oito horas na minha casa."

"Mas não vai ter nada a ver com o Natal passado", disse Denise. "Pode acreditar. A impressão que eu tive no sábado..."

"E além disso, como é que ele vai até Schwenksville duas vezes por semana?"

"Gary, o que é que você está dizendo? Não quer que ele participe?"

Dois empregados de escritório, percebendo o enfrentamento entre duas

partes exaltadas, levantaram-se e deixaram vazio um banco de mármore. Denise encostou-se no banco e cruzou os braços num gesto intransigente. Gary descrevia um pequeno círculo em passos curtos, com as mãos nas cadeiras.

"Papai passou os últimos dez anos", disse ele, "sem fazer *nada* para cuidar de si mesmo. Fica sentado naquela porra de poltrona azul, cheio de pena de si mesmo. Não sei por que você acha que, de repente, ele vai começar a..."

"Bom, se ele achasse que podia haver uma cura..."

"O que, para ele poder passar mais cinco anos deprimido e morrer infeliz aos oitenta e cinco em vez de oitenta anos? Vai fazer muita diferença?"

"Talvez ele esteja deprimido porque está doente."

"Desculpe, Denise, mas essa não. Conversa. Ele está deprimido desde antes da aposentadoria. Já estava deprimido quando tinha uma saúde perfeita."

Uma fonte murmurava ali perto, gerando uma razoável privacidade. Uma pequena nuvem desgarrada invadira o quadrante do céu privado delimitado pelos telhados circunvizinhos. A luz era costeira e difusa.

"O que você faria", disse Denise, "se mamãe ficasse chateando você sete dias por semana, dizendo que é para você sair de casa, ficasse espionando tudo que você faz e agisse como se a escolha do tipo de poltrona em que você se senta fosse uma questão moral? Quanto mais ela diz para ele se levantar, mais ele fica sentado. Quanto mais ele fica sentado, mais ela..."

"Denise, você está vivendo num mundo de fantasia."

Ela olhou com ódio para Gary. "Não fale comigo nesse tom superior. Não é menos fantasia achar que o papai é uma velha máquina gasta. Ele é uma pessoa, Gary. Tem vida interior. E ele é legal, pelo menos comigo..."

"Comigo a coisa é diferente", disse Gary. "E a mamãe, ele trata com a violência egoísta de um covarde. E eu digo que se ele quiser ficar sentado naquela poltrona e dormir até o fim da vida, tudo bem. Gosto muito da idéia. Sou mil por cento a favor desta idéia. Mas primeiro vamos tirar a poltrona de uma casa de três pisos que está caindo aos pedaços e perdendo todo o valor. Vamos melhorar um pouco a qualidade de vida da mamãe. Só isso, e daí ele pode ficar sentado na poltrona com pena de si mesmo até o dia de São Nunca."

"Ela adora aquela casa. Aquela casa é a *qualidade* de vida dela."

"Porque ela também vive num mundo de fantasia! Até parece que faz alguma diferença ela adorar a casa, quando precisa passar vinte e quatro horas por dia tomando conta do velho."

Denise franziu as sobrancelhas e soprou uma mecha de cabelos da testa. "Você é que está vivendo na terra da fantasia", disse ela. "Está achando que eles vão ficar satisfeitos morando num apartamento quarto-e-sala numa cidade onde só conhecem eu e você. Sabe para quem isto é melhor? Para *você*."

Ele ergueu as mãos para o alto. "Quer dizer que é melhor para mim! Estou cansado de me preocupar com aquela casa em Saint Jude. Estou cansado de

viajar para lá toda hora. Estou cansado de ouvir mamãe se queixar de como está tudo ruim para ela. Uma situação que seja conveniente para você e para mim é melhor que uma situação que não é conveniente para *ninguém*. Mamãe está vivendo com um sujeito que está fisicamente acabado. *Acabado*, no fim, *finito*, ponto final, liquidado. E ainda assim ela cismou que basta ele se esforçar mais para que tudo melhore e a vida volte a ser como antes. O que ninguém está vendo é que *nunca mais vai voltar a ser como antes*."

"Você nem quer que ele melhore."

"Denise." Gary cingiu os olhos. "Foram cinco anos antes de ele ficar doente. E o que ele fazia? Ficava assistindo ao noticiário local e esperando mamãe fazer a comida dele. É este o mundo real. E *eu* quero que eles saiam daquela casa..."

"Gary."

"*Eu* quero que eles venham morar num condomínio de aposentados por aqui, e *eu* não vejo o menor problema em admitir isso."

"Gary, preste atenção." Denise inclinou-se para a frente com um ímpeto de boa vontade que só fez deixá-lo ainda mais irritado. "Papai pode vir e ficar comigo seis meses. Os dois podem vir ficar comigo, eu trago comida em casa no almoço e no jantar, não é muito complicado. Se ele melhorar, eles voltam para casa. Se ele não melhorar, eles vão ter seis meses para resolver se gostam de morar na Filadélfia. Qual é o problema?"

Gary não sabia qual era o problema. Mas já conseguia imaginar os odiosos comentários de Enid sobre a excelência de Denise. E uma vez que era impossível imaginar Caroline e Enid dividindo amigavelmente uma casa por seis dias sequer (quanto mais seis semanas, quanto mais seis meses), Gary não podia, nem mesmo por mera formalidade, oferecer-se para hospedar os pais.

Ergueu os olhos para a intensidade da brancura que assinalava o quanto o sol estava próximo de um dos cantos do prédio de escritórios. Os canteiros de crisântemos, begônias e lírios à toda volta eram como lindas figurantes de biquíni num videoclipe, plantadas já em plena perfeição floral e destinadas a ser novamente arrancadas antes de terem a oportunidade de perder as pétalas, adquirir manchas castanhas ou deixar cair as folhas. Gary sempre tinha apreciado os jardins empresariais como cenário para o desfile dos privilégios, como metonímias do desvelo, mas era indispensável não superestimá-los. E era indispensável evitá-los nos momentos de necessidade.

"Sabe, pouco me importa", disse ele. "O plano é ótimo. E se você quer arcar com o trabalho, melhor."

"Pode deixar que eu arco com o 'trabalho'", disse Denise depressa. "E o Natal? Papai quer mesmo que vocês vão até lá."

Gary riu. "Quer dizer que ele também está envolvido."

"Ele quer por causa de mamãe. E ela está querendo muito."

"Claro que ela está querendo. Ela é Enid Lambert. E o que mais Enid

Lambert quer, além de um Natal em Saint Jude?"

"Bom, eu vou estar lá", disse Denise, "e vou tentar fazer Chip ir também, e acho que vocês cinco também deviam ir. Acho que devíamos nos reunir todos, por eles."

O ligeiro tremor da virtude em sua voz deixou os dentes de Gary de sobreaviso. Um sermão sobre o Natal era a última coisa de que ele precisava naquela tarde de outubro, com a agulha de seu mostrador de Fator 3 bem próxima do E vermelho que indicava o tanque vazio.

"Papai disse uma coisa estranha no sábado", continuou Denise. "Ele disse, 'Não sei quanto tempo eu ainda tenho.' Os dois falavam como se fosse a última chance dos dois de organizar um Natal. Uma coisa carregada."

"Bem, mamãe sempre coloca as coisas", disse Gary um tanto agitado, "de modo a conseguir o máximo de coerção emocional."

"É verdade. Mas também acho que ela está sendo sincera."

"Claro que sim!", disse Gary. "E eu vou pensar no assunto. Mas Denise, não é *muito fácil* levar nós cinco para lá. Não é muito fácil! Não quando todo mundo prefere ficar aqui. Concorda? Concorda?"

"Eu sei, estou de acordo", persistiu Denise calmamente. "Mas seria só dessa vez."

"Já disse que vou pensar. É só o que dá para fazer agora, está bem? Vou pensar! Vou pensar! Está bem?"

Denise ficou intrigada com a explosão. "Está bom. Ótimo. Obrigada. Mas o que acontece..."

"O que é que acontece?", disse Gary, dando três passos para longe dela e virando-se de repente. "Diga o que é que acontece."

"Eu só estava pensando..."

"Sabe, já estou meia hora atrasado. Preciso voltar para o escritório."

Denise virou os olhos na direção dele, e deixou a boca aberta sem terminar a frase.

"Vamos só *acabar* esta conversa", disse Gary.

"Bem, sem querer falar como a mamãe, eu..."

"Tarde demais! Hein? Hein?", ele surpreendeu-se gritando com uma jovialidade louca, com as mãos para cima.

"Sem querer falar como a mamãe, mas... você não vai demorar muito para decidir a compra das passagens. Pronto, falei."

Gary começou a rir, mas conteve o riso antes que perdesse o controle dele. "Bem pensado!", disse ele. "Tem razão! Preciso decidir depressa! Preciso comprar as passagens! Bem pensado!" Bateu palmas como um treinador incentivando seus atletas.

"Algum problema?"

"Não, você tem razão. Precisamos todos ir passar um último Natal em Saint

Jude antes que eles vendam a casa ou que papai fique muito mal ou que alguém morra. Nada a discutir. Precisamos ir todos. É óbvio. Você tem toda razão."

"Então eu não estou entendendo por que você ficou tão nervoso."

"Não estou nervoso com nada!"

"Está bom. Ótimo." Denise fitou-o serenamente. "Então vou lhe perguntar mais uma coisa. Quero saber por que mamãe está com a impressão de que eu estou tendo um caso com um homem casado."

Uma pulsação de culpa, uma onda de choque, passou por Gary. "Não tenho a menor idéia", disse ele.

"Você por acaso disse a ela que estou envolvida com um homem casado?"

"Como é que eu podia dizer uma coisa dessas? Eu não sei de nada sobre a sua vida particular!"

"Bem, mas você sugeriu alguma coisa? Fez alguma insinuação?"

"Denise, francamente." Gary estava recobrando sua compostura de pai, sua aura de indulgência de irmão mais velho. "Você é a pessoa mais reservada que eu conheço. Com base em que eu poderia dizer alguma coisa a ela?"

"Mas você insinuou?", perguntou ela. "Porque alguém andou sugerindo. Alguém pôs essa idéia na cabeça dela. E me ocorreu que uma vez eu te disse uma coisinha que você pode ter entendido mal e passado para ela. E, Gary, eu e ela já temos problemas suficientes sem você para botar idéias na cabeça dela."

“Sabe, se você não fosse tão misteriosa...”

“Eu não sou ‘misteriosa’.”

“Se você não fosse tão reservada”, disse Gary, “talvez não tivesse esses problemas. Até parece que você *quer* que as pessoas saiam falando sobre você.”

“Interessante, você não está respondendo a minha pergunta.”

Ele expirou devagar por entre os dentes. “Não imagino de onde mamãe pode ter tirado esta idéia. Eu não disse nada a ela.”

“Muito bem”, disse Denise, pondo-se de pé. “Então ‘vou à luta’. Você vai pensar no Natal. E a gente se encontra quando mamãe e papai chegarem aqui. Até mais.”

Decidida e determinada, ela tomou o rumo da saída mais próxima, não tão depressa a ponto de trair sua raiva, mas rápido o suficiente para Gary não poder alcançá-la sem ter de sair correndo. Ele esperou um minuto para ver se ela voltaria. Quando ela não voltou, ele foi embora do jardim e tomou o caminho do escritório.

Gary tinha ficado lisonjeado quando sua irmã mais nova escolhera um *college* na mesma cidade onde ele e Caroline tinham comprado a casa de seus sonhos. Ficara animado com a idéia de apresentar Denise (exibi-la, na realidade) a seus amigos e colegas. Imaginara que ela viria à Seminole Street mensalmente para jantar e que ela e Caroline seriam como irmãs. Imaginara que sua família toda, até mesmo Chip, acabaria instalando-se na Filadélfia. Imaginara sobrinhas e sobrinhos, reuniões dominicais e jogos de salão, longos natais nevados em Seminole Street. Ele e Denise já viviam na mesma cidade havia quinze anos, e ele tinha a impressão de que mal sabia quem ela era. Ela nunca lhe pedia nada. Por mais cansada que estivesse, nunca chegava em Seminole Street sem trazer flores ou uma sobremesa para Caroline, dentes de tubarão ou revistas em quadrinhos para os meninos, uma piada de advogado ou de gênio da lâmpada para Gary. Não havia modo de ela deixar de lado seus modos corretos, de transmitir a ela a decepção que ele sentia porque, do rico futuro que ele imaginara para a família, quase *nada* tinha acontecido.

Um ano antes, num almoço, Gary contara a ela que tinha um “amigo” casado (na verdade, um colega de trabalho, Jay Pascoe) que mantinha um caso com a professora de piano das filhas. Gary disse que era capaz de entender o interesse recreativo do amigo no caso (Pascoe não tinha qualquer intenção de deixar a mulher), mas que não entendia por que a professora de piano aceitava a situação.

“Quer dizer que você não consegue imaginar”, disse Denise, “por que uma mulher possa querer ter um caso com você?”

“Não estou falando de mim”, disse Gary.

“Mas você é casado e tem filhos.”

“Estou dizendo que não entendo o que essa mulher vê num sujeito que ela

sabe que é mentiroso e fingido.”

“Ela deve achar muito feio a mentira e o fingimento em geral”, disse Denise.
“Mas abre uma exceção para o sujeito por quem está apaixonada.”

“Uma espécie de auto-engano.”

“Não, Gary, o amor funciona assim.”

“Bom, pode ser que ela tenha uma chance de ter sorte e acabar casando depressa com um cara rico.”

O ataque à inocência liberal de Denise com uma aguçada verdade econômica pareceu deixá-la triste.

“Você vê um sujeito que tem filhos”, disse ela, “e vê como ele fica feliz de ser pai, e se sente atraída por essa felicidade. A impossibilidade atrai. Sabe, a segurança das coisas que não têm saída.”

“Até parece que você sabe do que está falando”, disse Gary.

“Emile é o único homem sem filhos por quem eu já me senti atraída.”

Aquilo deixou Gary interessado. Sob o abrigo da obtusidade fraterna, arriscou-se a perguntar. “E você, está saindo com quem agora?”

“Com ninguém.”

“Por acaso não está com um cara casado?”, brincou ele.

O rosto de Denise ficou um tom mais pálido e dois tons mais corado enquanto estendia a mão para pegar o copo d’água. “Não estou saindo com ninguém”, disse ela. “Tenho trabalhado muito.”

“Eu só espero que você lembre”, disse Gary, “que a vida não é só cozinhar. Você já chegou a um ponto em que precisa começar a pensar no que realmente quer, e em como vai fazer para conseguir.”

Denise contorceu-se na cadeira e pediu a conta ao garçom com um gesto. “Pode ser que eu me case logo com um cara rico”, disse ela.

Quanto mais Gary pensava no envolvimento de sua irmã com homens casados, mais furioso ele ficava. Mesmo assim, ele não devia ter falado daquilo com Enid. A revelação se deu por causa do gim tomado de estômago vazio enquanto ouvia a mãe cantar loas a Denise na época do Natal, poucas horas antes de a rena mutilada vir à luz e do presente que Enid comprara para Caroline aparecer numa lata de lixo como um bebê assassinado. Enid louvava o generoso multimilionário que estava financiando o novo restaurante de Denise e a tinha mandado passar dois meses numa luxuosa viagem de degustação pela França e Europa central, louvava as extensas jornadas de trabalho de Denise, sua dedicação e seu sentido de economia, e a seu modo dissimuladamente comparativo vituperava o “materialismo” de Gary, sua “ostentação” e sua “obsessão com dinheiro” — como se ela própria não tivesse um cifrão na cabeça! Como se ela própria, caso tivesse tido a oportunidade, não teria comprado uma casa como a de Gary e a decorado de maneira muito parecida! Ele quis dizer para ela: *Dos seus três filhos, minha vida é de longe a mais parecida*

com a sua! Eu consegui o que você me ensinou a querer! E agora você resolveu que não aprova!

Mas o que ele disse afinal, quando o espírito do zimbó finalmente ferveu, foi: “Por que você não pergunta a Denise com quem ela anda dormindo? Pergunte a ela se o sujeito é casado ou se tem filhos”.

“Acho que ela não está vendo ninguém”, disse Enid.

“Estou dizendo”, disse o espírito do zimbó, “pergunte a ela se alguma vez ela não se envolveu com um homem casado. Acho que a honestidade obriga você a perguntar antes de apontar para ela como se fosse um exemplo dos valores do Meio-Oeste.”

Enid cobriu as orelhas, “não quero saber dessa história”.

“Tudo bem, não precisa, pode enterrar a cabeça na areia!”, retorquiram em fúria os espíritos descuidados. “Só não quero mais ficar ouvindo essa conversa fiada sobre o anjo que ela é.”

Gary sabia que tinha traído o código de honra entre irmãos. Mas achava até bom tê-lo traído. Achava até bom que Denise estivesse voltando a ter de agüentar alguma pressão da parte de Enid. Sentia-se cercado, aprisionado, por mulheres que o reprovavam.

Havia, é claro, um modo óbvio de libertar-se: podia dizer *sim* em vez de *não* a uma das muitas secretárias e passantes e vendedoras que, em qualquer semana, reparavam em sua altura e em seus cabelos grisalhos cor de xisto, em sua jaqueta de couro e em suas calças francesas de alpinismo, e olhavam para ele como se lhe dissessem: *A chave está debaixo do capacho*. Mas ainda não havia no mundo uma xoxota que ele preferisse *lamber*, cabelos que ele preferisse *cerrar no punho* como um dourado cordão de campainha, nenhum olhar em que ele preferisse *fixar o seu* durante o gozo, que os de Caroline. O único resultado garantido de ter um caso seria acrescentar mais uma mulher reprovadora em sua vida.

No vestibulo da CenTrust Tower, na Market Street, juntou-se a uma multidão de seres humanos perto dos elevadores. Pessoal administrativo e especialistas em informática, auditores e engenheiros apertadores de teclas, voltando de almoços tardios.

“Leão está entrando no seu ascendente”, disse a mulher mais próxima de Gary. “Muito boa hora para compra. Leão rega ofertas nas lojas.”

“E onde fica o nosso Salvador nisso tudo?”, perguntou a mulher com quem a primeira falara.

“Também é uma boa hora para pensar no Salvador”, respondeu calmamente a primeira mulher. “A época do leão é muito boa para isso.”

“Suplementos de lutécio combinados com megadoses de vitamina E parcialmente hidrogenada!”, disse uma terceira pessoa.

“Ele programou o rádio-relógio dele”, disse uma quarta pessoa, “de um jeito

que eu nem sei se dá para fazer isso, mas ele programou para despertar tocando a rádio WMIA exatamente onze minutos depois de cada hora. A noite inteira.”

Finalmente chegou um elevador. Quando a massa de humanidade entrou, Gary pensou na possibilidade de esperar uma cabine menos povoada, uma viagem em que pululassem menos mediocridade e odores corporais. Entrando pela Market Street porém, chegava uma jovem especialista em planejamento imobiliário que nos meses recentes vinha dirigindo a ele sorrisos do tipo fale-comigo, toque-me. Para evitar contato com ela, ele quase se atirou entre as portas do elevador que se fechavam. Mas as portas bateram em seu pé e tornaram a abrir-se. E a jovem especialista em planejamento imobiliário apertou-se ao lado dele.

“O profeta Jeremias, minha filha, *esse* falou do Leão. Aparece aqui neste panfleto.”

“São 3h11 da madrugada e os Clippers estão vencendo os Grizzlies por 146 a 145, faltando doze segundos da terceira prorrogação.”

Nenhuma reverberação num elevador lotado. Cada som era abafado por roupas e carnes e penteados. O ar pré-respirado. A cripta quente demais.

“Esse panfleto é coisa do Demônio.”

“Você pode ler na hora do café, minha filha. Não tem mal nenhum.”

“Os dois times da lanterna tentando melhorar a posição do handicap deles perdendo este jogo de final de temporada, que de resto não tem qualquer sentido.”

“O lutécio é uma terra-rara, elemento muito raro e da terra, e é puro porque é elementar.”

“E se ele ajustasse o relógio para as 4h11 podia ouvir todos os últimos placares e só precisaria acordar uma vez. Mas estão disputando a Copa Davis em Sydney, dão os resultados de hora em hora, e ele não ia querer ficar sem saber.”

A jovem especialista em planejamento imobiliário era baixinha, tinha um rosto bonito e o cabelo pintado de hena. Sorriu para Gary como se o convidasse a falar. Parecia vir do Meio-Oeste, e feliz de estar ao lado dele.

Gary fixou o olhar em nada e tentou ficar sem respirar. Sentia um incômodo crônico com o T que emergia, numa erupção, no meio do nome CenTrust. Queria empurrar aquele T com força de volta para dentro, como um bico de seio, mas quando conseguiu abaixá-lo não ficou satisfeito. Ficou com *cent-rust*: a ferrugem numa moeda de um centavo.

“Mas minha filha, não é uma religião substituta. É uma coisa *suplementar*. Isaías já falava do Leão. Do Leão de Judá.”

“Um torneio *pro-am* na Malásia com um sujeito muito na frente, mas pode mudar entre 2h11 e 3h11. Não posso *perder*.”

“A minha fé não precisa de substituição.”

“Mas Sheri, minha filha, está com cera no ouvido? Escute só. Não. É.

Religião. Substituta. É *suplementar*.”

“Deixa a pele aveludada e viva e ainda reduz os ataques de pânico em dezoito por cento!”

“Mas eu não sei o que Samantha acha do despertador ficar tocando do lado do travesseiro dela oito vezes por noite.”

“Eu só estou dizendo que está numa boa hora para fazer compras, é isso.”

Ocorreu a Gary, enquanto a jovem especialista em planejamento imobiliário encostava-se nele para deixar um bando de encalorados humanos sair do elevador, enquanto ela encostava os cabelos tingidos de hena nas costelas dele com uma intimidade maior do que parecia estritamente necessário, que uma outra razão de ele ter permanecido fiel a Caroline ao longo de vinte anos de casamento fora sua aversão cada vez maior ao contato físico com outros seres humanos. É verdade que ele adorava a fidelidade; é verdade que tirava um prazer erótico de sua adesão àquele princípio; mas podia ser que em algum ponto intermediário entre seu cérebro e seus culhões algum fio estivesse ficando solto, porque ao mesmo tempo em que despia e violentava mentalmente aquela ruivinha, seu pensamento dominante era de como ele iria achar abafado e insalubre o local de sua infidelidade — um armário de guardados cheio de bactérias coliformes, um vestibulo do Marriott com sêmen seco nas paredes e nas colchas, o banco de trás, arranhado e pelando de quente do VW ou do Plymouth adorável que ela certamente possuía, o carpete repleto de ácaros de seu acanhado apartamento de profissional iniciante em Montgomeryville ou Conshohocken, todos locais quentes demais, subventilados, sugerindo desagradavelmente verrugas genitais e clamídia — e que luta seria respirar, como a carne dela seria quente, como seriam escassos e predestinados ao fracasso os esforços dele para camuflar o desprezo...

Ele pulou para fora do elevador no décimo sexto, inalando a plenos pulmões o ar condicionado central.

“Sua mulher ligou várias vezes”, disse sua secretária, Maggie. “Pedi para o senhor retornar assim que chegasse.”

Gary pegou uma pilha de recados na caixa da mesa de Maggie. “Ela disse o que era?”

“Não, mas parecia nervosa. Mesmo depois de eu dizer que o senhor não estava, ela continuou ligando.”

Gary fechou-se em seu escritório e percorreu os recados. Caroline tinha ligado à 1h35, 1h40, 1h50, 1h55 e às 2h10; eram 2h25. Deu um soco triunfal na palma da mão. Finalmente, finalmente, o primeiro sinal de desespero.

Ligou para casa e perguntou: “O que houve?”

A voz de Caroline estava trêmula. “Gary, tem algum problema com o seu celular. Eu tentei ligar para o celular mas não respondia. Qual é o problema?”

“Eu desliguei.”

“Está desligado há quanto tempo? Estou tentando há uma hora, e agora está na hora de ir pegar os meninos mas não quero sair de casa. Não sei o que fazer!”

“Carol. Me diga qual é o problema.”

“Tem alguém do outro lado da rua.”

“Quem é?”

“Não sei. Uma pessoa num carro, não sei. Está sentada lá há uma hora.”

A ponta do pau de Gary ardia como a ponta acesa de uma vela. “Bem”, disse ele, “você foi ver quem era?”

“Estou com medo”, disse Caroline. “E a polícia me disse que era uma via pública.”

“Eles têm razão. É uma via pública.”

“Gary, alguém voltou a roubar o cartaz da Neverest!” Estava praticamente aos soluços. “Cheguei em casa ao meio-dia e não estava mais lá. Daí olhei para fora e vi esse carro, e tem gente no banco da frente.”

“Que tipo de carro?”

“Uma perua das grandes. Antiga. Nunca vi antes.”

“O carro já estava aí quando você chegou em casa?”

“Não sei! Mas agora eu preciso ir buscar o Jonah e não quero sair de casa, com o cartaz sumido e o carro do lado de fora...”

“Mas o sistema de alarme está funcionando, não está?”

“Mas e se eu chegar em casa e eles ainda estiverem aqui e eu encontrar eles aqui dentro...”

“Caroline, querida, calma. Primeiro você iria ouvir o alarme...”

“Vidro quebrado, um alarme tocando, alguém encurralado, essa gente anda armada...”

“Calma, calma. Escute aqui. Caroline? Você vai fazer o seguinte. Caroline?” O medo na voz dela e a necessidade que o medo sugeria o estavam deixando tão excitado que ele precisou beliscar-se por cima do pano das calças, um beliscão para lembrar-se da realidade. “Ligue para mim pelo celular”, disse ele. “Fique na linha, vá pegar o seu carro e saia da garagem. Se tiver que falar com alguém, não abra a janela. Eu vou estar com você o tempo todo. Está bom?”

“Está bem, está bem. Eu vou ligar.”

Enquanto esperava, Gary ficou pensando no calor, no sabor salgado e na maciez de pele de pêssego do rosto de Caroline depois que ela chorava, o som dela engolindo seu muco lacrimal, e a receptividade de sua boca, nesse momento, para acolher a dele. Ficar sem sentir nada, nem a mais fraca pulsação, no rato morto pelo qual ele se livrava da urina, por três semanas, acreditar que ela nunca mais precisaria dele e que ele nunca mais haveria de querê-la, e então, de um momento para o outro, ficar quase tonto de desejo: era assim o casamento dele. Seu telefone tocou.

“Estou no carro”, disse Caroline do espaço auricular semelhante a uma

cabine da telefonia móvel. “Estou saindo de ré.”

“Você pode anotar o número da placa dele, também. Escreva num papel antes de chegar perto dele. Deixe ele ver que você está anotando.”

“Está bem. Está bem.”

Em escala reduzida, ele ouviu o ronco de animal avantajado da camionete dela, o *om* cada vez mais alto de sua transmissão automática.

“Ah, merda, Gary, ele sumiu”, choramingou ela, “sumiu! Não estou vendo! Deve ter me visto saindo de casa e foi embora!”

“Mas é ótimo, muito bom, é o que você queria.”

“Não, porque ele vai dar a volta no quarteirão e voltar quando eu tiver ido embora!”

Gary acalmou-a e disse a ela como podia se aproximar em segurança da casa quando voltasse com os meninos. Prometeu que ia deixar o celular ligado e chegar em casa cedo. Evitou comparar a saúde mental dela com a sua.

Deprimido? Ele não estava nada deprimido. Sinais vitais da exuberante economia americana escorriam digitalmente por sua tela de TV dividida em muitas janelas. A Orfic Midland subiu um ponto e três oitavos no dia. O dólar ria do euro, pouco se lixando para o iene. Virginia Lin entrou em sua sala e propôs venderem um bloco de ações da Exxon a 104. Do outro lado do rio, Gary via a planície inundável de Camden, Nova Jersey, cuja profunda ruína, vista do alto e de longe, dava a impressão de um piso de cozinha do qual o linóleo fora raspado. O sol brilhava orgulhoso ao sul, uma fonte de alívio; Gary ficava muito irritado quando seus pais vinham visitá-lo numa época em que o clima do litoral leste era péssimo. O mesmo sol estaria iluminando o cruzeiro deles, em algum ponto ao norte do Maine. Num canto de sua tela de TV apareceu a cabeça de Curly Eberle dando uma entrevista. Gary ampliou a imagem e aumentou o som enquanto Eberle concluía: “Um aparelho de ginástica cerebral, não é uma imagem ruim, Cindy”. Os âncoras do noticiário só-de-negócios-o-tempo-inteiro, para os quais o risco financeiro era apenas o companheiro inseparável do potencial de aumento de valor, assentiram solenemente em resposta. “Um aparelho de ginástica para o cérebro, *muuuuito* bem”, emendou a âncora mulher, “e, a seguir, um brinquedo que vem fazendo um enorme sucesso na Bélgica(!). O fabricante está dizendo que pode fazer mais sucesso ainda que os Beanie Babies!” Jay Pascoe passou pela sala de Gary para resmungar contra o mercado de debêntures. As filhas de Jay tinham uma nova professora de piano, e a mesma mãe de sempre. Gary ouvia mais ou menos uma de cada três palavras que Jay dizia. Seus nervos estavam em estado de concentração, como na tarde distante antes de seu quinto encontro com Caroline, quando estavam tão prontos a finalmente perder a castidade que cada hora que ainda faltava era como um bloco de granito que um prisioneiro manietado precisava quebrar...

Saiu do trabalho às 4h30. Em seu carro sueco de quatro portas, seguiu pela

Kelly Drive e pela Lincoln Drive, deixando o vale do Schuylkill, sua neblina e sua via expressa, suas realidades iluminadas e declaradas, atravessando túneis de sombra e arcadas góticas de folhas do início do outono ao longo do rio Wissahickon, de volta ao encanto arbóreo de Chestnut Hill.

Apesar da imaginação febril de Caroline, a casa parecia intacta. Gary reduziu a velocidade e pegou a entrada de carros, passando pelo canteiro de hostas e evônimos do qual, como ela contara, outra tabuleta com os dizeres VIGILÂNCIA NEVEREST tinha sido roubada. Desde o início do ano, Gary tinha fincado e perdido cinco tabuletas VIGILÂNCIA NEVEREST. Ficava chateado de ver o mercado ser inundado por aquelas tabuletas falsas, diluindo assim o valor dos dizeres VIGILÂNCIA NEVEREST como dissuasor de assaltantes. Ali, no coração de Chestnut Hill, desnecessário dizer, o valor das tiras de metal das tabuletas da Neverest, da Western Civil Defense e da ProPhila Tex à frente de cada casa era lastreado pela plena fé e crédito dos refletores e escaneadores de retina, baterias de emergência, linhas diretas ocultas e portas trancadas por controle remoto; mas em outros pontos da parte noroeste da cidade, nas áreas de Mount Airy, Germantown e Nicetown, onde os sociopatas habitavam e operavam, existia uma classe de proprietários de coração mole que detestava o efeito que a aquisição de um sistema de segurança poderia ter sobre seus “valores”, mas cujos “valores” liberais não excluía a idéia de roubar a tabuleta VIGILÂNCIA NEVEREST de Gary quase toda semana e plantá-la diante de suas próprias casas...

Na garagem, viu-se tomado por uma vontade, a exemplo de Alfred, de reclinar-se no banco do carro e fechar os olhos. Desligando o motor, teve a sensação de que desligava também alguma coisa em seu cérebro. Para onde tinham ido seu desejo e sua energia depois que desapareceram? Assim, também, era o casamento que ele conhecia.

Forçou-se a descer do carro. Dos seus olhos passando pelos seios de sua face até seu cerebelo corria uma estreita faixa de fadiga. Mesmo que Caroline estivesse pronta para perdoá-lo, mesmo que ele e ela pudessem escapar de alguma forma dos meninos e ir se divertir um pouco (e na realidade não havia maneira de conseguir isso), de qualquer modo ele agora estava cansado demais para dar conta. Tinha cinco extensas horas repletas de meninos pela frente antes de poder ver-se sozinho com ela na cama. Para simplesmente recuperar a energia que vinha sentindo até cinco minutos antes, precisava de sono — oito horas de sono, talvez dez.

A porta dos fundos estava trancada, e com a corrente passada. Bateu na porta da maneira mais firme e animada que conseguiu. Pela janela, viu Jonah chegar trotando de chinelos e calção de banho, digitar o código de segurança, destrancar e soltar a corrente da porta.

“Olá, papai, estou tomando uma sauna”, disse Jonah enquanto se afastava

trotando de volta.

O objeto do desejo de Gary, a loura suavizada pelas lágrimas que ele tranqüilizara pelo telefone, estava sentada ao lado de Caleb, assistindo a uma reprise de um filme de ficção científica na TV da cozinha. Humanóides com ar grave usando pijama unissex.

“Olá!”, disse Gary. “Parece que está tudo bem por aqui.”

Caroline e Caleb concordaram com um aceno de cabeça, os olhos noutro planeta.

“Acho que vou colocar outra tabuleta lá fora”, disse Gary.

“Devia pregar numa árvore”, disse Caroline. “Tirar da estaca e pregar numa árvore.”

Quase acovardado pelas expectativas frustradas, Gary encheu o peito de ar e tossiu. “A idéia, Caroline, é projetar uma mensagem com uma certa classe e sutileza. Uma certa qualidade para-meio-entendedor. Se eu tiver que *acorrentar* a placa numa árvore para ela não ser roubada...”

“Eu disse para pregar.”

“É a mesma coisa que anunciar para os sociopatas que estamos desprotegidos. Podem vir! Podem vir!”

“Eu não disse para acorrentar, eu disse para pregar.”

Caleb estendeu a mão para o controle remoto e aumentou o volume da TV.

Gary desceu para o porão e, de um caixote chato de papelão, tirou a última das seis tabuletas que um representante da Neverest lhe tinha vendido de uma só vez. Levando em conta o preço de um sistema Neverest de segurança doméstica, as tabuletas eram incrivelmente ordinárias. As placas eram mal pintadas e presas por frágeis rebites de alumínio a estacas feitas de metal inferior dobrado, frágeis demais para serem cravadas na terra com um martelo (era necessário cavar um buraco para fixá-las).

Caroline não olhou em sua direção quando ele voltou para a cozinha. Ele podia até achar que as ligações dela em pânico tinham sido uma alucinação, não fosse por uma umidade residual em sua cueca e se, durante os trinta segundos que ele passara no porão, ela não tivesse trancado a porta dos fundos, passado a corrente e armado novamente o alarme.

Ele, é claro, estava com um problema mental, mas ela! Ela!

“Deus do céu”, disse ele, enquanto digitava a data do casamento deles no teclado numérico.

Deixando a porta escancarada, foi até o jardim da frente e plantou a nova tabuleta da Neverest no antigo buraco estéril. Quando voltou, um minuto mais tarde, a porta estava novamente trancada. Pegou suas chaves, destrancou a fechadura e abriu a porta até onde a corrente permitia, disparando um alarme secundário dentro da casa. Empurrou a porta, forçando as dobradiças. Chegou a pensar em empurrá-la com o ombro e arrancar a corrente. Com uma careta e

um grito, Caroline levantou-se abruptamente, pondo a mão nas costas, e veio até a porta tropeçando para digitar o código antes do limite de trinta segundos. “Gary”, disse ela, “era só bater.”

“Eu estava no jardim”, disse ele. “A menos de vinte metros daqui. Por que você ligou o alarme?”

“Você não sabe como as coisas foram aqui hoje”, murmurou ela enquanto, mancando, retornava para o espaço interestelar. “Estou me sentindo muito só aqui, Gary. Muito só.”

“Mas agora eu cheguei. Certo? Agora estou em casa.”

“É, você chegou.”

“Papai, o que vai ter para o jantar?”, perguntou Caleb. “Pode ser um churrasco misto?”

“Pode”, disse Gary. “Vou fazer o jantar *e* lavar os pratos *e* talvez eu até vá podar a sebe do jardim, porque eu, pelo menos, estou me sentindo bem! Certo, Caroline? De acordo?”

“Claro, por favor, pode fazer o jantar”, murmurou ela, olhando fixamente para a TV.

“Ótimo, então vou fazer o jantar.” Gary bateu as mãos e tossiu. Tinha a sensação de que, em seu peito e na sua cabeça, rodas gastas de engrenagem soltavam-se de seus eixos, afetando outras peças de sua máquina interna, por ele exigir de seu corpo um arranco, uma energia eufórica, que ele simplesmente não estava capacitado a fornecer.

Precisava dormir bem aquela noite, pelo menos seis horas. Para tanto, planejava tomar dois martinis com vodca e cair na cama antes das dez. Virou a garrafa de vodca por cima de uma coqueteleira cheia de gelo e deixou-a gargarejar sem medo, porque ele, vice-presidente do CenTrust, não tinha que se envergonhar por querer relaxar um pouco depois de um dia duro de trabalho. Acendeu o fogo de carvão e tomou seu martini. Como uma moeda atirada para o alto numa órbita ampla e incerta de queda, enveredou de volta pelo rumo da cozinha e conseguiu preparar a carne, mas sentia-se cansado demais para assá-la. Já que Caroline e Caleb não tinham prestado atenção enquanto preparava o primeiro martini, fez um segundo, pela energia e pela sensação geral de apoio, considerando oficialmente que era o primeiro. Combatendo os efeitos de lente vítrea produzidos pela vodca, saiu e pôs a carne na grelha. Foi novamente tomado pelo cansaço, pelo déficit de qualquer neurofator favorável. À vista de toda a família, preparou um terceiro (oficialmente, o segundo) martini e tomou a bebida. Pela janela, viu que a churrasqueira estava em chamas.

Encheu uma frigideira de Teflon com água derramando uma parte enquanto corria para apagar o fogo. Ergueu-se uma nuvem de vapor, fumaça e gordura em aerossol. Virou todas as tiras de carne, expondo seus lados inferiores carbonizados e reluzentes. Havia um cheiro de queimado úmido parecido com o

cheiro que os bombeiros deixam atrás de si. Não restava nas brasas vida suficiente para dar mais que uma cor fraca aos lados crus das tiras de carne, embora ele as tenha deixado no fogo por mais uns dez minutos.

Seu filho milagrosamente cordato, Jonah, tinha enquanto isso posto a mesa e arrumado pão e manteiga. Gary serviu os pedaços de carne menos queimados e menos crus para sua mulher e seus filhos. Segurando desajeitadamente a faca e o garfo, encheu a boca de cinzas e de uma carne sangrenta de frango que estava cansado demais para mastigar e engolir, e também cansado demais para levantar-se e cuspir no lixo. Ficou sentado com a carne de ave na boca, mascando-a, até perceber que havia um fio de saliva correndo pelo seu queixo — um modo bastante inadequado, convenhamos, de demonstrar sua saúde mental. Engoliu o bolo inteiro. Parecia uma bola de tênis descendo. A família inteira estava olhando para ele.

“Papai, você está se sentindo bem?”, perguntou Aaron.

Gary limpou o queixo. “Tudo bem, Aaron, obrigado. A dalinha estava um pouco gura. Um pouco dura.” Tossiu; o esôfago, uma coluna de chamas.

“Talvez você queira ir se deitar”, disse Caroline, como se ele fosse uma criança.

“Acho que vou podar a sebe”, disse Gary.

“Você está com uma cara muito cansada”, disse Caroline. “Talvez fosse melhor ir se deitar.”

“Não estou cansado, Caroline. Só entrou fumaça nos meus olhos.”

“Gary...”

“Eu sei que você anda dizendo a todo mundo que eu estou deprimido, mas acontece que eu não estou.”

“Gary.”

“Certo. Aaron? Não estou bem? Ela disse a você que eu estou clinicamente deprimido... não foi?”

Aaron, surpreendido de guarda baixa, olhou para Caroline, que balançou a cabeça para ele lenta e significativamente.

“Então? Ela não disse?”, perguntou Gary.

Aaron baixou os olhos para o prato, corando. O espasmo de amor que Gary sentiu por seu filho mais velho naquele momento — seu filho ruborizado, gentil, honesto e vaidoso — estava intimamente ligado à raiva que agora o impelia, antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, para longe da mesa. Ele estava falando palavrões na frente dos filhos, “*Caralho*, Caroline! Fica aí falando merda! Eu vou sair para podar a porra da sebe, caralho!”.

Jonah e Caleb baixaram as cabeças, como para se proteger de fogo inimigo. Aaron parecia estar lendo a história de sua vida, e especialmente o futuro, no prato de jantar manchado de gordura.

Caroline falou usando a voz calma, baixa e trêmula dos patentemente

maltratados. “Muito bem, Gary, ótimo”, disse ela, “mas por favor deixe a gente terminar o jantar. Pode ir, por favor.”

Gary foi. Saiu num arranco para o lado de fora e atravessou o jardim dos fundos. Toda a folhagem próxima à casa esbranquiçava devido à luz interior que escapava para fora, mas ainda havia um tanto de luz crepuscular nas árvores a oeste suficiente para transformá-las em silhuetas. Na garagem, tirou a escada de dois metros e meio dos ganchos que a prendiam na parede e dançou e girou com ela, quase espatifando o pára-brisa do Stomper antes de conseguir controlá-la. Carregou a escada até a frente da casa, acendeu as luzes e voltou para pegar o podador elétrico e o fio de extensão de trinta metros. Para evitar que o fio sujo encostasse em sua caríssima camisa de linho, que percebeu tarde demais que ainda a estava usando, veio arrastando o fio, que se emaranhou destrutivamente nas flores. Tirou a camisa, ficou só de camiseta, mas não parou para trocar de calças, com medo de perder o ímpeto, cair deitado no gramado que irradiava o calor do dia e ficar ouvindo os grilos e o escarcéu das cigarras até adormecer. O esforço físico continuado clareou sua mente até certo ponto. Montou a escada e aparou as pontas delgadas e claras dos teixos, inclinando-se até onde ousava. É provável que, constatando sua incapacidade de alcançar os trinta centímetros de sebe mais próximos da casa, ele devesse desligar o podador, descer e deslocar a escada para mais perto, mas como era apenas uma questão de trinta centímetros e ele não tinha reservas infinitas de energia e paciência, tentou fazer a escada *andar* na direção da casa, balançando as pernas e fazendo-a avançar aos *pulos*, enquanto continuava a segurar, na mão esquerda, o podador ligado.

O golpe suave, a pancada ou encontrão quase sem dor que ele então deu na parte carnuda da palma de seu polegar direito revelou, a seu exame, ter produzido um corte profundo, que sangrava muito e que, no melhor dos mundos possíveis, um médico especializado em emergências precisaria cuidar. Mas Gary era tão consciencioso que sabia que isso não era possível. Estava bêbado demais para ir dirigindo até o Chestnut Hill Hospital, e não podia pedir a Caroline que o levasse até lá sem provocar perguntas desconfortáveis acerca de sua decisão de subir na escada e operar uma ferramenta perigosa sob o efeito da bebida, o que ainda acarretaria colateralmente admitir a quantidade de vodka que ele tinha bebido antes do jantar e, de forma geral, produzir o oposto da imagem de Boa Saúde Mental que ele tinha a intenção de criar quando viera podar a sebe. Assim, enquanto um enxame de insetos que atacavam a pele e comiam pano, atraídos pelas luzes da varanda, entravam na casa pela porta da frente que Gary, depois de entrar correndo com seu sangue estranhamente frio acumulando-se nas duas mãos em concha, esquecera-se de fechar com o pé atrás de si, ele se fechou no banheiro do andar de baixo e deixou o sangue cair na pia, vendo suco de romã, ou xarope de chocolate, ou óleo usado de motor, em suas circunvoluções ferrosas. Lavou a ferida com água fria. Do lado de fora do

banheiro, Jonah perguntou se ele tinha se machucado. Gary reuniu com a mão esquerda uma almofada absorvente de papel higiênico e apertou-a contra a ferida, aplicando só com uma mão o esparadrapo cirúrgico que o sangue e a água fria faziam perder instantaneamente a cola. Havia sangue no assento da privada, sangue no chão, sangue na porta.

“Papai, a casa está ficando cheia de bichos”, disse Jonah.

“Sei, Jonah, então por que você não fecha a porta e depois vai tomar banho. Daqui a pouco eu subo e vamos jogar damas.”

“Pode ser xadrez?”

“Pode.”

“Mas você me dá uma rainha, um bispo, um cavalo e uma torre de vantagem.”

“Dou, vá logo tomar seu banho!”

“Você vai subir logo?”

“Vou!”

Gary puxou mais esparadrapo da embalagem com uma lâmina dentada e riui para si mesmo no espelho, certificando-se de que ainda conseguia fazê-lo. O sangue estava empapando o papel higiênico, escorrendo por seu pulso, e fazendo o esparadrapo soltar-se. Enrolou a mão numa toalha para convidados, e com uma segunda toalha, bem umedecida, limpou todo o sangue do banheiro. Abriu a porta só uma fresta e ouviu a voz de Caroline no andar de cima, a máquina de lavar pratos na cozinha, a água do banho de Jonah correndo. Uma trilha de sangue recuava pelo centro do corredor até a porta da frente. Agachando-se e movendo-se de lado como um caranguejo, com a mão ferida pressionada contra a barriga, Gary limpou o sangue com a toalha molhada. Havia mais sangue ainda espalhado pelo piso cinzento de madeira da varanda da frente. Gary andava apoiando-se dos lados dos pés, para não fazer barulho. Foi até a cozinha buscar um balde e um esfregão, e lá, na cozinha, ficava o armário das bebidas.

Bem, ele abriu a porta. Segurando a garrafa de vodca na axila direita, conseguiu desenroscar a tampa com a mão esquerda. E enquanto levantava a garrafa, enquanto inclinava a cabeça para fazer uma pequena retirada do saldo reduzido que ainda lhe restava, seu olhar vagou até o alto do armário e ele viu a câmera.

A câmera era do tamanho de um maço de cartas de baralho. Estava montada num suporte altazimutal acima da porta dos fundos. Estava revestida por uma caixa de alumínio escovado. E tinha um brilho violáceo no olho.

Gary devolveu a garrafa ao armário, foi até a pia e encheu um balde de água. A câmera deslocou-se trinta graus para acompanhá-lo.

Ele queria arrancar a câmera da parede, e, como não era possível, subir e explicar a Caleb a dubiedade moral da espionagem e, como não era possível, queria pelo menos saber há quanto tempo a câmera estava instalada ali; mas

como agora tinha coisas a esconder, qualquer iniciativa que tomasse contra a câmera, qualquer objeção que fizesse à presença dela na cozinha, seria vista por Caleb como motivada exclusivamente por aquele fato.

Deixou a toalha de convidados empoeirada e sangrenta cair no balde e aproximou-se da porta dos fundos. A câmera empinou em seu suporte para mantê-lo no centro do campo. Ficou diretamente debaixo dela e olhou em seus olhos. Sacudiu a cabeça e formou sem som as palavras *Não, Caleb*. Naturalmente, a câmera não respondeu. Agora, Gary percebeu que a cozinha também devia ter um microfone para captar o som. Podia falar diretamente com Caleb, mas estava com medo de, caso olhasse naquele olho por procuração de Caleb, ouvisse sua própria voz e deixasse que ela fosse ouvida no quarto de Caleb, o resultado seria uma ênfase intoleravelmente forte da realidade do que estava acontecendo. Assim, tornou a sacudir a cabeça e fez um gesto horizontal com a mão esquerda, um gesto de diretor de cinema, *Corta!* Depois pegou o balde na pia e foi esfregar o piso da varanda da frente.

Por estar bêbado, o problema da câmera e de Caleb testemunhar seu ferimento e seu envolvimento furtivo com o armário de bebidas não permaneceu na cabeça de Gary como um conjunto de pensamentos e ansiedades conscientes, mas concentrou-se e virou uma espécie de presença física dentro dele, uma massa tumoral dura que atravessava seu estômago e ia repousar na parte de baixo de suas tripas. O problema não ia desaparecer, é claro. Mas, por enquanto, era impermeável ao pensamento.

“Papai?”, veio a voz de Jonah de uma das janelas do andar de cima. “Já estou pronto para jogar xadrez.”

No momento em que Gary entrou, tendo deixado a sebe aparada pela metade e a escada num canteiro de hera, seu sangue já tinha atravessado três camadas de toalha e florescido na superfície como uma mancha rosada de plasma que tinha tido os corpúsculos filtrados. Teve medo de encontrar alguém no corredor, Caleb ou Caroline certamente, mas especialmente Aaron, porque Aaron tinha perguntado se ele estava bem, e Aaron não conseguira mentir para ele, e aquelas pequenas demonstrações do amor de Aaron eram, de certo modo, a parte mais assustadora de tudo.

“Por que você está com uma toalha enrolada na mão?”, perguntou Jonah enquanto removia metade das forças de Gary do tabuleiro.

“Eu me cortei, Jonah. Pus gelo no corte.”

“Você está cheirando a ál-co-ol”, a voz de Jonah estava hesitante.

“Álcool é um ótimo desinfetante”, disse Gary.

Jonah deslocou um pião para a casa 4 do Rei. “Mas eu estou falando do ál-co-ol que você bebeu.”

Às dez da noite Gary estava na cama, obedecendo assim a seu planejamento original, e podia-se dizer que ainda estava a caminho de... — do quê? Não sabia

exatamente. Mas se dormisse um pouco talvez conseguisse ver o caminho à frente. A fim de não sangrar nos lençóis, tinha enfiado a mão ferida, com toalha e tudo, dentro de um saco plástico de pão Bran'nola. Apagou a luz da mesa de cabeceira e ficou deitado de frente para a parede, com a mão ensacada apertada contra o peito, o lençol e a colcha puxados até o ombro. Dormiu pesado por algum tempo, e foi despertado, na escuridão do quarto, pela dor latejante em sua mão. A carne, dos dois lados do corte, repuxava como se estivesse cheia de vermes, a dor se espalhando em leque pelos cinco carpos. Caroline respirava regularmente, adormecida. Gary levantou-se para esvaziar a bexiga e tomar quatro comprimidos de Advil. Quando voltou para a cama, seu último plano deplorável foi por água abaixo, porque não conseguiu adormecer de novo. Tinha a sensação de que o sangue escorria para fora da sacola de plástico. Pensou em levantar-se, sair de mansinho até a garagem e ir de carro até o pronto-socorro. Somou a quantidade de horas que isto tomaria e o tempo que ainda lhe custaria para relaxar quando voltasse, subtraindo o total das horas de noite que ainda restavam antes de precisar levantar e ir para o trabalho, e concluiu que o melhor seria mesmo dormir até as seis e então, se fosse o caso, passar no pronto-socorro do hospital a caminho do escritório; mas aquilo dependia de sua capacidade de voltar a adormecer, e como não estava conseguindo decidiu reconsiderar e refazer os cálculos, mas agora restavam menos minutos da noite do que quando tinha cogitado de levantar e sair de mansinho da primeira vez. O cálculo era cruel em sua regressão. Levantou-se novamente para mijar. O problema da vigilância de Caleb continuava, indigerível, em suas tripas. Estava louco para acordar Caroline e trepar com ela. Sua mão ferida latejava. A sensação da mão era elefantina; uma de suas mãos tinha o tamanho e o peso de uma poltrona, cada dedo era um tronco mole de extrema sensibilidade. E Denise continuava a encará-lo com ódio. E sua mãe continuava ansiando pelo Natal dela. E entrou de repente numa sala onde seu pai tinha sido afivelado a uma cadeira elétrica, com o capacete de metal, e era a mão do próprio Gary que estava no antiquado interruptor de energia, em forma de estribo, que evidentemente já tinha ligado, porque Alfred saiu pulando da cadeira fantasticamente galvanizado, sorrindo horivelmente, no que podia dar uma idéia falsa de entusiasmo, dançando com os membros rígidos desengonçados e depois caindo com força no chão, de cara, bang, como uma escada cujas pernas se juntam, e ficou ali deitado no chão da sala de execuções com todos os músculos do corpo em espasmos galvânicos, fervendo...

Havia uma luz cinzenta nas janelas quando Gary levantou-se para mijar pela quarta ou quinta vez. A umidade e o calor da manhã lembravam mais julho do que outubro. Um nevoeiro ou neblina na Seminole Street confundiu — ou desincorporou ou refratou — os gritos dos corvos enquanto eles subiam a colina, passando pela Navajo Road e pela Shawnee Street, como os adolescentes da área

quando iam para o estacionamento do Supermercado Wawa (que chamavam de “Club Wa”, segundo Aaron) fumar os seus cigarros.

Gary tornou a deitar-se e ficou esperando o sono.

“... cinco de outubro, entre as principais notícias que estamos acompanhando hoje de manhã, com sua execução daqui a menos de vinte e quatro horas, os advogados de Khellye...”, disse o rádio-relógio de Caroline antes de ela fazê-lo calar-se com um tapa.

Na hora seguinte, enquanto ele ouvia o despertar de seus filhos e o som de seus desejos e uma linha melódica de trompete escrita por John Philip Sousa, cortesia de Aaron, um novo plano radical foi tomando forma no cérebro de Gary. Estava deitado de lado em posição fetal, imóvel, de frente para a parede, com a mão enrolada no saco de Bran’hola contra o peito. Seu novo plano radical era não fazer absolutamente nada.

“Gary, está acordado?”, disse Caroline de uma distância média, provavelmente da porta. “Gary?”

Ele não fez nada, não respondeu.

“Gary?”

Ele se perguntou se ela podia ficar curiosa acerca da razão de ele não fazer nada, mas os passos dela já soavam afastando-se pelo corredor e ela chamava. “Jonah, vamos lá, ou vamos nos atrasar.”

“E o papai?”, perguntou Jonah.

“Ainda está na cama, vamos embora.”

Ouviu-se um tropel de pés pequenos, e agora vinha a primeira dificuldade real do novo plano radical de Gary. De algum lugar mais próximo do que a porta, Jonah falou. “Papai? Estamos indo. Papai?” E Gary precisava continuar sem fazer nada. Precisava fazer de conta que não tinha ouvido ou não podia ouvir, precisava infligir sua greve geral, sua depressão clínica, à única criatura que ele desejaria poder poupar. Se Jonah se aproximasse mais — se, por exemplo, ele viesse e lhe desse um abraço — Gary duvidava que fosse capaz de continuar calado e imóvel. Mas Caroline tornou a chamar do andar de baixo, e Jonah saiu correndo.

Ao longe, Gary ouviu os bipes da data de seu aniversário de casamento sendo digitada para armar o alarme da casa. Depois a casa cheirando a torrada ficou em silêncio e ele deu a seu rosto a expressão de sofrimento e autopiedade ilimitados que Caroline fazia quando sentia dor nas costas. E compreendeu, como nunca antes, o quanto aquela expressão era capaz de trazer conforto.

Pensou em levantar-se, mas não estava precisando de nada. Não sabia quando Caroline iria voltar; se hoje fosse um dos dias em que ela trabalhava no FDC, podia só voltar depois das três. Não tinha importância. Ele ia estar lá.

Na verdade, porém, Caroline voltou em meia hora. Os sons de sua partida ouviram-se na ordem inversa. Gary ouviu o Stomper que se aproximava, os

bipes do código para desarmar o alarme, os passos na escada. Sentiu a presença silenciosa da mulher na porta, olhando para ele.

“Gary?”, disse ela numa voz mais grave e mais carinhosa.

Ele não fez nada. Ficou deitado. Ela aproximou-se dele e ajoelhou-se ao lado da cama. “O que foi? Está doente?”

Ele não respondeu.

“Que saco é este? Meu Deus. O que você fez?”

Ele não disse nada.

“Gary, diga alguma coisa. Você está deprimido?”

“Estou.”

E aí ela suspirou. Semanas de tensão acumulada foram drenadas do quarto.

“Eu me rendo”, disse Gary.

“O que você está querendo dizer?”

“Você não precisa ir a Saint Jude”, disse ele. “Ninguém é obrigado a ir se não quiser.”

Custou-lhe muito dizer aquilo, mas houve uma recompensa. Sentiu o calor de Caroline aproximando-se, sua radiância, antes mesmo que ela o tocasse. O sol subindo, a primeira escovada do cabelo dela encostando em seu pescoço quando ela inclinou-se sobre ele, a aproximação do hálito dela, o toque suave de seus lábios no rosto dele. E ela disse, “Obrigada.”

“Pode ser que eu precise ir para passar a véspera de Natal, mas volto para o dia 25.”

“Obrigada.”

“Estou terrivelmente deprimido.”

“Obrigada.”

“Eu me rendo”, disse Gary.

A ironia, é claro, foi que assim que ele se rendeu — provavelmente assim que admitiu sua depressão, quase que certamente no momento em que mostrou a mão a ela e ela fez um curativo adequado, e absolutamente nem um instante depois do momento em que, com uma locomotiva tão comprida e dura e pesada de trem elétrico de escala O, ele penetrou no túnel de recessos úmidos e suavemente corrugados que, mesmo depois de vinte anos de travessias ainda produziam nele a sensação de lugares inexplorados (sua abordagem foi ao estilo colher, por trás, de modo que Caroline pudesse ficar com a área lombar arqueada para cima e ele pudesse deixar sua mão ferida inofensivamente apoiada no flanco dela; fodidos e feridos, os dois) — ele não só deixou de sentir-se deprimido como passou a se sentir eufórico.

E ocorreu-lhe o pensamento — talvez inadequado, considerando-se o afetuosos ato conjugal em que estava empenhado; mas ele era quem era, era Gary Lambert, tinha pensamentos inadequados e estava cansado de pedir desculpas! — de que ele agora podia pedir a Caroline, em total segurança, que

ela lhe comprasse quatro mil e quinhentas ações da Axon, e que ela o faria com toda a satisfação.

Ela subia e descia o corpo, como um pião apoiado num pequeno ponto de contato, todo o seu ser sexual quase sem peso na ponta umedecida do dedo médio dele.

Ele gozou gloriosamente. Gozou e gozou e gozou.

Ainda estavam deitados desonestamente nus às nove e meia da manhã de uma terça-feira quando o telefone na mesinha-de-cabeceira de Caroline tocou. Gary, ao atender, ficou surpreso em ouvir a voz da mãe. Ficou surpreso com a realidade da existência dela.

“Estou ligando do navio”, disse Enid.

Por um momento de culpa, antes de conseguir registrar que um telefonema do navio custava caro e que as notícias que sua mãe ia dar não podiam portanto ser boas, Gary achou que ela estivesse ligando porque sabia que ele a tinha traído.

DUAS DA MADRUGADA, escuridão, o *Gunnar Myrdal*: ao redor do velho, a água corrente cantava misteriosamente na tubulação metálica. Enquanto o navio fendia o negro mar a leste da Nova Escócia, com a horizontal levemente inclinada de proa à popa, como se, apesar de seu imenso corpanzil de aço, o navio sentisse um certo desconforto e só pudesse resolver o problemas das encostas líquidas cortando-as às pressas; como se sua estabilidade dependesse desse tipo de resposta aos terrores da flutuação. Havia outro mundo debaixo deles — era este o problema. Outro mundo debaixo deles, que tinha volume mas não tinha forma. De dia, o mar era uma superfície azul com carneiros brancos, um desafio navegacional concreto, e o problema podia ser ignorado. À noite, porém, o espírito tomava a dianteira e mergulhava naquele nada macio — aquele nada violentamente solitário — em que o pesado navio de aço vogava, e a cada movimento das ondas o passageiro imaginava perder suas referências, via o quanto uma pessoa podia de fato perder-se para sempre seis braças abaixo. A terra firme não tinha aquele eixo Z. A terra firme era como estar acordado. Mesmo num deserto jamais mapeado a pessoa pode cair de joelhos e esmurrar a terra que ela não cederá. É verdade que o oceano também tem uma pele de vigília. Mas cada ponto dessa pele é um ponto por onde se pode afundar e, afundando, desaparecer.

Tudo balançava, e vibrava também. Havia um certo tremor no arcabouço do *Gunnar Myrdal*, um calafrio interminável percorrendo o piso, a cama e as paredes forradas de cortiça. Um frêmito sincopado tão fundamental ao barco, e tão semelhante ao tremor do mal de Parkinson na maneira como ia sempre crescendo sem jamais ceder, que Alfred atribuíra o problema a si mesmo até ouvir passageiros mais jovens e saudáveis comentarem a respeito.

Estava deitado, aproximadamente desperto, na Cabine B11. Acordado dentro de uma caixa de metal que jogava e vibrava, uma caixa de metal que se deslocava em algum lugar da noite.

Não havia escotilha. Um quarto com vista ter-lhes-ia custado centenas de dólares a mais, e Enid tinha raciocinado que, já que usariam a cabine sobretudo para dormir, quem precisava de escotilha por aquele preço? No máximo, iriam olhar por ela umas seis vezes durante toda a viagem, o que daria mais ou menos cinquenta dólares por espiada.

Ela dormia, em silêncio, como uma pessoa que fingia dormir. Alfred dormindo era uma sinfonia de roncoss, assobios e engasgos, uma epopéia de ruídos. Enid era um haicai. Passava horas a fio imóvel, e depois abria os olhos como uma luz que alguém acendesse. Às vezes, no amanhecer de Saint Jude, durante o longo minuto que o rádio-relógio levava para trocar um algarismo, a única coisa que se movia na casa era o olho de Enid.

Na manhã da concepção de Chip, ela simplesmente dava a impressão de fingir que estava dormindo, mas na manhã da concepção de Denise, sete anos

mais tarde, estava fingindo de verdade. Na meia-idade, Alfred despertava nela aquelas mentiras veniais. Ao ultrapassar dez anos de casamento, ele se transformara num desses predadores excessivamente civilizados de que falamos nos zoológicos, o tigre de Bengala que esquece como se mata, o leão indolente de depressão. Para exercer alguma atração, Enid precisava ser uma carcaça imóvel e exangue. Se tomasse alguma iniciativa, jogando uma coxa por cima da dele, ele caía na defensiva e escondia o rosto; bastava ela sair nua do banheiro para ele desviar os olhos, como recomendava a Regra de Ouro a um homem que detestava ele próprio ser visto. Era só de manhã cedo, quando despertava para a visão dos pequenos ombros brancos dela, que ele se aventurava fora da toca. Sua imobilidade e sua contenção, os pequenos sorvos de ar que ela aspirava, sua condição de objeto puramente vulnerável, eram o que o fazia dar o bote. E assim que sentia a pata almofadada dele em suas costelas e seu hálito carnívoro na nuca ela amolecia o corpo, como que tomada pela resignação instintiva da presa (“Vamos acabar logo com isso e morrer”), embora sua passividade fosse na verdade calculada, pois sabia que a passividade o inflamava. Ele a possuía, e até certo ponto ela queria ser possuída, como um animal: numa intimidade muda e mútua de violência. Ela também ficava com os olhos fechados. Muitas vezes, deitada de lado, nem mesmo mudava de posição, apenas soerguia um pouco a anca, dobrava o joelho num reflexo vagamente proctológico. E então, sem mostrar a ela o seu rosto, ele partia para o banheiro, onde se lavava, se barbeava e, ao emergir, encontrava a cama já feita e ouvia, no andar de baixo, o gorgolejo da cafeteira elétrica. Do ponto de vista de Enid, na cozinha, podia ser que um leão, e não seu marido, a tivesse sujeitado voluptuosamente, ou podia ser que algum dos homens uniformizados com quem ela devia ter se casado houvesse invadido a sua cama. Não era uma vida maravilhosa, mas a mulher podia subsistir à base de ilusões como aquela e de suas memórias (que agora também pareciam curiosamente ilusórias) dos primeiros anos, quando ele era louco por ela e a olhava nos olhos. O importante era manter tudo tácito. Se o ato nunca era comentado, não haveria razão de se abster até ela estar claramente grávida mais uma vez, e mesmo depois da gravidez não haveria razão para não recomeçar, contanto que jamais se falasse daquilo.

Ela sempre quis ter três filhos. Quanto mais a natureza lhe negava o terceiro, menos realizada ela se sentia em comparação com as vizinhas. Bea Meisner, embora fosse mais gorda e mais burra do que Enid, beijava o marido, Chuck, em público; duas vezes por mês os Meisner contratavam uma baby-sitter e saíam para dançar. Todo mês de outubro, sem falta, Dale Driblett levava a mulher, Honey, para algum lugar extravagante em outro estado para comemorar o aniversário de casamento, e todos os pequenos Driblett faziam aniversário em julho. Até mesmo Esther e Kirby Root podiam ser vistos nos churrascos dando tapinhas no traseiro bem fornido um do outro. Aquilo deixava Enid assustada e

envergonhada, o afeto e a gentileza de outros casais. Ela era uma moça brilhante com muita aptidão para os negócios que tinha trocado diretamente as horas passando lençóis e toalhas de mesa na pensão de sua mãe por horas passando lençóis e camisas *chez* Lambert. Nos olhos de cada vizinha ela via a pergunta tácita: pelo menos Al a fazia sentir-se superespecial, daquele modo especial?

Toda vez que ela tornava a ficar visivelmente grávida, tinha uma resposta tácita. As mudanças em seu corpo eram indiscutíveis, e ela imaginava com tal intensidade as inferências lisonjeiras acerca de sua vida amorosa que Bea, Esther e Honey podiam deduzir daquelas mudanças que em pouco tempo ela mesma começava também a deduzir aquelas inferências.

Tornada assim feliz pela gravidez, ela ficou descuidada e acabou dizendo a coisa errada para Alfred. Não, desnecessário dizer, sobre o sexo, o seu prazer ou um tratamento justo. Mas havia outros tópicos apenas um pouco menos proibidos, e Enid, em seu entusiasmo, abusou numa certa manhã. Sugeriu que ele comprasse certas ações. Alfred disse que o mercado de ações era uma coisa absurda, que era melhor deixarem para os ricos e os especuladores desocupados. Ainda assim, Enid sugeriu que ele comprasse certas ações. Alfred disse que se lembrava da Terça-Feira Negra como se fosse ontem. Ainda assim, Enid sugeriu que ele comprasse um lote de certas ações. Alfred disse que comprar aquelas ações seria impróprio. Enid sugeriu que ele comprasse assim mesmo. Alfred disse que não tinha dinheiro sobrando e que agora tinham um terceiro filho a caminho. Enid sugeriu que dinheiro podia ser obtido por empréstimo. Alfred disse que não. Disse que não numa voz muito mais alta, e levantou-se da mesa do café. Disse não em voz tão alta que uma fôrma decorativa de chapa de cobre pendurada na parede da cozinha chegou a ressoar por alguns instantes, e sem dar um beijo de despedida na mulher saiu e ficou fora de casa por dez dias e onze noites.

Quem diria que um erro *pequeno* desses cometido por ela fosse o suficiente para mudar tudo?

Em agosto, a Midland Pacific nomeara Alfred vice-engenheiro chefe para trilhos e estruturas, e ele fora mandado para o leste a fim de inspecionar cada quilômetro da Erie Belt Railroad. Os gerentes locais da Erie Belt o conduziam de um lado para o outro em pequenos carros a gasolina, que, como insetos, desviavam do caminho para dar passagem aos trovejantes megalossauros da Erie Belt. A Erie Belt era um sistema regional cujos negócios de transporte de carga tinham sido estragados pelos caminhões e cujos negócios de transporte de passageiros tinham sido empurrados para o vermelho pelo uso de automóveis particulares. Embora suas linhas-tronco ainda estivessem geralmente a salvo, suas linhas menores e seus ramais apodreciam de um modo inacreditável. Trens avançavam resfolegando a quinze quilômetros por hora em trilhos tão retos quanto um pedaço de barbante frouxo. Quilômetro após quilômetro de anel

ferroviário mal acorrentado. Alfred viu dormentes mais apropriados para serem usados como fertilizante do que para receber cravos de metal. Prendedores de trilhos que tinham perdido a cabeça para a ferrugem, corpos desfeitos por dentro de uma crosta de corrosão como camarões numa casca empanada. Lastro tão lavado pelas enxurradas que as amarras pendiam dos trilhos em vez de dar-lhes apoio. Calços descascados e corrompidos como bolos alemães de chocolate, as aparas escuras, resíduos em profusão.

Quão modesto — em comparação com a fúria da locomotiva — podia ser um trecho de trilhos entremeados de ervas, à margem de um campo de sorgo a ser colhido no fim do outono. Sem aqueles trilhos, porém, o trem reduzia-se a dez mil toneladas de ingovernável nada. A vontade estava nos trilhos.

Todo lugar aonde Alfred ia na região da Erie Belt, ouvia os jovens empregados da ferrovia dizerem uns aos outros, “vá com calma”.

“Até mais, Sam. Não vá trabalhar além da conta.”

“Vá com calma.”

“Você também, amigo. Vá com calma.”

A frase parecia a Alfred uma praga do Leste, um epitáfio adequado para um estado que fora grande, o Ohio, mas que os parasitas dos sindicatos tinham sugado quase até secar. Ninguém em Saint Jude jamais ousaria dizer *a ele* para ir com calma. No coração das pradarias, onde ele tinha crescido, as pessoas que iam com calma não eram tidas como homens de verdade. Agora era a vez de uma nova geração afeminada para a qual a “calma” era um valor. Alfred ouvia o pessoal das equipes de colocação de trilhos da Erie Belt batendo papo durante o expediente, via os empregados de escritório vestidos com roupas vistosas tirando dez minutos para tomar café, assistia desenhistas novatos fumar seus cigarros com um prazer insinuante enquanto uma ferrovia que tinha sido sólida caía aos pedaços à volta deles. “Vá com calma” era a palavra de ordem daqueles jovens superamáveis, o símbolo de seu excesso de familiaridade, a falsa segurança que lhes permitia ignorar a imundície em meio à qual trabalhavam.

A Midland Pacific, em contraste, era aço limpo e concreto branco. Dormentes tão novos que o creosoto azul formava poças em sua superfície. A ciência aplicada do amortecimento da vibração e do reforço de aço protendido, dos detectores de movimento e dos trilhos soldados. A base da Midpac ficava em Saint Jude e servia uma região onde se trabalhava duro, bem menos a leste do país. À diferença da Erie Belt, orgulhava-se de seu compromisso de manter um serviço de qualidade em suas linhas secundárias. Mil cidades dos estados do centro do país contavam com a Midpac.

Quanto mais Alfred via a Erie Belt, mais distintamente sentia o tamanho, a força e a vitalidade moral superiores da Midland Pacific em seu próprio corpo, e em sua postura. Vestindo camisa social, gravata e sapatos de amarrar, enveredou com agilidade pela passarela inferior da ponte sobre o rio Maumee, doze metros

acima de barcas de escória e águas barrentas, agarrou a travessa inferior da treliça e debruçou-se para fora, de cabeça para baixo, a fim de golpear a viga principal do vão com seu martelo favorito, que sempre carregava consigo na pasta; cascas de tinta e de ferrugem do tamanho de folhas de sicômoro caíram no rio descrevendo espirais. Uma locomotiva lenta entrou na ponte e Alfred, que não tinha vertigem das alturas, encostou-se numa das braçadeiras de suporte e plantou os pés nas finas travessas suspensas por cima do rio. Enquanto as travessas sacudiam e tremiam, anotou em sua prancheta um parecer bastante desfavorável à capacidade da ponte.

É possível que algumas das mulheres que cruzavam o Maumee pela ponte próxima da Cherry Street o tenham visto pendurado ali, a barriga chata e os ombros largos, o vento sacudindo as bainhas das calças em torno dos tornozelos, e é possível que tenham sentido, como Enid sentira da primeira vez que nele pusera os olhos, que ali estava um *homem*. Embora ele não desse qualquer atenção àqueles olhares, Alfred sentia de dentro o que elas percebiam de fora. Durante os dias ele sentia-se como um homem, e era o que demonstrava, e podia-se mesmo dizer que ostentava, equilibrando-se sem a ajuda das mãos em plataformas altas e estreitas, trabalhando de dez a doze horas sem parar, e catalogando tudo que havia de afeminado naquela ferrovia do leste.

À noite era uma outra coisa. Às noites ele ficava acordado em colchões que pareciam feitos de tábua, catalogando os defeitos da humanidade. Era como se, em cada motel onde se hospedava, seus vizinhos sempre fornicassem perdidamente — homens de origem incerta e nenhuma disciplina, mulheres que riam e gritavam. À uma da manhã em Erie, Pensilvânia, a moça do quarto ao lado rosnava e resfolegava como uma rameira. Algum sujeito doentio e sem valor se aproveitava dela. Alfred culpava a moça por aceitar aquilo. Culpava o homem por sua confiança em si mesmo. Culpava os dois por não terem a consideração de não fazer barulho. Como é que não paravam para pensar sequer um segundo no seu vizinho, acordado na cama no quarto ao lado? Culpava Deus por permitir que gente assim existisse. Culpava a democracia por infligir-lhe a vizinhança daqueles dois. Culpava a arquitetura do motel por confiar a uma única fileira de blocos de concreto a preservação do repouso de seus hóspedes pagantes. Culpava a gerência do motel por não manter em reserva um quarto para hóspedes sofrendores. Culpava os habitantes frívolos e descontraidos de Washington, Pensilvânia, que tinham percorrido de carro 250 quilômetros para assistir à final do campeonato de futebol americano entre escolas secundárias e preenchido todos os quartos de motel do noroeste da Pensilvânia. Culpava os demais hóspedes por sua indiferença à fornicação, culpava toda a humanidade por ser tão insensível, e não era justo. Não era justo que o mundo pudesse demonstrar tanta falta de consideração para com um homem que tratava o mundo com tamanha consideração. Não havia homem que trabalhasse mais do

que ele, que fosse um vizinho de motel mais silencioso, não havia homem que fosse mais homem do que ele, e mesmo assim os vigaristas do mundo conseguiam roubar seu sono com seus esquemas rasteiros...

Ele se recusava a chorar. Acreditava que, se ouvisse seu próprio choro, às duas da manhã num quarto de motel cheirando a cigarro, o mundo podia acabar. No mínimo dos mínimos, ainda tinha sua disciplina. O poder de recusar: isto ele tinha.

Mas o exercício desse poder não era premiado com o devido reconhecimento. A cama do quarto ao lado batia na parede, o sujeito grunhia como um porco, a moça ululava arquejante. E todas as garçonetes de todas as cidades tinham mamas esféricas insuficientemente abotoadas enfiadas numa blusa com monograma, e sempre faziam questão de debruçar-se à frente dele.

“Mais café, bonitão?”

“Ah sim, por favor.”

“Ficou vermelho, meu bem, ou é o sol que está nascendo?”

“Eu queria a minha conta, por favor.”

E no Olmsted Hotel, em Cleveland, ele surpreendeu um carregador e uma camareira trocando um ósculo lascivo nas escadas. E os trilhos que via quando fechava os olhos eram um zíper que ele abria interminavelmente, e os sinais que deixava para trás iam passando do vermelho da interdição ao verde do assentimento no instante em que passava por eles, e numa cama ondulada em Fort Wayne súcubos horríveis caíram sobre ele, mulheres cujos corpos inteiros — até mesmo suas roupas e seus sorrisos, a maneira como cruzavam as pernas — exsudavam tentações como vaginas, e até a superfície de sua consciência (não mele a cama!) ele fez correr o êmbolo cada vez mais denso de esperma, seus olhos abrindo para o nascer do sol em Fort Wayne enquanto um nada escaldante escorria por seu pijama: uma vitória, no final das contas, pois tinha negado satisfação a seus súcubos. Mas em Buffalo o chefe da estação tinha uma foto de Brigitte Bardot pendurada na porta do escritório, e em Youngstown Alfred encontrou uma revista pornográfica por trás do catálogo telefônico do motel, e em Hammon, Indiana, ficou encurralado num ramal enquanto um trem cargueiro passava, e as meninas da torcida organizada da escola local praticavam *spaccati* no campo logo à sua esquerda, a mais loura das garotas quicando um pouco ao chegar ao fundo de sua manobra, como se precisasse *beijar* o pó com sua vulva envolta em algodão, e o vagonete de carvão balançando sedutor enquanto o trem finalmente recuava de volta aos trilhos: o mundo parecia decidido a torturar os virtuosos.

Chegou de volta a Saint Jude num vagão executivo acoplado a um trem de carga, e da Union Station pegou a linha local para os subúrbios. Nos quarteirões entre a estação e sua casa, as últimas folhas caíam das árvores. Era a estação da corrida rumo ao inverno. Cavalarias de folhas rodopiavam pelos gramados

maltratados. Parou na rua e ficou olhando para a casa que ele e um banco possuíam. As sarjetas estavam entupidas de galhos e bolotas, os canteiros de crisântemos estavam acabados. Ocorreu-lhe que sua mulher estava grávida de novo. Os meses o levavam adiante em seus trilhos rígidos, deixando-o cada vez mais perto do dia em que seria pai de três filhos, o ano em que acabaria de pagar sua hipoteca, a estação de sua morte.

“Gostei da sua maleta”, disse Chuck Meisner pela janela do Fairlane com o qual voltava do trabalho, freando na rua a seu lado. “Por um instante achei que você era o sujeito daquele anúncio da Fuller Brush.”

“Chuck”, disse Alfred. “Olá.”

“Planejando uma conquista. O marido passa o tempo todo fora da cidade.”

Alfred riu porque era a única coisa a fazer. Ele e Chuck sempre se encontravam na rua, o engenheiro em posição de sentido, de pé, o banqueiro em posição relaxada ao volante. Alfred de terno e Chuck de roupas de golfe. Alfred magro e com o cabelo cortado rente. Chuck com a calva reluzente, o peito gordo. Chuck trabalhava poucas horas na agência que gerenciava, mas Alfred mesmo assim o tinha por amigo. Chuck ouvia o que ele tinha a dizer, parecia ficar impressionado com o trabalho dele, e o reconhecia como uma pessoa de talentos singulares.

“Vi Enid na igreja domingo”, disse Chuck “E ela me disse que você já estava fora há uma semana.”

“Fiquei onze dias viajando.”

“Alguma emergência?”

“Não exatamente.” Alfred falava com orgulho. “Estava inspecionando cada quilômetro de trilhos da Erie Belt Railroad.”

“Erie Belt. Sei.” Chuck prendeu os polegares no volante, repousando as mãos no colo. Era o motorista mais relaxado que Alfred conhecia, mas ainda assim o mais atento. “Você trabalha direito, Al”, disse ele. “É um engenheiro extraordinário. Por isso, deve haver uma razão para ter ido ver a Erie Belt.”

“E há mesmo. A Midpac está comprando a Erie.”

O motor do Fairlane espirrou, como um cachorro. Chuck tinha crescido numa fazenda perto de Cedar Rapids, e a sua natureza otimista tinha as raízes fincadas no solo profundo e bem irrigado do leste de Iowa. Os agricultores do leste de Iowa nunca aprendiam a desconfiar do mundo. Enquanto qualquer solo que pudesse nutrir a esperança em Alfred tinha sido levado pelo vento em uma ou outra das secas do oeste do Kansas.

“Ah”, disse Chuck “Imagino que já anunciaram ao público.”

“Não, ainda não.”

Chuck concordou com um aceno de cabeça, olhando para a casa dos Lambert. “Enid vai ficar feliz de ver você. Acho que ela teve uma semana difícil. Os meninos ficaram doentes.”

“Você não vai passar adiante a informação.”

“Al, Al, Al.”

“Você é a única pessoa para quem eu contaria.”

“Eu sei, obrigado. Você é um bom amigo e um bom cristão. E ainda me resta um tanto da luz do dia, que daria para uns quatro buracos, para eu aparar aquela sebe.”

O Fairlane entrou em movimento aos poucos, dirigido por Chuck com um dedo indicador, como se discasse para o seu corretor.

Alfred pegou sua pasta e sua maleta. A sua revelação tinha sido ao mesmo tempo espontânea e proposital. Um espasmo de boa vontade e de gratidão para com Chuck, uma emissão calculada da fúria que vinha se acumulando dentro dele naqueles onze dias. O sujeito viaja mais de três mil quilômetros, mas não consegue dar os últimos vinte passos sem fazer *alguma coisa*...

E ele achava improvável que Chuck chegasse ao ponto de *usar* a informação...

Entrando na casa pela porta dos fundos, Alfred viu pedaços de rutabaga crua numa tijela cheia de água, um molho de folhagem de beterraba preso por um elástico, e alguma carne misteriosa num embrulho de papel pardo do açougue. E também uma cebola isolada, que parecia destinada a ser frita e servida com... figado?

No chão, junto à escada do porão, havia um ninho de revistas e potes de geléia.

“Al?”, chamou Enid do porão.

Ele pousou a pasta e a maleta, juntou as revistas e os potes de geléia nos braços, e desceu a escada carregando tudo.

Enid pousou o ferro de passar na tábua e emergiu da lavanderia com um frio na barriga — fosse de desejo ou de medo da raiva de Al ou por medo de que ela própria ficasse com raiva, não sabia ao certo.

E ele já foi chegando e censurando. “O que eu lhe pedi para fazer antes de eu ir embora?”

“Você chegou em casa cedo”, disse ela. “Os meninos ainda estão na ACM.”

“Qual foi a única coisa que eu lhe pedi antes de sair de casa?”

“Estou pondo a roupa suja em dia. Os meninos ficaram doentes.”

“Você lembra”, disse ele, “que eu lhe pedi para acabar com a bagunça ao lado da escada? Foi a única coisa — *a única coisa* — que eu pedi para você fazer durante a minha viagem.”

Sem esperar a resposta, ele entrou em seu laboratório de metalurgia e largou as revistas e os potes de geléia num latão de lixo. Na prateleira de martelos, pegou um martelo mal equilibrado, uma clava Neanderthal mal forjada que ele detestava e só guardava para fins de demolição, e espatifou metodicamente cada um dos potes de geléia. Um fragmento atingiu-o no rosto e ele continuou a

martelar com fúria redobrada, reduzindo os cacos a cacos ainda menores, mas nada conseguia erradicar aquela sua transgressão com Chuck Meisner, ou os triângulos úmidos de grama nas malhas das meninas da torcida, por mais que ele martelasse.

Enid ficou escutando, de seu posto junto à tábua de passar. Ela não gostava muito da realidade daquele momento. Que o seu marido tivesse deixado a cidade onze dias antes sem lhe dar um beijo de despedida era uma coisa que ela tinha quase conseguido esquecer. Na ausência do Al real, ela transmutara alquimicamente seus ressentimentos mais baixos no ouro do desejo e do remorso. Seu ventre que crescia, os prazeres do quarto mês, a oportunidade de ficar sozinha com seus meninos lindos, a inveja dos vizinhos, todos eram filtros coloridos que ela usava para acionar a varinha de sua imaginação. Mesmo quando Al vinha descendo a escada, ainda tinha imaginado desculpas, beijos de reencontro, talvez um buquê de flores. Agora ela escutava o ricochete do vidro partido e os violentos golpes de martelo contra o espesso ferro galvanizado da lata de lixo, os gritos de frustração dos materiais pesados em conflito. Os filtros podiam ser coloridos, mas infelizmente (ela agora entendia) eram quimicamente inertes. Nada tinha mudado.

Era verdade que Al lhe tinha pedido para tirar os potes e as revistas dali, e talvez houvesse uma palavra para a maneira como ela havia evitado prestar atenção naqueles potes e revistas nos onze dias anteriores, muitas vezes quase tropeçando neles; talvez um termo psiquiátrico, com muitas sílabas, ou talvez uma palavra simples, como “despeito”. Mas parecia-lhe que ele lhe tinha pedido para fazer mais de “uma coisa só” enquanto viajava. Também tinha pedido para ela preparar três refeições por dia para os meninos, vesti-los, ler para eles, cuidar deles na doença, esfregar o piso da cozinha, lavar os lençóis, passar a ferro as camisas dele, e fazer tudo aquilo sem os beijos e palavras gentis de um marido. Se ela tentasse obter o reconhecimento do crédito por aqueles trabalhos, porém, Al simplesmente lhe perguntava quem tinha feito os trabalhos que *pagavam* pela casa, a comida e as roupas. Não fazia a menor diferença o fato de o trabalho dele deixá-lo tão satisfeito que ele não precisava do amor dela, enquanto as tarefas dela a deixavam tão entediada que ela precisava em dobro do amor dele. Em qualquer contabilidade racional, o trabalho dele cancelava o dela.

Talvez, num espírito estrito de justiça, já que ele pedira a ela para fazer “uma coisa” a mais, ela pudesse ter lhe pedido para também fazer “uma coisa” a mais. Ela podia ter-lhe pedido para ligar para ela pelo menos uma vez durante a viagem, por exemplo. Mas ele poderia retrucar que “alguém pode tropeçar nessas revistas e se machucar”, mas ninguém poderia tropeçar no fato de ele não ter ligado para ela durante a viagem, ninguém poderia se machucar por causa daquilo. E fazer ligações interurbanas por conta da empresa era abusar do reembolso das despesas (“Você sabe o número do escritório, se houver uma

emergência”), e assim uma ligação custava bastante dinheiro à família, enquanto carregar aquele lixo para o porão não custava nada, de maneira que ela estava sempre errada, e era desmoralizante ficar perpetuamente instalada no sótão de seus próprios erros, e não era de admirar, na verdade, que ela tivesse feito as compras que fizera para o Jantar da Revanche.

A meio caminho de subir a escada de volta para preparar aquele jantar, ela parou e deu um suspiro.

Alfred ouviu o suspiro e desconfiou que tivesse a ver com “roupa a passar” e “quatro meses de gravidez”. No entanto, ele não ficou exatamente compadecido, pois a mãe dele conduzia uma junta de cavalos de arado por um campo de cinco hectares no oitavo mês de gravidez. E cobriu o corte em seu rosto com um borrifo adstringente de sulfato amônico de alumínio.

Na porta da frente da casa ouviu-se um tropel de pezinhos, e a batida de mãoszinhas enluvadas. Bea Meisner entregando sua carga humana. Enid correu escadas acima para receber a carga. Gary e Chipper, o menino da quinta série e o menino da primeira série, mostravam os efeitos da cloração da ACM. Com os cabelos molhados, pareciam criaturas ribeirinhas. Ratos-almiscarados, castores. Ela dirigiu seus agradecimentos às lanternas traseiras do carro de Bea.

O mais depressa que podiam sem correr (que era proibido dentro de casa), os meninos desceram para o porão, deixaram suas cargas de roupa encharcada na lavanderia, e encontraram o pai no laboratório. Era da natureza deles atirar-se nos braços do pai, mas esta natureza tinha sido eliminada à custa de correções. Ficaram esperando, como subordinados da empresa, que o chefe lhes dissesse alguma coisa.

“Quer dizer então que vocês estavam nadando!”

“Eu sou Golfinho!”, gritou Gary. Era um menino inexplicavelmente alegre. “Consegui meu distintivo de Golfinho!”

“Golfinho. Vejam só!” Para Chipper, a quem a vida oferecia perspectivas basicamente trágicas desde que ele tinha cerca de dois anos, o chefe dirigiu-se com um pouco mais de gentileza: “E você, garoto?”

“A gente nada de tábua”, disse Chipper.

“Ele ainda é Girino”, disse Gary.

“Vejam só. Um Golfinho e um Girino. E o que você aprendeu de diferente, agora que virou Golfinho?”

“Bater os pés em tesoura.”

“Querida eu ter tido uma piscina grande e boa assim quando era criança”, disse o chefe, embora não soubesse ao certo se a piscina da ACM era grande ou boa. “Além da água barrenta dos bebedouros do gado, só fui ver água com mais de um metro de profundidade quando vi o rio Platte pela primeira vez. E já devia ter uns dez anos.”

Seus jovens subordinados não estavam acompanhando a história.

Balançavam de um pé para outro, Gary ainda arriscava um sorriso como se esperasse uma guinada na conversa, Chipper francamente boquiaberto diante do laboratório, que era território proibido, menos quando o chefe estava lá. O ar tinha o cheiro de esponja de aço.

Alfred contemplou seus dois subordinados com gravidade. A confraternização sempre tinha sido uma luta para ele. “Vocês têm ajudado sua mãe na cozinha?”, perguntou ele.

Quando um assunto não interessava a Chipper, como aquele não interessava, ele pensava em garotas, e sempre que ele pensava em garotas sentia um rasgo de esperança. Nas asas dessa esperança, saiu flutuando do laboratório escada acima.

“Pode me perguntar quanto é nove vezes vinte e três”, disse Gary ao patrão.

“Está bem”, disse Alfred. “Quanto é nove vezes vinte e três?”

“Duzentos e sete. Pergunte outra.”

“Qual é vinte e três elevado ao quadrado?”

Na cozinha, Enid passou a carne prometida na farinha e a pôs para fritar numa frigideira elétrica Westinghouse grande o suficiente para fritar nove ovos separados entre si. Uma tampa de alumínio moldado começou a bater quando a água da rutabaga entrou de repente em fervura. No começo do dia, um pacote de baconna geladeira sugerira a ela que fizesse fígado, o fígado cru lhe sugerira um acompanhamento amarelo, e assim aquele Jantar fora tomando forma. Infelizmente, quando foi preparar o bacondescobriu que só tinha três fatias, e não as seis ou oito que imaginava. Agora, esforçava-se para acreditar que aquelas três fatias seriam suficientes para toda a família.

“O que é isso?”, perguntou Chipper alarmado.

“Fígado com bacon.”

Chipper saiu da cozinha andando de costas, sacudindo a cabeça em violenta negação. Certos dias eram horrendos desde o início; o mingau de aveia do desjejum vinha cheio de pedaços de tâmara que pareciam barata picada; redemoinhos azuis que imaculavam a homogeneidade do leite; uma consulta ao médico depois do desjejum. Outros dias, como aquele, só revelavam o quanto eram horrendos quando já estavam quase no fim.

Ele saiu vagando pela casa a repetir: “Ugh, horrível, ugh, horrível, ugh, horrível, ugh, horrível...”

“Jantar daqui a cinco minutos, lavem as mãos”, disse Enid.

O fígado cauterizado tinha o gosto dos dedos depois de manipularem moedas sujas.

Chipper parou na sala de estar e apertou o rosto contra a janela, esperando ver de passagem Cindy Meisner em sua sala de jantar. Ele tinha voltado da ACM sentado ao lado de Cindy, sentindo o cheiro do cloro no corpo dela. Um band-aid encharcado tinha ficado preso apenas por alguns restinhos de cola ao joelho dela.

Chanca, chanca, chanca, fez o amassador de Enid na panela da doce, amarga e aguada rutabaga.

Alfred lavou as mãos na pia do banheiro, entregou o sabonete a Gary e usou uma toalha pequena.

“Imagine um quadrado”, disse ele a Gary.

Enid sabia que Alfred detestava fígado, mas era uma carne cheia de ferro, o que era bom para a saúde, e apesar de todos os defeitos de Alfred como marido ninguém podia dizer que ele desobedecia as regras. A cozinha era o território dela, e ele jamais se metia.

“Chipper, você lavou as mãos?”

Chipper estava pensando que, se pelo menos pudesse ver novamente Cindy por um instante, poderia ser salvo do Jantar. Imaginou-se na casa dela, indo atrás dela para o quarto. Imaginava-o como um porto seguro, a salvo do perigo e da responsabilidade.

“Chipper?”

“Você eleva A ao quadrado, eleva B ao quadrado, e soma duas vezes o produto de A por B”, disse Alfred a Gary enquanto sentavam-se à mesa.

“Chipper, é melhor você lavar as mãos”, advertiu Alfred.

Alfred desenhou um quadrado:

ea	e²
a²	ae

Figura 1: Quadrado Maior & Quadrados Menores

“Desculpe, mas tinha pouco bacon”, disse Enid. “Achei que tinha mais.”

No banheiro, Chipper relutava em molhar as mãos, porque tinha medo de nunca mais conseguir secá-las de novo. Deixou a água correr de modo audível, enquanto esfregava as mãos com a toalha. O fato de não ter conseguido ver Cindy pela janela o tinha derrubado.

“Nós dois tivemos febre alta”, relatou Gary. “E Chipper também teve dor de ouvido.”

Flocos de farinha empapados de gordura grudavam-se aos lóbulos ferrosos do fígado como cascas de corrosão. O bacontambém, o pouco que havia, tinha cor de ferrugem.

Chipper tremia na porta do banheiro. A infelicidade chegara no final do dia, e levava algum tempo até podermos avaliar todo o seu alcance. Algumas infelicidades tinham uma curvatura aguda, e podiam ser ultrapassadas com

alguma facilidade. Outras quase não tinham curvatura, e desde o início sabíamos que teríamos de passar horas a fio para superá-las. Infelicidades enormes, do tamanho do planeta. O Jantar da Revanche era daquele tipo.

“Como foi a sua viagem”, perguntou Enid porque em algum momento teria mesmo de perguntar.

“Cansativa.”

“Chipper, querido, já estamos todos sentados.”

“Vou contar até cinco”, disse Alfred.

“Tem bacon, você gosta de bacon”, cantarolou Enid. Era um expediente cínico e fraudulento, uma das centenas de seus fracassos diários, e conscientes, como mãe.

“Dois, três, quatro”, disse Alfred.

Chipper veio correndo sentar-se em seu lugar. Não adiantava nada ser espancado.

“Senhorobrigadoporessealimentoquevamoscomerequenuncanosfalteamém”, disse Gary.

Da colherada de rutabaga amassada no prato emanava um líquido amarelado e transparente semelhante ao plasma ou ao pus contido numa espinha. As folhas de beterraba cozidas vertiam uma coisa cùprica e esverdeada. A ação capilar e a sedenta crosta de farinha atraíam os dois líquidos para baixo do fígado. Quando o fígado era levantado do prato, podia-se ouvir um som fraco de sucção. A parte inferior da crosta de farinha, empapada, era uma coisa indizível.

Chipper ficou pensando na vida de uma menina. Atravessar a vida mansamente, ser uma Meisner, brincar naquela casa e ser amado como uma menina.

“Você quer ver a cadeia que eu fiz com os palitos de picolé?”, disse Gary.

“Uma cadeia, veja só”, disse Alfred.

Um garoto providente nem comia imediatamente o baconnem deixava que ele ficasse empapado com os líquidos produzidos pelos legumes. Um garoto providente cuidava de evacuar seu baconpara um território mais elevado na beira do prato e o deixava armazenado ali, onde podia servir de incentivo. Um garoto providente comia seu bocado de cebola frita, que não estava boa mas também não estava má, se precisasse de algum petisco preliminar.

“Ontem tivemos uma reunião da patrulha”, disse Enid. “Gary, querido, podemos ver a sua cadeia depois do jantar.”

“E ele fez uma cadeira elétrica”, disse Chipper. “Para ser usada na cadeia. Eu ajudei.”

“Ah é ? Veja só.”

“Mamãe arranjou umas caixas enormes cheias de palitos de picolé”, disse Gary.

“É a Tropa”, disse Enid. “A Tropa consegue desconto.”

Alfred não gostava muito da Tropa. A Tropa era dirigida por um grupo de pais que gostavam de ir com calma. As atividades patrocinadas pela Tropa eram leves: concursos de aeromodelos de balsa, de carros feitos de caixote, ou de trens de papelão cujos vagões eram livros já lidos.

(Schopenhauer: *Se você quiser uma bússola segura para guiá-lo na vida... não tem escolha melhor do que acostumar-se a encarar este mundo como uma espécie de penitenciária, uma espécie de colônia penal.*)

“Gary, me diga de novo o que você é”, pediu Chipper, para quem Gary era o modelo da elegância. “Você é Lobo?”

“Mais uma Conquista e eu viro Urso.”

“Mas e agora, você é Lobo?”

“Sou Lobo, mas já sou praticamente Urso. A única coisa que ainda me falta é Conversação.”

“Conservação”, corrigiu Enid. “A única coisa que ainda me falta é Conservação.”

“Não é Conversação?”

“Steve Driblett construiu uma guilhotina, mas ela não funcionou”, disse Chipper.

“Driblett é Lobo.”

“Brent Person fez um avião, mas rebentou no meio.”

“Person é Urso.”

“Diga que se partiu, querido, e não que ‘rebentou’.”

“Gary, qual é a maior bombinha que existe?”, perguntou Chipper.

“As M-80. E depois as redondas.”

“Não ia ser legal arranjar uma M-80, botar na sua cadeia e explodir tudo?”

“Rapazinho”, disse Alfred, “não estou vendo você comer nada.”

Chipper estava ficando expansivo como um mestre de cerimônias; por enquanto, o Jantar ainda não se tornara real. “Ou sete M-80s”, disse ele, “e a gente explode todas ao mesmo tempo, ou uma depois da outra, não ia ser legal?”

“Eu botava uma bomba em cada canto, e depois usava mais pavio”, disse Gary. “Depois ligava todos os pavios e detonava tudo ao mesmo tempo. É a melhor maneira, não é, papai? Separar as bombas e usar mais pavio, não é, papai?”

“Setecentos mil milhões de M-80s”, gritou Chipper. Produziu sons de explosão para sugerir a megatonelagem que tinha em mente.

“Chipper”, disse Enid com uma suave mudança de curso, “conte ao papai aonde nós todos vamos na semana que vem.”

“A patrulha vai ao Museu do Transporte, e eu também vou”, recitou Chipper.

“Oh, Enid”, Alfred fez uma expressão de desagrado. “Por que você vai levar os meninos lá?”

“Bea disse que é muito interessante e divertido para as crianças.”

Alfred balançou a cabeça, desgostoso. “E o que Bea Meisner entende de transporte?”

“É perfeito para uma reunião de patrulha”, disse Enid. “Eles têm uma locomotiva a vapor de verdade, onde os meninos podem se sentar.”

“O que tem lá”, disse Alfred, “é uma Mohawk de trinta anos de idade, da New York Central. Não é uma antigüidade, e nem é rara. É ferro-velho, só isso. Se os garotos quiserem ver como é uma ferrovia *de verdade*...”

“Posso botar uma pilha e dois eletrodos na cadeira elétrica”, disse Gary.

“Põe uma M-80!”

“Chipper, não é assim, passa uma corrente elétrica, e é a *corrente* que mata o prisioneiro.”

“O que é corrente?”

Uma corrente se produzia quando eletrodos de zinco e de cobre eram enfiados num limão e ligados um no outro.

Que mundo amargo era aquele em que Alfred vivia. Quando se surpreendia num espelho, ficava chocado ao ver como sua aparência ainda era jovem. A expressão da boca de professoras primárias atacadas de hemorróidas, a amarga e permanente contração dos lábios de homens artríticos, eram expressões cujo sabor às vezes sentia na boca, embora estivesse fisicamente no apogeu, na exacerbação da maturidade.

E era por isso que ele gostava de sobremesas substanciais. Torta de nozes. Pudim de pão recheado de maçã. Um pouco de doçura para o mundo.

“Mas eles têm duas locomotivas, e um vagonete especial de verdade!”, disse Enid.

Alfred acreditava que o real e o justo eram uma minoria que o mundo estava empenhado em exterminar. Ficava irado ao ver que românticos como Enid não eram capazes de distinguir o falso do autêntico: diferenciar um “museu” de baixa qualidade, mal provisionado, destinado ao lucro fácil, de uma ferrovia honesta, real...

“Você precisa ser pelo menos Peixe.”

“Todos os meninos estão animados.”

“Eu posso ser Peixe.”

A locomotiva Mohawk que era o orgulho do novo museu era evidentemente um símbolo romântico. Hoje em dia, as pessoas pareciam condenar as ferrovias por terem trocado o vapor pelo óleo diesel. As pessoas não entendiam nada da maneira como as ferrovias funcionavam. As locomotivas a diesel eram versáteis, eficientes e tinham a manutenção barata. As pessoas achavam que as ferrovias lhes deviam favores românticos e depois ficavam impacientes quando o trem andava devagar. A maioria das pessoas era assim — umas bestas.

(Schopenhauer: *Entre os males de uma colônia penal está a companhia dos que nela estão aprisionados.*)

Ao mesmo tempo, o próprio Alfred também sofria ao ver as velhas locomotivas a vapor caírem no esquecimento. Eram belos cavalos de ferro, e ao pôr a Mohawk em exibição o museu permitia que os preguiçosos sedentos de lazer dos subúrbios de Saint Jude sapateassem em sua tumba. As pessoas da cidade não tinham o direito de defender o cavalo de ferro. Não o conheciam com a mesma intimidade de Alfred. Não se tinham apaixonado por ele num fim-de-mundo ao noroeste de Kansas onde era a única ligação com o vasto mundo, como Alfred. Ele desprezava o museu e seus freqüentadores por tudo que eles não conheciam.

“Mas eles têm um trem elétrico que ocupa uma sala inteira!”, disse Enid, sem esmorecer.

E os desgraçados maníacos por trens elétricos, é, os malditos praticantes de hobby. Enid sabia perfeitamente o que ele achava daqueles diletantes e de suas maquetes implausíveis e sem sentido.

“Uma sala inteira?”, disse Gary com ceticismo. “De que tamanho?”

“O que ia ser bom mesmo era botar umas M-80s numa, ahn, numa, ahn, numa ponte de maquete de trem elétrico. E ca-BUUUM! Pôu, pôu!”

“Chipper, comece a comer *agora*”, disse Alfred.

“Grande grande grande”, disse Enid. “O trem é muito muito muito muito maior que o trem elétrico que o seu pai comprou para vocês.”

“*Agora*”, disse Alfred. “Está me ouvindo? *Agora*.”

Dois lados da mesa quadrada estavam felizes, e dois não. Gary contou uma longa história alegre e sem sentido sobre um menino da turma dele que tinha três coelhos, enquanto Chipper e Alfred, casos idênticos de desolação, mantinham os olhos abaixados sobre seus pratos. Enid foi até a cozinha pegar mais rutabaga.

“Já sei para quem eu não vou perguntar se quer mais”, disse ela ao voltar.

Alfred disparou-lhe um olhar de advertência. Tinham concordado, em favor da saúde dos meninos, em jamais aludir ao quanto ele detestava legumes e certas carnes.

“Eu quero um pouco”, disse Gary.

Chipper tinha um bolo na garganta, uma tristeza tão obstrutiva que não poderia mesmo engolir muita coisa, fosse o que fosse. Mas quando viu o irmão devorando alegremente um segundo prato da Revanche, ficou irritado e por um instante entendeu de que maneira o seu jantar inteiro poderia ser devorável num segundo, seus deveres cumpridos e sua liberdade recuperada, e chegou mesmo a pegar o garfo e fazer uma tentativa de colher uma parte da massa úmida de rutabaga, pegando um pouco na ponta dos dentes e levando até bem perto da boca. Mas a rutabaga tinha cheiro de cárie, e já estava fria — tinha a textura e a temperatura de bosta molhada de cachorro numa manhã fria — e suas tripas entraram em convulsão num reflexo que o fez dobrar a espinha.

“Eu *adoro* rutabaga”, disse Gary inconcebivelmente.

“Eu podia me alimentar só de legumes”, proclamou Enid.

“Mais leite”, pediu Chipper, respirando com dificuldade.

“Chipper, se você não gosta, é só apertar o nariz”, disse Gary.

Alfred enfiava uma garfada atrás da outra da detestável Revanche na boca, mastigando depressa e engolindo mecanicamente, dizendo-se que já tinha suportado coisa bem pior.

“Chip”, disse ele, “uma mordida de cada coisa. Não vai sair da mesa antes disso.”

“Mais leite.”

“Primeiro vai comer um pouco. Entendeu?”

“Leite.”

“Vale ele apertar o nariz?”, disse Gary.

“Mais leite, por favor.”

“Você já tomou o *suficiente*”, disse Alfred.

Chipper calou-se. Seus olhos correram por todo prato, mas ele não tinha sido previdente e não havia nada no prato além de sofrimento. Ergueu o copo e, em silêncio, fez uma gota muito pequena de leite morno descer a encosta até a sua boca. Esticou a língua para recebê-la.

“Chip, baixe esse copo.”

“Talvez, se ele apertar o nariz, mas aí vai ter que comer *duas* garfadas de cada coisa.”

“Telefone. Gary, pode atender.”

“O que é que tem de sobremesa?”, perguntou Chipper.

“Um belo *abacaxi* fresquinho.”

“Francamente, Enid, pelo amor de Deus...”

“O quê?” Ela piscou os olhos com inocência, ou falsa inocência.

“Podia pelo menos dar um biscoito ao garoto, ou um sorvete, se ele comer o jantar todo...”

“Mas é um abacaxi tão doce, e derrete na boca.”

“Papai, é o senhor Meisner.”

Alfred inclinou-se por sobre o prato de Chipper e, numa única manobra do garfo, removeu tudo, menos um bocado de rutabaga. Gostava do garoto, e enfiou a massa fria e venenosa em sua própria boca, empurrando-a garganta abaixo com um estremecimento. “Coma só a última garfada”, disse ele, “e mais uma garfada do resto, e já pode comer a sobremesa.” Levantou-se. “Eu saio para *comprar* a sobremesa, se for preciso.”

Enquanto passava por Enid a caminho da cozinha, ela fechou os olhos e inclinou-se para a frente para evitá-lo.

“Sim”, disse ele ao telefone.

Pelo fone vinham a umidade e os barulhos domésticos, o calor e a pelúcia, do domínio dos Meisner.

“Al”, disse Chuck, “só estava olhando o jornal aqui, sabe, as ações da Erie Belt, ahn. Cinco e cinco e oitavos me parece baixo demais. Tem certeza dessa história da Midpac?”

“O senhor Replogle veio no mesmo vagão que eu de Cleveland. E me disse que o Conselho de Administração está só esperando um relatório final sobre os trilhos e as estruturas. E eu vou entregar este relatório na segunda-feira.”

“A Midpac está fazendo muito segredo.”

“Chuck, eu não posso lhe recomendar nenhuma atitude em particular, e você tem razão, algumas perguntas ainda estão sem resposta...”

“Al, Al”, disse Chuck. “A sua consciência é muito poderosa, e essa é uma qualidade que todos admiram. Vou deixar você acabar seu jantar em paz.”

Alfred desligou odiando Chuck como odiaria uma garota com quem sua indisciplina tivesse sido suficiente para permitir relações. Chuck era banqueiro e oportunista. Você queria investir a inocência em alguém merecedor, e quem melhor que um bom vizinho, mas ninguém merecia. Suas mãos estavam cobertas de excremento.

“Gary: abacaxi?”, disse Enid.

“Por favor!”

O virtual desaparecimento dos legumes de Chipper o tinha deixado um tanto frenético. As coisas estavam melhorando um pouco! Com precisão, pavimentou um quadrante do prato com o que restava da rutabaga, alisando o asfalto amarelo com o garfo. Por que ficar matutando sobre a dura realidade do fígado e das folhas de beterraba quando havia um futuro concebível em que seu pai acabaria engolindo aquilo também? Podem trazer os biscoitos! Podem trazer o sorvete!

Enid levou três pratos vazios até a cozinha.

Alfred, ao lado do telefone, estudava o relógio acima da pia. Era pouco depois das cinco, ocasião maligna em que a pessoa gripada acorda ao cabo dos sonhos febris do fim da tarde. Uma hora pouco depois das cinco era uma caricatura das cinco. No caso dos mostradores de relógio, o alívio da ordem — os dois ponteiros apontando claramente para números inteiros — só ocorria uma vez a cada hora. Porque todos os outros momentos não conseguiam se definir, cada momento tinha o potencial do sofrimento da gripe.

E sofrer assim sem razão. Saber que não havia ordem moral na gripe, que não havia justiça nas dolorosas secreções que seu cérebro produzia. O mundo nada além da materialização da Vontade cega e eterna.

(Schopenhauer: Boa parte do tormento da existência é que o Tempo está sempre a pressionar-nos, e nunca nos deixa recobrar o fôlego mas anda sempre atrás de nós, como um capataz com seu chicote.)

“Imagino que você não vai querer abacaxi”, disse Enid. “E que vai comprar uma sobremesa.”

“Enid, deixe estar. Eu queria que você uma vez na vida deixasse alguma

coisa passar.”

Com o abacaxi aninhado nos braços, ela quis saber por que Chuck tinha ligado.

“Mais tarde conversamos sobre isso”, disse Alfred, voltando para a sala de jantar.

“Papai?”, começou Chipper.

“Garoto, eu acabei de lhe fazer um favor. Agora é você quem vai me fazer o favor de parar de brincar com a comida e terminar o seu jantar. *Agora*. Entendeu? Vai terminar agora mesmo, ou então não vai comer sobremesa e mais nada nem hoje nem amanhã à noite, e vai ficar sentado aqui até acabar a comida toda.”

“Mas papai, você não pode...”

“AGORA MESMO. ENTENDEU, OU ESTÁ PRECISANDO APANHAR?”

As amígdalas liberam um muco amoníaco quando muitas lágrimas se acumulam por trás delas. A boca de Chipper retorceu-se para todos os lados. Via o prato à sua frente com novos olhos. Era como se a comida fosse uma companheira insuportável de cuja companhia ele tinha certeza que iria ser poupado por suas amigas nas altas esferas, os cordões que tinha como puxar a seu favor. Mas agora ele compreendia que ele e a comida ainda iriam passar muito tempo envolvidos naquele embate.

Agora ele lamentava o passamento de seu bacon, por mais escasso que fosse, com uma dor profunda e sincera.

Curiosamente, porém, não começou a chorar de imediato.

Alfred retirou-se para o porão batendo os pés e a porta.

Gary continuou sentado muito quieto, multiplicando números inteiros pequenos de cabeça.

Enid mergulhou uma faca no ventre icterico do abacaxi. Concluiu que Chipper era exatamente igual ao pai — faminto e ao mesmo tempo impossível de alimentar. Ele conseguia transformar a comida em vergonha. Preparar uma refeição completa e depois vê-la ser recebida com uma repulsa elaborada, ver o menino chegar a ter *ânsias* com seu mingau de aveia: aquilo fazia mal às entranhas da mãe. Tudo que Chipper queria era leite e biscoitos, leite e biscoitos. O pediatra dissera: “Não desista, ele vai acabar sentindo fome e comendo outra coisa”. Enid, então, tentava ser paciente, mas Chipper sentava-se para almoçar e declarava: “Está com cheiro de vômito!”. Podia levar uma palmada na mão por isso, mas aí ele dizia com o rosto, e podia apanhar por fazer caretas, mas então dizia com os olhos, e havia um limite para os corretivos... no final das contas, não havia maneira de penetrar por trás daquelas íris azuis e erradicar o nojo de dentro daquele menino.

Ultimamente, ela o vinha alimentando com sanduíches de queijo quente ao longo do dia inteiro, guardando para o jantar os legumes amarelos e as verduras

necessárias para uma dieta balanceada e deixando que Alfred travasse as batalhas por ela.

Havia algo de saboroso e de quase sensual em deixar o menino complicado ser castigado por seu marido. Pôr-se de lado, sem culpa, enquanto o menino sofria por tê-la magoado.

O que descobrimos sobre nós mesmos quando educamos as crianças nem sempre é agradável ou atraente.

Ela levou dois pratos de abacaxi para a sala de jantar. A cabeça de Chipper estava abaixada, mas o filho que gostava de comer estendeu a mão ansioso para seu prato de fruta.

Gary sugava o abacaxi ruidosamente, sem dizer palavra alguma.

O campo de rutabaga, amarelo cor de bosta de cachorro; o fígado esturricado pela fritura e tão incapaz de ficar estendido no fundo do prato; a bola de talos lenhosos de folhas de beterraba desmontada e contorcida mas ainda inteira, como uma ave umidamente comprimida dentro de uma casca de ovo, ou um cadáver antigo todo dobrado num lamaçal: as relações espaciais entre aqueles alimentos não pareciam mais casuais a Chipper, mas se aproximavam da permanência, do definitivo.

Os alimentos recuaram, ou uma nova melancolia lançou-lhes sombra. Chipper ficou menos imediatamente enojado; deixou até mesmo de pensar em comer. Fontes mais profundas da recusa estavam começando a atuar.

Logo tiraram a mesa, restando apenas seu prato. A luz ficou mais crua. Ouviu Gary e a mãe conversando sobre assuntos triviais enquanto ela lavava a louça e Gary a enxugava. Depois os passos de Gary na escada do porão. O quicar metronômico da bola de pingue-pongue. Mais tinidos desolados de painéis grandes que eram deslocadas e submergidas.

Sua mãe reapareceu. “Chipper, coma logo esse restinho. Comporte-se como um menino grande.”

Ele tinha chegado a um lugar onde ela não tinha como atingi-lo. Sentia-se quase alegre, todo cabeça, nenhuma emoção. Até seu traseiro estava dormente de tanto ficar pressionado contra a cadeira.

“Papai disse que era para você ficar sentado aí até comer o que está no prato. Acabe logo. Depois fica com o resto da noite livre.”

Se sua noite fosse realmente livre, ele poderia passá-la inteira na janela, espiando Cindy Meisner.

“Substantivo adjetivo”, disse sua mãe, “verbo possessivo substantivo. Conjunção conjunção pronome enfatizado verbo pronome eu no seu lugar engolia isso e advérbio de tempo pronome auxiliar infinitivo...”

Interessante como ele sentia a liberdade de deixar de entender as palavras que lhe eram ditas. Interessante aquela sensação de liberdade até mesmo da tarefa mínima de decodificar a língua falada.

Ela parou de atormentá-lo mas foi até o porão, onde Alfred tinha se trancado no laboratório e Gary acumulava “trinta e sete, trinta e oito” rebatidas consecutivas em sua raquete.

“Com licença?”, disse ela, balançando a cabeça, convidando-se.

Estava estorvada pela gravidez, ou pelo menos pela idéia da gravidez, e Gary podia trucidá-la, mas o prazer que ela sentia ao jogar era tão extremamente evidente que ele simplesmente se alheava do jogo, multiplicando mentalmente a contagem dos pontos ou propondo-se pequenos desafios como devolver a bola alternadamente dos dois lados da mesa. Toda noite depois do jantar ele aperfeiçoava seu talento para suportar uma coisa chata que agradava a um dos seus pais. Parecia-lhe um talento que podia salvar vidas. Acreditava que um mal terrível poderia acontecer-lhe quando não fosse mais capaz de preservar as ilusões de sua mãe.

E aquela noite ela tinha um ar tão vulnerável. O esforço do jantar e da lavagem dos pratos tinha afrouxado os cachos encaracolados de seus cabelos. Pequenas manchas de suor floresciam através do corpete de algodão de seu vestido. As mãos dela, recém-saídas de luvas de látex, estavam vermelhas como línguas.

Ele deu uma cortada no meio da mesa e a bola passou por ela, voando até a porta fechada do laboratório. Quicou no chão e bateu na porta antes de parar. Enid foi atrás dela com cuidado. Que silêncio, que escuridão havia por trás daquela porta. Parecia que Al não acendia a luz.

Havia comidas que até Gary detestava — couve-de-bruxelas, quiabo cozido — e Chipper já tinha visto seu irmão pragmático apanhá-las e jogá-las nos densos canteiros pela porta de trás, quando era verão, ou escondê-las e depois jogá-las na privada, quando era inverno. E agora que Chipper estava sozinho no andar de baixo podia ter sumido facilmente com seu fígado e suas folhas de beterraba. A dificuldade: seu pai pensaria que ele tinha comido tudo, e comer aquilo era exatamente o que ele estava se recusando a fazer. A comida no prato era necessária, como prova da recusa.

Minuciosamente, ele descascou e raspou a crosta de farinha do fígado, e comeu-a, o que levou dez minutos. A superfície desnuda do fígado era uma coisa que ninguém gostaria de contemplar.

Desdobrou as folhas de beterraba de alguma forma e tornou a arrumá-las.

Examinou a textura da toalha do seu lugar à mesa.

Escutou o repique da bola, os gemidos exagerados da mãe, e suas enervantes exclamações de incentivo (“Uuuu, boa, Gary”). Pior que apanhar ou até mesmo que comer fígado era o som do pingue-pongue jogado por outras pessoas. Só o silêncio era aceitável, em seu potencial de interminabilidade. O marcador da partida de pingue-pongue foi subindo na direção de vinte e um, a partida acabou, depois duas, depois três, e para as pessoas que jogavam estava tudo bem porque

estavam se divertindo, mas para o menino sentado à mesa um andar acima não estava tudo bem. Ele se envolvera nos sons do jogo, investira esperança neles a ponto de desejar que nunca cessassem. Mas cessaram, e ele ainda estava sentado à mesa, só que já era meia hora mais tarde. A noite devorava-se em futilidades. Mesmo com a idade de sete anos, Chipper já intuía que aquela sensação de futilidade iria acompanhá-lo pelo resto da vida. Uma espera tediosa e depois uma promessa quebrada, uma compreensão em pânico de que já era tarde demais.

Essa futilidade tinha, digamos, um sabor.

Depois que ele coçava a cabeça ou esfregava o nariz, seus dedos ficavam impregnados de alguma coisa. O cheiro de si.

Ou, talvez, o gosto de lágrimas incipientes.

Imaginemos o nervo olfativo percebendo a si mesmo, os receptores registrando sua própria configuração.

O sabor do sofrimento auto-infligido, de uma noite desperdiçada em rancor, trazia curiosas satisfações. Os outros paravam de parecer reais o suficiente para serem culpados pelo que ele sentia. Só ele e a sua recusa continuavam. E da mesma forma que a autocomiseração, ou da mesma forma que o sangue que lhe enchia a boca quando um dente era arrancado — os salgados fluidos ferrosos que ele engolia e permitia-se saborear — a recusa tinha um sabor que podia transformar-se num hábito.

No laboratório abaixo da sala de jantar, Alfred estava sentado de cabeça baixa na escuridão, com os olhos fechados. Interessante o quanto ele tinha ansiado pela solidão, o quanto deixara isso odiosamente claro para todos que o cercam; e agora, finalmente encerrado, esperava que alguém viesse perturbá-lo. Queria que esse alguém visse quanta dor. Embora ele a tratasse com frieza, parecia injusto que ela fosse por sua vez fria com ele: era injusto ela ser capaz de jogar pingue-pongue alegremente, e passar pelo lado de fora da porta dele sem bater e perguntar como ele estava passando.

Três medidas comuns da força de um material eram sua resistência à pressão, à tensão e ao corte.

Cada vez que os passos de sua mulher se aproximavam do laboratório ele se preparava para aceitar o seu consolo. Depois ouvia a partida acabando e pensava que agora ela *certamente* iria ficar com pena dele. Era a única coisa que ele pedia dela, a única coisa...

(Schopenhauer: *A mulher paga a dívida da vida não com o que faz, mas com o que sofre; com as dores do parto e o cuidado com a criança, e com a submissão ao marido, para o qual precisa ser uma companheira paciente e consoladora.*)

Mas a salvação não estava a caminho. Através da porta fechada, ele a escutou caminhando de volta para a lavanderia. Ouviu o zumbido suave de um transformador, Gary brincando com o trem elétrico debaixo da mesa de pingue-pongue.

Uma quarta medida da força, importante para os fabricantes de trilhos e de peças de máquinas, era a dureza.

Piedosamente, até mesmo o tédio mais extremo tem limites. A mesa de jantar, por exemplo, possuía um lado inferior que Chipper explorava apoiando o queixo na superfície e estendendo os braços por baixo do tampo. No ponto mais distante que alcançava havia anteparos perfurados por arames esticados e presos a anéis que se podiam puxar. Interseções complicadas de blocos e ângulos sem acabamento eram pontuadas, aqui e ali, por parafusos embutidos, pequenos poços cilíndricos com voltas ásperas de fibra de madeira em torno das bocas, irresistíveis ao dedo que sondava. Mais compensadoras ainda eram as trilhas de meleca que ele ali deixara em vigílias anteriores. As trilhas secas tinham a textura de papel-arroz ou de asas de mosca. Eram deliciosamente destacáveis e pulverizáveis.

Quanto mais Chipper tateava naquele seu pequeno reino inferior, mais hesitava em contemplá-lo com os olhos. Sabia por instinto que a realidade visível seria pobre. Iria ver rachaduras que ainda não tinha descoberto com os dedos, o mistério do que ficava além do alcance de seus dedos seria desfeito, os furos dos parafusos perderiam sua sensualidade abstrata e as melecas o deixariam com vergonha, e uma noite, então, quando nada mais restasse a explorar ou descobrir, ele acabaria morrendo de tédio.

A ignorância voluntária era um talento muito importante para a sobrevivência, talvez o maior de todos.

O laboratório alquímico de Enid, abaixo da cozinha, continha uma máquina de lavar roupa Maytag, tendo na tampa uma alavanca que acionava rolos de borracha gêmeos parecendo enormes lábios negros. Água sanitária, anil, água destilada, goma. Um ferro que era uma corpulenta locomotiva, seu fio elétrico envolto num tecido que formava uma padronagem. Montanhas de camisas brancas em três tamanhos.

Na preparação de uma camisa para ser passada, ela primeiro a borrifava com água e a deixava enrolada numa toalha. Quando a camisa ficava totalmente reumedecida, ela primeiro passava o colarinho, depois os ombros e em seguida dali para baixo.

Durante os anos da Depressão e logo depois dela, Enid aprendera muitos talentos úteis para a sobrevivência. Sua mãe tinha uma pensão na área que ficava entre o centro de Saint Jude e a universidade. Enid tinha facilidade para matemática, e assim, além de lavar os lençóis, limpar os banheiros e servir as refeições, também cuidava das contas para a mãe. Quando terminou a escola secundária, e a guerra já tinha acabado, ela cuidava de todos os livros da casa, emitia as contas para os hóspedes e calculava os impostos a pagar. Com as moedas e as notas de um dólar que ganhava por fora — o pagamento por tomar conta de bebês, as gorjetas dos estudantes da faculdade e de outros hóspedes

permanentes — pagava as aulas da escola noturna, avançando passo a passo em direção a um diploma de contadora de que esperava jamais precisar lançar mão. Dois homens de uniforme já a tinham pedido em casamento, e ambos dançavam muito bem, mas nenhum dos dois lhe dava a impressão de estar destinado a ganhar bem, e além disso os dois ainda corriam o risco de levar um tiro. Sua mãe se casara com um sujeito que não ganhava bem, e que morreria cedo. Evitar um marido como ele era a prioridade de Enid. Pretendia ter conforto na vida, além de ser feliz.

E à pensão, poucos anos depois da guerra, chegou um jovem engenheiro metalúrgico recém-transferido para Saint Jude a fim de dirigir uma fundição. Era um rapaz de lábios cheios, cabelos densos e músculos bem distribuídos num corpo de homem e em ternos de homem. Os ternos eram obras-primas de lã luxuosamente pregueada. Uma ou duas vezes por noite, enquanto servia o jantar à mesa grande, Enid olhava por sobre o ombro e surpreendia o olhar dele, o que o fazia corar. Al era do Kansas. Ao cabo de dois meses ele reuniu coragem para levá-la a patinar. Tomaram chocolate quente e ele lhe disse que os seres humanos nasciam para sofrer. Levou-a à festa de Natal de uma siderúrgica e lhe disse que as pessoas inteligentes estavam condenadas a ser atormentadas pelos imbecis. No entanto, dançava e ganhava bem, e ela o beijou no elevador. Em pouco tempo estavam noivos, e viajaram castamente num trem noturno até McCook, em Nebraska, para visitar os velhos pais de Al. Seu pai tinha uma escrava com quem era casado.

Limpando o quarto de Al em Saint Jude, ela encontrou um volume muito manipulado de Schopenhauer, com algumas passagens sublinhadas. Por exemplo: *Já foi dito que o prazer neste mundo supera a dor; ou, pelo menos, existe um equilíbrio entre os dois. Se o leitor quiser verificar rapidamente se isto é verdade, que compare os sentimentos respectivos de dois animais, um dos quais está empenhado em devorar o outro.*

Em que acreditar a respeito de Al Lambert? Havia aquelas coisas de velho que ele dizia sobre si mesmo, e seu jeito e aparência de jovem. Enid tinha decidido acreditar na promessa de sua aparência. A vida transformou-se numa espera pela mudança da personalidade dele.

Enquanto ela esperava, passava vinte camisas por semana, além de suas próprias saias e blusas.

Farejando em torno dos botões com a ponta do ferro. Achatando as rugas, acertando as mangas.

A vida dela poderia ter sido mais fácil se não tivesse ficado tão apaixonada por ele, mas não conseguia deixar de amá-lo. Olhar para ele já bastava para amá-lo.

Todo dia ela se empenhava em melhorar a dicção dos filhos, suavizar seus modos, clarear seu sentido de moral, dar brilho às suas atitudes, e todo dia ela se

via diante de mais uma pilha de roupa suja e amassada.

Até mesmo Gary era anárquico às vezes. O que ele mais gostava era de fazer o trem elétrico entrar nas curvas em alta velocidade e descarrilar, ver aquele bloco negro de metal escorregar desequilibrado, sair capotando e emitir chispas de frustração. Quase tão bom era colocar vacas e carros de plástico nos trilhos e engendrar pequenas tragédias.

O seu tesão tecnológico mais forte, porém, era um carrinho de brinquedo de controle remoto, muito anunciado ultimamente na televisão, que era capaz de andar em *qualquer lugar*. Para evitar qualquer ambigüidade, estava decidido a fazer do carro o único artigo de sua lista de Natal.

Da rua, quem prestasse atenção poderia ver a luz nas janelas diminuir toda vez que o trem elétrico de Gary, ou o ferro de Enid, ou as experiências de Alfred drenavam energia da rede. Mas que, afora isso, a casa parecia sem vida. Nas casas iluminadas dos Meisner, dos Schumpert, dos Person e dos Root, era evidente que havia gente em casa — famílias inteiras reunidas em torno das mesas, cabeças debruçadas sobre os deveres escolares, saletas iluminadas pelo bruxuleio da TV, bebês andando em passo vacilante, um avô testando a qualidade de um saquinho de chá que submetia à terceira infusão. Casas animadas, sem vergonha de si mesmas.

Haver ou não gente era tudo para uma casa. Era mais que um fato importante: era o único fato.

A família era a alma da casa.

O espírito desperto era como uma luz numa casa.

A alma era como a toupeira em sua toca.

A consciência estava para o cérebro como a família para a casa.

Aristóteles: *Se o olho fosse um animal, a visão seria a sua alma.*

Para entender a mente, era preciso imaginar a atividade doméstica, o zumbido de vidas interligadas seguindo em seus trilhos variados, o brilho fundamental do lar. Falava-se de “presença”, de “movimento”, de “ocupação”. Ou, inversamente, de “vazio”, de “fechamento”. Ou “perturbação”.

Talvez a luz desnecessária numa casa com três pessoas absorvidas em atividades diferentes no porão e só uma no andar térreo, um menino fitando um prato de comida fria, fosse como o espírito de uma pessoa deprimida.

Gary foi o primeiro a cansar-se do porão. Emergiu das escadas e evitou a sala de jantar superiluminada, como se lá estivesse a vítima de uma desfiguração repulsiva, e subiu para o andar de cima a fim de escovar os dentes.

Enid logo o seguiu, com sete camisas brancas ainda quentes. Ela também evitou a sala de jantar. Raciocinando que, caso o problema da sala de jantar fosse de responsabilidade dela, ela estaria sendo horrendamente negligente por não resolvê-lo, e uma mãe amorosa jamais poderia ser negligente; ela era uma mãe amorosa, e portanto a responsabilidade não podia ser dela. Alfred acabaria

emergindo do porão, veria que tinha sido um animal e se arrependeria. Se ele tivesse a coragem de pôr nela a culpa pelo problema, ela sempre poderia dizer: “Foi você quem disse para ele ficar sentado até comer tudo”.

Enquanto deixava a banheira encher, pôs Gary na cama. “Você vai sempre ser o meu leãozinho”, disse ela.

“Está bem.”

“É bravo? É malvado? É o meu leãozinho feroz?”

Gary não respondeu a essas perguntas. “Mamãe”, disse ele. “Chipper ainda está na mesa, e já são quase nove horas.”

“Isto é entre seu pai e Chipper.”

“Mamãe? Ele não gosta mesmo dessas comidas. Não é fingimento.”

“Ainda bem que você come de tudo”, disse Enid.

“Mamãe, não está certo.”

“Meu querido, é só uma fase que o seu irmão está passando. Mas eu acho lindo você se preocupar com ele. É maravilhoso você gostar tanto dele. Sempre.”

Saiu correndo para fechar a água e imergir no banho.

Num quarto escuro na casa ao lado, Chuck Meisner imaginava, enquanto a penetrava, que Bea era Enid. Ao mesmo tempo em que se agitava até ejacular, fazia cálculos.

Perguntava-se se haveria alguma bolsa em que se negociassem opções da Erie Belt. Melhor comprar logo cinco mil ações com trinta opções de venda para limitar as perdas em caso de queda. Ou melhor ainda, se alguém lhe oferecesse um bom preço, cem opções de compra, pura e simplesmente.

Ela estava grávida, e ia passar a usar sutiãs maiores, de um a dois números acima do seu, pensou Chuck, quando o bebê chegasse. Passando de A e B e até C, como a cotação de títulos municipais em queda livre.

Uma a uma, as luzes de Saint Jude se apagavam.

E se você ficasse tempo suficiente sentado à mesa do jantar, fosse por castigo, por teimosia ou simplesmente por tédio, nunca mais conseguia levantar-se de lá. Uma parte sua ficava sentada ali a vida inteira.

Como se um contato contínuo e direto demais com a própria passagem do tempo pudesse danificar permanentemente os nervos, da mesma forma que olhar diretamente para o sol.

Como se o conhecimento íntimo demais de qualquer interior fosse necessariamente um conhecimento daninho. Um conhecimento de que jamais conseguíssemos nos livrar.

(Como fica cansada e gasta a casa na qual se vive em excesso.)

Chipper ouvia coisas e via coisas, mas todas elas só existiam em sua cabeça. Ao cabo de três horas, os objetos que o cercavam ficaram tão desprovidos de sabor quanto um velho chiclete mastigado além da conta. Seus estados mentais, em comparação, eram fortes, e superavam de longe os objetos. Um esforço da

vontade, um redespertar, seria necessário para invocar a palavra “prato” e aplicá-la àquele campo visual que ele observara tão intensamente que sua realidade acabara por se dissolver na observação, ou para aplicar a palavra “caldeira” ao sussurro nos tubos que, por sua recorrência, assumira o caráter de um estado emocional ou de um ator em sua imaginação, uma encarnação do Tempo Malvado. As sutis flutuações da luz sempre que alguém passava a ferro, brincava ou fazia experiências, ou sempre que o motor da geladeira era acionado, também faziam parte do sonho. Esta mutabilidade, embora quase imperceptível, tinha sido um tormento. Mas agora tinha cessado.

Agora só restava Alfred no porão. Ele sondava um gel de ferroacetatos com os eletrodos de um amperímetro.

A última fronteira da pesquisa em metalurgia: composição de metais à temperatura ambiente. O Graal era uma substância que se podia colar ou moldar, mas que, depois de algum tratamento (talvez com uma corrente elétrica), tornava-se semelhante ao aço, pela solidez superior, a condutividade e a resistência a fadiga. Uma substância fácil de trabalhar como o plástico, e dura como o metal.

O problema era urgente. Havia uma guerra cultural em andamento, e as forças do plástico estavam vencendo. Alfred já tinha visto potes de geléia com tampas de plástico. Automóveis com tetos de plástico.

Infelizmente, o metal em estado livre — uma bela estaca de aço ou um sólido candelabro de bronze — representava um alto nível de ordem, mas a Natureza era desmazelada e preferia sempre a desordem. A desagregação da ferrugem. A promiscuidade das moléculas em solução. O caos das coisas quentes. Estados de desordem tinham uma probabilidade muito mais alta de surgir espontaneamente do que cubos de ferro perfeito. De acordo com a Segunda Lei da Termodinâmica, uma enorme quantidade de *trabalho* era necessária para resistir a essa tirania do provável — para forçar os átomos de um metal ao bom comportamento.

Alfred tinha a certeza de que a eletricidade estava à altura da tarefa. A corrente que vinha pela rede elétrica correspondia, na verdade, à transferência de uma ordem à distância. Nas usinas de força, um pedaço organizado de carvão transformava-se numa flatulência de gases quentes e inúteis; um elevado reservatório de água auto-suficiente transformava-se numa torrente entrópica que corria errante rumo a um delta. Tais sacrifícios de ordem produziam a útil segregação de cargas elétricas de que ele se aproveitava em sua casa.

Estava à procura de um material que, na verdade, fosse capaz de uma autogalvanoplastia. Fazia surgirem cristais de materiais incomuns na presença de correntes elétricas.

Não era ciência pura e sim o probabilismo cru da tentativa e erro, a procura tateante de acidentes que pudesse aproveitar. Um dos seus colegas de faculdade

já tinha ganho o primeiro milhão de dólares com os resultados de uma descoberta fortuita.

Que um dia ele não precisasse mais se preocupar com dinheiro: era um sonho idêntico ao sonho de ser consolado por uma mulher, realmente consolado, nos momentos em que era tomado pela infelicidade.

O sonho de uma transformação radical: de um dia despertar e descobrir-se uma pessoa totalmente diferente (mais confiante, mais serena), de escapar daquela prisão do que era dado, de sentir-se divinamente capaz.

Ele tinha argilas e gels de silicato. Tinha massas de silício. Tinha lamas de sais ferrosos que sucumbiam à própria deliquescência. Acetilacetatonatos ambivalentes e tetracarbonilas com baixos pontos de fusão. Um pedaço de gálio do tamanho de uma ameixa preta.

O químico-chefe da Midland Pacific, um doutor suíço entediado até a melancolia por milhões de medições da viscosidade de óleo combustível e de dureza de materiais pelo método de Brinell, mantinha Alfred abastecido. Seus superiores sabiam do arranjo — Alfred jamais correria o risco de ser surpreendido em qualquer atividade clandestina — e, informalmente, todos concordavam que, caso ele chegasse a um processo patenteável, a Midpac receberia uma parte dos resultados.

E naquela noite alguma coisa diferente estava acontecendo com o gel de ferroacetato. As leituras de sua condutividade vinham variando de maneira extrema, dependendo do lugar exato onde ele enfiasse o medidor do amperímetro. Achando que a sonda poderia estar suja, passou a usar uma agulha mais fina, com a qual tornou a perfurar o gel. Obteve uma leitura que indicava ausência total de condutividade. Em seguida enfiou a agulha num ponto diferente do gel e obteve uma leitura alta.

O que estaria acontecendo?

A questão o absorvia e o reconfortava, e manteve o capataz distraído até que, às dez da noite, apagou a iluminação do microscópio e escreveu em seu caderno: TINTURA AZUL CROMATO A 2%. MUITO MUITO INTERESSANTE.

No momento em que pôs os pés fora do laboratório, a exaustão atingiu-o como um martelo. Forcejou para fechar a tranca, seus dedos analíticos subitamente grossos e estúpidos. Tinha uma energia ilimitada para o trabalho, mas assim que parava mal conseguia agüentar-se de pé.

Sua exaustão aprofundou-se quando chegou ao térreo. A cozinha e a sala de jantar estavam fortemente iluminadas, e parecia haver um menino debruçado na mesa da sala de jantar, com o rosto pousado na sua toalha individual. A cena era tão errada, tão perversa pelo que continha de Revanche, que por um instante Alfred pensou honestamente que o menino à mesa fosse um fantasma saído de sua própria infância.

Estendeu a mão para os interruptores como se a luz fosse um gás venenoso

cujo fluxo ele precisava interromper.

Numa obscuridade menos perigosa, pegou o menino nos braços e carregou-o para cima. O menino tinha a trama da toalha gravada numa das bochechas. Murmurou coisas desconexas. Estava semidesperto mas resistia à plena consciência, mantendo a cabeça baixa enquanto Alfred o despia e encontrava seu pijama no armário.

Depois que o menino já estava deitado na cama, depositário de um beijo e profundamente adormecido, uma quantidade incalculável de tempo passou por entre as pernas da cadeira em que Alfred ficou sentado, consciente apenas da infelicidade instalada entre suas têmporas. Seu cansaço doía tanto que o mantinha acordado.

Ou talvez ele tenha dormido, porque de repente estava de pé e sentindo-se ligeiramente melhor. Saiu do quarto de Chipper e foi ver como estava Gary.

Logo junto à porta do quarto de Gary, fedendo a cola, havia uma cadeira feita com palitos de picolé. A cadeira não tinha a menor relação com a penitenciária elaborada que Alfred imaginara. Era um quadrado grosseiro sem teto, dividido mal-e-mal ao meio. A planta do piso, na verdade, era exatamente o quadrado binomial que ele tinha evocado antes do jantar.

E aquilo, ali na sala maior da cadeia, aquele nó confuso de cola semi-endurecida e palitos de picolé quebrados, era... um carrinho de mão de boneca? A miniatura de um banco conversível em escada?

Uma cadeira elétrica.

Num nevoeiro de exaustão que lhe embaralhava as idéias, Alfred ajoelhou-se para examinar o objeto. Sentiu-se tocado pela pungência do simples fato de a cadeira ter sido produzida — pelo páthoso impulso que Gary tivera de fabricá-lo e buscar a aprovação do pai — e, de maneira mais perturbadora, pela impossibilidade de equacionar aquele produto grosseiro com a imagem mental precisa de uma cadeira elétrica que tinha evocado à mesa do jantar. Como a mulher ilógica de um sonho, que ao mesmo tempo fosse e não fosse Enid, a cadeira que ele imaginara era ao mesmo tempo uma cadeira elétrica e palitos de sorvete. E nesse momento lhe ocorreu, com mais ênfase do que nunca, que *todas* as coisas “reais” do mundo talvez fossem no fundo tão desconjuntadamente proteiformes quanto aquela cadeira elétrica. Talvez seu espírito estivesse operando agora, em relação ao assoalho de madeira aparentemente real em que se ajoelhava, exatamente da mesma forma como tinha operado horas antes com a cadeira que ainda não vira. Talvez o assoalho só se transformasse realmente em assoalho em sua reconstrução mental dele. É claro que a natureza do assoalho era em boa medida indiscutível; a madeira sem dúvida existia, e tinha propriedades mensuráveis. Mas havia um *segundo* assoalho, o assoalho da forma como se refletia em sua cabeça, e ele temeu que a “realidade” sitiada que ele tanto defendia não fosse a realidade do assoalho verdadeiro num quarto existente,

e sim a realidade de um assoalho de sua mente, que era idealizado e portanto tão desprovido de valor quanto uma das tolas fantasias de Enid.

A suspeita de que tudo era relativo. De que o “real” e o “autêntico” pudessem na verdade não estar ameaçados, mas sim serem fictícios desde o começo. De que a sua sensação de integridade, de ser o defensor único do real, não passasse de uma sensação. Eram essas as suspeitas que o espreitavam, em tocaia, em todos aqueles quartos de motel. Eram esses os terrores profundos debaixo das camas precárias.

E se o mundo se recusava a concordar com sua versão da realidade, era necessariamente um mundo indiferente, um mundo amargo e repugnante, uma colônia penal, onde ele estava condenado a uma violenta solidão.

Baixou a cabeça diante da idéia de quanta força seria necessária a um homem para sobreviver uma vida inteira em tamanha solidão.

Devolveu a lamentável cadeira elétrica desequilibrada ao piso da sala maior da prisão. Assim que soltou a cadeira, ela tombou de lado. Imagens em que a cadeira era espatifada a marteladas passaram por sua cabeça, flagrantemente de saias erguidas e calcinhas rasgadas, visões de sutiãs em frangalhos e quadris em oferta, mas não deram em nada.

Gary dormia em silêncio absoluto, como sua mãe. Não havia hipótese de ter esquecido a promessa implícita que o pai lhe fizera, de examinar a cadeira depois do jantar. Gary nunca se esquecia de nada.

De qualquer maneira, estou fazendo o melhor possível, pensou Alfred.

De volta à sala de jantar, examinou as mudanças na comida do prato de Chipper. As margens tostadas do fígado tinham sido meticulosamente aparadas e comidas, bem como todas as migalhas de crosta. Havia também indícios de que a rutabaga tinha sido engolidas; o pouco que restava exibía diminutas marcas de ancinho. E vários talos de folhas de beterraba tinham sido dissecados, as folhas mais tenras retiradas e comidas, os talos avermelhados e lenhosos deixados de lado. Tudo indicava que Chipper tinha consumido a mordida contratual de cada alimento, no fim das contas, presumivelmente a grande custo pessoal, e tinha sido levado para a cama sem a contrapartida da sobremesa a que fizera jus.

Numa certa manhã de novembro, trinta e cinco anos antes, Alfred tinha encontrado uma ensanguentada pata dianteira de coite no dentes de uma armadilha de aço, indício de certas horas desesperadas na noite anterior.

Sentiu-se tomado por uma dor tão intensa que precisou cerrar a mandíbula e apelar para sua filosofia de modo a não prorromper em lágrimas.

(Schopenhauer: Uma única consideração pode servir para explicar os sofrimentos dos animais: que a vontade de viver, subjacente a todo o mundo dos fenômenos, deve, no caso deles, satisfazer suas fomes alimentando-se de si mesma.)

Desligou as últimas luzes do andar de baixo, foi ao banheiro, e vestiu um

pijama limpo. Precisou abrir a mala para recuperar sua escova de dentes.

Na cama, o museu dos antigos transportes, deslizou ao lado de Enid, acomodando-se o mais perto da beira que podia. Ela dormia com aquele seu jeito de quem fingia dormir. Ele olhou uma vez para o despertador, as jóias fosforescentes de seus dois ponteiros — mais perto da meia-noite que das onze — e fechou os olhos.

E ouviu a pergunta, numa voz que era como o meio-dia: “Do que você estava falando com Chuck?”.

Sua exaustão dobrou. Com os olhos fechados, viu retortas, sondas e a agulha trêmula do amperímetro.

“Tive a impressão de que era a Erie Belt”, disse Enid. “Chuck sabe o que está havendo? Você contou a ele?”

“Enid, estou muito cansado.”

“Só estou surpresa. Só isso. Diante de tudo.”

“Foi sem querer, e eu me arrependi.”

“Eu só acho interessante”, disse Enid, “que Chuck vá poder fazer um investimento que nós não podemos fazer.”

“Se Chuck acha que pode usar uma vantagem injusta sobre os outros investidores, o problema é dele.”

“Muitos acionistas da Erie Belt vão achar ótimo receber cinco e três quartos amanhã. Qual é a injustiça?”

Suas palavras soavam como um argumento ensaiado horas a fio, um ressentimento acalentado no escuro.

“As ações vão estar valendo nove dólares e meio daqui a três semanas”, disse Alfred. “Eu sei disso, mas a maioria das pessoas não sabe. É injusto.”

“Você é mais inteligente que as outras pessoas”, disse Enid, “e tirou notas melhores na escola, e agora tem um emprego melhor. É injusto também, não é? Quer dizer que você devia ser uma besta completa, só para ser mais justo?”

Amputar a própria pata com os dentes não é um gesto que se possa fazer com leveza, e nem pela metade. Em que ponto e por qual processo o coitado teria tomado a decisão de cravar os dentes em sua própria carne? É possível que antes viesse um período de espera e ponderação. Mas e depois?

“Não vou discutir com você”, disse Alfred. “Mas já que está acordada, eu queria saber por que Chip não foi posto na cama.”

“Mas foi você mesmo quem disse que ele...”

“Você subiu muito antes do que eu. Não era minha idéia deixar o menino sentado lá por cinco horas. Você está usando Chip contra mim, e eu não gosto nada disso. Ele devia ter sido posto na cama às oito.”

Enid ficou refogando em seu erro.

“Podemos combinar que isso nunca mais vai acontecer?”, perguntou Alfred.

“Podemos.”

“Ótimo. Então vamos dormir.”

Quando fazia muito, muito escuro na casa, a criança por nascer via tão claro quanto qualquer outro. Tinha ouvidos e olhos, nariz, cérebro e cerebelo, e flutuava num lugar central. Já conhecia as fomes principais. Dia após dia sua mãe andava pela casa imersa num ensopado de desejo e culpa, e agora o objeto do desejo da mãe estava a um metro dela. Tudo na mãe estava pronto para derreter-se e imobilizar-se a um toque amoroso em qualquer parte de seu corpo.

Havia muita respiração em andamento. Muita respiração, mas nada de toque.

O sono fugia até mesmo de Alfred. Cada arquejo anasalado de Enid parecia perfurar seu ouvido no exato instante em que estava novamente pronto para deixar-se levar.

Ao cabo de um intervalo que, nas contas dele, durara uns vinte minutos, a cama começou a sacudir com soluços mal contidos.

Ele rompeu seu silêncio, quase gemendo: “O que foi?”

“Nada.”

“Enid, já está muito tarde, o despertador vai tocar às seis, e estou exausto.”

Ela começou a chorar tempestuosamente. “Você nem me deu um beijo de despedida.”

“Eu sei.”

“E eu não tenho direito? O marido sai de casa e deixa a mulher sozinha por duas semanas?”

“São águas passadas. E para dizer a verdade, já agüentei coisa muito pior.”

“E então ele chega em casa e nem pergunta como ela vai? Sai logo me atacando?”

“Enid, eu passei uma semana terrível.”

“E levanta da mesa antes de acabar de jantar?”

“Uma semana terrível, e estou muito cansado...”

“E se tranca no porão por cinco horas? Apesar de estar muito cansado?”

“Se você tivesse passado a semana que eu passei...”

“*Você não me deu um beijo de despedida.*”

“Vê se cresce! Pelo amor de Deus! Vê se cresce!”

“Fale mais baixo!”

(Fale mais baixo para o bebê não ouvir.)

(Na verdade *estava* ouvindo, e absorvendo cada palavra.)

“Você acha que eu estava fazendo turismo?”, perguntou Alfred num sussurro.

“Tudo que eu faço é por você e pelos meninos. Faz duas semanas que eu não tenho nem um minuto de folga. Acho que eu mereço passar umas horinhas no laboratório. Você não iria entender e nem acreditar se eu explicasse, mas descobri uma coisa muito interessante.”

“Ah, muito interessante”, disse Enid. Estava longe de ser a primeira vez que ouvia aquilo.

“Na verdade é muito interessante *mesmo*.”

“Tem alguma aplicação comercial?”

“Nunca se sabe. Basta ver o que aconteceu com Jack Callahan. Pode acabar pagando a faculdade dos garotos.”

“Mas você tinha dito que a descoberta de Jack Callahan tinha sido um acidente.”

“Meu Deus, ouça o que você está dizendo. Você vive me dizendo que *eu* sou negativo, mas quando é um trabalho que diz respeito a *mim*, você é muito mais.”

“Eu só não consigo entender por que você não quer nem pensar...”

“Chega.”

“Mas se a idéia é ganhar dinheiro...”

“Chega! Chega! Eu não quero saber o que as outras pessoas fazem. Eu não sou desse tipo.”

Duas vezes na igreja, no domingo anterior, Enid tinha virado a cabeça e surpreendido o olhar de Chuck Meisner. Ela estava com o busto um pouco mais farto que o normal, devia ser por isso. Mas das duas vezes Chuck tinha corado.

“Por que você está sendo tão frio comigo?”, ela perguntou.

“Tenho minhas razões”, disse Alfred, “mas não vou dizer.”

“Por que você está tão infeliz? Por que não quer me contar?”

“Nem à beira do túmulo eu conto para você. Nem à beira do túmulo!”

“Oh, oh, oh!”

Ela tinha fiscado um marido *mau*, mau, mau, muito mau, que nunca lhe dava o que ela precisava. Qualquer coisa que pudesse deixá-la um pouco satisfeita ele encontrava alguma razão para sonegar.

E lá estava ela deitada, uma Tântala, ao lado da ilusão inerte de um banquete. Só um dedinho em qualquer lugar e pronto. Para não falar dos lábios de ameixa dele. Mas ele era um inútil. Um maço de dinheiro enfiado num colchão, mofando e perdendo o valor, era assim. Uma depressão no centro do país agastara-o da mesma forma que tinha agastado a mãe dela, que não entendia que as contas a juros nos bancos tinham passado a ser garantidas pelo governo federal, que ações *blue-chip* mantidas a longo prazo, com os dividendos reinvestidos, poderiam ajudar a sustentá-la na velhice. Ele era um mau investidor.

Mas não ela. Ela já tinha até chegado ao ponto de, quando o quarto estava muito escuro, correr um risco real, e foi o que decidiu fazer naquele momento. Rolou o corpo e fez cócegas nas coxas dele com os seios que um certo vizinho tinha admirado. Apoiou o rosto no peito do marido. Podia senti-lo querendo que ela se afastasse, mas primeiro ela precisava acariciar a planície de sua barriga musculosa, pairando, encostando nos pêlos mas não na pele. Com alguma surpresa, ela sentiu o seu o seu o seu adquirir vida à aproximação de seus dedos. O baixo-ventre dele tentou esquivar-se, mas os dedos dela foram mais ágeis. Ela

podia senti-lo crescer através da braguilha do pijama, e num acesso de fome represada fez algo que ele jamais a deixara fazer antes. Deitou-se de lado e abocanhou-o: aquele menino que crescia depressa, aquele biscoito com um leve gosto de urina. Na habilidade de suas mãos e no inchaço de seus seios, ela se sentia desejável e capaz de tudo.

O homem debaixo dela sacudia, resistindo. Ela desembaraçou a boca por um instante. “Al? Meu bem?”

“Enid. O que você...”

Mais uma vez a boca aberta desceu sobre o cilindro de carne. Ela ficou imóvel por um instante, o suficiente para sentir a carne endurecer pulso a pulso contra o céu de sua boca. Depois levantou a cabeça. “Podíamos ter um pouco de dinheiro extra no banco... não acha? Levar os meninos à Disneylândia. Não acha?”

E voltou para baixo. A língua e o pênis aproximavam-se de um entendimento, e agora ele já tinha o mesmo gosto que o interior de sua boca. De uma tarefa, e de tudo que aquela palavra implicava. Talvez sem querer, ele a atingiu nas costelas com o joelho e ela mudou de posição, ainda sentindo-se desejável. Ela encheu a boca e a entrada da garganta. Emergiu para respirar e tornou a abocanhar tudo.

“Mesmo que a gente só comprasse duas mil”, murmurou ela. “Com uma diferença de quatro dólares por ação...nhac!”

Alfred tinha recuperado o juízo e forçara o súcubo a afastar-se dele.

(Schopenhauer: *As pessoas que ganham dinheiro são os homens, e não as mulheres, e daí decorre que as mulheres não têm nem justificativa para a posse incondicional de fortuna e nem se lhes deve confiar sua administração.*)

O súcubo tornou a tentar apoderar-se dele, mas ele a agarrou pelo pulso e com a outra mão levantou sua camisola.

Talvez os prazeres que se tira de um balanço, bem como do pára-quedismo e do mergulho em mar aberto, sejam um gosto vindo de um tempo em que o útero nos protegia das variações bruscas de posição. Um tempo em que ainda não tínhamos sequer adquirido o mecanismo da vertigem. Ainda entregues às seguras delícias de um morno mar interno.

Só que *aquele* solavanco deu medo, *aquele* solavanco veio acompanhado de uma onda de adrenalina transportada pelo sangue, pois a mãe parecia tensa...

“Al, não sei se é uma boa idéia, não é, eu não acho...”

“O livro diz que não tem nenhum problema...”

“Mas eu não me sinto bem. Uuuui. De verdade. Al?”

Ele era um marido travando intercuro sexual legítimo com sua legítima esposa.

“Al, mesmo assim. Talvez não. Agora.”

Combatendo a imagem daquela adolescente de malha SE OFERECENDO. E

de todas as outras, com as BOCETAS, os PEITOS e as BUNDAS que os homens ficavam com vontade de FODER, combatendo aquela imagem embora o quarto estivesse muito escuro e muita coisa pudesse acontecer no escuro.

“Ah, não estou gostando nada disso!”, lamentou-se Enid baixinho.

O pior era a imagem da garotinha toda enrodilhada dentro dela, uma garotinha não muito maior que um inseto mas já testemunha daquele abuso. Testemunha daquele pequeno cérebro ingurgitado que ficou indo e vindo do outro lado do colo do útero e então, com um rápido espasmo duplo que não podia ser considerado exatamente uma advertência adequada, cuspiu jorros espessos de esperma alcalino em seus aposentos privativos. Ainda nem tinha nascido e já se afogava naquele conhecimento pegajoso.

Alfred ficou deitado, recobrando o fôlego e se arrependendo de ter profanado o bebê daquela maneira. Um último filho era uma última oportunidade de aprender com os próprios erros e fazer as devidas correções, e resolveu aproveitar a oportunidade. A partir do dia do nascimento dela, iria tratá-la com muito mais carinho do que tinha tratado Gary e Chipper. Abrandar a lei para ela, fazer tudo que ela quisesse desde o início, e nunca, jamais, forçá-la a continuar sentada depois que todos já tivessem deixado a mesa.

Mas ele a cobrira com toda aquela imundície quando ela ainda não tinha defesa. Ela tinha assistido àquelas cenas conjugais e por isso, é claro, quando ficasse mais velha, ela o trairia.

O que tornava a correção possível também a condenava ao fracasso.

A sonda sensível que lhe transmitira leituras na faixa superior da zona vermelha agora indicava zero. Ele se retirou e deu as costas à mulher. Sob o domínio do instinto sexual (como era chamado por Arthur Schopenhauer), perdera de vista como era cruelmente exíguo o tempo que ainda lhe restava antes de ser obrigado a barbear-se e pegar o trem, mas agora o instinto tinha sido saciado e a consciência da brevidade da noite que lhe restava pesava em seu peito como um trilho do tipo 140, e Enid recomeçara a chorar, como as mulheres sempre faziam quando ficava psicoticamente tarde e mexer no despertador não adiantava mais. Anos antes, logo que se casaram, ela às vezes chorava de madrugada, mas naquela época Alfred sentia tamanha gratidão pelo prazer que lhe roubava e pelas estocadas que ela suportava que jamais deixava de perguntar por que ela estava chorando.

Mas naquela noite, ficou claro que não sentia nem gratidão nem a mais remota obrigação de perguntar-lhe nada. Estava com sono.

Por que as mulheres escolhiam a noite para chorar? Chorar à noite era ótimo quando não se precisava pegar o trem para o trabalho dali a quatro horas e quando a pessoa não tivesse cometido, pouco antes, uma profanação cuja importância agora lhe escapava por completo.

Talvez tudo aquilo — dez noites de insônia em motéis ordinários, seguidas de

uma noite naquela montanha russa emocional e finalmente os fungados e vagidos da mulher tentando dormir aos prantos às duas da porra da madrugada, o que dava vontade de sair correndo e enfiar uma bala no céu da boca — fosse necessário para abrir os olhos dele para o fato de que (a) o sono era uma mulher (b) cujos consolos ele não tinha a obrigação de recusar.

Para um homem que passara toda a vida lutando contra os cochilos extracurriculares, além de qualquer outra delícia pecaminosa, aquela descoberta foi profundamente transformadora — não menos momentosa, a seu modo, que a descoberta, horas antes, da anisotropia elétrica num gel de ferroacetatos em rede. Mais de trinta anos ainda haviam de passar antes que a descoberta do porão produzisse algum rendimento financeiro; já a descoberta do quarto de dormir tornou de imediato a existência na casa dos Lambert mais tolerável.

Uma *Pax Somnis* desceu sobre a casa. A nova amante de Alfred acalmou qualquer fera que nele restasse. Como era mais fácil, em vez de enraivecer-se ou ficar ensimesmado, simplesmente fechar os olhos! Em pouco tempo, todos compreenderam que ele tinha uma amante invisível com quem se encontrava na sala de estar toda tarde de sábado, assim que terminava sua semana de trabalho na Midpac, uma amante que levava consigo em todas as viagens de trabalho e em cujos braços se refugiava nas camas que não lhe pareciam mais tão desconfortáveis dos quartos de motel que não lhe pareciam mais tão barulhentos, uma amante que jamais deixava de visitá-lo nas noites em que ficava em casa pondo a papelada em dia, uma amante com quem compartilhava o travesseiro de viagem depois do almoço nas excursões de férias da família no verão, enquanto Enid pilotava o carro inclinada para a frente e os meninos ficavam quietos no banco de trás. O sono era a moça idealmente compatível com o trabalho que ele deveria ter desposado em lugar de Enid. Perfeitamente submissa, infinitamente tolerante, e tão respeitável que podia ser levada à igreja, a um concerto sinfônico ou ao Teatro de Repertório de Saint Jude. Jamais chorava para forçá-lo a ficar acordado. Não exigia nada, e em troca de nada dava-lhe tudo de que ele carecia para enfrentar os longos dias de trabalho. Aquele caso não tinha qualquer problema, nada de osculação romântica, nada de derramamentos ou secreções, nada de vergonha. Podia enganar Enid em sua própria cama sem produzir nem sombra de prova aceitável num tribunal, e enquanto fosse capaz de manter aquele caso em segredo, evitando cochilar em jantares, por exemplo, Enid o toleraria, como sempre faziam as mulheres sensatas, e assim aquela era uma infidelidade em relação à qual, à medida que as décadas passavam, jamais chegava a hora do acerto de contas...

“Psiu! Babaca!”

Com um sobressalto, Alfred acordou com a vibração e o suave balanço do *Gunnar Myrdal*. Haveria outra pessoa na cabine?

“Babaca!”

“Quem é?”, perguntou ele, parte em desafio e parte com medo.

As finas cobertas escandinavas caíram no chão quando ele se sentou na cama e prescutoou a semi-escuridão, fazendo força para escutar além dos limites de si mesmo. Os parcialmente surdos conhecem, como se fossem companheiros de cela, as frequências que fazem ressoar suas cabeças. Sua companheira mais antiga era um contralto semelhante a um lá médio dos órgãos de tubos, um clamor de trombeta vagamente localizado em seu ouvido esquerdo. Conhecia aquele som, num volume cada vez mais alto, havia trinta anos; era de tal modo estabelecido que dava a impressão de ser capaz de sobreviver-lhe. Tinha a falta de sentido intacta das coisas eternas ou infinitas. Era tão real quanto a batida do coração, mas não correspondia a nada de real fora dele. Era um som que nada produzia.

Por baixo dele, sons mais fracos e fugidios estavam ativos. Aglomerados semelhantes a cirros de frequências muito altas na estratosfera profunda atrás de seus ouvidos. Notas serpenteantes de tenuidade quase fantasmagórica, como que produzidas por um realejo distante. Um conjunto dissonante de tons intermediários que surgiam e sumiam como grilos no centro de seu crânio. Um ronco surdo e quase trovejante que lembrava uma versão diluída do ensurdecimento total produzido por um motor a diesel, um som que ele jamais tinha conseguido acreditar que fosse de todo real — isto é, irreal — até aposentar-se da Midpac e perder contato com as locomotivas. Eram esses os sons que seu cérebro criava e ao mesmo tempo escutava, tinha-os como amigos.

Fora de si mesmo, ouvia a fricção suave de duas mãos que balançavam suavemente em suas dobradiças em contato com os lençóis.

E o misterioso som de água corrente à toda sua volta, nos capilares secretos do *Gunnar Myrdal*.

E alguém que dava um riso abafado no espaço duvidoso abaixo do horizonte das roupas de cama.

E o despertador enfatizando cada tique. Eram três da manhã e sua amante o abandonara. Justamente agora, quando ele precisava mais do que nunca dos seus consolos, ela saía para putear com adormecidos mais jovens. Ela lhe obedecera por trinta anos, abrira-lhe os braços e as pernas toda noite às dez e quinze. Era o recanto que ele sempre tinha procurado, o útero. Ainda conseguia encontrá-la à tarde ou quando anoitecia, mas não na cama, no meio da noite. Assim que ele se deitava estendia os braços, tateava os lençóis e às vezes, por algumas horas, encontrava alguma extremidade óssea a que se agarrar. Mas ela sempre desaparecia às duas ou às três, e nem se dava ao trabalho de fingir que ainda lhe pertencia.

Percorreu com os olhos amedrontados o carpete alaranjado-ferrugem até a armação em clara madeira nórdica da cama de Enid. Enid parecia morta.

A água correndo por milhões de tubos.

E a vibração, ele tinha uma idéia acerca daquela vibração. Que ela vinha dos motores, que quando um luxuoso navio de cruzeiro era construído todo ruído que os motores produziam iam sendo abafados ou mascarados, um após o outro, até a mais baixa freqüência audível e mais baixo ainda, mas era impossível chegar-se a zero. Ficava aquela vibração subaudível a dois hertz, o resto irredutível recordando o silêncio que fora imposto a uma coisa poderosa.

Um animal pequeno, um camundongo, agitou-se em meio às sombras listradas ao pé da cama de Enid. Por um instante, Alfred teve a impressão de que todo o piso era composto de corpúsculos fervilhantes. Em seguida, os camundongos misturaram-se formando um único camundongo mais insolente, um camundongo horrível: pelotas esponjosas de excremento, a mania de roer tudo, de urinar por cima de tudo...

“Babaca, babaca!”, vituperou o visitante, trocando a escuridão pela semi-obscuridade do pé da cama.

Consternado, Alfred reconheceu o visitante. Primeiro viu a silhueta arredondada do dejetto, e depois percebeu o aroma de decomposição bacteriana. Não era um camundongo. Era o cagalhão.

“E agora problemas de urina, he, he!”, disse o cagalhão.

Era um cagalhão sociopata, um cocô sem freios, um falastrão incontrolável. Tinha se apresentado a Alfred na noite anterior, e o deixara num tal estado de agitação que só os cuidados de Enid, o clarão da luz elétrica e o toque reconfortante de Enid em seu ombro, conseguiram salvar a noite.

“Vá embora!”, ordenou Alfred em tom severo.

Mas o cagalhão saiu correndo pela lateral da limpa cama nórdica e instalou-se como um queijo brie, ou como um queijo de cabra envolto em folhas cheirando a esterco, sobre as cobertas. “Imagine se eu vou, meu amigo.” E dissolveu-se, literalmente, numa tempestade de hilariantes sons de peido.

Ficar com medo de encontrar o cagalhão no travesseiro era convocar o cagalhão para o travesseiro, onde ele se instalou em posturas de reluzente bem-estar.

“Saia já, saia já”, disse Alfred, plantando um cotovelo no carpete enquanto mergulhava para fora da cama de cabeça para baixo.

“Nem pensar, Valdemar”, respondeu o cagalhão. “Primeiro eu vou me instalar nas suas roupas.”

“Não!”

“Claro que vou, amizade. Me instalar nas suas roupas e me esfregar no estofamento. Manchar tudo, e deixar uma trilha. A coisa vai feder.”

“Por quê? Por quê? Por que você quer fazer uma coisa dessas?”

“Porque é o melhor para mim”, coaxou o cagalhão. “É assim que eu sou. Pensar mais no conforto de alguém do que no meu? Mergulhar numa privada só para não ferir os sentimentos de alguma pessoa? Isso é o que *você* costuma fazer,

amizade. Mas você parece que pensa com a bunda. E olhe só onde foi parar.”

“As outras pessoas deviam ter mais consideração.”

“E você devia ter menos. Já eu, pelo meu lado, sou contra qualquer forma de rigor. Se você está com vontade, vai fundo. Se quer mesmo, corre atrás. Cada um precisa pensar nos seus interesses antes de tudo.”

“A civilização depende da contenção”, disse Alfred.

“Civilização? Supervalorizada. Só uma coisa, o que é que ela fez por mim? Deu a descarga e me mandou para o esgoto! Me deu um tratamento de merda!”

“Mas é o que você é”, contra-argumentou Alfred, esperando que o cagalhão pudesse curvar-se à lógica. “Para *isso* é que servem as privadas.”

“Está querendo dizer que eu sou um merda, seu babaca? Tenho tanto direito quanto qualquer um, ou não é? Direito à vida, direito à liberdade, à procura da bucatidade? É o que está escrito na Constituição dos Está Dois...”

“Está errado”, disse Alfred. “Você está falando da Declaração de Independência.”

“É tudo a mesma coisa, um papel amarelado enfiado em algum canto, estou cagando para o nome certo da porra do papel. É gente de cu apertado feito você que cisma de corrigir cada porra de palavra que sai da minha boca desde que eu era desse tamaninho. Você e os professores fascistas constipados e os policiais nazistas. Pouco se me dá que esta porra esteja escrita em papel higiênico. O que *eu* estou dizendo é que o país é livre, e *eu* sou a maioria, e *você*, amizade, é minoria. Então, foda-se.”

O cagalhão tinha uma atitude, um tom de voz, que Alfred achava estranhamente familiar, mas não conseguia identificar com precisão. Começou a rolar e pular pelo travesseiro de Alfred, espalhando uma película brilhante de cor entre o verde e o marrom, com pequenos calombos e fibras, deixando estrias brancas e áreas vazias nos pontos onde o tecido estava enrugado. Alfred, estendido no chão ao lado da cama, cobriu o nariz e a boca com as mãos para mitigar o mau cheiro e o horror que sentia.

E aí o cagalhão começou a correr pela perna de seu pijama. E Alfred sentiu seus pezinhos minúsculos, parecidos com os de um camundongo.

“Enid!”, chamou ele com a força que ainda tinha.

O cagalhão estava em algum lugar nas proximidades do alto das coxas. Lutando para dobrar suas pernas rígidas e prender seus polegares semifuncionais ao elástico da cintura, tirou as calças do pijama para prender o cagalhão dentro do pano. Subitamente, compreendeu que o cagalhão era um prisioneiro fugido da prisão, um lixo humano que devia estar na cadeia. Que era para aquilo que serviam as cadeias: para as pessoas que acham que são elas, e não a sociedade, quem faz as regras. E se a cadeia não bastasse para detê-los, mereciam a morte! A morte! Tirando forças de sua raiva, Alfred conseguiu desembaraçar o pijama embolado de seus pés, com os braços oscilantes conseguiu prender aquela bola

no tapete e atacá-la com seus antebraços, e depois encaixá-la com firmeza entre o duro colchão nórdico e a base nórdica de molas.

Ajoelhou-se, recobrando o fôlego, de paletó de pijama e fralda de adulto.

Enid continuava a dormir. Havia algo de claramente típico de conto de fadas na atitude dela aquela noite.

“Fffflblaaaaaatttt!”, vituperou o cagalhão. Tinha reaparecido na parede acima da cama de Alfred, e de lá pendia precariamente, como se tivesse sido jogado, ao lado de uma gravura emoldurada representando o porto de Oslo.

“Desgraçado!”, disse Alfred. “O seu lugar é na cadeia!”

O cagalhão dobrou-se de rir enquanto escorregava muito devagar parede abaixo, com os pseudópodes viscosos ameaçando gotejar nos lençóis abaixo dele. “Quer me parecer”, disse ele, “que vocês, de personalidade retentiva anal, sempre querem pôr *tudo* na cadeia. As crianças pequenas, por exemplo, são um horror, tiram as coisas das prateleiras, jogam comida no tapete, choram no teatro, erram o penico. Todas em cana! E os *polinésios*, amizade, espalham areia pela casa, deixam cair caldo de peixe nos móveis, e aquelas garotas todas que entram na adolescência com os peitinhos à mostra? Cadeia! E já que estamos falando disso, e entre os dez e os vinte, os adolescentes cheios de tesão, sempre insolentes, sempre sem limites. E os negros (sensível, hein, Fred?), gritando a toda altura, distorcendo a gramática, o cheiro de bebida à base de malte e um suor de odor forte de couro cabeludo, e muita dança e namoro e cantores que gorjeiam como partes do corpo umedecidas de saliva e géis especiais: para que mais servem as cadeias, além de prender os negros? E os caribenhos com os seus baseados e suas criancinhas barrigudas, comendo churrasco todo dia, com hantavírus transmitidos por ratos e suas bebidas açucaradas com sangue de porco no fundo? Tranque a porta da cela, engula a chave. E os chineses, cara, aqueles legumes de nome estranho que parecem uns consolos de borracha feitos em casa que alguém se esqueceu de lavar depois do uso, tudo a um dólar, e aquelas carpas viscosas e os passarinhos esfolados vivos, e além disso sopa de filhote de cachorro, bolinho de qualquer coisa e meninas recém-nascidas são as guloseimas lá deles, e mais o *pork-bung*, que é a maneira como eles se referem ao *ânus* de um *suíno*, presumivelmente um artigo borrachudo e meio peludo, que os chineses *pagam* para comer. Que tal simplesmente mandar uma bomba atômica em cima desse bilhão vírgula dois e pronto? Já deixa limpa aquela parte do mundo. Isso para não falar das mulheres em geral, deixando um rastro de lenços e papel e absorventes íntimos por toda parte. E os viados, com os lubrificantes de consultório médico, e os mediterrâneos com as costeletas e o alho, e os franceses com as cintas-ligas e os queijos rançosos, e os operários coçando o saco com os carros envenenados e os arrotos de cerveja, os judeus com as pirocas circundadas e o *guefilte fish* que parece cocô temperado, e os brancos do Leste com as lanchas de corrida, os cavalos de polo e os charutos vá-para-o-inferno? O

engraçado, Fred, é que as únicas pessoas que não precisam ser mandadas para a cadeia são os homens do norte da Europa e da classe média alta. E você ainda reclama por eu querer as coisas do *meu* jeito?

“O que eu preciso fazer para você ir embora deste quarto?”

“Soltar o velho esfíncter, amizade, deixar cair!”

“Nunca!”

“Então acho que vou fazer uma visitinha à maleta onde ficam os seus artigos de barbear. Vou ter um pequeno acesso de diarreia na sua escova de dentes. Soltar um ou dois lindos glóbulos no seu creme de barbear, e amanhã de manhã você pode produzir uma bela espuma marrom...”

“Enid”, disse Alfred com a voz apertada, sem tirar os olhos do cagalhão traquinas, “estou com um problema. Eu queria que você me ajudasse.”

A voz dele deveria tê-la despertado, mas o sono dela era profundo como o de Branca de Neve.

“Enid *querida*”, arremedou-o o cagalhão, imitando o sotaque britânico de David Niven, “eu ficaria *muito grato* se você se dignasse a me ajudar assim que lhe fosse *possível*.”

Relatórios sem confirmação vindos dos nervos da base das costas de Alfred e por trás de seus joelhos indicavam que havia novas unidades de cocô nas proximidades. Cagalhões rebeldes se espalhando sem ruído, gastando-se em trilhas de fedor.

“Comida e boceta, amizade”, disse o líder dos cagalhões, que mal se prendia à parede por um pseudópode de mussefecal, “tudo se resume a isso. Todo o resto, e digo isto com toda a modéstia, é pura merda.”

Nesse momento o pseudópode rompeu-se e o líder dos cagalhões — deixando atrás de si, na parede, um pequeno tufo putrescente — mergulhou com um grito de triunfo naquela cama que *pertencia à Nordic Pleasurelines* e dentro de algumas horas seria arrumada por uma adorável jovem finlandesa. Imaginar aquela arrumadeira limpa e agradável encontrando a colcha besuntada de excremento humano era quase insuportável para Alfred.

Sua visão periférica estava tomada por fezes em movimento convulso. Precisava manter o controle, manter o controle. Suspeitando que aquele problema pudesse dever-se a algum vazamento na privada, Alfred arrastou-se de quatro até o banheiro e fechou a porta atrás de si com um pontapé. Girou com relativa facilidade no piso escorregadio. Firmou as costas na porta e apoiou os pés na pia à sua frente. Conseguiu rir por um momento do absurdo de sua situação. Lá estava ele, um executivo americano sentado de fraldas no chão de um banheiro flutuante, sitiado por um esquadrão de fezes. As pessoas tinham as idéias mais estranhas no meio da noite.

A luz era bem melhor no banheiro. Ali havia uma ciência da limpeza, uma ciência das aparências, até mesmo uma ciência da excreção, como ilustrava a

imensa tigela suíça de louça que fazia as vezes de privada, com seu majestoso pedestal e as alavancas de controle de empunhadura finamente modelada. Naquele ambiente mais acolhedor, Alfred conseguiu recompor-se a ponto de compreender que aqueles rebeldes cagalhônicos eram um produto de sua imaginação, uma espécie de sonho, e que a fonte de sua ansiedade era simplesmente um problema de drenagem.

Infelizmente, as operações estavam encerradas por aquela noite. Não havia qualquer maneira de examinar pessoalmente a ruptura, e nem de usar um arame ou uma câmera de vídeo para localizar o vazamento. E também era muito improvável que algum empreiteiro pudesse trazer o equipamento necessário até o local em condições como aquelas. Alfred não tinha sequer certeza de ser capaz ele próprio de indicar sua posição num mapa.

Só lhe restava esperar a manhã. Na falta de uma solução completa, duas meias-soluções eram preferíveis a nenhuma. Enfrentava-se o problema com os recursos à mão.

Algumas fraldas extras deviam dar para o gasto por poucas horas. E as fraldas estavam ali, bem ao lado da privada, num saco.

Eram quase quatro horas. Ia ser o diabo se o gerente distrital não estivesse em sua mesa às sete. Alfred não conseguia lembrar o nome do sujeito, não que aquilo tivesse qualquer importância. Bastava ligar para o escritório e falar com quem atendesse.

E como era característico do mundo moderno, não é mesmo, a fita daquelas malditas fraldas era escorregadia.

“Olhe só para isso”, disse ele, tentando fazer seu ódio da modernidade traiçoeira passar por humor filosófico. As fitas adesivas pareciam recobertas de Teflon. Por conta de sua pele seca e de seus tremores, retirar o papel que cobria cada fita era tão difícil como pegar uma bola de gude usando duas penas de pavão.

“Ah, pelo amor de Deus...”

Persistiu na tentativa por cinco minutos, e mais cinco minutos. Simplesmente não conseguia remover o papel.

“Ah, pelo amor de Deus...”

Sorrindo de sua própria incapacidade. Sorrindo de frustração, e com a sensação esmagadora de estar sendo observado.

“Ah, pelo amor de Deus”, repetiu ele mais uma vez. Aquela expressão muitas vezes se mostrava útil para dissipar a vergonha dos pequenos fracassos.

Como os aposentos mudavam à noite! Quando Alfred desistiu das fitas adesivas e simplesmente enfiou uma terceira fralda coxa acima até onde conseguiu, não tanto quanto queria, já não estava mais no mesmo banheiro. A luz tinha uma nova intensidade clínica; sentia a mão pesada de uma hora ainda mais adiantada.

“Enid!”, chamou ele. “Pode me ajudar aqui?”

Com seus cinquenta anos de experiência como engenheiro, foi capaz de perceber num instante que o bombeiro improvisado tinha feito um serviço vagabundo. Uma das fraldas estava quase ao contrário, e uma segunda tinha uma perna ligeiramente espástica emergindo duas de suas dobras, o que inutilizava a maior parte de sua capacidade, reduzida a uma massa informe, as fitas adesivas coladas ao nada. Alfred balançou a cabeça. Não podia pôr a culpa no bombeiro. A culpa era dele. Jamais deveria ter tentado fazer um trabalho como aquele em semelhantes condições. Erro de julgamento de sua parte. Tentar controlar os estragos tateando no escuro muitas vezes criava mais problemas do que os resolvia.

“É, agora a coisa ficou mesmo complicada”, disse ele com um sorriso amargo.

E aquilo podia ser líquido no chão? Oh meu Deus, parecia líquido no chão.

E líquido correndo também pela miríade de canos do *Gunnar Myrdal*.

“Enid, por favor, pelo amor de Deus. Estou precisando de ajuda.”

Nenhuma resposta do escritório central. Deviam estar em férias coletivas. Alguma coisa que tinha a ver com a cor do outono.

Líquido no chão! Líquido no chão!

Então era assim, está bem, eles me pagam para assumir responsabilidades. Eles me pagam para cuidar das situações complicadas.

Deu uma inspiração profunda, reanimando-se.

Numa crise daquele tipo, a primeira providência a tomar era evidentemente abrir uma passagem para drenar o extravasamento. Depois ele pensaria no conserto dos trilhos, mas primeiro precisava encontrar algum gradiente de inclinação, ou corria o risco de uma grande inundação.

Com tristeza, percebeu que não tinha um nível de topógrafo, nem mesmo um fio de prumo. Ia ter de calcular a olho.

Como é que tinha ido parar ali, afinal? Talvez ainda nem fossem cinco da manhã.

“Lembre-me de ligar para o gerente distrital às sete”, disse ele.

Em algum lugar, é claro, devia haver um despachante em serviço. Mas o problema era encontrar um telefone, e aqui sentiu uma curiosa relutância em erguer os olhos acima do nível da privada. As condições eram impossíveis naquela área. Podia levar até o meio da manhã para encontrar um telefone. E àquela altura.

“Ai, tanto trabalho”, disse ele.

Parecia haver uma ligeira depressão na cabine do chuveiro. Sim, era verdade, uma canaleta preexistente, talvez algum projeto de construção de estrada que nunca tivesse ido até o fim, talvez com algum envolvimento do Exército. Um desses achados afortunados da meia-noite: uma canaleta. Mesmo

assim, ainda restava um problema e tanto de engenharia: deslocar as operações de maneira a tirar proveito daquela canaleta existente.

“Mas não temos muita escolha.”

Melhor começar de uma vez. E ele não estava ficando menos cansado. Lembre do Projeto Delta dos holandeses. Quarenta anos de batalhas contra o mar. Melhor pôr as coisas em perspectiva — uma noite ruim. Ele já tinha agüentado coisa muito pior.

O indicado era criar algum outro escoadouro por segurança, este era o plano. Não podia contar com aquela pequena canaleta para dar conta de todo o vazamento. Podia haver um segundo ponto de vazão mais adiante no circuito.

“E aí a coisa ia ficar feia”, disse ele. “Feia de verdade.”

Na verdade, podia ser muito pior. Era uma sorte haver um engenheiro no local justamente no momento em que as águas começaram a extravasar. Imagine se ele não estivesse lá, que confusão.

“Podia ter sido uma catástrofe.”

A primeira providência era arrumar alguma espécie de tampão para conter o vazamento, depois enfrentar o pesadelo logístico de reconduzir todo o fluxo na direção da canaleta, e aí era só esperar que ele conseguisse manter a situação sob controle até o dia clarear.

“Vamos ver o que temos aqui.”

À luz fraca, viu o líquido atravessar o piso para um lado e depois reverter lentamente seu curso, como se a horizontal tivesse enlouquecido.

“Enid!”, gritou ele com pouca esperança enquanto começava o repulsivo trabalho de conter o vazamento e pôr-se de volta nos trilhos, e o navio seguia em frente.

Graças ao Aslan® — e ao jovem doutor Hibbard, um moço notável, de alto valor — Enid estava usufruindo sua primeira noite inteira de sono em muitos meses.

Havia milhares de coisas que ela *queria* da vida, e como poucas delas estavam disponíveis em casa com Alfred em Saint Jude, ela tinha canalizado à força todas as suas vontades para os dias contados, a vida de efemérida, que duraria aquele cruzeiro de luxo. Por meses a fio, o cruzeiro havia sido o pouso seguro de seu espírito, o futuro que tornava seu presente suportável, e depois que sua tarde em Nova York se revelara tão insuficiente em matéria de diversão, embarcara no *Gunnar Myrdal* com as fomes dobradas.

Em todos os conveses do navio, a diversão era o movimento das animadas hordas de idosos que aproveitavam suas aposentadorias da maneira como ela desejava que Alfred aproveitasse a dele. Embora a Nordic Pleasurelines sempre enfatizasse o fato de não ser uma dessas companhias que operavam a preços reduzidos, aquele cruzeiro reunia quase exclusivamente grandes grupos, como a Associação dos Ex-Alunos da Universidade de Rhode Island, a Hadassah

Americana de Chevy Chase, em Maryland, o Encontro Anual da 85a Divisão Aerotransportada (“Demônios do Céu”), e a Liga de Bridgedo Condado de Dade, na Flórida, divisão sênior. Viúvas de saúde excelente conduziam umas às outras pelo braço na direção dos pontos onde os crachás e os folhetos com a programação eram distribuídos, e o sinal favorito de reconhecimento mútuo era o grito de partir cristais. Idosos decididos a saborear cada minuto do precioso cruzeiro já estavam bebendo o coquetel gelado *du jour*, um *frappé* de groselha silvestre à moda da Lapônia, em copos imensos que, por segurança, precisavam segurar com as duas mãos. Outros se amontavam junto à amurada dos conveses inferiores, ao abrigo da chuva, e esquadrihavam Manhattan à procura de algum rosto para o qual pudessem dar adeus. Um conjunto, no Salão de Espetáculos Abba, tocava polca heavy metal.

Enquanto Alfred se entregava a uma sessão final pré-jantar no banheiro, a terceira sessão no espaço de uma hora, Enid ficou sentada no Convés “B”, escutando o lento crava-e-arrasta de alguém que avançava com a ajuda de um andador pelo Convés “A”, acima de sua cabeça.

Aparentemente, o uniforme de cruzeiro da Liga de Bridge era uma camiseta com o texto VELHOS JOGADORES DE BRIDGE NÃO MORREM, SÓ PERDEM A FINESSE. Pareceu a Enid que aquela piada não tolerava bem a repetição exaustiva.

Viu aposentados *correndo*, chegando mesmo a levantar os pés do chão, na direção do *frappé* de groselhas silvestres à moda da Lapônia.

“É claro”, murmurou ela, refletindo sobre a velhice de todos, “quem mais tem dinheiro para pagar um cruzeiro desses?”

O aparente cãozinho dachshund que um homem puxava pela coleira revelou-se na verdade ser um tanque de oxigênio montado sobre rodas de patins e vestido com um casquinho de cachorro.

Um homem muito gordo passou andando com uma camiseta que dizia TITANIC: O CASCO.

Você passava a vida inteira sendo esperada com impaciência, e agora a estada mínima do marido impaciente no banheiro era de quinze minutos.

OS VELHOS UROLOGISTAS NÃO MORREM, SÓ VÃO PERDENDO A FUNÇÃO.

Mesmo nas noites em que recomendavam traje esporte, como aquela, era desaconselhado o uso de camisetas. Enid tinha vestido um conjunto de lã e pedira a Alfred para usar gravata, embora sua incapacidade recente de lidar bem com as colheres de sopa tivesse transformado suas gravatas em bucha de canhão na linha de frente dos jantares. Ela o obrigara a incluir uma dúzia na mala. Tinha uma consciência aguda de que as Nordic Pleasurelines eram um lugar de luxo. *Elegância*— e era por isso que pagara, em parte com seu próprio dinheiro —, era o que ela esperava. Cada camiseta que via era um pequeno atentado específico

contra a sua fantasia e, portanto, contra o seu prazer.

Ficava incomodada ao descobrir que pessoas mais ricas do que ela muitas vezes eram menos dignas e atraentes. Mais desmazeladas e deselegantes. Ser mais pobre do que as pessoas que eram elegantes e bonitas trazia um certo consolo. Mas ser menos rica do que aqueles gordos de camiseta que soltavam piadas sem graça o tempo todo...

“Estou pronto”, anunciou Alfred, aparecendo no salão. Pegou a mão de Enid para que tomassem o elevador para subir até o Salão de Jantar Søren Kierkegaard. De mãos dadas com Alfred ela se sentia casada e, nessa medida, bem ajustada no universo e reconciliada com a velhice, mas não conseguia deixar de pensar no quanto teria apreciado segurar a mão dele nas décadas em que ele andava por toda parte sempre um ou dois passos à sua frente. Agora a mão dele ficava carente e submissa. Mesmo aqueles tremores que pareciam tão violentos revelavam-se suaves ao tato. No entanto, ela sentia o quanto aquela mão estava pronta a retomar seus movimentos de remo, assim que se visse à solta.

Os viajantes que participavam individualmente do cruzeiro tinham sido dispostos em mesas de jantar para os passageiros “flutuantes”. Para a alegria de Enid, que adorava companhia cosmopolita contanto que não fosse muito esnobe, dois dos “flutuantes” em sua mesa eram noruegueses, e dois eram suecos. Enid adorava os países da Europa quando eram pequenos. Podia-se ficar sabendo de um interessante costume sueco ou de um fato da história da Noruega sem que ficasse evidenciada sua ignorância em matéria de música alemã, de literatura francesa ou das artes plásticas italianas. O uso da saudação “skol” era um bom exemplo. Da mesma forma, o fato de que a Noruega era o maior exportador europeu de petróleo cru, como o sr. e a sra. Nygren de Oslo informavam à mesa em cujas duas últimas cadeiras os Lambert se instalaram.

Enid dirigiu-se primeiro ao seu vizinho da esquerda, o sr. Söderblad, um sueco mais velho cujo traje tranqüilizador compreendia um blazer azul e um *foulard* de seda no pescoço. “O que o senhor achou do navio até agora?”, perguntou ela. “É *totalmente* autêntico mesmo?”

“Bem, até aqui parece estar flutuando bem”, respondeu o sr. Söderblad com um sorriso, “apesar do mar agitado.”

Enid levantou a voz para ajudar a compreensão do interlocutor. “O que eu quis saber é se é AUTENTICAMENTE ESCANDINAVO.”

“Ah, mas é claro”, disse o sr. Söderblad. “Ao mesmo tempo, tudo no mundo está ficando cada vez mais americano, a senhora não acha?”

“Mas o senhor acha que o navio capta mesmo SUPERBEM”, disse Enid, “o caráter de um VERDADEIRO NAVIO ESCANDINAVO?”

“No fim das contas, é até melhor que a maioria dos navios da Escandinávia. Minha mulher e eu estamos gostando muito até agora.”

Enid abandonou seu interrogatório sem ter ficado convencida de que o sr. Söderblat entendera o que ela queria dizer. Para ela, era importante que a Europa fosse européia. Tinha ido à Europa cinco vezes de férias e duas vezes em viagens de negócios com Alfred, no total pouco mais de meia dúzia de vezes, e às amigas que preparavam viagens para Espanha ou França gostava de dizer, entre suspiros, que tinha ficado cansada daquele lugar. Mas ia à loucura toda vez que sua amiga Bea Meisner afetava a mesma indiferença: “Estou tão aborrecida de ter de viajar até Saint Moritz nos aniversários dos meus netos”, etcetera. A filha um tanto lerda mas injustificadamente linda de Bea, Cindy, casara-se com um médico esportivo austriaco, um von Alguma Coisa que tinha ganho a medalha de bronze no *slalom* gigante numa Olimpíada de Inverno. O simples fato de Bea continuar a se dar com Enid já caracterizava um triunfo da lealdade sobre destinos divergentes. Mas Enid jamais esquecia que tinha sido o imenso investimento de Chuck Meisner em ações da Erie Belt às vésperas da compra pela Midpac que lhes permitira comprar a mansão da família em Paradise Valley. Chuck se tornara presidente do conselho de administração do banco onde trabalhava, enquanto Alfred continuava em ponto morto no segundo escalão da Midpac e aplicava sua poupança em investimentos corroídos pela inflação, a tal ponto que agora os Lambert só podiam pagar o luxo das Nordic Pleasurelines porque Enid recorrera às suas reservas pessoais, o que fizera para não enlouquecer de inveja.

“Minha melhor amiga de Saint Jude sempre passa as férias em Saint Moritz”, gritou ela, em resposta essencialmente a nada, na direção da bela mulher do sr. Söderblat. “O genro austriaco dela é muito próspero, e tem um chalé na cidade!”

A sra. Söderblat parecia um acessório de metal precioso um tanto arranhado e manchado pelo uso do sr. Söderblat. Seu batom cintilante, a cor de seu cabelo, a sombra que usava nos olhos e o esmalte das unhas eram todas variações em torno do tema do platinado; seu vestido de noite era de lamê prateado e permitia amplos vislumbres de ombros tostados de sol e de volumes adjacentes siliconados. “Saint Moritz é um lugar lindo”, disse ela. “Já me apresentei muitas vezes em Saint Moritz.”

“A SENHORA É ARTISTA?”, gritou Enid.

“Signe era uma artista especial”, apressou-se em responder o sr. Söderblad.

“Às vezes esses lugares nos Alpes são caros demais”, observou a mulher norueguesa, a sra. Nygren, estremeando. Usava grandes óculos redondos e tinha uma distribuição radial de rugas faciais que produzia uma semelhança com um louva-a-deus. Visualmente, ela e a reluzente Söderblad eram afrontas mútuas. “Por outro lado”, prosseguiu, “nós na Noruega podemos nos dar ao luxo de ser tão seletivos. Até mesmo nas praças públicas de algumas das nossas cidades o esqui pode ser da melhor qualidade. Não existe nada igual no mundo.”

“É claro que é preciso distinguir”, disse o sr. Nygren, que era muito alto e

tinha orelhas que lembravam costeletas cruas de vitela, “entre o esquí do tipo alpino e o esquí *cross-country*, no estilo nórdico. A Noruega já produziu esplêndidos esquiadores alpinos — e cito o nome de Kjetil Andre Aamodt com a certeza de que vai despertar algumas memórias —, mas nem sempre competimos no nível mais alto nessa área. Já no estilo *cross-country*, ou nórdico, a história é outra. Posso dizer com toda a certeza que temos um desempenho bem acima das expectativas.”

“Os noruegueses são chatíssimos”, disse roucamente o sr. Söderblad no ouvido de Enid.

Os outros dois “flutuantes” à mesa, um belo casal mais velho de nome Roth, de Chadds Ford, Pensilvânia, tinham feito a Enid o favor instintivo de atrair Alfred para uma conversa. O rosto de Alfred estava corado por causa do calor da sopa, o drama da colher e também, talvez, pelo esforço de evitar olhar uma vez que fosse para o vertiginoso decote söderblatiano, enquanto explicava para o casal Roth a mecânica envolvida na estabilização de um transatlântico. O sr. Roth, um homem de ar inteligente, de gravata-borboleta e óculos de aro de chifre, que aumentavam muito seus olhos, estimulava-o com perguntas pertinentes, assimilando as respostas com tal velocidade que Alfred ficava quase chocado.

A sra. Roth dava menos atenção a Alfred que a Enid. Era uma mulher pequenina, uma bela mocinha de sessenta e poucos anos. Seus cotovelos estavam claramente afastados da mesa. Usava os cabelos pretos salpicados de branco num corte tipo pajem, tinha as faces rosadas e grandes olhos azuis que mantinha fixos em Enid sem dissimulação, à maneira das pessoas ou muito inteligentes ou muito burras. Um olhar tão esmagadoramente intenso sugeria a fome. Enid sentiu de imediato que a sra. Roth iria tornar-se sua grande amiga no cruzeiro, ou então sua grande rival, de maneira que, com uma espécie de coqueteria, evitou dirigir-lhe a palavra ou dar algum sinal de reconhecer a atenção que a outra lhe dedicava. Quando começaram a trazer os bifes para a mesa, retirando as lagostas devastadas, prorrompeu em estocadas interrogativas enquanto o sr. Söderblad prorrompia em esquivas quanto ao seu trabalho, que aparentemente tinha a ver com o comércio de armas. Enid sorvia com deleite o olhar azul da sra. Roth, bem como a inveja que os “flutuantes” pareciam inspirar aos ocupantes das outras mesas. Imaginava que os “flutuantes” tinham um ar extremamente europeu aos olhos da plebe de camiseta. Com um toque de distinção. Beleza, gravatas, um *foulard*. Um certo *it*.

“Às vezes fico tão agitado só de pensar no café que vou tomar de manhã”, disse o sr. Söderblad, “que não consigo dormir à noite.”

A esperança que Enid tinha de ser levada para dançar por Alfred no Salão de Baile Pippi Meialonga desfez-se em mil pedaços quando ele se levantou e anunciou que estava indo para a cama. Ainda nem eram sete da noite. Onde já

se viu um adulto ir para a cama às sete da noite?

“Fique sentado e espere a sobremesa”, disse ela. “Dizem que as sobremesas são *divinas*.”

O repulsivo guardanapo de Alfred que estava em seu colo caiu no chão. Ele parecia não ter a menor noção do quanto deixava Enid envergonhada e decepcionada. “Fica você”, disse ele. “Para mim chega.”

E lá foi ele atravessando o vasto piso atapetado do Søren Kierkegaard com passos vacilantes, enfrentando as variações na horizontal que se tinham tornado bem mais pronunciadas depois que o navio partira do porto de Nova York.

Ondas de uma tristeza familiar por toda a diversão que jamais teria com aquele marido abafaram o espírito de Enid até o momento em que lhe ocorreu que tinha pela frente uma longa noite só para si, sem Alfred para estragar seu divertimento.

Alegrou-se, e alegrou-se mais ainda quando o sr. Roth partiu para a Sala de Leitura Knut Hamsun, deixando a mulher sentada à mesa. A sra. Roth trocou de cadeira para ficar mais perto de Enid.

“Nós, os noruegueses, lemos muito”, aproveitou a oportunidade para dizer a sra. Nygren.

“E estão sempre contando vantagem”, murmurou o sr. Söderblad.

“Oslo está cheia de bibliotecas públicas e livrarias”, a sra. Nygren informou à mesa. “Acho que isso *não* acontece em outras cidades. A leitura é uma atividade em declínio por todo o mundo. Mas não na Noruega... Meu Per está lendo as obras completas de John Galsworthy pela segunda vez neste outono. Em inglês.”

“Nãao, Inga, nãao”, relinchou Per Nygren. “Pela terceira vez!”

“Meu Deus”, disse Söderblad.

“É verdade.” A sra. Nygren olhou para Enid e para a sra. Roth como se antecipasse uma grande admiração. “Todo ano Per lê um livro do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, além das obras completas do ganhador de que mais gostou nas leituras do ano anterior. E cada ano isto vai ficando mais difícil, porque escolhem mais um, entendem.”

“É mais ou menos igual à barra que vai subindo no salto em altura”, explicou Per. “Cada ano o desafio fica um pouco mais difícil.”

Söderblad, que pelas contas de Enid devia estar tomando sua oitava xícara de café, inclinou-se para ela e disse, “Meu Deus que gente mais chata!”.

“Pode-se dizer que eu li Henrik Pontoppidan com mais profundidade que a maioria das pessoas”, disse Per Nygren.

A sra. Söderblad inclinou a cabeça, sorrindo sonhadora. “Sabia”, disse ela, talvez para Enid ou para a sra. Roth, “que até cem anos atrás a Noruega era colônia da Suécia?”

Os noruegueses ficaram em polvorosa, como uma colméia atacada.

“Colônia!? Colônia??”

“Ai meu Deus”, sibilo Inga Nygren, “acho que precisamos contar direito a história para os nossos amigos americanos, eles merecem...”

“É uma história de alianças estratégicas!”, declarou Per.

“Qual é a palavra exata em sueco que a senhora traduziu por ‘colônia’, *senhora Söderblat*? Como o meu inglês é bem melhor que o da senhora, talvez eu possa produzir uma tradução mais precisa para os nossos amigos americanos, como *‘associada em condições de igualdade num reino peninsular unificado’*?”

“Signe”, observou com maldade Söderblat para a mulher, “acho que você tocou num ponto sensível.” Levantou a mão. “Garçom, mais um café.”

“Do ponto de vista do final do século IX”, disse Per Nygren, “e desconfio que até mesmo nossos amigos suecos hão de concordar que a coroação de Harald, o Louro, é um ‘ponto de partida’ bastante razoável para examinarmos essa relação cheia de idas e vindas entre as duas grandes potências rivais, ou talvez das *três* grandes potências rivais, pois a Dinamarca também teve um papel fascinante nessa história toda...”

“Teríamos o maior prazer de escutar, mas talvez em outra ocasião”, interrompeu a sra. Roth, inclinando-se para dar um toque na mão de Enid. “Lembra que combinamos às sete?”

Enid só teve um instante de hesitação. Desculpou-se e seguiu a sra. Roth na direção do salão principal, onde encontraram uma aglomeração de idosos, aromas gástricos e cheiros de desinfetante.

“Enid, o meu nome é Sylvia”, disse a sra. Roth. “O que você acha das máquinas caça-níqueis? Passei o dia todo com uma comichão...”

“Oh, eu também!”, disse Enid. “Acho que ficam no Salão Stringbird.”

“Strindberg, isso mesmo.”

Enid admirava a presença de espírito, mas raramente dava-se crédito por possuí-la. “Obrigado pelo... você sabe”, disse ela enquanto seguia Sylvia em meio ao aperto.

“Resgate. Não foi nada.”

O Salão Strindberg estava lotado de gente que sapeava o jogo alheio, de jogadores de *blackjack* a apostas baixas e de apaixonados pelos caça-níqueis. Enid não se lembrava da última vez em que se divertira tanto. A quinta moeda de vinte e cinco cents que ela enfiou na máquina produziu o alinhamento de três ameixas; como se as frutas tivessem soltado os intestinos de sua máquina, uma cascata de dinheiro jorrou de seu baixo-ventre. Enid recolheu os ganhos num balde de plástico. Onze moedas mais tarde, tornou a acontecer: três cerejas, e uma evacuação prateada. Jogadores de cabelos brancos que vinham perdendo sistematicamente nas máquinas vizinhas dirigiram-lhe olhares de ódio. Ai, que vergonha, pensou ela, embora não estivesse nem um pouco envergonhada.

Décadas de fluxo insuficiente tinham-na transformado numa investidora disciplinada. Separou de seus ganhos o montante do investimento inicial. E

também punha de lado metade do que ganhava de cada vez.

Ainda assim, seus fundos não davam qualquer sinal de se esgotar.

“Pronto, meu vício já foi saciado”, disse Sylvia Roth ao final de quase uma hora, com um tapinha no ombro de Enid. “Vamos ouvir o quarteto de cordas?”

“Vamos, vamos! Vai ser no Salão Greed!”

“Grieg”, disse Sylvia, rindo.

“Engraçado, não é? Grieg. Estou dizendo tanta besteira hoje!”

“Quanto você ganhou? Tive a impressão de que estava indo muito bem.”

“Não sei ao certo, não contei.”

Sylvia sorriu, sem desviar os olhos dela. “Acho que contou sim. Acho que contou exatamente.”

“Está certo”, disse Enid, ruborizada de tanto que estava gostando de Sylvia. “Foram cento e trinta dólares.”

Um retrato de Edvard Grieg pendia da parede num salão com uma decoração rica em dourados que lembrava o esplendor da corte real da Suécia no século XVIII. O grande número de cadeiras vazias confirmava a desconfiança de Enid, de que muitos dos participantes do cruzeiro eram gente sem classe. Já tinha participado de cruzeiros onde os concertos clássicos estavam sempre lotados.

Embora Sylvia não tenha dado a impressão de ficar muito impressionada com os músicos, Enid achou que eram maravilhosos. Tocaram, *de memória*, melodias clássicas bem conhecidas como a “Rapsódia Sueca” e trechos de *Finlândia* e *Peer Gynt*. No meio do *Peer Gynt*, o segundo violino ficou verde e saiu do salão por alguns minutos (o mar estava de fato um tanto revoltado, mas Enid tinha o estômago forte e Sylvia estava usando um adesivo contra enjôo), depois voltou para a sua cadeira e conseguiu retomar sua participação sem perder um compasso sequer. As vinte pessoas da platéia gritaram “Bravo!”.

Na elegante recepção que se seguiu, Enid gastou 7,7% de seus ganhos no jogo comprando uma fita cassete gravada pelo quarteto. Experimentou um cálice gratuito de Spögg, um licor sueco que vinha sendo objeto de uma campanha de marketing de quinze milhões de dólares. O Spögg tinha gosto de vodca com açúcar e raiz forte, os ingredientes que de fato o compunham. Enquanto os demais passageiros reagiam ao Spögg com expressões de surpresa e censura, Enid e Sylvia tiveram um frouxo de riso.

“Uma bebida especial”, disse Sylvia. “Spögg de graça. Experimente só.”

“Que delícia!”, disse Enid tentando conter o riso, lutando para recobrar o fôlego. “Spögg!”

Depois seguiram até o Passeio Ibsen para a recepção com sorvete programada para as dez. No elevador, Enid teve a impressão de que o navio não sofria apenas um balanço para a frente e para trás, mas também de um desvio lateral, como se a sua proa fosse o rosto de alguém reagindo com repugnância.

Ao sair do elevador, quase caiu por cima de um homem que estava de quatro, pronto para aplicar com a ajuda de um cúmplice uma cama-de-gato em alguém. Nas costas de sua camiseta, a frase que fechava a piada: ELES SÓ PERDEM A PONTARIA.

Enid aceitou um *ice cream soda* de um copeiro usando chapéu de cuca. Depois lançou-se numa troca de dados familiares com Sylvia que logo se transformou numa troca mais de perguntas que de respostas. Era costume de Enid, sempre que sentia que a família não era o assunto predileto de alguém, enfiar o dedo na ferida sem dó nem piedade. Preferia morrer a admitir que seus filhos a tinham decepcionado, mas sempre que ouvia falar das decepções provocadas pelos filhos dos outros — os divórcios repulsivos, o abuso de drogas, os investimentos errados — aquilo a fazia sentir-se muito melhor.

Na superfície, Sylvia Roth não tinha do que se envergonhar. Os dois filhos estavam na Califórnia, um é médico e o outro mexe com computadores, e ambos eram casados. No entanto, davam a impressão de serem uma extensão de areia quente na conversa, que se devia evitar ou atravessar correndo. “A sua filha estudou em Swarthmore”, disse ela.

“Foi, por pouco tempo”, disse Enid. “E você, *cinco* netos. Meu Deus. Quantos anos tem o mais novo?”

“Fez dois anos mês passado, e você?”, perguntou Sylvia. “Não tem netos?”

“Nosso filho mais velho, Gary, tem três filhos, mas que interessante, uma distância de cinco anos entre os dois mais novos?”

“Na verdade são quase seis, e o seu filho que vive em Nova York, quero saber dele, também. Vocês estiveram com ele hoje?”

“Estivemos, ele preparou um almoço ótimo mas nós não conseguimos ir visitar o escritório dele no *Wall Street Journal*, onde está trabalhando, por causa do mau tempo, e você, costuma ir muito para a Califórnia? Ver os netos?”

Um certo espírito, a disposição de jogar, abandonou Sylvia. Ela ficou sentada, olhando fixo para o copo vazio de *ice cream soda*. “Enid, quer me fazer um favor?”, disse ela afinal. “Vamos tomar uma última bebida lá em cima.”

O dia de Enid tinha começado em Saint Jude às cinco da manhã, mas ela jamais recusava um convite interessante. No andar de cima, no Bar Lagerkvist, ela e Sylvia foram atendidas por um anão de capacete de chifres e colete de couro que as convenceu a pedir aquavidade framboesa.

“Quero lhe dizer uma coisa”, disse Sylvia, “porque eu preciso contar para alguém neste navio, mas você não pode contar nada para ninguém. Você é capaz de guardar segredo?”

“É a coisa que eu faço melhor.”

“Ótimo, então”, disse Sylvia. “Daqui a três dias vai haver uma execução na Pensilvânia. Pois então, e dois dias depois, na quinta-feira, Ted e eu fazemos quarenta anos de casados. Se você perguntar a Ted, ele vai dizer que é por isso

que viemos fazer o cruzeiro, por causa do nosso aniversário de casamento. É o que ele vai dizer, mas não é verdade. Ou pode ser verdade no caso dele, mas não no meu.”

Enid ficou com medo.

“O homem que vai ser executado”, disse Sylvia Roth, “matou a nossa filha.”

“Meu Deus!”

A claridade azul do olhar de Sylvia tornou-a parecida com um animal lindo e adorável que, no entanto, não era propriamente humano. “Ted e eu”, disse ela, “estamos neste cruzeiro porque a execução dele é um problema. E porque temos um problema um com o outro.”

“Sylvia! O que você está me contando?!” Enid estremeceu. “Ah, eu não agüento ouvir esta história!”

Sylvia recebeu em silêncio aquela alergia às suas revelações. “Desculpe”, disse ela. “Não foi justo da minha parte armar esta cilada para você. Talvez seja melhor a gente ir dormir.”

Mas Enid se recuperou depressa. Estava decidida a não deixar de se tornar confidente de Sylvia. “Pode contar tudo que quiser”, disse ela. “Eu escuto.” Cruzou as mãos no colo, à maneira dos bons ouvintes. “Pode contar. Eu escuto.”

“Então a outra coisa que eu preciso contar é que eu sou desenhista de armas. Quer mesmo ouvir?”

“Quero.” Enid acenou com a cabeça ansiosa e de maneira vaga. O anão, reparou ela, usava uma escadinha para pegar as garrafas. “Interessante.”

Por muitos anos, contou Sylvia, tinha sido gravurista amadora. Tinha um ateliê iluminado de sol em sua casa em Chadds Ford, tinha uma pedra de litografia macia como creme e um conjunto alemão de vinte formões para xilogravura, e fazia parte de uma associação de artistas de Wilmington em cujas exposições semestrais, enquanto sua filha mais nova, Jordan, crescia, transformando-se de bebê numa jovem independente, vendia suas gravuras decorativas a preços de por exemplo quarenta dólares. Depois Jordan foi assassinada, e por cinco anos Sylvia só gravou, desenhou e pintou armas. Ano após ano, nada além de armas.

“Terrível terrível”, disse Enid, reprovando abertamente.

O tronco do tulipeiro que havia junto à janela de seu ateliê lhe sugeria tambores e canos. Qualquer forma humana acabava dando um jeito de transformar-se em cão, guarda-gatilho, cilindro, punho. Não havia abstração que não pudesse ser vista como o rastro luminoso de uma bala, ou a fumaça de pólvora, ou o impacto em flor de uma bala de ponta oca. O corpo era um mundo cheio de possibilidades, e assim como não havia parte daquele pequeno mundo que estivesse a salvo da penetração de uma bala, nenhuma forma do vasto mundo exterior deixava de ter eco numa arma. Mesmo um grão de feijão lembrava uma garrucha, um floco de neve parecia uma metralhadora Browning

montada em seu tripé. Sylvia não estava louca; conseguia forçar-se a desenhar um círculo, ou o esboço de uma rosa. Mas o que ansiava por desenhar eram armas de fogo. Armas, tiros, munição, projéteis. Passava horas tentando capturar a lápis o brilho numa superfície de níquel cromado. Às vezes também desenhava suas próprias mãos, seus pulsos e braços no que imaginava (porque jamais segurara uma arma) serem as posturas apropriadas para segurar uma Águia do Deserto calibre .50, uma Glock nove milímetros, um M16 totalmente automático com coronha dobrável de alumínio e outras armas exóticas dos catálogos que guardava em envelopes pardos em seu ateliê inundado pela luz do sol. Entregava-se àquele seu hábito como uma alma perdida à sua danação infernal (embora Chadds Ford, as corujinhas sutis que se arriscavam além dos pés de framboesa, os aromas de tiféa quente e de caquis em fermentação que os ventos de outubro traziam das depressões próximas resistissem bravamente a serem transformados num inferno); era uma Sisifa que a cada noite destruíra suas próprias criações — que as rasgava, ou as apagava com combustíveis minerais. Acendendo um fogo alegre na sala de estar.

“Terrível”, tornou a murmurar Enid. “Não posso pensar em nada pior que pudesse acontecer a uma mãe.” Fez um sinal para o anão trazer-lhe mais aquavita.

Alguns dos mistérios daquela sua obsessão, disse Sylvia, eram que ela tinha sido criada como quaker, e continuava a freqüentar encontros em Kennett Square; que as armas usadas na tortura e na morte de Jordan tinham sido um rolo de fita adesiva “reforçada” com náilon, um pano de pratos, dois cabides de arame, um ferro elétrico GE modelo Light’n Easy e uma faca de pão serrilhada de trinta centímetros da marca WMF da Williams-Sonoma, ou seja, nenhuma arma de fogo; que o assassino, um rapaz de dezenove anos chamado Khellye Withers, tinha se entregado à polícia da Filadélfia sem (novamente) que qualquer arma tivesse sido desembainhada; que com um marido que ganhava um belo salário de fim de carreira no cargo de vice-presidente de *Compliance* da DuPont, uma camionete 4x4 tão grande que uma colisão de frente com um volkswagen sequer lhe provocaria um arranhão e uma casa de seis quartos em estilo Queen Anne em cuja copa e cozinha todo o apartamento de Jordan na Filadélfia caberia com folga, Sylvia levava uma vida de facilidade e conforto quase sem sentido, em que a única coisa que fazia além de cozinhar para Ted, literalmente sua única obrigação, era recuperar-se da morte de Jordan; que ainda assim muitas vezes se via tão absorvida em reproduzir todo o mecanismo da culatra de um revólver ou as veias de seu próprio braço que precisava sair dirigindo como uma louca a fim de não perder uma de suas três sessões semanais de terapia com uma psiquiatra especializado de Wilmington; que conversando com aquela psiquiatra e freqüentando as reuniões de quarta-feira à noite com outros Pais de Vítimas da Violência, além dos encontros das noites de quinta-feira com seu grupo de

Mulheres da Terceira Idade, e lendo os poemas e romances e memórias e livros inspiradores que seus amigos e amigas recomendavam, e relaxando com yoga e cavalgadas, e trabalhando voluntariamente como assistente de fisioterapia no Hospital Infantil, conseguia trabalhar apesar do sofrimento, embora sua compulsão em desenhar armas fosse ficando cada vez mais intensa; que ela não mencionava aquela compulsão a ninguém, nem mesmo para a psiquiatra especializada de Wilmington; que seus amigos e conselheiros exortavam-na constantemente a procurar a “cura” por meio de sua “arte”; que quando falavam de “arte” referiam-se a suas xilo e litogravuras decorativas; que quando ela esbarrava com alguma xilogravura antiga sua, no banheiro ou no quarto de hóspedes de algum amigo, morria de vergonha diante daquela fraude; que quando via armas na TV ou num filme desfalecia de maneira semelhante e por razões similares; que estava secretamente convencida, em outras palavras, de que se transformara numa artista de verdade, uma artista realmente competente no desenho de armas; que a prova daquela condição de artista estava no fato de destruir ao fim de cada dia tudo que produzia diariamente; que estava convencida de que Jordan, apesar de um diploma em pintura e de um mestrado em terapia pela arte, e apesar do estímulo e de toda a instrução paga que recebera ao longo de vinte anos, não era boa artista; que depois de conseguir chegar a essa visão objetiva de sua filha morta continuava desenhando armas e munição; e que apesar da raiva e da sede de vingança que sua obsessão obviamente representava ela jamais, em cinco anos, desenhara o rosto de Khellye Withers uma vez sequer.

Na manhã de outubro em que esses mistérios revelaram-se a ela em massa, Sylvia subiu correndo as escadas para seu ateliê, logo depois do café da manhã. Numa folha de papel Canson marfim, e usando um espelho de maneira que parecesse ser a mão direita, desenhou sua mão esquerda com o polegar levantado e os dedos curvados, sessenta graus atrás do perfil, numa visão quase de trás. Em seguida, encheu essa mão com um revólver calibre .38 de cano curto, perfeitamente reduzido, cujo cano penetrava um par de lábios zombeteiros, acima dos quais desenhou com exatidão a lápis, de memória, os olhos assustadores de Khellye Withers, por cujo esgotamento recente de todos apelos legais poucas lágrimas tinham sido derramadas. E àquela altura — um par de lábios, um par de olhos — Sylvia pousou seu lápis.

“Era hora de seguir em frente”, disse Sylvia a Enid. “Num momento, eu vi. Quer eu gostasse quer não, a sobrevivente, a artista, era eu, e não ela. Somos condicionadas a achar que nossos filhos são mais importantes para nós que nós mesmas, você sabe, e a viver através deles. De repente, eu não agüentava mais pensar desse jeito. Posso morrer amanhã, pensei, mas agora estou viva. E posso decidir viver. Paguei o preço, fiz o trabalho, e não tenho razão de me envergonhar.”

“E quando o fato, a grande mudança na sua vida, é simplesmente uma compreensão, um insight, não é estranho? Absolutamente nada muda, você só começa a ver as coisas de maneira diferente, sente menos medo e menos ansiedade e, de maneira geral, fica mais forte graças a isso; não é impressionante que uma coisa totalmente invisível dentro da nossa cabeça possa parecer mais real que tudo que você já tenha vivido até então? Você vê as coisas com mais clareza e *sabe* que está vendo com mais clareza. E então lhe ocorre que é isto que significa amar a vida, que é disto que as pessoas que já falaram seriamente sobre Deus realmente falam. De momentos como este.”

“Mais um, quem sabe?”, disse Enid ao anão, levantando o copo. Quase já não ouvia mais nada do que Sylvia dizia, mas balançava a cabeça e murmurava “Ah!” e “Oh!”, enquanto sua consciência tropeçava em meio a nuvens de álcool na direção de campos absurdos de especulação, tais como qual seria a sensação produzida pelo anão encostado em seus quadris e sua barriga, ao abraçá-la. Sylvia estava se revelando intelectual *demaís*, e Enid sentia-se alvo de uma amizade baseada em promessas falsas, mas enquanto não ouvia precisava ouvir, porque ainda não sabia alguns fatos essenciais: Khelly e Withers era preto? Jordan tinha sido brutalmente estuprada?

De seu ateliê, Sylvia fora diretamente para um Supermercado Wawa e comprara um exemplar de cada revista de sacanagem do estoque. No entanto, nada do que encontrou era suficientemente pesado. Queria ver as coisas acontecendo, o ato literal. Voltou a Chadds Ford e ligou o computador que seu filho mais novo lhe dera para facilitar a proximidade num momento de perda. Sua caixa de correio eletrônico continha uma lista de um mês de saudações filiais que ignorava. Em menos de cinco minutos localizou a mercadoria que procurava — só precisou de um cartão de crédito — e percorreu com o *mouse* várias imagens reduzidas até encontrar o ângulo necessário e o ato necessário com os atores necessários: homem negro fazendo sexo oral com homem branco, a câmera colocada por cima do quadril esquerdo a sessenta graus do perfil, crescentes de luz brilhando nas curvas das nádegas, os nós dos dedos negros crepuscularmente visíveis em sua exploração do lado oculto daquela lua. Fez o *download* da imagem e examinou-a em alta resolução.

Sylvia tinha sessenta e cinco anos de idade e jamais pusera os olhos numa cena como aquela. Tinha criado imagens a vida inteira, e jamais tinha apreciado seu mistério. Agora lá estava. Aquele comércio de bitse bytes, os uns e zeros jorrando de servidores de alguma universidade do Meio-Oeste. Tanto comércio manifesto em torno de um nada tão manifesto. Uma população grudada em telas e em revistas.

E ela se perguntou: Como é que as pessoas podiam sentir-se tocadas por aquelas imagens se as imagens não tivessem, secretamente, um estatuto equivalente ao das coisas reais? Não porque as imagens tivessem tanto poder

assim, mas porque o mundo era muito fraco. Podia ser muito nítido, em sua fraqueza, como nos dias em que o sol assava as maçãs caídas nos pomares e todo o vale cheirava a cidra, ou nas noites frias em que Jordan vinha de carro jantar em Chadds Ford e os pneus de seu carro mastigavam o cascalho da entrada da casa; mas o mundo só era *fungível* na forma de imagens. Nada podia entrar na cabeça sem antes transformar-se em imagens.

Mesmo assim Sylvia ficou impressionada com o contraste entre a pornografia on-line e seu desenho inacabado de Withers. À diferença do desejo comum, que podia ser aplacado por imagens ou pela pura imaginação, não havia como enganar o seu desejo de vingança. A imagem mais explícita não seria capaz de satisfazê-lo. Era um desejo que requeria a morte de um indivíduo específico, o fim de uma história específica. Não havia nada que pudesse substituí-lo. Ela podia desenhar o seu desejo, mas não a satisfação. E então, finalmente, admitiu a verdade para si mesma: desejava a morte de Khelleye Withers.

Queria que ele morresse, apesar da entrevista que dera pouco antes para o *Philadelphia Inquirer*, em que admitia que a morte do filho de outra pessoa não iria trazer sua filha de volta. Queria que ele morresse apesar do fervor religioso com que sua terapeuta a tinha proibido de dar uma interpretação religiosa à morte de Jordan — por exemplo, como uma condenação divina à sua postura liberal, ou à sua maneira liberal de criar os filhos, ou à sua riqueza sem sentido. Queria que ele morresse apesar de acreditar que a morte de Jordan tinha sido uma tragédia aleatória, e que a redenção não estava na vingança mas na redução da incidência de tragédias aleatórias por todo o país. Queria que ele morresse apesar de imaginar uma sociedade que pudesse oferecer empregos decentes a jovens como ele (de maneira que ele não se visse compelido a amarrar os pulsos e os tornozelos de sua antiga professora-terapeuta de arte e extrair dela as senhas de seu cartão do banco e dos cartões de crédito), uma sociedade capaz de estancar o fluxo das drogas ilegais nas áreas urbanas (de maneira que Withers não pudesse ter gasto o dinheiro roubado em crack e tivesse mais clareza mental quando voltasse ao apartamento de sua antiga professora-terapeuta de arte, e não decidisse fumar a pedra e depois torturá-la, quase sem interrupção, por trinta horas a fio), uma sociedade em que os jovens tivessem mais em que acreditar do que em bens de consumo de marca (de maneira que Withers tivesse desenvolvido uma fixação menos louca pelo carro de sua antiga professora-terapeuta de arte, e tivesse acreditado quando ela afirmou que tinha emprestado o carro a uma amiga por todo o fim de semana, e desse menos importância ao fato de ela estar de posse de duas chaves [“Não me entrava na cabeça”, explicou ele numa confissão parcialmente forçada mas ainda assim admissível em juízo, “as chaves todas ali na mesa da cozinha, entendeu? Não me entrava na cabeça”]), e não tivesse encostado repetidas vezes o ferro elétrico da vítima em sua pele

nua, aumentando o controle de temperatura de Rayon até Algodão/Linho enquanto lhe perguntava onde tinha estacionado o carro, e não tivesse cortado o pescoço dela em pânico quando a amiga chegou no fim da tarde de domingo para devolver-lhe o carro e sua terceira chave), uma sociedade que pusesse fim de uma vez por todas aos maus-tratos físicos de crianças (de maneira que fosse absurdo a um assassino condenado alegar, no momento da sentença de seu julgamento, que seu padastro o tinha queimado com um ferro de passar quando era pequeno — embora no caso de Withers, que não tinha cicatrizes de queimadura a exibir, aquele testemunho servisse principalmente para sublinhar a falta de imaginação do condenado em suas mentiras). Queria que ele morresse mesmo apesar de ela própria ter percebido, na terapia, que o sorriso zombeteiro que ele ostentava era uma máscara de proteção a que recorria um menino solitário cercado por gente que o odiava, e que se ela tivesse sorrido para ele, como uma mãe que perdoasse, ele podia ter deixado de lado aquela máscara e chorado de remorso honesto. Queria que ele morresse apesar de saber que o desejo dela seria agradável aos conservadores para os quais a expressão “responsabilidade pessoal” equivalia a uma permissão para ignorar a injustiça social. Queria que ele morresse apesar de ser incapaz, por essas razões políticas, de comparecer à execução e ver com os próprios olhos aquilo que imagem alguma jamais poderia substituir.

“Mas não é por nada disso”, disse ela, “que viemos neste cruzeiro.”

“Não?”, perguntou Enid como se despertasse.

“Não. Viemos porque Ted não admite que Jordan foi assassinada.”

“Ele...?”

“Ah, ele sabe”, disse Sylvia. “Mas simplesmente não fala a respeito. Era muito ligado a ela, em vários aspectos mais ligado do que jamais foi ligado a mim. E senti uma dor profunda, sem dúvida. Mas um belo dia consegui superar. Disse que Jordan tinha ido embora e que não queria viver no passado. Disse que a partir do Dia do Trabalho, no início de setembro, ia esquecer que ela tinha sido vítima de assassinato. E cada dia, à medida que agosto ia chegando ao fim, ele me lembrava que a partir do Dia do Trabalho não mais admitiria que ela fora assassinada. Ted é um homem muito racional. Acha que os seres humanos vêm perdendo filhos desde sempre, e que o luto excessivo é uma coisa burra e autocomplacente. E também não quis saber o que ia acontecer com Withers. Disse que acompanhar o julgamento não passava de mais uma maneira de não superar o assassinato.

“E assim, no Dia do Trabalho, ele me disse, ‘Pode lhe parecer estranho, mas nunca mais vou tornar a falar sobre a morte dela, e quero que você se lembre de que estou lhe dizendo isto. Vai se lembrar, Sylvia? Para não ficar achando mais tarde que eu enlouqueci?’ E eu respondi ‘Não gosto disso, Ted, e não aceito’. E ele disse que sentia muito mas que era o que precisava fazer. E na noite seguinte,

quando chegou do trabalho, eu disse, acho eu, que o advogado de Withers estava alegando que sua confissão tinha sido forçada e que o verdadeiro assassino ainda estava à solta. E Ted me deu uma espécie de sorriso, da maneira como fazia quando estava fazendo graça, e me disse, 'Não sei do que você está falando'. E eu cheguei a dizer, 'Estou falando da pessoa que matou a nossa filha'. E ele, 'Ninguém matou a nossa filha, não quero mais ouvir você dizer isto'. E eu, 'Ted, isto não vai dar certo'. E ele, 'O que não vai dar certo?' E eu, 'Você fingir que Jordan não morreu'. E ele, 'Nós tivemos uma filha e agora não temos mais, por isso acho que ela deve ter morrido, mas estou avisando, Sylvia, *não me diga* que ela foi morta, está entendendo?'. E desde então, Enid, por mais que eu tenha forçado, ele nunca desistiu dessa postura. E vou dizer uma coisa, estou muito perto de pedir o divórcio. Sempre. Só que de todas as outras maneiras ele me trata tão bem o tempo todo. Nunca fica aborrecido quando eu falo de Withers, só blefa e descarta o assunto de bom humor, como se fosse uma idéia fixa que eu tivesse. E eu entendo: ele parece o nosso gato quando traz para casa um passarinho morto. *O gato* não sabe que você não gosta de passarinhos mortos. Ted quer que eu seja racional como ele, acha que está me fazendo um favor, e fica me levando nessas viagens e cruzeiros, e tudo vai bem, só que, para ele, a coisa mais terrível das nossas vidas nunca aconteceu, e para mim aconteceu."

"E aconteceu?", perguntou Enid.

Sylvia recuou a cabeça, chocada. "Obrigada", disse ela, embora Enid tenha feito a pergunta porque ficou momentaneamente confusa, e não porque quisesse fazer um favor a Sylvia. "Obrigada por ter sido honesta a ponto de me perguntar. Às vezes eu me acho meio louca. Meu trabalho todo está dentro da minha cabeça. Eu fico remexendo milhões de pecinhas de nada, milhões de pensamentos e sentimentos e lembranças dentro da minha cabeça, todo dia, anos a fio, um imenso conjunto de andaimes e plantas, como se eu estivesse construindo uma catedral de palitos dentro da cabeça. E não adianta nem mesmo escrever um diário, porque não consigo fazer com que as palavras escritas tenham efeito no meu cérebro. Assim que eu escrevo uma coisa eu a deixo para trás. É a mesma coisa que jogar moedas na água da amurada de um navio. E então eu fico fazendo esse trabalho mental sem qualquer possibilidade de ajuda de fora, a não ser as pessoas malvestidas das minhas reuniões das quartas e das quintas, e enquanto isso meu marido resolveu fingir que a própria *razão* de todo esse trabalho interior — a minha filha ter sido assassinada — não é real. E assim, cada vez mais, literalmente as únicas coisas que eu ainda tenho para me guiar na vida, meus únicos norte, sul, leste e oeste, são as minhas emoções.

"E ainda por cima Ted tem razão, acha que a nossa cultura dá uma importância excessiva aos sentimentos, que é uma coisa que já escapou ao controle, que não são os computadores que estão fazendo tudo ficar virtual, é a saúde mental. Todo mundo tenta corrigir os seus pensamentos, aperfeiçoar seus

sentimentos, aplicar-se nas suas relações e no seu desempenho como pais e mães, em vez de simplesmente se casar e ter filhos como acontecia antigamente, é o que Ted sempre diz. Pulamos para o nível seguinte de abstração porque nos sobra tempo e dinheiro demais, e ele se recusa a participar disso. Quer comer comida ‘de verdade’, quer ir a lugares ‘de verdade’ e falar sobre coisas ‘de verdade’, como negócios e ciência. O que significa que eu e ele não conseguimos chegar mais a um acordo sobre o que é importante na vida.

“E ele convenceu a minha terapeuta, Enid. Eu a convidei para jantar para ela conhecê-lo, e você sabe esses jantares que as revistas dizem que você nunca deve preparar para muita gente, porque precisa passar vinte minutos na cozinha antes de servir cada prato? Foi assim, um risoto à milanesa e depois bifes com molho com uma redução em duas fases, e o tempo todo a minha terapeuta na sala de jantar interrogando Ted. E quando eu cheguei à minha consulta do dia seguinte, ela me disse que o caso dele era muito comum em homens, que ele tinha lidado com o luto o suficiente para funcionar, e que ela achava que ele não ia mudar e eu é que tinha que decidir se aceitava ou não aquilo.

“E você sabe, eu não sou do tipo que me permita ter pensamentos mágicos ou religiosos, mas uma coisa que não me sai da cabeça é que esta sede louca de vingança que eu venho sentindo esses anos todos na verdade não é minha. É dele. Ted não quer ter de lidar ele próprio com ela, alguém precisa cuidar disso e por isso eu cuido, como se fosse uma mãe de aluguel contratada não para carregar o bebê, mas as emoções de outra pessoa. Se Ted tivesse assumido melhor os sentimentos dele, com menos pressa de voltar para a DuPont, talvez eu tivesse continuado do jeito como sempre fui, vendendo as minhas xilogravuras todo ano no Natal. Pode ser que eu só tenha mudado tanto porque Ted foi tão racional e adequado. E assim, pode ser que a moral da minha longa história, Enid, seja que eu não consigo parar de procurar a moral da história, por mais que eu me esforce para desistir.”

Ocorreu a Enid naquele momento uma visão de chuva. Viu-se numa casa sem paredes; para fugir do mau tempo, só tinha um lenço de papel. E lá vinha a chuva de leste, e ela apertava uma versão-lenço de papel de Chip, com seu ótimo emprego novo de repórter. Depois a chuva vinha de oeste, e o tecido era o quanto os filhos de Gary eram belos e inteligentes, e o quanto ela gostava deles. Depois o vento mudava, e ela saía *correndo* para o lado norte da casa com os frangalhos de lenço que Denise lhe permitia ter, que ela tinha se casado cedo demais mas agora estava mais velha e ajuizada, fazendo sucesso como sócia de um restaurante e esperando para encontrar o homem certo. E então a chuva vinha trovejando do sul, e o lenço se desintegrava enquanto ela insistia que o problema de Al era muito leve e que ele iria ficar bem, se mudasse de atitude e tomasse a medicação certa, e a chuva cada vez mais forte, e ela tão cansada, e só tinha o pano...

“Sylvia?”, disse ela.

“O quê?”

“Preciso lhe contar uma coisa. É sobre o meu marido.”

Ansiosa, talvez, por retribuir o favor de ser ouvida, Sylvia fez um aceno encorajador com a cabeça. Mas de repente Enid achou-a parecida com Katharine Hepburn. Nos olhos de Hepburn, havia uma absoluta inconsciência do privilégio, que provocava numa ex-pobre como Enid a vontade de dar um pontapé em suas canelas aristocráticas com os sapatos mais pesados e de bico mais fino que ela tivesse. Seria um erro, sentiu ela, confidenciar qualquer coisa para aquela mulher.

“Sim?”, estimulou-a Sylvia.

“Nada. Desculpe.”

“Não, pode dizer.”

“Não, nada, só que está na *minha hora* de ir dormir. Amanhã temos muito o que fazer!”

Levantou-se com pouca firmeza e deixou que Sylvia assinasse a conta das bebidas. Tomaram o elevador em silêncio. Aquela intimidade precipitada deixara uma espécie de rastro de constrangimento. Quando Sylvia desceu do elevador no nível do Convés Superior, porém, Enid desceu junto. Não podia suportar ser vista por Sylvia como o tipo de pessoa que ficava no Convés “B”.

Sylvia parou junto à porta de uma grande cabine externa. “Onde fica o seu quarto?”

“Logo ali, descendo o corredor”, respondeu Enid. Mas aquele fingimento, logo viu, era insustentável. Amanhã ela precisaria fazer de conta que tinha ficado confusa.

“Boa noite, então”, disse Sylvia. “E obrigada por me escutar.”

Ficou esperando que Enid saísse andando, com um leve sorriso. Mas Enid não se mexeu. Olhou em volta com ar inseguro. “Desculpe. Que andar é este?”

“Convés Superior.”

“Ah, estou no outro. Desculpe.”

“Não precisa pedir desculpas. Quer que eu desça com você?”

“Não, eu me confundi, agora estou entendendo, aqui é o Convés Superior e eu estou num convés de baixo. Muito mais baixo. Me desculpe.”

Virou-se, mas ainda assim não foi embora. “Meu marido...”, balançou a cabeça. “Não, o meu filho, na verdade. Nós não almoçamos com ele hoje. É o que eu queria lhe contar. Ele estava esperando no aeroporto e nós devíamos ter almoçado com ele e a amiga dele, mas eles... eles *sumiram*, não entendi nada, e ele não voltou mais, e ainda não sabemos onde foi que ele se meteu. Quer dizer, foi isso.”

“Que coisa estranha”, concordou Sylvia.

“Mas eu não quero aborrecer você...”

“Não, não, não, Enid, que absurdo.”

“Só queria falar direito disso, e agora eu vou dormir, e gostei *muito* de ter conhecido você! Amanhã vamos ter muito o que fazer. Eu a encontro no café-da-manhã!”

Antes que Sylvia pudesse detê-la, Enid saiu andando de lado pelo corredor (precisava de cirurgia para o quadril, mas imagine deixar Al sozinho em casa enquanto se internava no hospital, imagine só), recriminando-se por ter descido no corredor onde não estava hospedada e por ter falado aquelas besteiras sem sentido sobre o filho dela. Chegou a um banco acolchoado, desabou nele e então começou a chorar. Deus lhe dera a imaginação para chorar pelos tristes viajantes que tinham reservado a cabine mais barata, sem vista, do Convés “B”, num navio de cruzeiro de luxo; mas uma infância sem dinheiro a deixara incapaz de enfrentar sozinha os trezentos dólares a mais por pessoa que custava subir uma categoria; de maneira que chorava por si mesma. Sentia que ela e Al eram as únicas pessoas inteligentes de toda sua geração que não tinham conseguido ficar ricos.

Eis uma tortura que os inventores gregos do Banquete e da Pedra omitiram de seu Hades: o Cobertor do Auto-Engano. Um cobertor quente e adorável que cobria a alma atormentada, *mas jamais conseguia cobrir tudo*. E as noites estavam ficando frias.

Pensou em voltar até o quarto de Sylvia e desabafar.

Mas então, através das lágrimas, viu uma coisa linda por baixo do banco em que estava sentada.

Era uma nota de dez dólares. Dobrada ao meio. Uma beleza.

Lançando um olhar para o corredor, estendeu o braço. A textura da impressão era deliciosa.

Sentindo-se restaurada, desceu para o Convés “B”. A música de fundo sussurrava no salão, alguma coisa suave, com acordeões. Imaginou ouvir seu nome gritado ao longe, enquanto encaixava o cartão na fechadura e empurrava a porta.

Encontrou resistência e empurrou com mais força.

“Enid”, baliu Alfred do outro lado.

“Shhh, Al, o que está acontecendo?”

A vida como ela conhecia terminou no momento em que ela se espremeu pela porta entreaberta. A cotidianidade transformou-se num áspero contínuo de horas. Encontrou Alfred nu com as costas apoiadas na porta, sentado numa camada de lençóis espalhados por cima de várias partes do jornal matutino de Saint Jude. As calças, um paletó esporte e uma gravata estavam estendidos na cama dele, que ele deixara nua, com o colchão à mostra. A roupa de cama excedente empilhara na outra cama. Continuava a chamar o nome dela, embora ela tivesse acendido a luz e ocupado o campo de visão do marido. O objetivo

imediatamente de Enid era acalmá-lo e fazê-lo vestir um pijama, mas foi preciso muito tempo, porque ele estava horivelmente agitado e não terminava as frases, sequer conseguia fazer os verbos e substantivos concordarem em número e pessoa. Achava que já era de manhã e que ele precisava tomar banho e se vestir, que o piso junto à porta era uma banheira, e que a maçaneta era uma torneira mas nada estava funcionando. Mesmo assim, insistia em fazer tudo da maneira como queria, o que o levava a empurrar e puxar várias coisas e finalmente a atingi-la no ombro. Ele ficou desesperado, ela chorou e brigou com ele. Mesmo com suas mãos loucamente agitadas, conseguia desabotoar o paletó do pijama tão depressa quanto ela o abotoava. Ela jamais o ouvira usar as palavras “m**da” ou “c*cô”, e a fluência com que ele as estava usando naquele momento iluminava anos de uso, silencioso, em sua mente. Desfez a cama dela enquanto ela tentava fazer a dele. Ela suplicou que ele ficasse quieto. Ele chorou, dizendo que era tarde demais e ele estava muito confuso. E mesmo assim ela não conseguia deixar de amá-lo. Talvez agora mais ainda. Talvez ela sempre soubesse, por cinquenta anos, que dentro dele havia aquele garotinho. Talvez todo o amor que ela tinha dedicado a Chipper e Gary, todo o amor em troca do qual no fim das contas recebera tão pouco, tivesse sido apenas um treinamento para aquele mais exigente de todos os filhos dela. Ela o acalmou e ralhou com ele, passou uma hora ou mais amaldiçoando em silêncio os remédios que ele tomava, e finalmente ele adormeceu quando o despertador de viagem dela marcava 5h10, e às 7h30 ele já estava usando o barbeador elétrico. Mesmo não tendo dormido de verdade, ela se sentia bem enquanto se levantava e bem enquanto se vestia, mas catastroficamente mal quando foi tomar o café-da-manhã. A língua parecia uma flanela, a cabeça dava a sensação de estar presa na ponta de um espeto.

Mesmo para um navio grande, o mar naquela manhã estava muito agitado. O marulho regurgitativo do lado de fora do Salão Kierkegaard era quase rítmico, uma espécie de música do acaso, a sra. Nygren perorou informativamente acerca dos males da cafeína e a quase-bicameralidade do Storting, o parlamento norueguês, os Söderblads chegaram úmidos de algum exercício íntimo sueco, e de algum modo Al conseguiu travar uma boa conversa com Ted Roth. Enid e Sylvia retomaram suas relações de um modo um tanto enrijecido, os músculos emocionais doloridos depois do excesso de uso da véspera. Conversaram sobre o tempo. Uma coordenadora de atividades chamada Suzy Ghosh chegou trazendo orientações e formulários que deviam ser preenchidos para a saída da tarde em Newport, Rhode Island. Com um sorriso iluminado e ruídos de antecipação, Enid inscreveu-se para um passeio pelas residências históricas da cidade, e depois ficou olhando abatida quando todos os demais, menos os leprosos sociais noruegueses, passaram a prancheta adiante sem inscrever-se. “Sylvia!”, reclamou ela com a voz trêmula, “você não vai ao passeio?” Sylvia olhou para o

marido de óculos, que acenava com a cabeça como McGeorge Bundy dando o sinal verde para o embarque de tropas para o Vietnã, e por um instante os olhos azuis dela deram a impressão de se voltar para dentro; aparentemente, ela tinha aquele talento dos invejáveis, dos que não eram do Meio-Oeste, dos que tinham dinheiro, para avaliar seus desejos sem levar em conta a expectativa social ou os imperativos morais. “Está bem, ótimo, de acordo”, disse ela, “acho que vou.” De costume, Enid teria reagido mal àquela sugestão de caridade em sua resposta, mas hoje estava dispensando o exame bucal de cavalos dados. Precisava de toda a caridade possível. E assim fez um esforço para subir toda a rampa inclinada daquele dia, permitindo-se uma meia sessão gratuita de massagem sueca, assistindo ao envelhecimento das folhas litorâneas a partir do Passeio Ibsen, e confiando em vários comprimidos de ibuprofeno e num litro de café para preparar-se para sua tarde na encantadora cidade histórica de Newport! Porto recém-lavado pelas chuvas no qual Alfred anunciou que seus pés doíam demais para aventurar-se em terra, e Enid fê-lo prometer que não iria cochilar para não ficar sem sono à noite, e em tom de brincadeira (pois como poderia admitir que aquilo era uma questão de vida ou morte?) implorou a Ted Roth que o mantivesse acordado, e Ted respondeu que remover os Nygren do navio ia ter um efeito muito positivo naquele sentido.

O cheiro de creosoto aquecido pelo sol e de mexilhões frios, de combustível de barcos, de campos de futebol e de algas secando, uma nostalgia quase genética das coisas marítimas e das coisas outonais, tomaram conta de Enid assim que ela desceu a rampa manquejando e tomou o caminho do ônibus de excursão. O dia estava perigosamente belo. Fortes rajadas de vento, as nuvens associadas a ela e um sol ferozmente leonino encantavam o olhar dos viajantes, agitando o passadiço branco de Newport, seus gramados bem aparados e tornando-os invisíveis de frente. “Amigos”, exortou o guia, “sentem-se, relaxem e absorvam a paisagem.” Mas tudo que pode aturdir também pode afogar. Enid só tinha dormido seis horas nas últimas cinquenta e cinco, e enquanto Sylvia lhe agradecia pelo convite, descobriu que não tinha energias para excursionar. Os Astor e os Vanderbilt, seus palácios de férias e seu dinheiro: estava farta daquilo. Farta de sentir inveja, farta de si mesma. Não entendia de antiguidades nem de arquitetura, não sabia desenhar como Sylvia, não lia como Ted, tinha poucos interesses e nenhuma especialidade. A capacidade de amar era a única coisa que realmente tivera de verdade. De maneira que dessintonizou-se do guia da excursão e concentrou-se no ângulo de outubro da luz amarela, nas intensidades dilacerantes da estação do ano. No vento que impelia as ondas através da baía sentia o cheiro da noite que se aproximava. Avançava depressa rumo a ela: mistério, dor e uma estranha e ansiosa sensação de *possibilidade*, como se as dores do coração fossem uma coisa a ser desejada e procurada. No ônibus entre Rosecliff e o farol, Sylvia ofereceu um telefone celular a Enid para que ela

ligasse para Chip. Enid recusou, porque os telefones celulares comiam dinheiro e ela achava que as pessoas já começavam a pagar quando tocavam num deles, mas fez a seguinte afirmação: “Faz anos, Sylvia, que eu não tenho uma boa relação com ele. Acho que ele está mentindo sobre o que faz na vida. Uma vez ele disse que estava trabalhando no *Wall Street Journal*. Talvez eu tenha escutado errado, mas acho que foi o que ele disse, mas não acredito que esteja trabalhando lá. Na verdade eu não sei o que ele faz da vida. Você deve achar horrível eu ficar me queixando disso, quando coisas tão piores aconteceram com você”. Na resposta de Sylvia, que insistiu em dizer que não era nada horrível, nada disso, Enid teve um vislumbre de como poderia confidenciar uma coisinha ou duas ainda mais vergonhosas, e como essa revelação pública, embora dolorosa, poderia trazer-lhe algum consolo. Mas assim como ocorre com tantos fenômenos que são lindos a uma certa distância — os tornados, as erupções vulcânicas, as estrelas e os planetas —, aquela dor fascinante, de perto, revelava uma escala desumana. De Newport o *Gunnar Myrdal* zarpou para o leste, em meio a vapores cor de safira. O navio pareceu sufocante a Enid depois de uma tarde de exposição aos vastos céus e aos iates do tamanho de petroleiros dos super-ricos, e embora tenha ganho mais sessenta dólares no Salão Stringbird sentia-se como um animal de laboratório enjaulado em meio a outros animais capazes de puxar alavancas em meio aos sons e tinidos mecânicos, e a hora de ir para cama veio cedo, e quando Alfred começou a se mexer ela já estava acordada, ouvindo o sino da ansiedade bater com tanta força que sua cama vibrava e seus lençóis ficaram abrasivos, e lá estava Alfred ligando as luzes e gritando, e um vizinho de porta batendo na parede e gritando de volta, e Alfred absolutamente imóvel ouvindo com o rosto contorcido de psicose paranóide e depois sussurrando em tom conspiratório que tinha visto um “c*cô” correndo entre as camas, e depois ela fez e desfez as ditas camas, pôs uma fralda, pôs uma segunda fralda para aplacar uma exigência alucinada, e a falta de firmeza de suas pernas com os nervos danificados, balindo o nome de “Enid” até quase consumi-lo, e a mulher com o nome em carne viva soluçando no escuro com o pior desespero e a pior ansiedade que já sentira na vida até que finalmente — como um viajante noturno que chega a uma estação de trem que só a difere das outras estações precárias pela luz incerta do amanhecer, pelos pequenos milagres da visibilidade restaurada: uma poça d’água esbranquiçada no estacionamento de cascalho, o vapor subindo em espiral de uma chaminé de metal — ela chegou a uma decisão.

Em seu mapa do navio, na extremidade dianteira do Convés “D”, havia o símbolo universal da ajuda para os necessitados. Depois do café-da-manhã, deixou o marido conversando com os Roth e tomou o rumo daquela cruz vermelha. A contrapartida física daquele símbolo era uma porta de vidro opaco onde havia três palavras em letras douradas. “Enfermaria” era a primeira e

“Alfred” era a segunda; o sentido da terceira perdia-se nas sombras lançadas por “Alfred”. Estudou-a sem sucesso. No. Bel. Nob-El. No Bell.

As três palavras sumiram quando a porta foi aberta por um jovem musculoso com um crachá preso por alfinete a uma lapela branca: dr. Mather Hibbard, médico. Tinha um rosto largo, a pele um pouco maltratada como a do ator ítalo-americano que todo mundo adorava, que uma vez fez papel de anjo e outra vez de dançarino de discoteca. “Olá, como está se sentindo hoje de manhã?”, disse ele, exibindo dentes cor de pérola. Enid seguiu-o atravessando um vestibulo e entrando em seu gabinete, onde ele indicou-lhe uma cadeira junto à sua mesa de trabalho.

“Sou a senhora. Lambert”, disse ela. “Enid Lambert, Cabine B11. Espero que o senhor possa me ajudar.”

“Também espero. Qual é o problema?”

“Estou tendo dificuldades.”

“Dificuldades mentais? Emocionais?”

“Bem, é o meu marido...”

“Desculpe. Um minuto! Um minuto!” O dr. Hibbard abaixou um pouco a cabeça e deu-lhe um sorriso maroto. “A senhora não me disse que quem está tendo dificuldades é *a senhora*?”

O sorriso dele era a coisa mais adorável. Apoderou-se daquela parte de Enid que se derretia ao ver filhotes de foca e gatinhos, e recusou-se a soltá-la até que, um tanto hesitante, ela sorriu em resposta. “Minha dificuldade”, disse ela, “é que o meu marido e os meus filhos...”

“Desculpe de novo, Edith. Um minutinho só.” O dr. Hibbard abaixou-se mais ainda, pôs as mãos na cabeça e olhou para cima por entre os braços. “Preciso que você fale claro; é *você* que está tendo dificuldades?”

“Não, eu estou bem. Mas todos os outros na minha...”

“Está ansiosa?”

“Estou, mas...”

“Com problemas para dormir?”

“Exatamente. O senhor sabe, o meu marido...”

“Edith? Você disse Edith?”

“Enid. Lambert. L-A-M-B...”

“Enith, quanto é quatro vezes sete, menos três?”

“O quê? Ah, vinte e cinco.”

“Ah, e que dia da semana é hoje?”

“Segunda-feira.”

“E qual foi a cidade histórica de Rhode Island que nós visitamos ontem?”

“Newport.”

“E estamos tomando algum remédio para depressão, ansiedade, doença bipolar, esquizofrenia, epilepsia, mal de Parkinson ou qualquer outra doença

psiquiátrica ou neurológica?”

“Não.”

O dr. Hibbard assentiu com a cabeça e ergueu-se na cadeira, abriu uma gaveta funda no console que tinha atrás de si e retirou dali um punhado de pacotes de plástico e papel laminado. Contou oito e os colocou sobre sua mesa, em frente a Enid. Aquilo tinha um ar de coisa cara, de que ela não gostou.

“Este é um excelente remédio novo que vai ajudá-la imensamente”, recitou Hibbard sem alterar o tom de voz. E piscou o olho para ela.

“Desculpe?”

“Será que não estamos nos entendendo? Acho que você disse que está tendo dificuldades. E falou de ansiedade e problemas com o sono.”

“Sim, mas o que eu queria dizer é que meu marido...”

“Marido, claro. Ou mulher. Quase sempre é a pessoa mais desinibida do casal que me procura. Na verdade, o medo de pedir o Aslan é o problema para o qual o Aslan é mais indicado. O remédio exerce um efeito bloqueador notável sobre a vergonha ‘profunda’ ou ‘mórbida’.” O sorriso de Hibbard era como uma mordida recente numa fruta macia. Tinha os cílios abundantes de um filhote de animal doméstico, uma cabeça que pedia carícias. “Você está interessada?”, perguntou ele. “Está prestando atenção?”

Enid baixou os olhos e se perguntou se alguém poderia morrer de falta de sono. Interpretando o silêncio dela como concordância, Hibbard prosseguiu: “Achamos que as drogas clássicas que deprimem o sistema nervoso central, como o álcool, suprimem a ‘vergonha’ ou as ‘inibições’. Mas a confissão ‘vergonhosa’ que a pessoa faz sob o efeito de três martinis não deixa de ser vergonhosa por ter sido confessada, basta ver o remorso que se instala depois que o efeito da bebida passa. O que acontece no plano molecular, Edna, quando a pessoa toma três martinis, é que o etanol interfere na recepção do Fator 28A excedente, isto é, o fator da vergonha ‘mórbida’ ou ‘profunda’. Mas o 28A não é metabolizado nem devidamente reabsorvido no local do receptor. Ele fica temporariamente armazenado, de maneira um tanto instável, no local do transmissor. Dessa maneira, assim que passa o efeito do etanol, o receptor é *inundado* de Fator 28A. O medo da humilhação e o desejo de ser humilhado estão intimamente ligados, conforme sabem muito bem os psicólogos e os escritores russos. E isso não só é ‘verdadeiro’ como também é *realmente verdadeiro*. Verdadeiro no plano molecular. De qualquer maneira, o efeito do Aslan sobre a química da vergonha é totalmente diferente do efeito do martini. Ele promove a aniquilação completa das moléculas de 28A. O Aslan é um predador violento.”

Evidentemente, agora era a vez de Enid falar, mas ela tinha perdido a deixa em algum ponto. “Doutor”, disse ela, “desculpe, mas é que eu não dormi direito e estou um pouco confusa.”

O doutor fez uma careta adorável. “Confusa? Ou *confusa*?”

“Desculpe?”

“A senhora me disse que está ‘tendo dificuldades’. Está transportando cento e cinquenta dólares americanos em dinheiro ou traveler’s checks. Com base em suas respostas clínicas, diagnostiquei uma distímia subclínica sem demência observável, e vou lhe fornecer, gratuitamente, oito pacotes de amostras de Aslan ‘Cruzeiro’, cada uma contendo três cápsulas de trinta miligramas, para que a senhora possa aproveitar com conforto o resto do cruzeiro e depois siga o programa recomendado de diminuição progressiva, de trinta para vinte e depois para dez. Entretanto, Elinor, eu quero avisar desde já que, se você está *confusa*, e não simplesmente confusa, isto pode alterar meu diagnóstico, o que pode pôr em risco o seu acesso ao Aslan.”

Aqui Hibbard ergueu as sobrancelhas e assobiou alguns fraseados de uma melodia cuja afinação era roubada por seu sorriso de falsamente esperto.

“Não estou confusa”, disse Enid. “Meu marido é que está confuso.”

“Se a senhora quer dizer com isso que ele está *confuso*, quero manifestar minha sincera expectativa de que a senhora esteja levando o Aslan para o seu próprio uso, e não do seu marido. Nos casos em que a demência está presente, o Aslan é vigorosamente contra-indicado. Oficialmente, então, sou obrigado a insistir que a senhora só use esta medicação da forma indicada, e só sob a minha supervisão estrita. Na prática, porém, eu não sou ingênuo. Eu sei que uma droga tão poderosa como esta, que traz um tamanho alívio, uma droga que ainda não está disponível em terra, muitas vezes vai parar nas mãos de outras pessoas.”

Hibbard assobiou mais algumas frases desafinadas, um desenho animado caricaturando alguém que cuida da própria vida, enquanto estudava Enid para ver se ela estava achando graça.

“Às vezes meu marido fica estranho de noite”, disse ela, desviando os olhos. “Muito agitado e problemático, e aí eu não consigo dormir. Passo o dia inteiro morta de cansaço, e tão perturbada, e há tanta coisa que eu queria *fazer*.”

“O Aslan vai lhe ajudar”, tranqüilizou-a Hibbard numa voz mais sóbria. “Muitos viajantes consideram que é um investimento mais importante até que um seguro de cancelamento. Com todo o dinheiro que você pagou pelo privilégio de estar aqui, Enith, você tem o direito de se sentir da melhor maneira possível o tempo todo. Uma briga com o marido, a ansiedade por causa de um animal doméstico que você deixou em casa, uma agressão percebida onde não houve a intenção de agredir: você não pode dar-se ao luxo desses sentimentos. Encare as coisas da seguinte maneira. Se o Aslan ajudar você a não perder nenhuma das atividades pré-pagas da Pleasurelines por causa da sua distímia subclínica, ele já se pagou, quer dizer: a sua consulta comigo, a preço fixo, no fim da qual você vai receber oito amostras grátis com Aslan ‘Cruzeiro’ de trinta miligramas, pagou-se.”

“O que é Ashland?”

Alguém bateu na porta de fora e Hibbard estremeceu como se pretendesse clarear a cabeça. “Edie, Eden, Edna, Enid, me desculpe por um instante. Estou começando a entender que você está realmente *confusa* quanto à farmacologia topo-de-linha-global que a Pleasurelines se orgulha de disponibilizar para sua esclarecida clientela. Estou vendo que você precisa de um pouco mais de explicação que os outros viajantes, e se me der licença por um instantinho só...”

Hibbard pegou oito amostras grátis de Aslan em seu console, deu-se ao trabalho de trancar o console e guardar a chave no bolso, e foi até o vestibulo. Enid ouviu-o murmurando e a voz rouca de um homem mais velho respondendo, “Vinte e cinco”, “Segunda-feira”, e “Newport”. Em menos de dois minutos o médico estava de volta, trazendo alguns traveler’s checks.

“Isto que o senhor está fazendo não tem nenhum problema?”, perguntou Enid. “Quer dizer, é legal?”

“Boa pergunta, Enid, e o melhor é que tudo está maravilhosamente dentro da lei.” Examinou um dos cheques com um ar um tanto distraído e guardou-os todos no bolso da camisa. “Mas é uma excelente pergunta. De primeira, mesmo. A ética profissional me impede de vender os remédios que eu mesmo receito, de modo que só posso me limitar a dar amostras grátis, o que por sorte vai ao encontro da política *tutto è incluso* praticada pela Northern Pleasurelines. Infelizmente, como o Aslan ainda não recebeu plena aprovação e regulamentação nos Estados Unidos, como a maioria dos nossos passageiros são americanos e como a criadora e produtora do Aslan, a Farmacopea S.A., não tem assim incentivos para me fornecer amostras grátis suficientes para atender à extraordinária demanda, eu tenho a necessidade de comprar as amostras grátis no atacado. Daí o preço da minha consulta, que de outro modo poderia parecer um tanto caro a algumas pessoas.”

“Qual é o preço em dinheiro das oito amostras grátis?”, perguntou Enid.

“Já que são gratuitas, e a rigor não se destinam à revenda, não têm um preço em dinheiro, Eartha. Se está me perguntando o quanto me custa prestar este serviço a você, gratuitamente, a resposta é mais ou menos oitenta e oito dólares americanos.”

“Quatro dólares por pílula!”

“Isso. A dose para pacientes de sensibilidade normal é de trinta miligramas por dia. Em outras palavras, uma cápsula. Quatro dólares por dia para sentir-se bem: a maioria dos viajantes considera isto uma pechincha.”

“Mas não vai me dizer? O que é? O Ashram?”

“Aslan. Me disseram que o nome vem de uma criatura mitológica de alguma civilização antiga. O mitraísmo, os adoradores do sol, alguma coisa assim. Se eu fosse dizer mais, estaria inventando. Mas o que eu entendi é que Aslan era um grande leão benigno.”

O coração de Enid pulou em sua jaula. Ela pegou uma das embalagens de amostra grátis na mesa e examinou as pilulas através das bolhas de plástico rígido. Cada cápsula de cor dourada tinha duas ranhuras para facilitar a divisão, e trazia a insígnia de um sol cercado de muitos raios — ou seria a silhueta de um leão de juba farta? O rótulo dizia ASLAN® CruzeiroTM.

“E o que ele faz?”, perguntou ela.

“Absolutamente nada”, respondeu Hibbard, “se você tiver uma saúde mental perfeita. Mas na verdade, vamos e venhamos, quem é que tem?”

“Ah, e se não tiver?”

“O Aslan produz a melhor regulação dos neurotransmissores que já foi produzida. Os melhores remédios aprovados para o uso americano, em comparação, são como dois Marlboros e uma cuba-libre.”

“É um antidepressivo?”

“O termo é grosseiro. Eu prefiro ‘otimizador de personalidade’.”

“E o ‘Cruzeiro’?”

“O Aslan otimiza dezesseis dimensões químicas”, explicou Hibbard pacientemente. “Mas tem mais. O ótimo para uma pessoa num cruzeiro turístico não é o ótimo para uma pessoa no trabalho. As diferenças químicas são sutis, mas se somos capazes de um controle fino, por que não oferecer? Além do Aslan ‘Básico’, a Farmacopeia vende oito combinações específicas. O Aslan ‘Esqui’, o Aslan ‘Hacker’, o Aslan ‘Performance Ultra’, o Aslan ‘Teen’, o Aslan ‘Club Med’, o Aslan ‘Anos Dourados’ e estou esquecendo qual? O Aslan ‘Califórnia’. Muito popular na Europa. O plano é chegar a vinte combinações especiais nos próximos dois anos. O Aslan ‘Hora da Prova’, o Aslan ‘Namoro’, o Aslan ‘Noites Brancas’, o Aslan ‘Desafio do Leitor’, o Aslan ‘Classe do Connaissanceur’ etc., etc., etc. A aprovação da FDA americana iria acelerar o processo, mas não adianta ficar ansioso. E você vai me perguntar, qual é a característica especial do ‘Cruzeiro’? O básico é que ele desliga totalmente a ansiedade. Deixa o ponteiro na posição zero. Diferente do Aslan ‘Básico’, porque para o funcionamento do dia-a-dia precisamos de um nível moderado de ansiedade. Estou tomando o ‘Básico’, por exemplo, porque estou trabalhando.”

“E como...”

“Menos de uma hora. É a glória do remédio. O efeito é instantâneo, em comparação com as quatro semanas que exigem alguns dos dinossauros que ainda usam nos Estados Unidos. Se você começar a tomar Zolof hoje, na melhor das hipóteses só vai começar a sentir-se melhor em uma semana, a contar da sexta-feira.”

“Sei, mas como é que eu posso comprar mais de casa?”

Hibbard olhou para o relógio. “De que parte do país você é, Andie?”

“Do Meio-Oeste. Saint Jude.”

“Bem. Sua melhor opção seria o Aslan mexicano. Ou, se você tiver amigos

indo passar férias na Argentina ou no Uruguai, combinar alguma coisa com eles. Claro, se você gostar do remédio e quiser um acesso sem nenhuma dificuldade, sempre pode fazer mais um cruzeiro com a Pleasurelines.”

Enid fez cara feia. O dr. Hibbard era muito bonito e carismático, e ela gostava da idéia de uma pílula que a ajudasse a aproveitar o cruzeiro e tomar conta de Alfred melhor, mas o médico lhe parecia um tanto enrolador. E também, o nome dela era Enid. E-N-I-D.

“O senhor tem certeza mesmo que este remédio pode me ajudar?”, perguntou ela. “Está convencido que é a melhor coisa para mim?”

“Eu ‘garanto’”, disse Hibbard, piscando o olho.

“Mas o que quer dizer ‘otimizar’?”, perguntou Enid.

“Você vai se sentir mais resistente do ponto de vista emocional”, respondeu Hibbard. “Mais flexível, mais confiante, mais feliz consigo mesma. A sua ansiedade e a sua supersensibilidade vão desaparecer, bem como qualquer preocupação mórbida com a opinião dos outros. Tudo que ainda a deixa envergonhada...”

“Isso”, disse Enid. “Isso.”

“Se pintar, eu falo; se não pintar, melhor nem tocar no assunto.’ Sua atitude vai ser assim. A bipolaridade viciosa da vergonha, a alternância cíclica rápida entre confissão e ocultação — isto acontece com você?”

“Acho que o senhor me entende.”

“São substâncias químicas no seu cérebro, Elaine. Uma necessidade de confessar, uma necessidade de esconder. O que é esta necessidade? Pois não é mais nada além da atuação de substâncias químicas! O que é a memória? Uma alteração química! Ou talvez uma alteração estrutural, mas sabe o que mais? As estruturas são feitas de proteínas! E de que as proteínas são compostas? De aminoácidos!”

Enid tinha a vaga e angustiante suspeita de que sua igreja ensinava uma visão diferente — dizendo que Cristo era um naco de carne pendurado numa cruz e ao mesmo tempo o filho de Deus —, mas as questões doutrinárias sempre lhe pareceram assustadoramente complexas, e o reverendo Anderson, de sua igreja, tinha um rosto bondoso e muitas vezes, em seus sermões, contava piadas ou citava as caricaturas da *New Yorker* ou escritores seculares como John Updike, e nunca fazia nada perturbador como dizer à congregação que ela estava amaldiçoada, o que teria sido absurdo porque todos na igreja eram tão simpáticos e gentis, e também Alfred sempre tinha ridicularizado as crenças religiosas dela, e era mais fácil simplesmente parar de acreditar (se é que na verdade ela alguma vez tivesse acreditado) do que tentar derrotar Alfred numa discussão filosófica. Atualmente Enid acreditava que, quando a pessoa morria, morria mesmo, e a versão das coisas transmitida pelo dr. Hibbard começava a fazer sentido para ela.

Ainda assim, sendo uma cliente difícil, ela disse: “Eu posso ser uma mulher simples e meio burra do Meio-Oeste, mas mudar de personalidade desse jeito não me parece muito correto”. Com uma expressão de contrariedade um pouco mais demorada, garantia que sua reprovação não seria ignorada.

“Qual é o problema da mudança?”, perguntou Hibbard. “Você está feliz com a maneira como está se sentindo?”

“Não, mas se eu vou virar uma pessoa diferente depois de tomar esse remédio, se eu vou ficar *diferente*, não pode estar certo, e aí...”

“Edwina, eu entendo perfeitamente. Todos temos uma ligação irracional com as coordenadas químicas específicas do nosso caráter e do nosso temperamento. É uma versão do medo da morte, não é? Não sei como vai ser deixar de ser eu mesmo. Mas é o seguinte. Se ‘eu’ não estiver lá para perceber a diferença, então ‘eu’ não tenho como me incomodar! A morte só é um problema se você souber que está morto, o que nunca acontece porque você já morreu!”

“Mas parece que o remédio deixa todo mundo igual.”

“Nada disso. Totalmente errado. Porque é o seguinte: duas pessoas podem ter personalidade igual e ainda assim ser diferentes. Duas pessoas com o mesmo QI podem ter conhecimentos e memórias totalmente diferentes. Certo? Duas pessoas muito afetuosas podem ter dois objetos de afeto completamente diferentes. Dois indivíduos identicamente avessos ao risco podem evitar riscos completamente diferentes. Pode ser que o Aslan nos deixe a todos mais parecidos, mas é o seguinte, Enid. Continuamos indivíduos.”

O doutor disparou um sorriso especialmente adorável, e Enid, que calculou que ele embolsava US\$62 líquidos por consulta, decidiu que já tinha recebido a devida compensação em tempo e atenção do médico, e fez o que sabia que iria fazer desde o momento em que pusera os olhos nas cápsulas leoninas e solares. Enfiou a mão na bolsa e, do envelope da Pleasurelines que continha seus ganhos nos caça-níqueis, tirou um punhado de notas e contou US\$150.

“A alegria do Leão”, disse Hibbard com uma piscadela enquanto empurrava a pilha de amostras grátis para o outro lado da mesa. “Quer uma sacola?”

Com o coração batendo forte, Enid caminhou até o final do Convés “D”. Depois do pesadelo do dia anterior e das últimas noites, tinha novamente uma coisa concreta em que confiar; e como era doce o otimismo de uma pessoa carregando um remédio recém-descoberto que acreditava ser capaz de mudar sua cabeça; como era universal a ânsia por escapar dos limites da própria identidade. Nenhum exercício além de levar a mão à boca, nenhum ato mais violento do que engolir, nenhum sentimento religioso, nenhuma fé em nada mais místico do que a relação de causa e efeito, era necessário para experimentar a bênção transformadora daquela pílula. *Ela mal podia esperar para tomar logo o remédio.* Foi pisando nas nuvens até a Cabine B11, onde teve a felicidade de não encontrar sinal de Alfred. Como que para sublinhar a natureza ilícita de sua

missão, trancou a porta do corredor. E tornou a trancar-se dentro do banheiro. Ergueu os olhos para seus gêmeos refletidos e, num impulso cerimonial, devolveu o olhar deles como não devolviam havia meses, ou talvez anos. Retirou uma das cápsulas douradas de Aslan através do fundo laminado da embalagem das amostras. Pôs a cápsula na língua e engoliu-a com água.

Ficou alguns minutos escovando os dentes e passando fio dental, um pouco de faxina bucal para matar o tempo. Depois, com um estremecimento de exaustão culminante, foi deitar-se na cama para esperar.

A luz dourada do sol atingiu os cobertores de seu quarto sem janelas.

O sol tocou a palma de sua mão com seu focinho quente e aveludado. Lambeu suas pálpebras com uma língua que era ao mesmo tempo áspera e viscosa. O hálito do sol era doce e quente como gengibre.

Quando ela acordou, a fria iluminação halógena da cabine não era mais artificial. Era a luz fria do sol por trás de uma nuvem momentânea.

Tomei o remédio, ela disse a si mesma. Tomei o remédio. Tomei o remédio.

Sua recém-inaugurada flexibilidade emocional foi duramente posta à prova na manhã seguinte, quando acordou às sete e descobriu Alfred todo enrodilhado e profundamente adormecido dentro do chuveiro.

“Al, você está deitado no chuveiro”, disse ela. “Aí não é lugar de dormir.”

Depois de acordá-lo, começou a escovar os dentes. Alfred abriu os olhos livres da demência e olhou em volta. “Argh, estou com o corpo todo duro”, disse ele.

“Que diabos você está fazendo aí dentro?”, gargarejou Enid em meio à espuma de flúor, escovando os dentes com alegria.

“Fiquei muito confuso durante a noite”, disse ele. “Tive cada sonho.”

Ela descobriu que, nos braços do Aslan, tinha novas reservas de paciência para fazer a escovação recomendada pelo dentista para as laterais dos molares, que tanto esforço exigia do pulso. Ficou observando com um grau de interesse entre baixo e médio enquanto Alfred conseguia recuperar a posição ereta ao cabo de um processo em vários estágios, com apoios, movimentos de alavanca, içamentos, curvaturas e oscilações controladas. Uma tanga indiana enlouquecida, composta de fraldas amontoadas e rasgadas, pendia de sua cintura. “Olhe só”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Olhe só para isso.”

“Eu dormi maravilhosamente”, respondeu ela.

“E como estão os nossos flutuantes hoje de manhã?”, perguntou a agitada coordenadora de atividades Suzy Ghosh à mesa, com uma voz que parecia a de uma cabeleira num comercial de xampu.

“Não naufragamos ontem à noite, se é isto que você quer saber”, respondeu Sylvia Roth.

Os noruegueses logo monopolizaram Suzy com um complicado interrogatório acerca da natação em distância na maior das piscinas do *Gunnar Myrdal*.

“Você viu, Signe?”, disse Söderblad à mulher num volume indiscreto, “olhe só que surpresa. O casal Nygren tem um pergunta longa para a senhorita Ghosh.”

“É verdade, Stig, eles sempre têm uma pergunta longa, não é? São pessoas muito meticolosas.”

Ted Roth fazia meia grapefruit girar no prato, como se fosse um ceramista, removendo toda a polpa da fruta. “A história do carbono”, disse ele, “é a história do planeta. O senhor conhece o efeito estufa?”

“É totalmente isento de impostos”, disse Enid.

Alfred assentiu com a cabeça. “Eu conheço o efeito estufa.”

“Mas você precisa recortar cada cupom, o que eu às vezes esqueço de fazer”, disse Enid.

“A terra era quentíssima quatro bilhões de anos atrás”, disse o sr. Roth. “A atmosfera era irrespirável. Metano, dióxido de carbono, sulfeto de hidrogênio.”

“É claro que, na nossa idade, a renda é mais importante que o aumento de capital.”

“A natureza ainda não tinha aprendido a decompor a celulose. Quando uma árvore caía, ela ficava tombada e era enterrada pela árvore que caía em seguida. Isso no período Carbonífero. A terra era uma desordem luxuriante. E ao longo de milhões e milhões de anos, de árvores caindo em cima de outras árvores, quase todo o carbono foi sendo retirado da atmosfera e depositado debaixo da terra. E lá ficou até ontem, em termos geológicos.”

“Piscina para o nado livre em distância, Signe. E não piscina distante com liberdade para tomar banho sem usar nada.”

“Certas pessoas são nojentas”, disse a sra. Nygren.

“Hoje, o que acontece com os troncos que caem é que são digeridos pelos fungos e micróbios, e o carbono volta todo para o ar. Nunca mais vai haver outro período Carbonífero. Nunca mais. Não se pode pedir à Natureza que ela desaprenda a biodegradar a celulose.”

“Hoje em dia ela se chama Orfic Midland”, disse Enid.

“Os mamíferos só apareceram quando o mundo esfriou. Uma camada fina de gelo em cima da abóbora. Coisinhas peludas enfiadas em tocas. Mas hoje em dia existe um mamífero muito esperto, capaz de tirar o carbono do subsolo e devolvê-lo para a atmosfera.”

“Acho que nós também temos ações da Orfic Midland”, lembrou Sylvia.

“Na verdade”, disse Per Nygren, “nós também temos ações da Orfic Midland.”

“Per sabe de tudo”, disse a sra. Nygren.

“Aposto que sabe”, replicou a sra. Söderblad.

“Depois de queimarmos todo o carvão, todo o petróleo e todo o gás natural”, disse o sr. Roth, “vamos restaurar a atmosfera antiga. Uma atmosfera quente e

hostil, que não se vê há trezentos milhões de anos. Depois que acabarmos de retirar o gênio do carbono da garrafa de pedra onde ele morava.”

“A Noruega tem um sistema magnífico de aposentadoria, mas eu complemento a minha pensão com um fundo particular. Per confere a cotação de cada ação do fundo todo dia de manhã. E muitas das ações são americanas. Quantas, Per?”

“Hoje em dia, quarenta e seis”, respondeu Per Nygren. “Se não estou enganado, ‘Orfic’ é o acrônimo da Oak Ridge Fiduciary Investment Corporation. A ação vem mantendo seu preço, e paga belos dividendos.”

“Fascinante”, disse o sr. Söderblad. “Onde está o meu café?”

“Mas, Stig, sabe”, observou Signe Söderblad, “eu acho que nós também temos dessas ações, da Orfic Midland.”

“Nós temos muitas ações. Não lembro o nome de todas elas. Além do mais, aparecem no jornal em letrinhas tão pequenas.”

“A moral da história é não reciclar o plástico. Melhor mandar o plástico para os aterros sanitários. Tornar a enterrar o carbono.”

“Se eu tivesse deixado por conta de Al, todo o nosso dinheiro estaria na poupança.”

“Enterrar tudo. Tornar a arrolhar o gênio na garrafa.”

“Eu tenho um problema nos olhos que me incomoda muito quando eu leio”, zombou o sr. Söderblad.

“É mesmo?”, disse a sra. Nygren em tom azedo. “Qual é o nome médico que trata disso?”

“Eu gosto dos dias frios do outono”, comentou o sr. Roth.

“Por outro lado”, prosseguiu a sra. Nygren, “acho que para saber o nome da doença o senhor ia ter de ler, o que seria incômodo.”

“O planeta é pequeno.”

“Existe a síndrome do olho *preguiçoso*, é claro, mas ter dois olhos *preguiçosos* ao mesmo tempo...”

“Não é possível”, disse o sr. Nygren. “A síndrome do ‘olho preguiçoso’, ou ambliopia, é uma condição em que um dos olhos assume o trabalho do outro. Assim, se um olho é preguiçoso, o outro, por definição, só pode ser...”

“Per, fique quieto”, repreendeu-lhe a esposa.

“Inga!”

“Walter, mais café.”

“Imagine a classe alta do Uzbequistão”, contou o sr. Roth. “Uma das famílias tinha o mesmo Ford Stomper que nós. Na verdade, a única diferença entre a nossa classe média alta e a classe média alta deles é que nenhum deles, nem mesmo a família mais rica da cidade, tinha água encanada e nem esgoto em casa.”

“Eu sei bem”, ironizou o sr. Söderblad, “que sendo um não-leitor eu sou

moralmente inferior a qualquer norueguês. E aceito esta condição.”

“Uma quantidade de moscas como se estivessem voando em volta de alguma coisa que tivesse morrido quatro dias antes. Um balde de cinzas para jogar no buraco. Um pouquinho que seja que você consiga ver dentro do buraco é muito mais do que gostaria de ter visto. E um Ford Stomper novinho estacionado na porta de casa. E uma câmera de vídeo para nos filmar enquanto nós filmávamos a família.”

“Ao mesmo tempo, apesar dessa minha incapacidade, ainda consigo tirar um ou dois prazeres da vida.”

“Mas como devem ser vazios os nossos prazeres, Stig”, disse Singe Söderblad, “comparados com os dos Nygren.”

“É verdade, eles parecem ter a experiência dos prazeres profundos e duradouros da mente. Ao mesmo tempo, Singe, este vestido que você está usando hoje de manhã valoriza muito as suas formas. Até mesmo o senhor Nygren estava admirando o seu vestido, sem prejuízo dos prazeres profundos e duradouros que encontra em outras atividades.”

“Per, vamos embora”, reclamou a mulher de Per. “Estamos sendo insultados.”

“Stig, você ouviu? Os Nygren foram insultados e estão indo embora.”

“É uma pena. Eles são uma companhia tão divertida.”

“Todos os nossos filhos estão morando na Costa Leste”, disse Enid. “Ninguém mais parece gostar do Meio-Oeste.”

“Só passando o tempo aqui, amizade”, disse uma voz familiar.

“A caixa do refeitório dos executivos da DuPont era uma moça uzbeque. Acho que já vi uzbeques na loja da IKEA em Plymouth Meeting. Não estamos falando de extraterrestres. Os uzbeques usam óculos bifocais. Andam de avião.”

“Vamos parar em Filadélfia na volta, para podermos ir no restaurante novo dela. Se chama... Generator?”

“Enid, meu Deus, é o restaurante *dela*? Ted e eu comemos lá duas semanas atrás.”

“Como o mundo é pequeno”, maravilhou-se Enid.

“E o jantar foi maravilhoso. Memorável mesmo, de tão bom.”

“E então, na verdade, pagamos seis mil dólares para nos lembrarmos de como cheira uma latrina a céu aberto.”

“Nunca vou me esquecer”, disse Alfred.

“E ficamos gratos pela latrina! Em termos dos benefícios concretos das viagens ao exterior. Em termos do que a TV e os livros não têm como contar. Em termos do que só se pode experimentar em primeira mão. Sem a latrina a céu aberto, ficaríamos com a sensação de termos desperdiçado seis mil dólares.”

“Vamos cozinhar os miolos no convés?”

“Oh, Stig, vamos embora, sim, por favor. Estou intelectualmente exausta.”

“Agradeço a Deus pela pobreza. Agradeço a Deus por gente que dirige do lado esquerdo da rua. Agradeço a Deus por Babel. Agradeço a Deus pelas diferenças de voltagem diferentes e pelas tomadas de formato estranho.” O sr. Roth baixou os óculos e olhou por cima deles, observando o êxodo sueco. “E observo de passagem que todos os vestidos dessa mulher parecem feitos para serem tirados em alta velocidade.”

“Nunca vi Ted com tanta pressa de vir tomar café”, disse Sylvia. “E almoçar. E jantar.”

“Um panorama nórdico estupendo”, disse Roth. “Não foi por isso que viemos neste cruzeiro?”

Alfred baixou os olhos, constrangido. Uma pequena espinha de puritanismo também ficara presa na garganta de Enid. “Vocês acham que ele tem mesmo algum problema de visão?”, ela conseguiu dizer.

“Ele tem olhos excelentes, pelo menos para certas escolhas.”

“Ted, já chega.”

“A beldade sueca ser um clichê batido já é também um clichê batido.”

“Por favor, pare.”

O ex-vice-presidente da Dupont empurrou os óculos nariz acima e virou-se para Alfred. “Eu me pergunto se não estamos ficando deprimidos por não existirem mais terras a explorar. Por não podermos mais fingir que existe algum lugar aonde ninguém jamais tenha ido. Eu me pergunto se a depressão agregada não estará crescendo no mundo todo.”

“Estou me sentindo tão bem hoje de manhã. Dormi tão bem.”

“Os ratos de laboratório ficam apáticos quando sua população cresce demais.”

“Você parece mesmo transformada, Enid. Só queria saber se isto não teria alguma coisa a ver com o médico do Convés ‘D’. Ouvi umas histórias.”

“Histórias?”

“A chamada ciberfronteira”, contou o sr. Roth. “Mas onde estão os espaços vazios?”

“Um remédio chamado Aslan”, disse Sylvia.

“Aslan?”

“A chamada fronteira do espaço”, prosseguiu o sr. Roth, “mas eu gosto da Terra. É um bom planeta. Quase não temos cianureto, ácido sulfúrico e amônia na atmosfera. Coisa de que nem todo planeta pode se gabar.”

“Acho que chamam de barato da vovó.”

“Mas mesmo na sua casa, por maior que seja, você acaba se sentindo apertado quando pensa que existe outra casa grande nos antípodas e em todos os outros pontos da terra.”

“Eu só queria um pouco de privacidade”, disse Alfred.

“Não existe nenhuma praia entre a Groenlândia e as Falklands que não esteja

ameaçada por algum projeto imobiliário. Nem um hectare livre.”

“Oh, que horas são?”, perguntou Enid. “Não queremos perder a conferência.”

“Sylvia é diferente. Ela gosta do burburinho do porto.”

“Eu gosto mesmo do burburinho”, concordou Sylvia.

“Pranchas, escotilhas, escaleres. Ela gosta do som do apito. Para mim, isto aqui é um parque de diversões flutuante.”

“Todos temos que viver com uma certa dose de fantasia”, disse Alfred. “Não há outro jeito.”

“O Uzbequistão me fazia mal ao estômago”, disse Sylvia.

“Eu gosto dos vazios daqui”, comentou o sr. Roth. “É bom ver tanta área sem uso.”

“O senhor tem uma visão romântica da pobreza.”

“O quê?”

“Nós fomos à Bulgária”, disse Alfred. “Não sei como é no Uzbequistão, mas já fomos à China. Tudo, até onde eu podia ver da estrada de ferro, se fosse por mim, eu demolia aquilo tudo. Demolia tudo e começava de novo. As casas não precisam ser bonitas, basta serem sólidas. Com água encanada e esgoto. Boas paredes de concreto e um telhado sem goteiras — é disso que essas pessoas precisam. Esgoto. Basta ver os alemães, tudo que eles precisaram reconstruir. Um país modelo.”

“Mesmo assim eu não comeria um peixe pescado no Reno. Se por acaso conseguisse achar um peixe naquele rio.”

“Conversa fiada de ambientalista.”

“Alfred, você é inteligente demais para dizer que isto é conversa fiada.”

“Preciso ir ao banheiro.”

“Al, quando acabar, por que não pega um livro, senta no convés e fica lendo um pouco. Sylvia e eu vamos à conferência sobre investimentos. Você fica sentado. No sol. E descansa, descansa, descansa.”

Ele tinha seus dias piores e seus dias melhores. Era como se, no momento em que se deitasse na cama para dormir, certos humores se acumulassem nos lugares certos ou errados, como a vinha-d'alhos em torno de um rosbife, e pela manhã suas terminações nervosas tivessem ou não recebido aquilo de que precisavam; como se a sua clareza mental pudesse depender de uma coisa tão simples como o fato de ter dormido de lado ou de costas na noite anterior; ou como se, idéia mais perturbadora, ele fosse um rádio transistor danificado que, depois de sacudido com força, tanto podia funcionar bem quanto apenas cuspir uma estática salpicada de frases desconexas ou trechos soltos de música.

Ainda assim, a pior das manhãs ainda era melhor que a melhor das noites. De manhã todos os processos *se aceleravam*, apressando a chegada dos remédios a seus destinos: a cápsula amarelo-canário para a incontinência, a pilula cor-de-

rosa pequena e chata para os tremores, a branca oblonga para combater a náusea, o tablete azul-claro para impedir as alucinações provocadas pela pilulazinha cor-de-rosa. Pela manhã o sangue estava repleto de passageiros, os carregadores glicosados, os faxineiros lácticos e úricos, os entregadores hemoglobinosos transportando suas cargas de oxigênio recém-destilado em suas camionetes côncavas, os capatazes mais severos como a insulina, os gerentes intermediários enzimáticos e a epinefrina executiva, os leucócitos que trabalhavam na polícia e nos serviços de emergência, e os consultores caros chegando em suas limusines cor-de-rosa, amarelas e brancas, todos pegando o elevador aórtico e dispersando-se pelas artérias. Antes do meio-dia, a proporção de acidentes de trabalho era ínfima. O mundo renascia.

Ele tinha energia. Do Salão Kierkegaard, saiu a passos largos, embora um tanto adernados, atravessando um vestibulo forrado de carpete vermelho que já lhe havia conduzido a um refúgio seguro, mas que naquela manhã dava a impressão de estar dedicado exclusivamente ao comércio, nenhum M nem H à vista, só salões de beleza, butiques e o Cinema Ingmar Bergman. O problema era que seu sistema nervoso não servia mais como um indicador de confiança para avaliar se precisava ou não ir ao banheiro. À noite, a resposta era usar proteção. E de dia a solução era visitar o banheiro de hora em hora, e jamais deixar de carregar a velha capa de chuva preta para o caso de precisar encobrir um acidente. A capa tinha ainda a virtude adicional de ofender a sensibilidade romântica de Enid, e aquelas escalas no banheiro de hora em hora, a virtude adicional de estruturar sua vida. Atualmente, sua única ambição era manter a coesão das coisas — impedir que o oceano dos terrores noturnos rompesse a última barreira.

Grupos numerosos de mulheres acorriam ao Salão de Baile Píppi Meialonga. Um forte turbilhão naquela torrente impeliu Alfred até o corredor das cabines ocupadas pelos conferencistas e artistas a bordo. No final do corredor, havia um banheiro de homens.

Um oficial com insígnias nos ombros usava um dos dois mictórios. Temendo um mau desempenho perante um espectador, Alfred entrou numa das cabines, fechou o ferrolho e viu-se diante de uma privada entupida de excrementos que, felizmente, não diziam nada, limitavam-se a cheirar mal. Saiu e tentou a cabine ao lado, mas viu alguma coisa no chão — um cagalhão móvel, procurando um esconderijo — e não se atreveu a entrar. Enquanto isso, o oficial tinha dado a descarga, e quando se virou Alfred reconheceu aquelas faces azuladas e os óculos de lentes tingidas de cor-de-rosa, aqueles lábios rosados como partes íntimas. Da braguilha ainda aberta, pendiam trinta centímetros ou mais de tubo mole e escuro. Um sorriso amarelo abriu-se entre suas faces azuladas. E ele disse, “Deixei um pequeno tesouro em sua cama, senhor Lambert. Para substituir o que eu levei.”

Alfred saiu do banheiro a passos vacilantes, e na fuga enveredou por uma escada, cada vez mais alto, subindo sete andares até o ar livre do Convés dos Esportes. Ali encontrou um banco no calor do sol. Do bolso da capa de chuva tirou um mapa das províncias marítimas canadenses, e tentou encontrar-se naquelas coordenadas, identificar algum marco geográfico.

Três velhos usando parcas impermeáveis estavam de pé junto à amurada. Suas vozes eram inaudíveis num momento e totalmente distintas no momento seguinte. Aparentemente, o vento tinha bolsos em sua massa fluida, pequenos espaços de calmaria que uma frase ou duas conseguiam atravessar.

“Aquele sujeito está com um mapa”, disse um deles. Aproximou-se de Alfred com o ar feliz de todos os homens do mundo exceto Alfred. “Desculpe, amigo. O senhor sabe o que estamos vendo aqui à esquerda?”

“É a península de Gaspé”, respondeu Alfred com firmeza. “Depois daquela ponta deve aparecer uma grande cidade.”

“Muito obrigado.”

O homem voltou para junto de seus companheiros. Como se a posição do navio tivesse grande importância para eles, como se a procura de informação tivesse sido tudo que os trouxera até o Convés dos Esportes, os três voltaram imediatamente para algum convés inferior, deixando Alfred sozinho no topo do mundo.

O céu protetor era mais ralo naquela região das águas setentrionais. As nuvens corriam em formações que lembravam os sulcos de um arado no solo, deslizando por baixo da abóbada do céu, que estava visivelmente baixa. Por aqui nos aproximamos da Última Thule. Os objetos verdes adquiriam auras vermelhas. Tanto nas florestas que se estendiam a oeste até o limite da visibilidade como na fuga sem sentido das nuvens e na limpidez majestosa do ar, nada havia de local.

Estranho vislumbrar a infinitude justamente numa curva finita, a eternidade justamente no que era sazonal.

Alfred reconheceu o homem de bochechas azuladas no banheiro como o homem do Departamento de Sinais, a traição personificada. Mas o homem de bochechas azuladas do Departamento de Sinais jamais poderia pagar um cruzeiro de luxo como aquele, e isto o deixava preocupado. O homem de bochechas azuladas vinha do passado distante mas andava e falava no presente, assim como o cagalhão era uma criatura da noite mas estava ativo em plena luz do dia, e isto o deixava muito preocupado.

Segundo Ted Roth, os buracos na camada de ozônio começaram nos pólos. Foi durante a longa noite ártica que a casca da terra começou a enfraquecer-se, mas depois que a casca foi furada o mal se espalhou, e agora atingia até os trópicos ensolarados — até mesmo o equador — e dali a pouco não haveria mais nenhum ponto seguro em todo o planeta.

Enquanto isso, um observatório situado nas longínquas regiões inferiores emitira um sinal fraco, uma mensagem ambígua.

Alfred recebeu o sinal e perguntou-se o que deveria fazer. Agora estava com medo de banheiros, mas também não podia baixar as calças ali, ao ar livre. Os três homens podiam voltar a qualquer momento.

Por trás de uma balaustrada protetora à direita havia um conjunto de planos e cilindros coloridos, duas esferas de navegação, um cone invertido. Uma vez que não tinha vertigem das alturas, nada o impedia de ignorar o aviso enfático escrito em quatro línguas, espremendo-se para passar pela balaustrada e equilibrar-se na superfície áspera de metal à procura, por assim dizer, de uma árvore atrás da qual pudesse mijar. Estava bem no alto, acima de tudo, e invisível.

Mas era tarde demais.

As duas pernas de suas calças estavam encharcadas, a esquerda quase até o tornozelo. Uma umidade quente-fria cobrindo tudo.

E no ponto onde uma cidade deveria ter aparecido na costa, a terra, ao contrário, se afastava. Ondas cinzentas avançavam por águas desconhecidas, e a vibração dos motores ficava mais laboriosa, menos fácil de ignorar. Ou bem o navio ainda não tinha chegado à península de Gaspé ou bem já a tinha ultrapassado. Ele transmitira dados incorretos aos homens de parca. Estava perdido.

E do convés situado logo abaixo dele o vento lhe trouxe uma risadinha. Que tornou a fazer-se ouvir, um trinado penetrante, alguma cotovia do norte.

Afastou-se com cuidado das esferas e cilindros e debruçou-se por cima da amurada externa. Poucos metros à frente, na direção da popa, ficava uma pequena área para o banho de sol “nórdico”, oculta por trás de um tapume de cedro, mas um homem de pé no ponto onde não era permitida a presença de nenhum passageiro podia ver por cima do tapume e contemplar Singe Söderblad, com os braços e as coxas e a barriga arrepiados de frio, as duas grandes framboesas gêmeas em que o céu subitamente cinzento e invernal transformara seus mamilos, os pêlos fulvos estremecendo entre suas pernas.

O mundo diurno flutuava sobre o mundo noturno, o mundo noturno tentava inundar o mundo diurno e ele fazia um esforço imenso para manter estanque o mundo diurno. Mas uma brecha maligna se produzia.

E então veio outra nuvem, maior, mais densa, tingindo o golfo abaixo deles de um negro esverdeado. Navio e sombra em colisão.

E vergonha e desespero...

Ou terá sido o vento enfunando a vela de sua capa de chuva?

Ou terá sido o balanço do navio?

Ou o tremor de suas pernas?

Ou a vibração correspondente dos motores?

Ou um desmaio?

Ou o convite irresistível da vertigem?

Ou a quentura relativa do convite das águas abertas a alguém que estava encharcado e morrendo de frio no vento?

Ou estaria ele se debruçando, deliberadamente, para conseguir vislumbrar mais uma vez aquele púbis cor de gengibre?

“É muito apropriado”, disse o internacionalmente famoso consultor de investimentos Jim Crolius, “falar de dinheiro num Cruzeiro de Luxo de Outono das Nordic Pleasurelines. A manhã está linda e ensolarada, amigos, não é mesmo?”

Crolius falava por trás de um púlpito, ao lado de um cavalete no qual o título de sua palestra — “Sobrevivendo às Correções” — estava escrito em tinta roxa. Sua pergunta produziu murmúrios de concordância nas primeiras filas, entre as pessoas que tinham chegado mais cedo para pegar os melhores lugares. Houve alguém que chegou até a responder: “Certo, *Jim!*”.

Enid sentia-se cada vez melhor naquela manhã, mas ainda havia algumas perturbações atmosféricas afetando sua cabeça, uma rajada de mau tempo por exemplo, que consistia de (a) ressentimento em relação às mulheres que tinham chegado absurdamente cedo ao Salão de Baile Píppi Meialonga, como se a lucratividade potencial dos conselhos de Jim Crolius pudesse ir declinando à medida que o espectador ficasse mais longe de sua pessoa, (b) um ressentimento especial em relação ao tipo de nova-iorquina intrometida que usava os cotovelos para passar à frente de todo mundo e estabelecer logo uma relação mais próxima com o conferencista (estava certa de que Jim Crolius era capaz de não se deixar enganar e ignorar suas lisonjas vazias, mas podia ser educado demais para ignorar as próprias pessoas e dedicar sua atenção às mulheres menos intrometidas e muito mais merecedoras do Meio-Oeste, como por exemplo Enid), e (c) uma irritação intensa com Alfred por ter parado *duas vezes* no banheiro a caminho do café-da-manhã, o que a impedira de sair mais cedo do Salão Kierkegaard e conseguir ela própria um bom lugar nas primeiras filas.

Mas quase no mesmo momento em que começaram a soprar, aquelas rajadas se dispersaram, e o sol tornou a brilhar com força.

“Bem, eu não queria dar a má notícia para o pessoal que ficou atrás”, dizia Jim Crolius, “mas daqui de onde eu estou, perto da janela, estou vendo algumas nuvens no horizonte. Podem ser nuvenzinhas brancas, do tipo que não causa problema. Ou podem ser nuvens de chuva. As aparências enganam! Daqui de onde estou, acho que seria capaz de planejar um rumo seguro à frente, mas não sou especializado nisso. Posso fazer o navio se chocar diretamente com um recife. Ninguém aqui gostaria de estar a bordo de um navio sem comandante, não é mesmo? Um comandante com todos os mapas e aparelhos, todos os sinos e apitos, todo o equipamento, não é? Um radar, um sonar, um Sistema de Posicionamento Global via satélite.” Jim Crolius estava contando os instrumentos

nos dedos. “Os satélites no espaço! Tudo altamente técnico. Mas alguém precisa lidar com toda essa informação, ou podemos ter muitos problemas. Não é mesmo? O oceano é *profundo*. São as suas *vidas* que estão em jogo. O que estou tentando dizer é que vocês podem não querer aprender a usar pessoalmente todas essas técnicas, os sinos e os apitos, os aparelhos e equipamentos. Mas o melhor é contar com um bom comandante quando forem sair para navegar no alto-mar das altas finanças.”

Ouviram-se aplausos na primeira fila.

“Ele deve achar que temos literalmente oito anos de idade”, sussurrou Sylvia Roth para Enid.

“É só a apresentação”, sussurrou Enid de volta.

“E agora, mais uma ligação entre as coisas”, continuou Jim Crolus. “Estamos aqui para ver a mudança de cor das folhas. O ano tem seus ritmos — inverno, primavera, verão, outono. É tudo cíclico. Sentimo-nos animados na primavera, e abatidos no outono. Igualzinho ao mercado. O ciclo dos negócios, certo? O mercado pode ir muito bem durante cinco, dez, até mesmo quinze anos. Já vimos isso acontecer. Mas também tivemos momentos de correção. Pode parecer que eu sou um garoto, mas eu já vi até uma *quebra* do mercado. É assustador. Os ciclos dos negócios. Amigos, ainda estamos vendo muito verde lá fora. Um lindo verão, que vem durando há bastante tempo. Na verdade, levantem as mãos, quantos de vocês estão pagando este cruzeiro, todo ou em parte, com os ganhos dos seus investimentos?”

Uma floresta de mãos erguidas.

Jim Crolus assentiu com a cabeça, satisfeito. “Então, amigos, detesto ter que lhes dar a má notícia, mas as folhas estão começando a mudar de cor. Por mais que as coisas estejam verdes para vocês no momento, isto não vai durar até o fim do inverno. É claro que cada ano é diferente, que cada ciclo é diferente. Nunca se sabe exatamente quando o verde vai desaparecer. Mas se estamos aqui, todos nós, é justamente porque temos uma certa antevisão das coisas. Todos os presentes nesta sala já me provaram que são investidores competentes, só pelo fato de estarem aqui. Sabem por quê? *Porque ainda era verão quando vocês saíram de casa*. Todos os presentes nesta sala tiveram a antevisão de que alguma coisa iria mudar neste cruzeiro. E a pergunta que todos fazemos — estou falando por metáfora — é a seguinte: Será que todo esse verde glorioso vai se transformar num dourado igualmente glorioso? Ou irá simplesmente murchar nos galhos, no inverno da nossa desesperança?”

O Salão de Baile Pippi Meialonga ficou eletrizado de animação. Muitos murmúrios, “maravilhoso! maravilhoso!”.

“Mais substância e menos arte”, comentou secamente Sylvia Roth.

A morte, pensou Enid. Ele estava falando da morte. E todas as pessoas que aplaudiram eram tão *velhas*.

Mas onde estava o agulhão daquele entendimento? Tinha sido removido pelo Aslan.

Jim Crolus virou-se para o cavalete e virou a primeira de suas páginas escritas em letras garrafais. A segunda página tinha o título QUANDO O CLIMA COMEÇA A MUDAR, e as categorias — Fundos, Ações, Debêntures etc. — provocaram na primeira fila uma exclamação arquejada de espanto totalmente desproporcional à informação que continha. Por um instante, pareceu a Enid que Jim Crolus ia começar uma análise puramente técnica do mercado, do tipo que o corretor dela em Saint Jude lhe recomendara nunca levar a sério. Descontando o efeito mínimo do efeito do vento em baixa velocidade, algum objeto que caísse (alguma coisa valiosa, “mergulhando” em “queda livre”) experimentaria uma aceleração de 9,81 metros por segundo ao quadrado devido à força da gravidade, e, sendo a aceleração a derivada de segundo grau da distância, o analista poderia integrar uma vez em relação à distância que o objeto despencara (cerca de dez metros) para calcular sua velocidade (12,6 metros por segundo) no momento em que passou pelo centro de uma janela de 2,4 metros de altura, e supondo um objeto de um metro e oitenta de comprimento, e supondo, em prol da simplicidade, que a velocidade ao longo do intervalo se mantivesse constante, derivar um número de aproximadamente quatro décimos de segundo de visibilidade total ou parcial. Quatro décimos de segundo não são muita coisa. Se você estivesse olhando noutra direção e calculando mentalmente o número de horas que ainda faltavam para a execução de um jovem assassino, só iria registrar um vislumbre rápido de algum objeto escuro. Mas se por acaso estivesse olhando diretamente para a janela em questão e sentindo uma calma especialmente intensa, quatro décimos de segundo seriam tempo mais que suficiente para identificar aquele objeto em queda como o marido com quem estava casada havia quarenta e sete anos; para perceber que ele estava vestindo aquela capa de chuva preta *horrenda* que já tinha perdido a forma e jamais deveria usar em público mas tinha cismado em colocá-la na mala para a viagem e cismava em carregá-la para todo lado; para experimentar não só a certeza de que uma coisa terrível tinha acontecido mas também uma sensação peculiar de intrusão, como se fosse testemunha de um acontecimento que a natureza jamais pretendia que você testemunhasse, o impacto de um meteorito ou a copulação das baleias; e até mesmo para observar a expressão no rosto do marido, perceber sua beleza quase juvenil, sua estranha serenidade, pois quem teria antecipado a graça com que aquele homem enfurecido acabaria caindo?

Ele estava recordando as noites em que tinha ficado no andar de cima com os dois meninos ou a menina deitada em seus braços, as cabeças úmidas cheirando a banho apoiadas em suas costelas enquanto ele lia em voz alta para eles *Beleza Negra*, ou as *Crônicas de Nárnia*. Como se a sua voz, a ressonância palpável de sua voz, bastasse para deixá-los sonolentos. Eram noites, e foram centenas, talvez

milhares, em que nada traumático o suficiente para deixar uma cicatriz tinha acontecido naquela unidade nuclear. Noites após noites iguais, em sua poltrona de couro negro; doces noites de dúvida em meio a noites de desoladora certeza. Ocorriam-lhe agora, aqueles contra-exemplos esquecidos, porque no fim, quando você está caindo na água, não tem nada de sólido em que se agarrar além de seus filhos.

ROBIN PASSAFARO era natural da Filadélfia, e vinha de uma família de encenqueiros e crentes. O avô de Robin e seus tios Jimmy e Johnny eram todos caminhoneiros irreductíveis, membros do sindicato nacional dos motoristas de caminhão; o avô, Fazio, tinha trabalhado sob as ordens do chefe Frank Fitzsimmons como vice-presidente nacional, chefiara a maior seção sindical da Filadélfia e malversara as contribuições de seus três mil e duzentos membros por vinte anos. Fazio sobrevivera a dois indiciamentos por extorsão, uma crise coronariana, uma laringectomia e nove meses de quimioterapia antes de refugiar-se em Sea Isle City na costa de Nova Jersey, onde ainda arrastava os pés até o cais toda manhã para pôr iscas de carne crua de galinha em suas armadilhas para caranguejos.

Tio Johnny, o filho mais velho de Fazio, ganhava bem graças a dois tipos de invalidez (“dores lombares crônicas e agudas”, afirmavam os formulários de pedido de pagamento), sua atividade sazonal de pintor de casas cujos pagamentos só recebia em dinheiro, e sua sorte ou talento para aplicar na bolsa via internet. Johnny morava perto do Vetereans Stadium com a mulher e a filha mais nova numa casa com varanda que tinham ampliado a ponto de ocupar toda a pequena área do terreno, da calçada até a cerca dos fundos; um jardim de flores e um pequeno quadrado de grama artificial ficavam no terraço.

Tio Jimmy (“Baby Jimmy”) era solteiro e gerente do Depósito de Documentos da IBT, um mausoléu de blocos de concreto que a Irmandade Internacional dos Caminhoneiros (IBT, International Brotherhood of Teamsters), em tempos mais otimistas, construía na área industrial das margens do Delaware e mais tarde, depois que apenas três (3) membros leais ao sindicato optaram pelo sepultamento em uma de suas mil câmaras mortuárias à prova de fogo, foi convertido num depósito permanente para documentos empresariais e legais. Baby Jimmy era famoso nos círculos locais dos Narcóticos Anônimos por ter-se viciado em metadona sem jamais ter experimentado heroína.

O pai de Robin, Nick, era o filho do meio de Fazio, e o único Passafaro de sua geração que nunca se envolveu com os caminhoneiros. Nick era o crânio da família, e socialista convicto; os caminhoneiros, com suas lealdades nixonianas e franksinatrianas, eram anátema para ele. Nick casou-se com uma moça irlandesa e mudou-se intencionalmente para Mount Airy, uma área racialmente integrada, embarcando numa carreira de professor do ensino médio, de estudos sociais, em escolas da cidade, desafiando os diretores a demiti-lo devido a seu trotskismo exaltado.

Os médicos disseram a Nick e a sua mulher, Colleen, que eles eram estéreis. Adotaram então um menino de um ano, Billy, alguns meses antes de Colleen engravidar de Robin — a primeira das três filhas do casal. Robin já era adolescente quando soube que Billy era filho adotivo, mas suas memórias emocionais da infância, contou ela a Denise, eram de sentir-se estupidamente

privilegiada.

É provável que existisse um bom diagnóstico-padrão para Billy, correspondendo a certas ondas anormais de seu eletroencefalograma ou a problemáticos nódulos vermelhos ou então a lacunas negras em sua tomografia cerebral, ou a causas hipotéticas como o extremo abandono ou algum trauma cerebral em sua infância anterior à adoção; mas suas irmãs, especialmente Robin, viam-no simplesmente como um terror. Billy logo percebeu que, por mais cruel que fosse com Robin, ela sempre poria a culpa em si mesma. Quando ela lhe emprestava cinco dólares, ele zombava dela por saber que ele jamais pagaria o empréstimo. (Se ela se queixasse com o pai, Nick se limitava a dar-lhe mais cinco dólares.) Billy a perseguia com grilos cujas pernas tinha aparado com a tesoura, com sapos que tinha banhado com água sanitária, e dizia a ela — com a idéia de fazer graça — que era por causa dela que machucara os animais. Enfiava cocôs de lama nas calcinhas das bonecas de Robin. Pôs nela os apelidos de Perdidona e Robin Sem Peitos. Enfiou um lápis no antebraço dela e quebrou a ponta bem no fundo. Certo dia a bicicleta nova que ela ganhara sumiu da garagem, e no dia seguinte ele apareceu com um bom par de patins pretos que ele disse ter achado na avenida Germantown, e que usava para andar em disparada pela vizinhança durante os meses em que ela ficara esperando sua nova bicicleta.

O pai deles, Nick, só tinha olhos para todas as injustiças do Primeiro e do Terceiro Mundo, mas não para as que tinham Billy como autor. No momento em que Robin entrou para a escola secundária, a delinquência de Billy já a levava a fechar seu armário com cadeado, a entupir o buraco da fechadura da porta de seu quarto com lenços de papel e a dormir sempre com a carteira debaixo do travesseiro; mas ela tomava essas medidas mais com tristeza do que com raiva. Tinha pouco motivo para se queixar, e sabia disso. Ela e as irmãs eram pobres e felizes na casa grande e um tanto dilapidada da rua Phil-Elena, e ela frequentou uma boa escola quaker e depois um excelente *college* também quaker, sempre com bolsas integrais, e depois casou-se com o namorado do *college* e teve duas meninas, enquanto Billy ia de mal a pior.

Nick ensinara Billy a adorar política, e Billy retribuía insistindo em chamá-lo com o epíteto de *liberal burguês*, *liberal burguês*. Quando isto não bastou para deixar Nick devidamente furioso, Billy travou amizade com os demais Passafaro, sempre dispostos a amar qualquer traidor da família do traidor da família. Depois que Billy foi preso pela segunda vez acusado de um crime e posto para fora de casa por Colleen, seus parentes caminhoneiros receberam-no quase como se fosse um herói. Levou algum tempo até passar aquela euforia.

Morou um ano com seu tio Jimmy, que aos quase sessenta só se sentia feliz quando se via em meio a outros adolescentes compatíveis, com quem pudesse compartilhar sua vasta coleção de facas e armas de fogo, vídeos de Chasey Lain

e a parafernália ligada aos jogos Warlords III e Dungeonmaster. Mas Jimmy também venerava Elvis Presley num santuário situado num dos cantos do seu quarto, e Billy, em cuja cabeça nunca entrou que Jimmy levasse Elvis realmente a sério, acabou profanando o altar de algum modo imperdoável e irreversível sobre o qual Jimmy nunca aceitou falar, e foi posto na rua.

De lá, Billy ingressou no mundo underground radical da Filadélfia — aquele Crescente Vermelho composto de fabricantes de bombas, xerocadores, editores de fanzines, punks, bakuninistas, profetas menores do vegetarianismo, fabricantes de cobertores orgânicos, mulheres chamadas Afrika, biógrafos amadores de Engels e emigrados da Brigada do Exército Vermelho que se estendia de Fishtown e Kensington para o norte, passando por Germantown e West Philly (onde o prefeito Goode tinha mandado atirar bombas incendiárias nos bons cidadãos da MOVE), e descendo até as ruínas de Point Breeze. Todos sempre souberam na Filadélfia que uma proporção razoável dos crimes da cidade era cometida com consciência política. Depois do primeiro mandato de Frank Rizzo na prefeitura, ninguém mais podia fazer de conta que a força policial da cidade fosse limpa ou imparcial; e uma vez que, na opinião dos habitantes do Crescente Vermelho, todo policial era assassino ou, no mínimo, cúmplice de assassinato (bastava ver o caso da MOVE!), todo crime violento ou toda redistribuição de riqueza aos quais um policial pudesse objetar podia ser justificado como um ato legítimo numa guerra suja de longa duração. Essa lógica, porém, não conseguia convencer a grande maioria dos juizes locais. O jovem anarquista Billy Passafaro, ao longo dos anos, foi sendo condenado a penas cada vez mais pesadas por seus crimes — liberdade vigiada, serviço comunitário, acampamento penal experimental e, finalmente, a penitenciária estadual de Graterford. Robin e seu pai discutiam sempre sobre a justiça daquelas condenações, Nick passando a mão em seu cavanhaque à moda de Lenin e asseverando que, embora ele próprio fosse não-violento, não se opunha à violência posta a serviço de ideais, Robin insistindo em desafia-lo a especificar qual era o ideal político que Billy tinha ajudado a promover quando tinha cravado um taco de bilhar quebrado no corpo de um estudante da Universidade da Pensilvânia.

Um ano antes de Denise conhecer Robin, Billy conseguira liberdade condicional e compareceu à cerimônia de inauguração de um Centro Comunitário de Computação na área pobre que ficava quase ao norte de Nicetown. Um dos muitos golpes políticos do popular sucessor por dois mandatos do prefeito Goode foi a exploração comercial das escolas públicas da cidade. O prefeito, com muita habilidade, apresentara o lamentável abandono das escolas como uma oportunidade de negócios (“Faça Algo Depressa, Seja Parte de Nossa Mensagem de Esperança”, diziam seus panfletos), e a empresa N... tinha respondido a esse apelo assumindo a responsabilidade pelos programas escolares

de atletismo da cidade, gravemente subfinanciados. E agora o prefeito tinha induzido o parto de um acordo semelhante com a empresa W..., que estava doando à cidade da Filadélfia uma quantidade suficiente de seus famosos Global Desktops para “municipiar” todas as salas de aula da cidade, e mais cinco Centros Comunitários de Computação em bairros sofridos das regiões norte e oeste da cidade. O acordo concedia à W... o direito exclusivo de utilizar, para fins promocionais e publicitários, todas as atividades escolares ocorridas no distrito escolar da Filadélfia, incluindo mas não se limitando às diversas aplicações do Global Desktop. Os críticos do prefeito ou denunciavam que ele estava “vendido” ou queixavam-se de que a W... estava doando seus computadores lentos e problemáticos versão 4.0 para as escolas, e a tecnologia praticamente inútil da Versão 3.2 para os Centros Comunitários de Computação. Mas a atmosfera, naquela tarde de setembro em Nicetown, fervilhava de alegria. O prefeito e o vice-presidente de relações públicas da W..., Rick Flamburg, de vinte e oito anos, seguraram juntos a imensa tesoura com que cortaram a fita. Políticos locais negros falaram das *crianças* e do *amanhã*. E disseram ainda *informática*, *democracia* e *história*.

Do lado de fora da tenda branca, a multidão costumeira de anarquistas, encarados com hostilidade por um destacamento policial que mais tarde foi criticado por ser pequeno demais, portava abertamente faixas e cartazes e dissimulava, nos bolsos de suas calças de carpinteiros, poderosas barras de ímã com que esperavam, em meio ao consumo de bolo e ponche e à confusão geral, apagar boa parte dos dados dos novos Global Desktops do Centro. Suas faixas diziam NÃO QUEREMOS, COMPUTADORES SÃO O CONTRÁRIO DA REVOLUÇÃO e ESTE PARAÍSO ME DÁ ENXAQUECA. Billy Passafaro, bem barbeado e vestindo uma camisa branca abotoada de mangas curtas, carregava um sarrafo de madeira de um metro e vinte de comprimento em que tinha escrito BEM-VINDOS À FILADÉLFIA!! Quando a cerimônia oficial terminou e a cena ficou mais convidativamente anárquica, Billy misturou-se à multidão, sorrindo e erguendo bem alto sua mensagem de boa vontade, até aproximar-se o suficiente dos dignitários para usar o sarrafo como um taco de beisebol e quebrar o crânio de Rick Flamburg. Três golpes adicionais demoliram o nariz, o maxilar e a clavícula de Flamburg, além da maioria dos seus dentes, antes que os guardacostas do prefeito conseguissem dominar Billy, formando a base de uma pilha onde ainda se acumularia mais uma dúzia de policiais.

Billy teve sorte: a tenda estava lotada demais para os policiais poderem matá-lo ali mesmo. E também teve sorte, dada a óbvia premeditação de seu crime e a escassez politicamente constrangedora de prisioneiros brancos no corredor da morte, de Rick Flamburg não ter morrido. (Já não se pode afirmar com a mesma clareza que o próprio Flamburg, solteiro e formado em Dartmouth, que o ataque deixou paralisado, desfigurado, com a fala prejudicada, um olho cego e vítima

de dores de cabeça incapacitantes, também tenha achado que teve sorte.) Billy foi acusado de tentativa de homicídio, ferimentos deliberados e agressão à mão armada. Recusou categoricamente qualquer proposta de acordo e decidiu que iria responder pela própria defesa no tribunal, taxando de “complacentes” tanto o defensor nomeado pelo tribunal quanto um velho advogado dos caminhoneiros que se ofereceu à família cobrando cinquenta dólares por hora.

Para a surpresa de quase todo mundo menos Robin, que jamais duvidara da inteligência do irmão, Billy montou uma defesa própria bastante articulada. Afirmou que a “venda” pelo prefeito das crianças de Filadélfia para a “tecnoscravidão” da W... representava “um perigo claro e iminente para o público”, o que justificava segundo ele reagir com violência. Denunciou a “convivência nefasta” entre as empresas americanas e o governo americano. Comparou-se com os Minutemen de Lexington e Concord. Quando Robin, muito tempo depois, mostrou a Denise a transcrição do julgamento, Denise imaginou um jantar reunindo Billy e seu irmão Chip, em que ela ficaria ouvindo os dois trocando opiniões sobre “a burocracia”, mas esse jantar só poderia ocorrer depois que Billy tivesse cumprido setenta por cento de sua pena de doze a dezoito anos em Graterford.

Nick Passafaro pediu uma licença sem vencimentos e, lealmente, compareceu ao julgamento de seu filho. Apareceu na TV e disse tudo o que se podia esperar de um velho comuna: “Uma vez por dia a vítima é negra, e ninguém diz nada; uma vez por ano a vítima é branca, e então a gritaria é geral”, e “Meu filho vai pagar caro pelo seu crime, mas a W... jamais vai pagar pelos crimes dela”, e “Os Rick Flamburg deste mundo ganham bilhões vendendo violência simulada para as crianças americanas”. Nick concordava com a maior parte dos argumentos que Billy apresentara no tribunal e ficou orgulhoso por seu desempenho, mas quando as fotos dos ferimentos de Flamburg foram apresentadas começou a perder o entusiasmo. As profundas indentações em forma de V no crânio, no nariz, no maxilar e na clavícula de Flamburg eram indícios de uma selvageria, de uma loucura, que nada tinham a ver com o idealismo. Nick foi deixando de dormir à medida que o julgamento avançava. Parou de se barbear e perdeu o apetite. Por insistência de Colleen, foi falar com um psiquiatra e voltou para casa com vários remédios, mas mesmo assim costumava acordá-la à noite. E gritava, “Não vou pedir desculpas!” E gritava, “É uma guerra!”. Depois de algum tempo as doses foram aumentando, e em abril ele foi aposentado pela administração escolar.

Como Rick Flamburg trabalhava para a W..., Robin sentia-se responsável por aquilo tudo.

Robin transformou-se na embaixadora dos Passafaro junto à família de Rick Flamburg, freqüentando o hospital até os pais de Flamburg esgotarem sua raiva e desconfiança, e reconhecerem que o irmão não era responsabilidade dela. Ela se

sentava ao lado de Flamburg e lia para ele reportagens da revista *Sports Illustrated*. Caminhava ao lado do andador dele enquanto ele arrastava os pés pelo corredor. Na noite da segunda de suas cirurgias plásticas, saiu para jantar com os pais dele e ficou ouvindo todas as histórias deles (na verdade, entediantes) sobre o filho. E ela lhes contou como Billy tinha sido precoce, que na quarta série já sabia escrever bem o suficiente para falsificar um bilhete plausível justificando sua falta à escola, e que detinha um verdadeiro tesouro de piadas sujas e importantes informações ligadas à reprodução humana, e qual era a sensação de ser uma menina inteligente e ver o irmão, também inteligente, ficar mais burro a cada ano, como se fizesse um esforço específico para não se tornar uma pessoa igual a ela: o quanto tudo aquilo era misterioso, e como ela lamentava o que ele tinha feito ao filho deles.

Na véspera do julgamento de Billy, Robin convidou a mãe para ir à igreja. Colleen fora crismada católica, mas não comungava havia quarenta anos; a experiência religiosa de Robin limitava-se a casamentos e funerais. Ainda assim, em três domingos consecutivos, Colleen concordou em ser apanhada em Mount Airy e conduzida até a paróquia de sua infância, a igreja de Saint Dymphna, em North Philly. Ao deixar a igreja no terceiro domingo, Colleen disse a Robin, com o leve sotaque irlandês que conservara a vida inteira, “agora já está bom, obrigada”. Depois disso, Robin continuou frequentando sozinha a missa na igreja de Saint Dymphna e, pouco a pouco, as aulas de catecismo.

Robin podia dar-se ao luxo daquelas boas ações e daqueles atos de devoção graças à W... Corporation. Seu marido, Brian Callahan, era filho de um pequeno industrial local e tinha crescido em meio ao conforto em Bala-Cynwyd, jogando lacrosse e cultivando gostos sofisticados enquanto esperava para herdar a pequena empresa de química especializada do pai. (Callahan *père*, na juventude, desenvolvera uma lucrativa substância que, jogada nos conversores Bessemer, cobriam suas rachaduras e úlceras enquanto suas paredes de cerâmica ainda estavam quentes.) Brian tinha se casado com a moça mais bonita de sua turma no *college* (Robin, em sua opinião), e pouco depois de formar-se tornara-se presidente da High Temp Products. A empresa funcionava num prédio de tijolos amarelos num parque industrial perto da ponte Tacony-Palmyra; por coincidência, seu vizinho comercial mais próximo era a IBT Document Storage. Já que o desgaste cerebral de presidir a High Temp Products era mínimo, Brian passava suas tardes de executivo mexendo com programação de computador e análise de Fourier, ouvindo em seu aparelho de som presidencial certos conjuntos cultcalifornianos que apreciava (Fibulator, Thinking Fellers Union, Minutemen, Nomatics), e escrevendo um programa que, no devido tempo, patenteou discretamente, e discretamente conseguiu que um investidor de capital de risco ficasse interessado nele e que, num belo dia, aconselhado por este, vendeu discretamente para a W... Corporation por dezenove milhões e meio de dólares.

O produto de Brian, batizado de Eigenmelody, era capaz de processar qualquer trecho de música gravada num vetor próprio que transformava a essência tonal e melódica da música em coordenadas discretas manipuláveis. O usuário de Eigenmelody escolhia uma canção predileta de Moby, o programa espectro-analisava sua escolha, procurava uma base de dados de músicas gravadas que tivesse canções com vetores semelhantes e produzia uma lista de artistas de som semelhante que o usuário, de outra maneira, jamais encontraria: os Au Pairs, Laura Nyro, Thomas Mapfumo, a versão chorosa de Pokrovsky para *Les Noces*. O Eigenmelody era ao mesmo tempo um jogo de salão, uma ferramenta musicológica e um incentivador das vendas de discos num só programa. E Brian tinha avançado o suficiente no desenvolvimento do seu programa para que a gigantesca W..., tentando com atraso conquistar uma parte do mercado de distribuição de música pela internet, viesse procurá-lo correndo com um belo monte de dinheiro de monopólio na mão.

Foi característico de Brian, que não dissera nada a Robin sobre a venda iminente, não tocar no assunto na noite em que o negócio foi fechado até que as meninas já estivessem na cama em sua modesta residência yuppie perto do Museu de Arte e ele e Robin estivessem assistindo a um documentário sobre as manchas solares no canal Nova.

“Ah, aliás”, disse Brian, “nenhum de nós dois nunca mais vai precisar trabalhar.”

E foi característico de Robin — da excitabilidade dela —, ao receber esta notícia, rir até soluçar.

Admitamos, havia uma certa justiça no epíteto de Billy para Robin: Perdadona. Robin tinha a impressão de que já levava uma vida boa com Brian. Tinha uma casa própria, plantava uma pequena horta de legumes e temperos nos fundos da casa, ensinava “artes da linguagem” para crianças de dez e onze anos numa escola experimental em West Philly, mandava sua filha Sinéad para uma excelente escola primária particular na avenida Fairmount e sua filha Erin para o programa pré-escolar da Friends Select, comprava siris moles e tomates de Jersey no mercado do terminal de Reading, passava os fins de semana e os meses de agosto na casa da família de Brian em Cape May, visitava velhas amigas que também tinham filhos e queimava energia sexual suficiente com Brian (idealmente, ela preferia que fosse *todo dia*, contou a Denise) para manter-se pelo menos razoavelmente calma.

A Perdadona ficou portanto chocada com a pergunta que Brian lhe fez em seguida. Ele perguntou para onde ela achava que eles deviam se mudar. Disse que estava pensando no norte da Califórnia, e também na Provence, em Nova York ou Londres.

“Somos felizes aqui”, disse Robin. “Por que ir morar onde não conhecemos ninguém e onde todo mundo é milionário?”

“O clima”, respondeu Brian. “A beleza, a segurança, a cultura. A elegância. E nada disso existe aqui na Filadélfia. Não estou dizendo que precisamos nos mudar. Só estou perguntando se não existe algum lugar aonde você gostaria de ir, mesmo que só para passar o verão.”

“Eu gosto daqui.”

“Então vamos ficar aqui”, disse ele. “Até você sentir vontade de ir a algum outro lugar.”

Ela teve a ingenuidade, contou depois a Denise, de achar que aquela discussão estava encerrada. Tinha um bom casamento, uma união estável, apoiada na criação dos filhos, na alimentação e no sexo. É verdade que ela e Brian vinham de classes diferentes, mas a High Temp Products não era exatamente a E. I. DuPont de Nemours, e Robin, com seus diplomas de duas instituições de elite, também não era exatamente uma proletária típica. As poucas diferenças reais que havia entre eles eram uma questão de estilo, e eram diferenças quase sempre invisíveis para Robin, porque Brian era um bom marido, um bom sujeito e porque, em sua inocência atarantada, Robin não imaginava que a felicidade pudesse ter qualquer coisa a ver com o estilo. O gosto musical dela ia até John Prine e Etta James, de modo que Brian tocava John Prine e Etta James em casa, e reservava seus Bartók, seus Defunkt, seus Flaming Lips e seus Mission of Burma para ouvir muito alto em seu equipamento de som da High Temp. O fato de Robin vestir-se como uma estudante universitária, tênis brancos, casacos de náilonroxo e imensos óculos redondos de aro de metal, que estavam no auge da moda em 1978, não era uma decepção completa para Brian, porque era o único entre os homens que podia vê-la nua. O fato de Robin ser tensa, ter uma voz esganiçada e uma risada que lembrava um grito de arara parecia-lhe, da mesma forma, um preço baixo a pagar por seu coração generoso, sua surpreendente vocação para a sacanagem e um metabolismo acelerado que a mantinha sempre magra como uma atriz de cinema. O fato de Robin jamais raspar as axilas e apenas raramente lavar os óculos — afinal, era a mãe das filhas de Brian, e enquanto ele pudesse continuar tocando as suas músicas e operando com seus tensores em paz no seu canto, não se importava de tolerar esse desleixo que as mulheres progressistas de uma certa idade usavam como uma insígnia de identidade feminista. Era assim, pelo menos, que Denise imaginava que Brian tinha resolvido o problema do estilo até o dinheiro da W... Corporation começar a entrar aos borbotões.

(Denise, embora fosse apenas três anos mais moça do que Robin, não conseguia imaginar-se usando uma jaqueta roxa de náilon ou deixar de raspar as axilas. Sequer *possuía* um par de tênis brancos.)

A primeira concessão que Robin fez à sua nova riqueza foi passar todo o verão procurando uma casa com Brian. Tinha crescido numa casa grande e queria que as meninas pudessem ter a mesma experiência. Se Brian precisava de

pés-direitos de três metros e meio, quatro banheiros e detalhes de mogno em todas as peças, ela não se incomodava. No dia seis de setembro assinaram o contrato de compra de uma bela residência na Panama Street, perto da Rittenhouse Square.

Dois dias mais tarde, com toda a força de seus ombros trabalhados na prisão, Billy Passafaro deu as boas-vindas ao vice-presidente de relações públicas da W... na Filadélfia.

O que Robin precisava saber e não tinha como descobrir, nas semanas que se seguiram ao ataque, era se, na ocasião em que escreveu sua mensagem num sarrafo, Billy já sabia do enriquecimento de Brian e qual era a empresa a que ela e Brian deviam sua súbita prosperidade. A resposta fazia diferença, fazia, fazia diferença, sim. No entanto, não adiantava nada perguntar a Billy. Ela sabia que ele jamais lhe diria a verdade e sim a resposta que, em sua opinião, pudesse deixá-la mais magoada. Billy tinha deixado muito claro para Robin que nunca iria deixar de desprezá-la, nunca se dirigiria a ela como uma igual, antes que ela fosse capaz de provar que a vida dela estava tão estragada e infeliz quanto a dele. E era precisamente esse papel totêmico que ela parecia desempenhar para ele, precisamente o fato de ele tê-la escolhido como a possuidora arquetípica da vida feliz e normal que ele jamais seria capaz de ter, o que a fez sentir-se como se tivesse sido *dela* a cabeça que ele atingiu quando atacou Rick Flamburg.

Antes do julgamento, ela perguntou a seu pai se ele tinha dito a Billy que Brian vendera a Eigenmelody para a W... Corporation. Não queria perguntar ela própria, mas não tinha como deixar de fazê-lo. Nick, que dava dinheiro a Billy, era a única pessoa da família que ainda mantinha uma comunicação regular com ele. (O tio Jimmy tinha prometido dar um tiro no profanador de seu santuário, aquele viadinho do sobrinho dele, se ele voltasse a dar as caras de babaca anti-Elvis, e depois de algum tempo Billy já tinha roubado demais de todas as outras pessoas; mesmo os pais de Nick, Fazio e Carolina, que tinham passado muito tempo insistindo que não havia nada de errado com Billy a não ser, nas palavras de Fazio, um “distúrbio de deficiência atenta”, não deixavam mais o neto entrar em sua casa de Sea Isle City.)

Infelizmente, Nick percebeu de imediato o alcance da pergunta de Robin. Escolhendo as palavras com cuidado, respondeu que não, não se lembrava de ter contado nada a Billy.

“É melhor você me contar a verdade, papai”, disse Robin.

“Bem... eu... eu acho que não existe nenhuma ligação... humm, Robin.”

“Talvez eu não vá ficar com sentimento de culpa. Talvez só vá ficar furiosa.”

“Bem... Robin... esses... esses sentimentos quase sempre acabam sendo a mesma coisa. Culpa, raiva, a mesma coisa... não é? Mas não se preocupe com Billy.”

Ela desligou perguntando-se se Nick estaria tentando protegê-la de seu

sentimento de culpa, proteger Billy da raiva dela ou simplesmente pirando por efeito da pressão. Desconfiava que era uma combinação das três coisas. Desconfiava que, durante o verão, o pai tinha mencionado o grande negócio de Brian para Billy, e que pai e filho teriam trocado comentários irônicos e amargos sobre a W... Corporation e sobre a vida burguesa de Robin e a vida ociosa de Brian. Desconfiava disso, se não fosse por mais nada, porque Brian e o pai dela se davam muito mal. Brian jamais falou com a mulher com a mesma franqueza com que dizia as coisas a Denise (“Nick é o pior tipo de covarde”, observou ele certa vez para ela), mas não escondia que detestava as perorações subversivas de Nick sobre o uso da violência e a satisfação boba que tirava de seu pretenso socialismo. Brian gostava bastante de Colleen (“Ela realmente fez mau negócio com esse casamento”, observou ele para Denise), mas balançava a cabeça e saía da sala sempre que Nick começava a discorrer. Robin não se permitia imaginar o que seu pai e Billy teriam conversado sobre ela e Brian. Mas tinha certeza de que alguma coisa tinha sido dita, e de que Rick Flamburg tinha pago por aquilo. A reação de Nick às fotografias de Flamburg exibidas durante o julgamento dava crédito a essa versão.

Durante o julgamento, enquanto seu pai entrava em crise, Robin estudava o catecismo na igreja de Saint Dymphna e lançou mão mais duas vezes do dinheiro que Brian ganhara pouco antes. Primeiro, largou seu emprego na escola experimental. Não estava mais satisfeita em trabalhar para pais que pagavam vinte e três mil dólares por ano por criança (embora ela e Brian, é claro, pagassem quase o mesmo pelas escolas de Sinéad e Erin). E embarcou num projeto filantrópico. Numa área muito degradada de Point Breeze, pouco mais de um quilômetro ao sul de sua casa nova, comprou um quarteirão vazio em que via apenas uma única casa em mau estado na esquina. Comprou ainda cinco caminhões de húmus e um bom seguro contra terceiros. Seu plano era contratar adolescentes da área pagando-lhes salário mínimo, ensinar-lhes os rudimentos da horticultura orgânica e deixar que eles ficassem com uma parte dos lucros obtidos com os legumes e as verduras que conseguissem vender. Atirou-se em seu Projeto Horta com uma intensidade maníaca que, mesmo para os padrões de Robin, era assustadora. Brian já a encontrava acordada às quatro da manhã em seu Global Desktop, batendo os dois pés e comparando variedades de nabo.

Com um construtor diferente vindo à casa de Panama Street cada semana para fazer pequenos melhoramentos, e Robin desaparecendo naquele ralo utópico em que desperdiçava tempo e energia, Brian reconciliou-se com a idéia de permanecer na triste cidade de sua infância. Mas decidiu divertir-se um pouco. Começou a almoçar nos bons restaurantes de Filadélfia, um depois do outro, e a comparar cada um deles com seu favorito do momento, o Mare Scuro. Quando ficou convencido de que ainda preferia o Mare Scuro, ligou para a chef de cozinha e fez-lhe uma proposta.

“O primeiro restaurante realmente bacana da Filadélfia”, disse ele. “O tipo de lugar que faz você achar que até dá para viver na Filadélfia, se for preciso. Eu nem quero saber se alguém mais sente a mesma coisa. Eu quero um lugar quefaça com que *eu* me sinta assim. E pago o dobro do que estiverem lhe pagando aí. E quero que você vá para a Europa e passe uns dois meses comendo às minhas custas. E depois volte, planeje e dirija um restaurante bacana de verdade.”

“Você vai perder muito dinheiro”, respondeu Denise. “Se não encontrar um sócio com experiência ou um administrador excepcional.”

“É só me dizer o que eu preciso fazer”, disse Brian.

“Você disse que me pagava o dobro?”

“Você dirige o melhor restaurante da cidade.”

“O dobro’ é muito interessante.”

“Então concorda.”

“Pode ser”, disse Denise. “Mas ainda é provável que você perca muito dinheiro. Com certeza, vai estar pagando demais para a chef de cozinha.”

Denise sempre tivera dificuldade para dizer não quando se sentia querida da maneira certa. Tendo crescido nos subúrbios de Saint Jude, mantivera-se a uma distância segura de qualquer pessoa que pudesse querê-la dessa maneira, mas depois de formar-se no curso secundário tinha passado um verão inteiro trabalhando no Departamento de Sinais da Midland Pacific e lá, numa vasta sala ensolarada com duas alas de pranchetas, tinha sido apresentada aos desejos de dezenas de homens mais velhos.

O cérebro da Midland Pacific, o templo de sua alma, era um prédio de escritórios revestido de arenito construído nos tempos da Depressão, com caneluras arredondadas no telhado que lembravam as bordas de um waffleacanhado. A consciência superior tinha sua sede cortical na sala de estar e no refeitório executivo do décimo sexto andar, e nos escritórios dos departamentos mais abstratos (Operações, Legal, Relações Públicas) cujos vice-presidentes trabalhavam no décimo quinto. No fundo do cérebro réptil do prédio ficavam Contas, Pagamentos, Pessoal e Armazenamento de Dados. No meio, ficavam as funções médias como Engenharia, que compreendia pontes, linhas, prédios e sinais.

As linhas da Midland Pacific tinham quase vinte mil quilômetros de comprimento, e para cada sinal e cada fio ao longo do caminho, para cada conjunto de luzes vermelhas e amarelas, para cada detector de movimento enterrado no balastro, para cada aviso piscante de cruzamento de nível, cada aglomeração de controladores de tempo e relés abrigados em caixas de alumínio sem ventilação, havia diagramas de circuito atualizados num dos seis cofres imensos da sala de arquivos do décimo segundo andar do quartel-general. Os diagramas mais antigos eram desenhados à mão livre em pergaminho, os mais

recentes com penas Rapidograph em formulários pré-impressos de Mylar.

Os desenhistas que cuidavam desses arquivos e faziam a ligação com os engenheiros de campo que cuidavam de manter saudável e desembaraçado o sistema nervoso da ferrovia eram nativos do Texas, do Kansas e do Missouri: homens incultos e inteligentes que falavam pelo nariz e que tinham subido na vida pelas próprias forças, depois de trabalhos não-qualificados nas turmas de conservação de sinais, onde cortavam mato, cavavam buracos para fixar postes e esticavam fios, até que, graças à sua aptidão com os circuitos (e também, como Denise perceberia mais tarde, graças ao fato de serem brancos), tinham sido selecionados para treinamento e progresso. Nenhum deles tinha mais de um ou dois anos de *college*, a maioria apenas o curso secundário. Num dia de verão, quando o céu ficava mais claro e a relva mais escura e seus antigos companheiros de turma de trabalho lutavam contra a insolação no campo, os desenhistas sentiam-se imensamente felizes de estarem sentados em suas cadeiras estofadas com rodinhas, num ar tão frio que todos guardavam cardigãs em suas gavetas pessoais.

“Você vai ver que alguns dos empregados fazem pausas para o café”, disse Alfred a Denise à luz rosada do sol nascente, enquanto ele a levava de carro para a cidade em sua primeira manhã de trabalho. “E quero que você saiba que eles não são pagos para fazerem pausas para o café. E espero que você não faça pausas para o café. A ferrovia está nos fazendo um favor, contratando você, e paga a você para trabalhar oito horas por dia, não se esqueça disso. Se você se aplicar com a mesma energia que usa nos trabalhos da escola e para tocar trompete, vai ser lembrada como uma ótima funcionária.”

Denise concordou. Dizer que ela era competitiva era um eufemismo. Na banda de seu colégio, havia duas meninas e doze rapazes no naipe de trompetes. Ela ficava na primeira cadeira e os rapazes nas doze seguintes. (Na última ficava uma moça do interior do estado que tinha sangue Cherokee e tocava um dó quando era para tocar mi e ajudava a lançar aquele manto de dissonância que sempre sombreia as bandas de escolas secundárias.) Denise não tinha uma grande paixão pela música, mas gostava de se destacar, e sua mãe acreditava que as bandas faziam bem aos jovens. Enid gostava da disciplina das bandas, da normalidade ritmada, do patriotismo. Gary, na sua época, tinha sido um trompetista razoável, e Chip tinha tentado (por pouco tempo, muito desafinadamente) a tuba. Denise, quando sua vez chegou, pedira para seguir os passos de Gary, mas Enid não achava que as moças combinavam muito com trompetes. O que combinava com as moças era a flauta. Mas Denise não gostava de competir com outras moças. Insistira no trompete, e Alfred lhe dera apoio, e finalmente ocorrera a Enid que iria economizar o aluguel do instrumento se Denise usasse o velho trompete de Gary.

À diferença das pautas de música, porém, os diagramas de sinais que deram

a Denise para copiar e arquivar naquele verão eram ininteligíveis para ela. Uma vez que não tinha como competir com os desenhistas, decidiu competir com o rapaz que tinha trabalhado no Departamento de Sinais nos dois anos anteriores, Alan Jamborets, filho do advogado da empresa; e uma vez que não tinha como avaliar o desempenho de Jamborets, trabalhava com uma intensidade que tinha certeza de que *ninguém* poderia igualar.

“Denise, calma, meu, Deus”, disse Laredo Bob, um texano suado, enquanto ela cortava e compilava seus esquemas.

“O quê?”

“Você vai se acabar, trabalhando tão depressa.”

“Mas na verdade eu gosto disso”, disse ela. “Depois que pego o ritmo.”

“Mas acontece”, disse Laredo Bob, “que você pode deixar um pouco para fazer amanhã.”

“Mas eu não gosto disso *tanto* assim.”

“Bom, certo, mas agora todo mundo pode parar para tomar um café. Ouviram?”

Os desenhistas saíram gritando pelo corredor.

“Café!”

“O carrinho chegou!”

“Hora do café!”

E ela continuava a trabalhar sem diminuir o ritmo.

Laredo Bob era quem fazia o trabalho mais maçante quando não havia estagiários para ajudar. Laredo Bob devia estar aborrecido porque Denise — na frente do chefe — fazia em meia hora certas tarefas banais a que ele costumava dedicar manhãs inteiras, enquanto mastigava um charuto Swisher Sweet. Mas Laredo Bob acreditava que caráter era destino. Para ele, os hábitos de trabalho de Denise eram apenas uma prova de que ela era filha do pai que tinha e que dali a pouco ela seria uma executiva exatamente como o pai, enquanto ele, Laredo Bob, continuaria a desempenhar tarefas subalternas à velocidade que se podia esperar de alguém destinado a desempenhá-las. Laredo Bob acreditava ainda que as mulheres eram anjos e os homens, pobres pecadores. O anjo com quem era casado revelava sua natureza doce e generosa especialmente ao perdoar-lhe do vício do tabaco e dando um jeito de alimentar e vestir quatro crianças só com aquela rendazinha, mas ele não ficou nem um pouco surpreso quando descobriu que o Eterno Feminino tinha talentos sobrenaturais na área da rotulagem e catalogação de milhares de caixas de microfilmes montados em molduras de cartão. Laredo Bob achava Denise uma criatura linda e maravilhosa. Em pouco tempo já tinha começado a cantar um refrão em estilo *rockabilly* (“*Denise—por-que-você-fez / o-que-você-fez?*”) sempre que ela chegava de manhã, quando voltava da hora de almoço, e passava na pequena praça sem árvores do outro lado da rua.

O chefe dos desenhistas, Sam Beuerlein, disse a Denise que no verão seguinte precisariam pagar-lhe para não vir trabalhar, já que ela estava fazendo o trabalho de duas pessoas.

Um sorridente nativo do Arkansas, Lamar Parker, que usava enormes óculos grossos e tinha várias manchas pré-cancerígenas na testa, perguntou a ela se seu pai lhe havia dito como os empregados do Departamento de Sinais eram uns imprestáveis desordeiros.

“Só imprestáveis”, disse Denise. “Ele nunca me disse que fossem desordeiros.”

Lamar riu como se cacarejasse, soltou baforadas de seu Tareyton e repetiu a resposta dela, para o caso dos demais não terem ouvido.

“He, he, he”, murmurou o desenhista chamado Don Armour com um sarcasmo desagradável.

Don Armour era o único homem do Departamento de Sinais que dava a impressão de não estar apaixonado por Denise. Era um veterano da guerra do Vietnã com uma constituição sólida e pernas curtas, cujas bochechas, muito bem escanhoadas, eram quase tão azuis e esverdeadas quanto uma ameixa. Seus paletós ficavam sempre apertados em torno de seus braços volumosos; os instrumentos de desenho pareciam brinquedos em suas mãos; dava a impressão de um adolescente preso numa carteira de primeira série primária. Em vez de apoiar os pés no círculo de metal que ficava acima das rodas de seu banco alto, como todos os demais, deixava os pés pendentes, com as pontas quase tocando o chão. Dobrava o tórax por cima da superfície do desenho, trazendo os olhos para poucos centímetros de distância da pena de seu Rapidograph. Depois de trabalhar uma hora nessa posição, amolecia o corpo e pressionava o nariz contra as folhas de plástico, ou enterrava o rosto nas mãos e gemia. Frequentemente, durante as pausas para o café, ele curvava-se como uma vítima de homicídio: a testa apoiada na prancheta, seus óculos de plástico de aviador na mão fechada.

Quando Denise foi apresentada a Don Armour, ele desviou os olhos e cumprimentou-a com um aperto de mão de peixe morto. Enquanto trabalhava na extremidade da sala de desenho, podia ouvi-lo murmurando alguma coisa que era saudada com risos dos homens à sua volta; quando ela se aproximava, ele se calava e fazia um ar concentrado em frente à sua prancheta. Lembrava a ela os engraçadinhos que costumam sentar-se nas últimas fileiras das salas de aula.

Numa certa manhã de julho, ela estava no banheiro das mulheres quando ouviu Armour e Lamar do lado de fora da porta, junto ao bebedouro, onde Lamar lavava sua caneca de café. Ela se aproximou da porta e fez o possível para escutá-los.

“Lembra que nós achávamos que o velho Alan trabalhava feito um louco?”, disse Lamar.

“O que eu posso dizer a favor de Jamborets”, disse Don Armour, “é que era

bem mais fácil olhar para ele.”

“He, he, he.”

“Era difícil trabalhar muito com um sujeito tão bonitinho feito Alan Jamborets andando o dia inteiro de um lado para o outro de saia curta.”

“Alan era bonitinho mesmo.”

Ouviu-se um gemido. “Juro por Deus, Lamar”, disse Don Armour, “estou quase dando queixa com o pessoal da segurança do trabalho. É uma maldade. Você viu aquela saia?”

“Vi. Mas cale a boca.”

“Eu acabo enlouquecendo.”

“O problema acaba com a mudança de estação, Donald. Daqui a dois meses, o problema passa sozinho.”

“Se os irmãos Wroth não me demitirem primeiro.”

“Por que você tem tanta certeza de que esta fusão vai mesmo acontecer?”

“Passei oito anos suando no campo até chegar a este escritório. Já está na hora de chegar alguém e foder com tudo.”

Denise estava usando uma saia curta azul-clara que tinha comprado num bazar e na verdade surpreendera-se ao ver que se enquadrava no código islâmico de trajes femininos cultivado por sua mãe. Quanto mais admitia a idéia de que Lamar e Don Armour estivessem falando *dela* — e essa idéia fixou-se estranhamente em seu cérebro, como uma dor de cabeça —, mais se sentia esnobada por Don. Sentia-se como se ele estivesse dando uma festa *na casa dela*, sem convidá-la.

Quando Denise voltou à sala de desenho, ele lançou um olhar cético pela sala, avaliando todos menos ela. Quando o olhar dele deixou de focalizá-la, ela sentiu uma curiosa vontade de enfiar suas unhas debaixo das outras ou de beliscar seus próprios mamilos.

Era a época das trovoadas em Saint Jude. O ar cheirava à violência mexicana, a furacões ou golpes de Estado. Podia haver trovões pela manhã nos céus indecifráveis e agitados, relatórios terrivelmente tediosos de municipalidades do sul que ninguém conhecia ou jamais visitara. E trovões na hora do almoço vindos de alguma bigorna solitária em céus que, no mais, estavam razoavelmente limpos. E os trovões mais sérios do meio da tarde, quando ondas compactas de um verde-marinho entravam pelo sudoeste, o sol brilhando com mais força e o calor ardendo com uma urgência maior, como se conscientes de que só tinham pouco tempo mais. E o grande teatro de uma bela tempestade à hora do jantar, tormentas acumuladas no raio de cinquenta milhas de alcance do radar como enormes aranhas guardadas num pote pequeno, as nuvens trovejando umas para as outras dos quatro cantos do céu, e onda atrás de onda de gotas de chuva do tamanho de moedas chegando como uma praga, o quadro na janela perdendo as cores e a nitidez, as árvores e as casas

cambaleando aos clarões dos raios, meninos pequenos de roupa de banho e toalhas encharcadas correndo para casa de cabeça baixa, como refugiados. E mais os tambores tarde da noite, a artilharia pesada do verão em marcha.

E todo dia a imprensa de Saint Jude trazia os rumores de uma fusão iminente. Os pretendentes gêmeos e inoportunos da Midpac, Hillard e Chauncy Wroth, estavam na cidade conversando com três sindicatos. Os Wroth estavam em Washington rebatendo depoimentos da Midpac perante uma subcomissão do Senado. A Midpac, ao que se dizia, teria pedido ajuda à Union Pacific para resistir à fusão. Os Wroth defendiam a reestruturação depois da aquisição pela Arkansas Southern. O porta-voz da Midpac pedia a todos os habitantes conscientes de Saint Jude que escrevessem ou ligassem para seus congressistas...

Denise estava saindo do prédio para o almoço sob céus parcialmente encobertos quando o topo de um poste de luz explodiu a um quarteirão de distância. Ela viu o cor-de-rosa brilhante e sentiu o calor da explosão na pele. Secretárias corriam gritando pela pracinha. Denise fez meia-volta, pegou seu livro, seu sanduíche e sua ameixa e voltou para o décimo segundo andar, onde todo dia se formavam duas mesas de carteado. Sentou-se perto das janelas, mas podia parecer pretensioso ou antipático ficar lendo *Guerra e Paz*. Dividiu sua atenção entre os céus enlouquecidos do lado de fora e o jogo de cartas mais próximo dela.

Don Armour desembrolhou um sanduíche e abriu-o, revelando uma fatia de mortadela sobre a qual a mostarda já deixara litografada a textura do miolo do pão. Seus ombros estavam caídos. Embrulhou novamente o sanduíche no papel de alumínio e olhou para Denise como se ela fosse o derradeiro tormento de seu dia.

“Dezesseis cartas na pilha.”

“Quem armou esta confusão?”

“Ed”, disse Don Armour, abrindo suas cartas em leque, “tome cuidado com essas bananas.”

Ed Alberding, o mais antigo dos desenhistas, tinha o corpo em forma de pino de boliche e cabelos grisalhos encaracolados que pareciam ter sofrido um permanente de velha senhora. Piscava os olhos depressa enquanto mastigava sua banana e estudava suas cartas. A banana, descascada, estava pousada na mesa à sua frente. Deu-lhe mais uma dentada comidida.

“Banana tem muito potássio”, disse Don Armour.

“Potássio é bom para a saúde”, disse Lamar do outro lado da mesa.

Don Armour pousou suas cartas e encarou Lamar com ar sério. “Está brincando? Potássio é o que os médicos usam para provocar parada cardíaca.”

“O velho Eddie come duas ou três bananas por dia”, disse Lamar. “Como vai o seu coração, Ed?”

“Vamos acabar logo esta mão, rapazes”, disse Ed.

“Mas estou muito preocupado com a sua saúde”, disse Don Armour.

“Você mente um pouco demais, meu amigo.”

“Todo dia vejo você se intoxicando de potássio. É meu dever de amigo avisar.”

“Você ganhou a vaza, Don.”

“Jogue logo uma carta, Don.”

“E tudo que eu recebo em troca”, disse Armour num tom ofendido, “é um tratamento negativo e desconfiado.”

“Donald, você está no jogo ou só esquentando a cadeira?”

“Claro, se Ed caísse duro com uma parada cardíaca de tanto se envenenar com potássio, isto me poria na quarta posição aqui em matéria de antigüidade, e me garantiria uma vaga em Little Rock com a Arkansas Southern barra Midland Pacific. Eu devia ficar calado. Ed, pode comer a minha banana também.”

“He, he, cuidado com a boca”, disse Lamar.

“Cavalheiros, acredito que as vazas são todas minhas.”

“Filho-da-mãe!”

Embaralha, embaralha. Carta, carta, carta.

“Ed, você sabia, eles têm computadores em Little Rock”, disse Don Armour, sem jamais olhar na direção de Denise.

“Ah, é mesmo?”, disse Ed. “Computadores?”

“Se você for para lá, vou logo avisando que vão querer ensinar você a usar um deles.”

“Eddie vai estar com os anjos muito antes de aprender a mexer num computador”, disse Lamar.

“Pois eu discordo”, disse Don. “Ed vai para Little Rock e vai aprender a desenhar com computadores. E vai deixar outras pessoas enjoadas com essas bananas dele.”

“Donald, como é que você tem tanta certeza de que não vai também para Little Rock?”

Don sacudiu a cabeça. “Nós gastaríamos dois ou três mil dólares por ano a menos se vivêssemos em Little Rock, e em pouco tempo eu estaria ganhando mais alguns milhares por ano. Lá a vida é barata. Patty podia talvez trabalhar meio expediente, e as meninas voltariam a ter mãe. Podíamos comprar uma terrinha nas montanhas Ozark antes que as meninas fiquem velhas demais para aproveitar. Um lugar com um lago. Vocês acham que alguém vai deixar isto acontecer comigo?”

Ed estava arrumando suas cartas com os trejeitos nervosos de um esquilo. “Para que eles precisam de computador?”, disse ele.

“Para substituir os velhos inúteis”, disse Don, enquanto sua cara de ameixa rachava-se num sorriso sem gentileza.

“Substituir?”

“Por que você acha que os irmãos Wroth estão nos comprando, e não vice-versa?”

Embaralha, embaralha. Carta, carta, carta. Denise assistia o céu enfiar garfos de relâmpago na salada de árvores do horizonte de Illinois. Enquanto sua cabeça estava virada, uma explosão ocorreu na mesa.

“Pelo-amor-de-deus, Ed”, disse Don Armour, “por que você não lambe logo essa banana antes de botar na mesa?”

“Calma, Don”, disse Sam Beuerlein, o chefe dos desenhistas.

“Sou o único aqui que sente nojo?”

“Calma, calma.”

Don jogou as cartas na mesa e empurrou sua cadeira de rodinhas com tamanha violência que a luminária de desenho, semelhante a um louva-a-deus, gemeu e balançou na mesa. “Laredo”, chamou ele, “pegue o meu lugar na mesa. Vou tomar um pouco de ar puro, longe desse cheiro de banana.”

“Calma.”

Don sacudiu a cabeça. “É melhor falar logo, Sam, do que enlouquecer quando a fusão acontecer.”

“Você é um sujeito esperto, Don”, disse Beuerlein. “Vai se sair bem desta, aconteça o que acontecer.”

“Eu, esperto? Muito menos do que o Ed. Não é, Ed?”

Ed torceu o nariz, e bateu impaciente com as cartas na mesa.

“Novo demais para ir para a Coréia, velho demais para a *minha* guerra”, disse Don. “Isso é que é esperteza. Descendo do ônibus do outro lado da Olive Street todo dia de manhã há vinte e cinco anos, sem nunca ter sido atropelado. E pegando o mesmo ônibus de volta toda noite. Isso é que é esperteza no nosso mundo.”

Sam Beuerlein levantou a voz. “Don, preste atenção. Vá dar uma volta, certo? Saia um pouco e esfrie a cabeça. Quando voltar, pode resolver se vai pedir desculpas a Eddie.”

“Dezoito na pilha”, disse Ed, batendo na mesa.

Don apoiou a mão na base das costas e saiu mancando pelo corredor entre as mesas, sacudindo a cabeça. Laredo Bob chegou com salada de ovo no bigode e pegou as cartas de Don.

“Não precisa pedir desculpas”, disse Ed. “Vamos acabar esta partida, rapazes.”

Denise estava saindo do banheiro das mulheres depois do almoço quando Don Armour saiu do elevador. Trazia um xale de marcas de chuva nos ombros. Rolou os olhos ao ver Denise, como se fosse mais uma perseguição.

“O que foi?”, disse ela.

Ele sacudiu a cabeça e se afastou.

“O que foi? O que foi?”

“O horário de almoço já acabou. Você não devia estar trabalhando?”

Cada diagrama de fiação recebia um rótulo com o nome da linha e o número do marco de milhagem. O engenheiro de sinais revisava os desenhos para fazer correções, e os desenhistas mandavam cópias em papel dos diagramas para o campo, destacando os acréscimos em lápis amarelo e as subtrações em vermelho. Em seguida, os engenheiros de campo é que realizavam o trabalho, muitas vezes improvisando soluções próprias, e mandavam as cópias de volta para a sede, rasgadas, amareladas e cheias de impressões digitais gordurosas, com manchas de poeira vermelha do Arkansas ou fragmentos de farelo de relva do Kansas nas dobras, e os desenhistas registravam as correções à tinta preta nos originais de Mylar ou de pergaminho.

Durante a tarde que se arrastava, enquanto o branco de barriga de peixe do céu adquiria a cor dos flancos e do dorso de um peixe, Denise dobrou milhares de cópias que tinha cortado na parte da manhã, seis cópias de cada desenho nos envelopes que depois iam para as pastas dos engenheiros de campo. Havia sinais nos marcos de milhagem 16,2 e 17,4 e 20,1 e 20,8 e 22,0 e assim por diante, até a cidade de New Chartres em 74,35, o fim da linha.

A caminho dos subúrbios naquela noite, ela perguntou ao pai se os irmãos Wroth iam mesmo fundir a ferrovia com a Arkansas Southern.

“Não sei”, respondeu Alfred. “Espero que não.”

E a empresa seria transferida para Little Rock?

“É o que eles estão planejando, se conseguirem o controle.”

E o que iria acontecer com os homens do Departamento de Sinais?

“Acho que alguns dos mais antigos seriam deslocados. Os mais jovens, provavelmente demitidos. Mas não quero que você fique falando sobre isso.”

“Não vou falar”, disse Denise.

Enid, como em todas as noites das quintas-feiras, semana sim, semana não, nos últimos trinta e cinco anos, estava com o jantar pronto à espera deles. Tinha feito pimentões recheados, e estava fervilhando de entusiasmo com o fim de semana que se aproximava.

“Amanhã você vai precisar voltar de ônibus para casa”, disse ela a Denise quando sentaram-se à mesa. “Seu pai e eu vamos com os Schumpeter até o lago Fond du Lac.”

“E o que tem lá?”

“Vai ser uma perda de tempo”, disse Alfred, “que eu devia ter tido o bom senso de recusar. Mas sua mãe acabou me convencendo.”

“Al”, disse Enid, “é *sem compromisso*. Nenhuma obrigação de comparecer a nenhum dos seminários. Podemos passar o fim de semana inteiro fazendo o que quisermos.”

“Duvido que não vá haver pressão. O incorporador não vai ficar dando fins de semana de graça sem tentar vender alguns lotes.”

“O folheto dizia que é sem obrigação, sem compromisso, e sem pressão.”

“Duvido muito”, disse Alfred.

“Mary Beth disse que tem uma vinícola ótima perto de Bordertown que podemos visitar. E também podemos ir nadar no lago! E o folheto diz que eles têm barcos a remo e um restaurante de primeira!”

“Não consigo imaginar como uma vinícola no Missouri, no meio do mês de julho, pode ser atraente”, disse Alfred.

“Você precisa entrar no *espírito* da coisa”, disse Enid. “Os Driblett foram até lá em outubro e se divertiram muito. E Dale disse que não fizeram pressão nenhuma. Muito pouca pressão, foi o que ele disse.”

“Levando em conta quem falou...”

“O que você quer dizer?”

“Um sujeito que ganha a vida vendendo caixões.”

“Dale não é pior que ninguém.”

“Eu disse que duvido. Mas eu vou.” E Alfred acrescentou, para Denise: “Você pega o ônibus para voltar para casa. Vamos deixar um carro aqui para você”.

“Kenny Kraikmeyer ligou hoje de manhã”, disse Enid a Denise. “Queria saber se você está disponível no sábado à noite.”

Denise fechou um dos olhos e arregalou o outro. “E o que foi que você disse?”

“Eu disse que achava que sim.”

“Você disse *o quê?*”

“Desculpe, eu não sabia que você já tinha planejado alguma coisa.”

Denise riu. “A única coisa que eu planejei foi não sair com Kenny Kraikmeyer.”

“Ele foi muito educado”, disse Enid. “Sabe, não tira pedaço sair com alguém que se dá ao trabalho de convidar a gente. Se você não se divertir, não precisa sair de novo. Mas precisa começar a dizer sim para *alguém*. Todo mundo vai começar a achar que não existe ninguém à sua altura.”

Denise pousou seu garfo. “Kenny Kraikmeyer me deixa com o estômago literalmente embrulhado.”

“Denise”, disse Alfred.

“Não está certo”, disse Enid com a voz trêmula. “Eu não queria ouvir você dizer uma coisa dessas.”

“Está bem, desculpe por ter dito isso. Mas não estou disponível sábado à noite. Não para Kenny Kraikmeyer. E se ele está querendo sair, devia fazer o convite *a mim*.”

Ocorreu a Denise que Enid provavelmente adoraria passar um fim de semana com Kenny Kraikmeyer no lago Fond du Lac, e que era provável que Kenny se divertiria muito mais do que Alfred.

Depois do jantar, foi de bicicleta até a casa mais antiga do subúrbio, um cubo de tijolo construído antes da guerra, com um pé-direito imenso, do outro lado da rua da estação de trem local. A casa pertencia ao professor de teatro da escola secundária, Henry Dusinger, que deixara sua bananeira abissínia de gosto duvidoso, seus crôtons de cores variadas e suas cômicas palmeiras plantadas em vasos aos cuidados dos alunos prediletos enquanto passava um mês com a mãe em New Orleans. Entre as antiguidades típicas de bordel da sala de estar de Dusinger havia doze taças de champanhe, muito enfeitadas, cada uma das quais com uma coluna ascendente de bolhas capturada no pé de cristal facetado, que ele só deixava Denise, de todos os jovens atores e literatos amadores que gravitavam em torno de suas bebidas nas noites de sábado, usar. (“Os animais que bebam em copos de plástico”, dizia ele enquanto acomodava suas pernas finas em sua poltrona forrada de napa. Lutara duas vezes contra um câncer que hoje estava oficialmente em regressão, mas sua pele muito esticada e seus olhos protuberantes sugeriam que nem tudo ia bem do ponto de vista oncológico. “Lambert, criatura extraordinária”, dizia ele, “venha sentar-se aqui para eu poder admirar o seu perfil. Você sabe que os japoneses dariam qualquer coisa para poder venerar o seu pescoço? *Venerar*.”) Foi na casa de Dusinger que ela tinha provado sua primeira ostra crua, seu primeiro ovo de codorna, sua primeira dose de *grappa*. Dusinger tinha fortalecido sua decisão de não sucumbir aos encantos de um (nas palavras dele) “adolescente qualquer coberto de espinhas”. Ele comprava vestidos e casacos em brechós e, se ficavam bons em Denise, dava para ela. Felizmente, Enid, que desejava que Denise se vestisse mais como uma Schumpeter ou uma Root, tinha roupas antigas em tão baixa estima que acreditou que um vestido de noite impecável de cetim amarelo bordado, com botões de ágata, tinha custado a Denise (como ela afirmara) dez dólares no Exército de Salvação. Contrariando as amargas objeções de Enid, ela usara aquele vestido em seu baile de formatura acompanhada de Peter Hicks, o ator coberto de espinhas que fizera o papel de Tom, contracenando com Amanda, personagem dela, em *Imitação da vida*. Peter Hicks, na noite do baile, fora convidado a ir com ela à casa de Dusinger, e também beber nas taças rococó de champanhe, mas Peter estava guiando e preferiu limitar-se a um copo de plástico de coca-cola.

Depois de regar as plantas, sentou-se na poltrona de couro de Dusinger e ficou ouvindo New Order. Queria ter vontade de sair com alguém, mas os rapazes que ela respeitava, como Peter Hicks, não a mobilizavam romanticamente, e os demais eram todos nos moldes de Kenny Kraikmeyer, que, embora estivesse destinado à Academia Naval e a uma carreira em ciência nuclear, considerava-se uma pessoa por dentro e colecionava “vinil” (palavras dele) de Cream e Jimi Hendrix com uma paixão que Deus certamente preferia ver aplicada à construção de submarinos em miniatura. Denise estava um pouco

preocupada com o grau de sua repulsa. Não entendia por que era tão má. Isso a deixava infeliz. Não parecia haver nada de errado na maneira como ela pensava sobre si mesma e nas outras pessoas.

Sempre que sua mãe falava naquilo, porém, sua única escolha era reagir com violência.

No dia seguinte, estava passando a hora do almoço no parque, tomando sol com uma das blusinhas sem manga que sua mãe não sabia que ela usava no trabalho por baixo dos casacos, quando Don Armour apareceu do nada e deixou-se cair no banco ao lado dela.

“Você não está jogando cartas”, disse ela.

“Estou ficando maluco”, disse ele.

Ela voltou a olhar para o seu livro. Podia senti-lo olhando com toda a intenção para o seu corpo. O ar estava quente, mas não quente a ponto de justificar o calor que ela sentia em seu rosto, no lado voltado para ele.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. “É aqui que você vem na hora do almoço todo dia.”

“É.”

Ele não era bonito. A cabeça dele parecia grande demais, seu cabelo estava ficando ralo, seu rosto tinha o vermelho escuro de nitrato de salsicha ou de mortadela, exceto na área azulada por sua barba. Mas ela reconheceu um certo humor, um brilho, uma tristeza animal na expressão dele; e as curvas de sela de seus lábios eram convidativas.

Ele leu a lombada do livro dela. “Conde Leon Tolstoi”, disse ele. Balançou a cabeça e riu em silêncio.

“O quê?”

“Nada”, respondeu ele. “Só estou tentando imaginar como é ser você.”

“O que você quer dizer?”

“Linda, elegante, disciplinada, rica. Indo estudar num *college*. Como é?”

Ela teve o impulso ridículo de responder tocando nele, deixando-o sentir como era. Na verdade, não havia outra maneira de responder.

Ela encolheu os ombros e disse que não sabia.

“O seu namorado deve se achar um sujeito de muita sorte”, disse Don Armour.

“Não tenho namorado.”

Hesitou por um instante, como se aquela notícia fosse difícil de receber. “Acho isto incompreensível, e muito surpreendente.”

Denise tornou a encolher os ombros.

“Tive um emprego de verão quando estava com dezessete anos”, disse Don. “Trabalhava para um velho casal menonita que tinha uma grande loja de antiguidades. Usávamos uma substância chamada Mistura Mágica — solvente de tinta, álcool de madeira, acetona e óleo de tungue. Limpava os móveis sem

remover o verniz. Eu passava o dia inteiro respirando aquilo, e sempre chegava em casa voando baixo. E depois, lá pela meia-noite, ficava com uma dor de cabeça terrível.”

“Onde você foi criado?”

“Carbondale, Illinois. Eu achava que os menonitas me pagavam muito pouco, apesar de todo aquele barato de graça. E então comecei a pegar emprestada a camionete deles, toda noite. Eu tinha uma namorada que precisava de carona. Acabei batendo com a camionete, o que fez os menonitas descobrirem que eu a vinha usando, e então meu padrasto me disse que cuidaria dos menonitas e da companhia de seguros se eu me alistasse nos Fuzileiros Navais, caso contrário eu ia ter de me virar sozinho com a polícia. E foi assim que eu entrei para os Fuzileiros em meados dos anos sessenta. Parecia a coisa certa a fazer. Calculei a hora direitinho.”

“Foi para o Vietnã.”

Don Armour assentiu com a cabeça. “Se esta fusão for até o fim, vou estar de volta ao ponto onde estava quando dei baixa. Com mais três filhos e capacidade para fazer uma coisa que ninguém mais precisa.”

“Qual é a idade dos seus filhos?”

“Dez, oito e quatro.”

“A sua mulher trabalha?”

“É enfermeira numa escola. Está na casa dos pais, em Indiana. Eles têm uma área boa e um lago. É bom para as meninas.”

“Você vai tirar férias?”

“Duas semanas, no mês que vem.”

Denise ficou sem mais perguntas. Don Armour estava sentado com o corpo arqueado e as mãos espalmadas pressionadas entre os joelhos. Ficou sentado assim por muito tempo. Olhando de perfil, ela podia ver seu característico sorriso zombeteiro despontando em meio à sua impassividade; ele era do tipo que sempre fazia você se arrepender de levá-lo a sério ou preocupar-se com ele. Finalmente Denise se levantou e disse que ia entrar, e ele concordou com a cabeça, como se ele já esperasse mais esse golpe.

Não lhe ocorreu que Don Armour estivesse sorrindo constrangido diante da obvedade de sua tentativa de conquistar a simpatia dela, do quanto era batido aquele roteiro de aproximação. Não lhe ocorreu que o desempenho dele na mesa de jogo da véspera tinha sido encenado para ela. Não lhe ocorreu que ele tinha percebido que ela estava escutando no banheiro e deixara que ela o ouvisse. Não lhe ocorreu que a disposição básica de Don Armour era a autocomiseração e que ele já tinha, com sua autocomiseração, conquistado várias garotas antes dela. Não lhe ocorreu que ele já estivesse planejando — que na verdade viesse planejando desde que trocara o primeiro aperto de mãos com ela — algum modo de entrar debaixo de sua saia. Não lhe ocorreu que ele desviasse os olhos

não apenas porque a sua beleza lhe doesse, mas porque a primeira regra em qualquer manual anunciado na contracapa das revistas masculinas (“Como Fazer Para Ela Ficar LOUCA por Você — Toda Vez!”) era *Ignore-a*. Não lhe ocorreu que as diferenças de classe e circunstância que lhe causavam desconforto pudessem ser, para Don Armour, uma provocação, que ela pudesse ser um objeto do desejo dele porque era de luxo, ou que um homem que fundamentalmente tinha compaixão por si próprio, cujo emprego estava em perigo, pudesse encontrar algum tipo de satisfação em levar para a cama a filha do chefe do chefe do seu chefe. Nada disso ocorreu a Denise, nem então nem depois. Ela ainda se sentia responsável pelo que havia acontecido dez anos depois.

O que ela percebeu, naquela tarde, foram os problemas. Que Don Armour quisesse pôr as mãos nela sem poder era um problema. Que por um acidente de nascimento ela tivesse *tudo*, enquanto o homem que a desejava tanto tivesse tão menos — aquela falta de paridade — era um *grande* problema. Já que era ela quem tinha tudo, era claramente a ela que cabia resolver o problema. Mas qualquer palavra de conforto que ela pudesse dizer, qualquer gesto de solidariedade que imaginasse fazer, dava-lhe uma impressão de condescendência.

Vivenciou intensamente o problema em seu corpo. Seu saldo positivo de dons e oportunidades, comparado com o de Don Armour, manifestava-se como um incômodo físico — uma insatisfação a que beliscões nas partes sensíveis de seu corpo podiam até responder, mas não remediar.

Depois do almoço, foi até a sala dos arquivos, onde ficavam armazenados os originais dos diagramas dos sinais em seis cofres de aço de tampa pesada que pareciam elegantes caçambas de lixo. Ao longo dos anos, as grandes pastas de papelão do cofre tinham ficado sobrecarregadas, acumulando diagramas perdidos em suas bojudas profundezas, e Denise tinha sido encarregada da gratificante tarefa de restaurar a ordem. Os desenhistas em visita à sala do arquivo trabalhavam em redor dela enquanto ela trocava o rótulo de pastas e desencavava pergaminhos desaparecidos havia muito tempo. O cofre maior era tão profundo que ela precisava ficar deitada de barriga para baixo sobre o cofre ao lado, as pernas nuas contra o metal frio, e enfiar os dois braços no cofre até os ombros para chegar ao fundo. Deixava cair no chão os diagramas recuperados e enfiava os braços para pegar mais. Quando voltou à superfície para respirar, percebeu que Don Armour estava ajoelhado ao lado do cofre.

Seus ombros eram musculosos como os de um remador, e deixavam seu paletó totalmente esticado. Ela não sabia quanto tempo fazia que ele estava lá nem o que ele estava olhando. Agora ele examinava um pergaminho todo dobrado como um acordeão, o diagrama da fiação de uma torre de sinais no Poste de Milhagem 101,35 da linha McCook. Tinha sido desenhado à mão livre por Ed Alberding em 1956.

“Ed era um garoto quando desenhou isto. É uma beleza.”

Denise desceu do cofre, ajeitou a saia e sacudi a poeira da roupa.

“Eu devia ser mais gentil com Ed”, disse Don. “Ele tem talentos que eu jamais vou ter.”

Ele parecia estar pensando menos em Denise do que ela vinha pensando nele. Desdobrou outro diagrama, e ela ficou olhando para um redemoinho de menino em seus cabelos cor de grafite. Ela se aproximou um passo e se inclinou ainda mais perto, eclipsando a visão que tinha dele com seus seios.

“Você está tapando a luz”, disse ele.

“Quer ir jantar comigo?”

Ele suspirou com força. Seus ombros caíram. “Preciso ir de carro até Indiana, estão me esperando para o fim de semana.”

“Certo.”

“Mas vou pensar.”

“Ótimo. Pense.”

A voz dela dava uma impressão de calma, mas seus joelhos estavam bambos enquanto ela caminhava até o banheiro das mulheres. Trancou-se num reservado e sentou-se, preocupada, enquanto do lado de fora a campainha do elevador tocava debilmente e o carrinho de café da tarde veio e foi embora. Sua preocupação não tinha conteúdo. Seus olhos simplesmente pousavam em alguma coisa, o trinco cromado da porta do reservado ou um quadrado de papel higiênico no chão, e quando dava por si tinha estado olhando fixo durante cinco minutos, sem pensar em nada. Nada. Nada.

Estava arrumando a sala de arquivos, cinco minutos antes do fim do expediente, quando o rosto largo de Don Armour apareceu ao lado de seu ombro, as pálpebras dele caindo sonolentas por trás das lentes dos óculos. “Denise”, disse ele, “quero levar você para jantar.”

Ela concordou com um gesto rápido de cabeça. “Certo.”

Numa vizinhança áspera, quase exclusivamente pobre e negra, pouco ao norte do centro da cidade, ficava uma lanchonete fora de moda que Henri Dusinberre e seus atores amadores costumavam freqüentar. Denise só teve apetite para um chá gelado e uma porção de fritas, mas Don Armour pediu um prato de hambúrguer e um milk-shake. A postura dele, ela percebeu, era a de um sapo. Sua cabeça ficava enterrada nos ombros quando ele se inclinava sobre a comida. Ele mastigava devagar, como que com ironia. Lançava sorrisos amenos para o ambiente, como que com ironia. Empurrava os óculos para o alto do nariz com os dedos cujas unhas, percebeu ela, eram roídas até o sabugo.

“Eu jamais viria comer nesta área”, disse ele.

“Este ponto aqui é bastante seguro.”

“Para você, pode ser verdade”, disse ele. “Os lugares percebem se você está sacando a barra. Se não está, se não entende, você é deixado em paz. O meu

problema é que eu saco. Se eu viesse a uma rua como esta quando era da sua idade, alguma coisa feia iria acontecer.”

“Não vejo por quê.”

“As coisas eram simplesmente assim. Quando eu me dava conta, três desconhecidos tinham detestado a minha cara. E eu também detestava os três assim que os via. Neste mundo, nem dá para ver se você é uma pessoa afetuosa e feliz. Uma pessoa como você nem toma conhecimento. Mas basta uma pessoa como eu aparecer para acabar levando uma surra. Já estou marcado de longe.”

Don Armour tinha uma perua americana grande de quatro portas, parecida com o da mãe de Denise, só que mais velha. Dirigiu tranquilamente até chegar a uma avenida e tomou o rumo oeste em baixa velocidade, divertindo-se em ficar debruçado no volante (“ando devagar; meu carro é ruim”) enquanto os outros motoristas passavam roncando pela esquerda e pela direita.

Denise ensinou-lhe o caminho da casa de Henri Dusingberre. O sol ainda estava brilhando, baixo, no oeste, logo acima da estação de trem com seus olhos de compensado, quando subiram as escadas da varanda de Dusingberre. Don Armour olhou para as árvores que cercavam a casa como se até mesmo as árvores fossem um pouco melhores, um pouco mais caras, naquela parte da cidade. Denise já estava com a mão na porta de tela quando percebeu que a porta da entrada já estava aberta.

“Lambert? É você?” Henry Dusingberre saiu das sombras de sua sala de estar. Sua pele estava mais ceiosa do que nunca, seus olhos mais protuberantes; e seus dentes pareciam maiores ainda em seu rosto. “O médico da minha mãe me mandou voltar para casa”, disse ele. “Queria lavar as mãos em relação a mim. Acho que ele está farto da *morte*.”

Don Armour estava batendo em retirada na direção de seu carro, com a cabeça baixa.

“Quem é o incrível Hulk?”, perguntou Dusingberre.

“Um amigo do trabalho”, disse Denise.

“Bem, você não vai poder entrar com ele. Sinto muito. Não vou receber um Hulk na minha casa. Você vai precisar encontrar outro lugar.”

“Você tem comida? Está tudo bem?”

“Tudo, pode ir. Já estou me sentindo melhor, só de ter voltado. Tanto o médico quanto eu ficamos mutuamente constrangidos com a minha doença. Parece, minha filha, que estou totalmente sem glóbulos brancos. O homem tremia de medo. Estava convencido de que eu ia morrer *lá mesmo no consultório dele*. Lambert, fiquei com tanta pena do rapaz!” Um buraco negro de riso abriu-se no rosto do doente. “Tentei explicar que as minhas necessidades de glóbulos brancos eram insignificantes. Mas ele parecia decidido a me encarar como uma curiosidade médica. Almocei com a minha mãe e tomei um táxi para o aeroporto.”

“Tem certeza que está bem?”

“Tenho. Pode ir, com a minha bênção. Faça uma besteira. Mas não na minha casa. Pode ir.”

Era imprudente ser vista com Don Armour na casa dela antes de escurecer, com observadores Root e Driblett cheios de curiosidade passando de um lado para o outro da rua, de maneira que ela ensinou-lhe o caminho até a escola primária e levou-o para o gramado que ficava nos fundos. Sentaram-se em meio à coleção eletrônica de sons de insetos, em meio à intensidade genital de certos arbustos odoríferos, em meio ao calor decrescente de um belo dia de julho. Don Armour abraçou a barriga dela, com o queixo em seu ombro. Ficaram escutando os estouros abafados de fogos de artifício de baixo calibre.

Na casa dela, depois que escureceu, no frio de seu ar-condicionado, ela tentou conduzi-lo rapidamente até as escadas, mas ele se demorou na cozinha, ele se arrastou pela sala de jantar. Ela ficou incomodada com a impressão que sua casa obviamente produzia. Embora seus pais não fossem ricos, a mãe dela procurava tanto um certo tipo de elegância, e se esforçara tanto para alcançá-la que, aos olhos de Don Armour, a casa *parecia* uma casa de rico. Ele dava a impressão de hesitar em pisar nos carpetes. Parou e examinou, como possivelmente ninguém antes dele, os cálices Waterford e os pratos de doces que Enid exibia no aparador. Seus olhos pousavam em cada objeto, as caixinhas de música, as cenas de ruas parisienses, a mobília combinando e lindamente estofada, da mesma forma como tinham pousado no corpo de Denise — tinha sido apenas hoje? Hoje na hora do almoço?

Ela pôs sua mão grande dentro da mão ainda maior dele, entrelaçou os dedos nos dele e o puxou na direção da escada.

No quarto dela, de joelhos, ele cravou os polegares nos ossos da bacia dela e pressionou os lábios contra as suas coxas e depois contra a sua coisa; ela sentiu-se devolvida a um mundo infantil de Grimm ou de C. S. Lewis, em que um toque tinha o poder de transformar tudo. As mãos dele transformavam seus quadris em quadris de mulher, a boca dele transformava suas coxas em coxas de mulher, a coisa dela numa boceta. Eram essas as vantagens de ser desejada por uma pessoa mais velha — sentir-se menos como uma marionete assexuada, ser levada a percorrer o estado atual de sua morfologia, ter sua utilidade elucidada por alguém para quem ela era tudo o que desejava.

Os meninos da idade dela queriam *alguma coisa*, mas pareciam não saber exatamente o quê. Os meninos da idade dela queriam, aproximadamente. A função dela — o papel que ela já desempenhara em mais de um encontro péssimo — era ajudá-los a descobrir o que mais especificamente queriam, a desabotoar sua blusa e dar-lhes sugestões, a (por assim dizer) dar corpo às suas idéias bastante rudimentares.

Don Armour a queria minuciosamente, cada centímetro dela. Sentia que o

compreendia com brilho, e por completo. Ser simplesmente dona de um corpo nunca tinha significado muito para ela, mas vê-lo como uma coisa que ela própria poderia desejar — imaginar-se no lugar de Don Armour, de joelhos, desejando as várias partes dela — tornava mais perdoável possuir aquele corpo. Ela possuía o que aquele homem esperava encontrar. Não havia nenhuma ansiedade na procura dele e em sua apreciação de cada aspecto dela.

Quando ela abriu o sutiã, Don baixou a cabeça e fechou os olhos.

“O que foi?”

“Dá medo de morrer, de tão linda que você é.”

Daquilo ela gostava.

A sensação dela, quando ele a tomou nas mãos, foi uma antevisão do que ela própria sentiria alguns anos mais tarde, jovem cozinheira, quando manipulou suas primeiras trufas, seu primeiro *foie gras*, seus primeiros potes de caviar.

Em seu décimo oitavo aniversário, seus amigos do teatro lhe tinham dado de presente uma Bíblia com as páginas internas cortadas, contendo uma garrafinha de gim Seagram's e três camisinhas coloridas, que agora vinham a calhar.

A cabeça de Don Armour, pairando acima da dela, era uma cabeça de leão, uma abóbora usada como lanterna no Halloween. Quando ele gozou, rugiu. Seus suspiros cada vez mais baixos interrompiam uns aos outros, quase coincidindo. Oh, oh, oh, oh. Ela nunca tinha escutado nada parecido.

Havia sangue na proporção de sua dor, que tinha sido bastante intensa, e na proporção inversa de seu prazer, que tinha acontecido principalmente dentro de sua cabeça.

No escuro, depois de ter apanhado uma toalha suja no cesto do armário do corredor, comemorou por ter perdido a virgindade antes de seguir para o *college*.

Bem menos maravilhosa era a presença daquele homem imenso e um tanto ensanguentado em sua cama. Era uma cama de solteira, a única cama em que dormira na vida, e estava muito cansada. O que talvez explique por que ela fez aquele papelão no meio do quarto, de pé enrolada numa toalha e chorando desesperadamente.

Ela adorou Don Armour por ele ter-se levantado da cama e envolvido seu corpo com os braços, sem se incomodar de ela ser uma criança. Ele a pôs na cama, cobriu seus ombros com o lençol e acariciou sua cabeça como, na opinião dela, devia acariciar muitas vezes suas filhas. E continuou até ela quase adormecer. E então o teatro de suas carícias expandiu-se para regiões que ela tinha certeza serem interditadas em suas filhas. Ela tentou continuar meio adormecida, mas ele prosseguiu com maior insistência, chegando até a arranhar a sua pele. Tudo que ele fazia ou provocava cócegas ou dóia, e quando ela se atreveu a choramingar teve a primeira experiência das mãos de um homem pressionando sua cabeça para baixo.

Felizmente, quando ele acabou, não tentou ficar para passar a noite. Deixou o

quarto dela enquanto ela ficava totalmente imóvel na cama, esforçando-se para ouvir o que ele estaria fazendo e distinguir se por acaso ele iria voltar. Finalmente — ela pode ter cochilado — ouviu o estalido do ferrolho da porta da frente e o relincho do motor de arranque do carro dele.

Dormiu até o meio-dia, e estava tomando uma ducha no banheiro do andar de baixo, tentando compreender o que fizera, quando ouviu a porta da frente mais uma vez. E vozes.

Enxaguou o cabelo como uma louca, enxugou-se loucamente com a toalha e saiu correndo do banheiro. Seu pai estava deitado na sala de TV. Sua mãe lavava a geladeira de piquenique na pia da cozinha.

“Denise, você *nem tocou* no jantar que eu deixei para você!”, exclamou Enid. “Não comeu nada.”

“Achei que vocês só fossem voltar amanhã.”

“O lago Fond du Lac não era o que nós esperávamos”, disse Enid. “Não sei o que Dale e Honey estavam pensando. Não era nada.”

Ao pé da escada havia duas sacolas de viagem. Denise passou correndo por elas e subiu até seu quarto, onde embalagens de camisinha e roupas de cama ensangüentadas eram visíveis da porta. Fechou a porta atrás de si.

O resto do verão estava arruinado. Ela estava absolutamente sozinha, tanto em casa quanto no trabalho. Escondeu o lençol ensangüentado e a toalha ensangüentada no armário, e entrou em desespero tentando resolver o que faria com eles. Enid era naturalmente vigilante, e tinha milhares de sinapses desocupadas para dedicar a tarefas como detectar toda vez que sua filha ficava menstruada. Denise tinha a esperança de apresentar-lhe compungida a toalha e o lençol arruinados no momento apropriado, dali a duas semanas. Mas Enid tinha inteligência de sobra para contar as roupas da casa.

“Estou dando falta de uma das minhas toalhas de banho das *boas*, daquelas de monograma.”

“Ah, droga, deixei na piscina.”

“Denise, mas por que você foi levar uma toalha *boa*, de monograma, para a piscina, quando nós temos tantas toalhas... E perder logo aquela! Você ligou para o clube?”

“Voltei lá e procurei.”

“Essas toalhas são caras.”

Denise jamais cometia erros como o que estava alegando ter cometido. A injustiça teria incomodado menos se estivesse a serviço de um prazer maior — se ela pudesse ter procurado Don Armour para rir do episódio e buscar o consolo dele. Mas ela não o amava e ele não a amava.

No trabalho, agora, a amizade dos demais desenhistas era suspeita; tudo parecia tender a levar para a cama. Don Armour estava envergonhado demais, estava sendo discreto demais, nem sequer trocava um olhar com ela. Passava os

seus dias num torpor de infelicidade devido aos irmãos Wroth, e hostilidade para com todos à sua volta. Nada mais restava para Denise no trabalho além do trabalho, e agora aquela aridez virara um fardo, o que ela detestava. Ao final do dia, seu rosto e seu pescoço doíam de tanto ela conter as lágrimas e trabalhar a uma velocidade que só podia ser sustentada sem desconforto por uma pessoa muito satisfeita com o trabalho.

Isto, dizia-se ela, é o que acontecia quando a pessoa agia por impulso. Ficou espantada por ter dedicado duas horas de reflexão àquela decisão. Tinha gostado dos olhos e da boca de Don Armour, determinara que devia dar a ele o que ele queria — e era só isso que se lembrava de ter pensado. Uma possibilidade suja e atraente tinha lhe ocorrido (posso perder minha virgindade *hoje à noite*), e aproveitara a oportunidade.

Era orgulhosa demais para admitir para si mesma, quanto mais para Don Armour, que ele não era o que ela queria. Era inexperienced demais para saber que poderia ter dito, “desculpe, mas eu me enganei”. E sentia-se na obrigação de tornar a dar a ele o que ele queria. Depois que as pessoas se davam ao trabalho de começar um caso, ele devia durar algum tempo.

Sua própria relutância a fez sofrer. Na primeira semana, em especial, enquanto se preparava para propor a Don Armour que tornassem a sair na sexta-feira seguinte, sentiu dores de garganta durante horas. Mas era uma combatente. Saiu com ele nas três sextas-feiras seguintes, dizendo aos pais que estava saindo com Kenny Kraikmeyer. Don Armour levou-a para jantar num restaurante familiar num shopping de beira de estrada, e depois até sua casinha pobre num subúrbio onde a paisagem parecia ter sido produzida por um tornado, uma das cinquenta cidadezinhas que Saint Jude vinha engolindo em sua expansão sem fim. Sua casa o envergonhava a ponto de deixá-lo com ódio. Nenhuma casa da área onde Denise morava tinha um pé-direito tão baixo ou ferragens tão vagabundas, ou aquelas portas leves demais para fecharem direito, ou aquelas esquadrias de janela feitas de plástico. Para aplacar seu amante e fazê-lo calar-se a respeito do assunto de que ela menos gostava (“sua vida comparada com a minha”), e também para preencher algumas horas que de outro modo passariam mergulhados no constrangimento, ela o puxou para a cama dobrável guardada em seu porão coalhado de cacarecos e começou a aplicar seu perfeccionismo a um novo campo de atividade.

Don Armour nunca chegou a dizer como tinha explicado à mulher o cancelamento de seus planos para o fim de semana em Indiana. Denise não conseguia sequer pensar em fazer-lhe perguntas sobre a mulher.

E ainda teve de suportar as críticas da mãe por outro erro que jamais deveria ter cometido: esquecer de pôr imediatamente de molho em água fria o lençol manchado de sangue.

Na primeira sexta-feira de agosto, momentos depois do início das férias de

duas semanas de Don Armour, ele e Denise correram de volta para o escritório e se trancaram na sala dos arquivos. Ela o beijou, pôs as mãos dele em seus peitos e tentou fazer os dedos dele funcionarem para ela, mas as mãos dele queriam ficar em seus ombros; queriam obrigá-la a se ajoelhar.

O esperma dele entupiu suas vias nasais.

“Você está ficando gripada?”, perguntou-lhe o pai alguns minutos mais tarde, enquanto o carro dele ultrapassava os limites da cidade.

Em casa, Enid deu-lhe a notícia de que Henry Dusenberre (“o seu amigo”) tinha morrido no Hospital Saint Luke na noite de quarta-feira.

Denise teria se sentido ainda mais culpada caso não tivesse visitado Dusenberre em casa no último domingo. Ela o encontrara tomado de uma intensa irritação com o bebê de seu vizinho. “Estou vivendo sem glóbulos brancos”, disse ele. “E eles pelo menos podiam fechar as malditas janelas. Meu Deus, esse bebê tem pulmões poderosos! Desconfio que estão orgulhosos do fôlego da criança. Como os motociclistas que removem o silenciador das motos. Uma demonstração espúria e selvagem de masculinidade.” O crânio e os ossos de Dusenberre estavam ainda mais próximos da pele. Ele falou do preço do envio postal de um pacote pesando cem gramas. Contou a Denise uma história cheia de detalhes e politicamente incorreta sobre uma “oitavona” de quem tinha sido noivo por algum tempo. (“Se eu fiquei surpreso quando soube que ela só era sete oitavos branca, imagine a surpresa dela ao saber que eu só era um oitavo hétero.”) Falou da campanha que movera toda a vida em favor das lâmpadas de cinquenta watts. (“Sessenta é claro demais”, disse ele, “e quarenta, escuro demais.”) Tinha passado anos convivendo com a morte, e trivializá-la era sua maneira de mantê-la em seu lugar. Ainda conseguia produzir uma risada razoavelmente maldosa, mas no fim a luta para aferrar-se ao trivial acabou demonstrando-se tão vã quanto todas as outras. Quando Denise se despediu e o beijou, ele deu a impressão de não reconhecê-la. Sorriu com os olhos baixos, como se fosse uma criança especial cuja beleza devia ser admirada, e a trágica situação, objeto de piedade.

E também nunca mais viu Don Armour.

Na segunda-feira, 6 de agosto, ao final de um verão inteiro de idas e vindas, Hillard e Chauncy Wroth chegaram a um acordo com os principais sindicatos de ferroviários. Os sindicatos fizeram concessões substanciais em troca da promessa de uma gestão menos paternalista e mais inovadora, adoçando assim a oferta dos irmãos, de vinte e seis dólares por ação pela Midland Pacific, produzindo uma economia potencial de duzentos milhões de dólares a curto prazo. A diretoria da Midpac só tomaria sua decisão oficial dali a duas semanas, mas já tinham chegado a uma conclusão. Com o caos à porta, uma carta desceu da sala do presidente aceitando a renúncia de todos os empregados de verão a partir da sexta-feira, 17 de agosto.

Uma vez que não havia outras mulheres (além de Denise) na sala dos desenhistas, seus companheiros de trabalho pediram à secretária do engenheiro de sinais para fazer um bolo de despedida. O bolo foi servido em sua última tarde de trabalho. “Acho que já foi uma grande vitória”, disse Lamar, de boca cheia, “finalmente obrigar você a fazer uma pausa para o café.”

Laredo Bob enxugou os olhos com um lenço do tamanho de uma fronha.

Alfred transmitiu-lhe um elogio no carro naquela noite.

“Sam Beuerlein”, disse ele, “me disse que você é a melhor funcionária que ele já viu na vida.”

Denise não disse nada.

“Você deixou uma impressão profunda naqueles homens. Abriu os olhos deles para o quanto uma garota pode produzir. Eu não disse antes, mas tinha a sensação de que os homens estavam meio em dúvida em relação à idéia de receber uma garota para trabalhar no verão. Esperavam muita conversa fiada e pouca substância.”

Ela ficou satisfeita com a admiração do pai. Mas a bondade dele, assim como a bondade dos desenhistas que não eram Dan Armour, tornara-se inacessível para ela. Parecia recair sobre seu corpo, referir-se a ele de algum modo, e seu corpo se revoltava.

Denise-por-que-você-fez / o-que-você-fez?

“De qualquer maneira”, disse o seu pai, “agora você sentiu o gosto da vida no mundo real.”

* * *

Até chegar de fato a Filadélfia, achou uma boa idéia ir estudar perto de Gary e Caroline. A grande casa deles na Seminole Street era como um lar sem as tristezas do lar, e Caroline, cuja beleza deixava Denise sem fôlego com o simples privilégio de falar com ela, repetia sempre que Denise tinha todo o direito de sentir que sua mãe a estava levando à loucura. Ao final de seu primeiro semestre no *college*, porém, descobriu que Gary precisava deixar três recados em seu telefone para cada recado que ela respondia. (Uma vez, uma vez só, havia um recado de Don Armour que, da mesma forma, ela não respondeu.) Descobriu-se recusando as ofertas de Gary para ir pegá-la na universidade e devolvê-la depois do jantar. Dizia que precisava estudar, e então, em vez de estudar, ficava vendo TV com Julia Vrais. Era um truque de culpa: sentia-se mal por mentir para Gary, pior ainda por deixar de fazer seus trabalhos e acima de tudo pior ainda por distrair Julia. Denise era sempre capaz de virar a noite, mas Julia ficava inoperante depois das dez. Julia não tinha motor e nem leme. Julia não sabia explicar por que seu programa para o outono consistia de Introdução ao Italiano, Introdução ao Russo, Religião Oriental e Teoria Musical; acusava Denise de ter tido ajuda externa para montar sua equilibrada dieta acadêmica composta de inglês, história, filosofia e biologia.

Denise, por seu lado, invejava os “homens” da vida de Julia no *college*. Inicialmente, tanto ela quanto Julia tinham sido muito assediadas. A grande maioria dos “homens” que depositavam as bandejas ao lado delas no refeitório eram de Nova Jersey. Tinham rostos de meia-idade e vozes megafônicas com as quais comparavam os currículos de matemática ou trocavam reminiscências sobre aquela vez em que tinham ido a Rehoboth Beach e enchido a cara. Só tinham três perguntas para Julia e Denise: (1) *Como você se chama?* (2) *Em que prédio você está?* e (3) *Quer ir a uma festa na sexta-feira?* Denise ficou pasma com a grosseria daquele interrogatório sumário, e não menos pasma diante do fascínio de Julia por aqueles nativos de Teaneck, com seus imensos relógios digitais de pulso e suas sobranceiras unificadas. Julia tinha a atitude agitada de um esquilo convencido de que alguém trazia pão dormido nos bolsos. Ao sair de uma festa, ela geralmente dava de ombros e dizia a Denise: “Ele tem drogas, por isso eu vou com ele”. Denise começou a passar as noites de sexta-feira estudando sozinha. Adquiriu a fama de frígida e possivelmente lésbica. Faltava-lhe a capacidade de se derreter toda ao ouvir seu nome gritado em coro junto à janela, às três da manhã, por toda a equipe de futebol do *college*. “Ai que vergonha”, gemia Julia numa agonia de felicidade, enquanto olhava pelas frestas da cortina cerrada. Os “homens” do lado de fora da janela não tinham idéia do quanto a estavam deixando feliz, e portanto, no severo julgamento juvenil de Denise, não mereciam tê-la.

Denise passou o verão seguinte nas montanhas Hampton com quatro de suas dissolutas companheiras de dormitório, e mentiu para seus pais sobre todos os aspectos de sua situação. Dormia no chão da sala de estar e ganhava um bom dinheiro como lavadora de pratos e ajudante de cozinha na estalagem de Quogue, trabalhando lado a lado com uma bela moça de Scarsdale chamada Suzie Sterling e apaixonando-se pela vida de cozinheira. Adorava os horários loucos, a intensidade do trabalho, a beleza do produto. Adorava a calma profunda que havia por baixo de toda a azáfama. Uma boa equipe era como uma família eletiva em que todos os presentes no pequeno mundo aquecido da cozinha estavam em pé de igualdade, e todo cozinheiro tinha estranhezas escondidas em seu passado ou em seu caráter, e mesmo na mais suarenta proximidade cada membro da família gozava de *privacidade e autonomia*: ela adorou aquilo.

O pai de Suzie Sterling, Ed, dera a Suzie e Denise várias caronas até Manhattan antes da noite de agosto em que Denise estava voltando de bicicleta para casa e quase o atropelou, ao lado de seu BMW, enquanto ele fumava um Dunhill na esperança de que ela passasse por ali sozinha. Ed Sterling era advogado especializado no ramo das artes. Alegou incapacidade de viver sem Denise. Ela escondeu a bicicleta (emprestada) numa moita à beira da estrada. O fato de a bicicleta ter sido roubada quando ela voltou para buscá-la no dia seguinte, e o fato de ela ter jurado ao proprietário que ela a tinha acorrentado ao

mesmo poste de sempre, deviam ter-lhe servido de aviso sobre o território em que estava ingressando. Mas estava excitada com o efeito que produzia em Sterling, com a dramática fisiologia hidráulica do seu desejo, e em setembro, na volta às aulas, decidiu que um *college* de ciências humanas não tinha comparação com uma boa cozinha. Não via sentido em todo o esforço necessário para produzir um trabalho que só um professor iria ler; queria uma platéia. Também se aborrecia com o fato de o *college* a fazer sentir-se por seus privilégios, e ao mesmo tempo conceder culpada a certos afortunados grupos de identidade uma indulgência plenária da culpa. Já se sentia suficientemente culpada, muito obrigada. Quase todo domingo, embarcava na combinação lenta, barata e proletária dos trens da SEPTA com os da linha Nova Jersey—Nova York. Agüentava as chamadas telefônicas paranóides de mão única praticadas por Ed Sterling e seus cancelamentos de última hora, sua distração crônica, suas tensíssimas ansiedades de desempenho e a vergonha que ela própria sentia ao ser levada a modestos restaurantes étnicos de Woodside, Elmhurst e Jackson Heights para não ser vista por ninguém que Sterling conhecesse (porque, como ele sempre dizia — passando as duas mãos pelos cabelos densos como o pêlo de um arminho — ele conhecia *todo mundo* em Manhattan). Enquanto seu amante alterava entre a proximidade do enlouquecimento completo e a incapacidade de jamais tornar a vê-la, Denise comia bistecas uruguaias, *tamales* sino-colombianos, lagostins ao curry vermelho tailandês e enguias russas defumadas ao carvão de amieiro. A beleza ou a perfeição encarnadas por uma comida memorável podiam compensar qualquer humilhação. Mas ela nunca deixou de sentir-se culpada por causa da bicicleta. De sua insistência em dizer que a tinha acorrentado ao mesmo poste de sempre.

Na terceira vez em que se viu envolvida com um homem duas vezes mais velho que ela, casou-se com ele. Estava decidida a não se transformar numa molóide prafrentex. Tinha parado de estudar e trabalhado um ano inteiro para economizar dinheiro, passara seis meses na França e na Itália, e voltara para a Filadélfia para cozinhar num opressivo restaurante especializado em massa e peixes perto da Catherine Street. Assim que começou a acertar a mão, ofereceu seus serviços ao Café Louche, na ocasião o restaurante mais movimentado da cidade. Emile Berger contratou-a no ato, com base em sua habilidade com a faca e em sua beleza. Uma semana mais tarde, ele já se queixava a ela da incompetência de todos em sua cozinha, tirando eles dois.

Emile, arrogante, irônico e leal, transformou-se no refúgio dela. Ao lado dele, ela se sentia infinitamente adulta. Ele disse que um casamento só já era o bastante, mas concordou em levar Denise a Atlantic City e (nas palavras do Barbera d'Alba com que Denise se embebedara quando pediu a mão dele) *fez dela uma mulher honesta*. No Café Louche os dois trabalhavam como sócios, a experiência dele correndo para ela. Desprezavam seu rival mais antigo e

pretensioso, Le Bec-Fin. Num impulso, compraram uma casa de três andares na Federal Street, numa vizinhança mista negra, branca e vietnamita próxima ao mercado italiano. Conversavam sobre sabores da mesma forma como os marxistas conversam sobre a revolução.

Quando Emile finalmente acabou de ensinar-lhe tudo aquilo que podia, ela tentou ensinar algumas coisas *a ele* — por exemplo, vamos tornar o cardápio mais leve e fresco, ou vamos tentar pôr aqui um caldo de legumes e um pouco de cominho, e que tal — e deu de cara com o muro de ironia e opinião inabalável que adorara até quando estivera do lado certo. Sentia-se mais talentosa, mais ambiciosa e mais *faminta* que seu marido grisalho. Sentia-se como se, enquanto trabalhava e dormia e trabalhava e dormia, tivesse envelhecido tão depressa que tivesse ultrapassado Emile e alcançado seus pais. Seu mundo circunscrito de convívio doméstico e no trabalho parecia-lhe idêntico ao universo de seus pais. Sentia dores de velha em seus jovens quadris, joelhos e pés. Tinha as mãos cobertas de cicatrizes de uma pessoa mais velha, tinha uma vagina seca de mulher mais velha, tinha os preconceitos de pessoa mais velha e as opiniões políticas de uma pessoa mais velha, tinha a antipatia de pessoa mais velha pelos jovens, o mesmo desejo por bens eletrônicos e a mesma dicção. E então pensou: “Sou jovem demais para estar tão velha”. E nesse ponto a culpa que ela havia banido saiu gritando de sua caverna movida pelas asas da vingança, porque Emile continuava gostando dela como sempre, assim como se mantinha fiel à sua própria identidade imutável, e tinha sido ela quem insistira para os dois se casarem.

Depois de um acordo amigável, ela deixou a cozinha dele e foi trabalhar para um concorrente, o Ardennes, que precisava de um subchef de cozinha e, na opinião dela, era superior ao Café Louche em tudo, menos na arte de ser excelente sem aparentar esforço. (O virtuosismo sem ostentação era, sem dúvida, o maior talento de Emile.)

No Ardennes ela adquiriu o desejo de estrangular a jovem responsável pela preparação de saladas e outros pratos frios. Essa mulher, Becky Hemerling, era uma formanda do instituto de culinária com cabelos louros ondulados, um corpo miúdo sem relevo e a pele clara que o calor da cozinha deixava escarlate. Tudo que dizia respeito a Becky Hemerling virava o estômago de Denise — seus estudos de culinária (Denise era autodidata e achava que era este o único caminho), seu excesso de familiaridade com os cozinheiros mais experientes (especialmente com Denise), sua adoração declarada por Jodie Foster, as frases imbecis de suas camisetas com desenhos de peixes e bicicletas, seu excesso de uso da palavra “porra” para efeito de intensificação, sua deliberada “solidariedade” lésbica para com os “latinos” e os “asiáticos” que trabalhavam na cozinha, suas generalizações sobre “a direita”, o “Kansas” e “Peoria”, sua facilidade para emitir expressões como “homens e mulheres afro-

descendentes”, toda aquela aura radiosa de segurança que ela tirava da aprovação de educadores que gostariam de ser tão marginalizados, vitimizados e livres de culpa quanto ela. *O que esta pessoa está fazendo na minha cozinha?*, perguntava-se Denise. Cozinheiros não deviam ser politizados. Os cozinheiros eram as mitocôndrias da humanidade; tinham um DNA à parte, flutuavam nas células e forneciam-lhes energia, mas não *pertenciam* propriamente a elas. Denise suspeitava que Becky Hemerling tinha escolhido a vida de cozinheira com fins de afirmação política: tornar-se uma garota durona, capaz de enfrentar os homens. Era uma motivação que Denise detestava ainda mais por reconhecê-la presente em si mesma, ainda que em menor escala. Hemerling tinha um modo de encará-la que sugeria que ela (Hemerling) a conhecia melhor do que ela própria — uma insinuação enfiada e impossível de refutar ao mesmo tempo. Acordada à noite ao lado de Emile, Denise imaginava-se apertando o pescoço de Hemerling até fazer seus olhos azuis saltarem das órbitas. Imaginava-se apertando a traquéia de Hemerling com os polegares até fazê-la estalar.

E então, certa noite, adormeceu e sonhou que estava estrangulando Becky e que Becky não ligava. Os olhos azuis de Becky, na verdade, sugeriam liberdades mais ousadas. As mãos da estranguladora relaxaram e percorreram o queixo de Becky, passando por suas orelhas, até a pele macia de suas têmporas. Os lábios de Becky se abriram e seus olhos se fecharam, como que em êxtase, enquanto a estranguladora encostava as pernas nas pernas dela e seus braços nos braços dela...

Denise não se lembrava de ter tido tanta pena de acordar de um sonho como aquela vez.

“Se uma sensação como essa pode acontecer num sonho”, pensou ela, “também deve ser possível na realidade.”

Enquanto seu casamento naufragava — enquanto ela se transformava, para Emile, em mais uma seguidora banal da moda tentando agradar os fregueses do Ardennes, e enquanto ele se transformava, para ela, no pai que ela traía com cada palavra que dizia ou deixava de dizer —, ela se consolava com a idéia de que seu problema com Emile era o fato de ele ser homem. Aquela idéia atenuava a sua culpa. Ajudou-a com o terrível Anúncio que precisava enfrentar, fez Emile sair de casa e a arremessou a um primeiro encontro incrivelmente desajeitado com Becky Hemerling. Cismou que era gay, aferrou-se a essa convicção e, assim, poupou-se da culpa a ponto de poder deixar Emile sair de casa, de conseguir conformar-se com a idéia de comprar a parte dele e ficar, de permitir que ele levasse aquela vantagem moral.

Infelizmente, assim que ele partiu, Denise se arrependeu. Ela e Becky tiveram uma lua-de-mel adorável e instrutiva, e logo começaram a brigar. E a brigar, e a brigar. A vida de suas brigas, como a vida sexual que a precedera por tão pouco, era um verdadeiro ritual. Brigavam em torno da razão para brigarem

tanto, de quem seria a culpa. Brigavam na cama tarde da noite, buscavam forças em reservas insuspeitadas de alguma coisa semelhante à libido, acordavam de ressaca toda manhã de tanto brigar. Brigavam até esgotar seus pequenos cérebros. Brigavam, brigavam, brigavam. Brigavam na escada, brigavam em público, brigavam nos bancos do carro. E embora encontrassem um alívio freqüente — crises culminando em gritos, caras vermelhas, portas batidas com força, paredes chutadas, mergulhos em choros paroxísticos — o tesão pelo combate nunca cedia por muito tempo. Era ele que as mantinha unidas, fazendo-as superar a antipatia mútua. Assim como a voz, ou o cabelo, ou a curva do quadril de uma amante que desencadeasse a necessidade de parar com tudo aquilo para trepar, Becky tinha um estoque de provocações que tinham o efeito garantido de fazer disparar as pulsações cardíacas de Denise. A pior era sua afirmativa de que Denise, no fundo, era uma verdadeira lésbica, coletivista de esquerda, mas simplesmente não tinha consciência disso.

“Você é tão incrivelmente alienada de si mesma”, dizia Becky. “Você é *evidentemente* sapatão. E é *evidente* que sempre foi.”

“Eu não sou coisa nenhuma”, dizia Denise. “Sou simplesmente eu.”

Acima de tudo, ela queria ser uma pessoa reservada, um indivíduo independente. Não queria pertencer a nenhum grupo, quanto mais a um grupo com aqueles cortes de cabelo horrendos e estranhos hábitos de vestuário marcados pelo ressentimento. Não queria um rótulo, não queria um estilo de vida, e foi assim que se viu de volta ao mesmo ponto de onde tinha partido, querendo estrangular Becky Hemerling.

Teve a sorte (do ponto de vista do gerenciamento da culpa) de seu divórcio já estar em andamento antes de ela e Becky terem a derradeira e insatisfatória briga. Emile se mudara para Washington a fim de cuidar da cozinha do Hortel Belinger, ganhando rios de dinheiro. O Fim de Semana das Lágrimas, quando ele voltou à Filadélfia de camionete e os dois dividiram seus bens materiais e embalsamaram a parte dele, só acabou depois de Denise decidir, em reação a Becky, que no final das contas não era nada lésbica.

Deixou o Ardennes e tornou-se chef de cozinha do Mare Scuro, um restaurante novo de frutos do mar ao estilo adriático. Passou um ano recusando-se a sair com todos os homens que a convidavam, não só porque não estava interessada (eram garçons, fornecedores, vizinhos) mas também porque temia ser vista em público com um homem. Morria de medo do dia em que Emile ficasse sabendo (ou de que ela precisasse contar-lhe, para que ele não descobrisse por acidente) que ela estava gostando de outro homem. O melhor era trabalhar duro e não ver ninguém. A vida, na experiência dela, tinha uma espécie de lustro de veludo. Quando ela se olhava de uma certa perspectiva, via muita estranheza. Se deslocasse um pouco a cabeça, porém, tudo adquiria uma aparência razoavelmente normal. Ela acreditava que não poderia magoar

ninguém caso se limitasse a trabalhar.

Numa luminosa manhã de maio, Brian Callahan chegou à casa dela na Federal Street a bordo de sua perua Volvo, que tinha a cor de sorvete de pistache. Se você fosse comprar um Volvo usado, verde-claro era a melhor cor, e Brian era o tipo de pessoa que jamais compraria um carro usado de classe sem que fosse da cor certa. Agora que ele tinha ficado rico, é claro que podia ter mandado pintar qualquer carro da cor que ele quisesse. Mas, como Denise, Brian era o tipo de pessoa que considerava isso um recurso desonesto.

Quando ela entrou no carro, ele perguntou se podia vender os olhos dela. Ela olhou para o lenço preto que ele tinha nas mãos. Olhou para sua aliança de casado.

“Pode confiar em mim”, disse ele. “A surpresa vai valer a pena.”

Antes mesmo de vender a Eigenmelody por dezenove milhões e meio de dólares, Brian deslocava-se pelo mundo como um *golden retriever*. Seu rosto era carnudo e menos que bonito, mas tinha olhos azuis irresistíveis, cabelos cor de areia e sardas de garotinho. Tinha a aparência exata do que era — um ex-jogador de lacrosse de Haverford, um sujeito basicamente decente com quem nada jamais tinha acontecido e a quem portanto ninguém queria decepcionar.

Denise deixou que ele tocasse em seu rosto. Deixou as mãos grandes dele invadirem seu cabelo e atarem o nó, deixou que ele a subjugasse.

O motor da perua cantava o trabalho que dava impelir um monte de metal por uma estrada. Brian estava tocando um disco de um conjunto de mulheres em seu aparelho de som removível. Denise gostou da música, mas aquilo não a surpreendia. Brian parecia decidido a só tocar, dizer e fazer coisas de que ela gostava. Tinha passado as últimas três semanas ligando para ela e deixando recados em voz baixa. (“Oi, sou eu.”) Ela via o amor dele se aproximar como um trem, e gostava daquilo. Ficava vicariamente mobilizada por ele. Ela não confundia aquela mobilização com atração (Hemerling, pelo menos, tinha deixado Denise desconfiada de seus sentimentos), mas não conseguia deixar de torcer por Brian em sua corrida atrás dela; e se vestira, naquela manhã, de maneira coerente com isso. A maneira como ela se vestira era desleal.

Brian perguntou-lhe o que ela achava da canção.

“É.” Encolheu os ombros, testando os limites da vontade dele de agradar. “É legal.”

“Estou pasmo”, disse ele. “Achei que você ia adorar.”

“Na verdade eu adorei.”

E ela pensou: *O que é que eu estou fazendo?*

Estavam numa estrada ruim, com calçamento de pedra em alguns trechos. Atravessaram trilhões de trem e um trecho ondulante de cascalho. Brian parou o carro. “Dei um sinal de um dólar pela opção para comprar este lugar”, disse ele. “Se você não gostar, perdi um dólar.”

Ela pôs a mão na venda. “Vou tirar isto.”

“Não. Estamos quase lá.”

Ele pegou o braço dela sem segundas intenções e conduziu-a através do cascalho quente até uma sombra. Ela sentia o cheiro do rio, sentia o silêncio de sua proximidade, seu alcance líquido de engolidor de sons. Ouviu chaves e um cadeado, o rangido agudo de dobradiças pesadas. O ar frio industrial vindo de um reservatório fechado correu por cima de seus ombros nus e entre suas pernas nuas. O cheiro era de uma caverna sem conteúdo orgânico.

Brian conduziu-a pela subida de quatro lances de escadas de metal, abriu o cadeado de mais uma porta e a fez entrar num espaço mais quente onde o eco tinha uma amplitude de estação de trem ou de catedral. O ar tinha o gosto do mofo seco que se alimentava de mofo seco que se alimentava de mofo seco.

Quando Brian retirou-lhe a venda, ela descobriu imediatamente onde estava. Nos anos setenta, a Companhia de Eletricidade de Filadélfia, a PECO, tinha paralisado suas sujas usinas termelétricas a carvão — prédios majestosos, como aquele logo ao sul de Center City, que faziam com que Denise reduzisse a velocidade sempre que passava por eles. O espaço era claro e vasto. O teto ficava a vinte metros de altura, e fileiras de janelas altas como as de Chartres riscavam as paredes voltadas para o norte e para o sul. O piso de concreto tinha sido repetidamente remendado e profundamente marcado por materiais ainda mais duros; era antes um terreno do que um piso. No centro ficavam os restos exoesqueléticos de duas unidades de caldeira-e-turbina que pareciam dois grilos do tamanho de casas, despojados das pernas e das antenas. Formas oblongas negras e erodidas que tinham perdido a capacidade de geração elétrica. Na ponta do espaço que dava para o rio, havia alçapões gigantescos por onde antigamente entrava o carvão e saíam as cinzas. Vestígios de calhas e escadas ausentes clareavam trechos das paredes escurecidas pela fuligem.

Denise fez um gesto com a cabeça. “Não dá para fazer um restaurante aqui.”

“Eu estava com medo que você dissesse isso.”

“Você já vai começar a perder o seu dinheiro antes de me dar a chance de perdê-lo para você.”

“Pode ser que eu consiga um empréstimo bancário também.”

“Para não falar do amianto e dos organoclorados que já estamos inalando.”

“Está enganada”, disse Brian. “Este lugar não estaria à venda se estivesse incluído no programa de limpeza ambiental. Sem esse dinheiro, a PECO não tem como demolir o lugar. Está limpo demais.”

“Pior para a PECO.” Ela se aproximou das turbinas, adorando o lugar sem levar em conta o quanto seria ou não aproveitável. A decadência industrial da Filadélfia, os encantos decadentes da Oficina do Mundo, a sobrevivência de megarruínas numa época em que tudo é micro: reconheceu que tal sensação se devia ao fato de ter nascido numa família de gente mais velha, que guardava lá

com naftalina e coisas de ferro em antigos caixotes no porão. Todo dia ia à escola na mais radiante modernidade e, ao voltar para casa, sempre retornava a um mundo mais frio e mais escuro.

“Não dá para aquecer, não dá para refrigerar”, disse ela. “É um pesadelo em matéria de conta de luz.”

Brian, como um bom *retriever*, olhava para ela com uma expressão concentrada. “Meu arquiteto disse que dá para fazer um piso ao longo de toda a fileira sul de janelas. Dá uns quinze metros. Vidro dos três outros lados. A cozinha fica por baixo. Fazemos uma limpeza a vapor nas turbinas, penduramos alguns refletores, e deixamos o espaço central exatamente como está.”

“Vai ser uma tremenda perda de capital.”

“Repare que não há pombos”, disse Brian. “E nem poças d’água.”

“Mas calcule os gastos de um ano para conseguir as licenças, mais um ano para as reformas, mais um ano para as inspeções. É muito tempo, pagando o meu salário por nada.”

Brian respondeu que tinha a intenção de inaugurar o restaurante em fevereiro. Tinha amigos arquitetos e construtores, e não previa qualquer problema com o “L&I” — o temido departamento municipal de Licenças e Inspeções. “O diretor”, disse ele, “é amigo do meu pai. Jogam golfe toda quinta-feira.”

Denise riu. A ambição e a competência de Brian, para usar uma expressão de sua mãe, deixavam-na “arrepiaada”. Olhou para o alto das janelas em forma de arco. “Não sei que tipo de comida você acha que vai funcionar num lugar assim.”

“Decadente e grandiosa. Este problema é seu.”

Quando voltaram para o carro, cuja cor verde combinava tão bem com as ervas que cresciam em torno do estacionamento vazio de cascalho, Brian perguntou-lhe se ela já tinha feito planos para a viagem à Europa. “Você precisa passar pelo menos dois meses”, disse ele. “E há uma razão especial para isso.”

“Qual?”

“Se você for, eu posso ir te encontrar por umas duas semanas. Quero comer a mesma coisa que você. Saber o que você pensa.”

Revelou seu interesse de um modo desconcertante. Quem não gostaria de passear pela Europa com uma bela mulher que entendia de comida e vinhos? Se ela, Denise, e não ele, fosse a pessoa de sorte, ele ficaria tão encantado por ela como esperava que ela, agora, ficasse encantada por ele. Era este o tom que ele empregava.

A parte de Denise que suspeitava que o sexo com Brian poderia ser melhor do que já tinha sido com outros homens, a parte dela que reconhecia nele a sua própria ambição, concordou em passar seis semanas na Europa e encontrar-se com ele em Paris.

A outra parte dela, a mais desconfiada, disse: “E quando é que vou conhecer a sua família?”.

“Que tal este fim de semana? Venha nos visitar em Cape May.”

Cape May, Nova Jersey, compunha-se de um núcleo de bangalôs vitorianos excessivamente decorados e elegantemente descuidados cercados pelos novos loteamentos, em forma de circuito impresso, dos novos-ricos. Naturalmente, sendo os pais de Brian, os Callahan possuíam um dos mais belos bangalôs antigos. Atrás ficava a piscina para os fins de semana do início do verão, quando o mar ainda estava gelado. Foi lá que Denise, ao chegar no fim de uma tarde de sábado, encontrou Brian e suas filhas tomando sol enquanto uma mulher com cabelos cinza-rato, coberta de suor e ferrugem, atacava uma mesa de ferro fundido com uma escovinha de aço.

Denise esperava que a mulher de Brian fosse irônica e elegante, uma verdadeira beldade. Robin Passafaro usava calças de moletom amarelo, um gorro de pintor, uma camisa do time dos Phillies, de um vermelho que não combinava com ela, e óculos horrendos. Limpou a mão nas calças e estendeu-a para Denise. Seu cumprimento foi esganiçado e estranhamente formal: “Muito prazer em conhecê-la”. E voltou imediatamente ao seu trabalho.

Também não gosto de você, pensou Denise.

Sinéad, uma menina magrinha e bonita de uns dez anos, estava sentada no trampolim com um livro no colo. Acenou atenciosamente para Denise. Erin, a menina mais jovem e mais corpulenta, com os fones de ouvido, estava debruçada numa mesa de jardim com a testa franzida, concentrada. E deu um assobio baixo.

“Erin está aprendendo o canto dos pássaros”, disse Brian.

“Por quê?”

“Na verdade, não tenho a menor idéia.”

“Uma pega”, anunciou Erin. “Queg-queg-queg-queg?”

“Boa hora para parar com isso”, disse Brian.

Erin tirou os fones de ouvido, correu para o trampolim e tentou empurrar a irmã para fora do caminho. O livro de Sinéad quase caiu na água. E ela o salvou com um gesto elegante. “Papai!”

“Meu amor, isso aí é um trampolim, e não uma cadeira de leitura.”

Havia um ritmo cocaineizado na escovação de Robin. Seu trabalho parecia concentrado e ressentido, deixando os nervos de Denise em alerta. Brian, também, suspirou ao olhar para a mulher. “Você já está acabando?”

“Quer que eu pare?”

“Acho que seria bom, sim.”

“Oquei.” Robin largou a escova e saiu andando na direção da casa. “Denise, quer alguma coisa para beber?”

“Um copo d’água, obrigada.”

“Erin, escute”, disse Sinéad. “Eu vou ser um buraco negro e você uma anã vermelha.”

“Eu quero ser o buraco negro”, disse Erin.

“Não, o buraco negro sou eu. A anã vermelha fica rodando em volta e vai sendo atraída aos poucos pelas violentas forças gravitacionais. O buraco negro fica só ali parado, lendo.”

“E nós colidimos?”, perguntou Erin.

“Colidem”, interpôs-se Brian, “mas nenhuma informação sobre o evento chega ao mundo exterior. É uma colisão perfeitamente silenciosa.”

Robin reapareceu usando um maiô inteiro preto. Com um gesto quase grosseiro, entregou a água a Denise.

“Obrigada”, disse Denise.

“De nada!”, respondeu Robin. Tirou os óculos e mergulhou na parte funda da piscina. Saiu nadando debaixo d’água enquanto Erin corria em volta da piscina e emitia gritos apropriados para uma estrela moribunda das classes M ou S. Quando Robin emergiu na parte rasa, dava uma impressão de nudez em sua quase-cegueira. E parecia-se mais com a esposa que Denise tinha imaginado — os cabelos correndo em cascatas pelos ombros, os malarres e as sobrancelhas escuras brilhando de umidade. Quando saiu da piscina, a água acumulou-se na bacia de seu maiô e escorreu entre os pêlos não depilados que apareciam em sua virilha.

Uma antiga confusão mal resolvida manifestou-se em Denise como uma crise de asma. Sentiu a necessidade de afastar-se dali e ir cozinhar.

“Trouxe todos os ingredientes necessários”, disse ela a Brian.

“Não me parece justo obrigar nossa convidada a trabalhar”, respondeu ele.

“Por outro lado, fui eu que me ofereci, e você está pagando o meu salário.”

“É verdade.”

“Erin, agora você é um micróbio patogênico”, disse Sinéad, escorregando para dentro d’água, “e eu vou ser um leucócito.”

Denise preparou uma salada simples com tomates-cereja vermelhos e amarelos. Preparou uma *quinoa* com manteiga e açafrão, e filés de linguado com uma guarnição colorida de mexilhões e pimentões grelhados. Já tinha quase acabado quando teve a idéia de espiar por baixo do papel de alumínio que cobria vários recipientes na geladeira. Encontrou uma salada verde, uma salada de frutas, um prato de espigas de milho e uma frigideira de (podia ser?) fatias de lombo de porco?

Brian estava tomando uma cerveja sozinho à beira da piscina.

“Havia um jantar na geladeira”, disse Denise. “Já havia um jantar.”

“Ai”, disse Brian. “Robin deve ter... deve ter sido na hora em que saí com as meninas para pescar.”

“Pois tem um jantar inteiro lá. E eu preparei um segundo jantar inteiro.”

Denise riu, bem chateada. “Vocês não se comunicam?”

“Não, na verdade, hoje não foi o dia mais comunicativo das nossas vidas. Robin tinha um trabalho a terminar do Projeto Horta, que ela queria ter ficado para fazer. Eu quase precisei arrastá-la para cá.”

“Que merda.”

“Escute”, disse Brian, “vamos comer o seu jantar agora, e o dela amanhã. A culpa é totalmente minha.”

“Sem dúvida!”

Encontrou Robin na outra varanda, cortando as unhas do pé de Erin. “Acabei de perceber”, disse ela, “que eu estava preparando o jantar e você já tinha preparado. Brian não me contou.”

Robin deu de ombros. “Tudo bem.”

“Não, eu fico realmente chateada com isso.”

“Tudo bem”, disse Robin. “As meninas estão animadas para comer o que você preparou no jantar.”

“Desculpe.”

“Tudo bem.”

No jantar, Brian estimulou sua tímida progênie a responder às perguntas de Denise. Cada vez que ela surpreendia uma das meninas olhando para ela, as duas baixavam os olhos e coravam. Sinéad, especialmente, parecia conhecer a manobra certa. Robin comeu depressa, com a cabeça baixa, e declarou que a comida era “saborosa”. Não ficou claro o quanto de sua animosidade visava Brian e o quanto visava Denise. Foi dormir logo depois das meninas, e de manhã já tinha saído para a missa quando Denise se levantou.

“Pergunta rápida”, disse Brian, servindo o café. “O que você acha de levar a mim e às meninas de volta para a Filadélfia hoje à noite no seu carro? Robin quer voltar cedo por causa do Projeto Horta.”

Denise hesitou. Sentiu que Robin a empurrava francamente para os braços de Brian.

“Não tem o menor problema se você não quiser”, disse ele. “Ela se dispôs a pegar um ônibus e deixar o carro conosco.”

Um *ônibus*? Um *ônibus*?

Denise riu. “Não, claro, eu levo vocês.” E acrescentou, ecoando Robin: “Tudo bem!”.

Na praia, enquanto o sol calcinava as nuvens metálicas da costa, ela e Brian ficaram olhando Erin furar as ondas e Sinéad cavar uma cova rasa.

“Eu vou ser Jimmy Hoffa”, disse Sinéad, “e vocês vão ser a Máfia.”

Colaboraram no sepultamento da menina na areia, alisando as curvas de seu monte fúnebre, tapando as irregularidades do corpo vivo que havia debaixo da areia. O monte era geologicamente ativo e apresentava pequenos abalos, redes de fissuras que se espalhavam a partir do movimento de subida e descida da

barriga de Sinéad.

“Só agora estou me dando conta”, disse Brian, “que você foi casada com Emile Berger.”

“Você conhece Emile?”

“Não em pessoa, mas eu conhecia o Café Louche. Comia lá sempre.”

“Éramos nós dois.”

“Dois egos bem grandes para uma cozinha tão pequena.”

“De fato.”

“Você sente falta dele?”

“Meu divórcio foi a maior infelicidade da minha vida.”

“É uma resposta”, disse Brian, “mas não para a minha pergunta.”

Sinéad destruía seu sarcófago aos poucos, de dentro para fora, os dedos dos pés mexendo-se para chegar à luz, a erupção de um joelho, dedos rosados brotando da areia úmida. Erin atirou-se numa poça de areia e água, levantou-se e tornou a se atirar.

Eu podia começar a gostar dessas meninas, pensou Denise.

Em casa, à noite, ligou para a mãe e ficou ouvindo, como fazia todo domingo, a litania de Enid sobre os pecados de Alfred contra uma atitude saudável, contra as ordens médicas, contra as ortodoxias circadianas, contra os princípios estabelecidos da verticalidade diurna, contra as regras comuns acerca de escadas, contra tudo que era otimista e apegado à diversão na natureza de Enid. Depois de quinze torturantes minutos, Enid concluiu: “E você, como vai?”

Depois do divórcio, Denise decidira contar menos mentiras para a mãe, e obrigou-se a contar a verdade sobre seus invejáveis planos de viagem. Omitiu apenas o fato de que iria viajar pela França com o marido de outra pessoa; o fato em si já irradiava suficiente complicação.

“Ah, bem que eu gostaria de ir também!”, disse Enid. “Adorei a Áustria.”

Denise convidou-a corajosamente: “E por que você não tira um mês e vem comigo?”

“Denise, não tenho como deixar o meu pai sozinho.”

“Ele também pode vir.”

“Você sabe o que ele vai dizer. Desistiu de viagens por terra. Tem tantos problemas com as pernas. Vá você, e divirta-se por mim. Dê lembranças minhas à minha cidade favorita. E não deixe de ir visitar Cindy Meisner. Ela e Klaus têm um chalé em Saint Moritz e um apartamento imenso e muito elegante em Viena.”

Para Enid, a Áustria era “O Danúbio Azul” e “Edelweiss”. As caixinhas de música de sua sala de estar, com seus adornos florais e alpinos marchetados, eram todas de Viena. Enid gostava de contar que a mãe de sua mãe era “vienense”, porque aquilo era sinônimo, para ela, de “austriaco”, o que por sua vez significava “nascido no ou relativo ao Império Austro-Húngaro” — um

império que, à época do nascimento de sua avó, ocupava terras que iam do norte de Praga até pouco ao sul de Sarajevo. Denise, que na infância ficara apaixonada por Barbra Streisand em *Yentl* e que na adolescência mergulhara nas obras de I. B. Singer e Sholem Aleichem, uma vez tentara extorquir de Enid a confissão de que a avó em questão pudesse na verdade ter sido judia. O que, assinalou em triunfo, faria dela e de Enid judias por descendência matrilinear direta. Mas Enid, recuando às pressas, disse que não, não, sua avó era *católica*.

Denise tinha um interesse profissional por certos sabores da cozinha de sua avó — costeletas e chucrute, groselhas e outras frutas silvestres, bolinhos, trutas e embutidos. O problema culinário era tornar aquela robustez centro-européia palatável a mulheres miúdas. Os portadores de Titanium Card não queriam fatias wagnerianas de chucrute, as bolas macias de *Semmelknödel* e nem alpes de *Schlag*. Podia ser que comessem, talvez, um chucrute. Um prato apropriado para moças de pernas finas: baixo teor de gordura, sabor forte, versátil, capaz de combinar com carne de porco, com ganso, com galinha, com castanhas, pronta para um mergulho cru acompanhando *sashimi* de cavallinha ou enchova defumada...

Cortando seus últimos laços com o Mare Scuro, ela voou para Frankfurt na qualidade de empregada de Brian Callahan, com um cartão American Express sem limite de despesas. Na Alemanha, dirigia a cento e sessenta quilômetros por hora e ainda assim carros encostavam atrás dela piscando os faróis altos. Em Viena, procurou uma Viena que não existia mais. Não comeu nada que ela própria não fosse capaz de preparar melhor; certa noite comeu *Wiener Schnitzel* e pensou, sim, um *Wiener Schnitzel* de verdade, certo. Sua idéia da Áustria era muito mais nítida do que a Áustria propriamente dita. Foi ao Kunsthistorisches Museum e à Filarmônica; repreendeu-se por ser uma péssima turista. Ficou tão entediada e solitária que finalmente ligou para Cindy von Kippel (*née* Meisner) e aceitou um convite para jantar em seu apartamento de dezessete aposentos na Ringstrasse.

O corpo de Cindy engrossara na cintura e tinha uma aparência, na opinião de Denise, bem pior do que precisava ter. Seus traços estavam enterrados debaixo de uma camada de base, ruge e batom. Suas calças pretas de seda eram largas nos quadris e apertadas nos tornozelos. Encostando o rosto no dela e suportando o ataque de lacrimogênio do perfume de Cindy, Denise ficou surpresa ao detectar um hálito bacteriano.

O marido de Cindy, Klaus, tinha os ombros muito largos, os quadris estreitos e uma bunda que era fascinante de tão pequena. A sala de estar dos Von Kippel tinha meio quarteirão de comprimento e era mobiliada com poltronas e cadeiras douradas arrumadas de maneira a liquidar qualquer sociabilidade. Watteau ancestrais pendiam das paredes, assim como a medalha de bronze olímpica de

Klaus, montada e emoldurada, por baixo do candelabro maior.

“O que está aqui é só uma réplica”, disse Klaus a Denise. “A medalha original está guardada num cofre.”

Num aparador estilo Luís XIV havia uma travessa com discos de pão, um peixe defumado com a consistência de pedaços de atum em lata e um pedaço nada grande de queijo Emmenthal.

Klaus pegou uma garrafa num balde prateado e serviu Sekt com um gesto rebuscado. “Para a nossa peregrina culinária”, disse ele, levantando a taça. “Bem-vinda à cidade santa de Viena.”

O Sekt era doce, tinha gás em excesso e um sabor notavelmente parecido com o de Sprite.

“Que bom que você está aqui!”, exclamou Cindy. Estalou freneticamente os dedos, e uma criada entrou correndo por uma porta lateral. “Annerl, meu bem”, disse Cindy com uma voz ainda mais infantil, “lembra-se que eu pedi para você servir o pão de centeio, e não o pão branco?”

“Sim, senhora”, respondeu Annerl, uma criada de meia-idade.

“Agora já é tarde demais, porque eu queria servir o pão branco mais tarde, mas queria que você levasse o pão branco de volta e trouxesse o pão de centeio! E talvez daqui a pouco mandasse alguém ir comprar mais pão branco!” Cindy explicou para Denise: “Ela é um amor, mas tão bobinha! Não é, Annerl? Você não é bobinha?”

“Sim, senhora.”

“Bem, você deve saber como é, você é chef de cozinha”, disse Cindy a Denise quando Annerl saiu. “Deve ser ainda pior para você, a burrice das pessoas.”

“A *arrogância* e a burrice”, disse Klaus.

“Você diz para a pessoa o que ela precisa fazer”, disse Cindy, “e ela vai e faz uma coisa totalmente diferente! É tão frustrante! Tão frustrante!”

“Minha mãe mandou muitas lembranças”, disse Denise.

“Sua mãe é uma graça. Sempre me tratou tão bem. Klaus, sabe a casinha pequenininha em que a minha família morava (muito tempo atrás, quando eu era uma menina bem pequenininha), bem, os pais de Denise eram nossos vizinhos. Minha mãe e a mãe dela ainda são muito amigas. Os seus pais ainda estão morando na mesma casa, não é?”

Klaus deu um riso áspero e virou-se para Denise. “Sabe qual é o coisa que eu mais *detesta* em Saint Jude?”

“Não”, disse Denise. “O que é a coisa que você mais detesta em Saint Jude?”

“A falsa democracia. As pessoas de Saint Jude fazem de conta que são todos iguais. É tudo muito *bonito*. Bonito, bonito, bonito. Mas nem todas as pessoas são parecidas. De jeito nenhum. Existem as diferenças de classe, as diferenças de raça, diferenças econômicas enormes e decisivas, mas nisso ninguém se

comporta com honestidade. Todo mundo finge! Já reparou?”

“Você está falando”, perguntou Denise, “das diferenças entre a minha mãe e a mãe de Cindy?”

“Não, eu não conheço a sua mãe.”

“Klaus, não é verdade!”, disse Cindy. “Você conheceu a mãe de Denise. Três anos atrás, na festa do Dia de Ação de Graças. Não lembra?”

“O problema é que todo mundo é igual”, explicou Klaus. “É o que estou dizendo. Como é que se pode distinguir as pessoas quando todo mundo finge que é igual?”

Annerl voltou com a triste travessa e um pão diferente.

“Aqui, experimente um pouco deste peixe”, propôs Cindy a Denise. “Não achou o champanhe ótimo? É diferente! Klaus e eu costumávamos beber champanhe mais seco, mas aí descobrimos este e adoramos!”

“O seco tem um *apelo* para os *esnobes*”, disse Klaus. “Mas a gente que conhece o Sekt sabe que este imperador, o *Extra-Trocken*, está nu.”

Denise cruzou as pernas e disse, “Minha mãe me disse que você é médico”.

“Já, medicina esportiva”, disse Klaus.

“Todos os melhores esquiadores procuram Klaus”, disse Cindy.

“É assim que eu pago minha dívida com a sociedade”, disse Klaus.

Embora Cindy tenha suplicado que ela ficasse, Denise escapou da Ringstrasse antes das nove e bateu em retirada de Viena na manhã seguinte, rumando para o leste através da neblina branca do vale do Médio Danúbio. Consciente de estar gastando o dinheiro de Brian, trabalhava até tarde todo dia, percorrendo Budapeste setor por setor, tomando notas em cada refeição, conferindo padarias e lojinhas e restaurantes escondidos resgatados à beira do esquecimento final. Chegou até a Rutênia, berço dos pais do pai de Enid, hoje uma extensão transcarpatiana da Ucrânia. Na paisagem que atravessava não havia qualquer sinal de *shtetl*. E nem qualquer judeu, salvo nas cidades maiores. Tudo tão duramente e duravelmente não-judeu quanto ela tinha se conformado em ser. A comida, de maneira geral, era rústica. As terras altas dos Cárpatos, exibindo em toda parte as cicatrizes da mineração de carvão e pechblenda, pareciam adequadas para o sepultamento em massa de corpos cobertos de cal em covas coletivas. Denise viu rostos que lembravam o dela, mas estavam fechados e prematuramente envelhecidos, nem uma palavra em inglês em seus olhos. Ela não tinha raízes. Aquela não era a sua terra.

Vouu para Paris e encontrou-se com Brian no saguão do Hôtel de Deux Îles. Em junho ele tinha falado da idéia de trazer toda a família, mas tinha vindo só. Usava calças americanas de algodão cáqui e uma camisa branca muito amassada. Denise estava se sentindo tão só que quase se atirou nos braços dele.

Que espécie de idiota, perguntou-se ela, deixa o marido ir para Paris com uma pessoa como eu?

Jantaram no La Cuillère Curieuse, um estabelecimento que tinha duas estrelas no Guia Michelin e, na opinião de Denise, estava experimentando além da conta. Ela não queria comer savelha crua e nem creme de papaya quando vinha à França. Por outro lado, estava bastante farta de *gush*.

Brian, seguindo sem restrições o julgamento dela, pediu que ela escolhesse o vinho e a comida para os dois. Quando chegou o café, ela perguntou a ele por que Robin não tinha vindo com ele para Paris.

“É a primeira colheita de abobrinha do Projeto Horta”, respondeu ele com uma amargura nada característica.

“Para algumas pessoas, viajar é trabalhoso demais”, disse Denise.

“Não era para Robin”, disse Brian. “Costumávamos fazer grandes viagens, pelo Oeste. E agora que podemos pagar ela não quer mais. Parece que entrou em greve contra o dinheiro.”

“Deve ser um certo choque, passar a ter tanto dinheiro assim de uma hora para outra.”

“Escute, eu só quero me divertir com esse dinheiro”, disse Brian. “Não quero virar outra pessoa. Mas também não vou vestir pano de saco.”

“É isto que Robin está fazendo?”

“Ela anda infeliz desde o dia em que eu vendi a companhia.”

Bem, vamos arranjar uma ampulheta, pensou Denise, e ver quanto tempo esse casamento ainda dura.

Ela esperou em vão, enquanto caminhavam ao longo do *quai* depois do jantar, que Brian roçasse a mão na dela. Ele estava sempre olhando para ela esperançoso, como que para ter certeza de que ela não se opunha à sua intenção de parar na vitrine de uma certa loja ou entrar por uma pequena transversal. Ele tinha um modo canino e feliz de buscar aprovação sem parecer inseguro. Descrevia seus planos para o Generator como se fosse uma festa que tinha quase certeza de que ela iria apreciar. Claramente convencido, da mesma forma, que estava fazendo uma Coisa Legal, que ela desejava, manteve higienicamente sua distância dela quando se despediram no saguão do hotel.

Ela suportou dez dias dessa afabilidade. No final, já não agüentava mais ver-se nos espelhos, seu rosto parecia-lhe tão devastado, seus peitos tão caídos, seus cabelos tão crespos, suas roupas tão batidas. Basicamente, estava *chocada* de ver aquele marido infeliz resistir a ela daquele modo. Muito embora tivesse boas razões para resistir! Era pai de duas meninas lindas! E ela, afinal, era empregada dele! Respeitou a resistência dele, acreditou que era assim que os adultos deviam se comportar, e ficou extremamente infeliz.

Aplicou sua força de vontade à tarefa de evitar sentir-se acima do peso e começar a passar fome. Para dificultar, estava farta de almoçar e jantar todo dia, e só queria fazer lanches. Baguetes, pêssegos, queijo de cabra e café. Detestava Robin por ter um marido em quem podia confiar. Destestava Robin

por sua grosseria em Cape May. Amaldiçoava Robin em silêncio, chamava Robin de vaca e ameaçava comer, comer o marido dela. Muitas noites, depois do jantar, pensou na possibilidade de violar sua ética tortuosa e tomar a iniciativa com Brian (porque ele havia com certeza de curvar-se ao julgamento dela; com certeza, tendo a permissão dela, ele pularia em sua cama ofegante, sorrindo e lambendo suas mãos), mas finalmente sentiu-se abalada demais por seus cabelos e suas roupas. Estava pronta para voltar para casa.

Duas noites antes de irem embora, ela bateu à porta do quarto de Brian antes do jantar. Ele a puxou para dentro e a beijou.

Não tinha dado qualquer aviso daquela mudança de planos. Ela visitou o confessionário de sua cabeça e pôde afirmar, “Nada! Não fiz nada! Bati na porta e pronto, dali a pouco ele já estava de joelhos”.

De joelhos, ele apertou as mãos dela contra seu rosto. Ela olhou para ele como tinha olhado para Don Armour anos atrás. O desejo dele trouxe um alívio tóxico e refrescante para a secura, as rachaduras, a tensão de todo o corpo, de toda a pessoa dela. E ela o acompanhou até a cama.

Naturalmente, sendo bom em tudo, Brian sabia beijar. Tinha o estilo oblíquo de que ela gostava. Ela murmurou, ambigualmente: “Adoro o seu gosto”. Ele passou as mãos em todos os lugares onde ela queria que ele as passasse. Ela desabotoou sua camisa, como a mulher sempre faz num certo ponto. Ela lambeu o mamilo dele com os meneios simples e firmes de um gato que se limpa. Pousou a mão com prática, em concha, no calombo das calças dele. Estava sendo linda e avidamente adúltera, e sabia disso. Embarcou em trabalhos de fivela, em projetos de ganchos e botões, em labutas de elásticos, até começar a crescer dentro dela, mal discernível mas logo distinto, e em seguida não só distinto como cada vez mais doloroso em sua pressão sobre seu peritônio, seus olhos e artérias e meninges, um balão do tamanho de um corpo, com o rosto de Robin, dizendo que aquilo estava *errado*.

A voz de Brian soava em seu ouvido, perguntando-lhe sobre proteção. Ele tinha confundido aquele desconforto dela com transportes, seus gestos defensivos com um convite. Ela esclareceu as coisas rolando para fora da cama e acorcorando-se num dos cantos do quarto de hotel. Disse que não podia.

Brian sentou-se na cama sem responder. Ela arriscou um olhar e constatou que era dotado daquilo que se esperava de um homem que tinha tudo. Desconfiou que tão cedo não conseguiria esquecer a visão do pau dele. Que estaria vendo aquele pau quando fechasse os olhos, nos momentos mais inconvenientes, nos contextos mais absurdos.

Pediu-lhe desculpas.

“Não, você tem razão”, disse Brian, curvando-se ao julgamento dela. “Estou me sentindo péssimo. Nunca fiz nada assim antes.”

“A questão é que eu já fiz”, disse ela, para que ele não achasse que estava

simplesmente com medo. “Várias vezes. E não quero mais fazer.”

“Não, é claro, tem toda razão.”

“Se você não fosse casado... se eu não trabalhasse para você...”

“Escute, eu vou cuidar disso. Estou indo para o banheiro. Vou cuidar disso.”

“Obrigada.”

Parte dela pensava: *O que está havendo comigo?*

E outra parte dela pensava: *Pela primeira vez na vida, estou fazendo a coisa certa.*

Passou quatro noites sozinha na Alsácia, e tomou o avião de volta em Frankfurt. Ficou impressionada quando foi ver o progresso que a equipe de Brian tinha feito no Generator durante a sua ausência. A construção-dentro-da-construção já estava com a estrutura toda armada, e as lajes intermediárias já tinham sido concretadas. Já dava para ver como seria o efeito: uma bolha brilhante de modernidade em meio ao crepúsculo da indústria monumental. Embora ela fizesse fé em sua cozinha, a grandeza daquele espaço a deixava nervosa. Deveria ter insistido num espaço comum, em que sua comida pudesse brilhar por si mesma. Sentiu-se de algum modo seduzida e enganada — como se, sem que ela percebesse, Brian viesse competindo com ela por atenção. O tempo todo, daquele seu jeito afável, ele vinha manobrando para fazer com que o restaurante fosse seu, e não dela.

Ela viu-se assombrada, como temera, pela lembrança da imagem do pau dele. Sentia-se cada vez mais feliz por não tê-lo deixado enfiar aquilo nela. Além de todas as vantagens que ela também tinha, Brian tinha muitas outras que eram só dele. Era homem, era rico, tinha nascido do lado de dentro; não era tolhido pelas esquisitices e nem pelas opiniões fortes dos Lambert, era um diletante sem nada a perder além do dinheiro que tinha de sobra, e para fazer sucesso só precisava de uma boa idéia e de alguém (no caso ela) que fizesse o trabalho pesado. Que sorte ela tivera, naquele quarto de hotel, ao reconhecê-lo como adversário! Dois minutos mais e ela teria desaparecido. Teria se transformado em mais um fato na vida realmente divertida que ele levava; sua beleza, um reflexo do quanto ele era irresistível, seus talentos redundando na glória do restaurante dele. Que sorte ela tinha tido, que sorte.

Para ela, quando o Generator abrisse, se os críticos prestassem mais atenção no espaço do que na comida, ela teria *perdido* e Brian teria *vencido*. E por isso começou a trabalhar como uma louca. Assou costeletas de porco num forno de convecção até ficarem tostadas e as cortou bem finas, na direção da fibra, para deixá-las bem apresentadas, reduziu e escureceu o molho de *kraut* para revelar seu sabor acastanhado, térreo, repolhoíde, suíno, e enfeitou o prato com duas batatinhas testiculares, um núcleo de couves-de-bruxelas e uma colherada de feijões brancos cozidos no vapor que salpicou ligeiramente com alho torrado. Inventou extraordinárias linguiças brancas. Combinou um tempero de funcho,

batatas grelhadas e *rapini* amargosos com costeletas de porco fabulosas que comprava diretamente de um fazendeiro orgânico à moda dos anos sessenta, que abatia seus próprios animais e fazia suas próprias entregas. Levou o sujeito para almoçar e visitou sua propriedade no condado de Lancaster para conhecer os porcos em questão, examinou a dieta eclética a que eram submetidos (batatas-doces cozidas e asas de frango, bolotas de carvalho e castanhas) e conheceu o recinto à prova de som onde eram abatidos. Extraiu promessas de fidelidade de sua antiga equipe do Mare Scuro. Levou ex-colegas para sair, debitando tudo no American Express de Brian, avaliou a concorrência local (tranquilizadamente, em sua maioria nada fora do comum) e provou sobremesas para ver se valia a pena roubar o *chef pâtissier* de alguém. Realizou festivais solitários de comida, tarde da noite. Preparou chucrute em baldes de vinte litros no porão de sua casa. Experimentou usar repolho roxo e couve-rábano picada com molho de repolho, frutos de junípero e grãos de pimenta-do-reino. Acelerou a fermentação com lâmpadas de cem watts.

Brian ainda ligava para ela todo dia, mas não saía mais com ela em seu Volvo, e não tocava mais música para ela. Por trás de suas perguntas bem-educadas, Denise sentia uma perda do interesse. Ela recomendou um velho amigo dela, Rob Zito, para gerenciar o Generator, e quando Brian saiu com os dois para almoçar ficou apenas meia hora. Tinha um compromisso em Nova York.

Certa noite, Denise ligou para a casa dele e quem atendeu foi Robin Passafaro. As respostas entrecortadas de Robin — “Certo”, “Tudo bem”, “Sim”, “Eu digo a ele”, “Certo” — irritaram Denise a tal ponto que ela prolongou a ligação de propósito. E perguntou como ia o Projeto Horta.

“Bem”, respondeu Robin. “Vou dizer a Brian que você ligou.”

“Posso ir até aí um dia desses dar uma olhada?”

Robin respondeu com franca grosseria: “Por quê?”.

“Bem”, disse Denise, “é uma coisa de que Brian fala sempre” (mentira, ele quase nunca tocava no assunto), “é um projeto interessante” (na verdade, parecia utópico e meio doido), “e, sabe como é, eu adoro verduras e legumes.”

“Sei.”

“Quem sabe então, na tarde de sábado ou coisa assim.”

“Tudo bem.”

Um segundo depois, Denise bateu com o fone no gancho. Estava com raiva, entre outras coisas, do quanto tinha soado falsa para si mesma. “Eu podia ter comido o seu marido!”, disse ela. “E escolhi não comer! Que tal me tratar bem?”

Talvez, se ela fosse uma pessoa melhor, ela tivesse deixado Robin em paz. Talvez ela quisesse fazer Robin gostar dela simplesmente para negar-lhe a satisfação de desgostar dela — para ganhar aquele concurso de estima. Talvez

estivesse apenas aceitando uma provocação. Mas seu desejo de ser querida era de verdade. Vivia assombrada pela sensação de que Robin tinha estado naquele quarto de hotel com ela e com Brian; e pela sensação explosiva da presença de Robin dentro de seu corpo.

No último domingo da temporada de beisebol, passou oito horas cozinhando em casa, envolvendo trutas em filme plástico, combinando meia dúzia de saladas de repolho e combinando os sucos de rins refogados com bebidas interessantes. No fim do dia saiu para dar uma caminhada e, ao ver que tinha tomado o rumo oeste, atravessou a Broad Street para entrar no gueto de Point Breeze, onde ficava o projeto de Robin.

O tempo estava ótimo. O começo do outono na Filadélfia trazia perfumes de água fresca do mar e da maré cheia, quedas graduais da temperatura, a lenta abdicação das massas de ar úmido que mantinham a brisa costeira afastada durante todo o verão. Denise passou por uma velha senhora de roupão que olhava dois homens empoeirados descarregarem as compras do porta-malas de um Ford Pinto comido de ferrugem. Bloquetes de concreto eram o material mais usado ali para vedar as janelas. Havia LANC ONET S e PIZ AR S estripadas pelo fogo. Casas friáveis cujas cortinas eram feitas de lençóis. Extensões de asfalto recém-aplicado pareciam antes selar o destino da vizinhança do que prometer alguma renovação.

Denise não fazia questão de encontrar-se com Robin. Era quase melhor, de certo modo, marcar seu ponto de maneira sutil — deixar que Robin descobrisse através de Brian que ela se dera ao trabalho de caminhar até o Projeto.

Chegou a um quarteirão dentro de cujos limites demarcados por correntes havia pequenos montes de adubo orgânico e pilhas de vegetação murcha. No canto oposto do quarteirão, junto à última casa que ainda havia ali de pé, alguém estava trabalhando o solo pedregoso com uma pá.

A porta da frente da casa isolada estava aberta. Uma adolescente negra estava sentada a uma mesa que também continha um sofá quadriculado horrendo e um quadro-negro sobre rodinhas em que uma coluna de nomes (Lateesha, Latoya, Tyrell) era seguida de colunas de HORAS ACUMULADAS e DÓLARES ACUMULADOS.

“Cadê a Robin?”, disse Denise.

A menina acenou com a cabeça para a porta dos fundos da casa. “Está lá atrás.”

A horta era rudimentar mas tranquila. Pouca coisa parecia ter crescido ali além das abóboras e de suas primas, mas os canteiros de trepadeiras eram vastos e os cheiros de adubo e terra, e a brisa do mar do outono, estavam cheios de memórias da infância.

Robin passava entulho por uma peneira improvisada. Tinha braços finos e um metabolismo de beija-flor, e em vez de encher a pá de cada vez preferia pegar

um pouco de terra várias vezes. Estava usando um lenço de cabeça preto e uma camiseta imunda com a frase: CRECHES DE QUALIDADE: PAGUE AGORA OU PAGUE MAIS TARDE . Não deu a impressão de ficar nem surpresa nem satisfeita ao ver Denise.

“O projeto é enorme”, disse Denise.

Robin encolheu os ombros, segurando a pá com as duas mãos como se quisesse enfatizar que tinha sido interrompida.

“Quer ajuda?”, perguntou Denise.

“Não. Os meninos iam fazer isso, mas estão assistindo a um jogo na beira do rio. Só estou limpando.”

Jogou o entulho com força contra a peneira para que um pouco de terra passasse por ela. Presos na malha de metal, havia fragmentos de tijolo e cimento, glóbulos de piche, galhos de ailanto, títica de gato petrificada, rótulos de Bacardi e Yuengling presos a cacos de vidro.

“O que vocês plantaram?”, perguntou Denise.

Robin tornou a encolher os ombros. “Nada de muito impressionante.”

“O quê, por exemplo?”

“Abobrinhas e abóbora.”

“Eu uso os dois na cozinha.”

“É.”

“Quem é a moça?”

“Tenho alguns assistentes em meio expediente a quem eu pago salário. Sara está no primeiro ano da Temple.”

“E quem são os meninos que deveriam estar aqui?”

“Meninos da vizinhança, entre doze e dezesseis anos.” Robin tirou os óculos e limpou o suor do rosto com uma manga suja. Denise tinha esquecido, ou talvez jamais tivesse reparado, como ela tinha a boca bonita. “Recebem o piso-hora e mais verduras e legumes, e mais uma parte do dinheiro que o projeto ganhar.”

“Você desconta as despesas?”

“Eles iam ficar desestimulados.”

“É verdade.”

Robin olhou para o outro lado da rua, em direção a uma fileira de prédios mortos com cornijas de metal que enferrujavam. “Brian me disse que você é muito competitiva.”

“É mesmo?”

“Disse que nunca ia querer disputar uma queda-de-braço com você.”

Denise bambeou.

“Disse que nem morto ia querer ser o outro chefe junto de você na cozinha.”

“Disso não há perigo”, disse Denise.

“Disse que nem morto ia querer nem jogar palavras cruzadas com você.”

“Sei.”

“Que não ia querer nem jogar Imagem e Ação com você.”

Está bem, está bem, pensou Denise.

Robin estava respirando com força. “Seja como for.”

“É, seja como for.”

“Vou dizer por que eu não fui para Paris. Achei que Erin era pequena demais. Sinéad estava numa colônia de férias de arte, e eu tinha muito o que fazer aqui.”

“Sei.”

“E vocês iam querer passar o dia inteiro falando de comida. E Brian disse que era uma viagem de negócios. Então...”

Denise levantou os olhos da terra solta mas não conseguiu exatamente olhar Robin nos olhos. “Foram negócios.”

Robin, com os lábios trêmulos, disse “Tudo bem”.

Acima do gueto, uma flotilha de nuvens de fundo de cobre tinha batido em retirada para o noroeste. Era o momento em que o fundo azul do céu se acinzentava e ficava da mesma cor das formações de estratos à sua frente, quando a luz da noite e a luz do dia chegavam a um equilíbrio.

“Sabe, eu não gosto muito de homens”, disse Denise.

“O quê?”

“Eu disse que não durmo mais com homens. Desde que eu me divorciei.”

Robin franziu as sobrancelhas como se a informação não fizesse sentido para ela. “E Brian sabe disso?”

“Não sei. Eu nunca falei nada.”

Robin refletiu sobre a informação por algum tempo e então começou a rir. E disse “Hi, hi, hi!”, e disse “Ha, ha, ha!”. Seu riso soava alto e constrangedor e, ao mesmo tempo, aos olhos de Denise, adorável. E ecoava nos edifícios com as cornijas enferrujadas. “Coitado do Brian!”, disse ela. “Coitado do Brian!”

Imediatamente Robin ficou mais cordial. Pousou a pá e conduziu Denise por uma visita guiada da horta — “meu pequeno reino encantado”, como ela chamava. Descobrimo que tinha capturado o interesse de Denise, arriscou até um pouco de entusiasmo. Ali ficava o novo canteiro de aspargos, aqui duas fileiras de mudas de pereira e macieira que ela esperava plantar em espaldeira, ali a safra tardia de girassóis, abóboras amarelas e rábano. Naquele verão tinha plantado apenas as plantas mais confiáveis, na esperança de conquistar um núcleo sólido dos adolescentes locais e recompensá-los pelo ingrato trabalho infra-estrutural de preparar os canteiros, enterrar os canos, ajustar a drenagem e ligar cisternas de chuva ao telhado da casa.

“Na verdade, é um projeto egoísta”, disse Robin. “Eu sempre quis ter uma horta grande, e agora toda esta área central da cidade vai se transformar de novo em terra cultivada. Mas os meninos que precisavam mesmo estar trabalhando com as mãos e conhecendo o gosto de comida fresca são os que não vêm aqui.

Vivem trancados. Ou se drogando, ou fazendo sexo, ou enfiados em alguma sala de aula até as seis com um computador. Mas ainda estão numa idade em que brincar com terra tem alguma graça.”

“Mas menos graça do que o sexo ou as drogas.”

“Talvez não para noventa por cento deles”, disse Robin. “Mas para mim basta que exista alguma outra coisa para os outros dez por cento. Alguma alternativa que não tenha nada a ver com computadores. Eu quero que Sinéad e Erin se dêem com crianças diferentes delas. Quero que elas aprendam a trabalhar. Quero que saibam que trabalhar não é só apontar e clicar.”

“Admirável”, disse Denise.

Robin, enganando-se a respeito do tom dela, disse: “Tanto faz”.

Denise sentou-se no invólucro plástico de um fardo de musgo enquanto Robin se lavava e trocava de roupa. Talvez fosse porque podia contar nos dedos de uma das mãos quantas noites de sábados de outono tinha passado fora de uma cozinha desde os vinte anos, ou talvez porque alguma parte sentimental dela tivesse sido tomada pela idéia igualitária que Klaus von Kippel achava tão falsa em Saint Jude, mas sentiu que Robin Passafaro, moradora da cidade da Filadélfia a vida inteira, era como uma nativa do Meio-Oeste. O que significava *cheia de esperança, ou de entusiasmo, ou de espírito comunitário*.

Denise não estava tão empenhada, afinal de contas, em encontrar quem gostasse dela. Descobriu-se gostando de alguém. E quando Robin saiu e trancou a casa, Denise perguntou se teria tempo para jantar.

“Brian e o pai dele levaram as meninas para ver o jogo dos Phillies”, disse Robin. “Vão chegar do estádio empanturrados. Claro. Podemos jantar.”

“Tenho coisas na minha cozinha. Que tal?”

“Qualquer coisa. Você quem sabe.”

Em princípio, quando um chef de cozinha convida você para jantar, você se considera com sorte e se apressa em manifestar sua gratidão. Mas Robin parecia determinada a não se deixar impressionar.

A noite tinha caído. O ar na Catherine Street cheirava ao último fim de semana da temporada de beisebol. Caminhando na direção leste, Robin contou a Denise a história de seu irmão Billy. Denise já a tinha ouvido de Brian mas algumas partes da versão de Robin eram novidade para ela.

“Espere aí”, disse ela. “Brian vendeu a companhia para a W..., e então Billy agrediu um dos vice-presidentes da W..., e você acha que existe uma ligação entre uma coisa e outra?”

“Mas é claro”, disse Robin. “É por isso que é tão horrível.”

“Brian não me contou essa parte.”

Robin explodiu, estridente. “Não acredito! Mas é *disso* que se trata! Meu Deus! É tão, tão, tão a cara dele não tocar nesse ponto. Porque essa parte pode tornar as coisas mais difíceis para ele, sabe, como ficaram mais difíceis para

mim. Pode atrapalhar a diversão dele em Paris, ou o almoço com Harvey Keitel, ou seja lá o que for. Não acredito que ele não tenha contado.”

“Pode me explicar qual é o problema?”

“Rick Flamburg ficou incapacitado para o resto da vida”, disse Robin. “Meu irmão vai passar os próximos dez ou quinze anos na cadeia, essa empresa horrível está corrompendo as escolas da cidade, meu pai está tomando remédios psiquiátricos, e Brian está numas de, olha! olha o que a W... nos deu! vamos nos mudar para Mendocino!”

“Mas vocês não fizeram nada de errado”, disse Denise. “Vocês não são responsáveis por nada disso.”

Robin virou-se e encarou-a de frente. “Qual é o sentido da vida?”

“Não sei.”

“Nem eu. Mas certamente não é sair ganhando.”

Continuaram a caminhar em silêncio. Denise, para quem ganhar era importante, percebeu com tristeza que, como se não bastasse toda a sua sorte, Brian ainda tinha se casado com uma mulher de princípios e coragem.

E também percebeu, contudo, que Robin não parecia ser especialmente leal a ele.

A sala de estar de Denise não tinha muita coisa, depois que Emile a esvaziara três anos antes. No concurso de autonegação entre os dois, no Fim de Semana das Lágrimas, Denise tivera a dupla vantagem de sentir-se mais culpada que Emile e de já ter concordado em ficar com a casa. No final, conseguira fazer Emile ficar com praticamente tudo que possuíam em comum e a que ela dava algum valor, e muitas outras coisas de que ela não gostava, mas poderia ter usado.

Aquela casa vazia tinha desagradado a Becky Hemerling. Era *fria, cheia de ódio a si mesma*, era *um mosteiro*.

“Bonita e despojada”, comentou Robin.

Denise sentou-se à meia mesa de pingue-pongue que lhe servia de mesa de cozinha, abriu uma garrafa de vinho de cinquenta dólares e pôs-se a alimentá-la. Denise raramente precisava lutar contra o peso, mas teria ficado obesa num mês se comesse como Robin. Ficou assistindo cheia de espanto sua convidada, com os cotovelos voando, devorara dois rins e uma linguiça feita em casa, experimentara cada uma das saladas de repolho e passara manteiga em sua terceira fatia grossa de pão de centeio artesanal.

Ela, por sua vez, estava com o estômago embrulhado, e quase não comeu.

“São Judas é um dos meus santos favoritos”, disse Robin. “Brian lhe contou que vou sempre à igreja?”

“Falou disso.”

“Claro que sim. E com certeza foi muito compreensivo e paciente!” A voz de Robin se elevou e seu rosto estava corado de vinho. Denise sentiu uma constrição no peito. “De qualquer maneira, uma das boas coisas de ser católica é que temos

santos, como são Judas.”

“O padroeiro das causas perdidas?”

“Exatamente. E para que mais serve a Igreja, senão para as causas perdidas?”

“É a minha sensação em relação aos times nos campeonatos”, disse Denise.
“Os vencedores não precisam da nossa ajuda.”

Robin concordou com a cabeça. “Você sabe o que eu quero dizer. Mas quando você vive com Brian, começa a desconfiar que os perdedores devem ter feito alguma coisa errada. Não que ele seja muito crítico. É sempre muito compreensivo, paciente e amoroso. Brian é o máximo! Nada de errado com ele! Mas ele prefere torcer pelo vencedor. E eu não sou uma vencedora desse tipo. Nem quero ser.”

Denise jamaisalaria daquele modo sobre Emile. Nem mesmo agora.

“Você deve entender, *you* é uma vencedora desse tipo”, disse Robin. “É por isso que eu encarei você como se fosse a minha substituta potencial. Vi você como a próxima da fila.”

“De jeito nenhum.”

Robin produziu seus sons envergonhados de prazer. E disse “Hi hi hi!”.

“Em defesa de Brian”, disse Denise, “não acho que ele precise que você seja uma Brooke Astor. Acho que ele aceita uma burguesa.”

“Eu aceito ser burguesa”, disse Robin. “Uma casa assim é o que eu quero. Adorei a sua mesa de cozinha ser essa meia mesa de pingue-pongue.”

“Vendo por vinte pratos.”

“Brian é maravilhoso. É o tipo de pessoa com quem eu queria passar o resto da vida, o pai das minhas filhas. O problema sou *eu*. Sou *eu* que não estou cumprindo o programa. Sou *eu* que vou às aulas de catecismo. Você pode me emprestar um casaco? Estou morrendo de frio.”

As velas baixas derretiam a cera sob o vento de outubro. Denise foi buscar sua jaqueta de jeans favorita, uma peça que a Levi's não fabricava mais, com forro de lã, e notou como parecia larga em torno dos braços mais finos de Robin, como engolia seus ombros mais estreitos, um casaco de atleta nos ombros da namorada do jogador.

No dia seguinte, ao vestir a jaqueta, achou-a mais macia e mais leve do que se lembrava. Levantou a gola e abraçou-se com o agasalho.

Por mais que trabalhasse ao longo do outono, tinha mais tempo de sobra e uma agenda mais flexível do que nos últimos anos. Começou a ir visitar o Projeto levando comida de sua cozinha. Foi visitar a casa de Brian e Robin na Panama Street, soube que Brian estava viajando e ficou a noite inteira. Alguns dias mais tarde, quando Brian chegou e a encontrou assando madeirões com as meninas, agiu como se já a tivesse visto centenas de vezes em sua cozinha.

Tinha uma vida inteira de prática em chegar tarde a uma família de quatro

peessoas e conseguir ser amada por todos. Sua conquista seguinte em Panama Street foi Sinéad, a leitora aplicada, a pequena modelo. Denise a levava para fazer compras aos domingos. Comprou-lhe bijuterias, uma antiga caixa de jóias toscana, discos de discoteca e proto-discoteca dos anos setenta, antigos livros ilustrados sobre roupas, a Antártica, Jackie Kennedy e construção naval. Ajudou Sinéad a escolher presentes maiores, mais vistosos e menos elevados para Erin. Sinéad, como o pai, tinha um gosto impecável. Usava jeanspretos, minissaias e macacões de veludo, pulseiras de prata e colares de contas de plástico mais compridos ainda que seus cabelos muito longos. Na cozinha de Denise, depois das compras, ela descascava batatas com perfeição ou então preparava massas simples enquanto a cozinha inventava, de lambuja, iguarias para o paladar de uma criança: cunhas de pêra, fatias delgadas de mortadela feita em casa, sorbet de frutas silvestres numa tigela de boneca com uma calda feita das mesmas frutas, raviolis de carne de carneiro temperados com azeite de oliva carregado de hortelã, cubos de polenta frita.

Nas raras ocasiões, como casamentos, em que Robin e Brian ainda saíam juntos, Denise ficava tomando conta das meninas na casa de Panama Street. Ensinou-lhes a fazer massa de macarrão de espinafre e a dançar tango. Ouviu Erin recitar os nomes de todos os presidentes dos Estados Unidos em ordem cronológica. Com Sinéad, revirava as gavetas atrás de roupas brancas.

“Denise e eu vamos ser etnólogas”, dizia Sinéad, “e você, Erin, vai ser uma Hmong.”

Enquanto observava Sinéad ensinando a Erin como uma mulher Hmong devia comportar-se, enquanto a via dançar as músicas de Donna Summer com seu minimalismo preguiçoso meio-entediado, mal levantando os tornozelos do chão, balançando de leve os ombros e deixando os cabelos deslizarem de um lado ao outro por suas costas (enquanto Erin desferia punhaladas epiléticas no ar), Denise adorava não só a garota mas também os pais dela pela mágica de criação que tinham conseguido fazer funcionar com ela.

Robin ficava menos impressionada. “É claro que elas adoram *você*”, disse ela. “Você não está tentando desembaraçar o cabelo de Sinéad. Não está discutindo vinte minutos sobre a definição exata de ‘fazer a cama’. Você nunca vê as notas de Sinéad em matemática.”

“Não são boas?”, perguntou surpresa a babá.

“São medonhas. Podemos ameaçá-la de não deixá-la mais sair com você se não melhorar as notas.”

“Ah, não faça isso.”

“Você não está a fim de praticar divisão de números grandes com ela?”

“Faça qualquer coisa.”

Um domingo, em novembro, quando os cinco membros da família passeavam pelo Fairmount Park, Brian disse a Denise, “Robin gostou muito de

você. Eu não sabia se ela iria gostar”.

“Eu gosto muito de Robin”, disse Denise.

“Acho que no início ela ficou um pouco intimidada.”

“E tinha boas razões. Não é mesmo?”

“Eu nunca contei nada a ela.”

“Bem, obrigada por isso.”

Denise não deixou de perceber que as qualidades que dariam a Brian a possibilidade de enganar Robin — sua sensação de ter direito a tudo, sua convicção de *retriever*, de que tudo que ele fazia era a Coisa Legal Que Todos Queremos — também faziam dele um sujeito fácil de ser enganado. Denise podia sentir-se virando uma extensão de “Robin” na cabeça de Brian, e uma vez que “Robin” tinha o status permanente de “maravilhosa” na estima de Brian, nem ela e nem “Denise” exigiam mais atenção ou preocupações da parte dele.

Brian parecia depositar uma fé igualmente absoluta no amigo de Denise, Rob Zito, para gerenciar o Generator. Brian mantinha-se razoavelmente bem informado, mas a regra geral, agora que o tempo estava ficando mais frio, era estar ausente. Denise chegou a perguntar-se se ele não estaria apaixonado por outra mulher, mas a nova paixão revelou ser um cineasta independente, Jerry Schwartz, conhecido por seu gosto sofisticado para música de trilhas sonoras e seu talento para conseguir repetidos financiamentos para seus projetos artísticos pretensiosos e deficitários. (“Um filme que fica muito melhor”, disse a *Entertainment Weekly* a respeito do filme B de Schwartz sobre um estripador de prostitutas chamado *Moody Fruit*, “se assistido com os olhos fechados.”) Admirador fervoroso das trilhas sonoras de Schwartz, Brian tinha caído dos céus como um anjo dotado de cruciais cinquenta mil dólares no momento exato em que Schwartz começava a filmar um *Crime e Castigo* em roupa moderna, no qual Raskolnikov, representado por Giovanni Ribisi, era um jovem anarquista e audiófilo furioso que vivia clandestino no norte da Filadélfia. Enquanto Denise e Rob Zito tomavam decisões sobre ferragens e iluminação do Generator, Brian ia ao encontro de Schwartz, Ribisi *et al.* no set de filmagem, nas expressivas ruínas de Nicetown, ficava trocando CDs com Schwartz tirados de estojos idênticos, e jantava no Pastis em Nova York com Schwartz e Greil Marcus ou Stephen Malkmus.

Sem perceber, Denise tinha se deixado imaginar que Brian e Robin não tinham mais uma vida sexual. Assim, na véspera do Ano Novo, quando ela, quatro casais e mais um bando de crianças se reuniram na casa de Panama Street e ela viu Brian e Robin se beijando na cozinha depois da meia-noite, puxou seu casaco do fundo da pilha de agasalhos e saiu correndo da casa. Por mais de uma semana, sentiu-se dilacerada demais para ligar para Robin ou ir ver as meninas. Tinha um lance com uma mulher homossexual que era casada com um homem com o qual ela própria talvez tivesse gostado de ser casada. Era um

caso razoavelmente perdido. São Judas dava e são Judas tirava.

Robin pôs fim à moratória de Denise com um telefonema. Estava esganiçadamente enlouquecida. “*Sabe sobre o que é o filme de Jerry Schwartz?*”

“*Ãã, Dostoiévski em Germantown?*”

“*Você sabe. E como é que eu não adivinhei? Ele escondeu de mim, porque sabia o que eu iria pensar!*”

“Mas é uma coisa do tipo Giovanni-Ribisi-de-barba-fazendo-um-Raskolnikov-rouco”, disse Denise.

“Meu marido”, disse Robin, “deu cinqüenta mil dólares, *que ele ganhou da W... Corporation*, para um filme sobre um anarquista de North Philly que racha o crânio de duas mulheres e vai preso! Está adorando se encontrar com Giovanni Ribisi, Jerry Schwartz, Ian Não Sei O Quê e Stephen Seja Lá Quem For, enquanto meu irmão, que é um anarquista de North Philly e rachou *de verdade* o crânio de uma pessoa...”

“Sei, já entendi”, disse Denise. “É mesmo um caso de falta de sensibilidade.”

“Nem é isso que eu acho”, concluiu Robin. “Acho que ele está profundamente furioso comigo e nem mesmo sabe disso.”

A partir desse dia, Denise tornou-se uma advogada sub-reptícia da infidelidade. Percebeu que, se defendesse Brian por suas insensibilidades menos importantes, poderia levar Robin a acusações mais sérias com que, relutando, acabaria por concordar. Ouvia e ouvia. Cuidou de entender Robin melhor do que ninguém jamais tinha entendido. Cumulava Robin com as perguntas que Brian não fazia: sobre Billy, sobre o pai, sobre a igreja, sobre os planos para o Projeto Horta, sobre a meia dúzia de adolescentes que tinham adquirido o gosto pela horticultura e deviam voltar no verão seguinte, sobre os interesses românticos e acadêmicos de suas jovens assistentes. Compareceu à Noite do Catálogo de Sementes no Projeto e viu as caras dos meninos favoritos de Robin. Praticou divisão de números imensos com Sinéad. Conduzia as conversas na direção de estrelas de cinema, música popular ou alta moda, os pontos mais controvertidos do casamento de Robin. Para um ouvido destreinado, poderia parecer que ela estava simplesmente buscando uma amizade mais próxima, mas ela tinha visto Robin comer, conhecia a fome daquela mulher.

Quando um problema no encanamento dos esgotos adiou a inauguração do Generator, Brian aproveitou a oportunidade para ir assistir ao Festival de Cinema de Kalamazoo com Jerry Schwartz, e Denise aproveitou a oportunidade para ficar com Robin e as meninas por cinco noites seguidas. Na última dessas noites, morreu de angústia na loja de vídeo. Finalmente escolheu *Um clarão nas trevas* (em que um bandido nojento ameaça a habilidosa Audrey Hepburn, cuja cor de pele é por acaso parecida com a de Denise Lambert) e *Totalmente selvagem* (Melanie Griffith, sacana e linda, liberta Jeff Daniels de um casamento morto).

Só os títulos, quando chegou à casa de Panama Street, bastaram para fazer Robin corar.

Entre um filme e outro, depois da meia-noite, tomaram uísque no sofá da sala, e com uma voz que até para ela estava esganiçada demais Robin pediu licença para fazer uma pergunta pessoal a Denise. “Quantas vezes, assim, por semana”, disse ela, “você e Emile transavam?”

“Não sou a pessoa mais indicada para você perguntar o que é normal”, respondeu Denise. “Eu mal tenho uma idéia do que é normal.”

“Eu sei. Eu sei.” Robin fitava intensamente a tela azul da TV. “Mas o que você *achava* que fosse normal?”

“Acho que, naquela época, eu tinha uma idéia”, disse Denise, pensando *um número grande, diga um número grande*, “que talvez três vezes por semana podia ser normal.”

Robin suspirou alto. Três ou cinco centímetros quadrados de seu joelho esquerdo se apoiaram no joelho direito de Denise. “Mas me diga o que você acha que é normal”, disse ela.

“Acho que para algumas pessoas uma vez por dia é normal”, respondeu ela.

Robin falou numa voz que lembrava um cubo de gelo comprimido entre os molaes. “Eu ia gostar disso. Não me parece nada mau.”

Uma dormência, uma coceira e uma ardência surgiram na parte envolvida do joelho de Denise.

“Estou vendo que as coisas não são assim.”

“Mais para duas vezes por MÊS”, disse Robin com os dentes cerrados. “Duas vezes por MÊS.”

“Você acha que Brian está saindo com alguém?”

“Não sei o que ele anda fazendo. Mas não é comigo. E eu me sinto um verdadeiro monstro.”

“Você não é nada monstruosa. Muito pelo contrário.”

“E qual é o outro filme?”

“*Totalmente selvagem.*”

“Certo, vamos assistir.”

Denise passou as duas horas seguintes prestando atenção basicamente em sua mão, que tinha pousado no sofá bem ao alcance da mão de Robin. A mão não estava confortável ali, queria ser recolhida, mas ela não queria recuar do território arduamente conquistado.

Quando o filme acabou ficaram assistindo TV, e depois ficaram em silêncio por um tempo interminável, cinco minutos ou um ano, e ainda assim Robin não mordeu aquela isca morna, com seus cinco dedos. Denise teria gostado de uma certa agressividade masculina naquele momento. Em retrospecto, a semana e meia que passara esperando até Brian agarrá-la tinha passado como um piscar de olhos.

Às quatro da manhã, enjoada de cansaço e impaciência, levantou-se para ir embora. Robin calçou os sapatos, vestiu o casaco roxo de náilon e foi com ela até o carro. Lá, finalmente, tomou a mão de Denise entre as suas. E esfregou a palma da mão de Denise com seus polegares secos, de mulher madura. E disse que estava feliz por Denise ser sua amiga.

Fique firme, ordenou-se Denise. *Comporte-se como uma irmã*.

“Eu também”, disse ela.

Robin produziu aquele cacarejo falado que Denise tinha aprendido a reconhecer como um puro destilado de acanhamento. E disse “Hi hi hi!”. Olhou para a mão de Denise, que a torcia nervosamente nas suas. “Não ia ser engraçado se fosse eu a enganar Brian?”

“Oh, meu Deus”, disse Denise involuntariamente.

“Não se preocupe.” Robin cerrou o punho em torno do dedo indicador de Denise e o apertou com força, em espasmos. “Estou só brincando.”

Denise ficou olhando fixo para ela. *Será que você está ouvindo o que está dizendo? Percebe o que está fazendo com o meu dedo?*

Robin cobriu a boca com aquela mão e mordeu-a com os dentes protegidos pelos lábios, como se a roesse de leve, depois soltou-a e saiu saltitando. Pulava de um pé para o outro. “Então até logo.”

No dia seguinte, Brian chegou de Michigan e pôs fim à festa.

Denise tomou um avião para um prolongado fim de semana de Páscoa, e Enid, como um piano de brinquedo com uma nota só funcionando, falou sem parar de sua velha amiga Norma Greene e do envolvimento trágico entre Norma Greene e um homem casado. Denise, para mudar de assunto, observou que Alfred estava mais animado e em forma do que Enid tinha dito nas cartas e nos telefonemas de domingo.

“Ele melhora muito sempre que você vem”, retrucou Enid. “Quando estamos sozinhos, ele fica impossível.”

“Quando vocês estão sozinhos, talvez você fique concentrada demais nele.”

“Denise, se você morasse com um homem que passa o dia inteiro dormindo na poltrona...”

“Mamãe, quanto mais você reclama, mais ele resiste.”

“Você não vê, porque só passa uns dias aqui de cada vez. Mas eu sei do que estou falando. E não sei o que vou fazer.”

Se eu morasse com uma pessoa que passasse o dia inteiro me criticando histericamente, pensou Denise, eu ia dormir na poltrona.

De volta à Filadélfia, a cozinha do Generator ficou finalmente pronta. A vida de Denise retornou a níveis quase normais de loucura enquanto ela formava e treinava sua equipe, convidava os finalistas a chef pâtissiers para competir frente a frente e resolvia mil problemas de entrega, agendamento, produção e preço. Como obra arquitetônica, o restaurante ficou tão espetacular quanto ela temia,

mas pela primeira vez em sua carreira ela havia preparado o menu da maneira certa, e tinha nele vinte receitas magníficas. A comida era uma conversa a três entre Paris, Viena e Bolonha, uma conferência européia com a marca registrada de Denise, de privilegiar o sabor em lugar do efeito. Tornando a ver Brian em pessoa, em vez de limitar-se a imaginá-lo através dos olhos de Robin, lembrou-se do quanto gostava dele. Acordou, até certo ponto, de seus sonhos de conquista. Ao acender o fogão industrial, instruir seus comandados e afiar suas facas, pensava: *A mente desocupada é a oficina do Diabo*. Se estivesse trabalhando tão duro quanto Deus pretendia que trabalhasse, jamais teria tido o tempo de correr atrás da mulher de ninguém.

Entrou em negação total, trabalhando de seis da manhã à meia-noite. Quanto mais dias passava longe do feitiço que o corpo de Robin, o calor do corpo de Robin e a fome de Robin exerciam sobre ela, mais disposição ela tinha de admitir que não gostava muito do nervosismo de Robin, nem do corte de cabelo ruim de Robin e suas roupas piores ainda, nem da voz de dobradiça enferrujada de Robin, e nem do riso forçado de Robin, de sua profunda *deselegância*. A negligência benévola com que Brian via a mulher, sua atitude esquiva (“É, Robin é ótima”), agora começava a fazer sentido para Denise. Robin era ótima mesmo; no entanto, se você fosse casado com ela, talvez precisasse se afastar um pouco daquela energia incandescente, podia querer passar alguns dias sozinho em Nova York, em Paris, em Sundance...

Mas o estrago já estava feito. Aparentemente, a defesa da infidelidade feita por Denise tinha sido irresistível. Com uma persistência que a timidez e as desculpas que a acompanhavam só faziam tornar mais irritante, Robin começou a procurá-la. Vinha ao Generator. Levava Denise para almoçar. Ligava para Denise à meia-noite e ficava tagarelando sobre as coisas medianamente interessantes que Denise tinha passado tanto tempo fingindo que a interessavam ao extremo. Pegou Denise em casa numa tarde de domingo e ficou tomando chá na meia mesa de pingue-pongue, corando e hi-hi-hindo.

E parte de Denise pensava, enquanto o chá esfriava: *Merda, agora ela ficou a fim de mim*. E a mesma parte sua ponderava, como se fosse uma ameaça de dano, a circunstância atenuante: *Ela quer sexo todo dia*. E a mesma parte ainda pensava: *Meu Deus, a maneira como ela come*. E: *Eu não sou “lésbica”*.

Ao mesmo tempo, outra parte sua estava literalmente inundada de desejo. Jamais tinha percebido de maneira tão objetiva o quanto o sexo podia ser uma doença, uma coleção de sintomas corporais, porque nunca tinha ficado nem de longe tão doente quanto por causa de Robin.

Durante uma pausa na tagarelagem, por baixo de um dos cantos da mesa de pingue-pongue, Robin prendeu o pé elegantemente calçado de Denise entre seus tênis cheios de relevo, brancos com detalhes roxos e cor de laranja. Um segundo depois, inclinou-se para a frente e agarrou a mão de Denise. O tom vermelho de

seu rosto parecia uma ameaça.

“Então”, disse ela. “Eu andei pensando.”

O Generator abriu no dia 23 de maio, exatamente um ano depois de Brian começar a pagar a Denise seu megassalário. A abertura foi adiada por uma semana para que Brian e Jerry Schwartz pudessem comparecer ao Festival de Cannes. Todas as noites, enquanto ele esteve fora, Denise retribuía sua generosidade e a fé que depositara nela indo até a casa de Panama Street e dormindo com a mulher dele. Seu cérebro podia ter a sensação de ser o cérebro de uma cabeça de vitela duvidosa num açougue “popular” da North Street, mas ela nunca estava tão cansada quanto acreditava de início. Um beijo, uma carícia no joelho, despertava seu corpo. Sentia-se tomada, animada, impelida, pela memória de todos os coitos a que jamais recusara-se em seu casamento. Fechava os olhos contra as costas de Robin e apoiava a face entre suas omoplatas, as mãos segurando os seios de Robin, que eram redondos, pequenos e estranhamente leves, sentia-se como um gato com duas almofadas de pó-de-arroz. Cochilava por algumas horas e depois livrava-se dos lençóis, abria a porta que Robin tinha trancado para prevenir visitas inesperadas de Erin ou Sinéad, descia as escadas em silêncio e saía na úmida aurora da Filadélfia, tremendo violentamente.

Brian tinha mandado publicar anúncios altamente enigmáticos sobre o Generator nos semanários e mensários locais, e espalhara o zunzunzum através de sua rede de conhecidos, mas vinte e seis clientes no primeiro dia de almoço e quarenta e cinco na mesma noite não chegaram exatamente a exigir muito da cozinha de Denise. A sala de jantar envidraçada, suspensa num brilho azul de Cherenkov, podia receber 140 pessoas; estava preparada para servir trezentos pratos em cada jantar. Brian, Robin e as meninas vieram jantar no sábado e passaram rapidamente pela cozinha. Denise se saiu muito bem, mostrando-se à vontade com as meninas, e Robin, muito bonita com um batom vermelho e um vestidinho preto, também se saiu muito bem, mostrando-se à vontade como a mulher de Brian.

Denise acertou as coisas da melhor maneira que pôde com as autoridades de sua cabeça. Lembrou que Brian tinha caído aos seus joelhos em Paris; que não estava fazendo coisa pior do que seguir as regras dele; que tinha esperado Robin tomar a iniciativa. Mas não havia sutilezas morais suficientes para explicar sua total e terminante falta de remorso. Nas conversas com Brian, ficava distante e bloqueada. Só entendia o sentido das suas palavras no último minuto, como se ele estivesse falando francês. Tinha motivos para dar a impressão de estar tensa, é claro — só costumava dormir quatro horas por noite, e em pouco tempo sua cozinha estava funcionando a todo vapor —, e Brian, distraído por seus projetos cinematográficos, era tão fácil de enganar quanto ela tinha previsto. Mas “enganar” não era nem mesmo a palavra apropriada. “Dissociar” era melhor. O

caso que ela estava vivendo era como uma vida de sonho que se desenrolasse naquela câmara de seu cérebro trancada e à prova de som na qual, enquanto crescia em Saint Jude, tinha aprendido a esconder seus desejos.

Os críticos se atiraram sobre o Generator no final de junho e foram embora felizes. O *Inquirer* recorreu à idéia do matrimônio: o “casamento” de um cenário “completamente único” com “uma comida séria, e seriamente deliciosa” da “perfeccionista” Denise Lambert formavam uma experiência “obrigatória” que “bastava para incluir” a Filadélfia no “mapa da elegância”. Brian entrou em êxtase, mas Denise não. Achou que aquela linguagem dava a idéia de que o restaurante era ruim e pretensioso. Contou quatro parágrafos falando da arquitetura e da decoração, três parágrafos sobre nada, dois sobre o serviço, um sobre os vinhos, dois sobre as sobremesas, e apenas sete sobre a sua comida.

“Nem falaram do meu chucrute”, disse ela, com tanta raiva que quase chegava a chorar.

O telefone de reservas tocava dia e noite. Ela precisava *trabalhar*. Mas Robin ligava no meio da manhã ou no meio da tarde para o número particular da chef de cozinha, a voz entrecortada pela timidez, as cadências sincopadas de constrangimento: “Então... eu estava pensando... você não acha... posso ver você um minuto?”. E em vez de dizer não, Denise sempre dizia sim. Delegava ou adia uma delicada revisão do estoque, um pré-assamento complicado e telefonemas necessários para os fornecedores a fim de escapar e ir-se encontrar com Robin no parque mais próximo ao longo do Schuylkill. Às vezes só ficavam sentadas num banco, davam-se as mãos discretamente e, embora Denise ficasse *muito impaciente* com conversas que não fossem sobre trabalho no horário do expediente, falavam da culpa que Robin sentia, da culpa que, à sua maneira dissociada, ela própria não sentia, e do que significava estarem fazendo o que faziam, de como exatamente aquilo tinha chegado a acontecer. Mas em pouco tempo a conversa começava a perder a força. A voz de Robin, na linha privativa da chef de cozinha, passava a significar *língua*. Ela dizia uma ou duas palavras e Denise se desconectava. A língua e os lábios de Robin continuavam a formar as instruções demandadas pelas exigências do dia, mas aos ouvidos de Denise já estavam falando aquela outra linguagem, dos movimentos para cima e para baixo, ou circulares, que seu corpo entendia de forma intuitiva e obedecia de forma autônoma; às vezes o som daquela voz a deixava tão derretida que seu abdômen se contraía e ela se dobrava em duas; e pela hora seguinte, ou mais um pouco, tudo o que havia no mundo era língua, nada de estoque e nem faisões untados e nem fornecedores a pagar; saía do Generator num estado hipnótico, com péssimos reflexos, o volume do ruído do mundo reduzido quase a zero, os outros motoristas felizmente atentos às leis do trânsito. O carro dela era uma língua deslizando pelo asfalto derretido das ruas, seus pés eram duas línguas lambendo a calçada, a porta da frente da casa de Panama Street era uma boca

que a engolia, a passadeira persa no corredor à porta do quarto do casal era uma língua chamando, a cama, coberta pelo edredom e pelos travesseiros, era uma língua imensa e macia pedindo para ser pressionada, e então.

Tudo aquilo, pode-se dizer com segurança, era território novo. Não havia nada, e muito menos sexo, que Denise já tivesse desejado daquela maneira. Durante seu casamento, um simples orgasmo acabara por transformar-se numa espécie de tarefa caseira de cozinha, laboriosa mas ocasionalmente necessária. Passava catorze horas por dia cozinhando, e geralmente adormecia de roupa. A última coisa que queria, no final da noite, era ter de seguir uma receita complicada e que cada vez demandava mais tempo para chegar a um prato que, no fim das contas, estava cansada demais para apreciar. Só o tempo de preparação era de no mínimo quinze minutos. E mesmo depois disso, nem sempre bastava apenas cozinhar. A panela superaquecia, o fogo estava alto demais, o fogo estava baixo demais, as cebolas recusavam-se a ficar caramelizadas ou então queimavam e grudavam no fundo; era preciso deixar a panela de lado para esfriar, era preciso começar de novo depois de uma dolorosa discussão com o ajudante nervoso e angustiado, e a carne ficava inevitavelmente dura e fibrosa; o molho perdia a sutileza nas diluições repetidas e na desvitrificação, e já estava *tarde pra caralho*, os olhos ardiam, e é verdade que com tempo suficiente e muito esforço seria possível chegar a um bom resultado, mas àquela altura o prato já tinha virado uma coisa que você hesitaria em servir para a turma da faxina; você simplesmente engolia sem mastigar (“pronto, gozei!”), e adormecia sentindo dor. Na verdade não valia o esforço. Mas ainda assim ela fazia o esforço a cada semana ou duas, porque fazê-la gozar era importante para Emile, e ela se sentia culpada. Ele, ela era capaz de agradar com a mesma habilidade e infalibilidade (e, em pouco tempo, com a mesma irreflexão) com que sabia clarear um *consommé*; e quanto orgulho, quanto prazer, ela tirava daquele exercício de seus talentos! Emile, contudo, parecia acreditar que sem alguns estremecimentos e suspiros semivoluntários da parte dela o casamento estaria em dificuldades, e embora os acontecimentos posteriores tenham provado que estava cem por cento certo, ela não conseguia deixar de sentir, nos anos em que ainda não pusera os olhos em Becky Hemerling, uma culpa enorme, uma enorme pressão e um enorme ressentimento no *front* do orgasmo.

Já Robin era *prête-à-manger*. Ninguém precisa de receita, e nem de preparo, para comer um pêssego. Eis o pêssego e pronto, eis o resultado. Denise tinha tido amostras daquele tipo de facilidade com Hemerling, mas só agora, aos trinta e dois anos de idade, *entendia* por que tanta onda. E depois que entendeu, começaram os problemas. Em agosto, as meninas foram para colônias de férias e Brian foi para Londres, e a chef de cozinha do novo restaurante mais badalado da região saía da cama para se ver rolando num tapete, vestia-se para descobrir-

se tirando a roupa, chegava perto de escapar, no corredor de entrada, mas logo se descobria gozando com as costas apoiadas na porta da frente; com os joelhos bambos e os olhos apertados, voltava arrastando-se para a cozinha onde prometera estar de volta em quarenta e cinco minutos. E aquilo não era nada bom. O restaurante sofria as conseqüências. Houve problemas na linha de produção, havia atrasos nas mesas. Por duas vezes ela precisou cancelar certos pratos principais do menu porque a cozinha, funcionando sem ela, tinha ficado sem tempo para a preparação. E ainda assim continuava a sair à francesa na metade da segunda onda de fregueses da noite. Atravessava dirigindo as áreas mais perigosas da cidade até o Projeto Horta, onde Robin guardava um cobertor. A maior parte da horta estava adubada, calcarizada e plantada. Tomates tinham crescido dentro de pneus carecas cercados por cilindros de tela de arame. E os faróis e as luzes das asas dos jatos que pousavam, e as constelações sufocadas pelo smog, e a cintilação radioativa do relógio do Veterans Stadium, e os relâmpagos de verão acima de Tinicum, e a lua que contrairia hepatite na imunda Camden enquanto nascia, todas aquelas luzes urbanas comprometidas refletiam-se na pele das berinjelas adolescentes, dos jovens pimentões, pepinos e espigas de milho, dos melões pubescentes. Denise, nua no meio da cidade, rolava para fora do cobertor para a terra esfriada pela noite, uma argila arenosa, recém-revirada. Apoiava o rosto na terra, enfiava nela seus dedos impregnados de Robin.

“Meu Deus”, guinchava Robin, “pare, pare, é a nossa alface.”

E então Brian voltou e elas começaram a correr riscos absurdos. Robin explicou a Erin que Denise não estava se sentindo bem e por isso tinha precisado deitar-se no quarto dela. Houve um episódio febril na despensa da casa de Panama Street enquanto Brian lia E. B. White em voz alta a uns cinco metros de distância. E finalmente, na última semana de agosto, houve uma certa manhã na sala da diretoria do Projeto Horta em que o peso de dois corpos na cadeira antiga de madeira que Robin usava arrancou seu encosto. As duas estavam rindo quando ouviram a voz de Brian.

Robin levantou-se de um salto e destrancou a porta, abrindo-a no mesmo movimento, para esconder que estava trancada. Brian tinha nas mãos uma cesta de ereções verdes sarapintadas. Ficou surpreso — mas encantado, como sempre — ao ver Denise. “O que está havendo aqui?”

Denise ajoelhou-se ao lado da mesa de Robin, com a camisa para fora das calças. “A cadeira de Robin quebrou”, disse ela. “Eu estou tentando cadeirar o concerto de Robin.”

“Eu perguntei a Denise se ela conseguia consertar!”, guinchou Robin.

“E o que você está fazendo aqui?”, perguntou Brian a Denise, muito curioso.

“Pensei na mesma coisa que você”, respondeu ela. “As abobrinhas.”

“Sara me disse que não havia ninguém.”

Robin estava se afastando de lado. “Vou falar com ela. Ela nunca sabe dizer quando eu estou aqui.”

“Como foi que Robin quebrou esta cadeira?”, perguntou Brian a Denise.

“Não sei”, respondeu ela. Tinha a vontade de chorar de criança malcriada que é pega em flagrante.

Brian segurou a metade superior da cadeira. Até então Denise nunca o achara parecido com seu pai, mas nesse momento ela foi surpreendida pela semelhança entre ele e Alfred, em sua simpatia inteligente pelo objeto quebrado. “É de carvalho bom”, disse ele. “Estranho que tenha se quebrado desse jeito.”

Ela se levantou e saiu andando pelo corredor, enfiando a camisa nas calças enquanto andava. Continuou a andar até se encontrar do lado de fora e entrar em seu carro. Subiu a Bainbridge Street até o rio. Parou em frente a uma grade protetora de metal galvanizado, desligou o motor, deixou o carro bater de leve na grade e voltar, inerte, e então, finalmente, perdeu o controle e começou a chorar pela cadeira quebrada.

Estava com a cabeça mais leve quando voltou para o Generator. Viu que estava enrolada em todas as frentes. Havia recados sem resposta de um jornalista de culinária do *Times*, de um editor da revista *Gourmet* e do último dono de restaurante que tentava roubar a chef de cozinha de Brian. Mil dólares em peitos de pato e costeletas de vitela que não tinham sido virados se estragaram no refrigerador. Todo mundo na cozinha sabia e ninguém lhe contou que uma seringa tinha sido encontrada no banheiro dos empregados. O confeitiro alegava ter deixado bilhetes escritos para Denise, provavelmente relacionados com o salário, que Denise não se lembrava de ter visto.

“Por que ninguém pede as minhas costeletas com chucrute?”, perguntou Denise a Rob Zito. “Por que os garçons não estão oferecendo as minhas costeletas, que são deliciosas e fora do comum?”

“Os americanos não gostam de chucrute”, disse Zito.

“Claro que gostam. Os pratos voltam limpos quando eles pedem o prato. Parecem um espelho.”

“É possível que alguns alemães tenham vindo aqui”, disse Zito. “Os pratos limpos podem ter sido deixados pelos alemães.”

“Será que não é você que tem uma certa repulsa a chucrute?”

“É um prato interessante”, respondeu Zito.

Ela não teve notícias de Robin e nem ligou para ela. Deu uma entrevista ao *Times* e deixou-se fotografar, cultivou o ego do confeitiro, ficou no restaurante até tarde e jogou as carnes estragadas no lixo em segredo, demitiu o lavador de pratos que tinha se aplicado no banheiro, e em todo almoço e em todo o jantar lá estava ela, tomando conta de tudo e resolvendo qualquer problema.

No dia primeiro de setembro, feriado do Dia do Trabalho: nada. Obrigou-se a deixar seu gabinete e saiu andando pela cidade vazia e quente, conduzindo seus

passos, em sua solidão, para a casa de Panama Street. Tinha uma reação pavloviana líquida toda vez que via aquela casa. A fachada de tijolos escuros ainda era um rosto, a porta ainda era uma língua. O carro de Robin estava na rua mas o de Brian, não; tinham ido para Cape May. Denise tocou a campainha, embora já soubesse com certeza, devido ao certo acúmulo de poeira em torno da porta, que não havia ninguém em casa. Entrou usando a chave em que tinha escrito “R/B”. Subiu dois lances de escada até o quarto do casal. O caro sistema de ar-condicionado central da casa estava cumprindo seu papel, o ar frio com cheiro enlatado dando conta de neutralizar os raios de sol do Dia do Trabalho. Enquanto se estendia na cama de casal desfeita, lembrou-se do cheiro e do silêncio das tarde de verão em Saint Jude, quando ficava sozinha na casa e podia, por algumas horas, fazer todas as esquisitices que lhe dessem na telha. Masturbou-se. Ficou estendida nos lençóis amarfanhados, com uma fatia de luz do sol caindo em seu peito. Masturbou-se pela segunda vez e esticou os braços com volúpia. Debaxo de um dos travesseiros do casal, raspou os dedos num canto metalizado de uma coisa que lembrava uma embalagem de camisinha.

E era uma embalagem de camisinha. Rasgada e vazia. Chegou a gemer, ao imaginar o ato de penetração de que encontrara naquele indício. Chegou a apertar a cabeça com as mãos.

Rolou para fora da cama e alisou o vestido em torno dos quadris. Vasculhou os lençóis à procura de outras surpresas repelentes. É claro que todo casal faz sexo. É claro. Mas Robin lhe dissera que não estava tomando pílula, dissera que ela e Brian não transavam mais o suficiente para se dar a esse trabalho; e ao longo de todo aquele verão Denise não vira, nem cheirara e nem sentira o sabor de vestígio algum de marido no corpo de sua amante, o que a tinha feito esquecer-se do óbvio.

Ajoelhou-se junto à cesta de lixo ao lado da mesinha de Brian. Remexeu lenços de papel e pedaços de fio dental, e acabou encontrando mais uma embalagem vazia de camisinha. Ódio de Robin, ódio e ciúme, estavam chegando como uma enxaqueca. Entrou no banheiro do quarto do casal, encontrou mais duas embalagens e uma camisinha usada na lata de lixo debaixo da pia.

Chegou a esmurrar as têmporas com os punhos cerrados. Ouvia sua respiração nos dentes cerrados enquanto descia correndo as escadas e saía no final da tarde. A temperatura era de mais de trinta graus mas ela estava tiritando. Estranho, muito estranho. Caminhou de volta até o Generator e entrou no restaurante pela plataforma de embarque de carga. Passou em revista o estoque de óleos, queijos, farinhas e temperos, elaborou cuidadosas listas de pedidos, deixou vinte recados em secretárias eletrônicas numa voz enviesada, articulada e civilizada, respondeu a todos seus e-mails, fritou um rim no fogão industrial para o seu jantar, acompanhou-o com uma dose de *grappa*, e chamou um táxi à meia-noite.

Sem aviso prévio, Robin apareceu na cozinha na manhã seguinte. Usava uma camisa larga branca que parecia ter sido de Brian. O estômago de Denise deu voltas ao vê-la. Levou-a para o gabinete da chef de cozinha e fechou a porta.

“Não posso mais continuar”, disse Robin.

“Ótimo, eu também não posso, então.”

O rosto de Robin estava todo inchado. Ela coçava a cabeça e esfregava o nariz de uma forma incessante, como se fosse um tique, e empurrava para cima a armação de seus óculos. “Desde junho que eu não vou à igreja”, disse ela. “Sinéad me pegou numas dez mentiras diferentes. Está querendo saber por que você nunca mais aparece. Nem mesmo lembro do nome da metade dos meninos que têm aparecido no Projeto. Está tudo um caos, não posso mais *continuar* assim.”

Denise emitiu uma pergunta meio sufocada: “E Brian?”

Robin corou: “Não sabe de nada. Continua como sempre. Sabe como é... ele gosta de você, e gosta de mim”.

“Aposto que sim.”

“As coisas ficaram meio estranhas.”

“É, e eu estou cheia de trabalho aqui, então.”

“Brian nunca fez nada de mau comigo. Não merecia isso.”

O telefone de Denise começou a tocar, e ela não atendeu. Tinha a sensação de que sua cabeça estava a ponto de rachar. Não agüentava ouvir Robin dizer o nome de Brian.

Robin levantou o rosto para o teto, pérolas de lágrimas orlavam suas pálpebras. “Não sei por que eu vim aqui. Não sei o que estou dizendo. Só estou me sentindo muito mal, e muito sozinha”.

“Esqueça”, disse Denise. “É o que eu vou fazer.”

“Por que você está sendo tão fria?”

“Porque eu sou uma pessoa fria.”

“Se você tivesse me ligado, ou me dissesse que me ama...”

“Esqueça! Pelo amor de Deus! Esqueça! Esqueça!”

Robin dirigiu-lhe um olhar de súplica; mas na verdade, mesmo que a questão das camisinhas estivesse de algum modo esclarecida, o que Denise podia fazer? Largar o restaurante que a tinha transformado numa estrela? Ir morar no gueto e virar uma das duas mães de Erin e Sinéad? Começar a usar sapatos largos de sola de borracha e cozinhar pratos vegetarianos?

Sabia que estava mentindo para si mesma, mas não sabia quais das coisas que passavam por sua cabeça eram mentira e quais eram verdade. Ficou olhando fixo para a sua mesa até Robin abrir a porta num arranco e fugir de lá.

Na manhã seguinte, o Generator saiu na parte inferior da primeira página do caderno de culinária do *New York Times*. Logo abaixo do título da matéria ("Gerando um interesse eletrizante") vinha *uma fotografia de Denise*. As fotos arquitetônicas do interior e do exterior do restaurante tinham sido relegadas para a página 6, onde também apareciam *as costeletas com chucrute*. Estava ficando melhor. Estava ficando bem melhor. Ao meio-dia ela já tinha sido convidada para uma entrevista no Food Channel e para assinar uma coluna mensal permanente na revista *Philadelphia*. Passou por cima de Rob Zito e instruiu a moça das reservas a aceitar quarenta reservas a mais por noite. Gary e Caroline ligaram um depois do outro para cumprimentá-la. Ela passou uma descompostura em Zito por ter recusado uma reserva para a âncora do jornal da afiliada local da NBC no fim de semana, e permitiu-se maltratá-lo um pouco, foi bom.

Gente rica, de um tipo antes escasso na Filadélfia, formava uma fila tripla no bar quando Brian chegou com uma dúzia de rosas. Abraçou Denise e ela deixou-se ficar um pouco em seus braços. Deu-lhe um pouco do que os homens gostavam.

"Precisamos de mais mesas", disse ela. "Três de quatro e pelo menos mais uma de seis. Precisamos de alguém para cuidar das reservas em tempo integral que saiba selecionar. Precisamos de mais segurança no estacionamento. Precisamos de um confeitiro com mais imaginação e menos vaidade. E também vamos precisar substituir Rob por alguém de Nova York capaz de lidar com o tipo de clientela que vamos começar a ter."

Brian ficou surpreso. "Você quer fazer isto com Rob?"

"Ele não queria estimular a saída das minhas costeletas com chucrute", disse Denise. "O *Times* adorou minhas costeletas com chucrute. Ele que se dane se não sabe fazer o trabalho dele."

A dureza na voz dela trouxe um brilho aos olhos de Brian. Era assim que ele parecia gostar dela.

"Você manda", disse ele.

Tarde da noite de sábado ela juntou-se a Brian e Jerry Schwartz com mais duas louras de malares salientes e o cantor e o guitarrista principal de um de seus conjuntos prediletos para tomar alguma coisa no pequeno reduto aéreo cercado de corrimões metálicos que Brian tinha mandado construir na cobertura do Generator. A noite estava quente e os insetos ao longo do rio faziam quase tanto barulho quanto a Schuylkill Expressway. As duas louras falavam em seus celulares. Denise aceitou um cigarro do guitarrista, que estava rouco depois de uma apresentação, e deixou-o examinar suas cicatrizes.

"Cacete, as suas mãos são piores do que as minhas."

"O trabalho", respondeu ela, "consiste em tolerar a dor."

"Todo mundo sabe que os cozinheiros se drogam."

"Eu gosto de tomar uma bebida à meia-noite", disse ela. "E dois comprimidos de Tylenol quando me levanto às seis."

"Ninguém é mais duro que Denise", gabou-se insipidamente Brian por cima das antenas das loulas.

O guitarrista respondeu pondo a língua para fora, segurando o cigarro como um frasco de colírio e encostando a brasa na luzidia ruga divisória. O chiado foi alto e desviou a atenção das loulas de seus telefonemas. A mais alta deu um grito agudo, disse o nome do guitarrista e disse que ele estava louco.

"Bem, eu me pergunto que droga você andou ingerindo", disse Denise.

O guitarrista aplicou vodka gelada diretamente na queimadura. A loura mais alta, descontente com o desempenho dele, respondeu. "Klonopin, Jameson's e isto aí, seja o que for."

"Além disso, a língua é molhada", observou Denise, apagando seu cigarro na pele macia logo abaixo da orelha. Sentiu como se tivesse levado um tiro na cabeça, mas jogou o cigarro apagado na direção do rio com um gesto descuidado.

O terraço ficou em silêncio. A esquisitice dela estava aparecendo de um modo que ela não queria que aparecesse. Porque ela não precisava — porque poderia ter limpado um quarto de carneiro, ou conversado com sua mãe — produziu um grito estrangulado, um som cômico, para tranquilizar sua platéia.

"Você está bem?", perguntou-lhe Brian mais tarde no estacionamento.

"Já sofri queimaduras piores, acidentalmente."

"Não, eu quero saber se você está *bem*. Foi um pouco assustador."

"Foi você que se gabou da minha dureza, obrigada."

"Estou tentando dizer que estou arrependido."

Ela passou a noite inteira acordada de dor.

Uma semana depois, ela e Brian contrataram o antigo gerente do Union Square Café, e demitiram Rob Zito.

Uma semana depois disso, o prefeito da Filadélfia, o senador recém-eleito de Nova Jersey, o presidente da W... Corporation e Jodie Foster estiveram no restaurante.

Uma semana depois disso, Brian foi levar Denise em casa depois do trabalho e ela o convidou a entrar. Tomando o mesmo vinho de cinquenta dólares que ela antes servira à sua mulher, ele lhe perguntou se ela e Robin tinham tido algum desentendimento.

Denise mordeu os lábios e fez que não com a cabeça. "Eu só ando muito ocupada."

"Foi o que eu achei. Imaginei que não tinha nada a ver com você. Robin anda furiosa com tudo ultimamente. Especialmente qualquer coisa que tenha a ver comigo."

"Eu sinto falta de estar com as meninas", disse Denise.

"Pode acreditar, elas também sentem a sua falta", disse Brian. E acrescentou, gaguejando ligeiramente, "estou... estou pensando em sair de casa."

Denise disse que ficava muito triste com a idéia.

"Essa mania de penitência está fora de controle", disse ele, num desabafo. "Ela tem frequentado a missa *da noite*, nas últimas três semanas. Eu nem sabia que isso existia. E eu não posso dizer literalmente nada sobre o Generator sem provocar uma explosão. Ela, enquanto isso, anda falando em tirar as meninas do colégio e dar aula para elas em casa. Resolveu que a nossa casa é grande demais. Quer ir morar na casa do Projeto, dar aulas para as meninas e talvez para mais um ou dois meninos do Projeto. 'Rasheed?' 'Marilou?' Que lugar ótimo para Sinéad e Erin crescerem, um cortiço em Point Breeze. Estamos quase à beira da loucura. Robin é ótima, a gente sabe. Acredita em coisas melhores do que as coisas em que eu acredito. Mas não sei mais se gosto dela do mesmo jeito. Eu tenho a impressão de estar discutindo com Nicky Passafaro. É Luta de Classes III, a Missão."

"Robin é muito culpada", disse Denise.

"Ela passa perto de ser uma mãe irresponsável."

Denise encontrou fôlego para perguntar: "Você iria querer ficar com as meninas, se a coisa chegasse a esse ponto?"

Brian fez que não com a cabeça, "Não sei, se fosse o caso, se Robin ia querer ficar com a custódia delas. Talvez preferisse abrir mão de tudo".

"Eu não apostaria nisso."

Denise lembrou-se de Robin escovando os cabelos de Sinéad e de repente sentiu uma saudade — aguda e terrível — de seus desejos loucos, de seus acessos e excessos, de sua inocência. Um interruptor foi ligado, e o cérebro de Denise transformou-se numa tela passiva em que se projetava um filme com todos os melhores momentos da pessoa que ela tinha repellido. Tornou a apreciar os menores gestos e hábitos de Robin e as marcas que a distinguiam, sua preferência por leite quente no café, o remendo de cor um pouco diferente no dente dianteiro que o irmão dela tinha quebrado com uma pedrada, e a maneira como ela baixava a cabeça, parecendo um cabrito, para dar marradas de amor em Denise.

Denise, alegando exaustão, disse a Brian para ir embora. No início da manhã seguinte um ciclone passou pelo litoral, uma perturbação úmida, do tipo dos furacões, que fez as árvores sacudirem num acesso temperamental e a água derramar-se pelas calçadas. Denise deixou o Generator nas mãos de seus auxiliares e pegou o trem para Nova York a fim de socorrer seu irmão incorrigível e receber seus pais. Na tensão daquele almoço, enquanto Enid repetia palavra por palavra sua velha narrativa da história de Norma Greene, Denise não percebeu qualquer mudança em si mesma. Sua identidade antiga ainda era funcional, uma Versão 3.2 ou 4.0. Deplorava o que era deplorável em

Enid e amava o que era amável em Alfred. Foi só quando chegaram ao porto e sua mãe deu-lhe um beijo, e uma Denise muito diferente, uma Versão 5.0, quase enfiou a língua na boca da bela senhora de idade, quase passou as mãos pelos quadris e coxas de Enid, quase cedeu e prometeu ir ficar com ela no Natal quanto tempo Enid quisesse, que revelou-se todo o alcance da correção que ela vinha sofrendo.

Tomou o trem de volta e ficou espiando as plataformas locais vitrificadas pela chuva passarem por ela a velocidades interurbanas. À mesa do almoço, seu pai lhe parecera louco. E se ele estava perdendo a razão, era possível que Enid não estivesse exagerando suas dificuldades com ele, era possível que Alfred estivesse mesmo muito mal e só se esforçasse para ficar apresentável para os filhos, era possível que Enid não fosse a pestilência insuportável e constrangedora em que Denise a tinha transformado por vinte anos, era possível que os problemas de Alfred fossem mais profundos do que simplesmente um casamento com a mulher errada, era possível que os problemas de Enid não fossem muito mais profundos do que o casamento com o marido errado, era possível que Denise fosse mais parecida com Enid do que sonhara. Ficou ouvindo o pa-tum-pa-tum-pa-tum das rodas nos trilhos e vendo o céu de outubro escurecer. Poderia haver esperança para ela se pudesse ficar naquele trem, mas a viagem até a Filadélfia era curta, e logo estava de volta ao trabalho, sem tempo de pensar em mais nada até o dia em que foi ao lançamento das ações da Axon com Gary e surpreendeu-se ao defender não apenas Alfred mas também Enid nas discussões que tivera com o irmão.

Não se lembrava de ter amado a mãe uma vez sequer.

Estava mergulhada em sua banheira em torno das nove daquela mesma noite quando Brian ligou e a convidou para ir jantar com ele e Jerry Schwartz, Mira Sorvino, Stanley Tucci, um Famoso Diretor Americano, um Famoso Escritor Inglês e outras sumidades. O Famoso Diretor tinha acabado de rodar um filme em Camden, e Brian e Schwartz tinham conseguido atraí-lo para uma exibição privativa de *Crime e Castigo* e *Rock and Roll*.

"É minha noite de folga", disse Denise.

"Martin disse que manda o motorista buscar você", disse Brian. "Eu ia ficar muito feliz se você viesse. Meu casamento acabou."

Ela pôs um vestido preto de cashmere, comeu uma banana para não parecer faminta demais no jantar, e foi com o motorista do diretor até o Tacconelli's, a pizzeria que ficava em Kensington. Uma dúzia de pessoas famosas e semifamosas, além de Brian e do simiesco Jerry Schwartz, com seus ombros arredondados, tinham ocupado três mesas no fundo. Denise beijou Brian na boca e sentou-se entre ele e o Famoso Escritor Inglês, que parecia ter trazido um estoque de piadas ligadas ao críquete e ao jogo de dardos suficiente para a noite toda, com que parecia disposto a regalar Mira Sorvino. O Famoso Diretor disse a

Denise que tinha comido as costeletas com chucrute que ela preparava, e adorado, mas ela mudou de assunto o mais depressa que pôde. Era claro que estava lá como acompanhante de Brian; aquela gente de cinema não estava interessada em nenhum dos dois. Ela pôs a mão no joelho de Brian, como que por consolo.

"Raskolnikov de fones de ouvido, escutando Trent Reznor enquanto acaba com a velhota, é perfeito", a pessoa menos famosa da mesa, uma assistente quase adolescente do diretor, deixou escapar para Jerry Schwartz.

"Na verdade, quem está tocando são os Nomatics", corrigiu Schwartz com uma devastadora falta de condescendência.

"Não é o Nine Inch Nails?"

Schwartz baixou as pálpebras e balançou minimamente a cabeça. "Nomatics, 1980, 'Held in Lust'. Mais tarde regravado com talento insuficiente pela pessoa cujo nome você citou."

"Todo mundo rouba as coisas dos Nomatics", disse Brian.

"Eles sofreram na cruz da obscuridade para que os outros pudessem obter a fama eterna", disse Schwartz.

"Qual é o melhor disco deles?"

"Me dê seu endereço, eu faço um CD para você", ofereceu-se Brian.

"São todos brilhantes", disse Schwartz, "até 'Thorazine Sunrise'. Foi quando Tom Paquette saiu, mas o conjunto só foi perceber que tinha morrido dois discos depois. Alguém precisava dar a notícia a eles."

"Acho que um país que ensina o criacionismo nas escolas", assinalou o Famoso Escritor Britânico para Mira Sorvino, "pode ser perdoado por acreditar que o beisebol não é derivado do críquete."

Ocorreu a Denise que Stanley Tucci era o diretor e ator do filme sobre restaurantes que ela mais admirava. Conversou alegremente com ele sobre o tema, com um pouco menos de ciúme da linda Sorvino e apreciando, se não a própria companhia, pelo menos sua falta de intimidação diante dela.

Brian levou-a para casa em seu Volvo. Ela sentia-se reconhecida, atraente, arejada e viva. Brian, porém, estava irritado.

"Era para Robin ter vindo", disse ele. "Foi uma espécie de ultimato, eu admito. Mas ela tinha concordado em vir jantar conosco. Podia se interessar um pouquinho, um mínimo, pelo que eu faço da vida, mesmo sabendo que ela se veste como estudante, de propósito, só para me deixar constrangido e provar que tem razão. E aí eu ia passar o sábado que vem no Projeto. Era este o acordo. Mas então, hoje de manhã, ela resolve que vai mesmo é participar de uma manifestação contra a pena de morte. Eu não gosto da pena de morte. Mas Khellye Withers está longe de me parecer um bom exemplo para a campanha por clemência. E promessa é dívida. Não acho que uma vela a menos na vigília fosse fazer muita diferença. Eu disse que ela podia faltar a uma manifestação

por mim. E eu propus que ela fizesse um cheque para os defensores dos direitos civis, do tamanho que quisesse. O que ela não recebeu muito bem."

"Fazer cheques, não, não é nada bom", afirmou Denise.

"Eu percebi. Mas foram ditas coisas que vai ser difícil desdizer. E na verdade nem tenho muito interesse em desdizê-las."

"Nunca se sabe", observou Denise.

A Washington Avenue, entre o rio e a Broad, estava vazia às onze da noite de segunda-feira. Brian parecia estar enfrentando a primeira decepção verdadeira de sua vida, e não conseguia parar de falar. "Lembra de quando você disse que, se eu não fosse casado e você não trabalhasse para mim?"

"Lembro."

"Ainda está valendo?"

"Vamos entrar e tomar alguma coisa", disse Denise.

O que explica por que Brian estava dormindo em sua cama às nove e meia da manhã seguinte, quando a campainha tocou.

Ela ainda estava cheia do álcool que servira de combustível à definição do quadro de absoluta bizarria e caos moral que sua vida parecia determinada a virar. Por baixo de sua ressaca, contudo, os agradáveis vapores de celebridade da noite anterior ainda persistiam. Eram mais fortes que qualquer coisa que ela tivesse sentido por Brian.

A campainha tornou a tocar. Ela saiu da cama, vestiu um roupão de seda marrom e olhou pela janela. Robin Passafaro estava de pé junto à porta. O Volvo de Brian estava estacionado do outro lado da rua.

Denise chegou a pensar em não abrir a porta, mas Robin não estaria procurando por ela em casa se já não tivesse tentado encontrá-la no Generator.

"É Robin", disse ela. "Fique aqui e não diga nada."

Brian, à luz da manhã, ainda exibia a expressão enfezada da noite anterior. "Pouco me importa se ela descobrir que estou aqui."

"É, mas eu me incomodo."

"O meu carro está parado em frente."

"Eu sei."

Ela também se sentia estranhamente irritada com Robin. Durante todo o verão, traindo Brian, ela jamais sentira por ele nada parecido com o desprezo que sentia por sua esposa enquanto descia as escadas. Robin irritante, Robin teimosa, Robin esganiçada, Robin exagerada, Robin deselegante, Robin perdidona.

E ainda assim, no momento em que ela abriu a porta, seu corpo reconheceu o que queria. Queria Brian na rua e Robin em sua cama.

Os dentes de Robin batiam, embora não fizesse frio. "Posso entrar?"

"Estou quase saindo para o trabalho", disse Denise.

"Cinco minutos", pediu-lhe Robin.

Parecia impossível que ela não tivesse visto a camionete cor de pistache do outro lado da rua. Denise deixou-a entrar no saguão e fechou a porta.

"Meu casamento acabou", disse Robin. "Ele nem voltou para casa ontem à noite."

"Sinto muito."

"Tenho rezado pelo meu casamento, mas me distraio pensando em você. Eu me ajoelho na igreja e começo a pensar no seu corpo."

O pavor abateu-se sobre Denise. Ela não se sentia exatamente culpada — a contagem regressiva daquele casamento doente tinha chegado ao fim; ela no máximo acelerara um pouco o relógio —, mas estava triste por ter enganado aquela pessoa, triste por ter competido com ela. Pegou as mãos de Robin e disse, "Quero muito estar com você e conversar com você. Não gosto do que aconteceu. Mas agora preciso ir trabalhar".

O telefone tocou na sala de estar. Robin mordeu o lábio e fez que sim com a cabeça. "Certo."

"Podemos nos encontrar às duas?", perguntou Denise.

"Certo."

"Eu ligo para você do trabalho."

Robin tornou a concordar com a cabeça. Denise levou-a até a porta, que fechou, e exalou o ar equivalente a cinco respirações.

"Denise, é Gary, não sei onde você está, mas me ligue quando receber este recado, aconteceu um acidente, papai caiu do navio do cruzeiro, de uma altura de oito andares, acabei de falar com a mamãe..."

Ela correu até o telefone e atendeu. "Gary."

"Liguei para o seu trabalho."

"Ele está vivo?"

"Não devia estar", disse Gary. "Mas está."

Gary estava sempre em sua melhor forma nas emergências. As qualidades que a deixaram furiosa no dia anterior agora a reconfortavam. Ela *queria* que ele soubesse tudo. Ela *queria* que ele desse a impressão de estar satisfeito com sua própria calma.

"Parece que ele foi rebocado por uns dois quilômetros num mar a sete graus de temperatura, antes de conseguirem parar o navio", contou Gary. "Chamaram um helicóptero para transportar papai para New Brunswick. Mas ele não sofreu nada na coluna. O coração está funcionando. Ele está conseguindo falar. É um velho duro na queda. Parece que está bem."

"E mamãe?"

"Está preocupada, porque o cruzeiro fica se atrasando enquanto o helicóptero não chega. Estão incomodando as outras pessoas."

Denise riu aliviada. "Coitada da mamãe. Queria tanto fazer esse cruzeiro."

"Parece que não vai dar mais para ela sair em cruzeiro com papai."

A campainha tornou a tocar. Imediatamente, ouviu-se também uma batida forte na porta, pancadas e chutes.

"Gary, espere um momento."

"O que está acontecendo?"

"Já ligo para você."

A campainha tocava tanto, e com tanta força, que mudou de tom, ficou um pouco mais grave e rouca. Ela abriu a porta e se deparou com uma boca trêmula e olhos brilhantes de ódio.

"Saia da minha frente", disse Robin, "porque eu não quero encostar em nenhuma parte sua."

"Cometi um erro horrível ontem à noite."

"Saia da minha frente!"

Denise se afastou, e Robin enveredou pelas escadas. Denise sentou-se na única poltrona de sua sala de penitente, ouvindo os gritos. Ficou chocada ao pensar no quanto tinha sido raro em sua infância seus pais, aquele outro casal de sua vida, aquele outro casal incompatível, gritarem um com o outro. Sempre tinham mantido a paz e deixado a guerra desenrolar-se por procuração dentro da cabeça da filha.

Sempre que ela estava com Brian, ansiava pelo corpo, pela sinceridade e pelas boas obras de Robin, sentindo-se repelida pela elegância e pela calma de Brian; sempre que estava com Robin, ansiava pelo bom gosto de Brian, por sua identidade de pensamento com ele, e desejava que Robin percebesse como ela ficava sensacional vestindo cashmere preto.

É fácil para vocês, pensou ela. Podem dividir-se em dois.

Os gritos pararam. Robin desceu correndo as escadas e saiu pela porta da frente sem reduzir a velocidade.

Brian seguiu-a alguns minutos mais tarde. Denise contava com a reprovação de Robin e era capaz de lidar com ela, mas de Brian esperava uma palavra de compreensão.

"Está despedida", disse ele.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Vamos nos esforçar talvez um pouco mais da próxima vez

Adorei ver você no sábado. Agradeço muito o seu esforço para voltar correndo e me ajudar.

Depois daquilo, papai caiu do navio de cruzeiro e foi tirado da água gelada com um braço quebrado, um ombro deslocado, uma retina descolada, perda da memória de curto prazo e possivelmente um derrame leve, ele e mamãe foram levados de helicóptero para New Brunswick. Fui despedida do melhor emprego que eu podia encontrar em toda a minha vida, e Gary e eu ficamos sabendo de uma nova tecnologia médica que acho que você vai achar horrível, totalmente distópica e maligna, mas é boa para casos de mal de Parkinson e talvez possa fazer bem a papai.

Além disso, quase mais nada para contar.

Espero que esteja tudo bem aí, seja lá onde for essa porra. Julia disse que era a Lituânia, e está achando que eu vou acreditar.

DE: exprof@gaddisfly.com

PARA: Denise3@cheapnet.com

ASSUNTO: Re: Vamos nos esforçar talvez um pouco mais da próxima vez

Uma oportunidade de negócios na Lituânia. O marido de Julia, Gitanas, está me pagando para produzir um website para ele ganhar dinheiro. Está sendo bem divertido e até lucrativo.

Todos os conjuntos de que você gostava quando estava na escola tocam no rádio daqui. Smiths, New Order, Billy Idol. Viagem no tempo. Vi um velho matar um cavalo com uma espingarda em plena rua, perto do aeroporto. Eu estava em solo báltico havia uns quinze minutos. Bem-vindo à Lituânia!

Falei com mamãe hoje de manhã, ela me contou tudo, pedi desculpas, não se preocupe.

Sinto muito pelo seu trabalho. Para falar a verdade, estou perplexo. Não acredito que alguém fosse demitir você.

Onde é que você está trabalhando agora?

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Responsabilidades de Festas

Mamãe me disse que você não quis se comprometer a vir para casa no Natal, e ela quer que eu acredite. Mas acho que você não seria capaz de dizer não a uma mulher cujo melhor acontecimento do ano tinha acabado de ser interrompido por um acidente, e que além disso leva uma vida de merda com um velho semi-invalídeo, e que não passa um Natal em casa desde que Dan Quayle era vice-presidente, e que "sobrevive" da expectativa de coisas boas, e que adora o Natal da mesma forma que outras pessoas adoram sexo, e que só viu você por quarenta e cinco minutos nos últimos três anos: acho que você não seria de modo algum capaz de dizer para essa mulher que não, desculpe, vou ficar em Vilna.

(Vilna!)

Mamãe deve ter entendido mal. Favor esclarecer.

Já que você pergunta, não estou trabalhando em lugar nenhum. Ajudando um pouco no Mare Scuro mas em geral acordando todo dia às duas da tarde. Se isso continuar, posso ter de fazer alguma coisa terapêutica do tipo que você abomina. Preciso recuperar meu apetite pelas compras e outros prazeres não-gratuitos de consumidora.

A última coisa que eu soube de Gitanas Misevicious foi que ele tinha deixado Julia com os dois olhos roxos. Mas tudo bem.

DE: exprof@gaddisfly.com

PARA: Denise3@cheapnet.com

ASSUNTO: Re: Responsabilidades de Festas

Eu pretendo ir a Saint Jude assim que ganhar algum dinheiro. Talvez até para o aniversário de papai. Mas o Natal é um inferno, você sabe. Não existe momento pior. Pode dizer a mamãe que eu vou no começo do ano que vem.

Mamãe disse que Caroline e os meninos vão passar o Natal em Saint Jude. Procede?

Não deixe de tomar nenhum psicotrópico por minha causa.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: A única coisa ferida foi a minha dignidade

Tudo bem, mas não, sinto muito, faço questão de que você venha no Natal.

Eu falei com a Axon, e o plano é dar seis meses de CorrecTor para papai a começar logo depois do Ano-Novo. Ele e mamãe podem ficar comigo enquanto isso. (Felizmente a minha vida está destruída, e assim é fácil ter disponibilidade para eles.) A única maneira disso não acontecer é a equipe médica da Axon decidir que papai tem um tipo de demência que não tem nada a ver com as drogas que vem tomando. É verdade que ele estava muito trêmulo quando passou por Nova York, mas sempre que falo com ele ao telefone ele me parece melhor. "A única coisa que eu feri quando caí do navio foi a minha dignidade" etc. Tiraram o gesso do braço dele uma semana antes do prazo.

De qualquer maneira, ele vai estar provavelmente comigo na Filadélfia no aniversário dele e pelo resto do inverno e da primavera também, de maneira que o Natal é a hora certa de você vir até Saint Jude. Por favor, não discuta mais comigo, venha e pronto.

Espero ansiosa (mas confiante) a confirmação da sua chegada.

P.S. Caroline, Aaron e Caleb não vão. Gary vem com Jonah, e voa de volta para a Filadélfia ao meio-dia do dia 25.

P.P.S. Não se preocupe, eu digo NÃO às drogas.

DE: exprof@gaddisfly.com

PARA: Denise3@cheapnet.com

ASSUNTO: Re: A única coisa ferida foi a minha dignidade

Vi um sujeito levar seis tiros na barriga ontem à noite. Um atentado pago, num clube noturno chamado Musmiryte. Não tinha nada a ver conosco, mas não fiquei nem um pouco satisfeito de ter visto.

Não está claro para mim por que eu estou sendo obrigado a ir a Saint Jude em qualquer data específica. Se mamãe e papai fossem meus filhos, que eu tivesse criado do nada sem ter pedido licença a eles, eu entenderia que era responsável por eles. Os pais têm um interesse genético tenso e darwiniano no bem-estar dos filhos. Mas os filhos, ao que me parece, não têm uma dívida correspondente para com os pais.

Basicamente, tenho muito pouco a dizer a essas pessoas. E acho que elas não querem ouvir o que eu tenho a dizer.

Por que eu não posso planejar me encontrar com eles quando eles estiverem na Filadélfia? Me parece bem mais divertido. Assim todos os nove podemos nos reunir, em vez de só seis.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Um esporro sério de sua irmã enfurecida

Meu Deus, você sempre tão cheio de autocomiseração.

Estou pedindo para você vir por MINHA causa. E também por causa de VOCÊ MESMO, porque eu sei que deve ser muito bacana e interessante e adulto ver alguém tomar uns tiros na barriga, mas você só tem dois pais, e se deixar de passar tempo com eles agora nunca mais vai ter outra oportunidade.

Admito: estou muito mal.

Vou contar para você — porque quero contar para alguém — apesar de você nunca ter me contado por que VOCÊ foi demitido — que eu fui demitida porque dormi com a mulher do meu patrão.

Assim, o que você acha que "eu" tenho a dizer para "essas pessoas"? Como é que você acha que têm sido as minhas conversinhas de

domingo com mamãe ultimamente?

Você me deve vinte mil e quinhentos dólares. ESTA é uma dívida, não é?

Compre a porra da passagem. Eu lhe dou o dinheiro quando você chegar.

Amo você e sinto a sua falta. Não me pergunte por quê.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Remorso

Desculpe-me por ter lhe dado um esporro. A última linha é a única coisa que eu queria dizer de verdade. Não tenho o temperamento certo para trocar e-mail. Por favor, responda. Por favor, venha no Natal.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Preocupada

Por favor, por favor, por favor não me fale de gente levando tiros para depois ficar em silêncio desse jeito comigo.

DE: Denise3@cheapnet.com

PARA: exprof@gaddisfly.com

ASSUNTO: Só mais seis dias de compras até o Natal!

Chip? Está aí? Por favor, escreva ou ligue.

Aquecimento Global Valoriza a Lituânia S.A.

VILNA, 30 de OUTUBRO. Com o aumento do nível dos oceanos a mais de dois centímetros por ano e milhões de metros cúbicos de praias oceânicas erodidas a cada dia, o Conselho Europeu de Recursos Naturais advertiu esta semana que a Europa pode vir a enfrentar uma escassez "catastrófica" de areia e cascalho ao final desta década.

"Ao longo da história, a humanidade sempre considerou que a areia

e o cascalho eram recursos inesgotáveis", declarou Jacques Dormand, presidente do CERN. "Infelizmente, nosso uso excessivo de combustíveis fósseis, produzindo o efeito estufa, deixará muitos países da Europa central, inclusive a Alemanha, à mercê de países que cartelizam a produção de areia e cascalho, especialmente a Lituânia, extraordinariamente rica em areia, caso desejem continuar a construir estradas e imóveis."

Gitanas R. Misevičius, fundador e presidente do Partido Lituano do Mercado Livre e Companhia, compara a crise iminente de areia e cascalho na Europa com a crise do petróleo em 1973. "Naquela ocasião", diz Misevičius, "pequenos países ricos em petróleo como Bahrein e Brunei eram os ratos que rugem. Amanhã, será a Lituânia."

O presidente Dormand descreve o Partido Lituano do Mercado Livre e Companhia, pró-ocidental e pró-mercado, como "o único movimento político na Lituânia de hoje capaz de tratar os mercados ocidentais de capital com justiça e responsabilidade".

"Nossa infelicidade", disse Dormand, "é que a maior parte da reserva europeia de areia e cascalho está nas mãos de nacionalistas bálticos perto dos quais Muammar Khadafi lembra Charles de Gaulle. Não exagero ao dizer que a futura estabilidade econômica da Comunidade Europeia está nas mãos de uns poucos bravos capitalistas do Leste, como o sr. Misevičius..."

A beleza da internet era que Chip podia divulgar textos totalmente inventados sem sequer se dar ao trabalho de conferir a ortografia. Na internet, noventa e oito por cento da confiabilidade de um site se deve a uma aparência elegante e moderna. Embora Chip não fosse ele próprio fluente na web, era um americano de menos de quarenta anos, e todo americano com menos de quarenta anos era um juiz perfeito do que era ou não elegante e moderno. Ele e Gitanas foram a um bar chamado Prie Universiteto e contrataram cinco jovens lituanos usando camisetas do Phish e do REM. por trinta dólares por dia mais milhões de opções de compra de ações sem valor, e Chip passou um mês comandando sem perdão os cinco interneteiros que abusavam da gíria. Obrigou-os a estudar sites americanos como nbc.com e Oracle. Disse-lhes que era *assim* que ele queria, era assim que ele queria que fosse a cara do site.

Lithuania.com foi oficialmente lançado em 5 de novembro. Uma faixa em alta resolução — A DEMOCRACIA PAGA BELOS DIVIDENDOS — drapejava ao acompanhamento de dezesseis alegres compassos da "Dança dos Cocheiros e Criados" da *Petrouchka*. Lado a lado, num espaço gráfico em azul-real abaixo da faixa, vinha um quadro de **Antes** em preto-e-branco ("Vilna Socialista") com fachadas atingidas por bombas e limoeiros partidos na Gedimino Prospektas e uma linda fotografia em cor de **Depois** ("Vilna do Livre-Mercado") mostrando um condomínio à beira-mar sob luz dourada, com butiques e bares.

(Na verdade, o condomínio ficava na Dinamarca.) Chip e Gitanas tinham passado uma semana acordados até tarde, tomando cerveja e compondo as outras páginas, que prometiam aos investidores os vários privilégios eponímicos e inseminatórios dos primeiros textos de Gitanas e mais, segundo o nível de comprometimento financeiro,

- temporadas de férias nas mansões ministeriais de verão à beira-mar em Palanga!
- direitos proporcionais de mineração e de extração de madeira em todos os parques nacionais!
- a indicação de magistrados e juízes locais!
- direito a estacionamento livre perpétuo na Cidade Velha de Vilna!
- cinquenta por cento de desconto na contratação de soldados e armamentos a um simples pedido, exceto em tempo de guerra!
- adoção sem burocracia de meninas lituanas!
- imunidade perpétua da proibição de virar à esquerda nos sinais vermelhos!
- inclusão da efígie do investidor em selos comemorativos, moedas de tiragem limitada, rótulos de cerveja de mini-cervejarias, biscoitos lituanos cobertos de chocolate com desenho em baixo-relevo, cartões de troca de Líderes Heróicos, papel de embrulho especial para feriados etc.!
- doutorado honorário em Ciências Humanas da Universidade de Vilna, fundada em 1578!
- acesso a gravações telefônicas e outros aparatos de segurança do Estado, sem perguntas!
- direito reconhecido por lei, enquanto em solo lituano, a títulos honoríficos tais como "Sua Excelência" e "Sua Graça", que se não forem usados pelo pessoal de serviço determinará a punição destes com alojamento público e até sessenta dias de prisão!
- privilégios de furar a fila no último minuto para obter lugares em trem e aviões, em eventos culturais com lugares marcados e alguns restaurantes e clubes noturnos!
- prioridade absoluta para transplantes de fígado, coração e córnea no famoso Hospital Antakalnis de Vilna!
- licenças ilimitadas de caça e pesca, além de privilégios fora de estação nas reservas nacionais de caça!

- seu nome em letras de forma na lateral de grandes navios!
- etc., etc.!

A lição que Gitanas já tinha aprendido e que Chip estava aprendendo agora era que, quanto mais claramente satíricas fossem as promessas, mais ansioso era o fluxo de capital americano. Dia após dia Chip inventava press-releases, balancetes imaginários, panfletos em tom aguerrido afirmando a inevitabilidade hegeliana de uma política abertamente comercial, copiosos testemunhos do surto de progresso econômico que se preparava na Lituânia, perguntas oblíquas em *chat rooms* de investidores, e respostas vigorosas e triunfantes. Cada vez que era atacado por suas mentiras ou sua ignorância, simplesmente se deslocava para outro *chat room*. Escreveu o texto dos certificados de ações e da brochura que os acompanhava ("Parabéns — Você Se Tornou um Patriota do Livre Mercado na Lituânia") e mandou imprimi-los luxuosamente em papel com alto teor de algodão. Sentia-se como se, finalmente, ali naquele reino da invenção pura, ele tivesse encontrado o seu *métier*. Exatamente como Melissa Paquette lhe garantira tanto tempo atrás, era muito divertido começar uma empresa, e muito divertido ver o dinheiro começar a entrar.

Um repórter do *USA Today* passou-lhe um e-mail perguntando: "É verdade mesmo?".

Chip respondeu: "É para valer. A nação-Estado voltada para o lucro, com uma população de acionistas dispersos pelo planeta, é o próximo estágio evolutivo da economia política. O 'neotecnofeudalismo esclarecido' floresce na Lituânia. Venha ver com seus próprios olhos. Posso lhe garantir uma entrevista de no mínimo noventa minutos com G. Misevičius."

O *USA Today* não deu resposta. Chip ficou com medo de ter exagerado; mas as entradas brutas semanais já chegavam a quarenta mil dólares. O dinheiro entrava na forma de ordens bancárias, números de cartão de crédito, ordens codificadas de *e-cards*, transferências para o Crédit Suisse e notas de cem dólares em envelopes aéreos. Gitanas encaminhava boa parte do dinheiro para suas empresas ancilares, mas, de acordo com o combinado, dobrou o salário de Chip quando os ganhos aumentaram.

Chip morava de graça na *villa* decorada com estuque onde no passado o comandante da guarnição soviética comia faisão, tomava Gewürztraminer e ficava conversando com Moscou através de linhas telefônicas protegidas. A *villa* tinha sido apedrejada, saqueada e coberta de pichações triunfais no outono de 1990, e depois ficara abandonada até o VIPPPAKJRIINPB17 perder as eleições e Gitanas ser chamado de volta à ONU. Gitanas sentira-se atraído pela *villa* em

mau estado por seu preço sem igual (era de graça), por suas excelentes disposições de segurança (inclusive uma torre blindada e uma cerca da mesma qualidade da empregada na embaixada americana), e pela oportunidade de dormir no quarto do mesmo comandante que mandara torturá-lo por seis meses nos antigos alojamentos das forças soviéticas, ali ao lado. Gitanas e outros membros do partido passaram vários fins de semana trabalhando com pás de massa e raspadeiras para restaurar a *villa*, mas o Partido já tinha debandado por completo antes que eles conseguissem terminar o serviço. Agora metade dos aposentos estava vazia, o piso salpicado de vidro quebrado. Assim como em toda a Cidade Velha, o aquecimento e a água quente vinham de uma gigantesca Instalação Central de Caldeiras, e perdiam boa parte do seu vigor na longa viagem, via tubulação enterrada e conexões com vazamentos, até os chuveiros e radiadores da *villa*. Gitanas tinha instalado o escritório do Partido do Mercado Livre e Companhia no antigo salão de baile, reivindicou para si o quarto principal, instalou Chip na antiga suite do ajudante-de-ordens no terceiro andar, e deixou que os jovens interneteiros dormissem onde quisessem.

Embora Chip ainda estivesse pagando o aluguel de seu apartamento de Nova York e a parcela mínima mensal de suas contas do cartão Visa, sentia-se agradavelmente próspero em Vilna. Pedia os pratos mais caros do cardápio, pagava bebidas para os menos afortunados e distribuía cigarros. Nunca conferia os preços na loja de alimentos naturais, perto da universidade, onde comprava seus mantimentos.

Confirmando as palavras de Gitanas, havia muitas menores excessivamente maquiadas disponíveis nos bares e pizzarias, mas ao deixar Nova York e fugir de "Púrpura da Academia", Chip parecia ter perdido sua necessidade de apaixonar-se por adolescentes desconhecidas. Duas vezes por semana, ele e Gitanas iam ao Club Metropol e, depois de uma massagem e antes da sauna, tinham suas necessidades eficientemente gratificadas nas almofadas indiferentes e limpas do Metropol. A maioria das atendentes do Metropol tinham mais de trinta anos e levavam vidas diurnas que giravam em torno de cuidar das crianças, ou cuidar dos pais, ou do programa de Jornalismo Internacional da universidade, ou da criação de obras de arte em tons políticos que ninguém queria comprar. Chip ficou surpreso ao ver o quanto aquelas mulheres se mostravam dispostas, enquanto se vestiam e arrumavam o cabelo, a conversar com ele como seres humanos. Ficou chocado com a quantidade de prazer que elas extraíam de suas vidas diurnas, com o quanto o trabalho noturno que faziam lhes parecia tedioso, como era totalmente sem sentido; e uma vez que ele próprio tinha começado a tirar prazer de seu trabalho diurno, tornou-se, com cada (contr)ato ocorrido na cama de massagem, um pouco mais adepto da idéia de pôr seu corpo no devido lugar, de pôr o sexo no devido lugar, de entender o que o amor era e não era. Com cada ejaculação pré-paga ele se livrava de mais alguns gramas da

vergonha hereditária que resistira a quinze anos de ataque teórico constante. O que ficava era uma gratidão que ele manifestava na forma de gorjetas de duzentos por cento. Às duas ou três da manhã, quando a cidade dormia oprimida por uma escuridão que parecia ter caído semanas antes, ele e Gitanas voltavam à *villa* atravessando uma fumaça rica em enxofre e neve ou nevoeiro ou chuva fina.

Gitanas era o verdadeiro amor de Chip em Vilna. E Chip gostava especialmente do quanto Gitanas gostava dele. Em todos os lugares aonde os dois iam, as pessoas perguntavam se eram irmãos, mas a verdade é que Chip, menos do que irmão de Gitanas, sentia-se mais como sua namorada. Sentia-se muito como Julia: perpetuamente festejado, tratado com luxo, e quase totalmente dependente de Gitanas para favores, orientação e as necessidades básicas. E, como Julia, divertia Gitanas. Era um funcionário muito valorizado, um americano vulnerável e encantador, objeto de humor, indulgência e até mistério; e que grande prazer, para variar, ser a parte desejada — ter as qualidades e atributos que a outra pessoa queria tanto.

No fim das contas, encontrou em Vilna um mundo adorável de carne grelhada, repolho e panquecas de batata, de cerveja, vodka e tabaco, de camaradagem, de empreendimento subversivo e grandes fodas. Gostava daquele clima e daquela latitude que dispensavam em grande parte a luz solar. Podia dormir até muito tarde e ainda assim levantar-se junto com o sol, e pouco depois do desjejum já chegava a hora de um intervalo de fim de tarde para um café e um cigarro. Levava em parte uma vida de estudante (sempre tinha adorado a vida de estudante) e em parte uma vida acelerada de estreante no mundo das empresas ponto-com. Àquela distância de mais de seis mil quilômetros, tudo que ele deixara para trás nos Estados Unidos parecia bem menor e mais fácil de enfrentar — seus pais, suas dívidas, seus fracassos, a perda de Julia. Sentia-se tão melhor em relação ao trabalho, ao sexo e à amizade que, por algum tempo, esqueceu-se do sabor do desespero. Resolveu ficar em Vilna até ganhar o suficiente para pagar sua dívida com Denise e os administradores de seus cartões de crédito. Acreditava que seis meses bastariam para tanto.

Como era típico de sua falta de sorte, antes que pudesse ter completado sequer dois meses em Vilna, tanto seu pai quanto a Lituânia tinham sofrido uma grande queda.

Denise, em seus e-mails, vinha falando em tom de ameaça sobre a saúde de Alfred, insistindo para que Chip viesse passar o Natal em Saint Jude, mas uma viagem até em casa em pleno mês de dezembro tinha muito pouco atrativo. Ele desconfiava que, caso se ausentasse daquela *villa*, mesmo que apenas por uma semana, alguma besteira iria impedi-lo de voltar. O feitiço se quebraria, a mágica se perderia. Mas Denise, que era a pessoa mais estável que ele conhecia, finalmente mandou-lhe um e-mail com um tom claramente desesperado. Chip

leu a mensagem por alto antes de perceber que não devia sequer ter olhado para ela, uma vez que mencionava a soma que ele devia à irmã. O desespero, cujo sabor ele achou que tinha esquecido, os problemas que até então pareciam tão pequenos devido à distância, tornaram a tomar conta de sua cabeça.

Ele apagou o e-mail e se arrependeu imediatamente. Tinha uma semi-memória onírica da frase *demitida por ter dormido com a mulher do patrão*. Mas a frase era tão improvável, vinda de Denise, e seu olho roçara por ela com tamanha pressa, que não conseguia dar pleno crédito à memória. Se sua irmã estava no processo de se descobrir lésbica (o que, pensando bem, ajudava a explicar vários aspectos de Denise que ele sempre achara intrigantes), aquele era um momento em que viria a calhar o apoio de seu irmão mais velho foucaultiano, mas Chip ainda não estava pronto para voltar para casa, e assim decidiu que sua memória o tinha enganado e que aquela frase devia referir-se a alguma outra coisa.

Fumou três cigarros, dissolvendo sua ansiedade em racionalizações e contra-acusações, e em mais uma decisão renovada de permanecer na Lituânia até poder pagar à irmã os vinte mil e quinhentos dólares que lhe devia. Se Alfred ficasse morando com Denise até junho, isso significava que Chip podia ficar na Lituânia por mais seis meses e ainda cumprir sua promessa de participar de um encontro com toda a família na Filadélfia.

A Lituânia, infelizmente, enveredava atabalhoadamente pelo perigoso caminho da anarquia.

Ao longo dos meses de outubro e novembro, a despeito da crise financeira global, um verniz de normalidade aderira à superfície de Vilna. Os agricultores ainda traziam para o mercado suas aves e os outros animais que criavam, pelos quais recebiam em litai, que em seguida gastavam em gasolina russa, cerveja e vodca domésticas, calças jeans *stonewashed* e camisetas das Spice Girls, vídeos pirateados dos *Arquivos X* importados de economias ainda mais doentes que a lituana. Os caminhoneiros que distribuíam a gasolina, os trabalhadores que destilavam a vodca e as velhas senhoras de lenço na cabeça que vendiam as camisetas das Spice Girls em carrinhos de madeira, todos compravam carne de boi e frangos dos agricultores. A terra produzia, os litai circulavam e em Vilna, pelo menos, os bares e clubes noturnos ficavam sempre abertos até tarde.

Mas a economia não era apenas local. Podiam-se usar litai para pagar o exportador de petróleo russo que abastecia o país de gasolina, mas este exportador estava no direito de perguntar com exatidão quais bens e serviços lituanos ele poderia gastar os seus litai. Era fácil comprar quatro litai com um dólar ao câmbio oficial. Difícil, porém, era comprar um dólar com quatro litai! Num paradoxo familiar da depressão, os bens tornavam-se escassos justamente *porque* não havia compradores. Quanto mais difícil ficava achar papel de alumínio em rolo ou carne moída ou óleo de motor, mais tentador ficava assaltar

os caminhões carregados com essas mercadorias ou tornar-se atravessador em sua distribuição. Enquanto isso, os servidores públicos (especialmente a polícia) continuavam a receber salários fixos em irrelevantes litai. A economia subterrânea logo aprendeu a cotar o preço de um comandante de distrito com a mesma precisão com que fixava o preço de uma caixa de lâmpadas incandescentes.

Chip ficou impressionado com as semelhanças entre a Lituânia do mercado negro e a América do mercado livre. Nos dois países, a riqueza se concentrava nas mãos de poucos; qualquer distinção significativa entre os setores público e privado tinha desaparecido; os capitães do comércio viviam numa ansiedade incessante que os levava a expandir seus impérios de maneira impiedosa; os cidadãos comuns viviam num medo incessante de perderem o emprego e numa confusão incessante acerca de qual poderoso interesse particular controlava qual instituição antes pública a qualquer dia dado; e a economia era em grande parte alimentada pela demanda insaciável de luxo por parte da elite. (Em Vilna, em novembro daquele outono infeliz, cinco oligarcas criminosos eram responsáveis por empregar milhares de carpinteiros, pedreiros, artesãos, cozinheiros, prostitutas, empregados de bar, mecânicos e guarda-costas.) A principal diferença entre a Lituânia e os Estados Unidos, até onde Chip conseguia perceber, era que, nos Estados Unidos, os poucos ricos controlavam os muitos não-ricos usando as várias formas de entretenimento, os aparelhos e as substâncias que entorpeciam a mente e matavam a alma, enquanto na Lituânia os poucos poderosos submetiam os muitos desprovidos de poder usando a ameaça de violência.

Seu coração foucaultiano se rejubilava, até certo ponto, por viver num país onde a posse das riquezas e o controle do discurso público estavam obviamente com quem detinha a força das armas.

O lituano que tinha mais armas era um cidadão etnicamente russo chamado Victor Lichenkev, que transformara a liquidez monetária de seu quase monopólio da heroína e do ecstasy no controle absoluto do Banco da Lituânia depois que o proprietário anterior do banco, o FrenLee Trust de Atlanta, tinha falhado catastroficamente em sua avaliação do apetite do consumidor por seus MasterCard de afinidade com Dilbert. As reservas de dinheiro vivo de Victor Lichenkev permitiram-lhe armar uma "força de paz" particular de quinhentos homens que em outubro tinha sitiado, num golpe de ousadia, o reator nuclear de Ignalina, do mesmo tipo do de Chernobyl, situado a 120 quilômetros a nordeste de Vilna e responsável pelo fornecimento de três quartos da eletricidade consumida no país. O cerco deixou Lichenkev em posição muito favorável para negociar a compra da maior empresa de serviços do país de um oligarca rival que a comprara muito barato, ele próprio, durante a grande privatização. De um dia para o outro, Lichenkev adquiriu o controle de todos os litai gerados por todas

as contas de luz do país; no entanto, temendo que sua origem russa pudesse provocar uma animosidade nacionalista, cuidou de não abusar de seu novo poder. Como gesto de boa vontade, cortou dos preços da eletricidade os quinze por cento que o oligarca anterior vinha cobrando a mais. Na onda de popularidade que resultou desta medida, fundou um novo partido político (o Partido da Energia Barata para o Povo) e apresentou uma lista de candidatos para o parlamento nas eleições nacionais de meados de dezembro.

E a terra continuava a produzir, e os litai a circular. Um filme violento chamado *Moody Fruit* estreou no Lietuva e no Vingis. Piadas em lituano saíam dos lábios de Jennifer Aniston em *Friends*. Trabalhadores urbanos esvaziavam receptáculos de concreto cheios de lixo na praça em frente à igreja de Santa Catarina. Mas cada dia era mais escuro e mais curto que o dia anterior.

Como protagonista da cena mundial, a Lituânia vinha perdendo importância desde a morte de Vytautas, o Grande, em 1430. Durante seiscentos anos, o país circulou entre a Polônia, a Prússia e a Rússia como um presente de casamento várias vezes reciclado (o balde de gelo revestido de couro sintético; os pegadores de salada). A língua do país e a memória de tempos melhores sobreviviam, mas a principal característica da Lituânia era que não era um país muito grande. No século XX, a Gestapo e a SS puderam liquidar duzentos mil judeus lituanos e os soviéticos deportar outros 250 mil cidadãos para a Sibéria sem atrair muita atenção internacional.

Gitanas Misevičius vinha de uma família de sacerdotes, militares e burocratas originária das proximidades da fronteira bielorrussa. Seu avô paterno, um juiz da região, saiu-se mal numa sessão de perguntas e respostas com os novos administradores comunistas em 1940, foi mandado para o gulag junto com a mulher e nunca mais se ouviu nada a seu respeito. O pai de Gitanas era dono de um bar em Vidiskės e deu ajuda e conforto ao movimento de resistência dos partisanos (os chamados Irmãos da Floresta) até que as hostilidades cessassem em 1953.

Um ano depois do nascimento de Gitanas, Vidiskės e oito municípios em torno foram esvaziados pelo governo-fantoches de modo a abrir espaço para a primeira de duas usinas nucleares. Ofereceram-se às quinze mil pessoas assim deslocadas ("por razões de segurança") alojamentos numa pequena cidade moderna recém-construída, Khrushchevai, edificada às pressas na região lacustre a oeste de Ignalina.

“Tinha uma cara muito triste, toda feita de blocos de concreto, sem nenhuma árvore”, contou Gitanas. “O bar novo do meu pai tinha um balcão de blocos de concreto, mesas de blocos de concreto, prateleiras de blocos de concreto. A economia socialista planificada da Bielorrússia tinha produzido um excesso de blocos de concreto, e doou o material de graça. Pelo menos foi o que contaram. De qualquer maneira, todo mundo se mudou para lá. As camas eram de blocos de concreto, os brinquedos e os bancos nas praças eram de blocos de concreto. Passam-se os anos, eu tinha dez, e de repente o pai ou a mãe de todo mundo teve câncer de pulmão. *Todo mundo*. Meu pai também teve um tumor de pulmão, e finalmente as autoridades vieram dar uma olhada em Khrushchevai, e veja só, nós tínhamos um problema de radioatividade. Um puta problema de radioatividade, na verdade, porque os blocos de concreto eram radioativos! E a radioatividade vinha se acumulando em todos os aposentos fechados de Khrushchevai. Especialmente em lugares como um bar, onde o ar se renova pouco, onde o dono passa o dia inteiro sentado fumando cigarros. Como o meu pai, por exemplo. A Bielorrússia, que era uma república socialista irmã nossa (e que, aliás, chegou a *pertencer* à Lituânia), a Bielorrússia veio e nos pediu mil perdões. De algum modo, sabe, devia ter ficado alguma pechblenda naqueles blocos, foi o que disse a Bielorrússia. Um erro trágico. Perdão, perdão, perdão. Todo mundo deixou Khrushchevai, e meu pai teve uma morte horrível à meia-noite e dez do dia seguinte ao aniversário de casamento dele, porque não queria que minha mãe ficasse recordando a morte dele no mesmo dia do aniversário de casamento, e aí trinta anos se passaram, Gorbachev foi derrubado, finalmente conseguimos dar uma olhada nos arquivos antigos, e sabe o quê? Não houve nenhum excesso de produção de blocos de concreto devido a algum erro de planejamento. Não houve nenhum imprevisto no plano quinquenal, e sim uma estratégia deliberada de reciclagem de rejeitos nucleares de baixa radioatividade em materiais de construção. Com base na teoria de que o cimento dos blocos de concreto neutralizava a ação dos radioisótopos! Mas os bielorrussos tinham contadores Geiger, o que pôs fim ao sonho feliz da neutralização, e assim mil trens carregados de blocos de concreto foram enviados para nós, que não tínhamos qualquer motivo para desconfiar que houvesse algum problema.”

“Cacete!”, exclamou Chip.

“Bem mais do que cacete”, disse Gitanas. “Matou meu pai quando eu tinha onze anos. E o pai do meu melhor amigo. E centenas de outras pessoas, por vários anos. E tudo fazia sentido. Havia sempre um inimigo com um alvo vermelho pintado nas costas. Um pai mau, a União Soviética, que todo mundo odiava, até os anos noventa.”

A plataforma do VIPPPAKJRIINPB17, de cuja fundação Gitanas participou depois da independência, consistia de um plano muito geral e pesado: os soviéticos tinham de pagar por terem estuprado a Lituânia. Por algum tempo, nos

anos noventa, tinha sido possível governar o país à base de puro ódio. Mas logo surgiram outros partidos com plataformas que, enquanto também contemplavam devidamente o revanchismo, procuravam ir além. Ao final da década de noventa, depois que o VIPPPAKJRIINPB17 perdeu sua última cadeira no Seimas, tudo o que sobrou do partido foi a *villa* reformada pela metade.

Gitanas tentou entender de alguma forma o sentido político daquele mundo que o rodeava, mas não conseguiu. O mundo fazia sentido quando o Exército Vermelho o deteve ilegalmente, fazendo-lhe perguntas que ele se recusava a responder e cobrindo aos poucos o lado esquerdo do seu corpo com queimaduras de terceiro grau. Depois da Independência, contudo, a política perdera sua coerência. Mesmo uma questão simples e vital como as reparações que os soviéticos deviam à Lituânia ficava complicada pelo fato de que, durante a Segunda Guerra Mundial, os próprios lituanos tinham ajudado a perseguir os judeus e pelo fato de que muitas das pessoas que agora mandavam no Kremlin eram também antigos patriotas anti-soviéticos que tinham tanto direito a reparações quanto qualquer lituano.

“E o que eu faço”, perguntou Gitanas a Chip, “agora que o invasor é um sistema e uma cultura, e não um exército? O melhor futuro que eu posso desejar para o país é que um dia ele fique mais ou menos parecido com um país de segunda do Ocidente. Em outras palavras, mais parecido com todo mundo.”

“Mais parecido com a Dinamarca, bistrôs e butiques à beira-mar”, disse Chip.

“Nós nos sentíamos muito lituanos”, disse Gitanas, “quando podíamos apontar para os soviéticos e dizer: *Não somos iguais a eles*. Mas dizer *não, não somos a favor do livre mercado, não, nós não somos globalizados* — isto não me faz sentir nada lituano. Me faz sentir burro, na Idade da Pedra. E então, como é que eu faço para ser patriota hoje em dia? Qual é a coisa *positiva* que eu posso defender? Qual é a definição *positiva* do meu país?”

Gitanas continuou a residir na *villa* semi-abandonada. Ofereceu a suite do ajudante-de-ordens para sua mãe, mas ela preferiu continuar no apartamento em que vivia perto de Ignalina. Como era *de rigueur* para toda autoridade lituana da época, especialmente os revanchistas como ele, adquiriu uma parte das antigas propriedades comunistas — uma participação de vinte por cento na Sucrosas, a usina de açúcar de beterraba que era a segunda maior empregadora num só ponto de toda a Lituânia — e vivia com bastante conforto dos dividendos, na qualidade de patriota aposentado.

Por algum tempo, como Chip, Gitanas vislumbrou a salvação na pessoa de Julia Vrais: em sua beleza, em sua procura do prazer pelo caminho de menor resistência, tão americana. E então Julia deixou-o plantado num avião destinado a Berlim. A traição dela foi apenas a última numa vida que no final mais parecia

um desfile entorpecedor de traições. Foi ferrado pelos soviéticos, pelo eleitorado da Lituânia, por Julia. Finalmente, foi ferrado pelo FMI e pelo Banco Mundial, e investiu sua amargura de quarenta anos na piada da Lituânia S.A.

Contratar Chip para cuidar do Partido do Livre Mercado e Companhia foi a primeira boa decisão que ele tomara em muito tempo. Gitanas tinha ido a Nova York procurar um advogado para cuidar de seu divórcio e, talvez, contratar um ator americano barato, alguém de meia-idade e em fim de carreira, que pudesse instalar em Vilna para tranquilizar um cliente que telefonasse ou decidisse fazer uma visita à Lituânia S.A. Mal pôde acreditar que alguém com a juventude e o talento de Chip se dispusesse a trabalhar para ele. Ficou apenas brevemente aborrecido quando descobriu que Chip vinha dormindo com sua mulher. Na experiência de Gitanas, ele sempre acabava sendo traído por *tudo mundo*. Na verdade, agradecia a Chip por tê-lo traído antes de se conhecerem.

Quanto a Chip, a inferioridade que ele sentia em Vilna como um “americano patético” que não falava nem lituano nem russo, cujo pai não tinha morrido de câncer ainda jovem, cujos avós não tinham desaparecido na Sibéria, que jamais tinha sido torturado devido a seus ideais numa cela sem aquecimento de uma prisão militar, era compensada por sua competência no trabalho e pela memória de certas comparações extremamente lisonjeiras que Julia costumava fazer entre ele e Gitanas. Nos bares e nos clubes noturnos, onde os dois muitas vezes nem se davam ao trabalho de negar que fossem irmãos, Chip tinha a sensação de ser o mais bem-sucedido dos dois.

“Eu fui um ótimo vice-primeiro-ministro”, disse Gitanas em tom sombrio, “mas não sou um chefe criminoso muito bom.”

Chefe criminoso era, de fato, um título um tanto glorificante para a linha de trabalho de Gitanas. Para cada minuto que passava fazendo alguma coisa, passava uma hora se preocupando. Investidores de todo o planeta enviavam-lhe belas somas que ele depositava em sua conta no Crédit Suisse a cada tarde de sexta-feira, mas não conseguia resolver se iria usar o dinheiro “honestamente” (isto é, comprar cadeiras no Parlamento para o Partido do Livre Mercado e Companhia) ou cometer uma fraude desavergonhada, desviando o dinheiro conseguido por meios ilegais para aplicações ainda menos legítimas. Por algum tempo, fez mais ou menos as duas coisas e nenhuma das duas. Finalmente, suas pesquisas de mercado (que fazia interrogando estrangeiros bêbados em bares) convenceram-no de que, no clima econômico da ocasião, até um bolchevique tinha mais chances de atrair votos do que um partido com “Livre Mercado” no nome.

Abandonando qualquer pretensão de permanecer na legalidade, Gitanas contratou guarda-costas. Em pouco tempo, Victor Lichenkev perguntou a seus espiões por que aquele ex-patriota Misevičius dava-se ao trabalho de andar com seguranças. Gitanas estava muito mais seguro na qualidade de ex-patriota

indefeso do que como comandante de dez jovens sacudidos armados de fuzis Kalashnikov. Foi obrigado a contratar mais guarda-costas, e Chip, por medo de levar um tiro, parou de sair do alojamento sem escolta.

“Você não corre perigo”, tranquilizou-o Gitanas. “Lichenkev pode querer me matar e tomar a companhia, mas você é a galinha dos ovários de ouro.”

Ainda assim, Chip sentia uma coceira na nuca, de vulnerabilidade, cada vez que saía em público. Na noite de Ação de Graças nos Estados Unidos, viu dois dos homens de Lichenkev abrir caminho com os cotovelos num clube noturno de piso brilhante chamado Musmiryté e abrir seis furos no abdômen de um ruivo “importador de vinho e bebidas”. O fato de os homens de Lichenkev terem passado ao lado de Chip sem molestá-lo depunha em apoio da teoria de Gitanas. Mas o corpo do “importador de vinho e bebidas” parecia tão penetrável, no que dizia respeito às balas, quanto Chip sempre temera que um corpo seria. Sobrecargas de corrente inundaram os nervos do agonizante. Violentas convulsões, fontes ocultas de energia galvânica, excessos eletroquímicos de efeitos imensamente desequilibrantes, tinham claramente estado latentes em seu sistema a vida inteira.

Gitanas chegou ao Musmiryté meia hora depois. “Meu problema”, lamentou-se ele, olhando as manchas de sangue, “é que tenho mais facilidade para levar tiros do que para atirar.”

“Lá vai você de novo, subestimando-se”, disse Chip.

“Sou bom em matéria de suportar a dor, não de infligi-la.”

“Francamente. Não seja rigoroso assim consigo mesmo.”

“Matar ou morrer. Não é um conceito nada fácil.”

Gitanas tinha tentado ser agressivo. Como chefe criminoso, tinha uma boa vantagem: o dinheiro gerado pelo Partido do Mercado Livre e Companhia. Depois que as forças de Lichenkev cercaram o reator de Ignalina e forçaram a venda da Companhia Lituana de Eletricidade, Gitanas vendeu sua lucrativa participação na Sucrosas, esvaziou os cofres do Partido do Livre Mercado e Companhia e adquiriu o controle do principal provedor do serviço de telefonia celular na Lituânia. A companhia, Tele-Transbáltica, era a única empresa de serviços públicos em sua faixa de preço. Ele deu a seus guarda-costas mil minutos de ligações domésticas por mês, além de secretária eletrônica e identificador de chamadas de graça, e botou-os para trabalhar grampeando as ligações nos muitos telefones de Lichenkev na Transbáltica. Quando soube que Lichenkev estava prestes a vender toda sua posição na Empresa Nacional de Curtume, Produtos e Subprodutos Animais, Gitanas conseguiu vender suas próprias ações. O golpe rendeu-lhe uma fortuna, mas acabou sendo fatal a longo prazo. Lichenkev, percebendo que seus telefones estavam grampeados, trocou para uma empresa mais segura, regional, operada fora de Riga. E decidiu atacar Gitanas.

Na véspera das eleições de vinte de dezembro, um “acidente” numa subestação elétrica deixou sem energia o centro de operações da Transbáltica, além de seis de suas torres de transmissão. Uma multidão de jovens usuários de celulares em Vilna, com cabeças raspadas e cavanhaques, tentaram atacar a sede da Transbáltica. A administração da empresa pediu ajuda através de linhas telefônicas convencionais, de cabos de cobre; a “polícia” que respondeu ao chamado juntou-se à massa no saque da sede da empresa e no cerco a seu tesouro, até a chegada de três camionetes carregadas de “policiais” da única delegacia que Gitanas tinha dinheiro para manter em sua folha. Depois de uma renhida batalha, o primeiro grupo de “policiais” bateu em retirada, e os “policiais” remanescentes dispersaram a multidão.

Ao longo de toda a noite de sexta-feira e pela manhã de sábado, a equipe técnica da companhia batalhou para consertar o gerador de emergência, da era Brejnev, que servia de reserva para fornecer energia para o centro de operação da empresa. Os principais condutores de distribuição do gerador estavam muito corroídos, e quando o supervisor decidiu sacudi-los para testar sua integridade deu um jeito de separá-los de sua base. Trabalhando para reconectá-los à luz de velas e lanternas, o supervisor abriu um buraco na bobina principal com seu maçarico, e dadas as instabilidades políticas que cercavam a eleição não havia nenhum outro gerador de corrente alternativa a gasolina que pudesse ser encontrado em Vilna por qualquer preço (e certamente nenhum gerador trifásico do tipo para o qual o centro de operações tinha sido adaptado, devido à existência de um velho gerador trifásico da era Brejnev à venda por preço vil), e enquanto isso os fornecedores de peças elétricas na Polônia e na Finlândia relutavam, dadas as instabilidades políticas, em despachar qualquer mercadoria para a Lituânia sem antes receber o pagamento em moeda forte ocidental, e dessa maneira um país cujos cidadãos, como tantos outros nos países ocidentais, tinham simplesmente desligado seus telefones convencionais quando os celulares ficaram baratos e abundantes viu-se mergulhado num silêncio de comunicações de proporções comparáveis às do século XIX.

Numa manhã muito escura de domingo, Lichenkev e sua lista de contrabandistas e capangas da chapa do Partido da Energia Barata Para o Povo conquistaram trinta e oito das 144 cadeiras do Seimas. Mas o presidente da Lituânia, Audrius Vitkunas, um arquiconalista carismático e paranóide que detestava a Rússia e o Ocidente com a mesma paixão, recusou-se a aceitar o resultado das eleições.

“Lichenkev, com toda sua hidrofobia e seus cães do inferno com as bocas espumando, não vai me intimidar!”, exclamou Vitkunas num discurso televisivo no final da tarde de domingo. “A falta de energia em alguns pontos, uma pane quase total na rede de comunicações da capital e seus arredores e a presença de grupos errantes fortemente armados dos cães do inferno de Lichenkev, com a

boca espumando e a baba farta, não *inspiram confiança* no resultado da votação de ontem, que creio não refletir a vontade obstinada e a imensa sensatez do grande, glorioso e imortal povo da Lituânia! Não posso, não quero, não ousa e não vou reconhecer esses resultados da eleição de um parlamento nacional assolado pela ralé, atacado por vermes, roído pela sífilis terciária!”

Gitanas e Chip assistiram ao discurso na televisão que ficava no antigo salão de baile da *villa*. Dois guarda-costas jogavam Dungeonmaster em silêncio num canto da sala enquanto Gitanas traduzia para Chip as preciosas pepitas da retórica Vitkunásica. A luz bruxuleante do dia mais curto do ano já desaparecera das janelas.

“Estou com um mau pressentimento”, disse Gitanas. “Acho que Lichenkev quer acabar com Vitkunas e enfrentar quem for seu substituto.”

Chip, que vinha fazendo o possível para esquecer que o Natal era dali a quatro dias, não tinha a menor intenção de ficar em Vilna só para ser expulso uma semana depois das Festas. Perguntou a Gitanas se já não lhe ocorrera a idéia de raspar a conta do Crédit Suisse e ir embora do país.

“Claro.” Gitanas usava sua jaqueta vermelha de motocross e apertava os braços contra o peito. “Todo dia eu penso em fazer compras na Bloomingdale’s, e me lembro da árvore no Rockefeller Center.”

“E então por que não vai?”

Gitanas coçou o couro cabeludo e cheirou as unhas, combinando o aroma do couro cabeludo com os cheiros dos óleos da pele que havia em torno do nariz, encontrando um certo alívio no próprio sebo. “Se eu for embora”, disse ele, “e tudo explodir, onde é que eu fico? Estou triplamente fodido. Não tenho como arranjar trabalho nos Estados Unidos. A partir do mês que vem, não vou mais estar casado com uma americana. E a minha mãe está em Ignalina. O que eu ganho indo para Nova York?”

“Podemos continuar este esquema, mas morando em Nova York”

“Lá existem leis. Seríamos fechados numa semana. Estou triplamente fodido.”

Perto da meia-noite Chip subiu e enfiou-se entre seus lençóis delgados e frios, típicos do Bloco Oriental. Seu quarto cheirava a gesso úmido, cigarros e a fortes fragrâncias sintéticas de xampu que agradavam aos olfatos bálticos. Seu espírito tinha consciência do quanto estava acelerado. Não caiu no sono, mas ficou quicando em sua superfície, como uma pedra chata na água. Confundiu várias vezes a luz do poste da rua em sua janela com a luz do dia. Desceu e tomou consciência de que já era o fim da tarde da véspera de Natal; sentia o pânico de quem dorme demais e acorda sentindo que ficou para trás, que lhe falta alguma informação. Sua mãe estava preparando o jantar de véspera de Natal na cozinha. Seu pai, com um ar jovem em sua jaqueta de couro, estava sentado no salão à luz fraca do fim da tarde, assistindo ao telejornal da CBS apresentado por Dan

Rather. Chip, para ser agradável, perguntou-lhe quais eram as notícias.

“Diga a Chip”, disse Alfred a Chip, não o reconhecendo, “que está havendo problemas na Europa Oriental.”

A luz do dia real chegou às oito. Uma gritaria na rua despertou-o. Seu quarto estava frio mas não gelado; um cheiro de poeira quente vinha do radiador — a Caldeira Central da cidade ainda funcionava, a ordem social ainda estava intacta.

Através dos ramos das píceas do lado de fora de sua janela, viu um bando, dúzias de homens e mulheres de sobretudos pesados andando devagar junto à cerca. Uma poeira de neve caíra durante a noite. Dois dos seguranças de Gitanas, os irmãos Jonas e Aidaris — louros enormes com semi-automáticas a tiracolo — conferenciavam através das grades do portão principal com um par de mulheres de meia-idade cujos cabelos acobreados e rostos vermelhos, como o calor no radiador de Chip, eram uma prova da persistência da vida cotidiana.

No andar de baixo, o salão de baile reverberava com enfáticas declarações televisivas em lituano. Gitanas estava sentado exatamente onde Chip o deixara na noite anterior, mas usava roupas diferentes e dava a impressão de ter dormido.

A luz cinzenta da manhã, a neve nas árvores e a sensação periférica de desordem e ruptura lembravam o fim das atividades acadêmicas do outono, o último dia dos exames antes dos feriados de Natal. Chip foi até a cozinha e verteu leite de soja Vitasoy Delite, sabor baunilha, numa tigela de flocos de cereais Barburá's All-Natural Shredded Oats Bite Size. Preparou duas canecas de café solúvel e levou-as até o salão de baile, onde Gitanas tinha desligado a TV e estava novamente cheirando as unhas.

Chip perguntou-lhe quais eram as notícias.

“Todos os meus guarda-costas desapareceram, menos Jonas e Aidaris”, respondeu Gitanas. “Levaram o Volkswagen e o Lada. Duvido que voltem.”

“Com defensores assim, quem precisa de agressores?”, disse Chip.

“Deixaram a Stomper, que é um verdadeiro imã para os criminosos.”

“Quando foi que isto aconteceu?”

“Deve ter sido logo depois que o presidente Vitkunas pôs o Exército de prontidão.”

Chip riu, “E isto, quando foi que aconteceu?”.

“De manhã cedo. Parece que tudo na cidade ainda está funcionando — menos, é claro, os celulares da Transbáltica”, disse Gitanas.

A massa na calçada tinha aumentado de volume. Agora eram mais ou menos cem pessoas, segurando telefones celulares que produziam coletivamente um som assustador e angelical. Tocavam a sequência de notas que significava

INTERRUPÇÃO DE SERVIÇO.

“Quero que você volte para Nova York”, disse Gitanas. “Vamos ver o que acontece aqui. Talvez eu também vá, talvez não. Preciso ir visitar minha mãe no Natal. Enquanto isso, aqui está a sua indenização.”

Atirou para Chip um grosso envelope pardo, no mesmo momento em que se ouviam tiros abafados nos muros externos da *villa*. Chip deixou cair o envelope. Uma pedra quebrou uma das janelas e caiu perto da televisão. Tinha quatro lados, um canto quebrado de um paralelepípedo de granito. Emanava hostilidade fresca e parecia um tanto constrangida.

Gitanas ligou para a “polícia” usando o telefone convencional, e falou em tom cansado. Os irmãos Jonas e Aidaris, com o dedo no gatilho, entraram pela porta da frente, seguidos de uma corrente de ar frio com um aroma de árvore de Natal. Os irmãos eram primos de Gitanas; e era possivelmente esta a razão de não terem desertado junto com os demais. Gitanas desligou o telefone e conversou com eles em lituano.

O envelope pardo continha uma pilha substancial de notas de cinquenta e cem dólares.

A sensação que Chip tivera em sonho, de compreensão tardia de que o feriado chegara, persistia com o dia claro. Nenhum dos jovens especialistas em internet tinha se apresentado para trabalhar, Gitanas tinha-lhe dado um presente, a neve se prendia aos galhos de picea, e um coro encasacado de Natal estava reunido junto ao portão...

“Arrume as malas”, disse Gitanas. “Jonas vai levá-lo ao aeroporto.”

Chip subiu para o quarto com a cabeça e o coração vazios. Ouviu armas disparando na varanda da frente, o tilintar dos cartuchos ejetados, Jonas e Aidaris atirando (esperava ele) para o alto. *Bate o sino, pequenino...*

Vestiu suas calças e seu casaco de couro. Arrumar as malas levou-o de volta ao momento em que as desfizera no início de outubro, completou uma laçada do tempo e puxou o cordão que fez desaparecer as doze semanas transcorridas. E lá estava ele de novo, arrumando as malas.

Gitanas cheirava os dedos, com os olhos no noticiário, quando Chip voltou para o salão de baile. Os bigodes de Victor Lichenkev subiam e desciam na tela da TV.

“O que ele está dizendo?”

Gitanas encolheu os ombros. “Que Vitkunas está com problemas mentais, etc. Que Vitkunas está articulando um golpe para reverter a vontade legítima do povo lituano, etc.”

“Você devia vir também”, disse Chip.

“Vou visitar minha mãe”, disse Gitanas. “Ligo para você semana que vem.”

Chip passou os braços em torno do amigo e o abraçou com força. Sentiu o cheiro dos óleos do couro cabeludo que Gitanas, em sua agitação, vinha farejando. Teve a sensação de que abraçava a si mesmo, sentindo as suas omoplatas de primata, a aspereza de seu próprio suéter de lã. E sentiu também a tristeza de seu amigo — o quanto ele não estava lá, o quanto estava ausente ou fechado — e isso fez com que ele também se sentisse perdido.

Jonas buzinou no caminho de cascalho diante da porta da frente.

“Vamos nos encontrar em Nova York”, disse Chip.

“Oquei, pode ser”, Gitanas se afastou e voltou para a televisão.

Só restavam alguns desgarrados para atirar pedras no Stomper quando Jonas e Chip passaram roncando pelo portão aberto. Sairam do centro da cidade rumo ao sul, por uma rua ladeada de postos de gasolina nada convidativos e prédios de muros marrons, marcados pelo tráfego, que pareciam mais felizes e plenos em dias como aquele, quando o tempo estava péssimo e a luz era fraca. Jonas falava muito pouco inglês mas conseguia transmitir alguma tolerância para com Chip, ou até mesmo cordialidade, ao mesmo tempo em que não tirava os olhos do espelho retrovisor. O tráfego estava extremamente esparsa naquela manhã, e camionetes utilitárias esportivas, os cavalos de batalha da classe dos chefes criminosos, atraíam uma atenção pouco salutar naqueles tempos de instabilidade.

O pequeno aeroporto estava lotado de jovens que falavam as línguas do Ocidente. Desde que o Quad Cities Fund tinha liquidado a Lietuvos Avialinijos, outras companhias de aviação tinham absorvido algumas de suas rotas, mas a escala muito reduzida de vôos (quatorze decolagens por dia para uma capital européia) não tinha como lidar com uma demanda como a daquele dia. Centenas de estudantes e empresários ingleses, alemães e americanos, muitos deles com rostos que Chip conhecia de suas andanças pelos bares da cidade com Gitanas, tinham convergido para os balcões de reservas da Finnair e da Lufthansa, da Aeroflot e da LOT, Linha Aéreas Polonesas.

Ônibus apinhados chegavam com novos carregamentos de cidadãos estrangeiros. Até onde Chip podia ver, nenhuma das filas dos balcões avançava de todo. Checou os vôos previstos para decolar e escolheu a companhia, Finnair, que tinha o maior número de partidas previstas.

No final da compridíssima fila da Finnair havia duas estudantes americanas de jeans boca-de-sino e outros adereços dos anos sessenta. Os nomes nas etiquetas de suas malas eram Tiffany e Cheryl.

“Vocês têm passagens?”, perguntou Chip.

“Para amanhã”, respondeu Tiffany. “Mas as coisas ficaram meio feias, e por isso.”

“A fila está andando?”

“Não sei. Chegamos há dez minutos.”

“Não andou nada em dez minutos?”

“Só tem uma pessoa no balcão”, disse Tiffany. “Mas não existe nenhum outro balcão melhor da Finnair em lugar nenhum, e por isso...”

Chip sentia-se desorientado, e precisou controlar-se para não tomar um táxi e voltar para a casa de Gitanas.

Cheryl disse a Tiffany: “O meu pai disse assim, você precisa alugar o apartamento se vai para a Europa, e eu disse que já tinha prometido a Anna que

ela podia passar lá os fins de semana em que o time jogava em casa para poder dormir com Jason, entendeu? Eu não podia retirar o que já tinha prometido, não é? Mas o meu pai ficou dizendo que não era possível, e aí eu disse, espere aí, o apartamento é *meu*, não é? Você comprou para *mim*, não é? Eu não sabia que ia ter de alugar para um desconhecido qualquer, sei lá, cozinhar no meu fogão, e dormir na minha cama”.

Tiffany disse: “É um horror”.

Cheryl disse: “E usar o meu travesseiro?”.

Mais dois não-lituanos, um casal de belgas, entraram na fila atrás de Chip. Simplesmente não ser o último da fila já era um alívio. Chip, em francês, pediu aos belgas que tomassem conta da sua bagagem e guardassem o seu lugar. Foi até o banheiro masculino, trancou-se numa cabine e contou o dinheiro que Gitanas lhe dera.

Eram vinte e nove mil e quinhentos dólares.

Achou aquilo perturbador. Ficou com medo.

Uma voz num alto-falante do banheiro anunciou, em lituano e depois em russo e em inglês, que o voo 331 da LOT, Linhas Aéreas Polonesas, vindo de Varsóvia, tinha sido cancelado.

Chip guardou vinte notas de cem no bolso da camiseta, vinte notas de cem no pé esquerdo da bota, e devolveu o resto do dinheiro ao envelope, que escondeu por dentro da camiseta, preso contra a barriga. Preferia que Gitanas não lhe tivesse dado aquele dinheiro. Sem o dinheiro, tinha uma boa razão para continuar em Vilna. Mas agora que não tinha mais uma boa razão de ficar, um fato simples que as doze semanas anteriores mantivera oculto foi revelado, em toda sua nudez, no reservado úrico e fecal daquele banheiro. O fato, simples, é que ele estava com medo de voltar para casa.

Homem algum gosta de perceber sua covardia com a clareza de visão que Chip teve naquele momento. Ficou com raiva do dinheiro, com raiva de Gitanas por tê-lo dado, e com raiva da Lituânia por estar entrando em pane total, mas ainda assim a verdade era que estava com medo de voltar para casa, o que não era culpa de mais ninguém, só dele mesmo.

Retomou seu lugar na fila da Finnair, que não movera um centímetro. Os alto-falantes do aeroporto anunciavam o cancelamento do voo 1048 vindo de Helsinque. Ouviu-se um gemido coletivo, corpos avançaram, e a frente da fila espalhou-se pelo balcão como um delta.

Cheryl e Tiffany empurraram as malas à frente com os pés. Chip deu um chute em sua mala. Sentia-se de volta ao mundo, e não estava gostando. Uma espécie de luz de hospital, uma luz de seriedade e inescapabilidade, iluminava as meninas, a bagagem e o pessoal da Finnair em seus uniformes. Chip não tinha onde se esconder. Todos à sua volta estavam lendo algum romance. Fazia pelo menos um ano que ele não lia um romance. A idéia lhe dava quase tanto medo

quanto a perspectiva de passar o Natal em Saint Jude. Quis sair e pegar um táxi, mas suspeitava que Gitanas já tivesse deixado a cidade.

Ficou de pé, banhado por aquela luz dura, até chegar às duas horas, depois às duas e meia da tarde — o amanhecer em Saint Jude. Pedindo novamente aos belgas para tomarem conta de sua bagagem, esperou numa fila diferente e fez um telefonema a pagar debitado no cartão de crédito.

A voz de Enid estava indistinta e pequena. “Alô?”

“Oi, mamãe. Sou eu.”

A voz dela subiu imediatamente de tom e volume. “Chip? Oh, Chip! Al, é Chip! É Chip! Chip, onde é que você está?”

“No aeroporto de Vilna. Indo para casa.”

“Ah, que maravilha! Maravilhoso! Maravilhoso! E quando você chega?”

“Ainda não comprei a passagem”, respondeu ele. “As coisas aqui estão indo meio mal. Mas devo chegar amanhã de tarde. No máximo quarta-feira.”

“Que maravilha!”

Ele não estava preparado para aquela alegria na voz da mãe. Se alguma vez ele soubera que era capaz de trazer alegria para outra pessoa, fazia muito que já tinha esquecido. Tomou o cuidado de manter a voz firme e usar poucas palavras. Disse que tornaria a ligar assim que chegasse a um aeroporto melhor.

“Que ótima notícia”, disse Enid. “Fico tão feliz!”

“Está bem, então. Vamos nos ver daqui a pouco.”

A grande noite do Báltico já estava invadindo o céu, vindo do norte. Veteranos da frente da fila da Finnair relataram que todos os vôos restantes do dia estavam lotados, e que pelo menos um deles deveria ser cancelado, mas Chip esperava que a exibição de algumas notas de cem dólares pudesse assegurar-lhe o “privilégio de furar filas” que ele prometera aos investidores da lithuania.com. De outro modo, seria obrigado a comprar a passagem de alguém por um monte de dinheiro.

Cheryl disse: “Oh meu Deus, Tiffany, o StairMaster é de longe o melhor para firmar o bumbum!”.

Tiffany disse: “Mas só se você fica, assim, com ele empinado”.

Cheryl disse: “Mas todo mundo empina. É o único jeito, as pernas ficam cansadas”.

Tiffany disse: “Mas também, o que é que você queria? O aparelho é para isso mesmo, para *deixar* você com as pernas cansadas!”.

Cheryl olhou por uma janela e perguntou, com o desprezo cáustico das universitárias: “Espere aí, o que aquele *tanque* está fazendo no meio da pista?”.

Um minuto mais tarde, as luzes se apagaram e os telefones pararam de funcionar.

NO PORÃO, na extremidade leste da mesa de pingue-pongue, Alfred estava abrindo um caixote de papelão do uísque Maker's Mark cheio de lâmpadas para a árvore de Natal. Já tinha vários remédios e um kit de enema preparado na mesa. E mais um biscoito doce, assado pouco antes por Enid, numa forma que sugeria um cachorro mas que devia representar uma rena. Tinha um caixote de papelão, do xarope de bordo Log Cabin, contendo as lâmpadas coloridas maiores que eram penduradas nos teixos da entrada. Tinha uma espingarda *de caça* numa capa de lona fechada com zíper, e uma caixa de cartuchos calibre .20. Tinha uma rara clareza mental, e a disposição de usá-la enquanto durasse.

Uma luz sombria de fim de tarde estava aprisionada nos caixilhos das janelas. A fornalha religava a toda hora, pois a casa deixava escapar calor. O suéter vermelho de Alfred pendia de seus ombros formando dobras e calombos, como se ele fosse uma tora de lenha ou uma cadeira. Suas calças cinzentas de lã sofriam de manchas que ele não tinha como deixar de tolerar, porque a única outra opção seria desistir de seus sentidos, e ainda não estava totalmente pronto para isso.

No topo do caixote de papelão de Maker's Mark havia um longuíssimo cordão de lampadazinhas de Natal volumosamente enroladas em torno de um pedaço de papelão. O cordão cheirava ao mofo do depósito debaixo da varanda, e quando ligou o plugue na tomada viu na mesma hora que nem tudo ia bem. A maioria das lâmpadas brilhava normalmente, mas perto do centro do carretel havia uma série de lâmpadas apagadas — uma *substantia nigra* profundamente entranhada no emaranhado. Desenrolou o fio com as mãos vacilantes, esticando o cordão na mesa de pingue-pongue. No final da linha jazia um trecho renitente de lâmpadas mortas.

Compreendia o que a modernidade esperava dele. A modernidade esperava que fosse até uma loja de atacado e comprasse outro cordão de lâmpadas. Mas as lojas estavam lotadas naquela época do ano; teria de ficar pelo menos uns vinte minutos na fila. Não se incomodava em esperar, mas Enid não o deixava mais dirigir, e Enid se incomodava em esperar. Ela estava lá em cima, flagelando-se com as tarefas domésticas dos preparativos para o Natal.

O melhor, pensou Alfred, era ficar fora do caminho no porão, e trabalhar com o que tinha. Ofendia seu sentido de proporção e economia jogar fora um cordão de lâmpadas noventa por cento bom. Ofendia o sentido que tinha de si mesmo, porque ele era um indivíduo nascido na era dos indivíduos, e um cordão de lâmpadas também era, como ele, uma coisa individual. Por menos que tivesse custado, jogá-lo fora era negar seu valor e, por extensão, o valor da individualidade de forma geral: designar deliberadamente como lixo um objeto que ele sabia que não era lixo.

A modernidade esperava aquela designação, e Alfred resistia a ela.

Infelizmente, ele não sabia como consertar aquelas lâmpadas. Não entendia

como um trecho de quinze lâmpadas pudesse deixar de funcionar. Examinou a transição entre a luz e as trevas e não viu qualquer diferença na fiação entre a última lâmpada acesa e a primeira lâmpada apagada. Não conseguia acompanhar os três fios constituintes por todas as torções e trançamentos que descreviam. O circuito era semiparalelo, de alguma forma complexa que ele não conseguia entender.

Nos velhos tempos, as lâmpadas de Natal vinham em cordões curtos ligados em série. Se uma única lâmpada se queimasse ou até mesmo se afrouxasse em seu soquete, o circuito era interrompido e todo o cordão se apagava. Um dos rituais do período de festas para Gary e Chip era apertar o encaixe de cada uma das lampadinhas de um cordão e então, quando isto não funcionava, ir trocando lâmpada por lâmpada até encontrar a culpada. (Que alegria os meninos encontravam na ressurreição do cordão de lâmpadas!) No momento em que Denise chegou à idade de ajudar com as lâmpadas, a tecnologia já tinha avançado. Os fios eram paralelos, e as lâmpadas tinham bases de plástico que se encaixavam. Uma única lâmpada com defeito não afetava o resto da comunidade, mas podia ser instantaneamente identificada para substituição...

As mãos de Alfred giravam em seus pulsos como as pás gêmeas de um batedor de ovos. Da melhor forma que podia, foi avançando com os dedos ao longo do cordão, apertando e ajustando os fios à medida que avançava — e o trecho escuro tornou a acender-se! A fileira estava completa!

O que ele teria feito?

Esticou o cordão na mesa de pingue-pongue. Quase imediatamente, o segmento defeituoso voltou a apagar-se. Tentou ressuscitá-lo com novos apertos e palmadas, mas dessa vez não teve a mesma sorte.

(Bastava enfiar o cano da arma na boca, e estender a mão para o interruptor.)

Tornou a examinar a trança de fios de um verde-oliva opaco. Mesmo agora, mesmo naquele grau extremo de seu mal, acreditava que poderia sentar-se com lápis e papel e reinventar os princípios básicos dos circuitos elétricos. Estava convencido, naquele momento, de sua capacidade de fazê-lo; mas a tarefa de decifrar um circuito paralelo era muito mais assustadora que a tarefa, por exemplo, de ir até uma loja de atacado e esperar na fila. A tarefa mental requeria um redescobrimento indutivo dos preceitos básicos; requeria a revisão dos seus próprios circuitos cerebrais. Era de fato maravilhoso que tal coisa fosse ainda concebível — que um velho desmemoriado sozinho em seu porão com sua espingarda, seu biscoito doce e sua imensa poltrona azul pudesse regenerar espontaneamente circuitos orgânicos complexos o suficiente para entender a eletricidade —, mas a *energia* que aquela reversão da entropia iria lhe custar excedia de longe a energia que tinha à sua disposição na forma de seu biscoito doce. Talvez se ele comesse uma caixa inteira de biscoitos doces de uma vez só,

conseguisse reaprender como funcionava um circuito paralelo e compreender aquele trançamento peculiar dos três fios daquelas lâmpadas infernais. Mas, ah, meu Deus, dava um tal cansaço.

Ele sacudiu o cordão e as luzes mortas tornaram a acender. Sacudiu o cordão várias vezes e elas não se apagaram. Quando terminou de reenrolar o cordão em volta de seu carretel improvisado, porém, a faixa interna estava novamente escura. Duzentas lâmpadas ainda ardiam, mas a modernidade insistia que ele jogasse tudo no lixo.

Ele desconfiava que em algum lugar, de algum modo, aquela nova tecnologia fosse imbecil, ou preguiçosa. Algum jovem engenheiro tinha tomado um atalho, sem antecipar as conseqüências que ele estava sofrendo agora. No entanto, por não entender a tecnologia, não tinha como descobrir qual era a natureza do erro do engenheiro, ou tomar as medidas para corrigi-lo.

E assim aquelas malditas lâmpadas o transformaram numa vítima, e não havia nada que ele pudesse fazer além de sair de casa e *gastar*.

Quando crianças, fomos imbuídos, da vontade de consertar as coisas por conta própria e de um respeito pelos objetos físicos individuais, mas com o passar do tempo parte do nosso equipamento interno (inclusive partes do equipamento mental, como essa vontade e esse respeito) tornou-se obsoleto, e assim, embora muitas outras peças ainda funcionem bem, bem que alguém pode defender a idéia de jogar no lixo toda essa máquina humana.

O que era outra maneira de dizer que ele estava cansado.

Enfiou o biscoito na boca. Mastigou com cuidado e o engoliu. Era um inferno ficar velho.

Felizmente, havia milhares de outras lâmpadas no caixote de Maker's Mark. Alfred, metodicamente, foi ligando cada uma na tomada. Encontrou três cordões mais curtos em perfeitas condições de funcionamento, mas todos os demais estavam ou inexplicavelmente mortos ou tão velhos que a luz brilhava fraca e amarelada; e três cordões curtos jamais conseguiriam cobrir a árvore toda.

No fundo da caixa, encontrou pacotes de lâmpadas sobressalentes, cuidadosamente etiquetados. Encontrou cordões que havia formado depois de amputar e emendar segmentos defeituosos. Encontrou velhos cordões em série cujos soquetes quebrados ele tinha curto-circuitado com gotas de solda. Ficou muito impressionado, em retrospecto, de ter tido tempo de fazer todo aquele trabalho de conserto em meio a tantas outras responsabilidades.

Ah, os mitos, o otimismo infantil, do conserto! A esperança de que os objetos nunca acabem. A fé cega de que sempre haverá um futuro em que ele, Alfred, não só estaria vivo como ainda teria a energia necessária para fazer os consertos. A convicção muda de que todo aquele empenho em economizar e toda aquela paixão de conservador teriam sentido no futuro: de que algum dia ele acordaria transformado numa pessoa totalmente diferente, com uma energia infinita e um

tempo infinito para cuidar de todos os objetos que tinha guardado, manter tudo funcionando, manter tudo coeso.

“Eu devia consertar essa porcaria toda”, disse ele em voz alta.

Suas mãos tremiam. Tremiam o tempo todo.

Pegou a espingarda na oficina e apoiou-a no banco do laboratório.

O problema era insolúvel. Lá estivera ele, na água salgada e extremamente fria, os pulmões meio inundados e as pernas pesadas começando a ter câibras e o ombro deslocado, inútil. Tudo que ele precisaria ter feito era não fazer nada. Entregar-se e se afogar. Mas ele bateu as pernas, foi um reflexo. Não gostava das profundezas e por isso bateu as pernas, e então, do alto, choveram bóias cor de laranja. Ele enfiara seu braço bem no buraco de uma delas no exato momento em que uma combinação violenta de ondulação e corrente — a esteira d o *Gunnar Myrdal* — fez seu corpo rodopiar sem controle. Tudo que ele precisaria ter feito naquele momento era simplesmente largar a bóia. Mas ficou claro, no exato momento em que ele estava quase se afogando no Atlântico Norte, que no *outro* lugar não haveria objeto nenhum: que aquela mera bóia cor de laranja em que ele tinha enfiado o braço, aquele pedaço de espuma fundamentalmente inescrutável e indiferente revestido de pano, seria um verdadeiro DEUS no mundo desprovido de objetos, da morte, que o esperava; seria o SUPREMO-SOU-O-QUE-SOU naquele universo do não-ser. Por alguns minutos, aquela bóia cor de laranja foi o único objeto que ele tinha. Era seu último objeto e, portanto, instintivamente, ele o amava e agarrou-se a ele.

Em seguida puxaram-no para fora da água e enxugaram seu corpo, e o embrulharam em cobertores. Trataram-no como se fosse uma criança, e ele chegou a se perguntar se sobreviver tinha sido afinal uma boa idéia. Não havia nada de errado com ele, fora um olho cego, um ombro que não funcionava e algumas outras coisinhas, mas falavam com ele como se fosse um idiota, um garoto, um demente. Em sua solicitude fingida, em seu desprezo mal disfarçado, ele viu o futuro que tinha escolhido na água. Era um futuro de asilo, e isso o fez chorar. Ele devia ter-se afogado.

Fechou e trancou a porta do laboratório, porque no final das contas era tudo uma questão de privacidade, não era? Sem privacidade, ser um indivíduo não fazia sentido. E eles jamais lhe deixariam ter privacidade num asilo. Seriam como aquelas pessoas no helicóptero, e jamais iriam deixá-lo em paz.

Abriu as calças, tirou o pano que mantinha dobrado em sua roupa de baixo, e mijou numa lata de café Yuban.

Tinha comprado a arma um ano antes de se aposentar. Tinha imaginado que a aposentadoria poderia trazer aquela transformação radical. Imaginou-se caçando e pescando, imaginou-se de volta ao Kansas e ao Nebraska, num barquinho ao amanhecer, imaginou para si uma ridícula e improvável vida de recreação.

A arma tinha um movimento aveludado e convidativo, mas logo depois de tê-la comprado um estorninho quebrou o pescoço contra a janela da cozinha enquanto ele almoçava. Ele não conseguiu acabar de comer e nunca chegou a disparar a arma.

A espécie humana conquistou o domínio sobre a terra, e aproveitou a oportunidade para exterminar outras espécies, superaquecer a atmosfera e, de modo geral, arruinar todas as coisas à sua própria imagem, mas pagou um preço por esses privilégios: o corpo animal finito e específico dessa espécie continha um cérebro capaz de conceber o infinito, e de desejar ser ele próprio infinito.

Chegou um momento, contudo, em que a morte deixou de ser a guardiã da finitude e passou a ser vista como a última oportunidade de transformação radical, o único portal plausível para o infinito.

Mas ser visto como uma carcaça finita num mar de sangue, lascas de osso e massa cinzenta — infligir a outras pessoas essa versão de si mesmo — era uma violação da privacidade tão profunda que dava a impressão de que sobreviveria a ele.

E também tinha medo de que fosse doer.

E havia uma pergunta muito importante que ele ainda queria ver respondida. Seus filhos estavam chegando, Gary e Denise e talvez até mesmo Chip, o filho intelectual. Era possível que Chip, caso viesse, fosse capaz de responder a essa pergunta.

E a pergunta era:

A pergunta era:

Enid não tinha sentido vergonha nenhuma, nem um pouco, quando as sirenes começaram a tocar, o *Gunnar Myrdal* estremeceu com a reversão dos motores e ela atravessou o Salão de Baile Pippi Meialonga puxada por Sylvia Roth, que gritava: “É a mulher dele, abram passagem!”. Não ficara constrangida ao reencontrar o dr. Hibbard quando ele se ajoelhou na quadra de *shuffleboard* do convés e cortou as roupas molhadas de seu marido com elegantes tesouras cirúrgicas. E nem quando o diretor-assistente do cruzeiro, que a ajudava a arrumar as malas de Alfred, encontrou uma fralda amarelada dentro de um balde de gelo, nem quando Alfred xingou as enfermeiras e os ajudantes no continente, nem mesmo quando o rosto de Khellye Withers na TV, no quarto de hospital de Alfred, recordou-lhe que não tinha dito uma palavra de consolo a Sylvia na véspera da execução de Withers, ela sentiu alguma vergonha.

Voltou a Saint Jude tão bem-disposta que foi capaz de ligar para Gary e confessar que em vez de enviar para a Axon Corporation a licença devidamente autenticada para o uso da patente de Alfred, ela a escondera na lavanderia. Depois que Gary lhe deu a notícia decepcionante de que cinco mil dólares eram provavelmente um preço razoável pela licença no fim das contas, ela desceu ao porão para procurar o acordo mas não o encontrou em seu esconderijo. Com

uma estranha falta de constrangimento, ligou para Schwenksville e pediu à Axon que lhe enviasse uma nova cópia dos contratos. Alfred ficou intrigado quando ela lhe apresentou essas duplicatas, mas ela abanou as mãos e disse que, sabe como é, muitas coisas somem no correio. Dave Schumpert tornou a autenticar os papéis, e ela continuou a sentir-se muito bem até acabar seu estoque de Aslan, quando quase morreu de vergonha.

Uma vergonha atroz, incapacitante. Agora importava, como não tinha importado nem um pouco uma semana antes, que mil viajantes felizes a bordo do *Gunnar Myrdal* tivessem descoberto o quanto ela e Alfred eram diferentes. Todos os passageiros do navio tinham percebido que a escala na histórica cidade de Gaspé seria adiada, e que a excursão até a pitoresca ilha Bonaventure seria cancelada porque o sujeito trêmulo com aquela capa de chuva horrorosa tinha subido num lugar aonde ninguém devia subir, porque a mulher dele, uma egoísta, estava se divertindo na palestra sobre investimentos, porque ela tinha tomado uma droga que nenhum médico americano jamais receitaria legalmente, porque ela não acreditava em Deus e não respeitava a lei, porque ela era horivelmente, indizivelmente, *diferente* dos outros.

Noite após noite ela passava insone, envergonhada e pensando apenas em suas cápsulas douradas. Tinha vergonha de desejar tanto aquelas cápsulas, mas também estava convencida de que só elas poderiam lhe trazer algum alívio.

No início de novembro, levou Alfred até o Corporate Woods Medical Complex para sua avaliação neurológica bimestral. Denise, que inscrevera Alfred nos testes da Fase II do CorrecTor da Axon, tinha perguntado a Enid se ele lhe parecia “demente”. Enid transferiu a pergunta para o dr. Hedgpeth durante sua entrevista individual com ele, e Hedgpeth respondeu que a confusão periódica de Alfred sugeria de fato a demência do início do mal de Alzheimer ou dos corpos de Lewy — e a essa altura Enid interrompeu para perguntar se era possível que os estimulantes de dopamina que Alfred tomava estivessem provocando suas “alucinações”. Hedgpeth não podia negar que isso fosse possível. Disse que a única maneira segura de excluir a hipótese de demência seria internar Alfred no hospital para “férias medicamentosas” de dez dias.

Enid, envergonhada, não contou a Hedgpeth que tinha passado a temer hospitais. Não disse que tinha havido alguns acessos de raiva, algumas pancadas e alguns xingamentos no hospital canadense, a queda de alguns jarros d’água de isopor e a derrubada de alguns cabides de soro, até Alfred ser finalmente sedado. Não contou que Alfred lhe pedira para dar-lhe um tiro se fosse necessário levá-lo de volta a um lugar como aquele.

E quando Hedgpeth lhe perguntou como ela estava lidando com tudo aquilo, ela também não falou do seu probleminha com o Aslan. Temendo que Hedgpeth fosse considerá-la uma viciada fora de controle e sem força de vontade, nem sequer lhe pediu alguma outra “ajuda para dormir”. Disse, porém, que não vinha

dormindo bem. E com alguma ênfase: *não estou dormindo nada bem*. Mas Hedgpeth limitou-se a sugerir que ela experimentasse trocar de cama. E que tomasse Tylenol PM.

Parecia injusto a Enid, deitada no escuro ao lado do marido que roncava, que um remédio que podia ser comprado legalmente em tantos outros países não estivesse disponível para ela nos Estados Unidos. Achava injusto que tantas de suas amigas tomassem “ajudas para dormir” do tipo que Hedgpeth deixara de lhe oferecer. Hedgpeth era cruelmente escrupuloso. Ela poderia ter procurado outro médico, é claro, e pedido alguma “ajuda para dormir”, mas o médico novo iria com certeza perguntar-se por que os próprios médicos dela não lhe estavam dando aqueles remédios.

Era esta sua situação quando Bea e Chuck Meisner partiram para Áustria, em seis semanas de esportes de inverno com a família. No dia anterior à partida dos Meisner, Enid almoçou com Bea em Deepmire e pediu-lhe para lhe fazer um pequeno favor em Viena. Enfiou nas mãos de Bea um pedaço de papel no qual copiara as informações de uma embalagem vazia de amostra grátis — *ASLAN ‘Cruzeiro’ (citrato de radamantina 88%, 3-metil-cloreto de radamantina 12%)* — com a anotação *indisponível no momento nos EUA, preciso de uma quantidade para seis meses*.

“Não precisa se incomodar se for complicado”, disse a Bea, “mas se Klaus puder fazer uma receita, seria muito mais simples do que meu médico tentar conseguir do estrangeiro, quer dizer, então, espero que você se divirta muito no meu país predileto!”

Enid não poderia ter pedido um favor tão vergonhoso a qualquer outra pessoa que não fosse Bea. E mesmo a Bea, ela só se atrevera a pedir porque (a) Bea era um pouco burra, e (b) o marido de Bea tinha feito aquela compra vergonhosa de ações da Erie Belt com base em informação privilegiada, e (c) Enid achava que Chuck nunca tinha agradecido ou recompensado devidamente Alfred pela dita informação.

Assim que os Meisner partiram, porém, a vergonha de Enid atenuou-se misteriosamente. Como um feitiço que perdesse o efeito. Começou a dormir melhor e a pensar cada vez menos no remédio. Empregou seus poderes de esquecimento seletivo em relação ao favor que pedira a Bea. Tornou a sentir-se como ela mesma, ou seja: otimista.

Comprou duas passagens para a Filadélfia em 15 de janeiro. Contou às amigas que a Axon Corporation estava testando um novo e promissor tratamento de problemas cerebrais chamado CorrecTor, e que Alfred, por ter vendido a patente para a Axon, podia participar dos testes. Disse que Denise estava sendo um amor e que convidara ela e Alfred para ficarem com ela na Filadélfia pelo tempo necessário para os testes. E que o CorrecTor, não, não era um laxativo, era um tratamento novo e revolucionário para o mal de Parkinson. Admitiu que o

nome produzia alguma confusão, mas que não era um laxativo.

“Diga às pessoas da Axon”, ela recomendou a Denise, “que seu pai tem alguns sintomas leves de alucinação que o médico disse que *podem ser efeito dos remédios que ele toma*. E aí, se o CorrecTor fizer bem, ele pode parar de tomar essa medicação, e é provável que as alucinações desapareçam.”

Contou, não só para as amigas mas para todo mundo que conhecia em Saint Jude, inclusive o açougueiro, seu corretor e o carteiro, que seu neto Jonah estava vindo passar as Festas com ela. Naturalmente, estava decepcionada porque Gary e Jonah só iriam ficar três dias, indo embora ao meio-dia do dia de Natal, mas dava para fazer muita coisa boa em três dias. Ela já tinha comprado entradas para o espetáculo de luzes da Terra do Natal e para *O Quebra-Nozes*; a arrumação da árvore, um passeio de trenó, sair para cantar em coro e um serviço religioso de véspera de Natal também estavam na programação. Desencavou receitas de biscoito que não punha em prática havia vinte anos. Preparou zabaione.

No domingo antes do Natal, acordou às 3h05 da manhã e pensou: *Trinta e seis horas*. Quatro horas mais tarde, levantou-se pensando: *Trinta e duas horas*. Mais adiante, durante o dia, levou Alfred à festa de Natal da associação de moradores, na casa de Dale e Honey Driblett, deixou-o sentado em segurança com Kirby Root e dedicou-se a informar a todos os vizinhos que seu neto favorito, que passara *o ano inteiro* esperando pelo Natal em Saint Jude, estava chegando amanhã à tarde. Localizou Alfred no banheiro do andar de baixo da casa dos Driblett e teve com ele uma discussão inesperada acerca da sua suposta prisão de ventre. Levou-o para casa e o pôs na cama, apagou a discussão da memória e sentou-se na sala de jantar para dar conta de mais uma dúzia de cartões de Natal.

A cesta de palha com os cartões recebidos já continha uma pilha de dez centímetros deles, enviados por velhas amigas como Norma Greene e amigas novas como Sylvia Roth. Um número cada vez maior de pessoas mandava mensagens de Natal copiadas em Xerox ou impressas em computador, mas Enid não. Mesmo que isso a obrigasse a algum atraso, decidira escrever à mão cem bilhetes, e endereçar à mão quase duzentos envelopes. Além de seu Bilhete de Dois Parágrafos padronizado, e de seu Bilhete Completo de quatro parágrafos, ainda tinha criado um Bilhete Curto padrão:

Adorei nosso cruzeiro para ver as cores do outono na Nova Inglaterra e no litoral do Canadá. Al deu um “mergulho” inesperado no golfo de Saint Lawrence, mas está novamente em forma e “pronto para outra”! O novo restaurante superluxuoso de Denise em Filadélfia foi elogiado no *New York Times*. Chip continua trabalhando na firma de advocacia de NY e em investimentos na Europa Oriental. Recebemos uma visita maravilhosa de Gary e de nosso “precoce” neto mais novo,

Jonah. Esperamos que a família completa se reúna em Saint Jude no Natal — o que para mim é um *paraíso*! Com afeto.

Eram dez horas, e ela estava sacudindo o pulso para aliviar as câibras na mão, quando Gary ligou da Filadélfia.

“Estou louca para receber vocês dois daqui a dezessete horas”, cantarolou Enid ao telefone.

“Más notícias”, disse Gary. “Jonah está vomitando e com febre. Acho que não vai dar para levá-lo comigo no avião.”

Aquele camelo de decepção empacou diante do buraco da agulha, diante da vontade de Enid em fazê-lo passar.

“Vamos ver como ele acorda amanhã”, disse ela. “Muitas vezes as crianças têm essas viroses de vinte e quatro horas, aposto que ele vai melhorar. Ele pode descansar no avião. Pode ir cedo para a cama e dormir até tarde na terça-feira.”

“Mamãe.”

“Se ele estiver mesmo doente, Gary, eu entendo, não pode vir. Mas se a febre melhorar...”

“Pode acreditar que estamos todos decepcionados. Sobretudo Jonah.”

“Não precisa resolver nada agora. Amanhã é outro dia.”

“Estou avisando que provavelmente irei sozinho.”

“Mas, Gary, as coisas podem estar muito, muito diferentes amanhã de manhã. Por que você não espera e deixa para resolver amanhã e me faz uma surpresa. Aposto que tudo vai dar certo.”

Aquela era a estação da alegria e dos milagres, e Enid foi para a cama cheia de esperança.

Na manhã no dia seguinte, foi acordada cedo — *recompensada* — com o toque do telefone, o som da voz de Chip, a notícia de que ele estava chegando da Lituânia nas quarenta e oito horas seguintes, e de que a família estaria toda reunida na véspera de Natal. Cantarolava quando desceu as escadas e prendeu mais um ornamento no calendário do Advento pendurado na porta da frente.

Desde tempos imemoriais, o grupo de senhoras católicas das terças-feiras arrecadava dinheiro fabricando calendários do Advento. Não eram, como Enid se apressaria a esclarecer, daqueles calendários vagabundos de cartolina embrulhados em celofane que se compravam por cinco dólares. Eram cosidos à mão, e podiam ser usados muitas vezes. Uma árvore de Natal de feltro verde costurada em um quadrado de tela branca, com doze bolsinhos numerados no alto e mais doze embaixo. A cada manhã do período do Advento, as crianças tiravam um enfeite de um dos bolsos — um cavalinho de balanço de feltro e lantejoulas, ou uma pomba de feltro amarelo, ou um soldadinho de brinquedo incrustado de lantejoulas — e o prendia na árvore. Mesmo agora que seus filhos já tinham ido todos morar sozinhos, Enid continuava a distribuir aleatoriamente os

ornamentos pelos bolsos todo dia 30 de novembro. Só o ornamento do vigésimo quarto bolso é que era sempre o mesmo: um pequeno Menino Jesus de plástico numa casca de noz pintada de dourado com tinta spray. Embora Enid, de maneira geral, fosse bem pouco fervorosa em suas crenças natalinas, tinha uma verdadeira devoção por aquele ornamento. Para ela, era um ícone não só do Senhor, mas de seus três próprios filhos e de todos os bebês do mundo, com seus maravilhosos cheirinhos. Era ela que enchia o vigésimo quarto bolso há trinta anos, sabia perfeitamente o que continha, mas ainda assim a emoção que sentia antes de abri-lo a deixava sem fôlego.

“Ótima notícia a volta de Chip, não acha?”, perguntou ela a Alfred no café da manhã.

Alfred devorava às grandes colheradas seus cereais All-Bran em forma de grãos de ração para hamster e tomava seu copo matinal de leite quente com água. Sua expressão parecia uma regressão em perspectiva rumo a um ponto de fuga de infelicidade.

“Chip vai chegar *amanhã*”, repetiu Enid. “Não é uma beleza? Você não fica feliz?”

Alfred conferenciou com a massa empapada de All-Bran em sua colher errante. “Bem”, disse ele, “se ele chegar mesmo.”

“Ele disse que chegaria até amanhã à tarde”, disse Enid. “Talvez, se ele não estiver cansado demais, ainda possa ir ao *Quebra-Nozes* conosco. Ainda tenho seis entradas.”

“Tenho minhas dúvidas”, disse Alfred.

O fato de seus comentários dizerem respeito realmente às perguntas dela — de, apesar da infinitude em seus olhos, ele ainda participar de uma conversa finita — compensava a amargura em seu rosto.

Enid depositava todas as suas esperanças, como um bebê numa casca de noz, no CorrecTor. Se eles achassem Alfred confuso demais para participar dos testes, não sabia o que mais poderia fazer. A vida dela, portanto, adquirira uma estranha semelhança com as vidas dos seus amigos, especialmente Chuck Meisner e Joe Person, que eram “viciados” em monitorar seus investimentos. Segundo Bea, Chuck era tão ansioso que checava as cotações em seu computador duas ou três vezes por hora, e da última vez que Enid e Alfred tinham saído com os Person, Joe tinha deixado Enid *histérica*, no restaurante, ligando do celular para três corretores diferentes. Mas ela vinha fazendo a mesma coisa com Alfred: mantinha-se dolorosamente conectada para acompanhar esperançosamente cada melhora, sempre com medo de uma queda radical.

A hora mais livre do seu dia vinha logo depois do café-da-manhã. Todo dia, assim que Alfred acabava de tomar sua xícara de leite quente agudo, ele ia para o porão e se concentrava em evacuar. Enid não seria bem recebida se o abordasse naquele horário de pico de sua ansiedade, mas podia deixá-lo por

conta de seus próprios recursos. Suas preocupações intestinais não eram o tipo de loucura que o desqualificasse para o CorrecTor.

Do lado de fora da janela da cozinha, flocos de neve caídos de um céu coberto por nuvens assustadoramente azuladas pairavam em meio aos galhos secos de um pé de corniso que fora plantado por Chuck Meisner (e isto realmente marcava uma data), mas não ia para a frente. Enid misturou e depois congelou a massa de um pão de presunto para assar mais tarde e preparou uma bela salada de frutas com bananas, uvas verdes, abacaxi em lata, marshmallows e gelatina de limão. Aqueles pratos, juntamente com as batatas assadas duas vezes, eram oficialmente os pratos favoritos de Jonah em Saint Jude, e estavam no menu do jantar daquela noite.

Fazia meses que ela imaginava Jonah prendendo o Menino Jesus no calendário do Advento na manhã do dia 24.

Animada por sua segunda xicara de café, subiu as escadas e ajoelhou-se ao lado da velha cômoda de cerejeira de Gary, onde guardava seus presentes e brindes de festa. Tinha terminado suas compras de Natal semanas atrás, mas só comprara para Chip um roupão de banho de lã Pendleton vermelho e marrom que encontrara em liquidação. Chip tinha esgotado a boa vontade dela muitos Natais atrás, quando lhe mandara um livro de culinária usado, *Comidas marroquinas*, embrulhado em papel de alumínio e decorado com adesivos de cabides cortados por diagonais vermelhas. Agora que ele estava chegando da Lituânia, porém, ela queria recompensá-lo ao máximo que permitia seu orçamento para presentes. Que era o seguinte:

Alfred: sem quantia determinada

Chip e Denise: cem dólares cada, mais grapefruit

Gary e Caroline: sessenta dólares cada, no máximo, mais grapefruit

Aaron e Caleb: trinta dólares cada, no máximo

Jonah (só este ano): sem quantia determinada

Tendo pago US\$55 pelo roupão, faltavam-lhe de US\$45 em presentes adicionais para Chip. Remexeu nas gavetas da cômoda. Rejeitou os vasos embalados em caixotes de Hong Kong, os muitos baralhos com blocos combinando para anotar a contagem de jogos de cartas, os guardanapos temáticos de coquetel, os conjuntos lindos e inúteis de caneta e lapiseira, os muitos despertadores de viagem que se dobravam ou apitavam de maneira incomum, a calçadeira com cabo telescópico, as facas de carne coreanas inexplicavelmente cegas, os apoios de copo de bronze com forro de cortiça e locomotivas em relevo, o porta-retrato de cerâmica de 13 ¥ 18 com a palavra “Lembranças” em letras envernizadas cor de lavanda, as tartarugas em miniatura de ônix do México, e o muito bem embalado kit de fitas e papéis de embrulho chamado O Dom de Dar. Ponderou o

quanto poderiam ser adequados o abafador de velas de latão ou o conjunto de acrílico de saleiro e moedor de pimenta. Lembrando como eram poucos os utensílios de cozinha na casa de Chip, decidiu que o conjunto de saleiro com moedor de pimenta era uma ótima idéia.

Naquela estação de alegria e milagres, enquanto embrulhava o presente, esqueceu-se do laboratório recendendo a urina e de seus grilos incômodos. Ela era capaz de não se incomodar com o fato de Alfred ter armado a árvore com uma inclinação de vinte graus. Era capaz de acreditar que Jonah estava se sentindo tão bem quanto ela própria naquela manhã.

Quando acabou de embrulhar o presente, a luz no céu invernal cor de penas de gaivota tinha um ângulo e intensidade de meio-dia. Desceu até o porão, onde encontrou a mesa de pingue-pongue sepultada debaixo de cordões verdes de lâmpadas, como uma treliça engolfada pela hera, e Alfred sentado no chão às voltas com fita isolante, um alicate e fios de extensão.

“Droga de lâmpadas!”, disse ele.

“Al, o que você está fazendo no chão?”

“Essas malditas lampadinhas vagabundas de hoje em dia!”

“Não se preocupe com elas. Deixe aí. Gary e Jonah cuidam disso. Suba e venha almoçar.”

A chegada do vôo da Filadélfia estava prevista para uma e meia da tarde. Gary iria alugar um carro e chegar em casa em torno das três, e Enid pretendia deixar Alfred dormir até lá, porque à noite ela já poderia contar com reforços. Àquela noite, se ele se levantasse e saísse andando, ela não seria a única sentinela de prontidão.

O silêncio na casa depois do almoço tinha tamanha densidade que quase fez parar os relógios. Aquelas últimas horas de espera seriam o momento ideal para escrever uns cartões de Natal, uma ocasião onde ela só poderia lucrar, porque ou os minutos passariam voando ou ela teria produzido bastante; mas o tempo não aceitou ser ludibriado daquela maneira. Começando um Bilhete Curto, sentiu-se como se tivesse de fazer a caneta deslocar-se em meio a uma massa de melado. Perdia o fio das palavras, escreveu *deu um “mergulho” inesperado no “mergulho” inesperado*, e precisou jogar fora um cartão. Levantou-se para ir ver as horas na cozinha e descobriu que tinham se passado cinco minutos desde a última vez em que conferira as horas. Arrumou uma variedade de biscoitos numa bandeja laqueada de madeira. Arrumou uma pêra e uma faca para cortá-la numa tábua de cozinha. Sacudiu o recipiente de zabaione. Encheu a cafeteira de pó, para o caso de Gary querer tomar um café. Sentou-se para escrever um Bilhete Curto e viu, no vazio branco do cartão, um reflexo de sua mente. Foi até a janela e olhou para a descorada grama japonesa. O carteiro, pelejando com os embrulhos de Natal, vinha se aproximando da casa com uma volumosa pilha de correspondência, que fez passar pela abertura da porta em três remessas. Ela se

apossou da correspondência e separou o joio do trigo, mas estava agitada demais para abrir os cartões. Desceu até a poltrona azul do porão.

“Al”, gritou ela, “acho que você precisa levantar.”

Ele se endireitou na cadeira, com os cabelos arrepiados e os olhos vazios. “Já chegaram?”

“Vão chegar a qualquer momento. Você não quer se lavar?”

“Quem está vindo?”

“Gary e Jonah, se Jonah não estiver passando mal demais.”

“Gary”, disse Alfred. “E Jonah.”

“Por que você não toma um banho *de chuveiro*?”

Ele balançou a cabeça. “Nada de chuveiro.”

“Você corre o perigo de ficar entalado na banheira na hora em que eles chegarem...”

“Acho que tenho direito a um banho de banheira, depois de tudo que eu trabalhei na vida.”

Havia um belo boxe de chuveiro no banheiro de baixo, mas Alfred jamais gostara de tomar banho em pé. Já que Enid tinha passado a se recusar a ajudá-lo a sair da banheira do andar de cima, às vezes ficava até uma hora sentado ali, com a água já fria e cinzenta de sabão em torno dos quadris, antes de conseguir desvencilhar-se, porque era muito teimoso.

A água do banho estava correndo no banheiro de cima quando a batida tão esperada finalmente se fez ouvir.

Enid correu para a porta da frente, abriu e teve a visão de seu belo filho mais velho sozinho na entrada. Estava usando a jaqueta de couro e trazia uma maleta e um saco de compras de papel. A luz do sol, baixa e polarizada, tinha encontrado um modo de contornar as nuvens, como muitas vezes ocorria perto do final dos dias de inverno. A rua estava inundada pela despropositada luz dourada de interior que um pintor menor poderia escolher para uma representação da abertura do mar Vermelho. Os tijolos da casa dos Person, as nuvens inverniais azuis e purpúreas, as moitas verdes e resinosas, estavam todos tão falsamente nítidos que não era nem bonito, e sim estranho, agourento.

“E Jonah?”, exclamou Enid.

Gary entrou e pousou sua bagagem. “Ainda está com febre.”

Enid aceitou um beijo. Precisando de um momento para se recompor, disse a Gary para trazer a outra mala para dentro.

“Só trouxe esta mala aqui”, informou ele com o tipo de voz que se usa nos tribunais.

Ela olhou para a malinha. “Só trouxe isto?”

“Olhe, eu sei que você ficou decepcionada porque Jonah...”

“Ele estava com uma febre de quanto?”

“Trinta e oito, hoje de manhã.”

“Trinta e oito não é febre alta.”

Gary suspirou e desviou os olhos, inclinando a cabeça para alinhá-la com o eixo vertical da árvore de Natal adornada. “Escute”, disse ele. “Jonah está decepcionado. Eu estou decepcionado. Você está decepcionada. Vamos parar por aqui? Todo mundo está decepcionado.”

“É só que eu preparei tudo para ele”, disse Enid. “Preparei o jantar que ele mais gosta...”

“Mas eu avisei claramente...”

“E comprei entradas para o Waindell Park hoje à noite!”

Gary sacudiu a cabeça e saiu andando na direção da cozinha. “Então vamos ao parque”, disse ele. “E amanhã Denise vai chegar.”

“Chip também!”

Gary riu. “O quê, da Lituânia?”

“Ele ligou hoje de manhã.”

“Só acredito vendo”, disse Gary.

O mundo nas janelas tinha uma aparência menos real do que Enid gostaria. O foco de luz do sol que brilhava por baixo do teto de nuvens era a luz de sonho de nenhuma hora conhecida do dia. Ela teve a intuição de que a família que vinha tentando reunir não era mais a família de que se lembrava — de que aquele Natal não iria ser em nada parecido com os Natais do passado. Ainda assim ela fazia o possível para adaptar-se à nova realidade. De uma hora para outra, ficou *muito* animada com a vinda de Chip. E já que agora os presentes embrulhados de Jonah teriam de viajar para a Filadélfia com Gary, ela precisava embrulhar alguns despertadores de viagem e conjuntos de caneta e lapiseira para Caleb e Aaron, a fim de reduzir o contraste entre os presentes. Tinha tempo para fazê-lo enquanto esperava Denise e Chip.

“Fiz tantos biscoitos”, disse ela a Gary, que lavava as mãos com cuidado excessivo na pia da cozinha. “E posso cortar uma pêra, e fazer um café bem preto como você gosta.”

Gary cheirou o pano de prato antes de enxugar as mãos nele.

Alfred começou a berrar o nome dela do andar de cima.

“Ah, Gary”, disse ela, “ele ficou entalado na banheira de novo. Vá ajudá-lo. Eu não agüento mais.”

Gary secou as mãos com uma minúcia extrema. “Por que ele não está tomando banho de chuveiro, como nós tínhamos combinado?”

“Diz que gosta de tomar banho sentado.”

“Pior para ele, então”, afirmou Gary. “Este homem passou a vida inteira dizendo que cada um precisa assumir a responsabilidade pelos seus atos.”

Alfred tornou a berrar o nome dela.

“Vá, Gary, ajude o seu pai”, pediu ela.

Gary, com uma calma sinistra, alisava e endireitava o pano de prato dobrado

em seu cabide. “Vamos combinar uma coisa, mamãe”, disse ele com uma voz de tribunal. “Está ouvindo? Vamos combinar uma coisa. Nos próximos três dias, eu não vou fazer nada que vocês queiram que eu faça, além de cuidar do papai nas situações em que ele não devia mais estar. Se ele quiser subir numa escada e cair, eu vou deixá-lo estendido no chão. Se ele sangrar até a morte, vai sangrar até a morte. Se ele não conseguir sair da banheira sem a minha ajuda, vai passar o Natal entalado na banheira. Entendeu? Afora isto, eu faço tudo que você quiser. E então, na manhã do dia de Natal, você, ele e eu vamos nos sentar e ter uma conversinha...”

“ENID.” A voz de Alfred tinha um volume espantoso. “ALGUÉM ESTÁ TOCANDO A CAMPAINHA!”

Enid deu um suspiro fundo e foi até o pé da escada. “Al, é *Gary*.”

“Pode me ajudar?”, veio o grito.

“Gary, vá ver o que ele quer.”

Gary ficou parado na sala de jantar com os braços cruzados. “Será que eu não me expliquei bem?”

Enid estava lembrando de coisas sobre seu filho mais velho que preferia esquecer quando ele estava longe. Subiu as escadas devagar, tentando desfazer um nó de dor no quadril.

“Al”, disse ela, entrando no banheiro. “Não consigo ajudar você a sair da banheira, você vai ter de dar um jeito sozinho.”

Ele estava sentado em cinco centímetros de água, com o braço esticado e os dedos borboleteando. “Pegue para mim”, pediu ele.

“Pegar o quê?”

“O xampu.”

O frasco de xampu branqueador Snowy Mane tinha caído no chão por trás dele. Enid ajoelhou-se com cuidado no tapete do banheiro, protegendo o quadril, e entregou o frasco nas mãos dele. Alfred massageou o frasco com ar vago, como se procurasse um apoio ou pelejasse para lembrar de como se abria. Suas pernas não tinham mais pêlos, suas mãos estavam cobertas de manchas, mas os ombros ainda eram fortes.

“Que maldição”, disse ele, sorrindo para a garrafa.

O calor da água já tinha se dissipado no banheiro frio. Pairavam no ar os cheiros de sabonete Dial e, mais discretamente, de velhice. Enid ajoelhara-se exatamente no mesmo lugar onde se ajoelhara milhares de vezes para lavar os cabelos dos filhos e enxaguar suas cabeças com a água quente de uma caçarola de um litro que ela trazia da cozinha especialmente para aquilo. Ficou olhando o marido revirar o frasco de xampu nas mãos.

“Oh, Al”, disse ela, “o que nós vamos fazer?”

“Ajude-me aqui.”

“Está bem, eu ajudo.”

A campainha da porta tocou.

“De novo.”

“Gary”, chamou Enid, “vá ver quem é.” Ela derramou xampu na palma da mão. “Você precisava tomar banho de chuveiro.”

“Não estou firme para tomar banho de pé.”

“Aqui, molhe o cabelo.” Ela passou a mão pela água morna, para ilustrar a idéia. Ele jogou um pouco na cabeça. Ela ouviu a voz de Gary conversando com alguma das amigas dela, uma mulher alegre de Saint Jude, talvez Esther Root.

“Podemos comprar um banquinho para o chuveiro”, disse ela, fazendo o xampu espumar na cabeça de Alfred. “E podemos instalar uma barra para você se segurar, como o doutor Hedgpeth recomendou. Talvez Gary possa instalar a barra amanhã.”

A voz de Alfred vibrava em seu crânio e transmitia-se aos dedos dela. “Gary e Jonah chegaram bem?”

“Não, só Gary”, disse Enid. “Jonah está com uma febre altíssima, e vomitando muito. Coitadinho, estava enjoado demais para viajar.”

Alfred piscou os olhos, penalizado.

“Incline a cabeça para frente que eu vou enxaguar.”

Se Alfred estava tentando inclinar-se, isto só era demonstrado por um tremor em suas pernas, e não por qualquer mudança de posição.

“Você precisa fazer *muito* mais alongamento”, disse Enid. “Você já deu uma olhada naquela folha do doutor Hedgpeth?”

Alfred balançou a cabeça. “Não adiantou nada.”

“Talvez Denise possa ensinar você a fazer esses exercícios. Assim você ia gostar.”

Ela esticou o braço para pegar o copo na pia. Encheu-o e tornou a enchê-lo na torneira da banheira, derramando a água quente na cabeça do marido. Os olhos fechados com força, ele parecia uma criança.

“Você vai precisar sair sozinho”, disse ela. “Eu não consigo ajudar.”

“Eu tenho o meu método”, disse ele.

Lá embaixo, na sala, Gary estava ajoelhado, endireitando a árvore torta.

“Quem tocou a campainha?”, perguntou Enid.

“Bea Meisner”, disse ele, sem levantar os olhos. “Deixou um presente, está em cima da lareira.”

“Bea Meisner?” Uma chama tardia de vergonha manifestou-se em Enid. “Achei que eles iam passar as Festas na Áustria.”

“Não, vão passar um dia aqui e depois seguem para La Jolla.”

“É onde Katie mora com Stew. Ela trouxe alguma coisa?”

“Em cima da lareira”, disse Gary.

O presente de Bea era uma garrafa de alguma coisa, festivamente embrulhada, austríaca provavelmente.

“E mais nada?”

Gary, batendo as mãos para limpá-las das agulhas do pinheiro, dirigiu-lhe um olhar estranho. “Você estava esperando alguma coisa a mais?”

“Não, não”, respondeu ela. “Só uma coisinha boba que eu pedi que me trouxesse de Viena, mas ela deve ter esquecido.”

Os olhos de Gary se estreitaram. “Que coisinha boba?”

“Ah, nada, nada.” Enid examinou a garrafa para ver se trazia algo preso. Tinha sobrevivido à sua fascinação pelo Aslan, tinha feito o esforço necessário para esquecer o remédio, e não estava nem um pouco segura de querer tornar a ver o Leão. Mas o Leão ainda tinha poder sobre ela. Ela estava sentindo uma coisa do passado, a apreensão prazerosa em torno da volta do amado. Sentiu saudade de como sentia saudades de Alfred.

Reclamou: “Por que você não a convidou para entrar?”

“Chuck estava esperando no Jaguar”, disse Gary. “Eles devem estar passando na casa de todo mundo.”

“Bem”, Enid desembulhou a garrafa — era um champanhe austríaco Halbtrocken — para certificar-se de que não havia nada escondido.

“Este vinho tem cara de ser muito doce”, comentou Gary.

Ela pediu-lhe que acendesse a lareira. Ficou olhando maravilhada enquanto seu competente filho grisalho caminhava com firmeza até a pilha de lenha e voltava com uma carga de toras que arrumou com destreza na lareira e acendeu com apenas um fósforo, na primeira tentativa. Toda a função levou cinco minutos. Gary não estava fazendo nada além de funcionar como os homens deviam funcionar, mas ainda assim, em comparação com o homem com quem Enid vivia, suas capacidades pareciam atributos de um deus. O menor de seus gestos era um espetáculo glorioso.

Juntamente com o alívio de tê-lo em sua casa, porém, vinha a consciência de que ele partiria dentro de muito pouco.

Alfred, usando um paletó esporte, fez uma escala na sala de estar e conversou com Gary por um minuto antes de ir instalar-se na saleta de TV para uma dose de noticiário local em altíssimo volume. Sua idade e suas costas curvadas tinham tirado uns cinco centímetros de sua altura, que até pouco tempo era a mesma de Gary.

Enquanto Gary, com um controle motor notável, pendurava as lâmpadas na árvores, Enid sentou-se junto ao fogo e abriu os caixotes de papelão em que guardava seus enfeites. Em todas as viagens que fizera, a maior parte do dinheiro dela ia para ornamentos natalinos. Em sua mente, enquanto Gary os pendurava, viu-se de volta a uma Suécia povoada por renas de palha e cavalinhos vermelhos, a uma Noruega cujos cidadãos usavam autênticas botas de pêlo de rena feitas pelos lapões, a uma Veneza onde todos os animais eram confeccionados em vidro, a uma Alemanha de casa de bonecas de Papais Noéis e anjos de madeira

esmaltada, a uma Áustria de soldadinhos de madeira e minúsculas igrejinhas alpinas. Na Bélgica, as pombas da paz eram de chocolate e envoltas decorativamente em papel laminado, na França os bonequinhos representando gendarmes e pintores vinham impecavelmente vestidos, e na Suíça os sinos de bronze dobravam por cima de minipresépios declaradamente religiosos. A Andaluzia estava repleta do canto de aves coloridas; o México tilintava com seus objetos de metal recortado e pintado. Nos elevados planaltos da China, o galope sem ruído de um rebanho de cavalos de seda. No Japão, o silêncio zen de suas abstrações laqueadas.

Gary prendeu cada enfeite na árvore de acordo com as orientações de Enid. Ela o estava achando diferente — mais calmo, mais maduro, mais decidido — até o momento em que ela pediu que ele lhe prestasse um pequeno serviço no dia seguinte.

“Instalar uma barra no chuveiro não é um ‘pequeno serviço’”, respondeu ele. “Teria feito sentido um ano atrás, mas agora não faz mais. Papai pode usar a banheira por mais alguns dias, até resolvermos o que vai ser feito desta casa.”

“Ainda faltam quatro semanas para irmos para a Filadélfia”, disse Enid. “Eu queria que ele criasse o costume de tomar banho de chuveiro. Queria que você comprasse um banquinho e instalasse uma barra no chuveiro amanhã, assim já ficava pronto.”

Gary suspirou. “Você está achando que você e papai podem mesmo ficar morando aqui?”

“Se o CorrecTor funcionar...”

“Mamãe, ele vai ser examinado para avaliarem o grau de demência. Você acredita mesmo...”

“O grau de demência *que não tem a ver com o uso de medicação*.”

“Escute, eu não quero estragar os seus sonhos...”

“Denise já cuidou de tudo. Precisamos tentar.”

“Bom, e depois?”, perguntou Gary. “Ele se cura, por milagre, e vocês dois ficam vivendo aqui, felizes para sempre?”

A luz nas janelas tinha morrido por completo. Enid não entendia por que seu filho mais velho, tão gentil e responsável, a quem se sentia tão ligada desde a infância, respondia com tamanha *raiva*, agora, sempre que ela lhe pedia ajuda. Desembrulhou uma bola de isopor que ele tinha decorado com pedaços de pano e lantejoulas quando tinha nove ou dez anos. “Lembra disto?”

Gary pegou a bola. “Fizemos estas bolas nas aulas da senhora. Ostriker.”

“E você me deu de presente.”

“Foi mesmo?”

“Você disse que faria qualquer coisa que eu quisesse amanhã”, disse Enid. “É isso que eu quero.”

“Está bem! Está bem!” Gary atirou as mãos para o alto. “Eu compro o

banquinho! Eu instalo a barra!”

Depois do jantar, tirou o velho Oldsmobile da garagem e os três foram ver a Terra do Natal.

Do banco de trás, Enid via a parte inferior das nuvens captando a luz urbana; as manchas de céu aberto eram mais escuras e pontilhadas de estrelas. Gary pilotou o carro por estreitas ruas suburbanas até os portais de pedra calcária do Waindell Park, onde uma comprida fila de carros, camionetes e vans esperava para entrar.

“Olhe só quantos carros”, disse Alfred sem qualquer sinal de sua antiga impaciência.

Cobrando entrada para a Terra do Natal, o condado abatia o custo da montagem daquela extravagância anual. Um guarda florestal do condado pegou as entradas dos Lambert e disse a Gary para desligar todas as luzes do carro, menos as lanternas. O Oldsmobile avançou lentamente numa fila de veículos apagados que nunca tinham parecido tanto com animais, coletivamente, naquela humilde procissão através do parque.

Na maior parte do ano, aquele parque era um lugar cansado, com a grama queimada, os lagos marrons e modestos pavilhões de pedra. Em dezembro, durante o dia, tinha sua pior aparência. Fios e cabos de força cruzavam-se por cima dos gramados. Escoras e andaimes expunham-se em sua precariedade, sua provisoriade, na proeminência metálica de suas juntas. Centenas de árvores e arbustos eram envolvidos em cordões luminosos, os galhos pendentes como que atingidos por uma chuva congelada de vidro e plástico.

À noite, o parque se transformava na Terra do Natal. Enid aspirou ruidosamente quando o Oldsmobile chegou ao alto de uma encosta luminosa e vislumbrou um panorama luminoso. Assim como diziam que os animais falavam na véspera de Natal, a ordem natural dos subúrbios parecia invertida ali, a terra geralmente escura aivada pela luz, a estrada geralmente movimentada obscurecida pelo tráfego lento.

As inclinações suaves do relevo do parque e a intimidade das relações de sua linha de montanhas com o céu eram uma coisa do Meio-Oeste. Assim como, na opinião de Enid, o silêncio e a paciência dos motoristas; assim como as comunidades isoladas de carvalhos e bordos nas fronteiras do parque. Ela tinha passado os últimos oito Natais exilada no Leste estrangeiro, e agora, finalmente, sentia-se em casa. Imaginou ser enterrada naquela paisagem. Ficava satisfeita de pensar que seus ossos descansariam numa encosta como aquela.

E vieram pavilhões cintilantes, renas luminosas, pendentes e colares de fótons reunidos, rostos de Papai Noel eletropontilhistas, uma campina repleta de gigantescas bengalas de açúcar reluzentes.

“Trabalharam muito aqui”, comentou Alfred.

“Que pena que Jonah não pode vir”, disse Gary, como se, até então, não

tivesse sentido pena alguma.

O espetáculo não era mais do que luzes na escuridão, mas Enid ficou sem fala. Pedem-nos tantas vezes para sermos crédulos que raramente conseguimos conjurar a credulidade em termos absolutos, mas ali, no Waindell Park, Enid conseguia. Alguém tinha se dedicado a maravilhar os visitantes, e Enid ficou devidamente maravilhada. E amanhã Denise e Chip chegavam, amanhã era *O Quebra-Nozes*, e na quarta-feira iam tirar o Menino Jesus de seu bolsinho e prender o bercinho de noz na árvore: tanta coisa boa ainda ia acontecer.

De manhã, Gary foi de carro até Hospital City, o subúrbio próximo onde se concentravam os grandes centros médicos de Saint Jude, e prendeu a respiração em meio a homens de quarenta quilos em cadeiras de rodas e mulheres de duzentos quilos em vestidos que pareciam barracas, aglomerados nos corredores da Central Discount Medical Supply. Gary estava com ódio da mãe por tê-lo obrigado a ir lá, mas reconhecia o quanto tinha sorte comparado a ela, o quanto era mais livre e privilegiado, de maneira que cerrou os dentes e procurou manter o máximo de distância dos corpos daqueles habitantes locais que faziam seus estoques de seringas e luvas de borracha, caramelos para comer na cama, absorventes de todos os tamanhos e formas imagináveis, pacotes gigantes contendo 144 cartões desejando saúde e CDs de solos de flauta, vídeos de exercícios de visualização e sacos e tubos de plástico descartáveis que se conectavam a interfaces de plástico rígido costuradas na carne viva.

O problema de Gary com grupos de doentes, além da constatação de que eles envolviam grandes quantidades de corpos humanos e de que ele não gostava de corpos humanos em grandes quantidades, era que ele achava que a doença era uma coisa de classe baixa. Gente pobre é que fumava, gente pobre é que comia rosquinhas de leite às dúzias. Gente pobre que era engravidada por parentes próximos. Gente pobre tinha maus hábitos de higiene e vivia em vizinhanças tóxicas. Gente pobre, com seus males, constituía uma subespécie da humanidade que felizmente permanecia invisível para Gary, exceto em hospitais e em lugares como a Central Discount Medical Supply. Pertenciam a uma linhagem mais burra, mais triste, mais gorda e mais resignada com o sofrimento. Uma subclasse doente que ele realmente preferia evitar.

No entanto, ele chegara a Saint Jude sentindo-se culpado por várias circunstâncias que escondera de Enid e tinha prometido que seria um bom filho por três dias. Assim, apesar de sua vergonha, tinha passado em meio àquela multidão de coxos e aleijados, entrado no vasto salão de mostruário de móveis do Central Discount Medical, e procurado um banquinho para seu pai sentar-se no chuveiro.

Uma versão para orquestra sinfônica da música natalina mais chata de todos os tempos, *Little Drummer Boy*, escorria de alto-falantes ocultos no salão. A manhã, do lado de fora das vitrines de vidro laminado, estava clara, ventosa, fria.

Uma folha de jornal enrolou-se em torno de um parquímetro com um desespero que parecia erótico. Toldos de lona gemiam e as borrachas protetoras de pára-lamas dos automóveis estremeciam.

A imensa variedade de banquinhos médicos, e a gama de doenças cuja existência eles atestavam, podiam ter deixado Gary mal caso ele não tivesse sido capaz de fazer julgamentos estéticos.

Perguntou-se, por exemplo, por que bege. O plástico dos artigos de uso médico era geralmente bege, no máximo um cinza doentio. Por que não vermelho? Por que não preto? Por que não verde-azulado?

Talvez o plástico bege tivesse a intenção de garantir que aquelas peças de mobiliário só seriam mesmo usadas com finalidade médica. Talvez o fabricante temesse que, caso as cadeiras ficassem bonitas demais, as pessoas pudessem ter a tentação de comprá-las com fins não-médicos.

Claro, era *isto* que eles precisavam evitar a qualquer preço: gente demais querendo comprar seus produtos!

Gary balançou a cabeça. A estupidéz daqueles fabricantes.

Escolheu um banquinho robusto e baixo de alumínio com um assento bege bem largo. Escolheu uma barra resistente (bege!) para instalar no chuveiro. Maravilhado com o preço de custo, levou os artigos até o caixa, onde uma amistosa moça do Meio-Oeste, possivelmente evangélica (usava um suéter de brocado com uma franja), mostrou os códigos de barra para um raio laser e disse a Gary, com um sotaque da parte sul do estado, que aqueles bancos de alumínio eram de fato um produto excelente. “Tão leves e praticamente indestrutíveis”, disse ela. “É para a sua mãe ou para o seu pai?”

Gary abominava a invasões de sua privacidade e recusou-se a dar à moça a satisfação de uma resposta. Mas fez que sim com a cabeça.

“Os velhinhos ficam trêmulos no chuveiro depois de uma certa altura. Acho que acaba acontecendo com todo mundo.” A jovem filósofa passou o cartão AmEx de Gary por uma fenda. “Está passando as festas em casa, ajudando um pouco os velhos?”

“Sabe para que esses banquinhos me parecem perfeitos?”, perguntou Gary. “Para se enforcar. Não acha?”

A vida sumiu do sorriso da moça. “Não entendo nada disso.”

“Tão leve... bem fácil de empurrar com o pé.”

“Assine aqui por favor.”

Ele precisou brigar contra o vento para abrir a porta de saída. O vento estava cheio de dentes, e mordeu-o através de sua jaqueta de couro. Era um vento que não enfrentava nenhuma topografia digna do nome em seu trajeto desde o Ártico até Saint Jude.

Tomando a direção norte no rumo do aeroporto, deixando o sol baixo piedosamente para trás, Gary perguntou-se se teria sido cruel com a moça. Era

possível que sim. Mas ele estava sob tensão, e uma pessoa submetida a estresse, em sua opinião, tinha o direito de ser estrita em relação aos limites que estabelecia para si mesma — estrita em sua contabilidade moral, estrita quanto ao que se dispunha ou não se dispunha a fazer, estrita acerca de quem era e de quem não era e acerca das pessoas com quem deveria ou não falar. Se uma menina evangélica mais atrevida insistia em puxar conversa, ele tinha o direito de pelo menos escolher o assunto.

Mas também sabia, não obstante, que se a moça fosse mais atraente ele teria sido menos cruel.

Tudo em Saint Jude conspirava para induzi-lo ao erro. Mas nos meses desde que se rendera a Caroline (e a mão tinha sarado bem, obrigado, deixando apenas uma pequena cicatriz), ele se reconciliara com a idéia de ser o vilão de Saint Jude. Qualquer um, sabendo de antemão que a mãe vilão, fizesse o que fizesse, perderia o incentivo para jogar obedecendo às regras dela. Afirmava regras próprias. Fazia o possível para se preservar. E até fingia, se necessário, que um filho seu perfeitamente saudável estava doente.

A verdade quanto a Jonah era que ele tinha decidido por conta própria não vir a Saint Jude, de acordo com os termos da rendição de Gary a Caroline em outubro. Tendo nas mãos cinco passagens aéreas não-reembolsáveis para Saint Jude, Gary dissera à sua família que desejava que todos fossem passar o Natal lá com ele, mas que *ninguém seria obrigado a ir*. Caroline, Caleb e Aaron tinham declarado imediatamente, em alto e bom som, que não iriam, muito obrigado. Jonah, ainda sob o efeito do entusiasmo da avó, declarou que “gostaria muito” de ir. Gary nunca chegou propriamente a prometer a Enid que Jonah iria, mas também nunca lhe deu a entender que o menino podia deixar de ir.

Em novembro, Caroline comprou quatro entradas para assistir ao espetáculo do mágico Alan Gregarius no dia 22 de dezembro, e mais quatro entradas para assistir a *O Rei Leão* em Nova York no dia 23. “Jonah pode vir se ele estiver aqui”, disse ela, “ou então Aaron e Caleb convidam algum amigo.” Gary quis perguntar por que ela não comprara as entradas para a semana *seguinte* ao Natal, o que teria poupado Jonah de uma escolha difícil. Desde a rendição de outubro, porém, ele e Caroline vinham vivendo uma segunda lua-de-mel, e embora estivesse claro que Gary, um filho dedicado, iria passar três dias em Saint Jude, uma sombra surgia em sua bem-aventurança doméstica sempre que fazia referência a essa viagem. Quanto mais dias se passavam sem qualquer referência a Enid ou ao Natal, mais Caroline dava a impressão de desejá-lo, mais ela o incluía em suas brincadeiras exclusivas com Aaron e Caleb, e menos deprimido ele se sentia. Na verdade, o próprio tema de sua depressão nunca mais fora ventilado desde a manhã da queda de Alfred. O silêncio em torno do Natal parecia-lhe um preço baixo a pagar por tamanha harmonia doméstica.

E por algum tempo as iguarias e a atenção que Enid prometera a Jonah em

Saint Jude deram a impressão de superar os atrativos de Alain Gregarius e de *O Rei Leão*. Jonah devaneava em voz alta à mesa do jantar sobre a Terra do Natal e o calendário do Advento dos quais a avó tanto falava; ignorava, ou não via, as piscadelas e os sorrisos que Aaron e Caleb trocavam. Mas Caroline, cada vez mais abertamente, encorajava os meninos mais velhos a rirem de seus avós e a contarem histórias sobre as confusões de Alfred (“Ele chamava de Intendo!”), o puritanismo de Enid (“Ela perguntou qual era a *censura* do programa!”) e a parcimônia de Enid (“Ficaram duas ervilhas, e ela embrulhou as duas em papel laminado!”), e Gary, depois de sua rendição, começou a aderir às risadas ele também (“Vovó é mesmo engraçada, não é?”), e finalmente Jonah ficou com vergonha dos seus planos. Aos oito anos, acabou subjugado pela tirania da Perfeição. Primeiro parou de falar do Natal à mesa, e depois, quando Caleb, com a sua tradicional semi-ironia, perguntou se ele ainda estava animado para ver a Terra do Natal, Jonah respondeu, com uma voz que se esforçava para soar maldosa, “acho que na verdade é uma coisa bem *imbecil*”.

“Um monte de pessoas, em carros enormes, andando no escuro”, disse Aaron.

“E dizendo que é tudo uma *maravilha*”, disse Caroline, arremedando o sotaque do Meio-Oeste.

“Maravilha, maravilha”, imitou-a Caleb.

“Vocês não deviam zombar da avó de vocês”, disse Gary.

“Eles não estão zombando”, disse Caroline.

“Isso mesmo”, disse Caleb. “É só que as pessoas de Saint Jude são engraçadas, não é, Jonah?”

“As pessoas de lá são mesmo muito gordas”, disse Jonah.

Na noite de sábado, três dias atrás, Jonah tinha vomitado depois do jantar e ido para a cama com uma ponta de febre. Ao fim da tarde de domingo, sua cor e seu apetite tinham voltado ao normal, e Caroline usou seu último trunfo. No aniversário de Aaron, no início do mês, ela tinha comprado um jogo caro de computador, *God Project II*, em que os jogadores criavam e operavam organismos para competir num ecossistema em funcionamento. Ela não tinha deixado Aaron e Caleb começarem a jogar antes do fim das aulas, e agora, quando finalmente começaram, ela insistiu que deixassem Jonah ser os Micróbios, porque o Micróbios, em qualquer ecossistema, eram quem se divertia mais e nunca se extinguíam.

Na hora de dormir, no domingo, Jonah estava em transe com sua equipe de bactérias assassinas, e mal podia esperar a hora de mandá-las para a guerra no dia seguinte. Quando Gary o acordou na manhã de segunda-feira e perguntou se ele vinha para Saint Jude, Jonah respondeu que preferia ficar em casa.

“Você é que sabe”, disse Gary. “Mas era muito importante para sua avó.”

“E se não tiver muita graça?”

“Nunca se pode garantir que alguma coisa vá ter graça”, respondeu Gary. “Mas sua avó iria ficar feliz. Isto eu garanto.”

O rosto de Jonah se anuviou. “Posso pensar uma hora, antes de resolver?”

“Pode, uma hora. Mas depois é hora de arrumar as malas e ir embora.”

No fim de uma hora, Jonah estava profundamente mergulhado em *God Project II*. Uma linhagem de suas bactérias tinha conseguido cegar oitenta por cento dos mamíferos de pequeno porte de Aaron.

“Está tudo bem se você não for”, Caroline tranquilizou Jonah. “O que importa é a sua escolha. As férias são suas.”

Ninguém vai ser obrigado a ir.

“Pela última vez”, disse Gary, “eu vou dizer que sua avó está ansiosa para ver você.”

O rosto de Caroline foi tomado por uma desolação, um olhar profundo e choroso, que lembrava os conflitos de setembro. Ela se levantou sem dizer palavra e saiu da sala de brinquedos.

A resposta de Jonah veio numa voz pouco mais alta que um sussurro. “Acho que vou ficar aqui mesmo.”

Se ainda fosse setembro, Gary poderia ter visto na decisão de Jonah uma parábola da crise do dever moral na cultura de escolha do consumidor. Poderia ter ficado deprimido. Mas já tinha passado por aquilo, e sabia que não terminava bem.

Arrumou a mala e beijou Caroline. “Vou ficar feliz quando você voltar”, disse ela.

No sentido moral estrito, Gary sabia que não tinha feito nada de errado. Jamais garantira a Enid que Jonah estaria indo. Foi simplesmente para poupar-se de uma discussão que decidira mentir sobre a saúde do menino.

De forma similar, a fim de poupar os sentimentos de Enid, ele não mencionara que, nos seis dias úteis seguintes ao lançamento dos papéis, suas cinco mil ações da Axon Corporation, pelas quais tinha pago sessenta mil dólares, passaram a valer 118 mil. Aqui também ele não tinha feito nada errado, mas diante do valor pífio do pagamento da Axon pelo licenciamento da patente de Alfred, o silêncio lhe parecia a política mais sensata.

O mesmo também se aplicava ao pacotinho que Gary tinha guardado no bolso de dentro da jaqueta.

Aviões a jato mergulhavam do céu claro, felizes em suas peles de metal, enquanto ele abria caminho em meio ao tráfego de idosos que convergia para o aeroporto. Os dias anteriores ao Natal eram o grande momento do aeroporto de Saint Jude — sua razão de ser, talvez. O estacionamento estava cheio, e todos os corredores apinhados.

Denise, porém, tinha chegado na hora. Até mesmo as companhias aéreas participaram da conspiração para protegê-la do constrangimento de impor ao

irmão o incômodo de uma chegada com atraso. Estava de pé, como era o costume da família, num portão pouco usado na área de embarque. O sobretudo que usava era uma peça bem descolada, de lã vermelho-granada com forro de veludo cor-de-rosa, e alguma coisa em seu rosto pareceu diferente a Gary — mais maquiagem do que costume, talvez. Mais batom. Cada uma das ocasiões em que vira Denise no último ano (a mais recente no Dia de Ação de Graças), ela estava mais enfaticamente diferente da pessoa em que sempre imaginara que ela se transformaria ao crescer.

Quando a beijou, sentiu cheiro de cigarro.

“Você virou fumante”, disse ele, abrindo espaço na mala do carro para a maleta e o saco de compras que ela trazia.

Denise sorriu. “Destranque a porta, estou congelando.”

Gary vestiu seus óculos escuros. Voltando para o sul, na direção da claridade, quase foi atingido de lado ao entrar na preferencial. A agressividade no trânsito estava se instalando em Saint Jude; o tráfego já não se deslocava tão devagar a ponto de um motorista do Leste poder costurar à vontade entre os carros.

“Aposto que mamãe está feliz porque Jonah está aqui”, disse Denise.

“Na verdade, Jonah não veio.”

Ela virou a cabeça bruscamente. “Você não trouxe Jonah?”

“Ele ficou doente.”

“Não acredito. Você não trouxe Jonah!”

Ela dava a impressão de não considerar, por um momento sequer, a possibilidade de que ele estivesse dizendo a verdade.

“Moram cinco pessoas na minha casa”, explicou Gary. “Até onde eu sei, na sua só mora uma. As coisas ficam mais complicadas quando você tem várias responsabilidades.”

“Eu só lamento que você tenha alimentado as esperanças de mamãe.”

“Não é culpa minha se ela escolheu viver no futuro.”

“Tem razão”, concordou Denise. “Não é culpa sua. Eu só preferia que não tivesse acontecido.”

“Por falar em mamãe”, disse Gary, “quero lhe contar uma coisa muito estranha. Mas você precisa prometer que não vai dizer nada a ela.”

“Qual coisa estranha?”

“Prometa que não vai contar.”

Denise prometeu, Gary abriu o bolso de dentro da jaqueta e mostrou-lhe o pacote que Bea Meisner lhe tinha entregado na véspera. O momento tinha sido amplamente bizarro: o Jaguar de Chuck Meisner na rua, com o motor ligado em ponto morto, em meio às baforadas cetáceas da descarga do motor, Bea Meisner em cima do capacho de Boas-Vindas com seu sobretudo bordado de lã impermeável verde enquanto pescava no fundo da bolsa um pacotinho amassado e muito manuseado, Gary pousando a garrafa de champanhe embrulhada e

aceitando a entrega do contrabando. “É para a sua mãe”, dissera Bea Meisner. “Mas diga a ela que Klaus mandou que tomasse muito cuidado. Nem queria me dar. Disse que pode causar dependência, e foi por isso que eu só trouxe um pouco. Ela me pediu para seis meses, mas Klaus só deu receita para um. Então diga a ela para conferir com o médico. Talvez, Gary, seja melhor você guardar o pacote até ela falar com ele. De qualquer modo, um ótimo Natal” — aqui se ouviu a buzina do Jaguar — “e lembranças para todos.”

Gary contou a história para Denise enquanto ela abria o pacote. Bea tinha dobrado uma página arrancada de uma revista alemã pregada com fita adesiva. Num dos lados da página havia uma vaca alemã de óculos promovendo um leite ultrapasteurizado. Dentro do pacote havia trinta pílulas douradas.

“Meu Deus.” Denise riu. “Mexican A!”

“Nunca ouvi falar”, disse Gary.

“Uma droga de boate. Muito usada pelos jovens.”

“E Bea Meisner veio até a nossa casa para entregar isso a mamãe!”

“Mamãe sabe que você pegou o pacote?”

“Ainda não. Eu nem sei o que este remédio faz.”

Denise estendeu o braço e, segurando uma pílula em seus dedos de tabagista, aproximou-a da boca do irmão. “Experimente.”

Gary afastou a cabeça com um gesto brusco. Sua irmã parecia estar ela própria sob o efeito de alguma droga, alguma coisa mais forte do que a nicotina. Estava muito feliz ou muito infeliz, ou alguma combinação perigosa das duas coisas. Usava anéis de prata em três dedos e mais um no polegar.

“Você já experimentou?”, perguntou ele.

“Não, eu continuo só no álcool.”

Ela dobrou o pacote e Gary tornou a apossar-se dele. “Eu quero saber com certeza se você está de acordo comigo nessa história”, disse ele. “Você concorda que mamãe não devia estar recebendo drogas ilegais, que causam dependência, de Bea Meisner?”

“Não”, disse Denise. “Não concordo. Ela é adulta e pode fazer o que quiser. E eu não acho certo tirar as pílulas dela sem dizer nada. Se você não contar a ela, eu conto.”

“Desculpe, mas eu acho que você prometeu que não ia contar”, disse Gary.

Denise refletiu. Barrancos cobertos de sal passavam pela janela.

“Está certo, talvez eu tenha prometido”, disse ela. “Mas por que você está querendo tomar conta da vida dela?”

“Acho que você vai ver”, afirmou ele, “que a situação está fora de controle. Acho que você vai ver que está na hora de alguém entrar em cena e tomar conta da vida dela.”

Denise não discutiu com ele. Vestiu seus óculos escuros e olhou para as torres do Hospital City no brutal horizonte meridional. Gary pensou que ela estaria mais

disposta a cooperar. Já tinha um irmão “alternativo” e não queria mais nenhum. Ficava frustrado diante de pessoas que largavam tão alegremente o mundo das expectativas convencionais; aquilo prejudicava o prazer que ele extraía de sua casa, de seu trabalho e de sua família; parecia-lhe uma revisão unilateral, em detrimento dele, das regras da vida. E ficava especialmente amargurado porque o último trânsfuga que preferia a vida “alternativa” não era algum Outro desmiolado de alguma família de Outros ou da classe dos Outros, mas sua própria irmã, tão elegante e talentosa, que ainda agora em setembro se tinha destacado a tal ponto no mundo convencional que os amigos dele podiam ler a respeito dela no *New York Times*. E agora ela tinha largado o emprego, usava quatro anéis e um sobretudo escandaloso, e cheirava a cigarro...

Carregando o banquinho de alumínio, entrou na casa atrás dela. Comparou a forma como Enid recebeu-a com a recepção que ele tivera na véspera. Anotou a duração do abraço, a falta da crítica imediata, os sorrisos da parte de todos.

Enid exclamou: “Achei que vocês talvez se encontrassem com Chip no aeroporto, e aí os três chegariam juntos em casa!”.

“Uma idéia impossível, de três maneiras diferentes”, disse Gary.

“Ele disse que iria chegar hoje?”, perguntou Denise.

“Hoje à tarde”, respondeu Enid. “Ou no mais tardar amanhã.”

“Hoje, amanhã, no mês de abril”, disse Gary. “Qualquer coisa.”

“Ele contou que estava havendo algum problema na Lituânia”, disse Enid.

Enquanto Denise saía à procura de Alfred, Gary foi buscar o *Chronicle* da manhã na saleta. Num boxe de notícias internacionais enfiado entre artigos mais longos (“Os novos ‘paticures’ lançam a moda de esmalte para cães” e “Os oftalmologistas cobram caro demais? — Os médicos dizem que não, os optometristas acham que sim”) localizou um parágrafo sobre a Lituânia: *distúrbios civis logo após as disputadas eleições parlamentares e a tentativa de assassinato do presidente Vitkunas... três quartos do país sem eletricidade... grupos paramilitares rivais combatendo nas ruas de Vilna... e o aeroporto...*

“O aeroporto de lá está fechado”, leu Gary em voz alta com satisfação. “Mamãe? Você ouviu?”

“Ele já estava no aeroporto ontem”, disse Enid. “Tenho certeza de que ele saiu.”

“Então por que ele não ligou mais?”

“Devia estar correndo para pegar um avião.”

A partir de um certo ponto, a capacidade de Enid para a fantasia tornava-se fisicamente dolorosa para Gary. Ele abriu a carteira e entregou a ela a nota do banquinho e da barra de segurança.

“Mais tarde eu lhe faço um cheque”, disse ela.

“É melhor fazer agora, antes de esquecer.”

Murmurando e suspirando, Enid se resignou.

Gary examinou o cheque. “Por que está datado de 26 de dezembro?”

“Porque antes disso você não vai poder depositar na Filadélfia.”

A escaramuça entre os dois continuou ao longo de todo o almoço. Gary tomou lentamente uma cerveja e lentamente tomou uma segunda, saboreando o desconforto que causava a Enid, que lhe disse pela terceira vez e depois de novo ainda que era melhor ele começar logo a instalar a barra no chuveiro. Quando finalmente se levantou da mesa, ocorreu-lhe que seu impulso de tomar conta da vida de Enid era a resposta lógica à insistência dela em tomar conta da vida dele.

A barra de segurança para o chuveiro era um tubo esmaltado, bege, com quarenta centímetros de comprimento, com cotovelos curvados em cada ponta. Os parafusos curtos e grossos que vinham na embalagem poderiam bastar para fixar a barra numa parede de compensado, mas eram inúteis no caso de azulejos. Para prender a barra, ele precisaria enfiar parafusos de quinze centímetros através da parede até dentro do armário que ficava ao lado do boxe.

Na oficina de Alfred, encontrou brocas de concreto para usar com a furadeira elétrica, mas as caixas de charuto, que em sua memória eram cornucópias de utilidades, pareciam conter apenas parafusos, batentes de fechadura e peças diversas de descarga de privada, todos corroídos e órfãos. Certamente não havia parafusos de quinze centímetros.

Ao sair para a loja de ferragens, portando seu sorriso sou-uma-besta, observou Enid à janela da sala de jantar, olhando para fora através de uma cortina fina.

“Mamãe”, disse ele. “Acho melhor você não alimentar muitas esperanças em relação a Chip.”

“Achei que eu tinha ouvido um carro chegando.”

Perfeito, pensou Gary enquanto saía, *fique fixada em quem não veio e aborreça bastante quem veio*.

Na calçada da frente, passou por Denise que voltava do supermercado com compras. “Espero que você cobre tudo da mamãe”, disse ele.

Sua irmã riu na sua cara. “E o que você tem a ver com isso?”

“Ela está sempre tentando se safar com as coisas. Isso me deixa furioso.”

“Então redobre a vigilância”, disse Denise, seguindo para casa.

Por que ele, exatamente, se sentia culpado? Ele nunca tinha prometido trazer Jonah com ele, e embora estivesse ganhando cinquenta e oito mil dólares em seu investimento na Axon, tinha trabalhado muito para conseguir aqueles papéis e tinha assumido todo o risco, e a própria Bea Meisner tinha pedido que ele não desse aquele farmacodependente a Enid; por que então ele se sentia culpado?

Enquanto dirigia, imaginou a agulha de seu mostrador de pressão craniana avançando na direção dos ponteiros do relógio. Estava arrependido de ter oferecido seus serviços a Enid. Dada a brevidade de sua visita, era uma estupidez passar uma tarde inteira dedicado a um serviço que ela devia contratar alguém

para fazer.

Na loja de ferragens, entrou na fila do caixa atrás das pessoas mais gordas e mais lentas da faixa central dos Estados Unidos. Tinham vindo comprar papais noéis de marshmallow, pacotes de ouropel, venezianas, secadores de cabelo de oito dólares e pegadores de panela com motivos natalinos. Com seus dedos que lembravam lingüiças, pescavam o troco exato em suas bolsas minúsculas. Jorros brancos de vapor de desenho animado saíam das orelhas de Gary. Todas as coisas divertidas que ele poderia estar fazendo em vez de passar meia hora esperando para comprar seis parafusos de quinze centímetros assumiram formas exuberantes em sua imaginação. Poderia estar visitando o Salão do Colecionador na loja do Museu dos Transportes, ou separando os desenhos antigos de pontes e traçados de linhas férreas do início da carreira do pai na Midland Pacific, ou vasculhando o depósito debaixo da varanda para ver se achava seu trem elétrico perdido havia muito tempo. Com o fim de sua “depressão”, tinha desenvolvido um novo interesse, de uma intensidade de hobby, em objetos emolduráveis e colecionáveis relacionados com estradas de ferro, e poderia ter passado o dia inteiro — a semana inteira! — envolvido naquilo...

De volta à casa, enquanto se aproximava da porta, viu que as cortinas leves se abria, e sua mãe espreitava de novo para fora. Do lado de dentro, o ar estava úmido e denso com o cheiro dos alimentos que Denise estava assando, refogando e grelhando. Gary entregou a Enid o recibo dos parafusos, que ela recebeu como a manifestação de hostilidade que de fato era.

“Você não pode pagar quatro dólares e noventa e seis cents?”

“Mamãe”, respondeu ele. “Estou fazendo o trabalho, como eu prometi. Mas o banheiro não é meu. A barra também não é minha.”

“Mais tarde eu pego o dinheiro para você.”

“Você pode esquecer.”

“Gary, eu pego o dinheiro para você *mais tarde*.”

Denise, de avental, acompanhou essa discussão da porta da cozinha com olhos risonhos.

Quando Gary fez sua segunda descida ao porão, Alfred roncava em sua grande poltrona azul. Gary caminhou até a oficina, e ali parou diante de uma nova descoberta. Uma espingarda com uma capa de lona estava apoiada no banco do laboratório. Ele não se lembrava de tê-la visto ali antes. Poderia ter deixado de reparar nela? Geralmente a arma ficava no depósito debaixo da varanda. Ficou realmente preocupado ao constatar que tinha sido transferida.

Devo deixar que ele se mate?

A pergunta estava tão clara em sua mente que ele quase a proferiu em voz alta. E refletiu. Uma coisa era intervir em favor da segurança de Enid e confiscar suas drogas; havia vida, esperança e prazer em Enid que mereciam ser salvos. Já o velho estava liquidado.

Ao mesmo tempo, Gary não tinha o menor desejo de escutar um disparo da espingarda, descer a escada e se ver mergulhado numa cena de filme sanguinolento. E também não queria que sua mãe passasse por aquilo.

E no entanto, por mais horrível que pudesse ser aquela cena, seria sucedida por um grande salto quântico na qualidade de vida de sua mãe.

Gary abriu a caixa de munição e viu que não faltava nenhum cartucho. Ele desejava que alguma outra pessoa além dele tivesse percebido que Alfred tirara a arma do lugar. Mas a sua decisão, quando a tomou, estava tão clara em sua mente que quase a disse em voz alta. No silêncio empoeirado, úrico e não-reverberativo do laboratório, ele disse: “Se é isto que você quer, por mim tudo bem. Não sou eu que vou atrapalhar”.

Antes de fazer os furos na parede do chuveiro, precisava esvaziar as prateleiras do armário do banheiro. Só isto já foi um trabalho e tanto. Enid tinha guardado, numa caixa de sapatos, todas as bolas de algodão que já tirara dos frascos de aspirina ou de outros remédios. Eram quinhentas ou mil bolas de algodão. Havia bisnagas petrificadas de pomadas semi-espremidas. Havia utensílios e copos de plástico (em cores ainda piores, se é que era possível, do que bege) das vezes em que Enid se internara no hospital para operar o pé, operar o joelho e tratar da flebite. Havia pequenos frascos de mercurocromo e Anbesol que tinham secado em algum momento da década de sessenta. Havia um saco de papel que Gary rapidamente, em prol de sua compostura, jogou para o fundo de uma prateleira alta porque parecia conter antigos cintos e absorventes menstruais.

A luz do dia já esmaecera quando ele finalmente acabou de esvaziar o armário e estava pronto para fazer os seis furos. Foi então que descobriu que as antigas brocas de concreto estavam mais cegas do que rebites. Apoiou-se na furadeira com toda a força, a ponta da broca ficou azulada e perdeu a têmpera, e a velha furadeira começou a soltar fumaça. O suor escorria por seu rosto e seu peito.

Alfred escolheu justo este momento para entrar no banheiro. “Ora, vejam só”, disse ele.

“As suas brocas de concreto estão totalmente cegas”, disse Gary, respirando pesadamente. “Eu devia ter comprado uma broca nova quando fui à loja de ferragens.”

“Deixe eu ver”, disse Alfred.

A intenção de Gary não era atrair o velho e aqueles dois animais idênticos e cheios de dedos que eram sua guarda avançada. Encolheu-se diante da incapacidade e da ávida abertura daquelas mãos, mas os olhos de Alfred estavam fixos na broca, e seu rosto brilhava com a possibilidade de resolver um problema. Gary entregou-lhe a furadeira. E perguntou-se como o pai conseguia sequer ver o que tinha nas mãos, de tão violentamente que a furadeira sacudia.

Os dedos do velho se arrastaram pela superfície maltratada do aparelho, tateando como vermes cegos.

“Ela está em Reverso”, disse ele.

Com a unha amarela e estriada de seu polegar, Alfred mudou a posição do interruptor de polaridade e devolveu a furadeira a Gary, e pela primeira vez desde que este chegara os olhos dos dois se encontraram. O calafrio que Gary sentiu só se devia em parte ao suor frio. O velho, pensou ele, ainda estava com algumas luzes acesas no andar de cima. Alfred, na verdade, ostentava um ar francamente feliz: feliz de ter consertado uma coisa e mais feliz ainda, suspeitava Gary, por ter provado que era mais capaz, naquele caso, que seu filho.

“Estamos vendo por que eu não fui ser engenheiro”, ironizou Gary.

“Qual é o projeto?”

“Vou prender esta barra na parede para você se segurar. Você vai tomar banho de chuveiro se eu puser um banquinho e esta barra aqui?”

“Não sei o que vocês andam planejando para mim”, disse Alfred enquanto saía do banheiro.

Foi o seu presente de Natal, disse-lhe Gary em pensamento. *Acionar aquele troço foi o presente que eu lhe dei.*

Uma hora mais tarde, tinha acabado de arrumar o banheiro e estava novamente com uma disposição mesquinha. Enid tinha criticado a posição que ele escolhera para a barra, e Alfred, quando Gary o convidou a experimentar o banquinho novo, anunciara que preferia tomar banho de banheira.

“Fiz a minha parte e já acabei”, disse Gary na cozinha, servindo-se de uma bebida. “Amanhã *eu* quero fazer umas coisinhas.”

“O banheiro ficou maravilhoso”, elogiou Enid.

Gary encheu o copo. Encheu e encheu.

“Oh, Gary”, disse ela, “achei que podíamos abrir a garrafa de champanhe que Bea trouxe para nós.”

“Ah, não”, discordou Denise, que tinha assado um *stollen*, bolo de frutas e nozes, mais um bolo de café e duas fôrmas de pão com queijo, e estava preparando para o jantar, se Gary não se enganava, um guisado de coelho acompanhado de polenta. E com certeza era a primeira vez que aquela cozinha via um coelho.

Enid voltou a dar plantão junto à janela da sala. “Estou preocupada, ele não ligou mais”, disse ela.

Gary foi também até a janela, com suas células neurogliais ronronando graças à lubrificação pela bebida. Perguntou se ela sabia o que era a navalha de Ockham.

“A navalha de Ockham”, disse ele com uma sentenciosidade de coquetel, “sugere que devemos sempre escolher a mais simples de duas explicações para um fenômeno.”

“O que você quer dizer?”, disse Enid.

“O que eu quero dizer”, disse ele, “é que é possível que Chip não tenha ligado para você por alguma razão complicada que nós nem imaginamos. Ou pode ser por alguma razão muito simples e bem conhecida de todos nós, a saber, a incrível irresponsabilidade dele.”

“Ele *disse* que estava vindo, e *disse* que iria ligar”, respondeu Enid em tom monocórdio. “Disse que estava vindo *para casa*.”

“Está bem. Tudo certo. Pode ficar na janela, se prefere assim.”

Como esperavam que ele fosse dirigindo o carro para o *Quebra-Nozes*, Gary não podia beber tanto quanto gostaria antes do jantar. Por isso, bebeu bastante mais assim que a família chegou do balé e Alfred tomou o rumo do andar de cima, praticamente correndo, e Enid se instalou para dormir na saleta com a intenção de deixar os filhos cuidarem de qualquer problema que pudesse surgir à noite. Gary tomou um scotch e ligou para Caroline. Tomou outro scotch e saiu procurando Denise pela casa e não encontrou nem sinal dela. Foi buscar seus presentes de Natal no quarto e arrumou-os debaixo da árvore. Ia dar o mesmo presente para todos: uma cópia encadernada de couro do álbum das *Duzentas Melhores Fotos da Família Lambert de Todos os Tempos*. Precisara pressionar muito o fornecedor para conseguir que a impressão saísse a tempo para o Natal, e agora que o álbum tinha ficado pronto planejava desmontar o laboratório, investir uma parte do resultado em ações da Axon e construir uma estrada de ferro em miniatura no segundo andar da garagem. Era um hobby que ele próprio, e não outra pessoa, tinha escolhido para si mesmo, e quando pousou a cabeça pesada de scotch no travesseiro frio e desligou a luz em seu antigo quarto de Saint Jude, foi tomado por uma excitação arcaica com a idéia de fazer trens correrem por montanhas de papel machê, atravessando pontes de palito de sorvete...

Sonhou com dez Natais na casa. Sonhou com quartos, salas e pessoas, quartos, salas e pessoas. Sonhou que Denise não era sua irmã e queria assassiná-lo. Sua única esperança era a espingarda do porão. Estava examinando a espingarda, certificando-se de que estava carregada, quando sentia uma presença maligna às suas costas na oficina. Virava-se e não reconhecia Denise. A mulher que via era outra mulher, que ele precisava matar para não morrer. E o gatilho da espingarda não apresentava nenhuma resistência; pendia, inútil e mole. A arma estava em Reverso, e quando ele conseguiu apertar o botão que a faria funcionar no sentido certo ela estava chegando para matá-lo...

Ele acordou com vontade de mijar.

A escuridão em seu quarto só era aliviada pelo brilho do rádio-relógio digital, cujo mostrador sequer consultou porque não queria saber que horas eram. Consequia distinguir vagamente o volume da velha cama de Chip na parede oposta. O silêncio da casa dava a impressão de ser momentâneo e sem paz. Recém-caído.

Em honra daquele silêncio, Gary desceu da cama e arrastou os pés até a porta; e ali foi tomado pelo terror.

Tinha medo de abrir a porta.

Esforçou-se em vão para ouvir o que acontecia do outro lado. Julgou escutar movimentos e gestos vagos, vozes distantes.

Tinha medo de ir ao banheiro porque não sabia o que iria encontrar lá. Tinha medo de, deixando aquele quarto, encontrar a pessoa errada, talvez sua mãe, ou sua irmã ou seu pai, instalada em sua cama quando voltasse.

Estava convencido de que havia gente andando pelo corredor. Em sua vigília turva e incompleta, associou a Denise que tinha desaparecido antes de ele ir para a cama com o fantasma denisóide que tentava matá-lo em seu sonho.

A possibilidade de que aquele fantasma assassino estivesse agora de tocaia no corredor só lhe pareceu noventa por cento fantasiosa.

Era bem mais seguro, pensou ele, ficar no quarto e mijar dentro de uma das canecas de cerveja austríacas que serviam de decoração em cima de sua cômoda.

Mas se os seus movimentos atraíssem a atenção de quem quer que estivesse vagando do outro lado da porta?

Andando na ponta dos pés, levou uma das canecas de cerveja para o closet que dividira com Chip desde que Denise tinha ido dormir no quarto menor e os meninos passaram a dormir no mesmo quarto. Fechou a porta do closet atrás de si, meio sufocado pelas roupas lavadas a seco e pelas sacolas da Nordstrom repletas de coisas misturadas que Enid tinha armazenado ali, e aliviou-se na caneca. Encostou a ponta de um dedo na borda para sentir caso a caneca transbordasse. Quando o calor da urina montante já chegava à ponta do dedo, sua bexiga finalmente se esvaziou. Pousou a caneca no chão do closet, pegou um envelope numa das sacolas de compras e cobriu a boca do receptáculo.

Muito em silêncio, então, saiu do closet e voltou para a cama. E no momento em que tirava os pés do chão ouviu a voz de Denise. Soava tão clara que parecia que estava no quarto com ele. “Gary?”, disse ela.

Ele tentou não se mexer, mas as molas da cama rangeram.

“Gary? Desculpe incomodar. Está acordado?”

Agora ele não tinha escolha senão levantar-se e abrir a porta. Denise estava logo atrás dela, usando um pijama branco de flanela e iluminada por um jorro de luz projetado de seu próprio quarto. “Desculpe”, disse ela. “Mas papai está chamando você.”

“Gary!,” veio a voz de Alfred do banheiro ao lado do quarto dela.

Gary, com o coração batendo forte, perguntou que horas eram.

“Não tenho a menor idéia”, disse ela. “Ele me acordou gritando o nome de Chip. Depois começou a chamar você. Mas não a mim. Acho que ele vai se sentir melhor com você.”

Cigarros no hálito dela novamente.

“Gary? Gary!”, veio o chamado do banheiro.

“Merda”, disse Gary.

“Pode ser a medicação.”

“Porra nenhuma.”

Do banheiro: “Gary!”

“Oi, papai, tudo bem, estou indo.”

A voz incorpórea de Enid flutuou escadas acima. “Gary, ajude o seu pai.”

“Pode deixar, mamãe, eu cuido disso. Volte para a cama.”

“O que ele quer?”, perguntou Enid.

“Pode voltar para a cama.”

No corredor, ele sentiu o cheiro da árvore de Natal e da lareira. Bateu de leve na porta do banheiro e abriu-a. Seu pai estava de pé na banheira, nu da cintura para baixo, tendo no rosto apenas a psicose. Até ali, Gary só tinha visto rostos como aquele nos pontos de ônibus e nos banheiros do Burger King no centro de Filadélfia.

“Gary”, disse Alfred, “eles estão em toda parte.” O velho apontou para o chão com um dedo trêmulo. “Está vendo?”

“Papai, você está alucinando.”

“Acabe com ele! Acabe com ele!”

“Você está alucinando, e está na hora de sair da banheira e voltar para a cama.”

“Está vendo eles ali?”

“Você está tendo alucinações. Volte para a cama.”

Essa conversa ainda durou algum tempo, dez ou quinze minutos, antes de Gary conseguir tirar Alfred do banheiro. Uma luz estava acesa no quarto do casal, e várias fraldas sem uso estavam espalhadas pelo chão. Pareceu a Gary que seu pai estava sonhando acordado, um sonho tão nítido quanto o sonho dele próprio com Denise, e que o despertar que no caso dele, Gary, levava meio segundo, durava meia hora no caso do pai.

“O que é ‘alucinar’?”, perguntou Alfred finalmente.

“É a mesma coisa que sonhar acordado.”

Alfred franziu o rosto. “Isso me deixa preocupado.”

“E com bom motivo.”

“Ajude aqui com a fralda.”

“Tudo bem”, disse Gary.

“Estou preocupado, acho que tem alguma coisa errada com as minhas idéias.”

“Ah, papai.”

“Acho que a minha cabeça não está funcionando direito.”

“Eu sei. Eu sei.”

Mas o próprio Gary tinha sido contagiado, ali no meio da noite, pela doença do pai. Enquanto os dois enfrentavam juntos o problema da fralda, que seu pai parecia considerar mais como algum assunto lunático do que como uma roupa de baixo a ser vestida, Gary, também, teve a sensação de que as coisas se dissolviam à sua volta, de uma noite que consistia de movimentos arrastados, transformações e metamorfoses. Tinha a sensação de que havia muito mais do que duas pessoas na casa, além da porta do quarto; pressentia uma imensa população de fantasmas que só podia vislumbrar de maneira vaga.

Os cabelos polares de Alfred cobriam-lhe o rosto quando ele se deitou. Gary puxou o cobertor para cobri-lo até os ombros. Era difícil crer que ele ainda tinha enfrentado aquele homem, considerando-o um adversário sério, três meses antes.

O rádio-relógio mostrava 2h55 quando voltou ao seu quarto. A casa tinha voltado ao silêncio, a porta de Denise estava fechada, e o único som que se ouvia era de um caminhão de quatro eixos na estrada, a um quilômetro dali. Gary perguntou-se por que seu quarto cheirava — de leve — a hálito de fumante.

Mas talvez não fosse um hálito de fumante. Talvez fosse a caneca austríaca cheia de mijo que ele deixara no chão do closet!

Amanhã, pensou ele, o dia vai ser meu. Amanhã é o Dia Recreativo de Gary. E depois, na quinta-feira de manhã, vamos acabar com esta casa. Vamos pôr um fim nesta palhaçada.

Depois que Brian Callahan tinha demitido Denise, ela tinha se cortado em pedaços e posto as partes na mesa. Contou-se a história de uma filha numa família tão ávida por uma filha que teria acabado por devorá-la caso ela não tivesse fugido. Contou-se a história de uma filha que, em sua ânsia de fugir, havia-se refugiado em todos os abrigos temporários que encontrara — uma carreira de chef de cozinha, um casamento com Emile Berger, uma vida de velha na Filadélfia, um caso com Robin Passafaro. Mas era natural que esses refúgios, escolhidos às pressas, se revelassem incapazes de protegê-la por prazos mais longos. Tentando proteger-se da fome de sua família, a filha conseguiu exatamente o oposto: no momento em que a fome da família chegou ao máximo, sua vida se partiu em mil pedaços e a deixou sem companheiro ou companheira, sem filhos, sem trabalho, sem responsabilidades, sem nenhuma defesa de qualquer tipo. Era como se, o tempo todo, estivesse conspirando para ficar disponível e poder tomar conta dos pais.

Enquanto isso, seus irmãos tinham conspirado para ficar indisponíveis. Chip escapara para a Europa Oriental e Gary pusera-se sob as ordens de Caroline. Gary, é bem verdade, ainda “assumia responsabilidades” em relação aos pais, mas sua idéia de responsabilidade era perseguir e dar ordens. O fardo de dar ouvidos às queixas de Enid e Alfred, de ser paciente e compreensiva, caía todo nas costas da filha. Denise já estava vendo que iria ser a única dos filhos presente

ao jantar de Natal de Saint Jude, a única de prontidão durante as semanas, os meses e os anos que se seguiriam. Seus pais eram educados demais para pedir-lhe que viesse morar com eles, mas sabia que era isso que desejavam. Assim que inscreveu o pai na Fase II da testagem do CorrecTor e ofereceu-se para hospedá-los, Enid tinha cessado unilateralmente as hostilidades contra ela. Nunca mais mencionara sua amiga adúltera Norma Greene. Nunca mais perguntara a Denise por que ela tinha “largado” seu emprego no Generator. Enid estava com problemas, sua única filha se oferecera para ajudar, não podia mais dar-se ao luxo de fazer-lhe restrições. E agora tinha chegado o momento, na história que Denise contava para si mesma sobre si mesma, em que a chef de cozinha cortava a própria carne e alimentava os pais com ela.

Na falta de uma história melhor, quase acreditou naquela. O único problema era que não se reconhecia em sua narrativa.

Quando punha uma blusa branca, um conjunto cinza de corte antigo, batom vermelho e um chapeuzinho preto sem abas com um véu preto, ela se reconhecia. Quando punha uma camiseta branca sem mangas e calças jeans de menino, e prendia os cabelos puxando-os para trás com tanta força que chegava a sentir dor de cabeça, ela se reconhecia. Quando usava jóias de prata, sombra de olho azul-turquesa, esmalte da cor de lábios de cadáver, um chamativo macacão cor-de-rosa e sapatos de tênis laranja, ela se reconhecia como uma pessoa viva e perdia o fôlego com a felicidade de estar viva.

Foi a Nova York para ser entrevistada pelo Food Channel e visitar um dos clubes noturnos especiais para pessoas como ela, que Estavam Começando a Se Entender e precisavam adquirir prática. Ficou hospedada no notável apartamento de Julia Vrais, na Hudson Street. Julia contou-lhe que, na fase de descobertas de seu processo de divórcio, tinha descoberto que Gitanas Misevièius comprara o apartamento com dinheiro desviado do governo da Lituânia.

“O advogado de Gitanas diz que foi um ‘mal-entendido’”, disse Julia a Denise, “mas é difícil acreditar.”

“E isso quer dizer que você vai perder o apartamento?”

“Não”, disse Julia, “na verdade, é mais provável que eu consiga ficar com ele sem ter de pagar nada. Mas ainda assim eu me sinto mal! Meu apartamento, na verdade, pertence ao povo da Lituânia!”

A temperatura no quarto de hóspedes de Julia estava próxima dos trinta graus. Ela deu a Denise um edredon de plumas de trinta centímetros de espessura e perguntou se ela ainda queria um cobertor.

“Obrigada, mas o edredon me parece mais que suficiente”, disse Denise.

Julia entregou-lhe lençóis de flanela e quatro travesseiros com fronhas de flanela. Perguntou-lhe como Chip estava indo em Vilna.

“Parece que ele e Gitanas ficaram muito amigos.”

“Eu nem gosto de imaginar o que os dois conversam a meu respeito”, disse

Julia alegremente.

Denise comentou que não acharia nada surpreendente se Chip e Gitanas simplesmente evitassem o assunto.

Julia franziu as sobrancelhas. “Mas por que eles não conversariam sobre mim?”

“Bem, na verdade você chutou os dois.”

“Mas eles podiam falar do quanto me detestam!”

“Acho que ninguém consegue detestar você.”

“Na verdade”, disse Julia, “eu achei que *você* ia me detestar por eu ter terminado com Chip.”

“Não, nunca tive um interesse maior nessa história.”

Claramente aliviada com isso, Julia confidenciou a Denise que vinha saindo com um advogado, ótimo mas careca, que conhecera através de Eden Procurow. “Com ele eu me sinto segura”, afirmou ela. “Ele é tão seguro de si nos restaurantes. E trabalha muito, e por isso não está sempre atrás de mim para pedir, sabe como é, favores.”

“Na verdade, quanto menos você me contar das coisas entre você e Chip, mais feliz eu vou ficar.”

Quando Julia então perguntou a Denise se ela estava saindo com alguém, não devia ter sido tão difícil falar de Robin Passafaro, mas foi muito difícil. Denise não queria deixar sua amiga constrangida, não queria ouvir sua voz enfraquecer-se e suavizar-se de piedade. Queria encharcar-se da companhia de Julia em sua inocência costumeira, e por isso lhe respondeu: “Não estou saindo com ninguém”.

Ninguém exceto, na noite seguinte, numa verdadeira alcova de paxá a duzentos passos do apartamento de Julia, uma menina de dezessete anos recém-desembarcada do ônibus de Plattsburgh, estado de Nova York, com um corte de cabelo drástico e duas notas estratosféricas em seus recentes exames de nível para escolher o *college* (trazia aquele resultado oficial impresso, como se fosse uma certidão de sanidade ou possivelmente de loucura) e então, na noite seguinte, uma estudante de pós-graduação em estudos religiosos na Universidade Columbia cujo pai (disse ela) dirigia o maior banco de esperma do sul da Califórnia.

Depois disso, Denise foi até um estúdio no centro da cidade e gravou sua entrevista no programa *Pratos Populares para Gente Nova*, preparando raviólis de carne de carneiro e outros pratos básicos do Mare Scuro. Encontrou-se com alguns dos nova-iorquinos que tinham tentado contratá-la quando trabalhava para Brian — um casal de trilionários do Central Park West que lhe propuseram uma relação feudal, um banqueiro de Munique que a considerava a Messias do *Weisswurst*, capaz de devolver à culinária alemã a glória que já tivera em Manhattan, e um jovem dono de restaurante, Nick Razza, que a deixou

impressionada ao descrever os cardápios distinguir um a um os ingredientes de cada prato que tinha comido no Mare Scuro e no Generator. Razza vinha de uma família de fornecedores de Nova Jersey, e já era proprietário de um restaurante sem luxo de frutos do mar no Upper East Side. Agora queria ingressar no mundo culinário da Smith Street, no Brooklyn, com um restaurante estrelado, se possível, por Denise. Ela lhe pediu uma semana para pensar.

Numa ensolarada tarde de domingo do outono, pegou o metrô até o Brooklyn, que achou parecido com a Filadélfia, só que resgatado pela proximidade com Manhattan. Em meia hora, viu mais mulheres bonitas e interessantes do que em seis meses de South Philly. Seus edifícios de apartamentos e suas botas chiques.

Voltando para casa de trem, arrependeu-se por ter passado tanto tempo escondida na Filadélfia. A pequena estação de metrô embaixo da prefeitura estava tão vazia e produzia tanto eco quanto um navio de guerra conservado em naftalina; todos os pisos, paredes, vigas e travessas eram pintados de cinza. O pequeno trem que finalmente chegou, ao cabo de quinze minutos, era de partir o coração com sua população de passageiros que, em sua tolerância e isolamento, pareciam menos usuários de meios de transporte do que pacientes de pronto-socorro. Denise emergiu da estação da Federal Street em meio a folhas de sicômoro e embalagens de hambúrguer que desciam em ondas pela calçada da Broad Street, formando redemoinhos contra as fachadas mijadas e as vitrines tampadas com tábuas e espalhando-se em meio aos carros com pára-choques remendados estacionados junto ao meio-fio. O vazio urbano da Filadélfia, a hegemonia local do vento e do céu, pareceram-lhe encantados. Como Narnia. Ela amava a Filadélfia da mesma forma como amava Robin Passafaro. Seu coração estava cheio e seus sentidos aguçados, mas a cabeça parecia a ponto de explodir devido ao vácuo de sua solidão.

Destrancou a porta de sua penitenciária revestida de tijolos e recolheu sua correspondência do chão. Entre as vinte pessoas que tinham deixado recados em sua secretária eletrônica estavam Robin Passafaro, rompendo o silêncio para perguntar se Denise não gostaria de “conversar um pouco”, e Emile Berger, informando educadamente que tinha aceitado a oferta de Brian Callahan, que ia assumir a chefia de cozinha do Generator e mudar-se para a Filadélfia.

Depois de ouvir as notícias de Emile, Denise chutou a parede de sua cozinha azulejada até ficar com medo de ter quebrado o dedão. E disse: “Preciso ir embora daqui!”.

Mas ir embora não era assim tão fácil. Robin tivera um mês inteiro para esfriar a cabeça e concluir que, se dormir com Brian fosse pecado, ela também era uma pecadora. Brian alugara um apartamento para morar sozinho em Olde City, e Robin, como Denise suspeitara, estava absolutamente determinada a manter a custódia de Sinéad e Erin. Para reforçar sua reivindicação, continuara morando na casa de Panama Street, dedicando-se integralmente à maternidade.

Mas ainda tinha algum tempo livre durante o horário escolar e o sábado todo, porque Brian saía com as meninas, e ao cabo de uma reflexão madura concluiria que não havia maneira melhor de passar aquelas horas do que na cama de Denise.

Denise ainda não era capaz de recusar a droga chamada Robin. Ainda queria as mãos de Robin passando nela, estendidas para ela, em torno dela e dentro dela, u m *smorgasbord* de preposições. Mas havia alguma coisa em Robin, provavelmente sua propensão a culpar-se pelos males que os outros lhe infligiam, que provocava a traição e os maus-tratos. Denise agora fazia o possível para fumar na cama, porque a fumaça irritava os olhos de Robin. Vestia-se com esmero sempre que se encontrava com Robin para almoçar e fazia o possível para realçar a deselegância de Robin, trocando olhares com todos, homens ou mulheres, que olhassem para ela. Apertava visivelmente os olhos diante do volume da voz de Robin. Comportava-se como uma adolescente com um dos pais, só que os adolescentes rolavam os olhos involuntariamente, enquanto o desprezo de Denise era uma forma deliberada e calculada de crueldade. Enraivecida, mandava Robin calar-se quando estavam na cama e Robin começava a piar envergonhada. Dizia, “controle a sua voz, por favor, *por favor*”. Estimulada por sua crueldade, olhava para o casaco impermeável de Robin até Robin aceitar a provocação e perguntar por quê. E ouvir de Denise: “Eu só estou me perguntando se alguma vez você já teve a tentação de ser *um pouco menos* deselegante”. Robin respondia que nunca ia ser elegante, e que achava melhor sentir-se confortável. Denise mordida os lábios, de desprezo.

Robin estava ansiosa para restabelecer o contato entre sua amante, Sinéad e Erin, mas Denise, por motivos que ela própria só percebia mal e mal, recusava-se a ver as meninas. Não conseguia imaginar olhá-las nos olhos; a simples idéia de um lar, quatro garotas a deixava enjoada.

“Elas adoram você”, disse Robin.

“Não posso.”

“Por que não?”

“Porque não sinto vontade, só isso.”

“Tudo bem.”

“Por quanto tempo ainda você vai continuar a dizer ‘tudo bem’ para tudo? Vai mudar de resposta ou vai continuar a usar ‘tudo bem’ até o fim da vida?”

“Denise, elas *adoram* você”, guinchava Robin. “Sentem a sua falta. E antes você adorava ver as meninas.”

“Mas agora perdi a disposição para crianças. E não sei se vou voltar a ter, para dizer a verdade. Por favor, pare de me pedir.”

A essa altura, a maioria das pessoas já teria entendido qual era a mensagem, a maioria das pessoas já teria ido embora para nunca mais voltar. Mas Robin ficou, claro; gostava de ser tratada com crueldade. Robin dizia, e Denise

acreditava, que jamais teria abandonado Brian se Brian não a tivesse abandonado. Robin gostava de ser lambida e acariciada até chegar a um milímetro do orgasmo, mas então ser abandonada e obrigada a suplicar. E Denise gostava daquilo. Denise gostava de sair da cama, vestir-se e descer a escada enquanto Robin ficava à espera do gozo, porque se recusava a trapacear e masturbar-se. Denise ficava sentada na cozinha, lendo um pouco e fumando, até Robin, humilhada, trêmula, descer e suplicar. O desprezo de Denise nessas ocasiões era tão puro e tão forte que era quase melhor do que sexo.

E assim seguiam. Quanto mais Robin concordava em ser maltratada, mais Denise tinha prazer em maltratá-la. Ignorou os recados telefônicos de Nick Razza. Ficava na cama até as duas da tarde. Seu hábito de fumar socialmente floresceu e virou um vício ansioso. Permitiu-se quinze anos de preguiça acumulada; vivia de sua poupança. Todo dia pensava no trabalho que precisava fazer a fim de preparar a casa para receber os pais — instalar uma barra no chuveiro, atapetar as escadas, comprar móveis para a sala de estar, encontrar uma mesa de cozinha melhor, trazer sua cama do terceiro andar e instalá-la no quarto de hóspedes — e concluía que lhe faltava a energia necessária. Sua vida resumia-se a esperar a queda do machado. Se os seus pais vinham passar seis meses com ela, não fazia sentido começar qualquer outra coisa. Ela precisava relaxar o máximo possível antes disso.

O que seu pai achava exatamente do Corrector era difícil dizer. A única vez que ela lhe perguntara diretamente, ao telefone, ele não respondeu.

“Al?”, ajudou Enid. “Denise quer saber O QUE VOCÊ ACHA DO CORRECTOR.”

A voz de Alfred soava amarga. “Bem que eles podiam ter arranjado um nome melhor.”

“Mas se escreve de um modo muito diferente”, disse Enid. “Denise quer saber se VOCÊ ESTÁ ANIMADO COM O TRATAMENTO.”

Silêncio.

“Al, diga se está animado.”

“Estou achando que o meu problema está ficando pior a cada semana. Não acho que mais um remédio vá fazer muita diferença.”

“Al, não é só um remédio, é uma terapia radicalmente nova, que usa a sua patente.”

“Eu aprendi a tolerar um pouco de otimismo. Assim, vamos seguir em frente com o plano.”

“Denise”, disse Enid. “Eu posso fazer *muita coisa* para ajudar. Posso preparar *todas* as refeições e lavar *toda* a roupa. Acho que vai ser uma aventura! É uma maravilha você ter nos convidado.”

Denise não conseguia imaginar passar seis meses com seus pais numa casa e numa cidade com que ela não queria mais nada, seis meses de invisibilidade no

papel da filha tolerante e responsável que mal conseguia fingir que era. Mas tinha prometido; e por isso descontava sua raiva em Robin.

Na noite de sábado antes do Natal, ela estava sentada na cozinha soprando fumaça em Robin enquanto Robin a enlouquecia tentando animá-la.

“Você está dando um grande presente a eles”, disse Robin, “convidando os dois a ficarem hospedados na sua casa.”

“Seria um presente se eu não estivesse tão mal”, comentou Denise. “Mas as pessoas só deviam prometer aquilo que são mesmo capazes de dar.”

“Você é capaz de cuidar deles”, falou Robin. “Eu ajudo. Posso ficar com o seu pai de manhã, dar um descanso para a sua mãe, e aí você pode sair sozinha e fazer tudo o que quiser. Eu venho três ou quatro vezes por semana.”

Para Denise, aquela oferta de Robin só fazia transformar a idéia dessas manhãs numa coisa triste e sufocante.

“Você não está entendendo?”, perguntou ela. “Eu detesto esta casa. Detesto esta cidade. Detesto a vida que eu levo aqui. Detesto a família. Detesto o lar. Quero ir embora. *Não sou uma pessoa boa*. E se você continuar fingindo que eu sou, só vou me sentir pior.”

“Mas eu acho que você é uma pessoa boa”, insistiu Robin.

“Eu trato você feito lixo! Ainda não percebeu?”

“Porque você está muito infeliz.”

Robin contornou a mesa e tentou pôr as mãos nela; Denise afastou-a com o cotovelo. Robin tornou a tentar, e dessa vez Denise atingiu-a direto no rosto com os nós dos dedos da mão aberta.

Robin recuou, com o rosto carmesim, como se sangrasse por dentro. “Você me bateu”, disse ela.

“Eu sei.”

“Você me bateu com muita força. Por que fez isso?”

“Porque eu não quero você aqui. Não quero fazer parte da sua vida. Não quero fazer parte da vida de ninguém. Estou cansada de ficar me vendo ser cruel com você.”

Engrenagens interligadas de orgulho e amor estavam girando por trás dos olhos de Robin. Levou algum tempo até ela falar. “Então está bem”, aceitou ela. “Vou deixar você sozinha.”

Denise não fez nada para impedir Robin de ir embora, mas assim que ouviu a porta da frente se fechando compreendeu que tinha perdido a única pessoa que poderia ajudá-la quando seus pais viessem ficar na casa dela. Tinha perdido a companhia de Robin, e seus consolos. Tudo que tinha repellido um minuto antes, agora ela queria de volta.

Pegou o avião para Saint Jude.

No primeiro dia que passou lá, como no primeiro dia de todas as vezes que visitava os pais, aqueceu-se com o calor do afeto deles e fez tudo que sua mãe

lhe pediu. Não aceitou o dinheiro que Enid quis lhe dar pelas compras. Deixou de fazer qualquer comentário sobre o frasco de meio litro de cola amarela rançosa que era o único azeite da cozinha. Usou o casaco cor de lavanda de gola rolê e o colar matronal folheado a ouro que sua mãe lhe dera de presente pouco antes. Reagiu com efusão espontânea às bailarinas adolescentes do *Quebra-Nozes*, pegou a mão enluvada do pai enquanto atravessavam o estacionamento do teatro regional, amou seus pais mais do que já tinha amado qualquer coisa; e no minuto em que os dois se deitaram trocou de roupa e fugiu da casa.

Parou na calçada, com um cigarro nos lábios e uma embalagem de fósforos de papel (*Dean & Trish É 13 de junho de 1987*) tremendo nos dedos. Caminhou até o campo atrás da escola primária onde ela e Don Armour tinham sentado uma vez, ao perfume de amentos e verbenas; bateu os pés, esfregou as mãos, ficou vendo as nuvens ocultarem as constelações e deu profundos e revigorantes suspiros egocêntricos.

Mais tarde da noite, empreendeu uma operação clandestina em favor da mãe, entrando no quarto de Gary enquanto ele estava ocupado com Alfred, abrindo o fecho do bolso interno de sua jaqueta de couro, substituindo os comprimidos de Mexican A por um punhado de pílulas de Advil e guardando as drogas de Enid num lugar mais seguro antes de finalmente, como uma boa filha, adormecer.

No seu segundo dia em Saint Jude, como no segundo dia de toda visita que fazia aos pais, acordou com raiva. Aquela raiva era um fenômeno neuroquímico autônomo; não havia como fazê-la parar. No café-da-manhã, sentia-se torturada por cada palavra que sua mãe dizia. Assar as costeletas e pôr o chucrutede molho de acordo com o costume ancestral, e não no estilo moderno que tinha criado no Generator, deixou-a com raiva. (Tanta gordura, tanto sacrifício da textura.) O langor bradicinético do fogão elétrico de Enid, que não a incomodara nem um pouco na véspera, deixou-a com raiva. Os mil e um ímãs da geladeira, sentimentais ao estilo filhotinho em sua iconografia e com um magnetismo tão fraco que mal se podia abrir a porta sem que uma foto de Jonah ou um cartão postal de Viena caísse no chão, a enraivecera mais ainda. Desceu para o porão a fim de buscar a ancestral assadeira de ferro de dez litros, e a bagunça nos armários da lavanderia deixou-a furiosa. Trouxe uma lata grande de lixo arrastada da garagem e começou a enchê-la com as besteiras que sua mãe acumulava. Podia dizer que aquilo era uma ajuda que estava dando à mãe, e por isso entregou-se à atividade com abandono. Jogou fora as frutas silvestres coreanas, os cinquenta vasos de plantas de plástico mais obviamente sem valor, a coleção de fragmentos de ouriços-do-mar e a prateleira de pés de dinheiro-empenca dos quais todo o dinheiro tinha caído. Jogou fora a guirlanda de pinhas pintadas com spraydourado que alguém desmanchara. Jogou fora a pasta de abóbora ao conhaque que tinha adquirido um cinza-esverdeado de catarro. Jogou

fora as latas neolíticas de palmito, camarões e espigas de milho chinesas em miniatura, o litro negro e turvo de vinho romeno cuja rolha tinha apodrecido, a garrafa de Mai Tai da era Nixon com uma crosta viscosa em torno do gargalo, a coleção de garrafas de *chablis* Paul Masson com pedaços de aranha e asas de mariposa no fundo, a armação profundamente corroída de um conjunto há muito desaparecido de sinos da sorte. Jogou fora a garrafa de um litro de Vess Diet Cola que tinha adquirido uma cor de plasma, o jarro ornamental de conserva de minilaranjas ao licor que se transformara em doces empedrados em meio a uma amorfa gosma marrom, a malcheirosa garrafa térmica cujo vidro interno quebrado tilintou quando a sacudiu, a mofada cesta de legumes cheia de embalagens nauseabundas de iogurte, as luminárias de jardim viscosas por causa da oxidação e repletas de asas amputadas de mariposas, os impérios perdidos de terra e fita de florista que continuavam colados mesmo quando se reduziam a frangalhos e bolor...

No fundo do armário, em meio às teias de aranha por trás da prateleira de baixo, encontrou um envelope grosso, que não lhe pareceu velho e nem estava selado. O envelope estava endereçado para a Axon Corporation, 24 East Industrial Serpentine, Schwenksville, PA. O remetente era Alfred Lambert. As palavras ENVIAR REGISTRADA também apareciam na face do envelope.

Havia água correndo no pequeno lavabo ao lado do laboratório de seu pai, a caixa d'água da descarga que tornava a se encher, odores levemente sulfurosos no ar. A porta do laboratório estava aberta e Denise bateu.

“Entre”, disse Alfred.

Ele estava de pé ao lado das prateleiras de metais exóticos, o gálio e o bismuto, afivelando o cinto. Ela lhe mostrou o envelope e contou onde o tinha encontrado.

Alfred revirou o envelope nas mãos trêmulas, como se alguma explicação pudesse ocorrer-lhe por mágica. “É um mistério”, disse ele.

“Posso abrir?”

“Pode fazer o que quiser.”

O envelope continha três cópias de um acordo de licenciamento datado de 13 de setembro, assinado por Alfred e autenticado por David Schumpert.

“O que este envelope estava fazendo no chão do armário da lavanderia?”, perguntou Denise.

Alfred balançou a cabeça. “Você vai ter de perguntar para a sua mãe.”

Ela foi até o pé da escada e levantou a voz. “Mamãe? Pode descer aqui um minutinho?”

Enid apareceu no alto da escada, enxugando as mãos num pano de prato. “O que foi? Não achou a panela de ferro?”

“Achei, mas você pode descer aqui?”

Alfred, no laboratório, estava segurando os documentos da Axon sem

firmeza, sem lê-los. Enid apareceu na porta com uma expressão de culpa. “O quê?”

“Papai quer saber por que este envelope estava no chão do armário da lavanderia.”

“Me dê isso aqui”, disse Enid. Arrancou os documentos da mão de Alfred e amassou-os na mão fechada. “Isto já está resolvido. Seu pai assinou outras cópias do acordo e eles nos mandaram um cheque na mesma hora. Não precisa se preocupar.”

Denise franziu a testa. “Achei que você tinha dito que mandara essas cópias aí. Quando nos encontramos em Nova York, no início de outubro. Você disse que tinha mandado essas cópias.”

“Achei que tinha. Mas elas se perderam no correio.”

“No correio?”

Enid abanou as mãos num gesto vago. “Foi onde eu achei que tinham sumido. Mas deviam estar no armário. Devo ter enfiado uma pilha de cartas lá, quando estava saindo para o correio, e aí este envelope caiu e ficou para trás. Não dá para tomar conta de cada detalhe. Às vezes as coisas se perdem, Denise. Eu tomo conta de uma casa grande, e às vezes as coisas se perdem.”

Denise pegou o envelope na bancada do laboratório de Alfred. “Diz aqui, ‘Enviar Registrada’. Se você foi ao Correio, como é que deixou de notar que uma coisa que ia mandar registrada estava faltando? Como é que você deixou de reparar que não tinha preenchido um formulário de carta registrada?”

“Denise.” A voz de Alfred tinha uma ponta de raiva. “Agora já chega.”

“Não sei o que aconteceu”, disse Enid. “Eu tinha muita coisa para fazer. É um mistério completo, e é melhor deixar assim mesmo. Porque não tem *importância*. Seu pai recebeu os cinco mil dólares direitinho. Não tem *importância*.”

Amassou mais ainda os acordos de licenciamento e saiu do laboratório.

Estou ficando igual ao Gary, pensou Denise.

“Você não devia tratar sua mãe assim”, disse Alfred.

“Eu sei. Sinto muito.”

Mas Enid estava gritando na lavanderia, gritando junto à mesa de pingue-pongue, de volta para a oficina. “Denise”, gritou ela, “você revirou o armário todo! Que diabo você está fazendo aqui?”

“Jogando comida fora. Comida e outras coisas podres.”

“Certo, mas por que agora? Temos todo o fim de semana, se você quiser me ajudar a limpar alguns armários. É ótimo que você queira me ajudar. Mas *hoje* não. Não quero cuidar disso *hoje*.”

“Comida estragada, mamãe. Se deixar aqui mais tempo, vira veneno. Cria bactérias anaeróbicas, que matam.”

“Então acabe de limpar, e vamos fazer o resto no fim de semana. Não temos

mais tempo para cuidar disso hoje. Quero que você prepare logo o jantar, para ficar pronto e você não precisar mais se preocupar, e depois queria mesmo era que ajudasse seu pai com os exercícios dele, como você disse que ia fazer.”

“Está certo.”

“Al”, gritou Enid, inclinando-se para a frente, “Denise vai ajudar você com os exercícios depois do almoço!”

Ele sacudiu a cabeça, como que nauseado. “Como você quiser.”

Empilhadas em cima de uma das colchas da família que há muito servia de forro, estavam cadeiras e mesas de vime nos estágios iniciais de raspagem e pintura. Latas de café com tampa se aglomeravam sobre um jornal aberto; uma arma numa capa de lona estava encostada na bancada.

“O que você vai fazer com essa espingarda, papai?”, perguntou Denise.

“Ah, faz anos que ele anda planejando vendê-la”, disse Enid. “AL, SERÁ QUE UM DIA VOCÊ VAI VENDER ESSA ESPINGARDA?”

Alfred deu a impressão de processar várias vezes aquela frase em seu cérebro até conseguir extrair seu significado. Muito lentamente, fez que sim com a cabeça. “Vou”, disse ele. “Vou vender a espingarda.”

“Não gosto nem um pouco dessa arma aqui em casa”, disse Enid, enquanto se virava para sair. “Sabe, ele nunca a usou. Nem uma vez. Acho que ela nunca foi disparada.”

Alfred se aproximou de Denise sorrindo, fazendo-a recuar na direção da porta. “Pode deixar que eu acabo aqui”, disse ele.

Em cima, era véspera de Natal. Pacotes se acumulavam ao pé da árvore. No jardim da frente, os galhos quase nus do carvalho-branco oscilavam a uma brisa que se deslocara para direções que ameaçavam mais neve; a grama morta aparava as folhas mortas.

Enid estava novamente olhando para fora através das cortinas de gaze. “Será que eu devo me preocupar com Chip?”

“Pode se preocupar com a idéia de ele não chegar”, disse Denise, “mas não que tenha acontecido alguma coisa com ele.”

“O jornal diz que facções rivais estão disputando o controle no centro de Vilna.”

“Chip sabe se cuidar.”

“Ah, uma coisa”, disse Enid, levando Denise até a porta da frente, “quero que você prenda o último enfeite no calendário do Advento.”

“Mamãe, por que você mesma não pendura?”

“Não, eu quero ver você pendurar.”

O último enfeite era o Menino Jesus na casca de noz. Prendê-lo na árvore era tarefa para uma criança, para alguém crédulo e ainda cheio de esperanças, e Denise via agora claramente que tinha feito todo o possível para blindar-se contra as emoções daquela casa, contra aquela saturação de memórias da infância e

significados. Ela *não podia* ser a criança encarregada daquela tarefa.

“O calendário é seu”, disse ela. “Você é que devia pendurar.”

A decepção no rosto de Enid foi desproporcionalmente intensa. Era uma decepção antiga com a recusa do mundo em geral, e de seus filhos em particular, em participar de seus encantamentos prediletos. “Acho que vou pedir a Gary então”, disse ela com uma expressão amarga.

“Sinto muito”, disse Denise.

“Antigamente você adorava prender os enfeites, quando era pequena. Você *adorava*. Mas se não quer pendurar, não precisa.”

“Mamãe”, a voz de Denise não estava firme. “Por favor, não me obrigue.”

“Se eu soubesse que isso iria incomodar tanto”, disse Enid, “jamais teria pedido.”

“Deixe eu ver você pendurar!”, suplicou Denise.

Enid balançou a cabeça e se afastou. “Vou pedir a Gary, quando ele voltar das compras.”

“Sinto muito.”

Saiu e sentou-se nos degraus da entrada, fumando. O ar tinha um sabor meridional perturbado de neve. Mais adiante na rua, Kirby Root estava enrolando guirlandas verdes em torno do poste de sua lâmpada de gás. Ele acenou e ela acenou de volta.

“Quando foi que você começou a fumar?”, perguntou-lhe Enid quando ela entrou em casa.

“Há uns quinze anos.”

“Não estou querendo criticar”, disse Enid, “mas faz muito mal para a saúde. Faz mal à pele e, aqui entre nós, o cheiro é bem desagradável para os outros.”

Denise, com um suspiro, lavou as mãos e começou a torrar a farinha para o molho do chucrute. “Se vocês vão vir passar um tempo morando comigo”, disse ela, “precisamos esclarecer algumas coisas.”

“Eu disse que não estava criticando.”

“Uma das coisas que precisamos esclarecer é que eu estou passando por um momento difícil. Por exemplo, eu não pedi demissão do Generator. Eu fui despedida.”

“Despedida?”

“É. Infelizmente. Quer saber por quê?”

“Não!”

“Tem certeza?”

“Tenho!”

Denise, sorrindo, mexeu mais a gordura do bacon no fundo da assadeira de ferro.

“Denise, eu prometo”, disse sua mãe, “que não vamos ficar no seu caminho. Você só precisa me mostrar onde fica o supermercado e como funciona a sua

máquina de lavar, depois você pode fazer tudo que quiser. Eu sei que você tem a sua vida. Não quero atrapalhar em nada. Se eu soubesse de outra maneira de inscrever o seu pai no programa de testes, pode acreditar que eu teria preferido. Mas Gary nunca nos convidou, e de qualquer maneira acho que Caroline não ia querer que ficássemos lá.”

A gordura de bacon, as costeletas douradas e o chucrute que fervia cheiravam bem. O prato, da maneira como era preparado naquela cozinha, tinha pouca relação com a versão artística que ela tinha servido para mil desconhecidos. As costeletas do Generator tinham mais em comum com o peixe do Generator do que com aquelas outras costeletas, feitas em casa. Você acha que sabe o que é comida, acha que é uma questão dos ingredientes. E esquece o quanto de restaurante há em comida de restaurante e o quanto de casa há na comida caseira.

Ela disse para a mãe: “Por que você não está me contando a história de Norma Greene?”.

“Da última vez você ficou aborrecida”, disse Enid.

“Fiquei aborrecida mesmo foi com Gary.”

“Minha única preocupação é que você não sofra tanto como Norma sofreu. Queria ver você feliz e resolvida.”

“Mamãe, nunca mais vou me casar.”

“Como é que você sabe?”

“Na verdade, eu tenho como saber, sim.”

“A vida é cheia de surpresas. Você ainda é muito jovem e muito linda.”

Denise pôs mais baconna assadeira; não tinha razão para se conter a essa altura. E disse: “Você escutou bem? Eu tenho certeza de que nunca mais vou me casar”.

Mas a porta de um carro tinha batido na rua, e Enid correu até a sala para abrir as cortinas de renda.

“Oh, é Gary”, disse ela, decepcionada, “é só Gary.”

Gary entrou feliz na cozinha com os suvenires ferroviários que tinha comprado no Museu do Transporte. Obviamente mais arejado depois de passar toda a manhã sozinho, Gary não se incomodou de atender aos desejos de Enid prendendo o Menino Jesus ao calendário do Advento; e, com a mesma rapidez, a simpatia de Enid deslocou-se da filha para o filho mais velho. Decantou o belo serviço que Gary tinha feito no banheiro do andar de baixo, dizendo que o banquinho representava um *enorme* progresso. Infeliz, Denise encerrou os preparativos do jantar, preparou um almoço leve e lavou uma montanha de pratos enquanto o céu nas janelas ficava totalmente cinza.

Depois do almoço foi para o seu quarto, que Enid tinha finalmente redecorado até lhe conferir uma anonimidade quase perfeita, e dedicou-se a embrulhar os presentes. (Tinha comprado roupas para todos; sabia o que as

peessoas gostavam de usar.) Desembrulhou a folha de lenço de papel que continha as trinta cápsulas ensolaradas de Mexican A e chegou a pensar em embrulhá-las e dá-las de presente a Enid, mas precisava respeitar os limites da promessa que fizera a Gary. Tornou a embalar as cápsulas no lenço de papel, saiu sorrateira do quarto, desceu as escadas e enfiou a droga no vigésimo quarto bolso, recém-esvaziado, do calendário do Advento. Todos os outros estavam no porão. Pôde deslizar de volta escadas acima e trancar-se em seu quarto como se nunca tivesse saído de lá.

Quando ela era jovem, quando a mãe de Enid assava as costeletas na cozinha e Gary e Chip chegavam em casa com suas namoradas inacreditavelmente bonitas, e a idéia que todos tinham de uma boa festa era comprar um monte de presentes para Denise, aquela era a tarde mais longa do ano. Alguma obscura lei natural proibia que as reuniões da família começassem antes do pôr-do-sol; cada um esperava a chegada da noite em seu respectivo quarto. Às vezes, na adolescência, Chip ficava com pena da última criança da casa e jogava xadrez ou Monopólio com ela. Quando ela cresceu mais um pouco, ele a levava até o shopping com sua namorada da ocasião. Não havia felicidade maior para ela, aos dez ou doze anos, do que ser incluída daquela maneira: ouvir as lições de Chip sobre os males do capitalismo tardio, estudar o figurino da namorada, analisar o comprimento de seus cachos e a altura de seus saltos, ser deixada sozinha por uma hora na livraria e depois contemplar, do alto da colina acima do shopping, a lenta coreografia silenciosa do tráfego no crepúsculo.

Ainda hoje, aquela era a mais longa das tardes. Flocos um tom mais escuros que o céu cor de neve tinham começado a cair em quantidade. O frio que traziam dava um jeito de ultrapassar as janelas reforçadas, contornava os fluxos e massas de ar aquecido dos radiadores, e atingia a todos bem na garganta. Denise, com medo de adoecer, deitou-se e cobriu-se com um cobertor.

Teve um sono pesado, sem sonhos, e acordou — onde? que horas? que dia? — ao som de vozes irritadas. A neve se tinha acumulado nos cantos das janelas, cobrindo de gelo o carvalho-dos-pântanos. Havia luz no céu, mas por pouco tempo.

Al, Gary teve TODO esse trabalho —

Eu não pedi nada!

Mas não podia tentar pelo menos uma vez? Depois de todo o trabalho que ele teve ontem?

Tenho todo o direito de tomar um banho de banheira.

Papai, um dia desses você vai cair na escada e quebrar o pescoço!

Não estou pedindo a ajuda de ninguém.

Eu sei que não! E eu proibi mamãe — proibi! — de chegar perto dessa sua banheira.

Al, por favor, experimente tomar banho de chuveiro.

Mamãe, deixe para lá, ele que quebre o pescoço, melhor para nós!

Gary!

As vozes se aproximavam, à medida que aquele contraponto se deslocava escadas acima. Denise ouviu os passos pesados do pai junto à sua porta. Pôs os óculos e abriu a porta no momento exato em que Enid, lenta por causa do quadro doente, chegava ao topo da escada. “Denise, o que você está fazendo?”

“Estava tirando um cochilo.”

“Vá falar com o seu pai. Diga a ele que é importante ele experimentar o chuveiro que Gary teve tanto trabalho para arrumar. Ele vai escutar você.”

A profundidade de seu sono e o modo como tinha sido acordada deixaram Denise defasada em relação à realidade exterior; a cena no corredor e a cena nas janelas do corredor tinham tênues sombras de antimatéria; os sons eram ao mesmo tempo altos demais e quase inaudíveis. “Por quê”, disse ela. “Por que isso ficou tão importante logo hoje?”

“Porque Gary vai embora amanhã, e eu quero que ele veja se o chuveiro vai dar certo para o seu pai.”

“E qual é mesmo o problema da banheira?”

“Ele fica entalado. E tem tanta dificuldade nas escadas.”

Denise fechou os olhos, o que só fez piorar seu problema de falta de sincronismo. Abriu os olhos.

“Ah, e mais, Denise”, disse Enid, “você não fez os exercícios com ele, como tinha prometido!”

“Verdade. Vou fazer.”

“Melhor agora, antes de ele tomar banho. Espere aí, vou pegar a folha do doutor Hedgpeth.”

Enid tornou a descer a escada mancando, e Denise levantou a voz. “Papai?”

Sem resposta.

Enid subiu até metade das escadas e empurrou por entre os balaústres uma folha de papel violeta (“A MOBILIDADE VALE OURO”) em que bonequinhos desenhados com traços simples ilustravam sete exercícios de alongamento. “Ensine mesmo a ele”, disse ela. “Comigo ele perde a paciência, mas você ele vai escutar. O doutor Hedgpeth pergunta sempre se ele tem feito os exercícios. É muito importante ele aprender esses movimentos. Eu não tinha idéia de que você estava dormindo esse tempo todo.”

Denise levou a folha de instruções para o quarto dos pais e encontrou Alfred na porta de seu closet, nu da cintura para baixo.

“Opa, papai, desculpe”, disse ela, batendo em retirada.

“O que foi?”

“Precisamos fazer os seus exercícios.”

“Já estou sem roupa.”

“É só vestir a calça do pijama. É até melhor usar uma roupa bem frouxa.”

Ela precisou de cinco minutos para acalmá-lo e pô-lo deitado de costas na cama, com um blusão de lã e as calças do pijama; e então finalmente a verdade se revelou.

O primeiro exercício pedia que Alfred segurasse o joelho direito com as mãos e o puxasse na direção do peito, e que depois fizesse a mesma coisa com o joelho esquerdo. Denise guiou suas mãos errantes até seu joelho direito, e embora tenha ficado espantada com o quanto ele estava ficando rígido, ele foi capaz, com a ajuda dela, de esticar a junta do quadril além de noventa graus.

“Agora o joelho esquerdo”, disse ela.

Alfred tornou a pôr as mãos no joelho direito e a puxá-lo na direção do peito.

“Muito bom”, disse ela. “Mas agora vamos fazer com o joelho esquerdo.”

Ele ficou deitado, respirando forte, mas não se moveu. Tinha a expressão de um homem que acabara de se lembrar de alguma circunstância calamitosa.

“Papai? Vamos tentar o joelho esquerdo.”

Ela tocou o joelho esquerdo dele, mas não adiantou nada. Em seus olhos, ela viu um desejo desesperado de instrução e esclarecimento. Empurrou as mãos dele até o joelho esquerdo, e as mãos soltaram-se no mesmo momento. Será que a rigidez estaria maior do lado esquerdo? Levou novamente as mãos dele até o joelho esquerdo, e ajudou-o a fazer a flexão.

Na verdade, o lado esquerdo estava até mais flexível.

“Agora você, sozinho”, disse ela.

Ele sorriu para a filha, com a respiração de uma pessoa muito assustada. “Eu sozinho o quê.”

“Segure o joelho esquerdo com as mãos e puxe.”

“Denise, já chega disso.”

“Você vai se sentir bem melhor se fizer um pouco de alongamento”, disse ela. “É só fazer de novo o que acabamos de fazer. Pegue o joelho esquerdo com as mãos e levante.”

O sorriso que ela lhe deu voltou refletido na forma de confusão. Os olhos dele cruzaram-se com os dela em silêncio.

“Qual é o joelho esquerdo?”, perguntou ele.

Ela tocou seu joelho esquerdo. “Este aqui.”

“E o que eu faço?”

“Segure o joelho com as mãos e puxe na direção do peito.”

Os olhos dele vagaram ansiosos, lendo péssimas notícias no teto.

“Papai, tente se concentrar.”

“Não adianta muito.”

“Está bem.” Ela respirou fundo. “Está bem, vamos deixar esse de lado e tentar o segundo exercício. Está bem?”

Ele olhou para Denise como se ela, sua única esperança, lhe exibisse garras e chifres.

“Então, agora”, disse ela, tentando ignorar a expressão do pai, “você cruza a perna direita por cima da esquerda, e depois inclina as duas pernas até onde conseguir. Eu gosto desse exercício”, disse ela. “Alonga o flexor do quadril. Dá uma boa sensação.”

Explicou o exercício para ele mais duas vezes e então pediu que ele levantasse a perna direita.

Ele levantou as duas pernas do colchão alguns centímetros.

“Só a direita”, disse ela em tom suave. “Com os joelhos dobrados.”

“Denise!” A voz dele estava aguda com a tensão. “Não adianta nada!”

“Assim”, disse ela. “Assim.” Ela empurrou os pés dele para dobrar seus joelhos. Levantou sua perna direita, amparando-a pelo calcanhar e pela coxa, e cruzou-a por cima da perna esquerda. Num primeiro momento não houve resistência, e então, de repente, ele deu a impressão de que estava sentindo câibras violentas.

“Denise.”

“Papai, calma, relaxe.”

Ela já sabia que ele jamais conseguiria ir tratar-se na Filadélfia. Mas agora ele estava emanando uma umidade tropical, um quase-cheiro penetrante. O pano da calça do pijama em sua coxa ficou quente e molhado na mão dela, e todo o corpo dele tremia.

“Oh, droga”, disse ela, soltando a perna do pai.

A neve rodopiava nas janelas, luzes se acendiam nas casas vizinhas. Denise limpou a mão em suas calças, baixou os olhos para o seu colo e ficou escutando, com o coração disparado, a respiração penosa de seu pai, o arrastar rítmico dos membros dele sobre a colcha da cama. Havia um arco de líquido na colcha perto da virilha dele, e uma extensão maior de umidade descendo, por ação da capilaridade, por uma das pernas do pijama dele. O quase-cheiro inicial de urina fresca transformara-se, ao esfriar no quarto superaquecido, num aroma bem definido e até agradável.

“Sinto muito, papai”, disse ela. “Vou pegar uma toalha para você.”

Alfred sorriu para o teto e disse com uma voz menos agitada. “Se eu me deito aqui consigo ver”, disse ele. “Você consegue?”

“Ver o quê?”

Apontou vagamente para cima com um dedo. “No fundo, debaixo. Debaixo do fundo da bancada”, disse ele. “Escrito lá. Você consegue ver?”

Agora era ela quem estava confusa, e não ele. Ele ergueu uma das sobralhas e lançou-lhe um olhar sagaz. “Você sabe quem foi que escreveu, não sabe? O su... O su... O sujeito com, você sabe.”

Sustentando o olhar dela, ele acenou com a cabeça de modo significativo.

“Não sei do que você está falando”, disse Denise.

“O seu amigo”, disse ele. “O sujeito com as bochechas azuladas.”

O primeiro um por cento de compreensão nasceu na nuca de Denise e começou a crescer, na direção do sul e do norte.

“Vou pegar uma toalha”, disse ela sem sair do lugar.

Os olhos de seu pai rolaram novamente na direção do teto. “Ele escreveu por baixo da bancada. Baixababannnn. Baixodabancada. E quando eu deito aqui consigo ver.”

“De quem você está falando?”

“Seu amigo do Departamento de Sinais. O sujeito com as bochechas azuladas.”

“Você está confuso, papai. Está sonhando. Vou pegar uma toalha.”

“Está vendo, não adiantava nada dizer.”

“Vou pegar uma toalha”, disse ela.

Atravessou o quarto na direção do banheiro. Ainda estava com a cabeça no cochilo que tinha dado, e o problema estava ficando pior. Sentia-se cada vez mais fora de sincronismo com as ondas de realidade que constituíam a maciez-de-toalha, a escuridão-do-céu, a dureza-do-assoalho, a limpeza-do-ar. Por que aquela conversa sobre Don Armour? Por que agora?

Seu pai estava sentado na cama e tinha tirado as calças do pijama. Estendeu a mão para a toalha quando ela voltou. “Eu limpo isto aqui”, disse ele. “Vá ajudar a sua mãe.”

“Não, eu limpo”, retrucou ela. “Vá você tomar um banho.”

“Pode me dar o pano. Você não precisa fazer nada aqui.”

“Papai, vá tomar um banho.”

“Eu não tinha a intenção de envolver você nisso.”

Sua mão, ainda estendida, vibrava no ar. Denise desviou os olhos de seu pênis ofensivo, úmido. “Levante”, disse ela. “Eu vou tirar a colcha.”

Alfred cobriu o pênis com a toalha. “Deixe que a sua mãe tira”, disse ele. “Eu disse a ela que a Filadélfia é bobagem, eu não queria envolver você nisso. Você tem a sua vida. Precisa se divertir e tomar cuidado.”

Ficou sentado na beira da cama, de cabeça baixa, as mãos parecendo imensas colheres de carne vazias em seu colo.

“Você quer que eu encha a banheira?”, perguntou Denise.

“Eu nanannnnnnnn”, disse ele, engolando a voz. “Disse ao sujeito que ele estava falando coisas sem sentido, mas o que é que eu posso fazer?” Alfred fez um gesto de obviedade ou inevitabilidade. “Achei que ele ia para Little Rock. Você precis... Eu disse! Você precisa ter mais tempo de serviço. Que bobagem. E eu disse a ele para sair da minha sala.” Dirigiu um olhar de desculpas a Denise, e deu de ombros. “Eu não podia fazer mais nada.”

Denise já se tinha sentido invisível antes, mas nunca daquele jeito. “Não sei bem do que você está falando”, disse ela.

“Bem.” Alfred fez um gesto vago de explicação. “Ele me disse para olhar

debaixo da bancada. Só isso. Para olhar debaixo da bancada se eu não acreditava nele.”

“Que bancada?”

“Era uma bobagem”, contou ele. “Ficava mais simples para todo mundo se eu me demitisse. E isso ele nunca tinha imaginado.”

“Estamos falando da ferrovia?”

Alfred balançou a cabeça. “Não é assunto seu. Nunca foi minha intenção envolver você em nada disso. Quero que você vá em frente e aproveite a vida. E *tome cuidado*. Peça para a sua mãe subir aqui trazendo um pano.”

Com essas palavras, ele cruzou o tapete e trancou-se no banheiro. Denise, para fazer alguma coisa, tirou a roupa de cama, embolou tudo, inclusive as calças de pijama molhadas do seu pai, e as levou para baixo.

“Como é que está indo aí em cima?”, perguntou Enid de seu posto de preenchimento de cartões de Natal, na sala de jantar.

“Ele fez xixi na cama”, disse Denise.

“Minha nossa.”

“E não consegue distinguir a perna esquerda da direita.”

O rosto de Enid sombreou-se. “Achei que ele talvez fosse prestar mais atenção em você.”

“Mamãe, *ele não consegue distinguir a perna esquerda da direita*.”

“Às vezes os remédios...”

“Sei, sei!” A voz de Denise estava plangente. “Os remédios!”

Tendo silenciado sua mãe, prosseguiu até a lavanderia a fim de separar as roupas e colocá-las de molho. E lá Gary, todo sorrisos, a esperava com um trem elétrico nas mãos.

“Achei”, exclamou ele.

“Achou o quê.”

Gary deu a impressão de ficar magoado por Denise não estar prestando muita atenção a seus desejos e atividades. Explicou que metade da estrada de ferro em miniatura da sua infância — “a metade mais importante, com os trens e o transformador” — estava sumida havia décadas, e ele tinha achado que estava perdida para sempre. “Virei o depósito inteiro de pernas para o ar”, disse ele. “E onde você acha que eu encontrei?”

“Onde.”

“Adivinhe”, disse ele.

“No fundo da caixa das cordas”, disse ela.

Gary arregalou os olhos. “Como é que você sabia? Faz *décadas* que eu procuro!”

“Pois devia ter me perguntado. Tinha uma caixa menor de coisas de trem elétrico dentro da caixa grande das cordas.”

“Bem, tudo bem.” Gary sacudiu o corpo como num arrepio para deslocar o

foco da irmã e voltar para si. “Ainda bem que eu tive a satisfação de achar, mas bem que você podia ter dito.”

“Bem que você podia ter perguntado!”

“Sabe, estou adorando mexer de novo nessas coisas de trem. Hoje em dia existem coisas ótimas que a gente pode comprar.”

“Ótimo! Fico feliz por você.”

Gary admirou-se com a locomotiva que tinha nas mãos. “Achei que nunca mais ia ver este trem.”

Depois que ele foi embora e ela ficou sozinha no porão, foi até o laboratório de Alfred com uma lanterna, ajoelhou-se em meio às latas de café e examinou a parte inferior da bancada. Lá, em lápis tremido, havia um coração do tamanho de um coração humano:



Apoiou seu peso nos calcanhares, os joelhos ainda apoiados no chão de pedra fria. *Little Rock. Tempo de serviço. Mais simples se eu me demitir.*

Sem prestar atenção, tirou a tampa de uma das latas de café. Estava cheia até a borda de urina alaranjada opaca e fermentada.

“Cacete”, disse ela à espingarda.

Enquanto ela subia correndo para vestir o casaco e as luvas, sentia mais pena da mãe, porque por mais que Enid tivesse se queixado amargamente com ela jamais tinha entrado em sua cabeça que a vida em Saint Jude se tivesse transformado em tamanho pesadelo; e como ela podia se permitir respirar, quanto mais rir, dormir ou comer bem, quando era incapaz de imaginar o quanto era árdua a vida de outra pessoa?

Enid estava novamente nas cortinas da sala de jantar, esperando por Chip.

“Vou dar um volta!”, gritou Denise enquanto fechava a porta da frente atrás de si.

Havia cinco centímetros de neve no gramado. A oeste, as nuvens se abriam; tons violentos de lavanda e azul-claro de sombra de olho assinalavam o gume da mais recente frente fria. Denise saiu caminhando pelo meio de ruas mal iluminadas e cortadas de marcas de pneus e fumou até a nicotina abafar sua

perturbação e permitir que pensasse com mais clareza.

Concluiu que Don Armour, depois que os irmãos Wroth compraram a Midland Pacific e começaram a demitir os funcionários, não tinha sido incluído entre os funcionários deslocados para Little Rock e foi se queixar com Alfred. Talvez tivesse ameaçado contar como tinha conquistado a filha dele, ou reivindicado os direitos que tinha por ser quase membro da família Lambert; de qualquer maneira, Alfred lhe respondera que fosse para o diabo. E em seguida foi até sua casa examinar a parte de baixo da bancada da oficina.

Denise acreditava que uma cena tinha ocorrido entre Don Armour e o pai dela, mas detestava a idéia de imaginar como teria sido. Como Don Armour devia estar se odiando por rastejar diante do chefe do chefe de seu chefe e tentar, por súplica ou por chantagem, ser incluído na mudança da ferrovia para Little Rock, como Alfred devia ter se sentido traído pela filha, que tanto louvor conquistara por suas atitudes no trabalho; como toda a cena intolerável, devia ter ficado deprimente quando o pau de Don Armour entrara em questão no meio daquilo tudo, além de já ter entrado naquele seu orifício culpado e não excitado. Detestava imaginar seu pai ajoelhado por baixo da bancada, localizando o coração desenhado a lápis, detestava a idéia das insinuações maldosas de Don Armour entrando nos ouvidos puritanos de seu pai, detestava imaginar o quanto devia ter ofendido aquele homem tão disciplinado e reservado saber que Don Armour tinha vagado e vasculhado por sua casa à vontade.

Nunca tive a intenção de envolver você nisto.

E é claro: seu pai tinha pedido demissão da ferrovia. Tinha mantido a salvo a intimidade dela. Nunca dissera uma palavra a respeito para Denise, jamais dera qualquer sinal de condená-la. Por quinze anos, ela tinha tentado passar por uma filha perfeitamente responsável e cuidadosa, e o tempo todo ele sabia que ela não era.

Ela achou que talvez pudesse encontrar algum conforto naquela idéia, se conseguisse mantê-la na cabeça.

À medida que se afastava da vizinhança da casa de seus pais, as casas iam ficando mais novas, maiores e mais quadradas. Através das janelas sem esquadrias ou com esquadrias falsas de plástico, via telas luminosas, algumas gigantescas, outras em miniatura. É evidente que todos os momentos do ano, inclusive aquele, eram bons para se olhar para uma tela. Denise desabotoou o casaco e tomou o caminho de volta, cortando caminho pelo campo que ficava atrás da antiga escola primária.

Jamais tinha conhecido seu pai. E talvez ninguém jamais tivesse. Com sua timidez, seu formalismo e seus tirânicos acessos de raiva, ele protegia seu íntimo com tamanha ferocidade que se a pessoa o amava, como ela o amava, aprendia que a maior gentileza que podia fazer com ele era respeitar sua privacidade.

Alfred, da mesma forma, tinha demonstrado sua fé nela aceitando-a como

ela se apresentava: evitando espiar por trás da fachada que ela exibia ao mundo. Ela se sentia mais feliz toda vez que justificava publicamente a fé que ele depositava nela: quando conseguia uma nota máxima, quando seus restaurantes faziam sucesso; quando os autores das resenhas a adoravam.

Compreendeu, melhor do que gostaria, o quanto tinha sido desastroso para ele fazer xixi na cama em sua frente. Não era aquele o modo como ele desejava estar com ela, deitado sobre uma mancha de urina que esfriava rapidamente. Eles só tinham um modo bom de ficarem juntos, e não ia funcionar por muito tempo mais.

A estranha verdade a respeito de Alfred era que o amor, para ele, não era uma questão de aproximação, mas de distância. Compreendia aquilo melhor do que Gary ou Chip, e por isso sentia-se responsável por ele de um modo peculiar.

Chip, infelizmente, tinha a impressão de que Alfred só gostava dos filhos na medida em que eles eram bem-sucedidos. Estava tão absorto em sentir-se incompreendido que jamais percebeu o quanto ele próprio incompreendia seu pai. Para Chip, a incapacidade de Alfred para a ternura era a prova de que Alfred não sabia, ou nem queria saber, quem ele era. Chip não conseguia ver o que todos à sua volta percebiam: se havia alguém no mundo que Alfred amava puramente por aquilo que era, este alguém era Chip. Denise percebia bem que não encantava Alfred da mesma forma; tinham pouco em comum, além das formalidades e das realizações. Era por Chip que Alfred chamava no meio da noite, embora soubesse que Chip não estava lá.

Eu disse isto a você com a maior clareza possível, ela disse, em sua cabeça, ao idiota do irmão enquanto atravessava o campo nevado. *Mais claro era impossível dizer.*

A casa para a qual ela voltou estava cheia de luz. Gary ou Enid tinha varrido a neve da entrada. Denise esfregava os pés no capacho de sisal quando a porta se abriu de chofre.

“Ah, é você”, disse Enid. “Pensei que podia ser Chip.”

“Não, sou só eu.”

Ela entrou e tirou as botas. Gary tinha acendido a lareira e estava sentado na poltrona mais próxima do fogo, com uma pilha de velhos álbuns de fotografias no chão ao seu lado.

“Escute o meu conselho”, disse ele a Enid, “e esqueça o Chip.”

“Ele deve estar com algum problema”, disse Enid. “De outro modo, já teria ligado.”

“Mamãe, ele é um sociopata. Enfie isso na sua cabeça.”

“Você não sabe de nada a respeito de Chip”, disse Denise a Gary.

“Eu sei quando alguém se recusa a assumir as suas responsabilidades.”

“Eu só queria que estivéssemos todos juntos”, disse Enid.

Gary deixou escapar um gemido de ternura. “Oh, Denise”, disse ele. “Oh,

oh. Venha ver essa garotinha.”

“Outra hora.”

Mas Gary atravessou a sala com o álbum de fotografias e enfiou-o nas mãos dela, apontando para a imagem fotográfica que aparecia num cartão de Natal da família. A menininha gorducha, cabeluda, vagamente semítica da foto era Denise com cerca de um ano e meio. Não havia uma partícula sequer de problema em seu sorriso ou nos sorrisos de Chip e Gary. Estava sentada entre os dois no sofá da sala, em sua existência anterior à nova forração; cada um dos dois a estava abraçando; seus rostos de meninos de pele clara quase se tocavam acima do rosto dela.

“Que menina linda!”, disse Gary.

“Ah, que gracinha”, disse Enid, juntando-se a eles.

Das páginas centrais do álbum caiu um envelope com um adesivo de Carta Registrada. Enid o agarrou, levou-o até a lareira e jogou-o diretamente no fogo.

“O que era aquilo?”, perguntou Gary.

“Aquele assunto da Axon, que agora já está resolvido.”

“Papai mandou metade do dinheiro para a Orfic Midland?”

“Ele me pediu para mandar, mas eu ainda não mandei. Estou tão atrapalhada com os formulários do seguro.”

Gary riu enquanto subia as escadas. “Não vá gastar os dois mil e quinhentos em bobagens.”

Denise assoou o nariz e foi descascar batatas na cozinha.

“Por via das dúvidas”, disse Enid, juntando-se a ela, “prepare a comida contando com Chip. Ele disse que ia chegar hoje à tarde no máximo.”

“Acho que já é de noite, oficialmente”, disse Denise.

“De qualquer maneira, quero *muitas* batatas.”

Todas as facas da cozinha de sua mãe eram cegas como facas de manteiga. Denise recorreu a um raspador de cenoura. “Papai alguma vez lhe contou por que ele não quis ir para Little Rock com a Orfic Midland?”

“Não”, disse Enid em tom enfático. “Por quê?”

“Só queria saber.”

“Primeiro ele disse que ia. E teria feito a maior diferença, Denise, do ponto de vista financeiro. Ele estaria recebendo quase o dobro de pensão, só por causa daqueles dois anos. Agora nós teríamos muito mais folga. Ele me disse que ia, concordou que era a melhor coisa, mas três dias depois chegou em casa, disse que tinha mudado de idéia e pediu demissão.”

Denise olhou nos olhos semi-refletidos na janela acima da pia. “E nunca disse por quê.”

“Ele não suportava os tais dos irmãos Wroth. Acho que deve ter sido algum choque de personalidades. Mas nunca falou comigo a respeito. Sabe como é... ele nunca me conta nada. Decide e pronto. Mesmo que seja uma catástrofe

financeira, a decisão é dele, e ponto final.”

E destampou num choro caldaloso. Denise deixou a batata e o raspador caírem na pia. Pensou nas drogas que tinha escondido no calendário do Advento, pensou que talvez pudessem deter seu choro por um tempo suficiente, até que ela fosse embora da cidade, mas estava longe demais do esconderijo. Tinha sido surpreendida na cozinha.

“Querida, o que foi?”, perguntou Enid.

Por algum tempo não havia Denise na cozinha, só ranho, umidade e remorso. Descobriu-se ajoelhada no tapete de retalhos ao lado da pia. Bolinhas de lenço de papel a cercavam por todos os lados. Hesitava em erguer os olhos para a mãe, que estava sentada a seu lado numa cadeira, passando-lhe os lenços de papel secos.

“Tantas coisas que você acha que têm importância”, disse Enid com uma sobriedade recém-adquirida, “e acabam não fazendo a menor diferença.”

“Algumas coisas ainda têm importância”, redarguiu Denise.

Enid olhou tristemente para as batatas por descascar junto à pia. “Ele não vai melhorar, não é.”

Denise achou ótimo que sua mãe pensasse que estava chorando por causa da saúde de Alfred. “Acho que não”, disse ela.

“E não deve ser por causa dos remédios, não é.”

“Acho que não.”

“Então não faz muito sentido ir para a Filadélfia”, continuou Enid, “já que ele não consegue seguir instruções.”

“Isso mesmo. Não faz muito sentido.”

“Denise, o que vamos fazer?”

“Não sei.”

“Eu sabia que alguma coisa estava errada hoje de manhã”, disse Enid. “Se você tivesse encontrado aquele envelope três meses atrás, ele teria explodido comigo. Mas você viu como foi hoje. Ele não fez nada.”

“Desculpe por ter deixado você naquela situação.”

“Não faz diferença. Ele nem percebeu.”

“Desculpe de qualquer modo.”

A tampa de uma panela com feijão-branco começou a chacoalhar no fogão. Enid levantou-se para diminuir o fogo. Denise, ainda de joelhos, disse, “Acho que tem uma coisa para você no calendário do Advento.”

“Não, Gary já prendeu o último enfeite.”

“No bolso ‘vinte e quatro’. Pode ter uma coisinha para você.”

“Mas o quê?”

“Não sei. Você podia ir lá olhar.”

Ouvindo sua mãe caminhar até a porta da frente e depois voltar. Embora o padrão do tapete de retalhos fosse complexo, teve a impressão de que logo

poderia reproduzi-lo, de tanto olhar fixo para ele.

“De onde saiu isso?” perguntou Enid.

“Não sei.”

“Foi você quem pôs ali?”

“É um mistério.”

“Deve ter sido você.”

“Não.”

Enid pôs as pílulas na bancada, recuou dois passos e olhou para elas com o cenho franzido e ar severo. “Tenho certeza que quem pôs isso ali tinha a melhor das intenções”, disse ela. “Mas não quero isso na minha casa.”

“Acho boa idéia.”

“Eu quero a coisa de verdade, ou então coisa nenhuma.”

Com a mão direita, Enid recolheu as pílulas na palma da esquerda. Jogou-as no triturador de lixo, e moeu os comprimidos.

“E a coisa de verdade é o quê?”, perguntou Denise quando o ruído diminuiu.

“Queriam todos nós reunidos para um último Natal.”

Gary, banhado, barbeado e vestido em seu estilo aristocrático, entrou na cozinha a tempo de ouvir a última declaração.

“É melhor aceitar só quatro em lugar de todos os cinco”, disse ele, abrindo o armário das bebidas. “O que houve com Denise?”

“Está aborrecida por causa do seu pai.”

“Já era tempo”, disse Gary. “Temos muitos motivos para ficar aborrecidos.”

Denise recolheu as bolinhas de lenço de papel. “Quero uma dose grande disso que você está tomando”, disse ela.

“Achei que podíamos tomar o champanhe de Bea hoje à noite”, sugeriu Enid.

“Não”, respondeu Denise.

“Não”, disse Gary.

“Então vamos guardar e esperar para ver se Chip chega”, concordou Enid. “O que será que o seu pai está fazendo lá em cima até agora?”

“Ele não está lá em cima”, disse Gary.

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Al?” gritou Enid. “AL?”

Gases espousaram na lareira abandonada na sala de estar. O feijão-branco fervia em fogo moderado; os exaustores exalavam ar quente. Na rua, os pneus de um carro giravam em falso na neve.

“Denise”, disse Enid. “Vá ver se ele está no porão.”

Denise não perguntou “por que eu?”, embora tenha tido vontade. Foi até o alto das escadas do porão e chamou o pai. As luzes do porão estavam acesas, e ela ouviu um misterioso ruído na oficina.

Tornou a chamar: “Papai?”.

Nenhuma resposta.

O medo dela, enquanto descia as escadas, era o mesmo que sentira naquele desventurado ano de sua infância em que tinha implorado um animal de estimação e lhe deram uma gaiola contendo dois hamsters. Um cachorro ou um gato poderiam estragar os estofamentos de Enid, mas aqueles jovens roedores, dois irmãos de uma ninhada oriunda da residência dos Driblett, foram admitidos na casa. Todo dia de manhã, quando Denise descia até o porão para lhes dar ração e trocar a água, temia descobrir alguma nova diabrura que aquelas criaturas teriam concebido durante a noite para a apreciação privativa dela — talvez uma ninhada de filhotes cegos, trêmulos e vermelhos do incesto, talvez uma rearrumação desesperada e sem sentido dos cavacos de cedro formando uma pilha única ao lado da qual os dois pais estariam tremendo de frio no piso de metal nu da gaiola, com o ar saciado e evasivo depois de terem devorado todos os filhotes, o que não podia deixar um sabor agradável, mesmo na boca de um hamster.

A porta da oficina de Alfred estava fechada. Ela bateu. “Papai!”

A resposta de Alfred foi imediata, num latido tenso e estrangulado. “Não entre!”

Por trás da porta, alguma coisa dura raspou no concreto.

“Papai? O que você está fazendo?”

“Eu disse para não entrar!”

Mas ela tinha visto a arma, e pensou: É claro que só podia acontecer comigo. E pensou: E não tenho a menor idéia do que fazer.

“Papai, eu preciso entrar.”

“Denise...”

“Estou entrando”, disse ela.

Abriu a porta da oficina muito iluminada. Bastou-lhe um relance para apreender a velha colcha manchada de tinta aberta no chão, o velho deitado de costas com os quadris elevados e os joelhos tremendo, os olhos arregalados fixos no fundo da bancada enquanto batalhava com o imenso aparato de lavagem intestinal que tinha enfiado no reto.

“Oopa, desculpe!”, disse ela, virando-se, com as mãos levantadas.

Alfred respirava estertoreamente e não disse mais nada.

Ela fechou a porta quase toda e encheu os pulmões de ar. Em cima, a campainha da porta estava tocando. Pelas paredes e pelo teto, ouviu passos que se aproximavam da casa.

“É ele, é ele!”, exclamou Enid.

Uma canção natalina em coro — “It’s Beginning to Look Like Christmas” — desfez a ilusão de Enid.

Denise foi juntar-se à mãe e ao irmão na porta da frente. Rostos familiares se aglomeravam em torno da entrada coberta de neve, Dale Driblett, Honey

Driblett, Steve e Ashley Driblett, Kirby Root com várias filhas, e genros com cabelo cortado à máquina, e todo o clã Person. Enid encurralou Denise e Gary e abraçou-os com força, saltitando na ponta dos pés, de acordo com o espírito do momento. “Vão correndo chamar o seu pai”, disse ela. “Ele adora os cantos de Natal.”

“Papai está ocupado”, disse Denise.

Para o homem que tivera tanto cuidado em proteger a intimidade dela, e que só tinha pedido que respeitassem a sua intimidade, o melhor não seria deixá-lo sofrer sozinho, em vez de acrescentar a vergonha de ser visto sofrendo? Não tinha ele, com cada pergunta que deixara de fazer a ela, conquistado o pleno direito de ver-se dispensado de qualquer pergunta desconfortável que ela quisesse fazer-lhe agora? Como por exemplo: *Que história é essa de lavagem, papai?*

O coro parecia cantar diretamente para ela. Enid oscilava ao som da música, Gary tinha lágrimas fáceis nos olhos, mas Denise sentia que era ela o público visado. Adoraria ficar ali com o lado mais feliz de sua família. Não sabia por que a dificuldade reforçava tanto a sua lealdade. Mas quando Kirby Root, regente do coro da igreja metodista de Chiltsville, comandou o início de “Hark, the Herald Angels Sing”, começou a perguntar-se se respeitar a intimidade de Alfred não seria um pouco fácil demais. Será que ele queria ficar só? De fato, seria ótimo para ela! Assim ela poderia voltar para a Filadélfia e seguir com sua vida, fazendo exatamente o que ele queria. Ele tinha vergonha de ser visto com um tubo de plástico enfiado no rabo? Muito conveniente! Ela também ficara envergonhadíssima!

Desvencillhou-se da mãe, acenou para os vizinhos e voltou para o porão.

A porta da oficina estava aberta, como ela a tinha deixado. “Papai?”

“Não entre!”

“Desculpe”, disse ela, “mas preciso entrar.”

“Eu nunca quis que você se envolvesse nisto. Não é problema seu.”

“Eu sei. Mas preciso entrar de qualquer maneira.”

Ela o encontrou praticamente na mesma posição, com uma velha toalha de praia amassada entre as pernas. Ajoelhando-se em meio aos odores de merda e de mijo, apoiou uma das mãos no ombro trêmulo do pai. “Desculpe”, disse ela.

O rosto dele estava coberto de suor. Seus olhos brilhavam de loucura. “Ache um telefone”, disse ele, “e ligue para o gerente distrital.”

A grande revelação de Chip lhe tinha ocorrido em torno das seis da manhã de terça-feira, enquanto caminhava na escuridão quase absoluta por uma estrada revestida de cascalho lituano, entre as aldeias de Neravai e Mirkiniai, a poucos quilômetros da fronteira polonesa.

Quinze horas antes, tinha deixado o aeroporto às pressas e quase fora atropelado por Jonas, Aidaris e Gitanas quando dobraram a esquina em seu Ford Stomper. Os três estavam deixando Vilna quando ouviram a notícia do

fechamento do aeroporto. Dando meia-volta na estrada para Ignalina, tinham voltado para resgatar o americano patético. O bagageiro da parte de trás da Stomper estava totalmente constipado com malas, computadores e equipamento telefônico, mas amarrando duas das malas ao teto com elásticos conseguiram abrir espaço para Chip e sua mala.

“Vamos levar você até um posto menor da fronteira”, disse Gitanas. “Estão bloqueando todas as estradas mais importantes. Começam a salivar quando vêem uma Stomper.”

Jonas tinha então enveredado, numa velocidade excessiva, por estradas devidamente péssimas a oeste de Vilna, contornando as cidades de Jieznas e Alytus. Horas se passaram em meio à escuridão e aos solavancos. Em nenhum momento viram um sinal de trânsito funcionando ou qualquer carro da polícia. Jonas e Aidaris escutavam Metallica no banco da frente, enquanto Gitanas apertava teclas em seu celular, na esperança vã de que a Transbáltica Celular, da qual ainda era nominalmente o acionista controlador, tivesse conseguido restaurar o fornecimento de energia para sua estação retransmissora em meio a um blecaute nacional e à mobilização geral das forças armadas da Lituânia.

“É um desastre para Vitkunas”, lastimou Gitanas. “A mobilização militar só faz com que ele fique mais parecido com os soviéticos. Soldados na rua e nada de energia elétrica: não há de ser assim que o governo lituano vai cair nas boas graças do povo.”

“Alguém está atirando?”, perguntou Chip.

“Não, é mais uma questão de postura. Uma tragédia reescrita como farsa.”

Em torno da meia-noite, depois de fazer uma curva perto de Lazdijai, a última cidade de algum porte antes da fronteira polonesa, a Stomper passou por um comboio de três jipes que rumavam na direção oposta. Jonas acelerou na estrada cheia de troncos caídos e trocou idéias com Gitanas em lituano. A moraina glacial naquela área era ampla, mas sem florestas. Era possível olhar para trás e ver que dois dos jipes tinham dado meia-volta e saído na perseguição da Stomper. E também foi possível, de um dos jipes, ver Jonas enveredar por uma estrada de cascalho à esquerda e sair em alta velocidade, bordejando a brancura de um lago congelado.

“Eles não nos alcançam”, garantiu Gitanas a Chip cerca de dois segundos antes de Jonas, encontrando uma curva fechada, sair da estrada com a Stomper.

Estamos sofrendo um acidente, pensou Chip enquanto o veículo levantava vôo. Sentiu uma forte simpatia retroativa pela tração, pelo centro de gravidade baixo, pelas variações não-angulares de momento. Teve tempo para uma reflexão silenciosa, para cerrar os dentes e mais nada, só pancada atrás de pancada, barulho atrás de barulho. A Stomper experimentou várias versões da vertical — noventa, duzentos e setenta, trezentos e sessenta, cento e oitenta graus — antes de finalmente parar apoiada em sua lateral esquerda, com o motor desligado e os

faróis ainda acesos.

Os quadris e o peito de Chip pareciam ter sido seriamente contundidos pelo cinto de segurança. Fora isso, parecia estar inteiro, como Jonas e Aidaris.

Gitanas tinha sido muito sacudido, e atingido por peças soltas de bagagem. Sangrava no queixo e na testa. Disse algo a Jonas em tom urgente, mandando aparentemente apagar os faróis, mas já era tarde demais. Da estrada, atrás de onde se encontravam, ouviram um som alto de redução de marcha. Os jipes que os seguiam pararam junto à curva fechada, e homens de uniforme usando máscaras de esqui desceram dos carros.

“Policiais com máscaras de esqui”, disse Chip. “Estou fazendo força para ver o lado positivo disso.”

A Stomper tinha caído num pântano congelado. No ponto onde se cruzavam os faróis altos dos dois jipes, oito ou dez “policiais” mascarados cercaram o carro e ordenaram que todos saíssem. Chip, abrindo a porta acima de sua cabeça, sentiu-se como se fosse um boneco de mola pulando da caixa.

Jonas e Aidaris tiveram suas armas confiscadas. Tudo o que o veículo continha foi metodicamente espalhado pela neve, em meio às plantas quebradas que cobriam o solo. Um “policial” encostou o cano da arma no rosto de Chip, e deram-lhe uma ordem numa só palavra que Gitanas traduziu: “Ele está pedindo a você que tire a roupa”.

A morte, aquela parenta longíngua, aquela emigrante de mau hálito, aparecera de repente nas proximidades. Chip ficou com bastante medo da arma. Suas mãos tremiam e perderam a sensibilidade; precisou de toda a força de vontade para empregá-las na tarefa de abrir fechos e desabotoar-se. Aparentemente, tinha sido o único escolhido para aquela humilhação por força da qualidade das roupas de couro que usava. Ninguém parecia dar importância à jaqueta vermelha de motocross de Gitanas ou ao casaco de veludo de Jonas. Mas os “policiais” de máscara de esqui reuniram-se à volta dele, avaliando com os dedos a qualidade de suas calças e do seu casaco. Soprando névoa gelada através dos buracos em forma de O por onde se viam suas bocas, com os lábios estranhamente descontextualizados, testaram a flexibilidade da sola de sua bota esquerda.

Uma exclamação de surpresa se ouviu quando um rolo de dinheiro americano caiu da bota. Novamente o cano da arma no rosto de Chip. Dedos gelados descobriram o envelope de dinheiro por baixo de sua camiseta. Os “policiais” também revistaram sua carteira, mas não roubaram seus litai e nem seus cartões de crédito. Só queriam dólares.

Gitanas, com o sangue a congelar em vários quadrantes da cabeça, dirigiu um protesto ao comandante dos “policiais”. A discussão que se seguiu, na qual Gitanas e o comandante gesticulavam repetidamente na direção de Chip e usavam as palavras “dólar” e “americano”, terminou quando o comandante

apontou uma pistola para a testa ensangüentada de Gitanas e este levantou as mãos, admitindo que o argumento do comandante o convencera.

Enquanto isso, o esfínter de Chip se dilatara quase ao ponto da rendição integral. No entanto, parecia-lhe muito importante ser capaz de se conter, e por isso ele ficou ali, em pé, só de meias e roupas de baixo, apertando as nádegas uma contra a outra o mais que podia com as mãos trêmulas. Apertando e combatendo os espasmos manualmente. Pouco se lhe dava que o efeito produzido fosse ridículo.

Os “policiais” encontraram muita coisa que merecia ser roubada na bagagem. A mala de Chip foi esvaziada no chão coberto de neve e seus pertences, revirados. Ele e Gitanas ficaram olhando enquanto os “policiais” cortavam o estofamento da Stomper, abriam seu piso e localizavam a reserva de dinheiro e cigarros de Gitanas.

“Qual é exatamente o pretexto deles?”, perguntou Chip, ainda tremendo violentamente mas vencendo a batalha que realmente importava.

“Somos acusados de contrabando de divisas estrangeiras e de tabaco”, explicou Gitanas.

“E quem está acusando?”

“Infelizmente, eles são mesmo o que parecem”, disse Gitanas. “Noutras palavras, policiais federais usando máscaras de esquí. O país está vivendo hoje um clima meio carnavalesco. No espírito do vale tudo.”

Era uma hora da manhã quando a “polícia” finalmente foi embora, roncando em seus jipes. Chip, Gitanas, Jonas e Aidaris foram deixados com os pés enregelados, a Stomper amassada, as roupas molhadas e a bagagem destruída.

Mas do lado positivo, pensou Chip, eu não me caguei todo.

Ainda tinha seu passaporte e dois mil dólares que a “polícia” tinha deixado de encontrar no bolso da camiseta. Também tinha um par de tênis, calças jeansfolgadas, o paletó esporte bom de *tweed* e seu suéter favorito, que se apressou em vestir.

“Aqui se encerra a minha carreira de chefe criminoso”, comentou Gitanas. “Não tenho mais nenhuma ambição nesse setor.”

Portando isqueiros, Jonas e Aidaris inspecionavam a suspensão da Stomper. Aidaris emitiu o veredito em inglês, em consideração a Chip: “Camionete está fodida”.

Gitanas ofereceu-se para ir andando com Chip até a fronteira polonesa no ponto onde ela podia ser cruzada, em Sejny, quinze quilômetros a oeste dali, mas Chip estava dolorosamente consciente de que, caso seus amigos não tivessem feito meia-volta para ir buscá-lo no aeroporto, era provável que àquela altura estivessem em segurança com seus parentes em Ignalina, com o veículo e as reservas de dinheiro intactas.

“Eh”, disse Gitanas dando de ombros. “Podíamos ter levado um tiro na

estrada para Ignalina. Talvez você tenha salvado as nossas vidas.”

“Camionete está fodida”, repetiu Aidaris com raiva e encantamento.

“Então nos encontramos em Nova York”, disse Chip.

Gitanas sentou-se num monitor de computador de dezessete polegadas com a tela partida. Apalpou cuidadosamente a testa ensangüentada. “É, isso, Nova York”

“Você pode ficar no meu apartamento.”

“Vou pensar.”

“Venha de uma vez”, disse Chip, um tanto desesperado.

“Sou lituano”, respondeu Gitanas.

Chip sentiu-se mais magoado, mais decepcionado e abandonado, do que a situação justificava. No entanto, conseguiu se conter. Aceitou um mapa, um isqueiro, uma maçã e os sinceros votos de boa sorte dos lituanos, e partiu na escuridão.

Assim que ficou só, sentiu-se melhor. Quanto mais caminhava, mais apreciava o conforto de suas calças jeans e de seus tênis como equipamento de caminhada, comparados às botas e às calças de couro. Seu passo estava mais leve, seus movimentos mais desembaraçados; sentia a tentação de começar a trotar estrada afora. Como era agradável andar com aqueles tênis!

Mas não foi essa a sua grande revelação. Sua grande revelação lhe ocorreu quando estava a poucos quilômetros da fronteira polonesa. Fazia o possível para ouvir se algum cão rural homicida poderia estar solto na escuridão que o cercava. Tinha os braços estendidos, sentia-se mais do que um pouco ridículo, quando se lembrou da frase de Gitanas: *uma tragédia reescrita como farsa*. De repente entendeu por que ninguém, nem mesmo ele próprio, jamais gostara de seu roteiro: tinha escrito um filme de suspense quando deveria ter escrito uma farsa.

A luz fraca do amanhecer vinha surgindo. Em Nova York, ele tinha revisado e polido as primeiras trinta páginas de “A Púrpura da Academia” até sua memória do roteiro ter ficado quase eidética, e agora, à medida que o céu do Báltico ia clareando, começou a rever sua reconstrução mental daquelas páginas com um lápis vermelho mental, cortando um pouco aqui, acrescentando ênfase ou hipérbole ali, e no seu espírito as cenas foram finalmente ficando do modo que ele sempre quisera que elas fossem: ridículas. Seu personagem trágico BILL QUAINANCE transformou-se num idiota cômico.

Chip acelerou o passo como se caminhasse na direção de uma mesa onde poderia começar a rever imediatamente seu roteiro. Chegou a um ponto elevado, viu a escurecida cidade lituana de Eisiskës e, mais ao longe, além da fronteira, algumas luzes acesas na Polônia. Dois cavalos de tiro, esticando as cabeças por cima de uma cerca de arame farpado, aproximaram-se dele com otimismo.

E ele dizia em voz alta: “Precisa ficar *ridículo*. Precisa ficar *ridículo*”.

Dois agentes alfandegários e dois “policiais” lituanos guarneciam o pequeno posto de fronteira. Devolveram o passaporte a Chip sem a pilha de litai com que ele o tinha recheado. E por nenhuma razão compreensível além de uma crueldade mesquinha, deixaram-no sentado várias horas num aposento superaquecido enquanto misturadores de concreto, caminhões cheios de galinhas e ciclistas atravessavam a fronteira de um lado para o outro. A manhã já estava quase no fim quando o deixaram sair andando para a Polônia.

Alguns quilômetros adiante, em Sejny, ele comprou zlotys e, usando os zlotys, pagou o almoço. As lojas estavam bem abastecidas, era época do Natal. Os homens da cidade eram todos velhos e muito parecidos com o papa.

A carona em três caminhões e mais uma corrida de táxi o deixaram no aeroporto de Varsóvia ao meio-dia da quarta-feira. Os improváveis atendentes de faces rosadas no balcão da LOT, Linhas Aéreas Polonesas, ficaram encantados em vê-lo. A LOT tinha acrescentado vôos extras nos feriados para acomodar as dezenas de milhares de poloneses que viviam no Ocidente e vinham rever as famílias, e muitos dos vôos de volta para o Oeste estavam bastante vazios. Todas as mocinhas de faces coradas do balcão usavam chapeuzinhos que as deixavam parecidas com balizas de banda de música. Aceitaram o dinheiro vivo de Chip, entregaram-lhe uma passagem, e lhe disseram para sair correndo.

Ele correu até o portão e embarcou num 767 que ficou quatro horas parado na pista enquanto um instrumento possivelmente defeituoso na cabine era examinado e finalmente, com muita relutância, substituído.

O plano de vôo era uma rota direta para a grande cidade polonesa de Chicago, sem escalas. Chip dormia o tempo todo a fim de esquecer que devia vinte mil dólares a Denise, tinha estourado o limite de seus cartões de crédito e agora não tinha nem emprego e nem qualquer perspectiva de arranjar trabalho.

A boa notícia em Chicago, depois de passar pela alfândega americana, foi que havia duas companhias de aluguel de carros ainda em funcionamento. A má notícia, que ouviu depois de amargar meia hora na fila, era que pessoas com o limite do cartão de crédito estourado não podiam alugar carros.

Percorreu a lista de companhias aéreas na lista telefônica até encontrar uma — a Prairie Hopper, de que jamais tinha ouvido falar — que tinha um lugar num vôo para Saint Jude às sete da manhã seguinte.

A essa altura, era tarde demais para ligar para Saint Jude. Escolheu um canto sossegado do tapete do aeroporto e deitou-se para dormir. Não entendia o que tinha acontecido com ele. Sentia-se como uma folha de papel que no passado continha um texto coerente, mas que tinha sido posta na máquina de lavar. Sentia-se esfregado, branqueado e gasto nas dobras. Semi-sonhou com olhos sem corpo e bocas soltas em máscaras de esqui. Perdeu a noção do que queria, e já que cada pessoa é o que ela quer, pode-se dizer que perdeu a noção de quem era.

Que coisa estranha, então, o velho que abriu a porta em Saint Jude às nove e

meia da manhã seguinte dar a impressão de saber exatamente quem ele era.

Havia uma guirlanda de visgo na porta. A entrada da casa estava orlada de neve e tinha marcas de vassoura a espaços regulares. Aquela rua do Meio-Oeste, aos olhos do viajante, parecia um país das maravilhas de riqueza, carvalhos e espaço declaradamente inútil. O viajante não imaginava como um espaço daqueles pudesse existir num mundo de Lituânias e Polônias. Era um testemunho da eficiência isolante das fronteiras políticas o fato de não haver uma força que simplesmente descrevesse um arco para franquear o abismo entre aquelas voltagens econômicas tão divergentes. A velha rua, com sua fumaça de carvalho, suas sebes de topo horizontal cobertas de neve e seus beirais cheios de pingentes de gelo, parecia uma coisa precária. Parecia uma miragem. Parecia a lembrança excepcionalmente nítida de uma coisa amada e já morta.

“Muito bem, muito bem!”, exclamou Alfred, o rosto aceso de alegria, enquanto segurava a mão de Chip com suas duas mãos. “Olhem só quem chegou!”

Enid tentou entrar no quadro à força de cotoveladas, repetindo o nome de Chip, mas Alfred não largava a mão do filho. E disse mais duas vezes: “Olhem só quem chegou! Olhem só quem chegou!”.

“Al, deixe ele entrar e feche a porta”, suplicou Enid.

Chip estava empacado na porta de entrada. O mundo do lado de fora era preto e branco e cinza, e varrido por ar fresco; o interior encantado estava denso demais, com um excesso de objetos e cheiros e cores, de umidade, de personalidades grandes. Teve medo de entrar.

“Entre, entre”, grunhiu Enid, “e feche esta porta.”

Para proteger-se de feitiços, recitou em segredo um encantamento: *Vou ficar três dias e depois volto para Nova York, vou encontrar um emprego, vou separar no mínimo quinhentos dólares por mês até pagar tudo que eu devo, e vou trabalhar toda noite no meu roteiro.*

Invocando esse talismã protetor, que era tudo que lhe restava, a soma insuficiente de sua identidade, ele entrou na casa.

“Minha nossa, você está todo arranhando e cheirando mal”, disse Enid, ao beijá-lo. “Onde está a sua mala?”

“Na beira de uma estrada de cascalho na Lituânia.”

“Ainda bem que agora você está em casa, são e salvo.”

Em nenhum ponto de toda a nação da Lituânia havia um aposento comparável à sala de estar dos Lambert. Só mesmo neste hemisfério podia haver um tapete tão suntuosamente fofo, móveis tão grandes, tão bem feitos e tão opulentamente estofados, num aposento de planta tão simples e situação tão comum. A luz na janela de esquadrias de madeira, embora cinzenta, transmitia um otimismo de pradaria; não havia mar num raio de mil quilômetros para embaçar a atmosfera. E a postura dos carvalhos mais velhos que se esticavam na

direção daquele céu tinha uma projeção, uma naturalidade e um direito ao espaço que eram anteriores ainda à presença permanente de pessoas; memórias de um mundo sem cercas estavam escritas no cursivo daqueles ramos.

Chip apreendeu tudo no tempo de uma pulsação cardíaca. O continente, sua terra natal. Espalhados pela sala havia ninhos de presentes abertos e pequenos restos de fitas usadas, fragmentos de papel de embrulho, etiquetas. Ao pé da poltrona ao lado da lareira, que Alfred sempre reivindicava, Denise estava ajoelhada ao lado do maior dos ninhos de presentes.

“Denise, olhe quem chegou”, disse Enid.

Como que por obrigação, com os olhos baixos, Denise levantou-se e atravessou a sala. Mas quando abraçou Chip e ele a apertou de volta (a altura dela, como sempre, o deixou surpreso), ela não o largou mais. Ficou *agarrada* a ele — beijou seu pescoço, fixou os olhos nele, e lhe agradeceu.

Gary chegou e deu um abraço desajeitado em Chip, com o rosto virado. “Achei que você não ia conseguir chegar”, disse ele.

“Eu também”, disse Chip.

“Muito bem, muito bem!”, repetiu Alfred, olhando maravilhado para o filho.

“Gary precisa ir embora às onze, mas podemos tomar café todos juntos. Você vá se arrumar enquanto Denise e eu preparamos o café. Ah, era *exatamente* isso que eu queria!”, disse ela, correndo para a cozinha. “É o melhor presente de Natal que eu já ganhei na vida!”

Gary virou-se para Chip com sua expressão eu-sou-uma-besta. “Pronto”, disse ele. “O melhor presente de Natal que ela já ganhou na vida.”

“Acho que ela está falando de nós cinco estarmos reunidos”, disse Denise.

“Bem, melhor ela aproveitar bastante, e bem depressa”, ameaçou Gary, “porque está me devendo uma discussão e eu vou cobrar.”

Chip desligou-se de seu corpo e o seguiu, perguntando-se o que ele iria fazer. Tirou um banquinho de alumínio do chuveiro do banheiro de baixo. O jato de água era forte e quente. Suas impressões eram de tal modo frescas que ou podia lembrar-se delas a vida inteira ou então esquecer-se delas de uma vez por todas. Cada cérebro só podia absorver uma certa quantidade de impressões antes de perder a capacidade de decodificá-las, dar-lhes forma coerente e pô-las em ordem. A noite quase sem dormir que ele passara num trecho do tapete do aeroporto, por exemplo, ainda estava muito presente, e pedindo para ser levada em conta. E lá estava ele tomando um banho quente de chuveiro na manhã do dia de Natal. Lá estavam os conhecidos ladrilhos café-com-leite do box. Os ladrilhos, como todos os demais constituintes físicos da casa, estavam repletos do fato de serem de propriedade de Enid e Alfred, saturados com uma aura adquirida por pertencerem àquela família. A casa dava antes a impressão de um corpo — mais macio, mais mortal e orgânico — que de uma edificação.

O xampu de Denise tinha os perfumes agradáveis e sutis do capitalismo

ocidental contemporâneo. Nos segundos que Chip levou passando o xampu nos cabelos, esqueceu onde estava. Esqueceu qual era o continente, esqueceu qual era o ano, esqueceu que horas eram, esqueceu as circunstâncias. Seu cérebro no chuveiro tornou-se pisceiro ou anfíbio, limitando-se a registrar impressões, reagir ao momento. Não estava muito longe de sentir terror. Ao mesmo tempo, sentia-se bem. Sentia fome de tomar o desjejum e sede, especialmente, de café.

Com uma toalha enrolada na cintura, apareceu na sala de estar, onde Alfred levantou-se o mais rápido que pôde. A visão do rosto subitamente envelhecido de Alfred, de sua desintegração em andamento, de seu tom vermelho, de suas assimetrias, atingiu Chip como uma chicotada.

“Muito bem!” disse Alfred. “Foi bem rápido.”

“Posso pegar emprestadas algumas roupas suas?”

“Deixo a seu critério.”

No andar de cima, no closet de seu pai, os antigos estojos de barbear, as calçadeiras, os porta-sapatos e a prateleira de gravatas estavam todos em seus lugares de costume. Tinham continuado em seus postos cada hora dos mil e quinhentos dias que Chip tinha passado sem ir ali. Por um instante, sentiu raiva (e como poderia não sentir?) de seus pais por não terem se mudado para algum outro lugar. Tinham simplesmente ficado ali, à espera dele.

Levou roupas de baixo, meias, calças de lã, uma camisa branca e um cardigã cinzento para o quarto que dividia com Gary nos anos transcorridos entre a chegada de Denise à família e a partida de Gary para o *college*. Gary estava arrumando uma sacola aberta na “sua” cama.

“Não sei se você reparou”, disse ele, “mas papai está bem mal.”

“É, eu reparei.”

Gary pôs uma caixinha na mesa de cabeceira de Chip. Era uma caixa de munição — cartuchos para uma espingarda calibre .20.

“Estavam junto com a arma na oficina”, disse Gary. “Estive lá embaixo hoje de manhã e achei que era melhor prevenir do que remediar.”

Chip olhou para a caixa e respondeu instintivamente. “Não devia ser uma decisão dele?”

“Era o que eu achava até ontem”, disse Gary. “Mas se ele quiser fazer isso, tem outras opções. Hoje à noite a temperatura deve cair a quase vinte abaixo de zero. Basta ele ir para o lado de fora com uma garrafa de uísque. Não quero que mamãe um dia desça lá e encontre papai com a cabeça estourada.”

Chip não soube o que dizer. Vestiu em silêncio as roupas do velho. A camisa e as calças estavam maravilhosamente limpas e cabiam nele melhor do que imaginava. Ficou surpreso, ao vestir o cardigã, de suas mãos não começarem a tremer, surpreso de ver um rosto tão jovem no espelho.

“O que você andou arrumando?”, perguntou Gary.

“Ajudando um amigo meu lituano a enganar investidores ocidentais.”

“Meu Deus, Chip. Você não devia estar fazendo isto.”

Qualquer outra coisa no mundo podia estar estranha, mas a condescendência de Gary deixou Chip furioso, como sempre.

“De um ponto de vista estritamente moral”, disse ele, “eu me sinto mais solidário com a Lituânia do que com os investidores americanos.”

“Quer ser um bolchevique?”, perguntou Gary, fechando sua sacola. “Tudo bem, pode ser bolchevique. Só não ligue para mim quando for preso.”

“Jamais me passaria pela cabeça ligar para você”, disse Chip.

“Já estão prontos para o café?”, cantarolou Enid do corredor.

Uma toalha de mesa de linho, reservada para as ocasiões de festa, estava posta na mesa de jantar. No centro havia um arranjo de pinhas, folhagem branca e verde, e sinos prateados. Denise estava trazendo comida para a mesa — grapefruto Texas, ovos mexidos, bacon, um bolo de frutas e pães que ela havia preparado.

A cobertura de neve realçava a luz forte da pradaria.

Como de costume, Gary sentou-se sozinho de um lado da mesa. Do outro lado, Denise sentou-se ao lado de Enid e Chip ao lado de Alfred.

“Feliz Natal, feliz Natal, feliz Natal!”, disse Enid, olhando nos olhos de todos os filhos, um de cada vez.

Alfred, de cabeça baixa, já estava comendo.

Gary também começou a comer, depressa, depois de olhar de relance para o relógio.

Chip não se lembrava que o café daquelas bandas era tão bebível.

Denise lhe perguntou como ele tinha conseguido voltar. E ele contou a história, omitindo apenas o roubo à mão armada.

Enid, com uma expressão de desagrado, acompanhava cada movimento de Gary. “Mais *devagar*”, disse ela. “Você só precisa sair daqui às onze horas.”

“Na verdade”, disse Gary, “eu disse quinze para as onze. Já passou de dez e meia, e ainda precisamos conversar.”

“Estamos finalmente todos juntos”, disse Enid. “Que tal relaxar e aproveitar?”

Gary pousou o garfo. “*Eu* estou aqui desde segunda-feira, mamãe, esperando a hora em que estaríamos todos juntos. Denise está aqui desde terça-feira de manhã. Não é culpa minha se Chip estava ocupado demais fraudando os investidores americanos para chegar aqui a tempo.”

“Acabei de explicar por que eu me atrasei”, disse Chip. “Você devia prestar mais atenção.”

“Talvez você já devesse ter saído de lá há mais tempo.”

“Que história é essa de fraude?”, perguntou Enid. “Achei que você estava fazendo algum trabalho que tinha a ver com computadores.”

“Eu explico mais tarde, mamãe.”

“Não”, disse Gary. “Explique agora.”

“Gary”, disse Denise.

“Não, desculpe”, disse Gary, jogando o guardanapo na mesa como se fosse uma luva de desafio. “Estou cheio desta família! Estou cheio de esperar! Quero respostas *agora!*”

“Meu trabalho tinha a ver com computadores”, disse Chip. “Mas Gary tem razão, no sentido estrito a intenção era fraudar investidores americanos.”

“Eu não gosto nem um pouco disso”, disse Enid.

“Eu sei que não”, disse Chip. “Só que é um pouco mais complicado do que pode parecer...”

“Quer dizer que obedecer a lei é complicado?”

“Gary, pelo amor de Deus”, disse Denise com um suspiro. “É Natal!”

“E você é uma ladra”, disse Gary, dando o bote em Denise.

“O quê?”

“Sabe muito bem do que eu estou falando. Você entrou no quarto de uma pessoa e pegou uma coisa que não lhe pertencia...”

“Desculpe”, disse Denise em tom acalorado, “eu só *devolvi* uma coisa que tinha sido roubada de sua...”

“Porra nenhuma, porra nenhuma!”

“Ah, eu não vou ficar sentada aqui ouvindo isto”, lamentou-se Enid. “Não no dia de Natal!”

“Não, mamãe, desculpe, mas você não vai a lugar nenhum”, disse Gary. “Vamos ficar sentados aqui e ter a nossa conversinha *agora mesmo.*”

Alfred dirigiu um sorriso de cumplicidade a Chip e indicou os demais com um gesto. “Está vendo o que eu preciso aturar?”

Chip arrumou o rosto num simulacro de compreensão e concordância.

“Chip, quanto tempo você vai ficar aqui?”, perguntou Gary.

“Três dias.”

“E Denise, você vai embora no...”

“Domingo, Gary, vou embora no domingo.”

“E então, o que vai acontecer na segunda-feira, mamãe? Como é que você vai fazer a casa funcionar na segunda-feira?”

“Vou pensar nisso quando chegar segunda-feira.”

Alfred, sempre sorrindo, perguntou a Chip do que Gary estava falando.

“Não sei, papai.”

“Você acha mesmo que vai para a Filadélfia? Acha que o CorrecTor vai resolver tudo isto?”

“Não, Gary, não acho”, disse Enid.

Gary pareceu não ter ouvido a resposta dela. “Papai, por favor”, disse ele. “Ponha a mão direita no ombro esquerdo.”

“Gary, pare com isso”, suplicou Denise.

Alfred inclinou-se para perto de Chip e perguntou-lhe confidencialmente: “O que foi que ele me pediu?”

“Quer que você ponha a mão direita no ombro esquerdo.”

“Quanta bobagem.”

“Papai?”, chamou Gary. “Vamos lá, mão direita, ombro esquerdo.”

“Pare”, disse Denise.

“Vamos lá, papai. Mão direita, ombro esquerdo. Não consegue? Não vai mostrar que sabe seguir instruções simples? Vamos lá! *Mão direita. Ombro esquerdo.*”

Alfred balançou a cabeça. “Só precisamos de um quarto e de uma cozinha.”

“Al, eu não *quero* um quarto e uma cozinha”, replicou Enid.

O velho afastou sua cadeira da mesa e virou-se mais uma vez para Chip e disse: “Você está vendo que não é fácil”.

Quando se levantou, sua perna cedeu e ele caiu no chão, arrastando na queda seu prato, sua xícara e seu pires. O estrépito poderia ter sido o compasso final de uma sinfonia. Ficou inclinado de lado em meio aos destroços como se fosse um gladiador ferido, um cavalo caído.

Chip ajoelhou-se e ajudou-o a sentar-se, enquanto Denise saía correndo para a cozinha.

“São quinze para as onze”, disse Gary como se nada de incomum tivesse acontecido. “Antes de eu ir embora, vou fazer um resumo. Papai está sofrendo de demência e incontinência. Mamãe não tem como ficar com ele em casa sem ajuda, e diz que não quer ajuda, mesmo que pudesse contratar gente para ajudar. O CorrecTor está evidentemente fora de questão, e por isso eu quero saber o que você vai fazer. *Agora*, mamãe. Quero saber *agora*.”

Alfred apoiou duas mãos trêmulas nos ombros de Chip e correu os olhos maravilhados pelos móveis da sala. Apesar de sua agitação, estava sorrindo.

“Minha pergunta”, disse ele. “É quem é o dono desta casa? Quem toma conta disso tudo?”

“O dono é você, papai.”

Alfred mexeu a cabeça como se aquilo não coadunasse com os fatos da maneira como os compreendia.

Gary exigia uma resposta.

“Acho que precisamos fazer a experiência de retirar os remédios”, sugeriu Enid.

“Ótimo, vamos tentar”, disse Gary. “Interne papai num hospital e vamos ver se ele consegue sair depois. E já que a idéia é esta, você também podia experimentar ficar sem os seus remédios.”

“Gary, ela jogou tudo fora”, falou Denise, do chão, onde se tinha ajoelhado com uma esponja. “Jogou no triturador de lixo. Pode deixá-la em paz.”

“Bem, espero que você tenha aprendido a sua lição, mamãe.”

Chip, usando as roupas do velho, não conseguia acompanhar aquela conversa. As mãos de seu pai pesavam-lhe nos ombros. Pela segunda vez em uma hora, alguém se *agarrava* a ele, como se ele fosse uma pessoa de substância, como se ele tivesse algum conteúdo. Na verdade, continha tão pouco que não sabia sequer dizer se sua irmã e seu pai estavam enganados a seu respeito. Sentia-se como se tivessem raspado todas as marcas que identificavam sua consciência e a tivessem transplantado, metempsicoticamente, para o corpo de um filho constante, de um irmão digno de confiança...

Gary sentou-se no sofá, ao lado de onde estava Alfred. “Papai”, disse ele, “sinto muito que tenha terminado desta maneira. Eu amo você e quero tornar a ver você em pouco tempo.”

“Bem. Vouss bolf. Seugh”, respondeu Alfred. Baixou a cabeça e olhou em volta com indisfarçada paranóia.

“E *you*, meu irmão imprestável.” Gary apoiou os dedos abertos como garras no topo do crânio de Chip, no que pretendia produzir a aparência de um gesto de afeto. “Estou contando com você para ajudar aqui.”

“Vou fazer o possível”, respondeu Chip, com menos ironia do que pretendia.

Gary levantou-se. “Desculpe ter estragado o seu café-da-manhã, mamãe. Mas eu, pelo menos, estou me sentindo bem melhor depois de ter tirado este peso do meu peito.”

“Por que não esperou o Natal acabar”, murmurou Enid.

Gary beijou-a no rosto. “Ligue para Hedgpeth amanhã de manhã. Depois me ligue e me diga qual é o plano. Quero acompanhar tudo bem de perto.”

Chip achava inacreditável que Gary fosse simplesmente capaz de ir embora com Alfred caído no chão e o café-da-manhã de Natal de Enid arruinado, mas Gary estava em seu modo de funcionamento mais racional: suas palavras tinham uma formalidade oca, seus olhos estavam evasivos enquanto ele vestia o sobretudo, pegava a sacola de viagem e o saco com os presentes de Enid para Filadélfia, porque estava com medo. Chip agora via com toda clareza, através do ar frio da muda partida de Gary: seu irmão estava com medo.

Assim que a porta da frente se fechou, Alfred seguiu para o banheiro.

“Pelo menos todos podemos ficar felizes”, disse Denise, “por Gary ter conseguido tirar este peso do peito, e estar se sentindo melhor.”

“Não, ele tem razão”, disse Enid, os olhos tristemente fixos no centro de mesa. “Alguma coisa precisa mudar.”

Depois do café-da-manhã, as horas se passaram na espera adoentada, inválida, de um feriado importante. Chip, em sua exaustão, tinha uma certa dificuldade em manter-se acordado, mas seu rosto estava corado com o calor da cozinha e o cheiro de peru assado que tomava toda a casa. Cada vez que entrava no campo de visão do pai, um sorriso de reconhecimento e prazer espalhava-se pelo rosto de Alfred. Este reconhecimento poderia ser atribuído a alguma

confusão de identidade, caso não fosse acompanhado pela exclamação do nome de Chip por Alfred. Chip parecia ser *amado* pelo velho. Tinha discutido com Alfred, desprezado Alfred, sentido o ferrão da censura de Alfred quase a vida toda, e seus fracassos pessoais e suas opiniões políticas eram hoje mais extremos do que nunca, mas apesar disso era Gary quem brigava com o velho, e era Chip quem deixava seu rosto iluminado.

No jantar, deu-se ao trabalho de descrever com algum detalhe suas atividades na Lituânia. E foi o mesmo que recitar alguma lei num tom monocórdio. Denise, normalmente uma pessoa extremamente atenta, estava absorvida em ajudar Alfred a comer, e Enid só tinha olhos para as deficiências do marido. Franzia as sobrancelhas, suspirava ou balançava a cabeça a cada bocado derramado, a cada gesto sem sequência. Era bastante visível que Alfred tinha transformado sua vida num inferno.

Sou a pessoa menos infeliz desta mesa, pensou Chip.

Ajudou Denise a lavar os pratos enquanto Enid falava com os netos ao telefone e Alfred ia deitar-se.

“Faz quanto tempo que papai está assim?”, perguntou ele a Denise.

“Assim? Só desde ontem. Mas já não estava muito melhor antes disso.”

Chip vestiu um sobretudo pesado de Alfred e saiu para fumar um cigarro. O frio era mais penetrante que a mais baixa temperatura que enfrentara em Vilna. O vento sacudia as grossas folhas castanhas que ainda se agarravam aos carvalhos, as mais conservadoras das árvores; a neve rangia sob seus pés. *Quase vinte abaixo de zero hoje à noite*, dissera Gary. *Ele podia ir para o lado de fora com uma garrafa de uísque*. Chip queria continuar a refletir sobre a importante questão do suicídio enquanto fumava um cigarro para estimular seu desempenho mental, mas seus brônquios e suas vias nasais ficaram tão traumatizados pelo frio que o baque do fumo quase não conseguiu produzir efeito algum, e a dor em seus dedos e em suas orelhas — os malditos rebites — rapidamente ia se tornando insuportável. Desistiu e voltou para dentro na hora exata em que Denise estava saindo.

“Aonde você vai?”, perguntou Chip.

“Volto logo.”

Enid, ao lado da lareira na sala de estar, mordida o lábio com uma desolação declarada. “Você não abriu seus presentes”, disse ela.

“Amanhã de manhã, talvez”, respondeu Chip.

“Tenho certeza que não vai gostar de nada do que eu dei.”

“É ótimo você me dar qualquer coisa.”

Enid balançou a cabeça. “Não era assim o Natal que eu queria. De uma hora para outra o seu pai não consegue fazer mais nada. Mais nada.”

“Vamos tirar os remédios, e ver se isso ajuda.”

Enid podia estar lendo maus prognósticos no fogo. “Você fica aqui uma

semana e me ajuda a levá-lo para o hospital?”

A mão de Chip procurou o rebite em sua orelha, como se fosse um talismã. Sentia-se como uma criança num conto de Grimm, atraída para a casa encantada pelo calor e pela comida; e agora aquela bruxa queria prendê-lo numa gaiola, engordá-lo, e devorá-lo.

Repetiu o encantamento que tinha invocado na porta de entrada. “Só posso ficar três dias”, disse ele. “Preciso começar a trabalhar logo. Estou devendo dinheiro a Denise, e preciso pagar.”

“Uma semana só”, disse a bruxa. “Só uma semana, para vermos como as coisas acontecem no hospital.”

“Acho que não, mamãe. Preciso voltar.”

A tristeza de Enid aprofundou-se, mas ela não pareceu surpresa com a sua recusa. “Acho que a responsabilidade é minha, então”, disse ela. “Sempre soube que ia ser assim.”

Retirou-se para a saleta, e Chip pôs mais lenha no fogo. As correntes de ar frio encontravam algum modo de atravessar as janelas, agitando levemente as cortinas. O aquecimento central da casa funcionava o tempo todo. O mundo tinha ficado mais frio e mais vazio do que Chip percebera, os adultos tinham ido embora.

Em torno das onze horas, Denise entrou fedendo a cigarro e dando a impressão de estar dois terços congelada. Acenou para Chip e tentou subir direto para o quarto, mas ele insistiu para que ela se sentasse a seu lado junto ao fogo. Ela se ajoelhou e baixou a cabeça, fungando sem parar, e estendeu as mãos na direção das brasas. Não tirava os olhos do fogo, como que para garantir que não ia olhar para o irmão. Assoou o nariz num fragmento molhado de lenço de papel.

“Aonde você foi?”, perguntou ele.

“Só dar uma caminhada.”

“Caminhada comprida.”

“Foi.”

“Você me mandou uns e-mails que eu apaguei antes de ler direito.”

“Oh.”

“O que está acontecendo?”, perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça. “Tudo ao mesmo tempo, só isso.”

“Eu tinha quase trinta mil dólares em dinheiro na segunda-feira. Ia dar vinte e quatro mil para você. Mas fomos roubados por homens de uniforme usando máscaras de esqui, por mais implausível que isto possa parecer.”

“Quero perdoar a sua dívida”, disse Denise.

A mão de Chip voltou a procurar o rebite na orelha. “Vou começar a pagar no mínimo quatrocentos dólares por mês até quitar os juros e o principal. É a minha prioridade máxima. A mais alta prioridade.”

Sua irmã virou-se e ergueu o rosto para ele. Os olhos dela estavam injetados,

a testa tão vermelha quanto a de um recém-nascido. “Eu disse que perdô a sua dívida. Você não está me devendo nada.”

“Obrigado”, disse ele depressa, desviando os olhos. “Mas quero pagar de qualquer maneira.”

“Não”, disse ela. “Não vou aceitar o seu dinheiro. Eu perdô a dívida. Você sabe o que quer dizer ‘perdoar’?”

Com aquele comportamento peculiar, com suas palavras inesperadas, estava deixando Chip nervoso. Ele puxou o rebite e disse, “Denise, francamente. Por favor. Pelo menos me trate com algum respeito e me deixe pagar o que eu lhe devo. Eu entendi que tenho sido um merda. Mas não quero ser um merda pelo resto da vida.”

“Quero perdoar a sua dívida”, disse ela.

“Francamente. Por favor.” Chip sorria desesperado. “Você precisa me deixar pagar.”

“Você não agüenta ser perdoado?”

“Não”, respondeu ele. “A verdade é que não agüento. Não posso. É bem melhor se você deixar que eu pague.”

Ainda ajoelhada, Denise curvou-se para a frente, cruzou os braços apertados e transformou-se numa azeitona, num ovo, numa cebola. E de dentro daquela forma transformada em esfera veio uma voz baixa. “Você não entende que estaria me fazendo um favor enorme se me deixasse perdoar a sua dívida? Não entende que é difícil para mim te pedir este favor? Não entende que o único favor que eu jamais te pedi foi o de vir passar o Natal aqui? Não entende que eu não estou querendo te ofender? Não entende que eu nunca duvidei que você quisesse me pagar, e que eu sei que estou pedindo uma coisa muito difícil? Não entende que eu não te pediria uma coisa tão difícil se não precisasse muito, muito, muito, de verdade?”

Chip olhou para o corpo humano trêmulo todo embolado a seus pés. “Me conte qual é o problema.”

“Estou tendo problemas em muitas frentes”, disse ela.

“Então não é uma boa hora para falar de dinheiro. Vamos esquecer disso por algum tempo. Quero saber o que está incomodando você.”

Ainda embolada, Denise sacudiu a cabeça enfaticamente, uma vez. “Preciso que você concorde agora, aqui. Diga: ‘Está bem, obrigado’.”

Chip fez um gesto de absoluta frustração. Já era quase meia-noite, seu pai tinha começado a produzir ruídos no andar de cima, e sua irmã estava toda encolhida, como um ovo, suplicando que ele aceitasse ser libertado do principal tormento de sua vida.

“Vamos conversar sobre isto amanhã”, disse ele.

“Ficaria mais fácil se eu te pedisse mais uma coisa?”

“Amanhã, está bem?”

“Mamãe quer que alguém fique aqui semana que vem”, prosseguiu Denise. “Você podia passar uma semana aqui e ajudá-la. Eu ficaria muito aliviada. Eu morro se ficar aqui depois de domingo. Literalmente, eu cesso de existir.”

Chip respirava com força. A porta da armadilha estava se fechando depressa. A sensação que ele tivera no banheiro dos homens do aeroporto de Vilna, o sentimento de que a dívida com Denise, longe de ser um fardo, era a sua última defesa, voltou a assaltá-lo sob a forma de medo diante da possibilidade de ser perdoado. Vinha vivendo com a aflição daquela dívida até ela ter assumido o caráter de um neuroblastoma tão intrinsecamente integrado à sua arquitetura cerebral que não sabia se seria capaz de sobreviver à remoção do tumor.

Perguntou-se se os últimos vãos para a Costa Leste já teriam decolado ou se ainda lhe seria possível fugir dali naquela noite mesmo.

“Que tal racharmos a dívida ao meio?”, propôs ele. “Eu só fico lhe devendo dez mil, e nós dois ficamos aqui até quarta-feira?”

“Não.”

“Se eu aceitasse”, disse ele, “você parava de se comportar desse jeito esquisito e se animava um pouco?”

“Primeiro aceite.”

Alfred estava chamando por Chip no andar de cima. Dizia: “Chip, pode me ajudar?”.

“Ele chama por você mesmo quando você não está aqui”, disse Denise.

As janelas sacudiam ao vento. Quando é que aquilo tinha acontecido, quando é que seus pais tinham virado as crianças que iam para a cama cedo e gritavam pedindo ajuda do alto da escada? Quando é que aquilo tinha acontecido?

“Chip”, chamou Alfred. “Não estou entendendo este cobertor. PODE ME AJUDAR?”

A casa tremia, a ventania soprava e a corrente de ar que entrava pela janela mais próxima de Chip ficava mais forte; e numa rajada da memória lembrou-se das cortinas. Lembrou-se de quando tinha ido embora de Saint Jude e entrado para o *college*. Tinha se lembrado de embalar as peças de xadrez austríacas esculpidas à mão que seus pais tinham lhe dado em sua formatura no segundo grau, a biografia de Lincoln escrita por Sandburg, em seis volumes, que lhe tinham dado em seu décimo oitavo aniversário, seu blazernovo azul-marinho da Brooks Brothers (“está parecendo um jovem médico muito elegante!”, insinuara Enid), pilhas imensas de camisetas brancas, cuecas brancas e ceroulas brancas, uma foto que Denise tirara na quinta série da escola num moldura de acrílico, o mesmíssimo cobertor da Hudson Bay que Alfred tinha levado para a Universidade do Kansas em seu primeiro ano, quatro décadas antes, um par de luvas de lã sem dedos forradas de couro que também datavam do passado remoto de Alfred no Kansas, e um conjunto de robustas cortinas térmicas que Alfred comprara para ele na Sears. Ao ler a lista de orientações para a admissão

de Chip no *college*, Alfred ficara impressionado com a frase *Os invernos da Nova Inglaterra podem ser muito frios*. As cortinas que comprara na Sears eram de um tecido plastificado marrom e cor-de-rosa, com um forro de espuma de borracha. Eram pesadas, duras e volumosas. “Você vai gostar de ter cortinas assim numa noite fria”, disse Alfred a Chip. “Você vai ver o quanto elas conseguem cortar as correntes de ar.” Mas o colega de quarto de Chip no primeiro ano era um produto da escola pública chamado Roan McCorkle, que dali a pouco estaria deixando impressões digitais dos polegares, no que dava a impressão de ser vaselina, sobre a foto de Denise na quinta série. Roan riu das cortinas e Chip riu também. Guardou-as de volta na caixa, enfiou a caixa no porão do dormitório e lá elas ficaram acumulando mofo pelos quatro anos seguintes. Não tinha nenhuma razão pessoal para se opor às cortinas. Eram simples cortinas, e só queriam o que toda cortina quer — ficar bem penduradas, excluir a luz até onde podiam, não serem nem pequenas nem grandes demais para a janela que era seu dever na vida cobrir; serem puxadas para cá à noite e para lá de manhã; agitar-se ao sabor das brisas que sopravam antes da chuva nas noites de verão; serem muito usadas e pouco percebidas. Havia inúmeros hospitais, asilos e motéis econômicos, não só no Meio-Oeste mas também na Costa Leste, em que aquelas cortinas marrons forradas de borracha poderiam ter tido uma vida longa e proveitosa. Não era culpa delas não combinarem com um alojamento de estudantes. Não demonstravam qualquer desejo de subir de status; o material de que eram feitas e o padrão de seu estampado não denotavam qualquer sinal de ambição indevida. Eram o que eram. No fim das contas, quando ele finalmente as tinha desencavado às vésperas de sua formatura, suas dobras róseas e virginais revelaram-se bem *menos* plastificadas, feias e típicas da Sears do que ele recordava. Estavam muito longe de ser tão vergonhosas como ele pensava.

“Não entendo esses cobertores”, disse Alfred.

“Tudo bem”, cedeu Chip, começando a subir as escadas. “Se faz você se sentir melhor, eu não pago o que lhe devo.”

A questão era: Como escapar daquela prisão?

A negra alta e gorda, a má, a desgraçada — era nela que precisava ficar de olho. Ela queria transformar a vida dele num inferno. Estava de pé do outro lado do pátio da prisão, lançando-lhe olhares significativos para dizer-lhe que não tinha esquecido dele, que sua *vendetta* ainda estava de pé. Era uma crioula desgraçada e preguiçosa, e foi o que ele lhe disse, aos gritos. Xingou todos os desgraçados, tanto pretos como brancos, que havia à sua volta. Malditos, desgraçados, mentirosos, com aquelas regras ridículas. Burocratas da Agência de Proteção ao Meio Ambiente, funcionários da Administração de Saúde e Segurança no Trabalho, gente insolente e incompetente. Agora só ficavam de longe, porque sabiam que ele estava de olho neles, mas bastava ele cochilar por um instante,

baixar a guarda por um segundo, que caíam em cima dele. Estavam doidos para lhe dizer que ele não valia nada. Mal podiam esperar para demonstrar seu desrespeito. Aquela crioula gorda desgraçada, aquela vaca negra ali, sustentou o olhar dele e fez-lhe um aceno por cima das cabeças brancas dos outros prisioneiros: *Você não me escapa*. É isto que aquele aceno queria dizer. E ninguém mais estava vendo o que ela fazia com ele. Todos os outros eram desconhecidos medrosos e inúteis que só diziam coisas sem sentido. Tinha cumprimentado um deles, feito uma pergunta simples. O sujeito nem mesmo entendia inglês. Devia ser uma coisa fácil, fazer uma pergunta simples e obter uma resposta simples, mas ali não. Agora ele estava por sua própria conta, estava sozinho num canto; e os desgraçados estavam decididos a pegá-lo.

Não sabia onde Chip teria se metido. Chip era um intelectual, e sabia o jeito de explicar as coisas para aquela gente. Chip tinha conseguido resolver tudo ontem, bem melhor do que ele poderia ter resolvido. Tinha feito uma pergunta simples, obtido uma resposta simples, e depois tinha explicado tudo de um jeito que dava para entender. Mas nem sombra de Chip. Só prisioneiros trocando sinais, agitando os braços como guardas de trânsito. Era só tentar dar uma ordem simples para aquela gente. Fingiam que você não existia. Aquela crioula gorda desgraçada metia medo em todo mundo. Se ela percebesse que os prisioneiros estavam do lado dele, se ela descobrisse que eles o tinham ajudado de alguma forma, ela os faria pagar caro. Ah, era essa a expressão dela. Tinha aquela expressão que dizia *Eu vou machucar você*. E ele, àquela altura da vida, já não agüentava mais aquele tipo de negra insolente, mas o que se podia fazer? Estava numa prisão. Uma instituição pública. Jogavam qualquer um ali dentro. Mulheres de cabelos brancos trocando sinais entre si. Viados calvos encostando dedos dos pés uns nos outros. Mas por que *logo ele*, meu Deus? Por que *ele*? Tinha vontade de chorar por ter sido jogado num lugar daqueles. Era um inferno envelhecer, mesmo sem ser perseguido por aquela fulana negra com andar de pato.

E lá vinha ela de novo.

“Alfred?” Atrevida, insolente. “Vai me deixar esticar as suas pernas agora?”

“Você é uma desgraçada!”, disse ele.

“Eu sou o que eu sou, Alfred. Mas eu sei quem são os meus pais. Por que você não baixa as mãos, bonitinho, com calma, e me deixa esticar as suas pernas? Você vai se sentir melhor.”

Tentou escapar quando ela avançou na direção dele, mas seu cinto ficou preso na cadeira, em algum lugar da cadeira, na cadeira. Ficou preso na cadeira e ele não conseguiu sair do lugar.

“Se você continuar assim, Alfred”, disse a malvada, “vamos levar você de volta para o seu quarto!”

“Desgraçada! Desgraçada! Desgraçada!”

Ela fez uma expressão insolente e se afastou, mas ele sabia que ela iria voltar.

Elas sempre voltam. A sua única esperança era conseguir soltar o cinto da cadeira de alguma forma. Soltar-se, sair correndo, acabar com aquilo. Má idéia construir um pátio de prisão a tantos andares de altura. Dava para ver até o Illinois. Uma janela imensa, logo ali. Péssima idéia, abrigar prisioneiros ali. Pelo jeito, a janela era térmica, com duas folhas de vidro. Se ele se chocasse com o vidro de cabeça e continuasse avançando, talvez conseguisse. Mas primeiro precisava soltar o maldito cinto.

Ele pelejou contra a largura lisa de náilon do cinto da mesma maneira, muitas e muitas vezes. Houve um tempo em que enfrentava os obstáculos com mais filosofia, mas aquilo já ficara para trás. Seus dedos estavam moles como folhas de grama quando tentou enfiá-los por baixo do cinto para poder puxá-lo. Dobravam-se como bananas moles. Tentar enfiá-los por baixo do cinto era *tão obviamente e definitivamente inútil* — o cinto tinha uma tamanha vantagem em matéria de resistência e rigidez — que seus esforços, em pouco tempo, transformaram-se numa mera exibição de raiva, frustração e incapacidade. Agarrou o cinto com as unhas e então *abriu* os braços com força, fazendo as mãos chocarem-se com os braços da cadeira que o aprisionava e ricochetearem dolorosamente em várias direções, porque ele estava com tamanha raiva...

“Papai, papai, calma, calma”, disse a voz.

“Pegue aquela desgraçada! Pegue aquela desgraçada!”

“Papai, calma, sou eu. É Chip.”

De fato a voz era conhecida. Olhou cuidadosamente para Chip a fim de assegurar-se de que era mesmo seu filho do meio quem lhe falava, porque aqueles desgraçados tentavam se aproveitar de você de todas as maneiras. De fato, se a pessoa que lhe falava fosse qualquer um menos Chip, não valeria a pena confiar nela. Arriscado demais. Mas havia alguma coisa em Chipper que os desgraçados não conseguiam imitar. Bastava olhar para Chipper para ver que ele jamais lhe mentiria. Havia uma doçura em Chipper que ninguém jamais conseguiria falsificar.

À medida que sua identificação de Chipper se aproximava da certeza, sua respiração foi se acalmando e algo parecido com um sorriso conseguiu abrir caminho em meio às outras forças em guerra no seu rosto.

“Muito bem!”, disse ele finalmente.

Chip puxou outra cadeira para perto e entregou ao pai um copo de água gelada que o fez dar-se conta de quanto sentia sede. Deu uma longa sugada no canudo e devolveu a água para Chip.

“Onde está a sua mãe?”

Chip pousou o copo no chão. “Ela acordou resfriada. Eu disse a ela para ficar na cama.”

“Onde é que ela está morando?”

“Em casa. Exatamente no mesmo lugar onde estava dois dias atrás.”

Chip já lhe tinha explicado por que ele precisava ficar ali, e a explicação fizera sentido enquanto ele pudera ver o rosto de Chip e ouvir sua voz, mas assim que Chip se afastou a explicação se esfacelara.

A crioula gorda desgraçada rondava em torno dos dois com seu mau-olhado.

“Aqui é a sala de fisioterapia”, disse Chip. “Estamos no oitavo andar do Hospital Saint Luke. Foi aqui que mamãe operou o pé, você não lembra?”

“Aquela mulher é uma desgraçada”, disse ele, apontando.

“Não, ela é a fisioterapeuta”, explicou Chip, “e está tentando ajudar.”

“Não, olhe só para ela. Está vendo o jeito dela? Está vendo?”

“Ela é a fisioterapeuta, papai.”

“Fisio o quê? Ela é?”

Por um lado, ele confiava na inteligência e na segurança de seu filho intelectual. Por outro, aquela crioula desgraçada estava lançando um mau-olhado nele, avisando do mal que pretendia fazer-lhe na primeira oportunidade; havia uma imensa malevolência nos modos dela, clara como o dia. E ele não conseguia conciliar aquela contradição: sua convicção de que Chip estava absolutamente certo e sua certeza de que aquela desgraçada não era terapeuta coisa nenhuma.

Aquela contradição se abria para um precipício sem fundo. Encarou suas profundezas, com a boca aberta. Alguma coisa quente se arrastava pelo seu queixo.

E agora a mão de algum desgraçado estava chegando perto dele. Tentou bater no desgraçado e percebeu, bem a tempo, que aquela mão pertencia a Chip.

“Calma, papai, só estou limpando o seu queixo.”

“Oh, Deus.”

“Quer ficar mais um pouco sentado aqui ou prefere voltar para o seu quarto?”

“Deixo a seu critério.”

A frase adequada surgiu-lhe pronta para ser dita, com toda a clareza.

“Então vamos voltar.” Chip enfiou a mão por baixo da cadeira e ajustou alguma coisa. Era evidente que aquela cadeira tinha alavancas e comandos de imensa complexidade.

“Veja se você consegue soltar o meu cinto”, disse ele.

“Vamos voltar para o quarto, e aí você vai poder andar um bocadinho.”

Chip empurrou-o para fora do pátio e tomou o caminho do bloco onde estava a cela dele. Não se conformava com o luxo daquelas instalações. Parecia um quarto de hotel de primeira classe, não fossem as grades na cama, as algemas e os rádios, o equipamento de controle de prisioneiros.

Chip estacionou a cadeira ao lado da janela, saiu do quarto com uma jarra de isopor e voltou dali a alguns minutos na companhia de uma bela mocinha de casaco branco.

“Senhor Lambert?”, disse ela. Era bonita como Denise, com cabelos pretos encaracolados e óculos de aro de metal, só que mais baixa. “Sou a doutora Schulman. Nós nos conhecemos ontem, o senhor se lembra?”

“Muito bem!”, disse ele, com um sorriso largo. Lembrava-se de um mundo onde havia outras garotas como aquela, garotas bonitas com os olhos brilhantes e a testa alta, um mundo cheio de esperança.

Ela pôs a mão na cabeça dele e inclinou-se como se fosse beijá-lo. Ele ficou assustadíssimo. E quase bateu nela.

“Não quis assustá-lo”, disse ela. “Só quero examinar o seu olho. O senhor deixa?”

Ele virou-se para Chip, querendo confirmação, mas Chip também estava olhando para a garota.

“Chip!”, ele chamou.

Chip desviou os olhos dela. “O que é, papai?”

Bem, agora que tinha atraído a atenção de Chip precisava dizer alguma coisa, e o que ele disse foi o seguinte: “Diga à sua mãe para não se preocupar com a bagunça lá em baixo. Depois eu cuido disso”.

“Está bem. Vou dizer a ela.”

Os dedos habilidosos e o rosto macio da moça estavam por toda a sua cabeça. Ela lhe pediu para fechar uma das mãos, beliscou-o e cutucou seu braço. Falava como se fosse a televisão ligada no quarto de outra pessoa.

“Papai?”, disse Chip.

“Não escutei.”

“A doutora Schulman quer saber se você prefere ser chamado de ‘Alfred’ ou de ‘senhor Lambert’. Como é que você prefere que ela o chame?”

Ele deu um sorriso agoniado. “Não entendi.”

“Acho que ele prefere ‘senhor Lambert’”, disse Chip.

“Senhor Lambert”, perguntou-lhe a garota, “sabe me dizer onde o senhor está?”

Ele tornou a virar-se para Chip, cuja expressão era de expectativa mas não ajudava em nada. “Naquela direção fica Illinois”, disse ele para o filho e a garota. Os dois ouviam com grande interesse, e pareceu-lhe que deveria dizer mais alguma coisa. “E tem uma janela”, disse ele, “que... se você abrir... vai ser o que eu quero. Eu não consegui abrir o cinto. E por isso.”

Era a resposta errada, e ele sabia.

A menina olhou para ele com gentileza. “Pode me dizer quem é o presidente dos Estados Unidos?”

Ele sorriu, aquela era fácil.

“Bem”, disse ele. “É tanta coisa que ela guarda lá em baixo. Duvido que ela repare. Basta jogar tudo fora de uma vez.”

A menina fez que sim com a cabeça, como se aquela resposta fosse razoável.

Depois levantou as duas mãos. Era bonita como Enid, só que Enid usava aliança de casada, Enid não usava óculos, Enid tinha envelhecido ultimamente, e é provável que ele reconhecesse Enid, embora, sendo muito mais familiar para ele do que Chip, ela também fosse bem mais difícil de ver.

“Quantos dedos eu tenho nessa mão?”, perguntou-lhe a garota.

Ele examinou os dedos dela. Até onde ele conseguia entender, a mensagem que eles lhe transmitiam era Relaxe. Distensione. Acalme-se.

Com um sorriso, deixou sua bexiga esvaziar-se.

“Senhor Lambert? Quantos dedos?”

Os dedos estavam ali. E era uma coisa linda. O alívio da irresponsabilidade. Quanto menos ele soubesse, mais seria feliz. Não saber nada seria um paraíso.

“Papai?”

“Essa eu devia saber”, disse ele. “Você acredita que eu seria capaz de esquecer uma coisa dessas?”

A menina e Chip trocaram um olhar e saíram para o corredor.

Ele tinha gostado de distensionar, mas ao cabo de um ou dois minutos sentiu-se molhado. Precisava trocar de roupa agora, e não conseguia. Ficou sentado naquela poça enquanto ela esfriava.

“Chip?”, chamou.

Um silêncio caíra sobre as celas. Não podia contar com Chip, que toda hora desaparecia. Só podia contar consigo mesmo. Sem nenhum plano na cabeça e sem nenhuma força nas mãos, tentou soltar o cinto para poder tirar as calças e secar-se. Mas o cinto estava tão enlouquecedor como sempre. Correu as mãos vinte vezes por todo o comprimento do cinto, e nas vinte vezes não conseguiu encontrar fivela alguma. Era como uma pessoa de duas dimensões tentando encontrar a liberdade numa terceira. Podia passar toda a eternidade procurando que jamais encontraria a maldita fivela.

“Chip!”, chamou, mas não muito alto, porque aquela negra desgraçada podia estar por ali de tocaia, e decidir castigá-lo com violência. “Chip, venha me ajudar.”

Ele gostaria de destacar suas pernas por inteiro. Estavam fracas, trêmulas, molhadas e presas. Esperneou um pouco, e balançou em sua cadeira sem balanço. Suas mãos eram um tumulto só. Quanto menos podia fazer com as pernas, mais seus braços se agitavam. Os desgraçados tinham-no pegado, tinha sido traído, e começou a chorar. Se ele soubesse! Se ele soubesse, podia ter tomado as providências, tinha a arma, tinha o oceano frio sem fundo, se ele soubesse.

Atirou a jarra de água na parede, e finalmente alguém veio correndo.

“Papai, papai, papai. Qual é o problema?”

Alfred ergueu os olhos para o filho e olhou em seus olhos. Abriu a boca, mas a única palavra que conseguiu produzir foi “eu...”.

Eu...—

Eu errei...

Eu estou sozinho...

Eu estou molhado...

Eu quero morrer...

Eu sinto muito...

Eu fiz o que pude...

Eu amo meus filhos...

Eu preciso de ajuda...

Eu quero morrer...

“Eu não posso ficar aqui”, implorou ele.

Chip acocorou-se no chão ao lado da cadeira. “Preste atenção”, disse ele. “Você precisa ficar aqui mais uma semana para eles saberem as respostas. Precisamos descobrir qual é o problema.”

Ele balançou a cabeça. “Não! Você precisa me tirar daqui!”

“Papai, sinto muito”, disse Chip, “mas não posso levar você para casa. Você precisa ficar aqui pelo menos mais uma semana.”

Oh, como aquele seu filho abusava de sua paciência! Àquela altura Chip já deveria ter compreendido o que ele estava pedindo, sem precisar ouvir de novo a mesma coisa.

“Estou dizendo a você para pôr um fim nesta história!” Bateu nos braços da cadeira que o aprisionava. “Você precisa me ajudar a pôr um fim nisso!”

Ele olhou para a janela da qual, finalmente, estava pronto para se atirar. Ou então bastava alguém entregar-lhe uma arma, um machado, qualquer coisa, mas queria que o tirassem dali. Precisava fazer Chip compreender isso.

Chip cobriu com as suas as mãos trêmulas do pai.

“Vou ficar com você, papai”, disse ele. “Mas não posso fazer isso por você. Não posso pôr um fim nessa história desta maneira. Sinto muito.”

Como sua mulher que tivesse morrido ou como sua casa que tivesse pegado fogo, a clareza de pensar e o poder de agir ainda estavam nítidos em sua memória. Por uma janela que dava para o outro mundo, ainda conseguia ver aquela clareza e aquele poder, logo além do seu alcance, logo além das vidraças térmicas da janela. Consequia ver os resultados desejados, o afogamento no mar, a detonação da espingarda, o salto das alturas, tudo tão perto dele que se recusava a acreditar que tivesse perdido a oportunidade de facultar-se alguma daquelas formas de alívio.

Chorou diante da injustiça de sua sentença. “Pelo amor de Deus, Chip”, disse ele em voz alta, porque sentia que aquela podia ser sua última oportunidade de libertar-se antes de perder de todo o contato com aquela clareza e aquele poder. Era crucial, portanto, que Chip entendesse *exatamente* o que ele queria. “Estou pedindo a sua ajuda! Você precisa me tirar dessa! Precisa pôr um fim nisso!”

Mesmo com os olhos vermelhos, mesmo riscado de lágrimas, o rosto de Chip estava tomado pelo poder e pela clareza. Ali estava um filho que ele podia ter certeza de entendê-lo como ele próprio se compreendia; e por isso a resposta de Chip, quando veio, foi absoluta. A resposta de Chip disse a ele que era ali que a história acabava. Acabava com Chip balançando a cabeça, acabava com as palavras dele: “Não posso, papai. Não posso”.

A CORREÇÃO, quando finalmente veio, não foi como uma bolha que estoura de um dia para o outro mas como um declínio muito mais suave, uma perda de valor nos principais mercados financeiros lenta como um vazamento ao longo de todo um ano, uma contração gradual demais para gerar manchetes e previsível demais para prejudicar seriamente alguém além dos idiotas e dos pobres trabalhadores.

Enid tinha a impressão de que as notícias diárias de hoje eram em geral mais atenuadas ou mais insípidas do que no tempo de sua juventude. Tinha lembranças da década de trinta, tinha visto com os próprios olhos o que podia acontecer a um país quando a economia mundial tirava as luvas; tinha ajudado a mãe a servir restos de comida para homens sem teto no beco por trás da pensão delas. Mas calamidades daquela magnitude pareciam não mais atingir os Estados Unidos. Mecanismos de segurança tinham sido criados, como os quadrados de madeira com que o piso de todos os playgrounds modernos era revestido, para atenuar os impactos.

Ainda assim os mercados entraram em colapso, e Enid, que jamais sonhara que um dia sentiria *gratidão* por Alfred ter investido seus recursos em aplicações com renda fixa anual e títulos do tesouro, pôde enfrentar a curva descendente com menos ansiedade que suas amigas mais ambiciosas. A Orfic Midland, como ameaçara, encerrou seu contrato tradicional de seguro-saúde, obrigando-a a fazer um plano com uma fornecedora de serviços médicos mais limitados, mas seu antigo vizinho Dean Driblett, com uma canetada, que Deus o abençoe, tinha determinado que ela e Alfred deviam fazer jus aos benefícios do plano DeeDeeCare Choice Plus, o que lhe permitia continuar a consultar seus médicos prediletos. Ainda tinha muitas despesas mensais não reembolsáveis com a casa de repouso, mas com muita economia conseguia pagar as contas com a pensão de Alfred e os benefícios de sua aposentadoria de ferroviário, e enquanto isso a sua casa, de que era plena proprietária, continuava a valorizar-se. A verdade era que, embora não fosse rica, também não era pobre. Por alguma razão, aquela verdade nunca lhe tinha ocorrido durante seus anos de ansiedade e incerteza em relação a Alfred, mas assim que ele saiu de casa e ela pôde recuperar o sono atrasado, conseguiu vê-la claramente.

Agora via tudo com mais clareza, especialmente seus filhos. Quando Gary voltou a Saint Jude com Jonah alguns meses depois daquele Natal catastrófico, divertiu-se o tempo todo com eles. Gary ainda queria que ela vendesse a casa, mas não podia mais argumentar que Alfred iria cair da escada e morrer, e àquela altura Chip já tinha feito muitos dos consertos (pintura de vime, calafetagem, limpeza de drenos, remenda de rachaduras) que, enquanto tinham sido negligenciados, funcionavam como o outro bom argumento de Gary em favor da venda da casa. Ele e Enid ainda brigavam por causa de dinheiro, mas aquelas brigas eram na verdade uma atividade recreativa. Gary perseguia a mãe

por causa dos US\$4,96 que ela ainda lhe “devia” pela compra dos parafusos para fixar a barra, e ela retrucava perguntando: “Comprou um relógio novo?”. Ele admitia que sim, Caroline lhe tinha dado um Rolex novo no Natal, mas pouco antes ele tinha perdido bastante com os papéis que comprara no lançamento inaugural de uma empresa de biotecnologia cujas ações só tinha podido vender depois de 15 de junho e, de qualquer maneira, era uma questão de princípio, mamãe, uma questão de princípio. Mas Enid, por princípio, recusou-se a pagar-lhe os US\$ 4,96. Dava-lhe gosto saber que iria para o túmulo recusando-se a pagar pelos seis parafusos. Perguntou a Gary qual era exatamente a empresa de biotecnologia que o havia feito perder tanto. Gary respondeu que não tinha importância.

Depois do Natal, Denise mudou-se para o Brooklyn e foi trabalhar num novo restaurante, e em abril mandou uma passagem aérea para Enid como presente de aniversário. Enid agradeceu e disse que não poderia fazer a viagem, que não podia afastar-se de Alfred de modo algum, que não seria correto. Depois foi e passou quatro dias maravilhosos em Nova York. Denise tinha um ar tão mais feliz do que no Natal que Enid resolveu não se incomodar diante do fato de que ainda não tinha nenhum homem em sua vida nem qualquer desejo perceptível de arranjar algum.

De volta a Saint Jude, Enid jogava bridge na casa de Mary Beth Schumpert certa tarde quando Bea Meisner começou a dar vazão à sua censura cristã de uma famosa atriz “gay”.

“Mas ela dá um exemplo *péssimo* para os jovens”, disse Bea. “Acho que você pode fazer uma escolha errada na sua vida, mas o mínimo que pode fazer é pelo menos não ficar se gabando. Especialmente quando existem tantas formas de terapia para ajudar pessoas assim.”

Enid, que estava jogando de parceria com Bea naquela partida e já estava aborrecida com a falta de resposta de Bea para uma pedida de duas no leilão, comentou em tom suave que não achava que na verdade os “gays” escolhessem ser “gay”.

“Ah, não, é claro que escolhem”, disse Bea. “É uma fraqueza, e começa na adolescência. Sem a menor dúvida. Todos os especialistas estão de acordo.”

“Adorei aquele filme de suspense que a namorada dela fez com o Harrison Ford”, disse Mary Beth Schumpert. “Como é que se chamava mesmo?”

“Não acredito que seja uma questão de escolha”, insistiu calmamente Enid. “Chip uma vez me disse uma coisa muito interessante. Disse que diante de tanta gente que detesta os ‘gays’ e desaprova o que eles fazem, por que alguém iria escolher ser ‘gay’ se tivesse alternativa? Achei a idéia muito interessante.”

“Bem, é porque eles querem ter direitos especiais”, disse Bea. “É porque eles resolveram ter o tal de ‘orgulho gay’. É por isso que muita gente não gosta deles, além da imoralidade do que eles praticam. Além de fazerem uma escolha

errada, ainda resolvem contar vantagem.”

“Nem me lembro quando foi a última vez que eu vi um filme bom de verdade,” disse Mary Beth.

Enid não era exatamente uma paladina dos estilos de vida “alternativos”, e das coisas que não gostava em Bea Meisner já não gostava havia quarenta anos. Não saberia dizer por que aquela conversa de mesa de bridgeem especial fez com que decidisse deixar de ser amiga de Bea Meisner. E nem saberia dizer por que o materialismo de Gary, os fracassos de Chip e a falta de filhos de Denise, que lhe haviam provocado incontáveis horas de repreensões e julgamentos punitivos ao longo dos anos, se tinham tornado tão menos incômodos depois que Alfred tinha saído de casa.

Fazia diferença, com certeza, o fato de seus três filhos estarem ajudando. Chip, em especial, parecia quase miraculosamente transformado. Depois do Natal, passara seis semanas com Enid, visitando Alfred todos os dias, antes de voltar para Nova York. Um mês mais tarde já estava de volta a Saint Jude, sem aqueles brincos horríveis. Propôs estender sua visita por um prazo que deixou Enid pasma e encantada, até ficar claro que estava envolvido com a residente-chefe de neurologia no Hospital Saint Luke.

A neurologista, Alison Schulman, era uma moça judia de Chicago, de cabelos revoltos e aparência bastante comum. Enid gostou bastante dela, mas não conseguia descobrir por que uma jovem médica de sucesso iria querer alguma coisa com seu filho semi-empregado. O mistério aprofundou-se ainda mais em junho, quando Chip anunciou que estava de mudança para Chicago a fim de dar início a uma coabitação imoral com Alison, a qual entrara de sócia num consultório em Skokie. Chip não confirmou nem desmentiu que estivesse sem um emprego de verdade e que não tivesse qualquer intenção de pagar sua parte das despesas domésticas. Afirmou que estava trabalhando num roteiro de cinema. Disse que a produtora “dele” em Nova York tinha “adorado” a “nova” versão e lhe pedira que reescrevesse tudo. O único emprego que lhe rendia alguma coisa, até onde Enid sabia, era o de professor substituto em meio expediente. Enid ficava muito grata por ele vir de carro uma vez por mês de Chicago até Saint Jude, passando dias inteiros com Alfred; adorava ter um dos filhos morando novamente no Meio-Oeste. Mas quando Chip comunicou-lhe que ia ser pai de gêmeos com uma mulher com quem sequer era casado, e quando em seguida convidou Enid para um casamento em que a noiva estava *grávida de sete meses* e o “emprego” atual do noivo consistia em reescrever seu roteiro pela quarta ou quinta vez, e a maioria dos convidados não só era extremamente judaica como ainda se mostrava *encantada* com o feliz casal, certamente não faltavam elementos para Enid encontrar problemas e motivos de censura! E não a deixava orgulhosa, e nem a fazia sentir-se bem acerca de seus quase cinquenta anos de casada, pensar que, caso Alfred estivesse com ela no casamento, ela *de fato*

encontraria muitos problemas, e *de fato* teria feito muitas queixas. Se estivesse sentada ao lado de Alfred, as pessoas que a cercaram teriam decerto visto a expressão de seu rosto e ido embora, e certamente não a teriam levantado do chão sentada em sua cadeira, carregando-a por todo o salão ao som da música *klezmer*, e ela certamente não teria adorado.

A nota triste era que a vida sem Alfred na casa era melhor para todos, menos para ele.

Hedgpeth e os outros médicos, inclusive Alison Schulman, tinham mantido o velho internado em Saint Luke por todo o mês de janeiro e mais parte de fevereiro, cobrando com avidez da seguradora de saúde prestes a encerrar o contrato com a Orfic Midland enquanto exploravam todas as opções concebíveis de tratamento, da terapia à base de choques elétricos ao Haldol. Alfred finalmente teve alta com o diagnóstico de mal de Parkinson, demência, depressão e neuropatia das pernas e do trato urinário. Enid sentia-se moralmente obrigada a cuidar dele em casa, mas seus filhos, graças a Deus, não aceitaram. Alfred foi acomodado na Deepmire Home, uma casa de repouso adjacente ao Country Club da cidade, e Enid tratou de visitá-lo todo dia, de mantê-lo bem-vestido e de levar-lhe quitutes feitos em casa.

Ficou satisfeita, no mínimo, com o fato de tornar a ter o corpo dele. Sempre tinha gostado do seu tamanho, de sua forma e do seu cheiro, e agora que ele estava confinado a uma cadeira geriátrica e incapaz de formular objeções coerentes ao ser tocado, ficava muito mais disponível. Deixava-se beijar, e não se encolhia todo quando os lábios dela se demoravam um pouco mais; não recuava quando ela acariciava seus cabelos.

O corpo dele era o que ela sempre quis. O resto é que era o problema. Sentia-se infeliz antes de ir visitá-lo, infeliz enquanto ficava sentada ao lado dele, e infeliz por algumas horas depois. Ele tinha entrado numa fase de profunda aleatoriedade. Às vezes Enid chegava e o encontrava em péssimo estado, mergulhado na cadeira, o queixo enterrado no peito, uma mancha de baba do tamanho de um biscoito em uma perna das calças. Ou então podia encontrá-lo conversando amigavelmente com uma vítima de derrame ou um vaso de plantas. Podia estar passando horas e horas descascando a fruta invisível que ocupava sua atenção. Podia estar dormindo. De qualquer maneira, porém, nunca fazia sentido.

De alguma forma, Chip e Denise tinham a paciência de ficarem sentados conversando com ele sobre qualquer delírio demente que ele estivesse habitando, sobre qualquer desastre de trem ou pena de prisão ou cruzeiro de luxo, mas Enid não tolerava erro algum. Quando ele a confundia com a mãe dela, ela o corrigia em tom raivoso: “Al, sou *eu*, Enid, casada com você *há* quarenta e oito anos”. Quando ele a confundia com Denise, ela usava as mesmíssimas palavras. Ela tinha passado a vida inteira sentindo-se Errada, e agora tinha finalmente a

oportunidade de dizer a ele o quanto *ele* estava Errado. Mesmo que estivesse ficando mais relaxada e menos crítica em outras áreas da vida, permanecia em estado de vigilância absoluta na Deepmire Home. Precisava ir lá e dizer a Alfred que era errado babar sorvete em suas calças limpas e recém-passadas. Que era errado ele não ter reconhecido Joe Person quando Joe tivera a gentileza de ir visitá-lo. Que estava errado ele não querer olhar para as fotos de Aaron, Caleb e Jonah. Que era errado ele não ficar entusiasmado com as duas gêmeas saudáveis mas um pouco abaixo do peso a que Alison dera a luz. Que era errado ele não ter ficado feliz ou grato ou nem mesmo minimamente lúcido quando sua mulher e sua filha se deram a um trabalho enorme para levá-lo a jantar em casa no Dia de Ação de Graças. Que era errado ele dizer, depois daquele jantar, quando o devolveram à Deepmire Home, que “é melhor nunca sair daqui do que ter de voltar”. Era errado, quando ele ainda era capaz da lucidez suficiente para produzir aquela frase, ele não ficar lúcido em nenhum outro momento. Era errado ele tentar enforcar-se com os lençóis no meio da noite. Era errado ele tentar atirar-se pela janela. Era errado tentar cortar os pulsos com um garfo. No fim das contas, ele estava errado em tantas coisas que, com a exceção dos quatro dias em Nova York, de seus dois Natais na Filadélfia e de suas três semanas de recuperação da cirurgia do quadril, ela jamais deixou de visitá-lo. Precisava dizer a ele, enquanto ainda tinha tempo, o quanto ele tinha estado errado e o quanto ela tinha estado certa. O quanto tinha errado por não amá-la mais, o quanto tinha errado por não valorizá-la e não fazer sexo em todas as oportunidades, o quanto tinha errado por não confiar nos instintos financeiros dela, por ter passado tanto tempo trabalhando e tão pouco tempo com as crianças, o quanto tinha errado por ser tão negativo, o quanto era errado ter sido tão sombrio, o quanto era errado ter fugido da vida, o quanto era errado ter dito não tantas vezes, em vez de sim: ela precisava dizer-lhe tudo isso, todo dia. Mesmo que ele não lhe desse atenção, ela precisava dizer.

Ele já estava vivendo havia dois anos na Deepmire House quando parou de aceitar alimento. Chip afastou-se por um tempo da função de pai, de seu novo emprego de professor numa escola secundária particular e de sua oitava revisão do roteiro para vir de Chicago visitá-lo e se despedir. Alfred, depois disto, ainda durou muito mais do que qualquer um podia esperar. Foi um leão até o fim. Sua pressão sanguínea quase não era mensurável quando Denise e Gary chegaram a Saint Jude de avião; e ele ainda viveu mais uma semana. Ficava deitado na cama todo enrodilhado e mal respirava. Não se movia para nada e não respondia a nada exceto para sacudir a cabeça enfaticamente, uma vez, toda vez que Enid tentava enfiar uma lasca de gelo em sua boca. A única coisa que ele jamais esqueceu era a recusa. Toda a correção dela tinha sido em vão. Ele continuava tão teimoso quanto no dia em que ela o conhecera. E ainda assim, quando ele morreu, quando ela beijou sua testa e saiu andando com Denise e Gary pela

noite quente de primavera, ela sentiu que agora nada mais podia matar sua esperança, nada. Ela tinha setenta e cinco anos, e ia fazer várias mudanças em sua vida.

SOBRE O AUTOR

Nascido no estado de Illinois, Estados Unidos, em 1959, Jonathan Franzen vive atualmente entre Nova York e Califórnia. Foi eleito pela revista literária *Granta* um dos vinte melhores romancistas americanos da atualidade. Dele, a Companhia das Letras publicou também a coletânea de ensaios *A zona do desconforto* e o romance *Liberdade*, aclamado pela crítica como uma obra-prima da ficção americana.

Copyright do texto © by 2001 Jonathan Franzen

Título original

The corrections

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

© James Casebre, cortesia de Sean Kelly Gallery, Nova York

Preparação

Eugênio Vinci de Moraes

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira

Edna Luna

ISBN 978-85-8086-461-8

O autor agradece a Susan Golomb, Kathy Chetkovich, Donald Antrim, Leslie Bienen, Valerie Cornell, Mark Costello, Göran Ekström, Gary Esayan, Henry Finder, Irene Franzen, Bob Franzen, Jonathan Galassi, Helen Goldstein, James Golomb, Fundação John Simon Guggenheim, MacDowell Colony, Siobhan Reagan e Bellagio Center da Fundação Rockefeller pela ajuda neste livro

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br